O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 8

KARNA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e aquele mais sublime dos seres masculinos, Nara, e a deusa Sarasvati também, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

Vaisampayana disse, "Depois que Drona tinha sido morto, ó monarca, os guerreiros nobres (do exército Kaurava) liderados por Duryodhana, com corações cheios de grande ansiedade, todos se dirigiram ao filho de Drona. Lamentando a perda de Drona, e privados de energia por causa de sua tristeza, eles sentaram-se em volta do filho da filha de Sharadvata, afligidos pelo pesar. Confortados por pouco tempo por considerações fundadas nas escrituras, quando chegou a noite, aqueles soberanos da Terra foram para suas respectivas tendas. Aqueles senhores da Terra, no entanto, ó tu da linhagem de Kuru, não podiam sentir felicidade em suas residências. Pensando sobre aquele imenso massacre, eles também não podiam dormir. O filho de Suta (Karna), e o rei Suyodhana e Duhsasana e Shakuni, em especial, não puderam se acomodar para dormir. Aqueles quatro passaram aquela noite juntos na tenda de Duryodhana, refletindo sobre as misérias que eles tinham infligido sobre os Pandavas de grande alma. Antigamente eles haviam trazido Draupadi, mergulhada em aflição por conta da partida de dados, para a assembléia. Lembrando disso eles sentiram grande arrependimento, seus corações estando cheios de ansiedade. Pensando naqueles sofrimentos infligidos (sobre os Pandavas) por causa do jogo, eles passaram aquela noite em tristeza, ó rei, como se ela fosse realmente cem anos. Então quando chegou a manhã, observando os ditames da ordenança, todos eles praticaram devidamente os ritos costumeiros. Tendo praticado os ritos costumeiros, e consolados até certo ponto, ó Bharata, eles ordenaram que suas tropas fossem organizadas, e então saíram para a batalha, tendo feito Karna seu generalíssimo por atarem o fio auspicioso em volta de seus pulsos, e tendo feito muitos dos brahmanas principais, por presentes de recipientes de coalhos, manteiga clarificada, akshatas, moedas de ouro, vacas, jóias e pedras preciosas, e mantos caros, rezarem por sua vitória, e tendo feito arautos e músicos, e panegiristas adorá-los com hinos sobre vitória. Os Pandavas também, ó rei, tendo praticado seus ritos matinais, saíram de seu acampamento, determinados a lutar. Então começou uma batalha violenta, de arrepiar os cabelos, entre os Kurus e os Pandavas, cada um desejoso de derrotar o outro. Durante o comando de Karna, a batalha que ocorreu entre as tropas Kuru e Pandava foi extremamente violenta e durou por dois dias. Então Vrisha (Karna) tendo feito um massacre imenso de seus inimigos em batalha, foi finalmente morto diante dos Dhartarashtras, por Arjuna. Então Sanjaya, indo para Hastinapura contou para Dhritarashtra tudo o que tinha acontecido em Kurujangala."

Janamejaya disse, "Sabendo da queda de Bhishma e daquele outro poderoso guerreiro em carro, Drona, o velho rei Dhritarashtra, o filho de Ambika estava atormentado com grande angústia. Como, ó principal dos brahmanas, poderia ele, mergulhado na dor, manter sua vida sabendo da morte de Karna, aquele benquerente de Duryodhana? Como de fato, podia aquele descendente de Kuru

suportar sua vida quando ele, sobre quem aquele monarca tinha colocado a esperança de vitória de seus filhos, tinha morrido? Quando o rei não sacrificou sua vida mesmo depois de saber da morte de Karna, eu penso que é muito difícil para os homens entregarem a vida até sob circunstâncias de grande dor! Ó brahmana, quando o rei não entregou sua vida depois de saber da queda do filho venerável de Shantanu, de Bahlika e Drona e Somadatta e Bhurishrava, como também de outros amigos e seus filhos e netos, eu penso, ó regenerado, que o ato de entregar a própria vida é extremamente difícil! Conte-me tudo isso em detalhes e como realmente aconteceu! Eu não estou saciado de ouvir as grandiosas realizações de meus antepassados!"

2

Vaisampayana disse, "Após a queda de Karna, ó monarca, o filho de Gavalgana, com o coração triste, partiu aquela noite para Nagapura, em corcéis que rivalizavam o vento em velocidade. Chegado em Hastinapura, com o coração cheio de ansiedade profunda, ele procedeu para a residência de Dhritarashtra a qual não mais abundava com parentes e amigos. Vendo o rei privado de toda energia pela aflição, unindo suas mãos ele reverenciou, com uma inclinação de sua cabeça, os pés do monarca. Tendo reverenciado devidamente o rei Dhritarashtra, ele proferiu uma exclamação de dor e então começou, 'Eu sou Sanjaya, ó senhor da Terra! Tu não estás feliz? Eu espero que tu não estejas entorpecido, tendo por tuas próprias falhas caído em tal infortúnio! Conselhos para o teu bem foram proferidos por Vidura e o filho de Ganga e Keshava. Eu espero que tu não sintas dor agora, lembrando da tua rejeição daqueles conselhos! Conselhos para o teu bem também foram proferidos na assembléia por Rama e Narada e Kanwa e outros. Eu espero que tu não sintas dor agora, lembrando de sua rejeição por ti! Eu espero que tu não sintas dor, lembrando da morte em batalha, pelo inimigo, de Bhishma e Drona e outros, aqueles amigos que sempre estavam dedicados ao teu bem!' Para o filho de Suta que com mãos unidas estava lhe falando dessa maneira, o monarca afligido pela dor e dando uma respiração longa e difícil, disse estas palavras."

"Dhritarashtra disse, 'Sabendo, ó Sanjaya, da queda do filho heróico de Ganga, aquele guerreiro de todas as armas celestes, como também da queda daquele principal de todos os arqueiros, Drona, meu coração sente grande dor! Aquele herói dotado de grande energia e nascido dos próprios Vasus, que matava todo dia 10.000 guerreiros em carros vestidos em armadura, aquele de grande alma para quem o filho de Bhrigu tinha dado as maiores armas, aquele guerreiro que em sua infância tinha sido treinado na ciência do arco por Rama, ai, ele mesmo foi morto pelo filho de Yajnasena Shikhandi protegido pelos Pandavas! Nisto meu coração está imensamente atormentado! Aquele herói por cuja graça aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos reais de Kunti, como também muitos outros senhores de Terra se tornaram maharathas, ai, sabendo da morte daquele grande arqueiro de pontaria certeira, Drona, por Dhrishtadyumna, meu coração está muito atormentado! Aqueles dois não tinham no mundo uma pessoa igual a

eles (no conhecimento e uso) das quatro espécies de armas! Ai, sabendo da morte destes dois, Bhishma e Drona em batalha, meu coração está muito atormentado! Aquele guerreiro que não tinha nos três mundos uma pessoa igual a ele em conhecimento de armas, ai, sabendo da morte daquele herói, Drona, o que as pessoas do meu lado fizeram? Depois que o filho de grande alma de Pandu, Dhananjaya, se esforçando com bravura, tinha despachado para a residência de Yama o exército forte dos Samsaptakas, depois que a arma Narayana do filho inteligente de Drona tinha sido frustrada, e depois que as divisões (Kaurava) tinham começado a fugir, o que, de fato, as pessoas do meu lado fizeram? Eu penso que, depois da morte de Drona minhas tropas, fugindo e afundando em um oceano de dor, pareciam marinheiros náufragos se debatendo na superfície do vasto oceano. Qual também, ó Sanjaya, tornou-se a cor dos rostos de Duryodhana, e Karna, e Kritavarma o chefe dos Bhojas e Shalya, o soberano dos Madras, e de meus filhos restantes, e dos outros, quando as divisões Kuru fugiram para longe do campo? Conte-me tudo isso como realmente aconteceu em batalha, ó filho de Gavalgana, e descreva para mim a destreza empregada pelos Pandavas e pelos guerreiros do meu lado!'"

"Sanjaya disse, 'Ó majestade, ouvindo tudo o que aconteceu aos Kauravas por tua falha, tu não deves sentir qualquer angústia! Aquele que é sábio nunca sente qualquer dor pelo que o Destino traz! E já que o Destino é inconquistável, propósitos humanos podem ou não podem tornar-se atingíveis. Daí, aquele que é sábio nunca sente dor na aquisição ou o contrário dos objetos apreciados por ele.'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu não sinto grande dor, ó Sanjaya! Eu considero tudo isso como o resultado do Destino! Conte-me tudo o que tu desejas!'"

3

"Sanjaya disse, 'Após a queda do grande arqueiro Drona, teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, ficaram pálidos e privados de seus sentidos. Armados com armas, todos eles, ó monarca, baixaram suas cabeças. Afligidos pela dor e sem olharem uns para os outros, eles ficaram perfeitamente silenciosos. Vendo-os com tais expressões aflitas, tuas tropas, ó Bharata, elas mesmas perturbadas pela aflição, olharam para cima de modo vazio. Vendo Drona morto em batalha, as armas de muitos deles, ó rei, tingidas com sangue, caíram de suas mãos. Incontáveis armas, além disso, ó Bharata, ainda retidas nas mãos dos soldados, pareciam em sua atitude pendente com meteoros caindo no céu. Então o rei Duryodhana, ó monarca, contemplando aquele teu exército parado dessa maneira como se paralisado e sem vida, disse, 'Confiando no poder de seu exército eu convoquei os Pandavas para a batalha e fiz esse duelo começar! Após a queda de Drona, no entanto, a perspectiva parece ser desanimadora. Guerreiros engajados em batalha todos morrem em batalha. Engajado em batalha, um guerreiro pode ter ou vitória ou morte. O que pode ser estranho então nisso (isto é, a morte de Drona)? Lutem com rostos virados para todas as direções. Vejam

agora Karna de grande alma, o filho de Vikartana, aquele grande arqueiro de força poderosa, se movendo rapidamente em batalha, usando suas armas celestes! Por medo daquele guerreiro em batalha, aquele covarde, isto é, Dhananjaya, o filho de Kunti, sempre retrocede como um pequeno veado à visão de um leão! Foi ele quem, pelos métodos comuns de luta humana, levou o poderoso Bhimasena dotado da força de 10.000 elefantes àquela situação difícil! Foi ele quem, proferindo um rugido alto, matou com seu dardo invencível o bravo Ghatotkaca de 1.000 ilusões e bem familiarizado com armas celestes! Contemplem hoje o inesgotável poder de armas daquele guerreiro inteligente de pontaria certeira e energia invencível! Que os filhos de Pandu vejam hoje a destreza de ambos, Ashvatthama e Karna, parecendo aquela de Vishnu e Vasava! Todos vocês são sozinhos capazes de matar os filhos de Pandu com suas tropas em batalha! Quão mais então vocês são capazes, quando reunidos, daquela façanha! Dotados de grande energia e habilidosos com armas, vocês hoje verão uns aos outros empenhados na realização de tarefas poderosas!'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, ó impecável, teu filho Duryodhana, com seus irmãos, fez Karna o generalíssimo (do exército Kuru). Obtendo o comando, o poderoso guerreiro em carro Karna, tão feroz em batalha, proferiu rugidos altos e lutou com o inimigo. Ele causou, ó senhor, uma grande carnificina entre os Srinjayas, os Pancalas, os Kekayas, e os Videhas. De seu arco emergiam inúmeras linhas de flechas, uma rente atrás das asas da outra, como enxames de abelhas. Tendo afligido os Pancalas e os Pandavas dotados de grande energia, e matando milhares de guerreiros, ele foi finalmente morto por Arjuna!'"

4

Vaishampayana disse, "Ouvindo essa informação, ó monarca, Dhritarashtra o filho de Ambika, sentindo o ápice da aflição, considerou Suyodhana como já morto. Extremamente agitado, o rei caiu no chão como um elefante privado de seus sentidos. Quando aquele principal dos monarcas, imensamente agitado, caiu no chão, lamentos altos foram proferidos, ó melhor dos Bharatas, pelas senhoras (da família real). Aquele barulho era tão alto que ele parecia encher a Terra inteira. Submersas em um oceano profundo de dor, as damas Bharata, com corações muito agitados e chamuscados pela dor, lamentaram alto. Aproximando-se do rei, Gandhari, ó touro da raça Bharata, e as outras senhoras da família, todas caíram no chão, privadas de seus sentidos. Então Sanjaya, ó rei, começou a consolar aquelas damas tomadas pela dor, banhadas em lágrimas, e privadas de consciência. Confortadas (por Sanjaya), aquelas senhoras começaram a tremer repetidamente como um bosque de bananeiras sacudido pelo vento. Vidura também, borrifando aquele descendente de Kuru com água, começou a consolar o monarca pujante que tinha somente o conhecimento como sua visão. Lentamente restaurado à consciência, e compreendendo que as damas da família estavam lá, o rei, ó monarca, permaneceu perfeitamente silencioso por algum tempo como alguém privado de razão. Tendo refletido então por algum tempo, e tomado longos

fôlegos repetidamente, o rei censurou seus próprios filhos e elogiou os Pandavas. Censurando também sua própria inteligência e aquela de Shakuni o filho de Suvala, o rei, tendo refletido por um longo tempo, começou a tremer repetidamente. Controlando sua mente mais uma vez, o rei, com fortaleza suficiente, questionou seu quadrigário Sanjaya o filho de Gavalgana."

"Dhritarashtra disse, 'Eu ouvi, ó Sanjaya, tudo o que tu disseste. Meu filho Duryodhana, ó Suta, que está sempre desejoso de vitória, já foi para a residência de Yama, sem esperança de sucesso? Diga-me realmente, ó Sanjaya, tudo isso mesmo se tu tiveres que repeti-lo!'"

Vaishampayana continuou, "Assim endereçado pelo rei, ó Janamejaya, o Suta disse para ele, 'O poderoso guerreiro em carro Vaikartana, ó monarca, foi morto com seus filhos e irmãos, e outros guerreiros Suta, todos os quais eram poderosos arqueiros preparados para sacrificar suas vidas em batalha! Duhshasana também foi morto pelo filho renomado de Pandu. De fato, seu sangue também foi, por ira, bebido por Bhimasena em batalha!'"

5

Vaishampayana disse, "Ouvindo essas palavras, ó monarca, o filho de Ambika Dhritarashtra, com coração agitado pela dor, dirigiu-se a seu motorista Sanjaya, dizendo, 'Por causa da má política, ó senhor, de meu filho de pouca previdência, o filho de Vikartana foi morto! Essa notícia está ferindo o próprio âmago do meu coração! Eu estou desejoso de cruzar esse mar de aflição! Remova minhas dúvidas, portanto, por revelares a mim quem ainda está vivo e quem está morto entre os Kurus e os Pandavas!"

"Sanjaya disse, 'Dotado de grande destreza e invencível em batalha, Bhishma o filho de Shantanu, ó rei, tendo matado grande número de Srinjayas e Panchalas, foi morto depois de dez dias. O poderoso e invencível arqueiro Drona de carro dourado tendo massacrado as divisões Pancala em batalha, foi morto. Tendo matado a metade dos que restaram depois da carnificina por Bhishma e o ilustre Drona, o filho de Vikartana Karna foi morto. Dotado de grande força, ó monarca, o príncipe Vivingsati, tendo matado centenas de guerreiros Anarta em batalha, foi morto. Teu filho heróico Vikarna, privado de corcéis e armas, permaneceu enfrentando o inimigo, lembrando dos deveres dos Kshatriyas. Lembrando dos muitos males injustos infligidos a ele por Duryodhana, e mantendo em mente seu próprio voto, Bhimasena o matou. Possuidores de grande poder, Vinda e Anuvinda, os dois príncipes de Avanti, depois de realizarem as façanhas mais difíceis, foram para a residência de Yama. Aquele herói que tinha sob seu domínio dez reinos, tendo Sindhu como seu principal, ele que era sempre obediente a ti, Jayadratha de energia poderosa, ó rei, Arjuna matou depois de subjugar onze akshauhinis de tropas com suas flechas afiadas. Dotado de grande energia e incapaz de ser facilmente derrotado em batalha, o filho de Duryodhana, sempre obediente às ordens de seu pai, foi morto pelo filho de Subhadra. O bravo filho de

Duhshasana, possuidor de armas poderosas e feroz em batalha, foi despachado para a residência de Yama pelo filho de Draupadi se esforçando com grande bravura! O soberano dos Kiratas e outros habitantes das planícies na costa, o muito respeitado e amigo querido do próprio chefe dos celestiais, o rei virtuoso Bhagadatta, que era sempre dedicado aos deveres Kshatriya, foi despachado para a residência de Yama por Dhananjaya se esforçando com grande coragem. O parente dos Kauravas, o filho de Somadatta, o bravo e célebre Bhurishrava, ó rei, foi morto por Satyaki em batalha. O rei Amvashtha, Srutayus, aquele principal dos Kshatriyas, que costumava se mover rapidamente em batalha da maneira mais destemida, foi morto por Arjuna. Teu filho Duhshasana, habilidoso com armas e invencível em batalha, e que era sempre colérico, foi, ó monarca, morto por Bhimasena. Sudakshina, ó rei, que tinha muitos milhares de elefantes esplêndidos, foi morto em batalha por Arjuna. O soberano dos Kosalas, tendo matado muitas centenas de inimigos, foi ele mesmo despachado para a residência de Yama pelo filho de Subhadra se esforçando com bravura. Tendo lutado com muitos milhares de inimigos e com o próprio poderoso guerreiro em carro Bhimasena, teu filho Citrasena foi morto por Bhimasena. O bravo irmão mais novo do soberano dos Madras, aquele aumentador dos temores de inimigos, aquele belo guerreiro armado com espada e escudo, foi morto pelo filho de Subhadra. Ele que era igual ao próprio Karna em batalha, o filho de Karna, Vrishasena, habilidoso com armas, de energia poderosa e bravura imperturbável, foi, na própria vista de Karna, despachado para a residência de Yama por Dhananjaya que aplicou sua bravura lembrando-se da morte de seu próprio filho Abhimanyu e mantendo em mente o voto que ele tinha feito. Aquele senhor de Terra, Srutayus, que sempre mostrou uma antipatia enraizada pelos Pandavas, foi morto por Partha que o lembrou daquela antipatia antes de tirar sua vida. O filho de Shalya de grande destreza, ó senhor, Rukmaratha, ó rei, foi morto em batalha por Sahadeva embora acontecesse do primeiro ser o irmão do último, tendo sido o filho do tio materno do último. O velho rei Bhagiratha, e Vrihatkshatra o soberano dos Kaikeyas ambos dotados de grande bravura e poder e energia, foram mortos. O filho de Bhagadatta, ó rei, que era possuidor de grande sabedoria e força, foi morto por Nakula que sempre se move rapidamente em batalha com a energia do falcão. Teu antepassado Bahlika, possuidor de grande poder e destreza, foi, com todos os seus seguidores, morto por Bhimasena. O poderoso Jayatsena o filho de Jarasandha, o príncipe dos Magadhas, ó rei, foi morto em batalha pelo filho de grande alma de Subhadra. Teu filho Durmukha, ó rei, como também teu outro filho Dussaha, aquele poderoso guerreiro em carro, ambos os quais eram considerados como heróis, foram mortos por Bhimasena com sua maça. Durmarshana e Durvisaha e o poderoso guerreiro em carro Durjaya, tendo realizado as mais difíceis façanhas, foram para a residência de Yama. Os dois irmãos Kalinga e Vrishaka, que eram invencíveis em batalha, tendo realizado feitos muito difíceis foram para a residência de Yama. Teu conselheiro Vrishavarman da casta Suta, dotado de grande energia, foi despachado para a residência de Yama por Bhimasena se esforçando com destreza. Assim também o rei Paurava que era dotado da força de 10.000 elefantes, foi, com todos os seus seguidores, morto pelo filho de Pandu Arjuna. Os Vasatis, ó rei, numerando 2.000, batedores eficazes de todos, como também os Surasenas dotados de bravura, foram todos

mortos em batalha. Os Abhishahas, vestidos em armaduras, capazes de atacar eficazmente, e ferozes em batalha, também os Sivis, aqueles principais dos guerreiros em carros, com os Kalingas, foram todos mortos. Aqueles outros heróis também, (os Narayana Gopas) que viveram e cresceram em Gokula, que eram extremamente coléricos em batalha, e que nunca se retiravam do campo foram morto por Savyasaci. Muitos milhares de Srenis, como também os Samsaptakas, aproximando-se de Arjuna, foram todos para a residência de Yama. Teus dois cunhados, isto é, os príncipes Vrishaka e Achala, que eram dotados de grande destreza, por tua causa foram mortos por Savyasaci. O rei Shalva de armas poderosas e feitos violentos, que era um grande arqueiro em nome e façanhas, foi morto por Bhimasena. Oghavat, ó rei, e Vrishanta, lutando juntos em batalha e se esforçando com grande vigor por seus aliados, foram ambos para a residência de Yama. Assim também aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, Kshemadhurti, ó monarca, foi morto em batalha por Bhimasena com sua maça. Assim também aquele grande arqueiro, o poderoso rei Jalasandha, depois de causar uma carnificina imensa, foi morto por Satyaki em batalha. Aquele príncipe dos Rakshasas, isto é, Alayudha, a cujo veículo estavam unidos jumentos (de forma monstruosa) foi despachado para a residência de Yama por Ghatotkaca se esforçando com grande bravura. O filho de Radha da casta Suta, e aqueles poderosos guerreiros em carros que eram seus irmãos, e os Kaikeyas, os Malavas, os Madrakas os Dravidas de bravura feroz, os Yaudheyas, os Lalittyas, os Kshudrakas, os Usinaras, os Tundikeras, os Savitriputras, os habitantes do Leste, os habitantes do Norte, os habitantes do Oeste, e os habitantes do Sul, ó majestade, foram todos mortos por Savyasaci. Grandes grupos de soldados de infantaria, miríades sobre miríades de cavalos de batalha, grande número de guerreiros em carros, e muitos elefantes enormes, foram mortos. Muitos heróis também, com bandeiras e armas, e com armaduras e trajes e ornamentos, e dotados de perseverança e possuidores de nascimento nobre e boa conduta, foram mortos em batalha por Partha que nunca fica fatigado com esforço. Outros, dotados de força imensurável, e desejosos de matar teus inimigos, (encontraram um destino similar). Esses e muitos outros reis, numerando milhares, com seus seguidores, ó monarca, foram mortos em batalha. Aquilo que tu me perguntaste eu estou respondendo agora. Assim mesmo ocorreu a destruição quando Arjuna e Karna lutaram. Assim como Mahendra matou Vritra, e Rama matou Ravana; assim como Krishna matou Naraka ou Mura em batalha; assim como o poderoso Rama da linhagem de Bhrigu matou o heróico Kartavirya, invencível em batalha, com todos os seus parentes e amigos, depois de lutar uma batalha terrível célebre pelos três mundos; assim como Skanda matou (o Asura) Mahisha, e Rudra matou (o Asura) Andhaka, assim mesmo Arjuna, ó rei, em duelo, matou, com todos os seus parentes, aquele principal dos batedores, Karna, que era invencível em batalha e em quem os Dhartarashtras tinham colocado suas esperanças de vitória, e que era a grande causa da hostilidade com os Pandavas! O filho de Pandu agora realizou aquilo que antigamente tu não pudeste crer que ele era capaz de realizar, embora, ó monarca, amigos bem intencionados não tivessem falhado em te avisar disso. Aquela calamidade, repleta de grande destruição, agora chegou! Tu, ó rei, desejando bem a eles, empilhaste aqueles males sobre as cabeças de teus filhos cobiçosos! O resultado daqueles males está agora se manifestando!'"

6

"Dhritarashtra disse, 'Tu mencionaste, ó filho, os nomes daqueles do meu lado que foram mortos em batalha pelos Pandavas. Diga-me agora, ó Sanjaya, os nomes daqueles entre os Pandavas que foram mortos pelas pessoas do meu lado!'"

"Sanjaya disse, 'Os Kuntis possuidores de grande coragem em batalha, dotados de grande energia e grande poder, foram mortos em luta por Bhishma, com todos os seus parentes e conselheiros. Os Narayanas, os Valabhadras, e centenas de outros heróis, todos dedicados (aos Pandavas) foram mortos em batalha pelo heróico Bhishma. Satyajit, que era igual ao próprio ornado com diadema Arjuna em batalha com relação a energia e poder, foi morto em batalha por Drona de pontaria certeira. Muitos arqueiros poderosos entre os Pancalas, todos os quais eram hábeis em batalha, enfrentando Drona, foram para a residência de Yama. Assim os dois reis Virata e Drupada, ambos veneráveis em idade, que se esforçaram com grande heroísmo por seus aliados, foram, com seus filhos, mortos em batalha por Drona. Aquele herói invencível, isto é, Abhimanyu, que, embora um menino em idade, ainda era igual em batalha a Arjuna ou Keshava ou Baladeva, ó senhor, aquele guerreiro que era muito talentoso em batalha, depois de fazer uma matança imensa do inimigo, foi finalmente cercado por seis dos principais guerreiros em carros e morto por eles. Incapazes de resistir ao próprio Arjuna, eles mataram dessa maneira o filho de Arjuna! Privado de seu carro, aquele herói, o filho de Subhadra, ainda permaneceu em batalha, lembrando-se dos deveres de um Kshatriya. Finalmente, ó rei, o filho de Duhshasana o matou no campo. O matador dos Patachchatras, o belo filho de Amvashtha, cercado por um grande exército, tinha aplicado toda sua bravura por causa de seus aliados. Tendo feito um grande massacre entre o inimigo, ele foi enfrentado pelo filho de Duryodhana, o bravo Lakshmana, em batalha e despachado para a residência de Yama. O poderoso arqueiro Vrihanta, talentoso com armas e invencível em batalha, foi despachado para a residência de Yama por Duhshasana, se esforçando com destreza formidável. Os dois reis Manimat e Dandadhara, ambos os quais eram invencíveis em batalha e tinham aplicado sua destreza por seus aliados, foram mortos por Drona. Ansumat o soberano dos Bhojas, aquele poderoso guerreiro em carro na dianteira de suas próprias tropas, foi despachado para a residência de Yama por Drona se esforçando com grande bravura. Citrasena, o governante do litoral, com seu filho, ó Bharata, foi violentamente despachado por Samudrasena para a residência de Yama. Outro soberano de um país marítimo, isto é, Nila, e Vyaghradatta de grande energia, ambos, ó rei, foram despachados para a residência de Yama por Ashvatthama. Citrayudha e Citrayodhin, depois fazerem um grande massacre, foram ambos mortos em batalha por Vikarna se esforçando com grande bravura e mostrando diversas manobras de seu carro. O chefe dos Kaikeyas, que era igual ao próprio Vrikodara em batalha e cercado por guerreiros Kaikeya, foi morto por Kaikeya, o irmão pelo irmão. Janamejaya do país montanhoso, dotado de grande destreza e talentoso em combates com a maça, foi, ó rei, morto por teu filho Durmukha. Aqueles dois

principais dos homens, os irmãos Rochamana, como dois planetas brilhantes, foram despachados juntos para o céu por Drona com suas flechas. Muitos outros reis, ó monarca, dotados de grande coragem, lutaram (pelos Pandavas). Tendo realizado as façanhas mais difíceis, todos eles foram para a residência de Yama. Purujit e Kuntibhoja, os dois tios maternos de Savyasaci, foram despachados por Drona com flechas para tais regiões que são alcançadas por meio de morte em batalha. Abhibhu os Kasis, na dianteira de muitos de seus seguidores, foi obrigado pelo filho de Vasudana a sacrificar sua vida em batalha. Yudhamanyu de coragem imensurável, e Uttamauja de grande energia, depois de matarem centenas de guerreiros heróicos, foram eles mesmos mortos por nossos homens. Os príncipes Pancala Mitravarman, ó Bharata, aqueles dois dos arqueiros principais, foram despachados para a residência de Yama por Drona. O filho de Shikhandi, Kshatradeva, aquele principal dos guerreiros, possuidor de grande bravura, ó rei, foi morto por teu neto Lakshmana, ó majestade! Os dois heróis Sucitra e Citravarman, que eram pai e filho e dotados de grande força, e que se moviam rapidamente sem medo em batalha, foram mortos por Drona. Vardhakshemi, ó monarca, que era como o oceano na maré cheia, tendo tido suas armas esgotadas em batalha, finalmente obteve paz imperturbada. Aquele mais notável dos Sutas, isto é, Senavindu, tendo consumido muitos inimigos em batalha, finalmente, ó rei, foi morto por Bahlika. Dhrishtaketu, ó monarca, aquele principal dos guerreiros em carros entre os Cedis, depois de realizar as façanhas mais difíceis, dirigiu-se para a residência de Yama. Similarmente, o heróico Satyadhriti, dotado de grande bravura, tendo feito uma grande matança em batalha por causa dos Pandavas, foi despachado para a residência de Yama. Aquele senhor de terra, Suketu, o filho de Shishupala, tendo matado muitos inimigos, finalmente foi morto por Drona em batalha. O filho de Virata Sankha, como também Uttara de grande força, tendo realizado as façanhas mais difíceis, se dirigiram para a residência de Yama. Similarmente, Satyadhriti dos Matsyas, e Madiraswa de grande energia, e Suryadatta possuidor de grande destreza, foram todos mortos por Drona com suas flechas. Srenimat também, ó monarca, tendo lutado com grande coragem e realizado os feitos mais difíceis, dirigiu-se para a residência de Yama. Da mesma maneira, o chefe dos Magadhas, aquele matador de heróis hostis, dotado de grande energia e conhecedor das maiores armas, descansa no campo de batalha, morto por Bhishma. Vasudana também, tendo feito uma carnificina imensa em batalha, foi despachado para a residência de Yama pelo filho de Bharadwaja se esforçando com grande heroísmo. Esses e muitos outros poderosos guerreiros em carros dos Pandavas foram mortos por Drona se esforçando com grande energia. Eu agora falei deles todos que tu me perguntaste.'"

7

"Dhritarashtra disse, 'Quando todos os meus principais guerreiros, ó Sanjaya, pereceram, eu não penso que o resto do meu exército não perecerá! Quando aqueles dois heróis, aqueles dois arqueiros poderosos, aqueles dois principais dos Kurus, Bhishma e Drona, estão mortos, que necessidade eu posso ter mais da

vida? Eu não posso também suportar a morte do filho de Radha, aquele ornamento de batalha, o poder de cujos braços era tão grande quanto aquele de 10.000 elefantes! Ó principal dos oradores, diga-me agora, ó Suta, quem ainda está vivo no meu exército depois da morte de todos os heróis principais! Tu me disseste os nomes daqueles que caíram. Parece-me, no entanto, que aqueles que ainda estão vivos estão quase todos mortos!'"

"Sanjaya disse, 'Aquele herói, ó rei, a quem Drona, aquele principal dos brahmanas, deu muitas armas resplandecentes, celestes, e poderosas dos quatro tipos, aquele poderoso guerreiro em carro, possuidor de habilidade e agilidade de mão, aquele herói de aperto firme, braços fortes, e flechas poderosas, aquele filho de grande alma de Drona, capaz de atirar a uma distância formidável, ainda está sobre o campo, desejoso de lutar por tua causa. Aquele habitante do país Anarta, aquele filho de Hridika, aquele poderoso guerreiro em carro, aquele principal entre os Satwatas, aquele chefe dos Bhojas, Kritavarma, habilidoso com armas, está no campo, desejoso de lutar. O filho de Artayana, intrépido em batalha, aquele principal dos guerreiros, aquele mais notável de todos ainda no teu lado, ele que abandonou os filhos de sua própria irmã, os Pandavas, para fazer verdadeiras suas próprias palavras, aquele herói dotado de grande energia que prometeu na presença de Yudhishthira que ele deprimiria em batalha o espírito orgulhoso de Karna, aquele invencível Shalya, que é igual ao próprio Sakra em energia, está ainda no campo, desejoso de lutar por tua causa. Acompanhado por seu próprio exército consistindo em Ajaneyas, Saindhavas, montanheses, habitantes de regiões ribeirinhas, Kambojas, e Vanayus, o rei dos Gandharas está no campo, desejoso de lutar por tua causa. O filho de Sharadvata chamado Gautama, ó rei, dotado de braços poderosos e capaz de lutar com diversas armas de diversas belas maneiras, pegando um arco belo e grande capaz de suportar grande tensão, permanece sobre o campo, desejoso de lutar. Aquele poderoso guerreiro em carro, o filho do soberano dos Kaikeyas, sobre um carro vistoso equipado com bandeira e corcéis bonitos, está no campo, ó chefe da linhagem de Kuru, para lutar por tua causa. Teu filho também, aquele principal dos heróis na família de Kuru, Purumitra, ó rei, em seu carro possuidor da refulgência do fogo ou do Sol, está no campo, como o próprio Sol resplandecendo brilhantemente no firmamento sem nuvens. Duryodhana também, dotado de grande energia, no meio de um exército de elefantes e acompanhado por muitos principais dos combatentes, permanece em seu carro adornado com ouro, desejoso de se engajar em batalha. No meio de muitos reis, aquele principal dos homens, possuidor do esplendor de um lótus, parece resplandecente em sua bela armadura de ouro como um fogo com pouca fumaça ou o Sol emergido das nuvens. Assim também teus filhos Sushena, armado com espada e escudo, e o heróico Satyasena, estão permanecendo com Citrasena, seus corações cheios de alegria e eles mesmos desejosos de lutar. Dotados de modéstia, os príncipes Bharata Citrayudha, Srutavarman, e Jaya, Dala, e Satyavrata, e Dussala, todos os quais são possuidores de grande poder, estão no campo, desejosos de lutar. O soberano dos Kaitavyas, aquele príncipe orgulhoso de sua coragem, e capaz de se movimentar destemidamente em batalha e matar seus inimigos, possuindo soldados de infantaria e cavalaria, e elefantes e carros, permanece no campo,

desejoso de lutar por tua causa. Os heróicos Srutayu e Srutayudha, e Citrangada e Citravarman, aqueles principais dos homens, aqueles guerreiros orgulhosos capazes de atacar eficazmente e possuidores de certeza de pontaria, estão no campo, desejosos de lutar. Satyasandha de grande alma, o filho de Karna, está no campo, desejoso de lutar. Dois outros filhos de Karna, possuindo o conhecimento de armas superiores e dotados de grande agilidade de mãos, ambos estão posicionados, ó rei, na dianteira de exércitos que são grandes e incapazes de serem atravessados por guerreiros de pouca energia, desejosos de lutar por tua causa. Acompanhado por esses heróis e por muitos outros dos guerreiros principais, ó rei, que são possuidores de poder incomensurável, o rei Kuru (Duryodhana) está colocado como um segundo Indra no meio de sua divisão de elefantes na expectativa de vitória!'"

"Dhritarashtra disse, 'Tu me relataste devidamente todos os que estão vivos entre nós e o inimigo. Disso eu vejo claramente em qual lado a vitória será. De fato, isso pode ser inferido dos fatos.'"

Vaishampayana continuou, "Enquanto dizia isso, Dhritarashtra o filho de Ambika, sabendo que somente uma pequena parte de seu exército estava viva, pois todos os seus principais guerreiros tinham morrido, sentiu seu coração ficar extremamente agitado pela aflição. O rei desmaiou. Parcialmente restaurado aos seus sentidos, ele se dirigiu a Sanjaya, dizendo, 'Espere um momento!' E o rei disse, 'Ó filho, sabendo dessa calamidade terrível, meu coração está muito agitado. Meus sentidos estão sendo entorpecidos, e meus membros estão prestes a serem paralisados!' Tendo dito essas palavras, Dhritarashtra o filho de Ambika, aquele senhor de terra, perdeu seus sentidos e caiu no chão."

8

Janamejaya disse, "Tendo ouvido a respeito da queda de Karna e do massacre de seus filhos, o que, ó principal dos regenerados, o rei disse, depois que ele tinha sido um pouco confortado? De fato, pungente foi a aflição que ele sentiu, resultante da calamidade que aconteceu a seus filhos! Conte-me, eu te peço, tudo o que o rei disse naquela ocasião!"

Vaishampayana disse, "Sabendo da morte de Karna que era incrível e espantosa, que era terrível e capaz de paralisar os sentidos de todas as criaturas, que parecia com a queda de Meru, ou uma inacreditável turvação do intelecto do sábio Shukra, ou a derrota de Indra de façanhas terríveis nas mãos de seus inimigos, ou a queda sobre a Terra do Sol brilhante do céu, ou uma incompreensível secagem do oceano, aquele receptáculo de águas inesgotáveis, ou a aniquilação, totalmente assombrosa, da terra, do firmamento, dos pontos do horizonte, e das águas, ou a esterilidade de ações virtuosas e pecaminosas, o rei Dhritarashtra, tendo refletido seriamente por algum tempo sobre isto, pensou que seu exército tinha sido aniquilado. Pensando que outras criaturas também, tão impossíveis de matar quanto Karna, encontrariam um destino similar, o rei

Dhritarashtra o filho de Ambika, chamuscado pela dor e suspirando como uma cobra, com membros quase paralisados, (dando) respirações longas, muito desanimado, e cheio de melancolia, começou a lamentar, dizendo, 'Oh!' e 'Ai!' E o rei disse, 'Ó Sanjaya, o filho heróico de Adhiratha era dotado da bravura do leão ou do elefante! Seu pescoço era tão grosso quanto aquele de um touro, e seus olhos, modo de andar, e voz eram como os do touro! De membros tão firmes quanto o raio, aquele homem jovem, como um touro nunca fugindo de um touro, nunca desistia da batalha mesmo se acontecesse de seu inimigo ser o próprio grande Indra! Ao som da corda de seu arco e palmas e ao zunido de suas chuvas de flechas homens e cavalos e carros e elefantes fugiam da batalha. Confiando naquele poderosamente armado, aquele matador de grandes grupos de inimigos, aquele guerreiro de glória imperecível, Duryodhana provocou hostilidades com aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Pandu! Como então pode Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, aquele tigre entre homens, aquele herói de ataque irresistível, ser violentamente morto por Partha em batalha? Confiando no poder de suas próprias armas, ele sempre desconsiderava Keshava de glória imperecível, e Dhananjaya, e os Vrishnis, e todos os outros inimigos! Muitas vezes ele costumava dizer para o tolo, avarento, abatido, cobiçoso de reino, e aflito Duryodhana palavras tais como essas, 'Sozinho, eu irei, em batalha, derrubar dos seus carros principais aqueles dois guerreiros invencíveis juntos, o manejador do Sarnga e o manejador do Gandiva!' Ele tinha subjugado muitos inimigos invencíveis e poderosos: Gandharas, os Madrakas, os Matsyas, os Trigartas, os Tanganas, os Khasas, os Pancalas, os Videhas, os Kulindas, os Kasi-kosalas, os Suhmas, os Angas, os Nishadhas, os Pundras, os Kichakas, os Vatsas, os Kalingas, os Taralas, os Asmakas, e os Rishikas. Subjugando todas essas bravas raças, por meio de suas flechas penetrantes e afiadas providas de penas kanka, aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Radha, fez todos eles pagarem tributo a nós para o engrandecimento de Duryodhana. Ai, como pode aquele guerreiro conhecedor de armas celestes, aquele protetor de exércitos, Karna o filho de Vikartana, chamado também Vrisha, de energia imensa, ser morto em batalha por seus inimigos, os heróicos e poderosos filhos de Pandu? Como Indra é o principal dos deuses, Karna era o principal dos homens. Nos três mundos nenhuma terceira pessoa era conhecida por nós como sendo semelhante a eles. Entre os cavalos, Uccaisravas é o principal; entre Yakshas, Vaishravana é o principal; entre celestiais, Indra é o principal; entre batedores, Karna era o principal. Não derrotado nem pelos mais heróicos e mais poderosos dos monarcas, ele tinha, para o engrandecimento de Duryodhana, subjugado a terra inteira. O soberano de Magadha, tendo por conciliação e honras obtido Karna como um amigo, desafiou todos os Kshatriyas do mundo, exceto os Kauravas e os Yadavas, para a batalha. Sabendo que Karna foi morto por Savyasaci em duelo, eu estou mergulhado em um oceano de aflição como um navio soçobrado no vasto oceano! De fato, sabendo que aquele mais notável dos homens, aquele melhor dos guerreiros em carros, foi morto em combate, eu estou afundando em um oceano de dor como uma pessoa sem uma balsa no mar! Quando, ó Sanjaya, eu não morro de tal tristeza, eu penso que meu coração é impenetrável e feito de alguma coisa mais dura do que o raio. Sabendo da derrota e humilhação de amigos e parentes e aliados, quem mais no mundo, ó

Suta, salvo minha pessoa desventurada, não entregaria sua vida? Eu desejo ter veneno ou fogo ou uma queda do topo de uma montanha, eu sou incapaz, ó Sanjaya, de aguentar esta carga pesada de dor!'"

9

"Sanjaya disse, 'O mundo te considera como igual a Yayati o filho de Nahusha em beleza, nascimento, fama, ascetismo, e erudição! De fato, em erudição tu és, ó rei, semelhante a um grande Rishi, altamente ilustre e coroado com êxito! Convoque tua fortaleza! Não te entregue à aflição!'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu penso que o destino é supremo, e o esforço inútil já que até Karna, que era como uma árvore shala, foi morto em batalha! Tendo massacrado o exército de Yudhishthira e as grandes multidões dos guerreiros em carros Pancala, tendo chamuscado todos os pontos do horizonte por meio de suas chuvas de flechas, tendo entorpecido os Parthas em batalha como o manejador do raio entorpecendo os Asuras, ai, como pode aquele poderoso guerreiro em carro, morto pelo inimigo, cair no chão como uma grande árvore arrancada pela tempestade? De fato, eu não vejo o fim das minhas tristezas como um homem se afogando incapaz de ver o fim do oceano. Minhas ansiedades estão aumentando, eu não desejo viver, sabendo da morte de Karna e da vitória de Phalguni! De fato, ó Sanjaya, eu considero a morte de Karna como muito inacreditável. Sem dúvida, esse meu coração duro é feito da essência do diamante, pois ele não se quebra em 1.000 fragmentos ao saber da queda de Karna! Sem dúvida, os deuses ordenaram, antes (do meu nascimento), uma vida muito longa para mim, já que muito angustiado ao saber da morte de Karna, eu não morro! Que vergonha, ó Sanjaya, para essa vida de alguém que é desprovido de amigos. Trazido hoje, ó Sanjaya, para essa situação desditosa, miseravelmente eu terei que viver, de mente tola que eu sou, suscitando compaixão em todos! Tendo antigamente sido o honrado do mundo inteiro, como eu irei, ó Suta, viver, dominado por inimigos? De dor para dor e calamidade maiores, eu tenho vindo, ó Sanjaya, por causa da queda de Bhishma e Drona e de Karna de grande alma! Eu não vejo que alguém (do meu exército) escapará com vida quando o filho de Suta foi morto em batalha! Ele era a grande balsa, ó Sanjaya, para meus filhos! Aquele herói, tendo disparado inúmeras flechas, foi morto em batalha! Que necessidade eu tenho da vida, sem aquele touro entre homens? Sem dúvida, o filho de Adhiratha, afligido por flechas, caiu de seu carro, como um topo de montanha partido pela queda do trovão! Sem dúvida, banhado em sangue, ele jaz, adornando a Terra, como um elefante morto por um príncipe de elefantes enfurecido! Ele que era a força dos Dhartarashtras, ele que era um objeto de temor para os filhos de Pandu, ai, ele, Karna, aquele orgulho de todos os arqueiros, foi morto por Arjuna! Ele era um herói, um arqueiro poderoso, o dissipador dos receios dos meus filhos! Ai, aquele herói, privado de vida, jaz (no solo), como uma montanha derrubada por Indra! A satisfação dos desejos de Duryodhana é assim como a locomoção para alguém que é coxo, ou a satisfação do desejo do homem pobre, ou gotas espalhadas de água para alguém que está com sede! Planejados de uma maneira, nossos

esquemas terminam de outra maneira. Ai, o destino é todo poderoso, e o tempo incapaz de ser contrariado! Meu filho Duhshasana, ó Suta, foi morto, enquanto fugia do campo, humilhado (ao pó), de alma desanimada, e desprovido de toda coragem? Ó filho, ó Sanjaya, eu espero ele não tenha agido covardemente naquela ocasião! Aquele herói não encontrou sua morte como os outros kshatriyas que tem caído? O tolo Duryodhana não aceitou o conselho constante de Yudhishthira, saudável como remédio, contra a adequação da batalha. Possuidor de grande renome, Partha, quando rogado por bebida por Bhishma então jazendo em seu leito de flechas, perfurou a superfície da terra! Vendo o jato de água causado pelo filho de Pandu, o poderosamente armado (Bhishma, se dirigindo a Duryodhana), disse, 'Ó majestade, faça as pazes com os Pandavas! As hostilidades cessando, a paz será tua! Que a guerra entre tu e teus primos termine comigo! Desfrute da terra em fraternidade com os filhos de Pandu!' Tendo desconsiderado aqueles conselhos, meu filho está certamente se arrependendo agora. Agora aconteceu o que Bhishma de grande previdência disse. Em relação a mim mesmo, ó Sanjaya, eu estou desprovido de conselheiros e privado de filhos! Por causa do jogo, eu caí em grande miséria como uma ave desprovida de suas asas! Como crianças empenhadas em brincar, ó Sanjaya, tendo apanhado uma ave e cortado suas asas, alegremente a libertam, mas a criatura não pode alcançar locomoção por estar sem asas; assim mesmo eu me torno, como uma ave desprovida de suas asas! Fraco, desprovido de todos os recursos, sem parentes e privado de amigos, triste e dominado por inimigos, para qual ponto do horizonte eu irei? Ele que subjugou todos os Kambojas e os Amvashthas com os Kaikeyas, aquele pujante que, tendo para a realização de seu propósito derrotado os Gandharas e os Videhas em batalha, e subjugado a Terra inteira para o engrandecimento de Duryodhana, ai, ele foi derrotado pelos Pandavas heróicos e fortes dotados de armas poderosas! Após a morte, em batalha, daquele arqueiro poderoso, Karna, pelo ornado com diadema (Arjuna), diga-me, ó Sanjaya, quem foram os heróis que ficaram (no campo)! Eu espero que ele não tenha estado sozinho e abandonado (pelos amigos) quando morto em batalha pelos Pandavas! Tu, ó senhor, me disseste, antes disso, como nossos bravos guerreiros tem caído. Com suas flechas poderosas Shikhandi derrubou em batalha aquele principal de todos os manejadores de armas, Bhishma, que não fez nada para repelir o ataque. Similarmente, Sanjaya, o filho de Drupada Dhrishtadyumna, erguendo sua cimitarra, matou o arqueiro poderoso Drona que, já perfurado por muitas flechas, tinha posto de lado suas armas em batalha e se dedicado ao Yoga. Esses dois foram ambos mortos em desvantagem e especialmente por meio de falsidade. Isso mesmo é o que eu ouvi a respeito da morte de Bhishma e Drona! De fato, Bhishma e Drona, enquanto lutando em combate, não podiam ser mortos em batalha pelo próprio manejador do raio por meios justos. Isso que eu te digo é verdade! Em relação a Karna, como, de fato, pode a Morte tocá-lo, aquele herói igual ao próprio Indra, enquanto ele estava empenhado em disparar suas múltiplas armas celestes? Ele para quem em troca de seus brincos Purandara tinha dado aquele dardo matador de inimigos, decorado com ouro, e celeste do esplendor do relâmpago, ele que tinha, colocada (dentro de sua aljava) em meio a pasta de sândalo, aquela flecha celeste de boca de cobra enfeitada com ouro, equipada com asas vistosas, e capaz de matar todos os inimigos, ele que, desconsiderando

aqueles heróicos e poderosos guerreiros em carros tendo Bhishma e Drona em sua dianteira, obteve do filho de Jamadagni a terrível brahmastra, aquele poderosamente armado que, tendo visto os guerreiros com Drona em sua dianteira afligidos por flechas e desviados do campo, tinha cortado com suas flechas afiadas o arco do filho de Subhadra, ele que, tendo em um instante privado o invencível Bhimasena dotado da força 10.000 elefantes e da velocidade do vento, de seu carro, tinha rido dele, ele que, tendo subjugado Sahadeva por meio de suas flechas retas e feito ele ficar sem carro, não o matou por compaixão e considerações de virtude, ele que, com o dardo de Shakra, matou aquele príncipe dos Rakshasas, Ghatotkaca, que por desejo de vitória, tinha invocado 1.000 espécies de ilusões, ele cujas façanhas em batalha, enchendo Dhananjaya de medo, tinham feito o último por tal longo período evitar um duelo com ele, ai, como aquele herói pode ser morto em batalha? Como ele poderia ser morto por inimigos a menos que um desses tivesse acontecido a ele, isto é, a destruição de seu carro, a quebra de seu arco, e a o esgotamento de suas armas? Quem poderia derrotar aquele tigre entre homens, como um tigre real, dotado de grande impetuosidade, Karna, enquanto vibrando seu arco formidável e disparando dele suas flechas terríveis e armas celestes em batalha? Certamente, seu arco quebrou, ou seu carro afundou na terra, ou suas armas ficaram esgotadas, já que tu me disseste que ele está morto! Eu, de fato, não vejo qualquer outra causa para (explicar) sua morte! Aquele de grande alma que tinha feito o voto terrível 'Eu não lavarei meus pés até eu matar Phalguni', aquele guerreiro por medo de quem aquele touro entre homens, o rei Yudhishthira o justo, na selva, por treze anos continuamente não tinha conseguido dormir, aquele herói de grande alma de destreza formidável confiando em cujo valor meu filho tinha arrastado violentamente a mulher dos Pandavas para a assembléia, e lá no meio daquele conclave, na própria vista dos Pandavas e na presença dos Kurus, tinha se dirigido à princesa de Pancala como a mulher de escravos, aquele herói da casta Suta, que no meio da assembléia se dirigiu a Krishna, dizendo, 'Todos os teus maridos, ó Krishna, que são assim como sementes de gergelim sem núcleo, não existem mais, portanto, procure outro marido, ó tu da aparência mais formosa!' e em fúria a tinha feito escutar outras expressões igualmente duras e rudes, como aquele herói foi morto pelo inimigo? Ele que disse para Duryodhana essas exatas palavras, isto é, 'Se Bhishma que se gaba de sua destreza em batalha ou Drona que é invencível em combate, por parcialidade, não matarem os filhos de Kunti, ó Duryodhana, eu mesmo matarei eles todos, que a febre do teu coração seja dissipada!' que também disse, 'O que irão o Gandiva (de Arjuna) e as duas aljavas inesgotáveis fazer àquela minha flecha, coberta com pasta de sândalo fria, quando ela correr pelo céu?' ai, como pode aquele guerreiro possuidor de ombros largos como aqueles do touro ser morto por Arjuna? Ele que, desconsiderando o toque ardente das flechas disparadas do Gandiva tinha se dirigido a Krishna, dizendo, 'Tu não tens maridos agora' e encarou os Pandavas, ele que, ó Sanjaya, confiando no poder de suas próprias armas não tinha nutrido medo, nem por um momento, dos Parthas com seus filhos e Janardana, ele, eu penso, não podia possivelmente encontrar sua morte nas mãos dos próprios deuses com Vasava em sua dianteira avançando contra ele em fúria, o que então eu preciso dizer, ó senhor, dos Pandavas? Não podia ser vista a pessoa competente para ficar diante

do filho de Adhiratha, quando o último, colocando suas proteções de couro, costumava tocar a corda do arco! Era possível a Terra ser desprovida do esplendor do Sol, da Lua, ou do fogo, mas a morte daquele mais notável dos homens, que nunca se retirava da batalha, não podia ser possível. Aquele meu filho tolo, de má compreensão, que tendo obtido Karna, como também seu irmão Duhshasana, como seus aliados, decidiu pela rejeição das propostas de Vasudeva, certamente, aquele indivíduo, vendo a morte do Karna de ombros de touro e de Duhshasana, está agora entregue a lamentações! Vendo o filho de Vikartana morto em combate por Savyasaci, e os Pandavas coroados com vitória, o que de fato, Duryodhana disse? Vendo Durmarshana morto em batalha e Vrishasena também, e vendo sua hoste se dividir quando massacrada por poderosos guerreiros em carros, vendo também os reis (de seu exército) desviarem seus rostos, com a intenção de fugir, e seus guerreiros em carros já fugidos, eu penso que aquele meu filho está lamentando agora! Contemplando sua hoste desanimada, o que, de fato, o indisciplinado, orgulhoso, e tolo Duryodhana, com paixões não sob controle, disse? Tendo ele mesmo provocado tal hostilidade feroz embora dissuadido por todos os seus amigos o que, de fato, Duryodhana, que tem sofrido uma grande perda em batalha de amigos e seguidores, disse? Vendo seu irmão morto em batalha por Bhimasena, e após o sangue dele ser bebido, o que de fato, Duryodhana disse? Meu filho tinha, com o soberano dos gandharvas, dito, 'Karna matará Arjuna em batalha.' Quando ele viu aquele Karna morto, o que de fato, ele disse? O que, ó senhor, Shakuni, o filho de Subala, que antigamente ficou cheio de alegria depois de passar pela partida de dados e trapacear o filho de Pandu, disse quando ele viu Karna morto? O que aquele poderoso guerreiro em carro entre os Satwatas, aquele grande arqueiro, Kritavarma o filho de Hridika, disse quando ele viu Vaikartana morto? Dotado de juventude, possuidor de uma forma bela, agradável à visão, e célebre por todo o mundo, o que, ó Sanjaya, Ashvatthama, o filho inteligente de Drona, a quem brahmanas e kshatriyas e vaishyas que estão desejosos de obter a ciência de armas servem, por proteções, disse quando ele viu Karna morto? O que o filho de Sharadvata Kripa, ó majestade, da linhagem de Gotama, aquele principal dos guerreiros em carros, aquele professor da ciência de armas, disse quando ele viu Karna morto? O que o poderoso líder dos guerreiros Madras, aquele rei dos Madras, o grande arqueiro Shalya do clã Sauvira, aquele ornamento de assembléias, aquele principal dos guerreiros em carros (temporariamente) empenhado em dirigir o carro, disse quando ele viu Karna morto? O que também todos os outros guerreiros, difíceis de serem derrotados em batalha, aqueles senhores de terra que foram para a batalha, disseram, ó Sanjaya, quando eles viram Vaikartana morto? Depois da queda do heróico Drona, aquele tigre entre os guerreiros em carros, aquele touro entre homens, quem, ó Sanjaya, se tornaram os chefes das várias divisões em sua ordem? Diga-me, ó Sanjaya, como aquele principal dos guerreiros em carros, Shalya o soberano dos Madras, ficou empenhado em dirigir o carro de Vaikartana! Quem eram eles que protegiam a roda direita do filho de Suta enquanto o último estava engajado na luta, e quem eram eles que guardavam sua roda esquerda, e quem foram aqueles que permaneceram na retaguarda daquele herói? Quem foram aqueles heróis que não abandonaram Karna, e quem foram aqueles sujeitos vis que fugiram? Como o

poderoso guerreiro em carro Karna foi morto no meio de suas pessoas unidas? Como também aqueles poderosos guerreiros em carros, os bravos Pandavas, avançaram contra ele disparando chuvas de flechas como as nuvens derramando torrentes de chuva? Fale-me também, ó Sanjaya, como aquela flecha poderosa, celeste e principal da sua espécie, e equipada com uma cabeça semelhante àquela de uma serpente tornou-se inútil! Eu não vejo, ó Sanjaya, a possibilidade mesmo de um pequeno resto da minha hoste desanimada ser salvo quando seus líderes tem sido subjugados! Sabendo da morte daqueles dois heróis, aqueles dois arqueiros poderosos, Bhishma e Drona, que estavam sempre dispostos a sacrificar suas vidas por mim, que uso eu tenho da vida? Repetidas vezes eu sou incapaz de suportar que Karna, o poder de cujas armas se igualava àquele de 10.000 elefantes, tenha sido morto pelos Pandavas! Conte-me, ó Sanjaya, tudo o que ocorreu na batalha entre os bravos guerreiros dos Kauravas e seus inimigos, depois da morte de Drona! Diga-me também como os filhos de Kunti lutaram a batalha com Karna, e como aquele matador de inimigos recebeu seu golpe final no combate!'"

10

"Sanjaya disse, 'Depois da queda do arqueiro poderoso Drona naquele dia, ó Bharata, e depois que tinha sido frustrado o propósito daquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Drona, e depois que o vasto exército, ó monarca, dos Kauravas tinha fugido, Partha, tendo organizado suas próprias tropas, ficou no campo com seus irmãos. Percebendo que ele permanecia no campo, teu filho, ó touro da raça Bharata, vendo seu próprio exército fugindo, o reagrupou com grande coragem. Tendo feito suas divisões tomarem suas posições, teu filho, ó Bharata, confiando no poder de suas armas, lutou por um longo tempo com seus inimigos, os Pandavas, que, tendo alcançado seu objetivo, estavam cheios de alegria e tinham estado lutando durante horas. Na aproximação lá do crepúsculo noturno, ele fez as tropas serem retiradas. Tendo causado a retirada de suas tropas, e entrado no seu próprio acampamento, os Kauravas tiveram uma consulta uns com os outros a respeito do seu próprio bem-estar, sentados como os celestiais em sofás caros cobertos com colchas ricas, e em assentos excelentes e camas luxuosas. Então o rei Duryodhana, dirigindo-se àqueles arqueiros poderosos em expressão agradável e muito gentil, falou as seguintes palavras apropriadas para a ocasião.'"

"Duryodhana disse, 'Ó principais dos homens inteligentes, declarem todos vocês, sem demora, suas opiniões! Sob estas circunstâncias, ó reis, o que é necessário e o que é ainda mais necessário?'"

"Sanjaya continuou, 'Quando aquele príncipe de homens falou aquelas palavras, aqueles leões entre homens, sentados em seus tronos, fizeram vários gestos expressivos de seu desejo de lutar. Observando as indicações daqueles que estavam todos desejosos de despejar suas vidas como libações no fogo da batalha, e contemplando o rosto do monarca radiante como o Sol da manhã, o filho do preceptor dotado de inteligência e ilustre em discurso disse essas

palavras: ‘Entusiasmo, oportunidade, habilidade e diplomacia, esses são os meios declarados pelos eruditos, capazes de realizar todos os objetivos. Eles são, no entanto, dependentes do destino. Aqueles principais dos homens que nós tínhamos no nosso lado, iguais aos celestiais, todos poderosos guerreiros em carros, possuidores de sagacidade, dedicados, habilidosos, e leais, foram mortos. Apesar de tudo isso nós não devemos perder a esperança de vitória. Se todos esses meios forem devidamente aplicados, até o destino pode ser tornado propício. Todos nós, portanto, ó Bharata, instalaremos Karna, aquele principal dos homens, dotado, além disso, de todas as habilidades, no comando do exército! Fazendo Karna nosso comandante, nós esmagaremos nossos inimigos. Karna é dotado de poder formidável; ele é um herói, talentoso com armas, e incapaz de ser derrotado em batalha. Irresistível como o próprio Yama, ele é totalmente competente para subjugar nossos inimigos em batalha!’ Ouvindo essas palavras do filho do preceptor, o rei, naquele momento, edificou grandes esperanças sobre Karna. Nutrindo a esperança em seu coração que depois da queda de Bhishma e de Drona Karna derrotaria os Pandavas, e confortado (por isso), ó Bharata, Duryodhana então, cheio de alegria ao ter ouvido aquelas palavras de Ashvatthama, mantendo firme sua mente e confiando no poder de suas armas, disse ao filho de Radha, ó monarca, essas palavras que eram repletas de afeição e respeito, e que eram verdadeiras, encantadoras, e benéficas para ele mesmo: ‘Ó Karna, eu conheço tua bravura, e a grande amizade que tu tens por mim! Apesar de tudo isso, ó poderosamente armado, eu endereçarei as palavras certas que são para o meu bem! Tendo-as ouvido, ó herói, faça aquilo que possa parecer desejável para ti! Tu és dotado de grande sabedoria, e tu és mesmo meu refúgio supremo! Aqueles dois Atirathas que foram meus Generais, isto é, Bhishma e Drona, estão mortos. Seja meu General, tu que és mais poderoso do que eles! Ambos daqueles grandes arqueiros tinham idade avançada. Eles eram, além disso, parciais para Dhananjaya. Ainda assim ambos aqueles heróis foram respeitados por mim, ó filho de Radha, de acordo com tua palavra! Considerando seu relacionamento de avô com eles, os filhos de Pandu, ó senhor, foram poupados em batalha terrível por Bhishma por dez dias sucessivos! Tu mesmo também tendo posto de lado tuas armas, o valente Bhishma foi morto em grande batalha por Phalguni com Shikhandi à frente dele! Depois que aquele arqueiro formidável tinha caído e ido para seu leito de flechas, foi por tua palavra, ó tigre entre homens, que Drona foi feito nosso líder! Por ele também os filhos de Pritha foram poupados, por causa, como eu penso, de seu relacionamento com ele de pupilos. Aquele homem idoso também foi morto por Dhrishtadyumna mais rapidamente. Eu não vejo, mesmo após reflexão, outro guerreiro igual a ti em batalha, a ti, isto é, cuja destreza não podia ser medida nem por aqueles dois dos principais guerreiros que foram mortos em batalha! Sem dúvida, hoje só tu és competente para ganhar vitória para nós! Antes, no meio, e mais tarde, tu tens agido adequadamente para o nosso bem. Portanto, como um líder, cabe a ti, nessa batalha aguentar a carga tu mesmo. Tu mesmo instale tua própria pessoa no posto de General. Como o generalíssimo celeste, o senhor Skanda de destreza imperecível, (protegendo o exército celeste), proteja essa hoste Dhartarashtra! Como Mahendra matando os Danavas, destrua todas as multidões de nossos inimigos! Vendo a ti permanecendo em batalha, os Pandavas, aqueles poderosos

guerreiros em carros, irão, com os Pancalas, fugir da batalha, como os Danavas à visão de Vishnu. Portanto lideres este vasto exército! Quando tu permaneceres resoluto no campo, os Pandavas de corações perversos, os Pancalas, e os Srinjayas fugirão todos com seus amigos. Como o Sol surgido, queimando tudo com sua energia, destrói a escuridão densa, assim mesmo destrua nossos inimigos!'"

"Sanjaya continuou, 'Tornou-se forte aquela esperança, ó rei, no coração do teu filho, isto é, que onde Bhishma e Drona tinham sido mortos, Karna iria derrotar os Pandavas. Nutrindo aquela esperança dentro de seu coração, ele disse para Karna, 'Ó filho de Suta, Partha nunca deseja lutar, ficando diante de ti!' Karna disse, 'Eu, ó filho de Gandhari, disse antes na tua presença essas mesmas palavras, derrote todos os Pandavas com seus filhos e Janardana! Eu me tornarei teu General. Nisso não há dúvida. Tranquilize-te, ó monarca, eu considero os Pandavas como já estando derrotados!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, ó monarca, o rei Duryodhana então se levantou com todos os monarcas, como Ele de cem sacrifícios com os deuses, para honrar Karna com o comando do exército, como os celestiais para honrar Skanda. Então, ó monarca, todos os reis encabeçados por Duryodhana, desejosos de vitória, instalaram Karna no comando, segundo os ritos ordenados pela ordenança. Com jarros dourados e de terra cheios até a borda com água e santificados com mantras, com presas de elefantes e chifres de rinocerontes e touros poderosos, com outros recipientes ornados com jóias e pedras preciosas, com também ervas e plantas fragrantes, e com outros artigos reunidos em abundância, Karna, sentado comodamente em um assento feito de madeira udumvara e coberto com tecido de prata, foi investido com o comando, de acordo com os ritos nas escrituras. Brahmanas, kshatriyas, vaishyas, e shudras respeitáveis elogiaram aquele de grande alma depois que ele foi banhado naquele assento excelente. Assim instalado no comando, ó rei, aquele matador de inimigos, o filho de Radha, fez, por meio de presentes de Niskas e vacas e outras riquezas, muitos dos principais brahmanas proferirem bênçãos sobre ele. 'Derrote os Parthas com Govinda e todos os seus seguidores!' essas mesmas foram as palavras que os elogiadores e os Brahmanas disseram (a ele), ó touro entre homens! (E eles também disseram) 'Mate os Parthas e os Pancalas, ó filho de Radha, para nossa vitória, como o Sol surgido sempre destruindo a escuridão com seus raios ardentes! O filho de Pandu com Keshava não é capaz nem de olhar para as flechas disparadas por ti, como corujas incapazes de olhar para os raios ardentes do Sol! Os Parthas com os Pancalas são incapazes de ficar diante de ti armado com armas, como os Danavas diante de Indra em batalha!' Instalado no comando, o filho de Radha de esplendor incomparável parecia resplandecente em beleza e radiância como um segundo sol. Tendo instalado o filho de Radha (dessa maneira) no comando do exército, teu filho, incitado adiante pela Morte, se considerou como alguém que tinha seu propósito realizado. Aquele castigador de inimigos, Karna, também, ó rei, tendo obtido o comando, ordenou que as tropas fossem organizadas ao nascer do sol. Cercado por teus filhos, ó Bharata, Karna

parecia resplandecente como Skanda cercado pelos celestiais, na batalha que teve Saraka como sua raiz má.'"

11

"Dhritarashtra disse, 'Depois de ter obtido o comando do exército, e depois que ele tinha sido endereçado pelo próprio rei naquelas palavras gentis e fraternas, e depois que ele tinha ordenado que as tropas fossem colocadas em formação na hora do nascer do sol, diga-me, ó Sanjaya, o que o filho de Vikartana Karna fez?'"

"Sanjaya disse, 'Tendo sabido dos desejos de Karna, teus filhos, ó touro da raça Bharata, ordenaram que as tropas fossem organizadas com música alegre. Enquanto eles ainda esperavam um longo período pela chegada da alvorada, um barulho alto de 'Ponham-se em ordem, Ponham-se em ordem!' ó rei, surgiu de repente entre tuas tropas. E o tumulto que se ergueu tornou-se tremendo e tocou os próprios céus, de principais dos elefantes e carros fortificados enquanto sob processo de equipamento, de soldados de infantaria e cavalos, ó monarca, enquanto pondo suas armaduras ou no decorrer de serem arreados, e de combatentes se movendo com presteza e gritando uns para os outros! Então o filho de Suta portando um arco de verso de ouro apareceu (no campo) em seu carro possuidor do esplendor do Sol radiante, coroado com muitos pendões, equipado com um estandarte branco, com corcéis da cor de garças, portando o emblema da corda do elefante, cheio com cem aljavas, equipado com maça e cercado de madeira, carregado com shataghnis e fileiras de sinos e dardos e lanças e arpões, e provido com muitos arcos. E o filho de Suta apareceu no campo, soprando sua concha, ó rei; enfeitado com uma rede de ouro, e vibrando seu arco formidável adornado com ouro puro. Contemplando o arqueiro poderoso Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, sentado em seu carro, de aproximação difícil e parecendo o Sol surgido que destrói a escuridão, ninguém entre os Kauravas, ó tigre entre homens, se inquietava, ó majestade, com a perda de Bhishma ou de Drona ou de outros homens! Apressando os guerreiros, ó senhor, com os sons de sua concha, Karna fez o vasto exército dos Kauravas ser posto em formação de combate. Tendo organizado as tropas na formação makara, aquele arqueiro poderoso, aquele opressor de inimigos, Karna, procedeu contra os Pandavas pelo desejo de vitória. Na ponta do bico daquele makara, ó rei, estava posicionado o próprio Karna. Nos dois olhos estavam o bravo Shakuni e o poderoso guerreiro em carro Uluka. Na cabeça estava o filho de Drona e no pescoço estavam todos os irmãos uterinos. No meio estava o rei Duryodhana protegido por um grande exército. No pé esquerdo, ó monarca, estava posicionado Kritavarma acompanhado pelas tropas Narayana, e aqueles guerreiros invencíveis, os Gopalas. No pé direito, ó rei, estava o filho de Gotama de bravura incapaz de ser frustrada, cercado por aqueles arqueiros poderosos, os Trigartas e pelos habitantes do Sul. No pé esquerdo traseiro estava posicionado Shalya com um grande exército recrutado no país de Madras. No (pé traseiro) direito, ó monarca, estava Sushena de votos verdadeiros, circundado por 1.000 carros e

300 elefantes. No rabo estavam os dois irmãos reais de energia poderosa, Citra e Citrasena cercados por um grande exército.'"

"Quando, ó grande rei, aquele principal dos homens, Karna, apareceu dessa maneira, o rei Yudhishthira o justo, lançando seus olhos em Arjuna, disse essas palavras: 'Veja, ó Partha, como o exército Dhartarashtra, ó herói, nessa batalha, protegido por heróis e poderosos guerreiros em carros, foi organizado por Karna! Esta vasta tropa Dhartarashtra perdeu seus mais bravos guerreiros. Aqueles que restam, ó poderosamente armado, são fracos, iguais, como eu penso, à palha! Somente um grande arqueiro, isto é, o filho de Suta, brilha nela! Aquele principal dos guerreiros em carros é incapaz de ser subjugado pelos três mundos com suas criaturas móveis e imóveis, incluindo os deuses, Asuras e Gandharvas, e os Kinnaras e grandes serpentes! Se tu o matares hoje, ó poderosamente armado, a vitória será tua, ó Phalguna! O espinho também o qual por doze anos está fincado no meu coração então será arrancado! Sabendo disso, ó tu de armas poderosas, forme a ordem de batalha que tu desejares!' Ouvindo aquelas palavras de seu irmão, aquele Pandava de cavalos brancos dispôs a formação de combate contrária seguindo a forma da meia lua. No lado esquerdo estava posicionado Bhimasena, e à direita estava colocado o grande arqueiro Dhrishtadyumna. No meio da ordem de batalha estava o rei e Dhananjaya o filho de Pandu. Nakula e Sahadeva estavam na retaguarda do rei Yudhishthira o justo. Os dois príncipes Pancala, Yudhamanyu e Uttamauja tornaram-se os protetores das rodas do carro (de Arjuna). Protegidos pelo próprio Arjuna ornado com diadema, eles não deixavam Arjuna por um momento. Os reis restantes, possuidores de coragem formidável, vestidos em armadura, ficaram na ordem de batalha, cada um na posição designada para ele, de acordo com a medida de seu entusiasmo e resolução, ó Bharata. Tendo assim formado sua magnífica ordem de batalha, ó Bharata, os Pandavas, e os arqueiros poderosos do teu exército colocaram seus corações na batalha. Contemplando teu exército disposto em formação de combate pelo filho de Suta em batalha, Duryodhana com todos os seus irmãos considerou os Pandavas como já mortos. Similarmente Yudhishthira, ó rei, contemplando o exército Pandava disposto em ordem de batalha, considerou os Dhartarashtras com Karna como já mortos. Então conchas, e timbales, e tambores, e baterias grandes, e pratos, e Dindimas, e Jharjharas, foram ruidosamente soprados e tocados por todos os lados! De fato, aqueles instrumentos de som alto foram soprados e batidos, ó rei, entre ambos os exércitos. Rugidos leoninos também se ergueram, proferidos por bravos guerreiros pela vitória. E lá também se ergueu, ó rei, o barulho de corcéis relinchando e elefantes grunhindo, e o estrépito violento de rodas de carro. Ninguém, ó Bharata, (no exército Kaurava), naquele momento sentia a perda de Drona, vendo o grande arqueiro Karna vestido em armadura e posicionado na cabeça da ordem de batalha. Ambos os exércitos, ó monarca, cheios de homens alegres, mantiveram-se em posição, ávidos para lutar e (preparados) para destruir uns aos outros sem demora. Lá, os dois heróis, Karna e o filho de Pandu, excitados com cólera à visão um do outro, e ambos firmemente determinados, se mantinham em posição ou se moviam rapidamente, ó rei, dentro de suas respectivas divisões. Os dois exércitos, quando eles avançaram para encontrar um ao outro, pareciam dançar (em

alegria). Das alas e das alas laterais de ambos, guerreiros desejosos de lutar se adiantaram. Então começou a batalha, ó monarca, de homens, elefantes, corcéis, e carros, empenhados em destruir uns aos outros.'"

12

"Sanjaya disse, 'Então aqueles dois exércitos vastos, cheios de homens jubilosos e corcéis e elefantes, parecendo em esplendor as hostes celeste e Asura, se encontrando, começaram a atacar uma à outra. Homens, carros, corcéis, elefantes, e soldados de infantaria de bravura feroz deram golpes fortes destrutivos de corpos e pecados. Homens como leões cobriram a terra com as cabeças de homens como leões, cada uma parecendo a lua cheia ou o sol em esplendor e o lótus em fragrância. Combatentes cortaram as cabeças de combatentes, com flechas em forma de meia-lua e flechas de cabeça larga e de face de navalha e machados, e machados de batalha. Os braços de homens de braços longos e massivos, cortados por homens de braços longos e massivos, caindo sobre o solo, brilhavam, enfeitados com armas e braceletes. Com aqueles braços se contorcendo adornados com dedos e palmas vermelhos, a Terra parecia resplandecente como se coberta com cobras ferozes de cinco cabeças mortas por Garuda. De elefantes e carros e corcéis, bravos guerreiros caíam, atingidos por inimigos, como os habitantes do céu de seus carros celestes no esgotamento de seus méritos. Outros bravos guerreiros caíam às centenas, subjugados naquela batalha por bravos combatentes com maças pesadas e cassetetes com ferrões e clavas curtas. Carros também, naquela luta tumultuada, foram esmagados por carros, e elefantes enfurecidos por iguais enfurecidos, e cavaleiros por cavaleiros. Homens destruídos por carros, e carros por elefantes, e cavaleiros por soldados de infantaria, e soldados de infantaria por cavaleiros, caíam no campo, como também carros e corcéis e soldados de infantaria destruídos por elefantes, e carros e corcéis e elefantes por soldados de infantaria, e carros e soldados de infantaria e elefantes por corcéis e homens e elefantes por carros. Grande foi a carnificina feita de guerreiros em carros e cavalos e elefantes e homens por homens e cavalos e elefantes e guerreiros em carros, usando suas mãos e pés e armas e carros. Quando aquela hoste estava sendo assim atacada e morta por guerreiros heróicos os Parthas, encabeçados por Vrikodara, avançaram contra nós. Eles consistiam em Dhrishtadyumna e Shikhandi e os cinco filhos de Draupadi e os Prabhadrakas, e Satyaki e Chekitana com os exércitos Dravida, e os Pandyas, os Cholas, e os Keralas, cercados por uma ordem de batalha poderosa, todos possuidores de peitos largos, braços longos, estaturas altas, e olhos grandes. Enfeitados com ornamentos, possuidores de dentes vermelhos, dotados da bravura de elefantes enfurecidos, vestidos em mantos de diversas cores, cobertos com perfumes em pó, armados com espadas e laços, capazes de reprimir elefantes poderosos, companheiros na morte, e nunca abandonando uns aos outros, equipados com aljavas, portando arcos adornados com longas mexas de cabelos, e agradáveis em palavras eram os combatentes dos destacamentos da infantaria liderados por Satyaki, pertencentes

à tribo Andhra, dotados de formas ferozes e grande energia. Outros bravos guerreiros tais como os Cedis, os Pancalas, os Kaikayas, os Karushas, os Kosalas, os Kanchis, e os Maghadhas, também avançaram para frente. Seus carros e corcéis e elefantes, todos da espécie mais notável, e seus ferozes soldados de infantaria, alegrados pelas notas de diversos instrumentos, pareciam dançar e dar risada. No meio daquele vasto exército vinha Vrikodara, sobre o pescoço de um elefante, e cercado por muitos dos principais soldados em elefantes, avançando contra teu exército. Aquele feroz e principal dos elefantes, devidamente equipado, parecia resplandecente, como uma mansão de pedra construída no topo da montanha Udaya, coroada com o sol nascente. Sua armadura de ferro, a principal de seu tipo, enfeitada com pedras preciosas caras, era tão resplandecente como o firmamento outonal coberto com estrelas. Com uma lança em seu braço estendido, sua cabeça ornada com um diadema belo, e possuidor do esplendor do Sol meridiano no outono, Bhima começou a destruir seus inimigos. Contemplando aquele elefante de uma distância, Kshemadhurti, ele mesmo sobre um elefante, desafiando, avançou alegremente em direção a Bhima que estava mais alegre ainda. Um combate então ocorreu entre aqueles dois elefantes de formas ferozes parecendo duas colinas enormes cobertas com árvores, cada um lutando com o outro como lhe agradava. Aqueles dois heróis, então, cujos elefantes enfrentavam um ao outro dessa maneira, atingiram um ao outro violentamente com lanças dotadas do esplendor de raios solares, e proferiram rugidos altos. Separando-se, eles então se moveram rapidamente em círculos com seus elefantes, e cada um pegando um arco começou a atacar o outro. Alegrando as pessoas em volta com seus rugidos altos e os tapas em seus braços e o zunido daquelas flechas, eles continuaram a proferir gritos leoninos. Dotados de grande força, ambos deles, talentosos com armas, lutaram, usando seus elefantes com trombas erguidas e enfeitados com pendões flutuando ao vento. Então um cortando o arco do outro, eles rugiram um para o outro, e despejaram um sobre o outro chuvas de dardos e lanças como duas massas de nuvens na estação chuvosa despejando torrentes de chuva. Então Kshemadhurti perfurou Bhimasena no centro do peito com uma lança dotada de grande impetuosidade, e então com seis outras, e proferiu um grito alto. Com aquelas lanças fincadas em seu corpo, Bhimasena, cuja forma então brilhava com cólera, parecia resplandecente como o sol coberto com nuvens com seus raios emergindo pelos vãos daquele dossel. Então Bhima arremessou cuidadosamente em seu antagonista uma lança brilhante como os raios do Sol, correndo perfeitamente reta, e feita totalmente de ferro. O soberano dos Kulutas então, esticando seu arco, cortou aquela lança com dez flechas e então perfurou o filho de Pandu com sessenta flechas. Então Bhima o filho de Pandu, pegando um arco cuja vibração parecia o ribombo das nuvens, proferiu um grito alto e afligiu profundamente com suas flechas o elefante de seu adversário. Assim afligido naquela batalha por Bhimasena com suas flechas, aquele elefante, embora procurassem reprimi-lo, não ficou sobre o campo como uma nuvem soprada pelo vento. O feroz príncipe dos elefantes possuído por Bhima então perseguiu seu igual (que fugia), como uma massa de nuvens sopradas pelo vento perseguindo outra massa impelida pela tempestade. Reprimindo seu próprio elefante o valente Kshemadhurti perfurou com suas flechas o elefante perseguidor de Bhimasena. Então com uma

flecha de cabeça de navalha bem disparada que era perfeitamente reta Kshemadhurti cortou o arco de seu adversário e então afligiu aquele elefante hostil. Cheio de ira, Kshemadhurti então, naquela batalha, perfurou Bhima e atingiu seu elefante com muitas flechas longas em todas as partes vitais. Aquele elefante enorme de Bhima então caiu, ó Bharata! Bhima, no entanto, que tinha pulado de seu elefante e permanecido no chão antes da queda do animal, então subjugou o elefante de seu adversário com sua maça. E Vrikodara então atingiu Kshemadhurti também, que, tendo saltado de seu elefante aniquilado, estava avançando contra ele com arma erguida. Kshemadhurti, assim atingido, caiu sem vida, com a espada em seu braço, ao lado de seu elefante, como um leão derrubado pelo raio ao lado de uma colina partida pelo raio. Vendo o célebre rei dos Kulutas morto, tuas tropas, ó touro da raça Bharata, muito atormentadas, fugiram.'"

13

"Sanjaya disse, 'Então o poderoso e heróico arqueiro Karna começou a atacar o exército Pandava naquela batalha, com suas flechas retas. Similarmente, aqueles grandes guerreiros em carros, isto é, os Pandavas, ó rei, cheios de ira, começaram a atacar o exército do teu filho na própria vista de Karna. Karna também, ó rei, naquela batalha matou o exército Pandava com suas flechas da medida de uma jarda brilhantes como os raios do Sol e polidas pelas mãos do ferreiro. Lá, ó Bharata, os elefantes, atingidos por Karna com suas flechas, proferiam gritos altos, perdiam força, ficavam desmaiados, e vagavam para todos os lados. Enquanto o exército estava sendo assim destruído pelo filho de Suta, Nakula avançou com velocidade contra aquele poderoso guerreiro em carro. E Bhimasena avançou contra o filho de Drona que estava engajado na realização das façanhas mais difíceis. Satyaki reprimiu os príncipes Kaikaya Vinda e Anuvinda. O rei Citrasena avançou contra Srutakarman que avançava; e Prativindhya contra Citra possuindo um belo estandarte e um belo arco. Duryodhana avançou contra o rei Yudhishthira o filho de Dharma; enquanto Dhananjaya avançou contra as multidões enfurecidas dos Samsaptakas. Naquele massacre de grandes heróis, Dhrishtadyumna procedeu contra Kripa. O invencível Shikhandi se envolveu em combate com Kritavarma. Srutakirti enfrentou Shalya, e o filho de Madri, o valente Sahadeva, ó rei, enfrentou teu filho Duhshasana. Os dois príncipes Kaikaya, naquela batalha, cobriram Satyaki com uma chuva de flechas ardentes, e o último também, ó Bharata, cobriu os dois irmãos Kaikaya. Aqueles dois irmãos heróicos atingiram Satyaki profundamente no peito como dois elefantes atingindo com suas presas um igual hostil na floresta. De fato, ó rei, aqueles dois irmãos, naquela batalha, seus próprios órgãos vitais perfurados por flechas, perfuraram Satyaki de atos verdadeiros com suas flechas. Satyaki, no entanto, ó grande rei, cobrindo todos os pontos do horizonte com uma chuva de flechas e sorrindo naquele momento, deteve os dois irmãos, ó Bharata. Reprimidos por aquelas chuvas de flechas disparadas pelo neto de Sini, os dois irmãos encobriram rapidamente o carro do neto de Sini com suas flechas. Cortando seus arcos belos, Saurin de grande fama conteve ambos com suas

flechas afiadas naquela batalha. Pegando dois outros arcos belos, e diversas flechas poderosas, os dois começaram a cobrir Satyaki e a se mover rapidamente com grande energia e habilidade. Disparadas pelos dois irmãos, aquelas flechas poderosas equipadas com penas de Kanka e de pavão e enfeitadas com ouro começaram a cair, iluminando todos os pontos do horizonte. Naquela batalha terrível entre eles, ó rei, as flechas que eles dispararam causaram uma escuridão lá. Aqueles poderosos guerreiros em carros então cortaram os arcos um do outro. Então o invencível Satwata, ó rei, cheio de raiva, pegou outro arco naquela batalha, e encordoando-o, cortou a cabeça de Anuvinda com uma flecha afiada de cabeça de navalha. Enfeitada com brincos, aquela cabeça grande, ó rei, caiu como a cabeça de Samvara morto na grande batalha (dos tempos passados). E ela alcançou o chão num piscar de olhos, enchendo todos os Kaikayas de aflição. Vendo aquele bravo guerreiro morto, seu irmão, o poderoso guerreiro em carro Vinda, encordoando outro arco começou a resistir ao neto de Sini de todos os lados. Perfurando com sessenta flechas providas de asas de ouro e afiadas em pedra, ele proferiu um grito alto e disse, 'Espere, Espere!' Então aquele poderoso guerreiro em carro dos Kaikayas atingiu rapidamente Satyaki com muitos milhares de flechas em seus braços e peito. Todos os seus membros feridos com flechas, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, parecia resplandecente naquela batalha, ó rei, como uma Kinsuka florescente. Perfurado pelo Kaikaya de grande alma naquele combate, Satyaki, com a maior facilidade, perfurou o Kaikaya (em retorno) com vinte e cinco flechas. Então aqueles dois principais dos guerreiros em carros, tendo cortado o belo arco um do outro naquele combate, e tendo matado rapidamente o motorista e cavalos do outro se aproximaram um do outro a pé para uma luta com espadas. Ambos dotados de braços massivos, eles pareciam resplandecentes naquela arena extensa, cada um tendo pegado um escudo decorado com cem luas, e cada um armado com uma espada excelente, como Jambha e Sakra, ambos dotados de grande força, na batalha entre os deuses e os Asuras (de antigamente). Ambos, naquela grande batalha, então começaram a se mover em círculos. E então eles rapidamente se enfrentaram em batalha, aproximando-se mais um do outro. E cada um deles fez grandes esforços para a destruição do outro. Então Satwata cortou em dois o escudo de Kaikeya. O último também, ó rei, cortou em dois o escudo de Satyaki. Tendo cortado o escudo de seu oponente coberto com centenas de estrelas, Kaikeya começou a correr em círculos, avançando e recuando (às vezes). Então o neto de Sini, dotado de grande energia, cortou por meio de um golpe de lado o príncipe dos Kaikeyas assim se movendo rapidamente naquela grande arena armado com espada excelente. Equipado em armadura aquele arqueiro formidável, isto é, o príncipe Kaikeya, ó rei, assim cortado em dois naquela grande batalha, caiu como uma colina partida pelo trovão. Tendo matado em combate aquele principal dos guerreiros em carros, aquele opressor de inimigos, o bravo neto de Sini, subiu depressa no carro de Yudhamanyu. Depois sendo levado em outro carro devidamente equipado (com tudo), Satyaki começou a matar com suas flechas o grande exército dos Kaikeyas. O vasto exército dos Kaikeyas, assim massacrado em batalha, deixando aquele inimigo deles fugiu para todos os lados.'"

14

"Sanjaya disse, 'Srutakarman então, ó rei, cheio de ira, atingiu aquele senhor de terra, isto é, Citrasena, naquela batalha, com cinquenta flechas. O soberano dos Abhisars (em retorno), atingindo Srutakarman, ó rei, com nove flechas retas, perfurou seu motorista com cinco. Srutakarman então, cheio de raiva, atingiu Citrasena na dianteira de suas tropas, com uma flecha afiada em uma parte vital. Profundamente perfurado, ó monarca, com aquela flecha por aquele príncipe de grande alma o heróico Citrasena sentiu grande dor e desmaiou. Durante este intervalo, Srutakarman de grande renome cobriu aquele senhor de terra, (ou seja, seu adversário inconsciente), com noventa flechas. O poderoso guerreiro em carro Citrasena então, recuperando a consciência, cortou o arco de seu antagonista com uma flecha de cabeça larga, e perfurou seu próprio antagonista com sete flechas. Pegando outro arco que era ornado com ouro, e capaz de atingir duramente, Srutakarman então, com suas ondas de flechas, fez Citrasena assumir uma aparência extraordinária. Adornado com aquelas flechas, o jovem rei, usando guirlandas belas, parecia naquela batalha com um jovem bem enfeitado no meio de uma assembléia. Perfurando Srutakarman rapidamente com uma flecha no centro do peito, ele disse para ele, 'Espere, Espere!' Srutakarman também, perfurado por aquela flecha na batalha, começou a verter sangue, como uma montanha derramando rios de greda vermelha líquida. Banhado em sangue e tingido com isso, aquele herói brilhava em batalha como uma Kinsuka florescendo. Srutakarman, então, ó rei, assim atacado pelo inimigo, ficou cheio de raiva, e cortou em dois o arco resistente a inimigos de Citrasena. O arco do último tendo sido cortado, Srutakarman então, ó rei, perfurou-o com trezentas flechas equipadas com asas vistosas, cobrindo-o completamente com elas. Com outra flecha de cabeça larga, de gume afiado e ponta penetrante, ele cortou a cabeça, ornada com uma proteção para a cabeça, de seu adversário de grande alma. Aquela cabeça resplandecente de Citrasena caiu no chão, como a lua desprendida do firmamento sobre a Terra. Vendo o rei morto, as tropas de Citrasena, ó majestade, avançaram impetuosamente contra (seu matador). Aquele grande arqueiro então, cheio de raiva, avançou, disparando suas flechas, contra aquele exército, como Yama cheio de fúria contra todas as criaturas na hora da dissolução universal. Massacrados naquela batalha por teu neto armado com o arco, eles fugiram rapidamente para todos os lados como elefantes chamuscados por um incêndio florestal. Vendo eles fugindo, sem esperança de derrotar o inimigo, Srutakarman, perseguindo-os com suas flechas afiadas, parecia muito resplandecente (em seu carro). Então Prativindhya, perfurando Citra com cinco flechas, atingiu seu motorista com três e sua bandeira com uma. A ele Citra perfurou, atingindo nos braços e no peito, com nove flechas de cabeça larga equipadas com asas de ouro, tendo pontas afiadas, e emplumadas com penas (de) Kanka e pavão. Então Prativindhya, ó Bharata, cortando com suas flechas o arco de seu antagonista atingiu profundamente o último com cinco flechas afiadas. Então Citra, ó monarca, disparou no teu neto um dardo terrível e irresistível, adornado com sinos dourados, e parecendo uma chama de fogo. Prativindhya, no

entanto, naquela batalha, cortou, com a maior facilidade, em três fragmentos, aquele dardo enquanto ele corria em direção a ele como um meteoro lampejante. Cortado em três fragmentos pelas flechas de Prativindhya, aquele dardo caiu, como o raio inspirando todas as criaturas com temor no fim do Yuga. Vendo aquele dardo frustrado, Citra, pegando uma maça enorme enfeitada com uma rede de ouro, arremessou-a em Prativindhya. Aquela maça matou os cavalos do último e motorista também naquela grande batalha, e despedaçando, além disso, seu carro, caiu com grande impetuosidade no chão. Enquanto isso tendo descido de seu carro, ó Bharata, Prativindhya arremessou em Citra um dardo, bem adornado e equipado com uma vara dourada. Pegando-o enquanto ele corria em direção a ele, o rei de grande alma Citra, ó Bharata, arremessou a mesma arma em Prativindhya. Atingindo o bravo Prativindhya naquela batalha, aquele dardo brilhante, atravessando seu braço direito, caiu sobre a Terra, e caindo iluminou toda a região como um lampejo de relâmpago. Então Prativindhya, ó rei, cheio de raiva, e desejando executar a destruição de Citra, arremessou nele uma lança enfeitada com ouro. Aquela lança atravessando sua armadura e peito entrou na Terra como uma cobra imensa em seu buraco. Atingido por aquela lança, o rei caiu, esticando seus braços grandes e massivos que pareciam um par de clavas de ferro. Vendo Citra morto, teus guerreiros, aqueles ornamentos de batalha, avançaram impetuosamente em Prativindhya de todos os lados. Disparando diversos tipos de flechas e Sataghnis decorados com fileiras de sinos, eles logo cobriram Prativindhya como massas de nuvens cobrindo o sol. O poderosamente armado Prativindhya, consumindo com suas chuvas de flechas aqueles seus atacantes naquela batalha, desbaratou teu exército como Sakra manejando o trovão desbaratando a hoste Asura. Assim massacradas em batalha pelos Pandavas, tuas tropas, ó rei, se dispersaram repentinamente em todas as direções como massas de nuvens reunidas, dispersas pelo vento. Enquanto teu exército, massacrado por todos os lados, estado fugindo dessa maneira, somente o filho de Drona avançou sozinho com velocidade contra o poderoso Bhimasena. De repente um combate violento seguiu-se entre eles semelhante ao que tinha ocorrido entre Vritra e Vasava na batalha entre os deuses e os Asuras (nos tempos antigos).'"

15

"Sanjaya disse, 'Dotado da maior energia, o filho de Drona, ó rei, mostrando a agilidade de seus braços, perfurou Bhima com uma flecha. Apontando para todos os seus pontos vitais, pois ele tinha o conhecimento de todos os pontos vitais do corpo, Ashvatthama de mãos rápidas o atingiu novamente com noventa flechas. Perfurado por todos os lados com flechas afiadas pelo filho de Drona, Bhimasena parecia brilhante naquela batalha como o próprio Sol com seus raios. O filho de Pandu então, cobrindo o filho de Drona com 1.000 flechas bem dirigidas, proferiu um rugido leonino. Desviando com suas próprias flechas as flechas de seu inimigo naquela batalha, o filho de Drona, ó rei, como se sorrindo, então atingiu o Pandava na testa com uma flecha do comprimento de uma jarda. O filho de Pandu levou aquela flecha em sua testa assim como o rinoceronte orgulhoso, ó rei, na floresta

leva seu chifre. O valente Bhima, então, naquela batalha como se sorrindo todo o tempo, atingiu o filho de Drona que se esforçava na testa com três flechas do comprimento de uma jarda. Com aquelas três flechas fincadas em sua testa, aquele Brahmana parecia belo como uma montanha de três picos lavada com água na estação das chuvas. O filho de Drona então afligiu o Pandava com centenas de flechas, mas fracassou em fazê-lo tremer como o vento fracassando em sacudir a montanha. Similarmente o filho de Pandu, cheio de alegria, não pode naquela batalha fazer tremer o filho de Drona com suas centenas de flechas afiadas como torrentes de chuva fracassando em abalar uma montanha. Encobrindo um ao outro com chuvas de flechas terríveis aqueles dois grandes guerreiros em carros, aqueles dois heróis, dotados de poder feroz, brilhavam resplandecentes naqueles dois dos carros principais deles. Então eles pareciam com dois Sóis ardentes surgidos para a destruição do mundo, e se empenharam em chamuscar um ao outro com seus raios representando flechas excelentes. Esforçando-se com grande cuidado para neutralizar os feitos um do outro na grande batalha, e realmente engajados em igualar feito por feito com chuvas de flechas muito destemidamente, aqueles dois principais dos homens se moveram rapidamente naquele combate como um par de tigres. Ambos invencíveis e terríveis, flechas constituíam suas presas e arcos suas bocas. Eles se tornaram invisíveis embaixo daquelas nuvens de flechas por todos os lados como o Sol e a Lua no firmamento encobertos por massas de nuvens. E então aqueles dois castigadores de inimigos logo ficaram visíveis e resplandeceram como Marte e Mercúrio livres de telas nubladas. Então naquele instante durante a continuação daquela batalha terrível, o filho de Drona colocando Vrikodara à sua direita, despejou centenas de flechas ardentes sobre ele como nuvens despejando torrentes de chuva sobre uma montanha. Bhima, no entanto, não pode tolerar aquela indicação de triunfo de seu inimigo. O filho de Pandu, ó rei, daquela mesma posição à direita de Ashvatthama, começou a neutralizar as façanhas do último. Seus carros continuando a rodar em volta de diversas maneiras e avançar e recuar (de acordo com as exigências da situação), a batalha entre aqueles dois leões entre homens tornou-se muito furiosa. Movendo-se rapidamente de diversas maneiras, e (executando) manobras circulares, eles continuaram a atacar um ao outro com flechas disparadas de seus arcos esticados até sua mais completa extensão. E cada um fez os maiores esforços para realizar a destruição do outro. E cada um deles desejava fazer o outro ficar sem carro naquela batalha. Então aquele guerreiro em carro, o filho de Drona, invocou muitas armas poderosas. O filho de Pandu, no entanto, naquela batalha, com suas próprias armas, neutralizou todas aquelas armas de seu inimigo. Então, ó monarca, lá teve lugar um combate terrível de armas, como o confronto terrível de planetas no tempo da dissolução universal. Aquelas flechas, ó Bharata, disparadas por eles, entrando em colisão, iluminavam todos os pontos do horizonte e tuas tropas também por toda parte. Coberto com enxames de setas, o céu assumiu um visão terrível, semelhante ao que acontece, ó rei, na hora da dissolução universal, quando ele é coberto com meteoros caindo. Do choque de flechas, ó Bharata, fogo era gerado lá com faíscas e chamas ardentes. Aquele fogo começou a consumir ambos os exércitos. Siddhas, movendo-se lá, ó monarca, disseram essas palavras, 'Ó senhor, essa batalha é a mais notável de todas as batalhas. Qualquer batalha (lutada antes)

não alcança nem uma décima sexta parte desta. Uma batalha semelhante a esta nunca ocorrerá outra vez. Ambas essas pessoas, isto é, este Brahmana e este Kshatriya, são dotados de conhecimento. Ambos são possuidores de coragem, e ambos são ferozes em bravura. Terrível é o poder de Bhima, e extraordinária é a habilidade do outro em armas. Quão grande é sua energia e quão admirável é a habilidade possuída por ambos! Ambos permanecem nessa batalha como dois Yamas destruidores do universo no fim do Yuga. Eles são nascidos como dois Rudras ou como dois Sóis. Esses dois tigres entre homens, ambos dotados de formas terríveis, são como dois Yamas nessa batalha.' Tais eram as palavras dos Siddhas ouvidas lá todo momento. E entre os habitantes reunidos do céu lá se ergueu um rugido leonino. Contemplando os feitos surpreendentes e inconcebíveis dos dois guerreiros naquela batalha, as multidões densas de Siddhas, e Charanas estavam cheias de admiração. E os deuses, os Siddhas, e os grandes Rishis aplaudiram os dois dizendo, 'Excelente, ó poderosamente armado filho de Drona. Excelente, ó Bhima.' Enquanto isso aqueles dois heróis, naquela batalha, ó rei, tendo feito ferimentos um no outro, olhavam um para o outro com olhos rolando de raiva. Com olhos vermelhos de raiva, seus lábios também tremiam de raiva. E eles rangiam seus dentes em cólera e mordiam seus lábios. E aqueles dois grandes guerreiros em carros cobriram um ao outro com chuvas de flechas, como se eles fossem naquela batalha duas massas de nuvens que despejavam torrentes de flechas como chuva e que brilhavam com armas constituindo seus relâmpagos. Tendo perfurado os estandartes e motoristas um do outro naquela grande batalha, e tendo também perfurado os cavalos um do outro, eles continuaram a atacar um ao outro. Então, ó monarca, cheios de raiva, eles pegaram naquele combate aterrador duas flechas, e cada um desejoso de matar o outro atirou rapidamente em seu inimigo. Aquelas duas flechas brilhantes, irresistíveis e dotadas da força do trovão, alcançando, ó rei, os dois guerreiros quando eles permaneciam na dianteira de suas respectivas divisões, atingiram ambos. Cada um dos dois combatentes poderosos então profundamente atingido por aquela flecha caiu no terraço de seu respectivo carro. Percebendo que o filho de Drona estava inconsciente, seu motorista então o levou para longe do campo de batalha, ó rei, diante de todas as tropas. Similarmente, ó rei, o motorista de Bhima levou para longe do campo de batalha em seu carro o filho de Pandu, aquele opressor de inimigos, que estava repetidamente caindo em um desmaio.'"

16

"Dhritarashtra disse, 'Descreva para mim a batalha de Arjuna com os Samsaptakas, e dos outros reis com os Pandavas. Narre para mim também, ó Sanjaya, a batalha de Arjuna com Ashvatthama, e dos outros senhores da Terra com Partha.'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, enquanto eu falo para ti como ocorreu a batalha dos guerreiros heróicos (do nosso lado) com o inimigo, a batalha a qual foi destrutiva de corpos, pecados, e vidas. Aquele matador de inimigos, isto é, Partha, penetrando no exército Samsaptaka que parecia o oceano, agitou-o muito, como

uma tempestade agitando o mar vasto. Cortando com flechas de cabeça larga de gumes afiados as cabeças de bravos guerreiros que eram ornadas com rostos possuidores do esplendor da lua cheia e com olhos e sobrancelhas e dentes belos, Dhananjaya rapidamente fez a Terra ser coberta lá como se com lotos, arrancados de seus caules. E naquela batalha Arjuna com suas flechas de cabeça de navalha cortava os braços de seus inimigos, que eram todos bem arredondados, grandes e massivos, e cobertos com pasta de sândalo e outros perfumes, com armas em punho, com luvas de couro envolvendo seus dedos, e parecendo com cobras de cinco cabeças. E o filho de Pandu cortava repetidamente com suas flechas de cabeça larga cavalos, cavaleiros, motoristas, e bandeiras, e arcos e flechas, e braços enfeitados com pedras preciosas. E Arjuna naquela batalha, ó rei, com muitos milhares de flechas, despachava para a residência de Yama guerreiros em carros e elefantes e cavalos e cavaleiros. Muitos dos principais guerreiros, cheios de fúria e rugindo como touros loucos (como eles) com excitação por uma vaca no cio, avançaram em direção a Arjuna, com gritos altos. Todos eles então começaram a atacar Arjuna com suas flechas enquanto o último estava empenhado em matá-los, como touros enfurecidos atacando um de sua espécie com seus chifres. A batalha que ocorreu entre ele e eles foi de arrepiar os cabelos, assim como a batalha entre os Daityas e o manejador do raio na ocasião da conquista dos três mundos. Resistindo com suas próprias armas às armas de seus inimigos por todos os lados, Arjuna, perfurando-os rapidamente com flechas incontáveis, tirava suas vidas. Como o vento destruindo vastas massas de nuvens, Arjuna, também chamado Jaya, aquele aumentador dos temores de seus inimigos, cortando em fragmentos miúdos grandes multidões de carros, carros, isto é, cujos postes, rodas, e eixos tinham sido anteriormente despedaçados por ele, e cujos guerreiros e cavalos e motoristas tinham sido mortos antes, e cujas armas e aljavas tinham sido tiradas de seus lugares, e estandartes derrubados, e tirantes e rédeas partidos, e cercados de madeira e flechas já quebrados, e enchendo todo mundo de admiração, realizou façanhas magníficas de se contemplar e rivalizando aquelas de 1.000 grandes guerreiros em carros lutando juntos. Multidões de Siddhas e Rishis celestes e Charanas todos o aplaudiram. E timbales celestes soaram, e chuvas florais caíram sobre as cabeças de Keshava e Arjuna. E uma voz incorpórea disse, 'Esses, isto é, Keshava e Arjuna, são aqueles dois heróis que sempre possuem a beleza da lua, o esplendor do fogo, a força do vento e o brilho do sol. Posicionados no mesmo carro esses dois heróis são invencíveis assim como Brahman e Isana. Esses dois heróis, as mais notáveis de todas as criaturas, são Nara e Narayana.' Ouvindo e vendo essas coisas extraordinárias, ó Bharata, Ashvatthama, com grande cuidado e resolução, avançou contra Krishna e Arjuna naquela batalha. Com seu braço que segurava uma flecha em seu punho, o filho de Drona cumprimentou o Pandava, disparando flechas equipadas com cabeças matadoras de inimigos, e sorridente disse a ele essas palavras, 'Se, ó herói, tu me consideras um convidado digno chegado (diante de ti), então me dê hoje, com todo o coração, a hospitalidade da batalha.' Assim convocado pelo filho do preceptor pelo desejo de batalha, Arjuna se considerou muito honrado, e dirigindo-se a Janardana disse, 'Os Samsaptakas devem ser mortos por mim, mas o filho de Drona está me convocando novamente. Diga-me, ó Madhava, para qual

desses deveres eu devo me dirigir primeiro? Que os serviços de hospitalidade sejam oferecidos primeiro, se tu achares que isso é apropriado.' Assim endereçado, Krishna levou Partha que tinha sido convocado segundo as regras de desafio triunfante para a vizinhança do filho de Drona, como Vayu levando Indra ao sacrifício. Saudando o filho de Drona cuja mente estava fixa em uma coisa, Keshava disse a ele, 'Ó Ashvatthama, fique calmo, e sem perder um momento ataque e resista. Chegou a hora para aqueles que são dependentes de outros pagarem a dívida para seus patrões. As disputas entre brahmanas são sutis. As consequências, no entanto, das disputas de Kshatriyas são palpáveis, sendo ou vitória ou derrota. Para obter aqueles ritos excelentes de hospitalidade os quais por insensatez tu solicitaste das mãos de Partha, lute friamente agora com o filho de Pandu.' Assim endereçado por Vasudeva, aquele principal dos regenerados respondeu dizendo, 'Assim seja!' e perfurou Keshava com sessenta flechas e Arjuna com três. Arjuna então, cheio de raiva, cortou o arco de Ashvatthama com três flechas. O filho Drona pegou outro arco que era ainda mais formidável. Encordoando-o num piscar de olhos, ele perfurou Arjuna e Keshava, o último com trezentas flechas, e o primeiro com 1.000. E então o filho de Drona, com muito cuidado, pasmando Arjuna naquela batalha, disparou milhares e dezenas de milhares e milhões de flechas. Das aljavas, do arco, da corda do arco, dos dedos, dos braços, das mãos, do peito, do rosto, do nariz, dos olhos, das orelhas, da cabeça, dos membros, dos poros do corpo, da armadura em seu corpo, do carro, e do estandarte, ó majestade, daquele pronunciador de Brahma, flechas começaram a sair. Perfurando Madhava e o filho de Pandu com a grossa chuva de flechas, o filho de Drona cheio de alegria rugiu alto como uma massa vasta de nuvens reunidas. Ouvindo aquele rugido dele, o filho de Pandu disse para Keshava de glória imperecível essas palavras: 'Veja, ó Madhava, essa perversidade em direção a mim do filho do preceptor. Ele nos considera como mortos, tendo nos coberto com sua chuva densa de flechas. Eu logo irei, no entanto, por minha instrução e poder, frustrar o propósito dele.' Cortando cada uma daquelas flechas disparadas por Ashvatthama em três fragmentos, aquele principal da linhagem de Bharata destruiu todas elas como o Sol destruindo uma neblina densa. Depois disso o filho de Pandu perfurou novamente, com suas flechas ardentes, os Samsaptakas com seus corcéis, motoristas, carros, elefantes, bandeiras e soldados de infantaria. Cada um daqueles que permaneciam lá como espectadores, cada um daqueles que estavam posicionados lá a pé ou em carro ou cavalo ou elefante, se considerou como encoberto pelas flechas de Arjuna. Disparadas do Gandiva, aquelas flechas aladas de diversas formas mataram naquela batalha elefantes e cavalos e homens posicionados em sua frente imediata ou na distância de duas milhas. As trombas, cortadas com flechas de cabeça larga, de elefantes, abaixo de cujas bochechas e outros membros fluía o suco indicativo de excitação, caíam como árvores altas na floresta derrubadas com o machado. Um pouco depois caíam os elefantes, enormes como morros pequenos, com seus condutores, como montanhas despedaçadas por Indra com seu raio. Com suas flechas cortando em partes minúsculas carros bem equipados que pareciam com edifícios de vapor se dissolvendo no céu noturno e aos quais estavam unidos corcéis bem treinados de grande velocidade e que eram dirigidos por guerreiros invencíveis em batalha, o filho de Pandu continuou a despejar suas

flechas sobre seus inimigos. E Dhananjaya continuou a matar cavaleiros bem enfeitados e soldados de infantaria do inimigo. De fato, Dhananjaya, parecendo o próprio Sol como ele se ergue no fim do Yuga, secou o oceano Samsaptaka que não podia ser secado facilmente, por meio de flechas afiadas constituindo seus raios. Sem perder um momento, o filho de Pandu perfurou mais uma vez o filho de Drona parecendo uma colina enorme, com flechas de grande impetuosidade e o esplendor do Sol, como o manejador do raio perfurando uma montanha com o trovão. Desejoso de lutar, o filho do preceptor então, cheio de raiva, aproximou-se de Arjuna para perfurar a ele e seus corcéis e motorista por meio de suas flechas de curso rápido. Arjuna, no entanto, cortou rapidamente as flechas disparadas nele por Ashvatthama. O filho de Pandu então cheio de grande ira ofereceu para Ashvatthama, aquele convidado desejável, aljavas sobre aljavas de flechas, como uma pessoa caridosa oferecendo tudo em sua casa para um convidado. Deixando os Samsaptakas então o filho de Pandu avançou em direção ao filho de Drona como um doador abandonado convidados indignos, para preceder em direção a um que é digno.'"

17

"Sanjaya disse, 'Então ocorreu aquela luta entre Arjuna e Ashvatthama parecendo os planetas Shukra e Brihaspati em esplendor, como a batalha entre Shukra e Brihaspati no firmamento para entrar na mesma constelação. Afligindo um ao outro com flechas ardentes que constituíam seus raios, aqueles terrificantes do mundo se posicionaram como dois planetas ambos se desviando de suas órbitas. Então Arjuna perfurou profundamente Ashvatthama com uma flecha no meio de suas sobrancelhas. Com aquela flecha o filho de Drona parecia resplandecente como o Sol com raios ascendentes. Os dois Krishnas (Nara e Narayana), também profundamente afligidos por Ashvatthama com centenas de flechas, pareciam com dois Sóis no fim do Yuga, brilhantes com seus próprios raios. Então quando Vasudeva parecia estar entorpecido, Arjuna disparou uma arma da qual emergiram torrentes de flechas para todos os lados. E ele atingiu o filho de Drona com inúmeras flechas, cada uma parecendo o trovão ou fogo ou o cetro da Morte. Dotado de energia imensa, aquele realizador de façanhas terríveis, (Ashvatthama) então perfurou ambos Keshava e Arjuna com flechas bem disparadas as quais eram inspiradas com grande impetuosidade e atingidas pelas quais a própria Morte sentiria dor. Detendo as flechas do filho de Drona, Arjuna o cobriu com duas vezes tantas flechas equipadas com asas vistosas, e encobrindo aquele principal dos heróis e seus corcéis e motorista e bandeira, começou a atacar os Samsaptakas. Com suas flechas bem disparadas Partha começou a cortar arcos e aljavas e cordas de arcos e mãos e braços e armas firmemente agarradas e guarda-sóis e estandartes e cavalos e varais de carros e mantos e guirlandas florais e ornamentos e cotas de malha e escudos bonitos e cabeças belas, em grande número, de seus inimigos que não recuavam. Carros bem equipados e corcéis e elefantes, guiados por heróis lutando com grande cautela, foram destruídos pelas centenas de flechas disparadas por Partha e caíam junto com os heróis que os montavam. Cortadas por flechas de cabeça larga e em

forma de meia-lua e flechas de face de navalha, cabeças humanas, parecendo o lótus, o Sol, ou a Lua cheia em beleza e resplandecentes com diademas e colares e coroas, caíam incessantemente sobre o solo. Então os heróis Kalinga, os Vangas, e os Nishadas, montados em elefantes que pareciam em esplendor o elefante do grande inimigo dos Daityas, avançaram com velocidade contra o suprimidor do orgulho dos Danavas, o filho de Pandu, pelo desejo de matá-lo. Partha cortou os membros vitais, as trombas, os condutores, os estandartes, e os pendões daqueles elefantes, após o que aqueles animais caíram como topos de montanha partidos pelo raio. Quando aquele exército de elefantes estava dividido, o enfeitado com diadema Arjuna cobriu o filho de seu preceptor com flechas dotadas do esplendor do sol recém subido, como o vento cobrindo o Sol nascente com massas de nuvens reunidas. Detendo com suas próprias flechas aquelas de Arjuna, o filho de Drona encobrindo ambos Arjuna e Vasudeva com suas flechas deu um rugido alto, como uma massa de nuvens no fim do verão depois de encobrir o Sol ou a Lua no céu. Profundamente afligido por aquelas flechas, Arjuna, mirando suas armas em Ashvatthama e naqueles seguidores dele pertencentes ao exército, dissipou depressa aquela escuridão causada pelas flechas de Ashvatthama, e perfurou todos eles com flechas equipadas com asas vistosas. Naquela batalha ninguém podia ver quando Savyasaci pegava suas flechas, quando ele as apontava, e quando ele as disparava. Tudo o que podia ser visto era que elefantes e corcéis e soldados de infantaria e guerreiros em carros, atingidos pelas flechas dele, caíam privados de vida. Então o filho de Drona sem perder um momento, apontando dez principais das flechas, disparou-as rapidamente como se elas formassem uma única flecha. Disparadas com grande força, cinco delas perfuraram Arjuna e as outras cinco perfuraram Vasudeva. Atingidos por aquelas flechas, aqueles dois principais dos homens, como Kuvera e Indra, ficaram banhados em sangue. Assim afligidos, todas as pessoas lá consideraram aqueles dois heróis como mortos por Ashvatthama, o guerreiro que tinha dominado completamente a ciência de armas. Então o chefe dos Dasharhas dirigiu-se a Arjuna e disse, ‘Por que tu erras em poupar Ashvatthama dessa maneira? Mate esse guerreiro. Se tratado com indiferença, ele mesmo será a causa de grande desgraça, como uma doença que não se procura eliminar por tratamento.’ Respondendo para Keshava de glória imperecível com as palavras ‘Assim seja!’ Arjuna de mente desanuviada começou com muito cuidado a mutilar o filho de Drona com suas flechas. Imediatamente o filho de Pandu, cheio de raiva, perfurou rapidamente os braços massivos, cobertos com pasta de sândalo, e o peito, a cabeça, e as coxas incomparáveis de seu oponente com flechas equipadas com cabeças como as orelhas das cabras, e disparadas com grande força do Gandiva. Então cortando os tirantes dos cavalos de Ashvatthama, Arjuna começou a perfurar os próprios corcéis, pelo que os últimos levaram Ashvatthama a uma grande distância do campo. Assim levado para longe por aqueles corcéis dotados da velocidade do vento, o filho inteligente de Drona, profundamente atormentado pelas flechas de Partha, refletindo por algum tempo, não desejou voltar e renovar o combate com Partha. Sabendo que a vitória está sempre com o chefe dos Vrishnis e com Dhananjaya, aquele mais notável da linhagem de Angirasa, dotado de grande energia, entrou no exército de Karna, privado de esperança e com flechas e armas quase esgotadas. De fato, o filho de Drona,

reprimindo seus corcéis, e tendo se confortado um pouco, ó senhor, entrou no exército de Karna, abundando em carros e corcéis e homens. Depois que Ashvatthama, aquele inimigo deles, tinha sido assim retirado do campo por seus corcéis como uma doença removida do corpo por encantamentos e remédios e recursos, Keshava e Arjuna procederam em direção aos Samsaptakas, em seu carro cujo estrépito parecia o ribombo das nuvens e cujo estandarte ondulava ao vento.'"

18

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso perto da parte norte do exército Pandava, um tumulto alto ergueu-se de carros e elefantes e cavalos e soldados de infantaria enquanto aqueles estavam sendo massacrados por Dandadhara. Virando a direção do carro, mas sem parar os corcéis que eram tão rápidos quanto Garuda ou o vento, Keshava, dirigindo-se a Arjuna, disse, 'O chefe dos Magadhas, com seu elefante (esmagador de inimigos) é inigualável em bravura. Em instrução e poder ele não é inferior ao próprio Bhagadatta. Tendo matado ele primeiro, tu irás então matar os Samsaptakas.' Na conclusão de suas palavras, Keshava levou Partha à presença de Dandadhara. O chefe dos Magadhas, inigualável no manuseio do gancho de elefante assim como o planeta Ketu sem cabeça (é inigualável) entre todos os planetas, estava destruindo o exército hostil como um cometa ardente destruindo a terra inteira. Montado em seu elefante matador de inimigos e bem equipado que parecia com o Davana com rosto e forma de elefante, e cujo rugido parecia aquele de uma massa reunida de nuvens, Dandadhara estava destruindo com suas flechas milhares de carros e cavalos e elefantes e homens. Os elefantes também, pisando sobre carros com seus pés, prensavam no chão um grande número de homens com seus corcéis e motoristas. Muitos eram os elefantes, também, que aquele principal dos elefantes esmagava e matava com seus dois pés dianteiros e tromba. De fato, o animal se movia como a roda da Morte. Matando homens adornados com cotas de malha de aço, junto com seus cavalos e soldados de infantaria, o chefe dos Magadhas os fazia serem prensados na terra, como juncos grossos prensados com sons estalantes, por meio daquele poderoso e principal dos elefantes pertencente a ele. Então Arjuna, sobre aquele principal dos carros, avançou rapidamente em direção àquele príncipe de elefantes no meio daquela hoste abundando em milhares de carros e corcéis e elefantes, e ressoando com o som e clangor de inúmeros pratos e baterias e conchas e barulhenta com o estrépito de rodas de carros, a vibração de cordas de arco, e o som de palmas. Impassível Dandadhara perfurou Arjuna com uma dúzia de flechas principais e Janardana com dezesseis e cada um dos cavalos com três, e então proferiu um grito alto e deu risada repetidamente. Então Partha, com diversas flechas de cabeça larga, cortou o arco de seu antagonista com sua corda e flecha fixada nela, como também seu estandarte bem enfeitado, e então os guias de seu animal e os homens a pé que protegiam o animal. Nisso, o senhor de Girivraja ficou cheio de raiva. Desejoso de agitar Janardana com aquele seu elefante, cujas têmporas tinham se partido de excitação, e que parecia uma massa de nuvens e era dotado da velocidade do vento, Dandadhara atacou

Dhananjaya com muitas lanças. O filho de Pandu então, com três flechas de cabeça de navalha, cortou, quase no mesmo instante de tempo, os dois braços, cada um parecendo com a tromba de um elefante, e então a cabeça, parecendo a lua cheia, de seu inimigo. Então Arjuna atingiu o elefante daquele adversário com centenas de setas. Coberto pelas setas enfeitadas com ouro de Partha, aquele elefante equipado com armadura dourada parecia tão resplandecente como uma montanha à noite com suas ervas e árvores queimando em um incêndio. Afligido pela dor e rugindo como uma massa de nuvens, e extremamente enfraquecido, o elefante gritando e vagando e correndo com passos cambaleantes, caiu com a guia em seu pescoço, como um topo de montanha partido pelo raio. Após a queda de seu irmão em batalha, Danda avançou contra o irmão mais novo de Indra e Dhananjaya, desejoso de matá-los, em seu elefante branco como neve e adornado com ouro e parecendo com um topo Himalayan. Danda atingiu Janardana com três lanças afiadas brilhantes como os raios do sol, e Arjuna com cinco, e proferiu um grito alto. O filho de Pandu então proferindo um grito alto cortou os dois braços de Danda. Cortados por meio de flechas de cabeça de navalha, aqueles dois braços, cobertos com pasta de sândalo, adornados com angadas, e com lanças em punho, quando eles caíram das costas do elefante no mesmo instante de tempo, pareciam resplandecentes como um par de cobras grandes de grande beleza caindo de um topo de montanha. Cortada com uma flecha em forma de meia-lua pelo ornado com diadema (Partha), a cabeça também de Danda caiu no chão das costas do elefante, e coberta com sangue ela parecia resplandecente quando ela jazia como o sol caído da montanha Asta perto do quadrante oeste. Então Partha perfurou com muitas flechas excelentes brilhantes como os raios do sol aquele elefante de seu inimigo, parecendo uma massa de nuvens brancas depois do que ele caiu com um barulho como um topo Himalayan partido pelo trovão. Então outros elefantes enormes capazes de obter vitória e parecendo os dois já mortos, foram cortados por Savyasaci, naquela batalha, assim como os dois (pertencentes à Danda e Dandadhara) tinham sido cortados. Nisso o vasto exército hostil se dividiu. Então elefantes e carros e cavalos e homens, em multidões densas, se chocaram uns contra os outros e caíram no campo. Cambaleando, eles atingiam uns aos outros violentamente e caíam privados de vida. Então seus soldados, cercando Arjuna como os celestiais cercando Purandara, começaram a dizer, 'Ó herói, aquele inimigo de quem nós estávamos com muito medo como as criaturas à vista da própria Morte, por boa sorte foi morto por ti. Se tu não tivesses protegido daquele temor aquelas pessoas que eram tão profundamente afligidas por inimigos poderosos, então nesse momento nossos inimigos estariam sentindo aquela alegria que nós agora sentimos por sua morte, ó matador de inimigos.' Ouvindo essas e outras palavras proferidas por amigos e aliados, Arjuna, com o coração alegre, reverenciou aqueles homens, cada um segundo seu merecimento, e procedeu novamente contra os Samsaptakas. '"

19

"Sanjaya disse, 'Movendo-se em círculos, como o planeta Mercúrio na curvatura de sua órbita, Jishnu (Arjuna) mais uma vez matou grande número dos Samsaptakas. Atormentados pelas flechas de Partha, ó rei, homens, corcéis, e elefantes, ó Bharata, tremeram e se surpreenderam e perderam cor e caíram e morreram. Muitos dos animais principais amarrados a cangas e motoristas e bandeiras, e arcos, e flechas e mãos e armas em punho, e braços, e cabeças, de inimigos heróicos lutando com ele, o filho de Pandu cortou naquela batalha, com flechas, algumas das quais eram de cabeça larga, algumas equipadas com cabeças como navalhas, algumas em forma de meia-lua, e algumas providas de cabeças como o dente do bezerro. Como touros lutando com um touro por causa de uma vaca no cio, bravos guerreiros às centenas e milhares cercaram Arjuna. A batalha que ocorreu entre eles e ele foi de arrepiar os cabelos como o combate entre os Daityas e Indra, o manejador do raio na ocasião da conquista dos três mundos. Então o filho de Ugrayudha perfurou Partha com três flechas parecendo três cobras venenosas. Partha, no entanto, cortou do tronco de seu inimigo a cabeça do último. Então aqueles guerreiros, cheios de raiva, cobriram Arjuna de todos os lados com diversas espécies de armas como as nuvens impelidas pelos Maruts cobrindo Himavat no fim do verão. Reprimindo com suas próprias armas aquelas de seus inimigos em todos os lados, Arjuna matou um grande número de seus inimigos com flechas bem disparadas. Com suas flechas Arjuna então cortou os Trivenus, os cavalos, os motoristas, e os motoristas parshni de muitos carros, e deslocou as armas e aljavas de muitos, e privou muitos de suas rodas e estandartes, e rompeu as cordas, os tirantes e os eixos de muitos, e destruiu os fundos e cangas de outros, e fez todo o equipamento de muitos cair de seus lugares. Aqueles carros, assim destruídos e danificados por Arjuna em grandes números, pareciam com as mansões luxuosas dos ricos destruídas por fogo, vento, e chuva. Elefantes, seus membros vitais perfurados por flechas parecendo raios em impetuosidade, caíam como mansões em cumes de montanha derrubadas por explosões de relâmpago. Grandes números de corcéis com seus cavaleiros, atingidos por Arjuna, caíam no chão, suas línguas e entranhas forçadas para fora, eles mesmos privados de força e banhados em sangue, e apresentando uma vista horrível. Homens e cavalos e elefantes, perfurados por Savyasaci (Arjuna) com suas flechas, se surpreenderam e cambalearam e caíram e proferiram gritos de dor e pareciam pálidos, ó majestade. Como Mahendra atingindo os Danavas, Partha prostrou grande número de seus inimigos, por meio de flechas afiadas em pedra e parecendo o raio ou veneno em capacidade de causar a morte. Bravos guerreiros, equipados em cotas de malha caras e enfeitados com ornamentos e armados com diversos tipos de armas, jaziam no campo, com seus carros e estandartes, mortos por Partha. Subjugadas (e privadas de vida) pessoas de atos virtuosos, possuidoras de nascimento nobre e grande conhecimento, procediam para o céu por consequência daqueles feitos gloriosos delas enquanto seus corpos somente jaziam sobre a Terra. Então o chefe, pertencente ao teu exército, de vários reinos, cheio de ira e acompanhado por seus seguidores, avançou contra Arjuna, aquele principal dos guerreiros em

carros. Guerreiros levados em seus carros e cavalos e elefantes, e soldados de infantaria também, todos desejosos de matar (Arjuna), avançaram em direção a ele, disparando diversas armas com grande velocidade. Então Arjuna como o vento, por meio de flechas afiadas, destruiu aquela chuva grossa de armas derramada por aqueles guerreiros constituindo uma massa de nuvens reunidas. As pessoas então viram Arjuna cruzando aquele oceano sem balsa constituído por corcéis e soldados de infantaria e elefantes e carros, e tendo armas poderosas como suas ondas, sobre uma ponte constituída por suas próprias armas poderosas de ataque e defesa. Então Vasudeva, dirigindo-se a Partha, disse, 'Por que, ó impecável, tu brincas dessa maneira? Subjugando esses Samsaptakas, te apresse para matar Karna.' Dizendo, 'Assim seja' para Krishna, Arjuna então, atacando violentamente o resto dos Samsaptakas com suas armas, começou a destruí-los como Indra destruindo os Daityas. Naquela hora, mesmo com a mais perfeita atenção, os homens não podiam notar quando Arjuna tirava suas flechas, quando ele as apontava e quando ele as disparava rapidamente. O próprio Govinda, ó Bharata, considerou isso admirável. Como cisnes mergulhando em um lago as flechas de Arjuna, brancas e ativas como cisnes, penetravam no exército hostil. Então Govinda, observando o campo de batalha durante a continuação daquela carnificina, disse essas palavras para Savyasaci, 'Aqui, ó Partha, só por causa de Duryodhana, ocorre essa grande e terrível destruição dos Bharatas e outros reis da Terra. Veja, ó filho de Bharata, esses arcos, com versos dourados, de muitos arqueiros poderosos, e estes cintos e aljavas soltos de seus corpos. Veja essas flechas retas equipadas com asas de ouro, e essas flechas longas lavadas com óleo e parecendo com cobras livres de suas peles. Veja essas belas lanças decoradas com ouro jazendo espalhadas em volta, e essas cotas de malha, ó Bharata, adornadas com ouro e caídas dos corpos dos guerreiros. Veja esses arpões embelezados com ouro, esses dardos ornados com o mesmo metal, e essas maças enormes enroladas com fios de ouro, e cordas de cânhamo. Veja essas espadas decoradas com ouro brilhante e esses machados adornados com o mesmo, e esses machados de batalha equipados com cabos ornados com ouro. Veja também essas clavas com pontas, essas flechas curtas, esses Bhusundis, e esses Kanapas; esses Kuntas de ferro espalhados, e esses Mushalas pesados. Esses guerreiros ansiosos pela vitória dotados de grande energia e armados com diversas armas, embora mortos, ainda parecem estar vivos. Contemple aqueles milhares de guerreiros, seus membros esmagados por maças, e cabeças partidas com Mushalas ou quebradas e pisadas por elefantes e cavalos e carros. Ó matador de inimigos, o campo de batalha está coberto com os corpos de homens e elefantes e corcéis, privados de vida, terrivelmente mutilados por flechas e dardos e espadas e lanças e cimitarras e machados e arpões e Nakharas e cacetes, e banhados em rios de sangue. Coberta com braços cobertos com pasta de sândalo e enfeitados com Angadas e agraciados com indicações auspiciosas e envolvidos em proteções de couro e adornada com Keyuras, a terra parece resplandecente, ó Bharata. Coberta também com mãos tendo dedos envolvidos em proteções, enfeitadas com ornamentos, e cortadas de braços, e com coxas cortadas parecidas com trombas de elefantes, de heróis dotados de grande energia e com cabeças adornadas com brincos e proteções para a cabeça ornamentadas com pedras preciosas, (a terra parece muito bela). Veja aqueles

carros belos, decorados com sinos dourados, quebrados de diversas maneiras. Veja aqueles numerosos corcéis banhados em sangue, aqueles fundos de carros e aljavas compridas, e diversos tipos de bandeiras e estandartes e aquelas conchas enormes, dos combatentes, e aqueles rabos de iaque perfeitamente brancos, e aqueles elefantes com línguas para fora e jazendo sobre o campo como colinas, e com aqueles belos estandartes triunfais, e aqueles guerreiros em elefantes mortos, e aquelas cobertas valiosas, cada uma consistindo em um pedaço de cobertor, nas costas daqueles animais enormes, e aqueles cobertores belos e variados e rasgados, e aqueles numerosos sinos soltos dos corpos de elefantes e quebrados em fragmentos por aquelas criaturas caindo, e aqueles ganchos com cabos cravejados com pedras lápis lazúli caídos sobre o solo, e aquelas cangas ornamentais de corcéis, e aquelas armaduras cravejadas com diamantes em seus peitos e aqueles ricos tecidos, enfeitados com ouro e atados às extremidades das bandeiras levadas por cavaleiros, e aqueles cobertores matizados e mantas e peles Ranku, enfeitados com pedras preciosas brilhantes e embutidos com ouro, para as costas de cavalos e caídos no chão, e aqueles grandes diamantes adornando as proteções para a cabeça de reis, e aqueles colares belos de ouro, e aqueles guarda-sóis deslocados de suas posições, e aqueles rabos de iaque e leques. Veja a terra coberta com rostos adornados com brincos brilhantes como a lua ou estrelas, e embelezados com barbas bem cortadas, e cada um parecendo com a lua cheia. A terra, coberta com aquelas faces parecendo com lírios e lotos, parece um lago adornado com um denso conjunto de lírios e lotos. Veja, o solo possuindo a refulgência da lua brilhante e diversificado como se com miríades de estrelas, parece com o firmamento outonal coberto com luzes estelares. Ó Arjuna, essas façanhas que tem sido realizadas por ti em grande batalha hoje são, de fato, dignas de ti ou do próprio chefe dos celestiais no céu.' Assim mesmo Krishna mostrou o campo de batalha para Arjuna. E enquanto retornando (do campo para seu acampamento), eles ouviram um barulho alto no exército de Duryodhana. De fato o tumulto que era ouvido consistia no clangor de conchas e na batida de pratos e baterias e Patahas e no estrépito de rodas de carro, o relincho de corcéis, o grunhido de elefantes, e o estridor violento de armas. Penetrando naquele exército pela ajuda de seus corcéis possuindo a velocidade do vento, Krishna ficou muito admirado ao ver o exército oprimido por Pandya. Como o próprio Yama matando criaturas cujas vidas acabaram, Pandya, aquele principal dos guerreiros hábil com flechas e armas, estava destruindo multidões de inimigos por meio de diversos tipos de flechas. Perfurando os corpos dos elefantes e corcéis e homens com flechas afiadas, aquele principal dos batedores os derrubava e privava de vida. Cortando com suas próprias flechas as diversas armas arremessadas nele por muitos dos inimigos principais, Pandya matava seus inimigos como Sakra (Indra) destruindo os Danavas.'"

20

"Dhritarashtra disse, 'Tu mencionaste para mim antes o nome de Pandya, aquele herói de celebridade mundial, mas seus feitos, ó Sanjaya, em batalha nunca foram narrados por ti. Fale-me hoje em detalhes da bravura daquele grande herói, sua habilidade, espírito, e energia, a medida de sua força, e seu orgulho.'"

"Sanjaya disse, 'Bhishma e Drona e Kripa e o filho de Drona e Karna e Arjuna e Janardana, aqueles mestres completos da ciência de armas, são considerados por ti como os principais dos guerreiros em carros. Saiba, no entanto, que Pandya se considerava superior a todos esses principais dos guerreiros em carros em energia. De fato ele nunca considerou qualquer um entre os reis como igual a ele mesmo. Ele nunca admitiu sua igualdade com Karna e Bhishma. Nem ele admitiu dentro de seu coração que ele era inferior em algum aspecto a Vasudeva ou Arjuna. Assim mesmo era Pandya, aquele mais notável dos reis, aquele principal dos manejadores de armas. Cheio de raiva como o próprio Destruidor, Pandya naquele momento estava massacrando o exército de Karna. Aquele exército, cheio de carros e corcéis e abundando com principais dos soldados de infantaria, atacado por Pandya, começou a rodar como a roda do ceramista. Como o vento dispersando uma massa de nuvens reunidas, Pandya, com suas setas bem disparadas, começou a dispersar aquele exército, destruindo seus cavalos e motoristas e bandeiras e carros e fazendo suas armas e elefantes caírem. Como o quebrador de montanhas derrubando montanhas com seu trovão, Pandya derrubava elefantes com seus condutores, tendo anteriormente cortado os estandartes e bandeiras e armas com as quais eles estavam armados, como também os soldados a pé que protegiam aqueles animais. E ele derrubava cavalos, e cavaleiros com seus dardos e lanças e aljavas. Mutilando com suas flechas os Pulindas, os Khasas, os Bahlikas, os Nishadas, os Andhakas, os Tanganas, os habitantes do Sul, e os Bhojas, todos os quais, dotados de grande coragem, não se rendiam e eram obstinados em batalha, e privando eles de suas armas e cotas de malha, Pandya os privava de suas vidas. Vendo Pandya destruindo com suas flechas em batalha aquela hoste consistindo em quatro tipos de tropas, o filho de Drona procedeu destemidamente em direção àquele guerreiro destemido. Dirigindo-se intrepidamente em palavras agradáveis àquele guerreiro que então parecia dançar em seu carro, o filho de Drona, aquele principal dos batedores, sorrindo, convocou-o e disse, 'Ó rei, ó tu de olhos como pétalas de lótus, teu nascimento é nobre e erudição grande. De poder e destreza célebres, tu pareces o próprio Indra. Esticando com teus dois braços massivos o arco segurado por ti e cuja corda larga está segura no teu aperto, tu pareces belo como uma massa de nuvens reunidas quando tu derramas sobre teus inimigos chuvas grossas de flechas impetuosas. Eu não vejo alguém salvo eu mesmo que possa ser um páreo para ti em batalha. Sozinho tu subjugaste numerosos carros e elefantes e soldados a pé e corcéis, como o leão destemido de força terrível oprimindo bandos de veados na floresta. Fazendo o céu e a Terra ressoar com o estrépito alto das rodas do teu carro tu pareces resplandecente, ó rei, como uma nuvem outonal destruidora de colheitas de rugidos altos. Tirando de tua aljava e disparando tuas flechas afiadas parecendo cobras de veneno virulento lute comigo

somente, como (o Asura) Andhaka lutando com a divindade de três olhos.' Assim endereçado, Pandya respondeu, 'Assim seja!' Então o filho de Drona, dizendo a ele 'Ataque!' atacou-o com vigor. Em retorno, Malayadhwaja perfurou o filho de Drona com uma flecha farpada. Então o filho de Drona, aquele melhor dos preceptores, sorrindo, atingiu Pandya com algumas flechas ardentes, capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais e parecendo chamas de fogo. Então Ashvatthama disparou novamente em seu inimigo algumas outras flechas largas providas de pontas afiadas e capazes de perfurar os próprios órgãos vitais, fazendo elas correrem pelo céu com os dez diferentes tipos de movimento. Pandya, no entanto, com nove flechas dele cortou todas aquelas flechas de seu antagonista. Com quatro outras flechas ele afligiu os quatros corcéis de seu inimigo, pelo que eles expiraram rapidamente. Tendo então, com suas flechas afiadas, cortado as flechas do filho de Drona, Pandya então cortou a corda esticada do arco de Ashvatthama, dotado do esplendor do sol. Então o filho de Drona, aquele matador de inimigos, encordoando seu arco não encordoado, e vendo que seus homens tinham enquanto isso unido rapidamente outros corcéis excelentes ao seu carro, disparou milhares de setas (em seu inimigo). Por isto, aquele regenerado encheu o céu inteiro e os dez pontos do horizonte com suas setas. Embora sabendo que aquelas flechas do filho de grande alma de Drona empenhado em atirar eram realmente inesgotáveis, ainda assim Pandya, aquele touro entre homens, cortou todas elas em pedaços. O adversário de Ashvatthama, cortando cuidadosamente todas aquelas flechas disparadas pelo último, então matou com suas próprias flechas afiadas os dois protetores das rodas do carro do último naquele combate. Vendo a agilidade de mão mostrada por seu inimigo, o filho de Drona, estirando seu arco a um círculo, começou a disparar suas flechas como uma massa de nuvens despejando torrentes de chuva. Durante aquele espaço de tempo, ó senhor, o qual consistiu somente na oitava parte de um dia, o filho de Drona disparou tantas flechas quanto eram carregadas em oito carroças cada uma puxada por oito bois. Quase todos aqueles homens que então contemplavam Ashvatthama, que naquela hora parecia o próprio Destruidor cheio de raiva, ou melhor, o Destruidor do Destruidor, perderam seus sentidos. Como uma massa de nuvens no fim do verão encharcando com torrentes de chuva a terra com suas montanhas e árvores, o filho do preceptor despejou naquela tropa hostil sua chuva de flechas. Frustrando com a arma Vayavya aquela chuva insuportável de flechas disparada pela nuvem Ashvatthama, o vento Pandya, cheio de alegria, proferiu rugidos altos. Então o filho de Drona cortando o estandarte, untado com pasta de sândalo e outros unguentos perfumados e portando o emblema da montanha Malaia sobre ele, de Pandya que rugia, matou os quatro cavalos do último. Matando então o motorista de seu inimigo com uma única flecha, e cortando com uma flecha em forma de meia-lua o arco também daquele guerreiro cujo som parecia o rugido das nuvens, Ashvatthama cortou o carro de seu inimigo em fragmentos miúdos. Detendo com armas aquelas de seu inimigo, e cortando todas as armas do último, o filho de Drona, embora ele obtivesse a oportunidade para fazer a seu inimigo o mal supremo, ainda não o matou, pelo desejo de lutar com ele por mais algum tempo. Enquanto isso Karna avançou contra a grande tropa de elefantes dos Pandavas e começou a desbaratá-la e destruí-la. Privando guerreiros em carros de seus carros, ele atingiu

elefantes e cavalos e guerreiros humanos, ó Bharata, com inúmeras flechas retas. Aquele arqueiro poderoso, o filho de Drona, embora ele tivesse feito Pandya, aquele matador de inimigos e principal dos guerreiros em carros, ficar sem carro, ele contudo não o matou pelo desejo de lutar. Naquele momento um enorme elefante sem condutor com presas grandes, bem equipado com todos os utensílios de guerra, andando com velocidade, dotado de grande força, rápido em proceder contra qualquer inimigo, atingido pelas flechas de Ashvatthama, avançou em direção a Pandya com grande impetuosidade, rugindo contra um igual hostil. Vendo aquele príncipe dos elefantes, parecendo com um topo de montanha fendido, Pandya, que conhecia bem o método de lutar do pescoço de um elefante, subiu rapidamente naquele animal como um leão pulando com um rugido alto para o cume de um topo de montanha. Então aquele senhor do príncipe das montanhas, batendo no elefante com o gancho, e inspirado com raiva, e com aquela atenção fria pela qual ele era famoso em lançar armas com grande força, rapidamente arremessou uma lança, brilhante como os raios de Surya, no filho do preceptor e proferiu um grito alto. Repetidamente gritando em alegria, 'Tu estás morto, tu estás morto!' Pandya (com aquela lança) quebrou em pedaços o diadema do filho de Drona adornado com a mais notável das jóias e diamantes da maior limpidez e do melhor tipo de ouro e tecido excelente e cordão de pérolas. Aquele diadema possuidor do esplendor do Sol, da Lua, dos planetas, ou do fogo, por causa da violência do golpe, caiu por terra, partido em fragmentos, como um topo de montanha fendido pelo raio de Indra, caindo na terra com grande barulho. Nisso, Ashvatthama se inflamou com muita ira como um príncipe das cobras atingido com o pé, e pegou quatorze flechas capazes de infligir grande dor em inimigos e cada uma parecendo a vara do Destruidor. Com cinco daquelas flechas ele cortou os quatros pés e a tromba do elefante de seu adversário, e com três os dois braços e a cabeça do rei, e com seis ele matou os seis poderosos guerreiros em carros, dotados de grande refulgência, que seguiam o rei Pandya. Aqueles braços longos e bem arredondados do rei, cobertos com excelente pasta de sândalo, e adornados com ouro e pérolas e pedras preciosas e diamantes caindo sobre a Terra, começaram a se contorcer como um par de cobras morto por Garuda. Aquela cabeça também, agraciada com um rosto claro como a Lua cheia, tendo um nariz proeminente e um par de olhos grandes, vermelho como cobre de raiva, adornado com brincos, caindo no chão, parecia resplandecente como a própria Lua entre duas constelações brilhantes. O elefante, assim cortado por aquele guerreiro habilidoso em seis pedaços com aquelas cinco flechas e o rei em quatro pedaços com aquelas três flechas jaziam divididos ao todo em dez pedaços que pareciam com a manteiga sacrifical distribuída em dez porções destinadas para as dez divindades. Tendo cortado numerosos cavalos e homens e elefantes em pedaços e oferecido eles como comida aos Rakshasas, o rei Pandya foi assim aquietado pelo filho de Drona com suas flechas como um fogo ardente em um crematório, extinguido com água depois de ter recebido uma libação na forma de um corpo sem vida. Então como o chefe dos celestiais alegremente reverenciando Vishnu depois da subjugação do Asura Vali, teu filho, o rei, acompanhado por seus irmãos aproximando-se do filho do preceptor adorou com grande respeito aquele guerreiro que era um mestre completo da ciência de armas, depois, de fato, que ele tinha completado a tarefa que ele tinha empreendido.'"

21

"Dhritarashtra disse, 'Quando Pandya tinha sido morto e quando aquele principal dos heróis, isto é, Karna estava empenhado em derrotar e destruir o inimigo, o que, ó Sanjaya, Arjuna fez em batalha? Aquele filho de Pandu é um herói dotado de grande força, atento aos seus deveres, e um perfeito mestre da ciência de armas. O próprio Sankara de grande alma o fez invencível entre todas as criaturas. Meus grandes temores procedem daquele Dhananjaya, aquele matador de inimigos. Conte-me, ó Sanjaya, tudo o que Partha realizou lá naquela ocasião.'"

"Sanjaya disse, 'Depois da queda de Pandya, Krishna rapidamente disse para Arjuna essas palavras benéficas, ‘Eu não vejo o Rei. Os outros Pandavas também se retiraram. Se os Parthas tivessem voltado, o vasto exército do inimigo teria sido dividido. No cumprimento dos propósitos nutridos por Ashvatthama, Karna está matando os Srinjayas. Uma grande carnificina está sendo feita (por aquele guerreiro) de cavalos e guerreiros em carros e elefantes.' Assim o heróico Vasudeva descreveu tudo para o ornado com diadema (Arjuna). Ouvindo a respeito e vendo aquele grande perigo de seu irmão (Yudhishthira), Partha dirigiu-se rapidamente a Krishna, dizendo, 'Incite os cavalos, ó Hrishikesha.' Então Hrishikesha prosseguiu naquele carro irresistível. O combate então que teve lugar novamente tornou-se extremamente violento. Os Kurus e os Pandavas se engalfinharam destemidamente mais uma vez uns com os outros, isso é, os Parthas encabeçados por Bhimasena e nós encabeçados pelo filho de Suta. Então, ó melhor dos reis, lá começou de novo uma batalha entre Karna e os Pandavas que aumentou a população do reino de Yama. Com arcos e flechas e maças com pontas e espadas e lanças e machados e clavas curtas e Bhushundis e dardos e espadins e machados de batalha e maças e arpões e Kuntas polidos, e flechas curtas e ganchos, os combatentes rapidamente caíram uns sobre os outros, desejosos de tirar a vida uns dos outros. Enchendo o céu, os pontos cardeais do horizonte, os secundários, o firmamento, e a Terra, com o zunido de setas, a vibração de cordas de arcos, o som de palmas, e o estrépito de rodas de carros, inimigos avançaram em inimigos. Alegrados por aquele barulho alto, heróis lutaram com heróis desejosos de alcançar o fim das hostilidades. Alto se tornou o barulho causado pelo som de cordas de arcos e proteções e arcos, o grunhido de elefantes, e os gritos de soldados de infantaria e homens caindo. Ouvindo o zunido terrível de flechas e os diversos gritos de bravos guerreiros, as tropas se assustaram, ficaram pálidas, e caíram. Grandes números daqueles inimigos assim empenhados em gritar e disparar armas, o heróico filho de Adhiratha subjugou com suas flechas. Com suas flechas Karna então despachou para a residência de Yama vinte guerreiros em carros entre os bravos heróis Pancala, com seus cavalos, motoristas, e bandeiras. Então muitos dos guerreiros principais do exército Pandava, dotados de grande energia e rápidos no uso de armas, se volvendo rapidamente, cercaram Karna por todos os lados. Karna agitou aquela tropa hostil com chuvas de armas como o líder de uma manada de elefantes

mergulhando em um lago adornado com lotos e coberto com cisnes. Penetrando no meio de seus inimigos, o filho de Radha, vibrando o melhor dos seus arcos, começou a cortar e derrubar suas cabeças com suas flechas afiadas. Os escudos e cotas de malha dos guerreiros, cortados, caíam no chão. Não havia ninguém entre eles que precisasse do toque de uma segunda flecha de Karna. Como um motorista atingindo os cavalos com o chicote, Karna, com suas flechas capazes de subjugar cotas de malha e corpos e a vida que os animava, atingia as proteções (de seus inimigos) perceptíveis somente por suas cordas de arco. Como um leão oprimindo bandos de veados, Karna subjugava rapidamente todos aqueles Pandus e Srinjayas e Pancalas que chegavam dentro do alcance de suas flechas. Então o chefe dos Pancalas, e os filhos de Draupadi, ó senhor, e os gêmeos, e Yuyudhana, se unindo, procederam contra Karna. Quando aqueles Kurus, e Pancalas e Pandus estavam assim engajados em batalha, os outros guerreiros, indiferentes às suas próprias vidas, começaram a atacar uns aos outros. Bem envolvidos em armaduras e cotas de malha e adornados com proteções para a cabeça, combatentes dotados de grande força avançavam em seus inimigos, com maças e clavas curtas e cacetes com ferrões parecendo com varas erguidas do Destruidor, e saltando, ó majestade, e desafiando uns aos outros, proferiam gritos altos. Eles golpeavam uns aos outros, e caíam, atacados uns pelos outros com sangue saindo de seus membros e privados de cérebros e olhos e armas. Cobertos com armas, alguns, enquanto eles jaziam lá com rostos belos como romãs, tendo bocas ornadas com dentes cheias de sangue, pareciam estar vivos. Outros, naquele oceano vasto da batalha, cheios de raiva mutilavam ou feriam ou perfuravam ou derrubavam ou cortavam ou matavam uns aos outros com machados de batalha e flechas curtas e ganchos e arpões e lanças. Mortos uns pelos outros eles caíam, cobertos com sangue e privados de vida como árvores de sândalo cortadas com o machado caindo e derramando enquanto elas caíam seu suco fresco vermelho vivo. Carros destruídos por carros, elefantes por elefantes, homens por homens, e corcéis por corcéis, caíam aos milhares. Bandeiras, e cabeças, e guarda-sóis, e elefantes, trombas, e braços humanos, cortados com flechas de face de navalha ou de cabeça larga ou em forma de meia-lua, caíam sobre o solo. Grandes números também de homens, e elefantes, e carros com corcéis unidos a eles foram destruídos naquela batalha. Muitos bravos guerreiros, mortos por cavaleiros, caíam, e muitos elefantes, com suas trombas cortadas, e bandeiras e estandartes (em seus corpos), caíam como montanhas caídas. Atacados por soldados a pé, muitos elefantes e carros, destruídos ou sendo destruídos, caíam por todos os lados. Cavaleiros, enfrentando soldados a pé com energia, eram mortos pelos últimos. Similarmente multidões de soldados de infantaria, mortos por cavaleiros, jaziam sobre o campo. As faces e os membros daqueles mortos naquela batalha terrível pareciam lotos esmagados e coroas florais murchas. As belas formas de elefantes e cavalos e seres humanos, ó rei, então pareciam tecidos sujos com lama, e se tornaram muito repulsivos de se olhar.'"

22

"Sanjaya disse, 'Muitos guerreiros em elefantes montados em seus animais, incitados por teu filho, procederam contra Dhrishtadyumna, cheios de raiva e desejosos de executar sua destruição. Muitos dos combatentes principais hábeis em lutar de elefantes, pertencentes aos habitantes do Leste, aos habitantes do Sul, os Angas, os Vangas, os Pundras, os Magadhas, os Tamraliptakas, os Mekalas, os Koshalas, os Madras, os Dasharnas, os Nishadas junto com os Kalingas, ó Bharata, e despejando flechas e lanças e setas como nuvens torrenciais, encharcaram o exército Pancala com isso naquela batalha. O filho de Prishata cobriu com suas flechas e setas aqueles elefantes (esmagadores de inimigos) incitados adiante por seus condutores com calcanhares e pontas do pé e ganchos. Cada um daqueles animais que eram enormes como colinas, o herói Pancala perfurou com dez, oito, ou seis flechas afiadas, ó Bharata. Vendo o príncipe dos Pancalas coberto por aqueles elefantes como sol pelas nuvens, os Pandus e os Pancalas procederam em direção a ele (para resgatá-lo) proferindo rugidos altos e armados com armas afiadas. Despejando suas armas sobre aqueles elefantes, aqueles guerreiros começaram a dançar a dança de heróis, ajudados pela música das cordas de seus arcos e o som de suas palmas, e instigados por heróis marcando o compasso. Então Nakula e Sahadeva, e os filhos de Draupadi, e os Prabhadrakas, e Satyaki, e Shikhandi, e Chekitana dotados de grande energia, todos aqueles heróis encharcaram aqueles elefantes de todos os lados com suas armas, como as nuvens encharcando as colinas com suas chuvas. Aqueles elefantes furiosos, instigados por guerreiros Mleccha arrastando com suas trombas homens e cavalos e carros, os esmagavam com seus pés. E alguns eles perfuravam com as pontas de suas presas, e alguns eles erguiam alto e jogavam violentamente no chão; outros erguidos no alto nas presas daqueles animais enormes caíam inspirando espectadores com medo. Então Satyaki, perfurando os órgãos vitais do elefante pertencente ao rei dos Vangas que estava diante dele, com uma flecha longa dotada de grande impetuosidade, o fez cair no campo de batalha. Então Satyaki perfurou com outra flecha longa o peito do condutor a quem ele até agora não tinha podido tocar, exatamente quando o último estava prestes a pular das costas de seu animal. Assim atingido por Satwata, ele caiu no chão.'"

"'Enquanto isso Sahadeva, com três flechas disparadas com grande cuidado, atingiu o elefante de Pundra, quando ele avançou contra ele como uma montanha movente, privando-o de seu estandarte e condutor e armadura e vida. Tendo assim cortado aquele elefante, Sahadeva procedeu contra o chefe dos Angas.'"

"'Nakula, no entanto, fazendo Sahadeva desistir, ele mesmo afligiu o soberano dos Angas com três flechas longas, cada uma parecendo a vara de Yama, e o elefante de seu inimigo com cem flechas. Então o soberano dos Angas arremessou em Nakula oitocentas lanças brilhantes como os raios do sol. Cada uma dessas Nakula cortou em três fragmentos. O filho de Pandu então cortou a cabeça de seu antagonista com uma flecha em forma de meia-lua. Nisso aquele rei Mleccha, privado de vida, caiu com o animal que ele montava. Após a queda

do príncipe dos Angas que era bem hábil em condução de elefantes, os homens em elefantes dos Angas, cheios de raiva, procederam com velocidade contra Nakula, sobre seus elefantes enfeitados com pendões que ondulavam no ar, possuindo bocas excelentes, ornados com mantas de ouro, e parecendo com montanhas ardentes, pelo desejo de moê-lo em pedaços. E muitos Mekalas e Utkalas, e Kalingas, e Nishadas, e Tamraliptakas, também avançaram contra Nakula, despejando suas flechas e lanças, desejosos de matá-lo. Então os Pandus, os Pancalas, e os Somakas, cheios de raiva, avançaram com velocidade para o resgate de Nakula encoberto por aqueles guerreiros como o sol pelas nuvens. Então ocorreu uma batalha violenta entre aqueles guerreiros em carros e homens em elefantes, os primeiros despejando suas setas e flechas e os últimos suas lanças aos milhares. Os globos frontais e outros membros e as presas e enfeites dos elefantes, muito perfurados por flechas, foram partidos e mutilados. Então Sahadeva, com sessenta e quatro flechas impetuosas, matou rapidamente oito daqueles elefantes enormes os quais caíram com seus condutores. E Nakula também, aquele alegrador de sua linhagem, curvando seu arco excelente com grande vigor, com muitas flechas retas, matou muitos elefantes. Então o príncipe Pancala, e o neto de Sini (Satyaki) e os filhos de Draupadi e os Prabhadrakas, e Shikhandi encharcaram aqueles elefantes enormes com chuvas de flechas. Então por causa daquelas nuvens carregadas de chuva constituídas pelos guerreiros Pandava, aquelas colinas, constituídas pelos elefantes do inimigo, caíram, derrubados por torrentes de chuva formadas por suas numerosas flechas, como montanhas verdadeiras derrubadas por um temporal. Aqueles líderes dos guerreiros em carros Pandava então, matando dessa maneira aqueles teus elefantes lançaram seus olhos no exército hostil, o qual, enquanto ele fugia naquele momento parecia um rio cujos continentes tivessem sido levados pela água. Aqueles guerreiros do filho de Pandu, tendo assim agitado aquele teu exército, o agitaram mais uma vez, e então avançaram contra Karna.'"

23

"Sanjaya disse, 'Enquanto Sahadeva, cheio de raiva, estava assim destruindo tua hoste, Duhshasana, ó grande rei, procedeu contra ele, o irmão contra o irmão. Vendo aqueles dois envolvidos em combate terrível, todos os grandes guerreiros em carros proferiram gritos leoninos e agitaram suas peças de roupa. Então, ó Bharata, o poderoso filho de Pandu foi atingido no peito com três flechas por teu filho enfurecido armado com arco. Então Sahadeva, ó rei, tendo primeiro perfurado teu filho com uma flecha, perfurou-o novamente com setenta flechas, e então seu motorista com três. Então Duhshasana, ó monarca, tendo cortado o arco de Sahadeva naquela grande batalha, perfurou o próprio Sahadeva com setenta e três flechas nos braços e no peito. Então Sahadeva cheio de ira pegou uma espada, naquele combate terrível, e a girando, arremessou-a rapidamente em direção ao carro do teu filho. Cortando o arco de Duhshasana com corda e flechas fixadas nele, aquela espada caiu no chão como uma cobra do firmamento. Então o valente Sahadeva pegando outro arco disparou uma flecha mortal em

Duhshasana. O guerreiro Kuru, no entanto, com sua espada de gume afiado cortou em dois fragmentos aquela flecha, brilhante como a vara da Morte, enquanto ela corria em direção a ele. Então girando aquela espada afiada, Duhshasana arremessou-a rapidamente naquela batalha em seu inimigo. Enquanto isso aquele guerreiro valente pegou outro arco com uma flecha. Sahadeva, no entanto, com a maior facilidade, cortou, com suas flechas afiadas, aquela espada enquanto ela corria em direção a ele, e a fez cair naquela batalha. Então, ó Bharata, teu filho, naquela batalha terrível, disparou rapidamente sessenta e quatro flechas no carro de Sahadeva. Sahadeva, no entanto, ó rei, cortou cada uma daquelas numerosas flechas enquanto elas corriam com grande impetuosidade em direção a ele, com cinco flechas dele. Detendo então aquelas flechas poderosas disparadas por teu filho, Sahadeva, naquela batalha, disparou um grande número de flechas em seu inimigo. Cortando cada uma daquelas flechas com três flechas dele, teu filho proferiu um grito alto, fazendo a terra inteira ressoar com ele. Então Duhshasana, ó rei, tendo perfurado Sahadeva naquela batalha, atingiu o motorista do último com nove flechas. O bravo Sahadeva então, ó monarca, cheio de raiva, fixou na corda do seu arco uma flecha terrível parecendo o próprio Destruidor e esticando violentamente o arco, ele disparou aquela flecha no teu filho. Atravessando com grande velocidade sua armadura e corpo fortes, aquela flecha entrou na terra, ó rei, como uma cobra penetrando em um formigueiro. Então teu filho, aquele grande guerreiro em carro, desmaiou, ó rei. Vendo ele privado de seus sentidos, seu motorista rapidamente levou o carro para longe, ele mesmo atingido violentamente todo o tempo com flechas afiadas. Tendo derrotado o guerreiro Kuru dessa maneira, o filho de Pandu, vendo a divisão de Duryodhana, começou a oprimi-la por todos os lados. De fato, ó rei, como um homem excitado com fúria aniquila um enxame de formigas, assim mesmo, ó Bharata, aquele filho de Pandu começou aniquilar a hoste Kaurava.'"

24

"Sanjaya disse, 'Enquanto Nakula estava empenhado em destruir e desbaratar as divisões Kaurava em batalha com grande força, o filho de Vikartana Karna, cheio de raiva, o deteve, ó rei. Então Nakula sorrindo dirigiu-se a Karna e disse, 'Depois de um longo tempo, pelo favor dos deuses, eu sou visto por ti, e tu também, ó canalha, se torna o objeto da minha visão. Tu és a causa desses males, dessa hostilidade, dessa briga. É por causa das tuas falhas que os Kauravas estão sendo diminuídos, enfrentando uns aos outros. Matando-te em batalha hoje, eu me considerarei como alguém que alcançou seu objetivo, e a febre do meu coração será dissipada.' Assim endereçado por Nakula, o filho de Suta disse para ele as seguintes palavras adequadas a um príncipe e a um arqueiro em particular, 'Ataque-me, ó herói. Nós desejamos testemunhar tua coragem. Tendo realizado algumas façanhas em batalha, ó bravo guerreiro, tu deves então te gabar. Ó senhor, aqueles que são heróis lutam em batalha com todas as suas forças, sem se entregarem à vaidade. Lute agora comigo com o melhor do teu poder. Eu suprimirei teu orgulho.' Tendo dito essas palavras o filho

de Suta rapidamente atacou o filho de Pandu e o perfurou, naquele combate, com setenta e três flechas. Então Nakula, ó Bharata, assim perfurado pelo filho de Suta, perfurou o último em retorno com oitenta flechas parecendo cobras de veneno virulento. Então Karna, aquele grande arqueiro, cortando o arco de seu adversário com diversas flechas aladas com ouro e afiadas em pedra, o afligiu com trinta flechas. Aquelas flechas, atravessando sua armadura beberam seu sangue naquela batalha, como os Nagas de veneno virulento bebendo água depois de terem perfurado a Terra. Então Nakula, pegando outro arco formidável cujo dorso era ornado com ouro, perfurou Karna com vinte flechas e seu motorista com três. Então, ó monarca, aquele matador de heróis hostis, isto é, Nakula, cheio de raiva, cortou o arco de Karna com uma flecha de cabeça de navalha de corte excelente. Sorrindo naquele momento, o filho heróico de Pandu então atingiu Karna que estava sem arco, aquele principal dos guerreiros em carros, com trezentas setas. Vendo Karna assim afligido, ó senhor, pelo filho de Pandu, todos os guerreiros em carros lá, com os deuses (no céu), estavam muito admirados. Então o filho de Vikartana Karna pegando outro arco atingiu Nakula com cinco flechas na junta do ombro. Com aquelas flechas fincadas nele neste lugar, o filho de Madri parecia resplandecente como o sol com seus próprios raios quando derrama sua luz sobre a Terra. Então Nakula perfurando Karna com sete flechas, mais uma vez, ó senhor, cortou um dos cornos do arco de Karna. Então Karna, pegando naquela batalha um arco mais resistente, encheu o céu por todos os lados de Nakula com suas setas. O poderoso guerreiro em carro, Nakula, no entanto, assim encoberto de repente pelas flechas disparadas do arco de Karna cortou rapidamente todas aquelas flechas com suas próprias flechas. Então era visto espalhado no céu um vasto número de flechas como o espetáculo apresentado pelo céu quando ele está cheio de miríades de vaga-lumes errantes. De fato, o céu coberto com aquelas centenas de flechas disparadas (por ambos os guerreiros) parecia, ó monarca, como se ele estivesse coberto com enxames de gafanhotos. Aquelas flechas, decoradas com ouro, emergindo repetidamente em linhas contínuas, pareciam belas como fileiras de garças quando voando pelo céu. Quando o céu estava assim coberto com chuvas de flechas e o próprio sol escondido de vista, nenhuma criatura percorrendo o ar podia descer sobre a Terra. Quando todos os lados estavam assim cobertos com chuvas de flechas, aqueles dois guerreiros de grande alma pareciam resplandecentes como dois Sóis surgidos no fim do Yuga. Massacrados pelas flechas que emanavam do arco de Karna os Somakas, ó monarca, imensamente afligidos e sentindo muita dor, começaram a dar seus últimos suspiros. Similarmente, teus guerreiros, atingidos pelas flechas de Nakula, se dispersaram para todos os lados, ó rei, como nuvens agitadas pelo vento. Os dois exércitos assim massacrados por aqueles dois guerreiros com suas flechas celestes poderosas, se retiraram do alcance daquelas flechas e permaneceram como espectadores do combate. Quando ambos os exércitos foram rechaçados por meio das flechas de Karna e Nakula, aqueles dois guerreiros de grande alma começaram a perfurar um ao outro com chuvas de flechas. Expondo suas armas celestes no campo de batalha, eles rapidamente cobriram um ao outro, cada um desejoso de realizar a destruição do outro. As flechas disparadas por Nakula, enfeitadas com penas de Kanka e de pavão, cobrindo o filho de Suta, pareciam ficar no céu. Da mesma maneira, as flechas

disparadas pelo filho de Suta naquela batalha terrível, cobrindo o filho de Pandu, pareciam permanecer no céu. Encobertos dentro de câmaras de flechas, ambos os guerreiros ficaram invisíveis, como o Sol e a Lua, ó rei, ocultos pelas nuvens. Então Karna, cheio de raiva e assumindo um aspecto terrível na batalha, cobriu o filho de Pandu com chuvas de flechas de todos os lados. Completamente coberto, ó monarca, pelo filho de Suta, o filho de Pandu não sentiu dor como o Criador do dia quando coberto pelas nuvens. O filho de Adhiratha então, sorrindo, disparou linhas de flechas, ó senhor, às centenas e milhares, naquela batalha. Com aquelas flechas de Karna de grande alma, uma sombra extensa pareceu repousar sobre o campo de batalha. De fato, com aquelas flechas excelentes saindo incessantemente (de seu arco), uma sombra foi causada lá como aquela formada pelas nuvens. Então Karna, ó monarca, cortando o arco de Nakula de grande alma, derrubou o motorista do último do nicho do carro com a maior facilidade. Com quatro flechas afiadas, em seguida, ele rapidamente despachou os quatro corcéis de Nakula, ó Bharata, para a residência de Yama. Com suas flechas, ele também cortou em fragmentos miúdos aquele excelente carro de seu antagonista como também seu estandarte e os protetores das rodas de seu carro, e maça, e espada, e escudo decorado com cem luas, e outros utensílios e equipamentos de batalha. Então Nakula, sem cavalos e sem carro e sem armadura, ó monarca, descendo rapidamente de seu carro, ficou de pé, armado com uma clava com pontas. Até aquela clava terrível, assim erguida pelo filho de Pandu, o filho de Suta, ó rei, cortou com muitas flechas afiadas capazes de suportar uma grande tensão. Vendo seu adversário sem armas, Karna começou a atacá-lo com muitas flechas retas, mas tomou cuidado para não afligi-lo muito. Atingido dessa maneira naquela batalha por aquele poderoso guerreiro habilidoso com armas, Nakula, ó rei, fugiu precipitadamente em grande aflição. Dando risada repetidamente, o filho de Radha o perseguiu e colocou seu arco encordoado, ó Bharata, em volta do pescoço de Nakula que se retirava. Com o arco grande em volta de seu pescoço, ó rei, o filho de Pandu parecia resplandecente como a Lua no firmamento quando dentro de uma auréola circular de luz, ou uma nuvem branca envolta pelo arco de Indra. Então Karna, dirigindo-se a ele, disse, 'As palavras que tu proferiste eram vãs. Tu podes proferir elas agora mais uma vez em alegria, repetidamente atingido como tu és por mim? Ó filho de Pandu, não lute novamente com aqueles entre os Kurus que são possuidores de maior força. Ó criança, lute com aqueles que são teus iguais. Ó filho de Pandu, não sinta qualquer vergonha por isso. Volte para casa, ó filho de Madri, ou vá para lá onde Krishna e Phalguna estão.' Tendo se dirigido a ele dessa maneira ele o abandonou então. Conhecedor da moralidade como o bravo Karna era, ele então não matou Nakula que já estava dentro das mandíbulas da morte. Lembrando-se das palavras de Kunti, ó rei, Karna deixou Nakula ir. O filho de Pandu, assim solto, ó rei, por aquele arqueiro, o filho de Suta, procedeu em direção ao carro de Yudhishthira em grande vergonha. Chamuscado pelo filho de Suta, ele então subiu no carro de seu irmão, e queimando com aflição ele continuou a suspirar como uma cobra mantida dentro de um jarro. Enquanto isso Karna, tendo derrotado Nakula, procedeu rapidamente contra os Pancalas, sobre aquele carro dele o qual tinha muitas flâmulas deslumbrantes e cujos corcéis eram tão brancos quanto a Lua. Lá, ó monarca, um grande tumulto se ergueu entre os Pandavas quando eles viram o líder do exército Kaurava

procedendo em direção às multidões de carros Pancala. O filho de Suta, ó monarca, fez um grande massacre lá naquela hora quando o Sol tinha alcançado o meridiano, aquele guerreiro pujante se movendo rapidamente todo o momento com a energia de uma roda. Nós vimos muitos guerreiros em carros Pancala levados para longe da batalha em seus carros sem cavalos e sem motorista com rodas quebradas e eixos quebrados e com bandeiras e flâmulas também que estavam quebradas e rasgadas, ó majestade. E muitos elefantes eram vistos vagar lá em todas as direções (com membros chamuscados por flechas) como indivíduos de sua espécie na floresta ampla com membros chamuscados e queimados em um incêndio florestal. Outros com seus globos frontais partidos abertos, ou banhados em sangue, ou com trombas cortadas, ou com suas armaduras derrubadas, ou seus rabos cortados, caíam, atingidos por Karna de grande alma, como nuvens dispersas. Outros elefantes, assustados pelas flechas e lanças do filho de Radha procederam contra o próprio filho de Radha como insetos em direção a um fogo ardente. Outros elefantes enormes eram vistos batendo uns contra os outros e derramando sangue de vários membros como montanhas com riachozinhos escorrendo por seus leitos. Corcéis da raça principal, privados de peito de armas e seus ornamentos de prata e cobre e ouro, desprovidos de arreios e freios e rabos de iaque e xairéis, com aljavas caídas de suas costas, e com seus cavaleiros heróicos, ornamentos de batalha, mortos, eram vistos vagando lá e cá no campo. Perfurados e cortados com lanças e cimitarras e espadas, ó Bharata, nós vimos muitos cavaleiros adornados com armadura e proteção para a cabeça, mortos ou sendo mortos ou tremendo com medo, e privados, ó Bharata, de diversos membros. Carros também, decorados com ouro, e aos quais estavam unidos cavalos de grande velocidade, eram vistos por nós arrastados com excessiva velocidade para lá e para cá, seus condutores tendo sido mortos. Alguns desses tinham seus eixos e postes quebrados, e alguns, ó Bharata, tinham suas rodas quebradas; e alguns estavam sem estandartes e bandeiras, e alguns estavam privados de seus varais. Muitos guerreiros em carros também eram vistos lá, por nós, ó monarca, vagando por toda parte, privados de seus carros e chamuscados pelas flechas do filho de Suta. E alguns desprovidos de armas e alguns com armas ainda em seus braços eram vistos jazendo sem vida sobre o campo em grandes números. E muitos elefantes também eram vistos por nós, vagando em todas as direções, enfeitados com grupos de estrelas, adornados com fileiras de belos sinos, e ornados com faixas variadas de diversas cores. Cabeças e braços e peitos e outros membros, cortados por flechas disparadas do arco de Karna, foram vistos por nós jazendo espalhados. Uma calamidade grande e terrível alcançou os guerreiros (do exército Pandava) quando eles lutaram com flechas afiadas, e mutilados como eles foram pelas flechas de Karna. Os Srinjayas, massacrados naquela batalha pelo filho de Suta, procediam cegamente contra a pessoa do último como insetos avançando em um fogo ardente. De fato, quando aquele poderoso guerreiro em carro estava empenhado em chamuscar as divisões Pandava, os Kshatriyas o evitavam, considerando-o o ardente fogo Yuga. Aqueles heróicos e poderosos guerreiros em carros dos Pancalas que sobreviveram ao massacre fugiram. O bravo Karna, no entanto, perseguiu aqueles guerreiros divididos e que se retiravam de trás, disparando suas flechas neles. Dotado de grande energia, ele perseguiu aqueles

combatentes privados de armaduras e desprovidos de estandartes. De fato, o filho de Suta, possuidor de grande poder, continuou a chamuscá-los com suas flechas, como o dissipador da escuridão chamuscando todas as criaturas quando ele alcança ao meridiano.'"

25

"Sanjaya disse, 'Contra Yuyutsu que estava empenhado em derrotar o exército vasto do teu filho, Uluka procedeu com velocidade dizendo: 'Espere, Espere.' Então Yuyutsu, ó rei, com uma flecha alada de fio afiado atingiu Uluka com grande força, como (o próprio Indra atingindo) uma montanha com o raio. Cheio de fúria por isto, Uluka, naquela batalha, cortou o arco do teu filho com uma flecha de cabeça de navalha e atingiu teu próprio filho com uma flecha farpada. Jogando fora aquele arco quebrado, Yuyutsu, com olhos vermelhos de raiva, pegou outro arco formidável dotado de grande ímpeto. O príncipe então, ó touro da raça Bharata, perfurou Uluka com sessenta flechas. Perfurando em seguida o motorista de Uluka, Yuyutsu atingiu Uluka mais uma vez. Então Uluka, cheio de raiva perfurou Yuyutsu com vinte flechas adornadas com ouro, e então cortou seu estandarte feito de ouro. Aquele estandarte alto e magnífico feito de ouro, ó rei, assim cortado (por Uluka), caiu na frente do carro de Yuyutsu. Vendo seu estandarte cortado, Yuyutsu, privado de sua razão pela cólera, atingiu Uluka com cinco flechas no centro do peito. Então Uluka, ó senhor, naquela batalha, cortou, com uma flecha de cabeça larga embebida em óleo, a cabeça do motorista de seu antagonista, ó melhor dos Bharatas. Matando em seguida seus quatro corcéis ele atingiu o próprio Yuyutsu com cinco flechas. Profundamente atingido pelo forte Uluka, Yuyutsu procedeu para outro carro. Tendo derrotado ele em batalha, ó rei, Uluka procedeu rapidamente em direção aos Pancalas e aos Srinjayas e começou a matá-los com flechas afiadas. Teu filho Srutakarman, ó monarca, dentro de metade do tempo utilizado em um piscar de olhos, destemidamente fez Satanika ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro. O poderoso guerreiro em carro Satanika, no entanto, ficando em seu carro sem cavalos, ó majestade, arremessou uma maça, cheio de raiva, no teu filho. Aquela maça, reduzindo o carro do teu filho com seus corcéis e motorista a fragmentos, caiu sobre a terra com grande velocidade, e a penetrou. Então aqueles dois heróis, ambos aumentadores da glória dos Kurus, privados de seus carros, se retiraram do combate, encarando um ao outro. Então teu filho, dominado pelo medo, subiu no carro de Vivingsu, enquanto Satanika subiu rapidamente no carro de Prativindhya. Shakuni, cheio de raiva, perfurou Sutasoma com muitas flechas afiadas, mas fracassou em fazer o último tremer como uma torrente de água falhando em produzir qualquer impressão sobre uma montanha. Vendo aquele grande inimigo de seu pai, Sutasoma cobriu Shakuni, ó Bharata, com muitos milhares de flechas. Shakuni, no entanto, aquele guerreiro de pontaria certeira e conhecedor de todos os métodos de guerra, impulsionado pelo desejo de batalha, cortou rapidamente todas aquelas flechas com suas próprias flechas aladas. Tendo detido aquelas flechas com suas próprias flechas afiadas em batalha, Shakuni, cheio de raiva, atingiu Sutasoma com três flechas. Teu cunhado então, ó monarca, com suas flechas cortou em

fragmentos miúdos os corcéis, a bandeira, e o motorista de seu adversário, pelo que todos os espectadores proferiram um grito alto. Privado de seus cavalos e carro, e tendo sua bandeira cortada, ó senhor, o grande arqueiro (Sutasoma), pulando de seu carro, permaneceu no chão, tendo pegado um bom arco. E ele disparou um grande número de flechas equipadas com asas douradas e afiadas em pedra, e encobriu com elas o carro de seu cunhado naquela batalha. O filho de Subala, no entanto, vendo aquelas chuvas de setas que pareciam enxames de gafanhotos, vindo em direção a seu carro, não tremeu. Por outro lado, aquele guerreiro ilustre despedaçou todas aquelas setas com suas próprias setas. Os guerreiros que estavam presentes lá, como também os Siddhas no firmamento, ficaram muito satisfeitos pela visão daquela façanha extraordinária e incrível de Sutasoma, visto que ele lutou a pé com Shakuni permanecendo em seu carro. Então Shakuni, com diversas flechas de cabeça larga de grande impetuosidade, afiadas e perfeitamente retas, cortou, ó rei, o arco de Sutasoma como também suas aljavas. Sem arco, e sem carro, Sutasoma então, erguendo uma cimitarra da cor do lótus azul e equipada com um cabo de marfim, proferiu um grito alto. Aquela cimitarra do inteligente Sutasoma da cor do céu límpido, quando ela foi girada por aquele herói, foi considerada por Shakuni como sendo tão fatal quanto a vara da Morte. Armado com aquela cimitarra ele começou repentinamente a correr em círculos sobre a arena, expondo, ó monarca, as catorze diferentes espécies de manobras, dotado como ele era de habilidade e força. De fato, ele expôs naquela batalha todos aqueles movimentos tais como se volver e girar no alto, e fazer ataques de lado e saltar para frente e saltar no alto e correr em cima e avançar para frente e avançar para cima. O valente filho de Subala então disparou diversas flechas em seu inimigo, mas o último cortou-as rapidamente com aquela cimitarra excelente dele quando elas corriam em direção a ele. Cheio de raiva (por isto), o filho de Subala, ó rei, disparou novamente em Sutasoma diversas flechas que pareciam cobras de veneno virulento. Ajudado por sua habilidade e poder, Sutasoma cortou até estas com sua cimitarra, mostrando sua grande presteza, e possuidor como ele era de destreza igual àquela do próprio Garuda. Com uma flecha de cabeça de navalha muito afiada, Shakuni então, ó rei, cortou aquela cimitarra brilhante de seu adversário quando o último se movia rapidamente em círculos diante dele. Assim cortada, (metade daquela) cimitarra grande caiu de repente no chão, enquanto metade, ó Bharata, continuou no punho de Sutasoma. Vendo sua espada cortada, o poderoso guerreiro em carro Sutasoma recuou seis passos e então lançou aquela metade (da cimitarra) a qual ele tinha em seu punho no seu inimigo. O fragmento ornado com ouro e pedras preciosas, cortando o arco, com corda, do ilustre Shakuni, rapidamente caiu no chão. Então Sutasoma foi para o grande carro de Srutakirti. O filho de Subala também, pegando outro arco formidável e invencível, procedeu em direção ao exército Pandava, matando grandes números de inimigos (no caminho). Vendo o filho de Subala correndo destemidamente em batalha, um tumulto alto, ó rei, se ergueu entre os Pandavas naquela parte do exército. As pessoas testemunharam aquelas divisões grandes e orgulhosas cheias de armas, derrotadas pelo filho ilustre de Subala. Assim como o chefe dos celestiais subjugou o exército Daitya, o filho de Subala destruiu aquele exército dos Pandavas.'"

26

"Sanjaya disse, 'Kripa, ó rei, resistiu a Dhrishtadyumna em batalha, como um Sarabha na floresta resistindo a um leão orgulhoso. Detido pelo filho poderoso de Gautama, o filho de Prishata, ó Bharata, não podia avançar nem um passo. Vendo o carro de Gautama na frente de Dhrishtadyumna, todas as criaturas foram inspiradas com medo e consideraram que a destruição do último estava perto. Guerreiros em carros e cavaleiros, ficando muito desanimados, disseram, 'Sem dúvida, este mais notável dos homens, o filho de Sharadvata de energia poderosa e grande inteligência e versado em armas celestes, está cheio de raiva pela morte de Drona. Irá Dhrishtadyumna hoje escapar das mãos de Gautama? Este vasto exército escapará hoje deste grande perigo? Esse Brahmana não matará todos nós juntos? A forma que ele assumiu hoje, assim como aquela do próprio Destruidor, mostra que ele hoje agirá da mesma maneira do próprio Drona. O preceptor Gautama, dotado de grande agilidade de mãos, é sempre vitorioso em batalha. Possuindo o conhecimento de armas, ele é dotado de grande energia e está cheio de ira.' Diversas palavras como essas, proferidas pelos guerreiros de ambos os exércitos foram, ó monarca, ouvidas lá quando aqueles dois heróis enfrentaram um ao outro. Respirando profundamente em raiva, o filho de Sharadvata Kripa, ó rei, começou a afligir o filho de Prishata em todos os seus membros vitais enquanto o último permanecia inativo. Atacado naquela batalha pelo ilustre Gautama, Dhrishtadyumna, muito estupefato, não sabia o que fazer. Seu motorista então, dirigindo-se a ele disse, 'Não está tudo bem contigo, ó filho de Prishata. Nunca antes eu vi tal calamidade te acontecer em batalha. É um acaso afortunado, parece, que essas flechas, capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais, disparadas por aquele principal dos Brahmanas visando teus membros vitais, não estão te atingindo. Eu logo farei o carro retroceder, como a corrente de um rio lançada de volta pelo mar. Eu penso que aquele Brahmana, por quem tua bravura foi aniquilada, não pode ser morto por ti.' Assim endereçado, Dhrishtadyumna, ó rei, disse lentamente, 'Minha mente está entorpecida, ó senhor, e transpiração cobre meus membros. Meu corpo treme e meus cabelos se arrepiam. Evitando aquele Brahmana em batalha, proceda lentamente para onde Arjuna está, ó quadrigário; chegado na presença de Arjuna ou Bhimasena, a prosperidade pode ser minha. Essa é minha convicção certa.' Então, ó monarca, o quadrigário, incitando os corcéis, procedeu para o local onde o arqueiro poderoso Bhimasena estava lutando com tuas tropas. Vendo o carro, ó senhor, de Dhrishtadyumna se afastando rapidamente daquele local, Gautama o seguiu, disparando centenas de flechas. E aquele castigador de inimigos também soprou sua concha repetidamente. De fato, ele derrotou o filho de Prishata como Indra derrotou o Danava Namuci.'"

"O invencível Shikhandi, a causa da morte de Bhishma, foi naquela batalha, resistido pelo filho de Hridika que sorria repetidamente enquanto ele lutava com o primeiro. Shikhandi, no entanto, enfrentando o poderoso guerreiro em carro dos Hridikas o atingiu com cinco flechas afiadas e de cabeça larga na junta do ombro. Então o poderoso guerreiro em carro Kritavarma cheio de raiva perfurou seu

inimigo com sessenta flechas aladas. Com uma única flecha então, ele cortou seu arco, dando risada. O filho poderoso de Drupada, cheio de ira, pegou outro arco, e se dirigindo ao filho de Hridika, disse, 'Espere, Espere.' Então, ó monarca, Shikhandi disparou em seu inimigo noventa flechas de grande impetuosidade, todas equipadas com asas douradas. Aquelas flechas, no entanto, todas recuaram da armadura de Kritavarma. Vendo aquelas flechas recuarem e espalhadas sobre a superfície da terra, Shikhandi cortou o arco de Kritavarma com uma flecha afiada de cabeça de navalha. Cheio de ira ele atingiu o filho sem arco de Hridika, que então parecia um touro sem chifres, nos braços e no peito, com oitenta flechas. Cheio de fúria mas dilacerado e mutilado com flechas, Kritavarma vomitou sangue por seus membros como um jarro lançando fora a água com a qual ele está cheio. Banhado em sangue, o rei Bhoja parecia belo como uma montanha, ó rei, listrada com correntezas de greda vermelha líquida depois de uma chuva. O pujante Kritavarma então, pegando outro arco com uma corda e uma flecha fixadas nele, atingiu Shikhandi na junta de seu ombro. Com aquelas flechas fincadas na junta do seu ombro, Shikhandi parecia resplandecente como uma árvore nobre com seus galhos e ramos espalhados. Tendo perfurado um ao outro, os dois combatentes estavam banhados em sangue, e pareciam um par de touros que espetaram um ao outro com seus chifres. Esforçando-se cautelosamente para matar um ao outro, aqueles dois poderosos guerreiros em carros se moveram em 1.000 círculos com seus respectivos carros naquela arena. Então Kritavarma, ó rei, naquele combate, perfurou o filho de Prishata com setenta flechas todas as quais eram equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra. O soberano dos Bhojas então, aquele principal dos batedores, disparou com grande energia uma flecha terrível e fatal em seu inimigo. Atingido por ela, Shikhandi desmaiou rapidamente. Dominado pelo entorpecimento, ele se sustentou por agarrar seu mastro de bandeira. O motorista então daquele principal dos guerreiros em carros o levou depressa para longe da luta. Chamuscado pela flecha do filho de Hridika ele tomava fôlego após fôlego repetidamente. Depois da derrota do filho heróico de Drupada, ó senhor, o exército Pandava, massacrado por todos os lados, fugiu do campo."

27

"Sanjaya disse, 'Ele de cavalos brancos (Arjuna) também, ó monarca, desbaratou teu exército assim como o vento, se aproximando de uma pilha de algodão, a espalha para todos os lados. Contra ele avançaram os Trigartas, os Sivis, os Kauravas, os Salwas, os Samsaptakas, e aquele exército o qual consistia dos Narayanas. E Satyasena e Candradeva, e Mitradeva e Satrunjaya, e o filho de Susruta, e Citrasena, e Mitravarman, ó Bharata, e o rei dos Trigartas cercado por seus irmãos e por seus filhos que eram todos poderosos arqueiros habilidosos com diversas armas, avançaram repentinamente, disparando e espalhando chuvas de flechas naquela batalha, contra Arjuna, como uma violenta correnteza de água em direção ao oceano. Aqueles guerreiros às centenas de milhares, aproximando-se de Arjuna, pareciam desaparecer como cobras à visão de Garuda. Embora massacrados em batalha, eles contudo não deixaram o filho de

Pandu como insetos, ó monarca, nunca recuando de um fogo ardente. Satyasena, naquele combate, perfurou aquele filho de Pandu com três flechas, e Mitradeva o perfurou com sessenta e três, e Candradeva com sete. E Mitravarman perfurou-o com setenta e três flechas, e o filho de Susruta com sete. E Satrunjaya perfurou-o com vinte, e Susharma com nove. Assim perfurado naquele combate por muitos, Arjuna perfurou todos aqueles reis em retorno. De fato, perfurando o filho de Susruta com sete flechas, ele perfurou Satyasena com três, Satrunjaya com vinte e Candradeva com oito, Mitradeva com cem, Srutasena com três, Mitravarman com nove, e Susharma com oito. Então matando o rei Satrunjaya com diversas flechas afiadas em pedra, ele cortou de seu tronco, a cabeça, ornada com proteção, do filho de Susruta. Sem qualquer demora ele então, com diversas outras flechas, despachou Candradeva para a residência de Yama. Em relação aos outros poderosos guerreiros em carros lutando vigorosamente com ele, ele deteve cada um deles com cinco flechas. Então Satyasena cheio de raiva, arremessou uma lança formidável naquela batalha mirando em Krishna e proferiu um rugido leonino. Aquela lança de boca de ferro tendo uma vara dourada, atravessando o braço esquerdo de Madhava de grande alma, penetrou na terra. Madhava sendo assim perfurado por aquela lança em grande batalha o chicote e as rédeas, ó rei, caíram de suas mãos. Vendo o membro de Vasudeva atravessado, o filho de Pritha Dhananjaya reuniu toda sua fúria e dirigindo-se a Vasudeva disse, 'Ó de braços fortes, leve o carro até Satyasena, ó pujante, para que eu possa, com flechas afiadas, despachá-lo para a residência de Yama.' O ilustre Keshava então, pegando rapidamente o chicote e as rédeas, fez os cavalos levarem o carro para a frente do veículo de Satyasena. Vendo o Soberano do Universo perfurado, o filho de Pritha Dhananjaya, aquele poderoso guerreiro em carro, detendo Satyasena com algumas flechas afiadas, cortou com diversas flechas de cabeça larga de gume excelente a cabeça grande daquele rei enfeitada com brincos, de seu tronco na dianteira do exército. Tendo assim cortado a cabeça de Satyasena, ele então despachou Citravarman com várias flechas afiadas, e então o motorista do último, ó majestade, com uma flecha afiada de dente de bezerro. Cheio de raiva, o poderoso Partha então, com centenas de flechas, derrubou os Samsaptakas às centenas e milhares. Então, ó rei, com uma flecha de cabeça de navalha equipada com asas de prata, aquele poderoso guerreiro em carro cortou a cabeça do ilustre Mitrasena. Cheio de raiva ele então atingiu Susharma na junta do ombro. Então todos os Samsaptakas, cheios de cólera, cercaram Dhananjaya por todos os lados e começaram a afligi-lo com chuvas de armas e fazendo todos os pontos do horizonte ressoarem com seus gritos. Afligido por eles dessa maneira, o poderoso guerreiro em carro Jishnu, de alma incomensurável, dotado de destreza semelhante àquela do próprio Sakra, invocou a arma Aindra. Daquela arma, milhares de flechas, ó rei, começaram a emergir continuamente. Então, ó rei, um barulho alto foi ouvido de carros caindo com bandeiras e aljavas e cangas, e eixos e rodas e tirantes com cordas, de fundos de carros e de cercas madeira em redor deles, de flechas e cavalos e arpões e espadas, e maças e clavas com pontas e dardos e lanças e machados, e Sataghnis equipados com rodas e setas. Coxas e colares e Angadas e Keyuras, ó senhor, e guirlandas e couraças e cotas de malha, ó Bharata, e guarda-sóis e leques e cabeças enfeitadas com diademas jaziam no campo de batalha. Cabeças

adornadas com brincos e olhos belos, e cada uma parecendo a lua cheia, pareciam, enquanto elas jaziam no campo, com estrelas no firmamento. Adornados com pasta de sândalo, belas guirlandas de flores e mantos excelentes, muitos eram os corpos de guerreiros mortos que eram vistos jazendo no solo. O campo de batalha, terrível como ele era, parecia com o céu cheio de formas vaporosas. Com os príncipes mortos e Kshatriyas de grande poder e elefantes e cavalos lançados por terra, a terra se tornou intransitável naquela batalha como se ela estivesse coberta com colinas. Não havia caminho no campo para as rodas do carro do Pandava ilustre, empenhado como ele estava em matar continuamente seus inimigos e derrubar elefantes e cavalos com suas flechas de cabeça larga. Parecia, ó senhor, que as rodas de seu carro paravam apavoradas à visão de si mesmas se movendo rapidamente naquela batalha através daquele lamaçal sangrento. Seus cavalos, no entanto, dotados da velocidade da mente ou do vento, arrastavam com grandes esforços e trabalho aquelas rodas que se recusavam a se mover. Assim massacrada pelo filho de Pandu armado com o arco, aquela hoste fugiu quase inteiramente, sem deixar nem um resto, ó Bharata, lutando com o inimigo. Tendo subjugado grandes números dos Samsaptakas em batalha, o filho de Pritha Jishnu parecia resplandecente, como um fogo brilhante sem fumaça.'"

28

"Sanjaya disse, 'O rei Duryodhana, ó monarca, ele mesmo recebeu Yudhishthira destemidamente, quando o último estava empenhado em disparar grandes números de flechas. O nobre Yudhishthira o justo, perfurando rapidamente teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, quando o último estava avançando em direção a ele com impetuosidade, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Espere, Espere.' Duryodhana, no entanto, perfurou Yudhishthira, em retorno, com nove flechas afiadas, e cheio de grande ira atingiu o motorista de Yudhishthira também com uma flecha de cabeça larga. Então o rei Yudhishthira disparou em Duryodhana treze flechas providas de asas de ouro e afiadas em pedra. Com quatro flechas aquele poderoso guerreiro em carro então matou os quatro corcéis de seu inimigo, e com a quinta ele cortou de seu tronco a cabeça do motorista de Duryodhana. Com a sexta flecha ele derrubou a bandeira do rei (Kuru) no chão, com a sétima seu arco, e com a oitava sua cimitarra. E então com mais cinco flechas o rei Yudhishthira o justo afligiu profundamente o monarca Kuru. Teu filho, então, descendo daquele carro sem cavalos, permaneceu no chão em perigo iminente. Vendo-o naquela situação de grande perigo, Karna e o filho de Drona e Kripa e outros se apressaram de repente em direção ao local, desejosos de resgatar o rei. Então os (outros) filhos de Pandu, cercando Yudhishthira, procederam todos para o combate, após o que, ó rei, uma batalha feroz foi lutada. Milhares de trombetas então foram sopradas naquele combate formidável, e um rumor confuso de miríades de vozes ergueu-se lá, ó rei. Lá onde os Pancalas se envolveram em combate com os Kauravas, em batalha, homens se engalfinharam com homens, e elefantes com principais dos elefantes. E guerreiros em carros se engalfinharam com guerreiros em carros, e cavalos com cavalos. E os vários

pares de homens e animais lutando, de grande bravura e armados com diversas espécies de armas e possuidores de grande habilidade apresentavam uma bela visão, ó rei, sobre o campo. Todos aqueles heróis dotados de grande impetuosidade e desejosos de realizar a destruição um do outro, lutaram belamente e com grande energia e habilidade. Observando as práticas (sancionadas) de guerreiros, eles mataram uns aos outros em batalha. Nenhum deles lutava de atrás de outros. Somente por um tempo muito curto aquela batalha apresentou um aspecto belo. Logo ela se tornou um combate de homens loucos, no qual os combatentes não mostravam respeito uns pelos outros. O guerreiro em carro, se aproximando do elefante, perfurava o último com flechas afiadas e o despachava para a presença de Yama por meio de setas retas. Elefantes, se aproximando de cavalos, arrastavam muitos deles naquela batalha, e os dilaceravam (com suas presas) muito ferozmente em diversos lugares. Grandes números de cavaleiros também, cercando muitos dos principais corcéis, faziam um barulho alto com suas palmas, e se engalfinhavam com eles. E aqueles cavaleiros matavam aqueles corcéis enquanto eles corriam para lá e para cá, como também muitos elefantes enormes que vagaram pelo campo, de trás e dos flancos. Elefantes enfurecidos, ó rei, derrotando grande número de cavalos, os matavam com suas presas ou os esmagavam com grande força. Alguns elefantes, cheios de cólera perfuravam com suas presas cavalos com cavaleiros. Outros agarrando-os com grande força os arremessavam no chão com violência. Muitos elefantes, atingidos por soldados a pé se aproveitando das oportunidades apropriadas, proferiam gritos terríveis de dor e fugiam para todos os lados. Entre os soldados de infantaria que fugiram naquela grande batalha jogando ao chão seus ornamentos, houve muitos que foram rapidamente cercados no campo. Guerreiros em elefantes, montados em elefantes enormes, compreendendo indicações de vitória, viravam seus animais e fazendo eles agarrarem aqueles ornamentos belos, faziam os animais perfurá-los com suas presas. Outros soldados de infantaria dotados de grande impetuosidade e poder feroz, cercando aqueles guerreiros em elefantes assim empregados naqueles locais começaram a matá-los. Outros naquela grande batalha, jogados para o alto no ar por elefantes com suas trombas, eram furados por aqueles animais treinados com as pontas de suas presas quando eles caíam. Outros, repentinamente agarrados por outros elefantes, eram privados de vida com suas presas. Outros, levados para longe de suas próprias divisões para o meio de outras, eram, ó rei, mutilados por elefantes enormes que os rolavam repetidamente no chão. Outros, girados no alto como leques, eram mortos naquela batalha. Outros, para lá e para cá no campo, que permaneciam inteiramente na frente de outros elefantes tinham seus corpos extremamente perfurados e dilacerados. Muitos elefantes eram profundamente feridos com lanças e arpões e dardos em suas bochechas e globos frontais e partes entre suas presas. Muito afligidos por ferozes guerreiros em carros e cavaleiros posicionados em seus flancos, muitos elefantes, dilacerados, caíam no chão. Naquela batalha terrível muitos cavaleiros em seus corcéis, atingindo soldados a pé com suas lanças, os prendiam no chão ou os esmagavam com grande força. Alguns elefantes, se aproximando de guerreiros em carros vestidos em armadura, ó senhor, os erguiam alto em cima de seus veículos e os arremessavam com grande força sobre o solo naquela luta violenta e horrível.

Alguns elefantes enormes mortos por meio de flechas do comprimento de uma jarda caíam no chão como topos de montanha partidos pelo trovão. Combatentes, enfrentando combatentes, começavam a golpear uns aos outros com seus punhos, ou agarrando uns aos outros pelo cabelo, começaram a arrastar e jogar no chão e mutilar uns aos outros. Outros, esticando seus braços e jogando seus inimigos no chão, colocavam seus pés em seus peitos e com grande energia cortavam suas cabeças. Algum combatente, ó rei, batia com seus pés em um inimigo que estava morto, e algum, ó rei, cortava com sua espada a cabeça de um inimigo caindo, e algum enfiava sua arma no corpo de um inimigo vivo. Uma batalha feroz ocorreu lá, ó Bharata, na qual os combatentes batiam uns nos outros com punhos ou agarravam o cabelo uns dos outros ou lutavam uns com os outros com braços nus. Em muitos casos, combatentes, usando diversas espécies de armas, tiravam as vidas de combatentes engajados em combate com outros e, portanto, não notados por eles. Durante a continuação daquele combate geral quando todos os combatentes estavam mutilados em batalha, centenas e milhares de troncos sem cabeça se levantavam no campo. Armas e cotas de malha, encharcadas com sangue pareciam brilhantes, como tecidos tingidos com vermelho deslumbrante. Assim mesmo ocorreu aquela batalha violenta marcada pelo terrível som de choque de armas. Como a correnteza louca e rugindo do Ganga ela parecia encher o universo inteiro com seu grande barulho. Afligidos com flechas, os guerreiros fracassavam em distinguir amigos de inimigos. Desejosos de vitória, os reis continuaram lutando porque eles lutavam aquela luta que eles deviam. Os guerreiros matavam amigos e inimigos, com quem eles entravam em contato. Os combatentes de ambos os exércitos eram privados de razão pelos heróis de ambos os exércitos os atacando com fúria. Com carros quebrados, ó monarca, os elefantes lançados por terra, e corcéis jazendo no chão, e homens derrubados, a terra, lodosa com sangue coagulado e carne, e coberta com rios de sangue, logo ficou intransitável. Karna massacrou os Pancalas enquanto Dhananjaya massacrou os Trigartas. E Bhimasena, ó rei, massacrou os Kurus e todas as divisões de elefantes dos últimos. Exatamente assim ocorreu aquela destruição de tropas dos Kurus e dos Pandavas, ambos os partidos tendo sido influenciados pelo desejo de obter grande fama, naquela hora quando o Sol tinha passado o meridiano.'"

29

"Dhritarashtra disse, 'Eu tenho ouvido de ti, ó Sanjaya, a respeito de muitas aflições pungentes e insuportáveis como também das perdas sofridas por meus filhos. A partir do que tu tens dito para mim, da maneira na qual a batalha tem sido lutada, é minha convicção certa, ó Suta, que os Kauravas não vivem mais. Duryodhana foi feito sem carro naquela batalha terrível. Como o filho de Dharma (então) lutou, e como o nobre Duryodhana também lutou em retorno? Como também ocorreu aquela batalha que foi lutada à tarde? Conte-me tudo isso em detalhes, pois tu és hábil em narração, ó Sanjaya.'"

"Sanjaya disse, 'Quando as tropas de ambos os exércitos estavam engajadas em batalha, segundo suas respectivas divisões, teu filho Duryodhana, ó rei, sendo conduzido em outro carro e cheio de raiva como uma cobra de veneno virulento, vendo o rei Yudhishthira o justo, dirigiu-se depressa a seu próprio motorista, ó Bharata, dizendo, 'Prossiga, prossiga, me leve lá rapidamente, ó motorista, onde o filho nobre de Pandu vestido em armadura brilha sob aquele guarda-sol mantido sobre sua cabeça.' Assim induzido pelo rei, o motorista, naquela batalha, rapidamente acelerou o carro vistoso de seu nobre patrão em direção à frente de Yudhishthira. Nisso, Yudhishthira também, cheio de raiva e parecendo com um elefante enfurecido, incitou seu próprio motorista, 'Proceda para onde Suyodhana está.' Então aqueles dois heróis e irmãos e principais dos guerreiros em carros enfrentaram um ao outro. Ambos dotados de grande energia, ambos cheios de fúria, ambos difíceis de serem derrotados em batalha, se aproximando um do outro, aqueles dois arqueiros formidáveis começaram a mutilar um ao outro com suas flechas naquela batalha. Então o rei Duryodhana, naquele combate, ó majestade, com uma flecha de cabeça larga afiada em pedra, cortou em dois o arco do monarca virtuoso. Cheio de raiva, Yudhishthira não pode tolerar aquele insulto. Lançando de lado seu arco quebrado, com olhos vermelhos de ira, o filho de Dharma pegou outro arco na dianteira de suas tropas, e então cortou a bandeira e arco de Duryodhana. Duryodhana então, pegando outro arco, perfurou filho de Pandu. Cheios de raiva, eles continuaram a disparar chuvas de flechas um no outro. Desejosos de subjugar um ao outro, eles pareciam um par de leões furiosos. Eles atacaram um ao outro naquela batalha como um par de touros rugindo. Aqueles poderosos guerreiros em carros continuaram a se mover rapidamente, esperando descobrir os lapsos um do outro. Então feridos por flechas disparadas de arcos puxados até sua máxima extensão os dois guerreiros, ó rei, pareciam resplandecentes como Kinsukas florescendo. Eles então, ó rei, proferiam rugidos leoninos repetidamente. Aqueles dois soberanos de homens, naquela batalha terrível, também faziam sons altos com suas palmas e faziam seus arcos vibrarem ruidosamente. E eles sopraram suas conchas também com grande força. E eles afligiram muito um ao outro. Então o rei Yudhishthira, cheio de raiva, atingiu teu filho no peito com três flechas irresistíveis dotadas da força do trovão. Ele, no entanto, teu filho real perfurou rapidamente, em retorno, com cinco flechas afiadas aladas com ouro e afiadas em pedra. Então o rei Duryodhana, ó Bharata, lançou um dardo capaz de matar todos, muito afiado, e parecendo um tição flamejante. Quando o dardo avançava, o rei Yudhishthira o justo, com flechas afiadas, cortou-o rapidamente em três fragmentos, e então perfurou Duryodhana também com cinco setas. Equipado com vara dourada, e produzindo um zunido alto, aquele dardo então caiu, e enquanto caindo, parecia resplandecente como um tição grande com chamas brilhantes. Vendo o dardo frustrado, teu filho, ó monarca, atingiu Yudhishthira com nove flechas afiadas e de pontas penetrantes. Perfurado profundamente por seu inimigo poderoso, aquele opressor de inimigos rapidamente pegou uma flecha para mirá-la em Duryodhana. O poderoso Yudhishthira então colocou aquela flecha na corda de seu arco. Cheio de raiva e possuidor de grande coragem, o filho de Pandu então a disparou em seu inimigo. Aquela flecha, atingindo teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, o entorpeceu e então (atravessando seu corpo) entrou na terra. Então Duryodhana,

cheio de cólera, erguendo uma maça de grande impetuosidade, avançou no rei Yudhishthira o justo, para terminar as hostilidades (que estavam sendo travadas entre os Kurus e os Pandus). Vendo-o armado com aquela maça erguida e parecendo o próprio Yama com sua clava, o rei Yudhishthira o justo arremessou em teu filho um dardo imenso brilhando com esplendor, dotado de grande ímpeto, e parecendo com um grande tição ardente. Profundamente perfurado no peito por aquele dardo enquanto ele estava em seu carro, o príncipe Kuru, profundamente atormentado, caiu e desmaiou. Então Bhima, lembrando de seu próprio voto, se dirigiu a Yudhishthira, dizendo, 'Este não deve ser morto por ti, ó rei.' Nisso Yudhishthira se absteve de dar em seu inimigo o golpe final. Naquela hora Kritavarma, avançando rapidamente, encontrou teu nobre filho então afundado em um oceano de calamidade. Bhima então, pegando uma maça adornada com ouro e cordas de linho, avançou impetuosamente em direção a Kritavarma naquela batalha. Assim ocorreu a batalha entre tuas tropas e o inimigo naquela tarde, ó monarca, cada um dos combatentes sendo inspirado pelo desejo de vitória.'"

30

"Sanjaya disse, 'Colocando Karna em sua dianteira, teus guerreiros, difíceis de serem derrotados em luta, voltaram e lutaram (com o inimigo) uma batalha que pareceu aquela entre os deuses e os Asuras. Excitados pelo tumulto alto feito por elefantes e homens e carros e corcéis e conchas, homens em elefantes e guerreiros em carros e soldados a pé e cavaleiros, em grandes números, cheios de ira avançaram contra o inimigo e mataram os últimos com golpes de diversos tipos de armas. Elefantes e carros, cavalos e homens, naquela batalha terrível foram destruídos por bravos guerreiros com machados de batalha afiados e espadas e machados e flechas de diversas espécies e por meio também de seus animais. Coberta com cabeças humanas que eram adornadas com dentes brancos e rostos formosos e olhos belos e narizes vistosos, e agraciada com belos diademas e brincos, e todas as quais pareciam o lótus, o Sol, ou a Lua, a terra parecia muito resplandecente. Elefantes e homens e corcéis, aos milhares, foram mortos com centenas de maças com pontas e clavas curtas e dardos e lanças e ganchos e Bhusundis e maças. O sangue que caía formou um rio como correntezas no campo. Por causa daqueles guerreiros em carros e homens e cavalos e elefantes mortos pelo inimigo, e jazendo com feições espectrais e ferimentos muito abertos, o campo de batalha parecia com os domínios do rei dos mortos na época da dissolução universal. Então, ó deus entre homens, tuas tropas, e aqueles touros entre os Kurus, isto é, teus filhos parecendo os filhos dos celestiais, com uma hoste de guerreiros de poder imensurável em sua vanguarda, todos procederam contra Satyaki, aquele touro da raça Sini. Nisso aquela hoste, abundando em muitos principais dos homens e corcéis e carros e elefantes, produzindo um barulho alto como aquele do vasto oceano, e parecendo o exército dos Asuras ou aquele dos celestiais, brilhava com beleza terrível. Então o filho de Surya, parecendo o próprio chefe dos celestiais em destreza e como o irmão mais novo de Indra, atacou aquele principal da linhagem de Sini com flechas cujo

esplendor parecia os raios do sol. Aquele touro da raça Sini também, naquela batalha, então encobriu rapidamente aquele principal dos homens, com seu carro e corcéis e motorista, com diversos tipos de flechas terríveis como o veneno da cobra. Então muitos Atirathas pertencentes ao teu exército, acompanhados por elefantes e carros e soldados de infantaria, se aproximaram rapidamente daquele touro entre os guerreiros em carros, isto é, Vasusena, quando eles viram o último profundamente afligido pelas flechas daquele herói principal da tribo de Sini. Aquele exército, no entanto, vasto como o oceano, atacado por inimigos possuidores da grande rapidez, isto é, os guerreiros Pandava encabeçados pelos filhos de Drupada, fugiram do campo. Naquele momento ocorria uma grande carnificina de homens e carros e cavalos e elefantes. Então aqueles dois principais dos homens, Arjuna e Keshava, tendo dito sua oração diária e devidamente adorado o senhor Bhava, avançaram rapidamente contra tuas tropas, resolvidos a matar aqueles inimigos deles. Seus inimigos (isto é, os Kurus) lançaram seus olhos tristemente naquele carro cujo estrépito parecia o rugido das nuvens e cujas flâmulas ondulavam belamente no ar e que tinha cavalos brancos unidos a ele e que estava indo em direção a eles. Então Arjuna, curvando Gandiva e como se dançando em seu carro, encheu o céu e todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, com chuvas de flechas, não deixando nem o menor espaço vazio. Como a tempestade destruindo as nuvens, o filho de Pandu destruiu com suas flechas muitos carros parecendo com veículos celestes, que eram bem enfeitados, e equipados com armas e bandeiras, junto com seus motoristas. Muitos elefantes também, com os homens que os guiavam, adornados com faixas triunfais e armas, e muitos cavaleiros com cavalos, e muitos soldados a pé também, Arjuna despachou com suas setas para a residência de Yama. Então Duryodhana procedeu sozinho contra aquele poderoso guerreiro em carro que estava furioso e irresistível e parecia um verdadeiro Yama, atacando-o com suas flechas retas. Arjuna, cortando o arco de seu adversário e motorista e corcéis e estandarte com sete flechas, cortou em seguida seu guarda-sol com uma flecha. Obtendo então uma oportunidade, ele atirou em Duryodhana uma flecha excelente, capaz de tirar a vida da pessoa atingida. O filho de Drona, no entanto, cortou aquela flecha em sete fragmentos. Cortando então o arco do filho de Drona e matando os quatro corcéis do último com suas flechas, o filho de Pandu em seguida cortou o arco formidável de Kripa também. Então cortando o arco do filho de Hridika, ele derrubou a bandeira e cavalos do último. Então cortando o arco de Duhshasana, ele procedeu contra o filho de Radha. Nisto, Karna, deixando Satyaki rapidamente perfurou Arjuna com três flechas e Krishna com vinte, e Partha outra vez repetidamente. Embora fossem muitas as flechas que ele disparava enquanto matando seus inimigos naquela batalha, como o próprio Indra inspirado com cólera, Karna ainda não sentia fadiga. Enquanto isso Satyaki, se aproximando, perfurou Karna com noventa e nove flechas ardentes, e mais uma vez com cem. Então todos os principais heróis entre os Parthas começaram a afligir Karna. Yudhamanyu e Shikhandi e os filhos de Draupadi e os Prabhadrakas, e Uttamauja e Yuyutsu e os gêmeos e Dhrishtadyumna, e as divisões dos Cedis e os Karushas e os Matsyas e Kaikeyas, e o poderoso Chekitana, e o rei Yudhishthira de votos excelentes, todos esses, acompanhados por carros e corcéis e elefantes, e soldados de infantaria de destreza feroz, cercaram Karna por todos os lados

naquela batalha, e despejaram sobre ele diversas espécies de armas, dirigindo-se a ele em palavras duras e resolvidos a executar sua destruição. Cortando aquela chuva de armas com suas flechas afiadas, Karna dispersou seus atacantes pelo poder de suas armas como o vento derrubando as árvores que ficam em seu caminho. Cheio de fúria, Karna era visto destruir guerreiros em carros, e elefantes com seus condutores, e cavalos com cavaleiros, e grandes grupos de soldados a pé. Massacrado pela energia das armas de Karna, quase o total daquele exército dos Pandavas, privado de armas, e com membros mutilados e rompidos, se retirou do campo. Então Arjuna, sorrindo, frustrou com suas próprias armas as armas de Karna e cobriu o céu, a terra, e todos os pontos do horizonte com chuvas densas de flechas. As flechas de Arjuna caíram como clavas pesadas e maças com pontas. E algumas entre elas caíram como Sataghnis e algumas caíram como raios ardentes. Massacrado com isso, o exército Kaurava consistindo em infantaria e cavalos e carros e elefantes, fechando seus olhos, proferiu lamentos altos de dor e vagou insensatamente. Muitos foram os corcéis e homens e elefantes que pereceram naquela ocasião. Muitos, além disso, atingidos por flechas e profundamente afligidos fugiram com medo.'"

"'Enquanto teus guerreiros estavam assim engajados em batalha pelo desejo de vitória, o sol se aproximando da Montanha do Ocaso, entrou nela. Por causa da escuridão, ó rei, mas especialmente devido à poeira, nós não podíamos perceber qualquer coisa favorável ou desfavorável. Os arqueiros poderosos (entre os Kauravas), temendo uma luta noturna, ó Bharata, então se retiraram do campo, acompanhados por todos os seus combatentes. Após a retirada dos Kauravas, ó rei, no fim do dia, os Parthas, alegres por terem obtido a vitória, também se retiraram para seu próprio acampamento, zombando de seus inimigos por produzirem diversas espécies de sons com seus instrumentos musicais, e aplaudindo Acyuta e Arjuna. Depois que aqueles heróis tinham assim retirado o exército, todas as tropas e todos os reis proferiram bênçãos sobre os Pandavas. A retirada tendo sido feita, aqueles homens impecáveis, os Pandavas, ficaram muito contentes, e procedendo para suas tendas descansaram lá à noite. Então Rakshasas e Pishacas, e animais carnívoros em grandes números foram àquele medonho campo de batalha parecendo a área de diversão do próprio Rudra.'"

31

"Dhritarashtra disse, 'Parece que Arjuna matava vocês todos à vontade. De fato, o próprio Destruidor não poderia escapar dele em batalha, se Arjuna utilizasse armas contra Ele. Sozinho, Partha raptou Bhadra, e sem ajuda, ele gratificou Agni. Sem ajuda, ele subjugou a Terra inteira, e fez todos os reis pagarem tributo. Sozinho, com seu arco celeste ele matou os Nivatakavachas. Sozinho, ele lutou em batalha com Mahadeva que ficou diante dele no disfarce de um caçador. Sozinho, ele protegeu os Bharatas, e sem ajuda, ele gratificou Bhava. Sozinho, foram subjugados por ele todos os reis da Terra dotados de bravura feroz. Os Kurus não podem ser criticados. Por outro lado, eles merecem louvor

(por terem lutado com tal guerreiro). Diga-me agora o que eles fizeram. Conte-me também, ó Suta, o que Duryodhana fez depois disso.'"

"Sanjaya disse, 'Atingidos e feridos e derrubados de seus veículos e privados de armaduras e desprovidos de armas e seus animais mortos, com vozes queixosas e queimando de dor e vencidos por seus inimigos, os Kauravas vaidosos, entrando em suas tendas mais uma vez trocaram idéias uns com os outros. Eles então pareciam com cobras privadas de presas e veneno pisadas por outros. Para eles, Karna, suspirando como uma cobra enfurecida, apertando suas mãos, e olhando para teu filho, disse, 'Arjuna é sempre cuidadoso, firme, possuidor de habilidade, e dotado de inteligência. Além disso, quando chega o momento, Vasudeva o alerta (para o que deve ser feito). Hoje, por meio daquela repentina chuva de armas nós fomos enganados por ele. Amanhã, no entanto, ó senhor da Terra, eu irei frustrar todos os seus propósitos.' Assim endereçado por Karna, Duryodhana disse, 'Assim seja,' e então concedeu permissão para aqueles principais dos reis se retirarem. Mandados pelo rei, todos aqueles soberanos procederam para suas respectivas tendas. Tendo passado a noite tranquilamente, eles alegremente saíram para a batalha (no dia seguinte). Eles então contemplaram uma ordem de batalha invencível formada pelo rei Yudhishthira o justo, aquele principal da linhagem de Kuru, com grande cuidado, e de acordo com a sanção de Brihaspati e Usanas. Então aquele matador de inimigos, Duryodhana, lembrando-se do heróico Karna, aquele neutralizador de inimigos, aquele guerreiro com pescoço semelhante àquele de um touro, igual ao próprio Purandara em batalha, aos Maruts em poder, e a Kartavirya em energia. De fato, o coração do rei se dirigiu para Karna. E os corações de todas as tropas também se dirigiram para aquele herói, aquele filho de Suta, aquele arqueiro poderoso, como o coração de uma pessoa se volta para um amigo em uma situação de grande perigo.'"

"Dhritarashtra disse, 'O que Duryodhana fez em seguida, ó Suta, quando os corações de todos vocês se voltaram para o filho de Vikarna, Karna? Minhas tropas lançaram seus olhos no filho de Radha como pessoas afligidas pelo frio dirigindo seu olhar em direção ao Sol? Após o recomeço da batalha depois da retirada das tropas, como, ó Sanjaya, o filho de Vikarna Karna lutou? Como também todos os Pandavas lutaram com o filho de Suta? O poderosamente armado Karna iria, sem ajuda, matar os Parthas com os Srinjayas. O poder de armas de Karna se iguala àquele de Sakra ou Vishnu. Suas armas são ferozes, e a bravura também daquele de grande alma é feroz. Confiando em Karna, o rei Duryodhana tinha colocado seu coração na batalha. Vendo Duryodhana profundamente afligido pelo filho de Pandu, e vendo também os filhos de Pandu mostrando grande destreza, o que aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, Karna, fez? Ai, o tolo Duryodhana, confiando em Karna, espera derrotar os Parthas com seus filhos e Keshava em batalha! Ai, é uma causa de grande aflição que Karna não pudesse, com sua força, vencer os filhos de Pandu em batalha! Sem dúvida, o Destino é supremo. Ai, o fim terrível daquela partida de jogo agora se aproxima! Ai, essas tristezas de partir o coração, devido aos atos de Duryodhana, muitas em número e semelhantes a dardos terríveis, estão sendo agora suportadas por mim, ó Sanjaya! Ó senhor, o filho de Subala costumava ser

então considerado como uma pessoa sagaz. Karna também é sempre extremamente afeiçoado ao rei Duryodhana. Ai, quando tal é o caso, ó Sanjaya, por que então eu tenho que ouvir a respeito das derrotas e mortes frequentes de meus filhos? Não há ninguém que possa resistir aos Pandavas em batalha. Eles penetram no meu exército como um homem no meio de mulheres desamparadas. O Destino, de fato, é supremo.'"

"Sanjaya disse, 'Ó rei, pense agora em todas aquelas tuas ações injustas como aquele jogo de dados e outras, ações que tem passado longe dos assuntos de pensamento do homem. Não se deve, no entanto, refletir sobre atos passados. Uma pessoa pode ser arruinada por tal reflexão. Aquele resultado (que tu esperavas) está agora muito distante do ponto de fruição, já que, embora possuidor de conhecimento, tu não refletiste sobre a propriedade e impropriedade de tuas ações então. Muitas vezes tu foste, ó rei, aconselhado contra uma guerra com os Pandavas. Tu, no entanto, ó monarca, não aceitaste aqueles conselhos, por insensatez. Diversas ações pecaminosas de uma natureza grave foram perpetradas por ti contra os filhos de Pandu. Por causa daqueles atos um massacre horrível de reis agora ocorreu. Tudo isso, no entanto, é agora passado. Não te aflija, ó touro da raça Bharata. Ó tu de glória imperecível, ouça agora os detalhes da carnificina terrível que ocorreu.'"

"'Quando amanheceu, Karna foi até o rei Duryodhana. Aproximando-se do rei, o herói de braços fortes disse, ‘Eu irei, ó rei, me envolver em batalha hoje com o filho ilustre de Pandu. Ou eu matarei aquele herói hoje, ou ele me matará. Por causa das diversas coisas que eu mesmo e Partha tínhamos que fazer, ó Bharata, um combate, ó rei, não pode até agora ocorrer entre eu mesmo e Arjuna! Escute agora, ó monarca, essas palavras minhas, faladas segundo minha sabedoria. Sem matar Partha em batalha eu não voltarei, ó Bharata. Já que este nosso exército tem sido privado de seus principais guerreiros, e já que eu permanecerei em batalha, Partha avançará contra mim, especialmente porque eu estou desprovido do dardo que Sakra me deu. Portanto, ó soberano de homens, ouça agora o que é benéfico. A energia das minhas armas celestes é igual à energia das armas de Arjuna. Em neutralizar os feitos de inimigos poderosos, em agilidade de mãos, em alcance das flechas disparadas, em habilidade, e em acertar o alvo, Savyasaci nunca é meu igual. Em força física, em coragem, em conhecimento de (armas), em destreza, ó Bharata, em mirar, Savyasaci nunca é meu igual. Meu arco, chamado Vijaya, é a principal de todas as armas (de seu tipo). Desejoso de fazer o que era agradável (para Indra), ele foi feito por Vishakarman (o artífice celeste) para Indra. Com aquele arco, ó rei, Indra venceu os Daityas. Por sua vibração os Daityas contemplaram os dez pontos como estando vazios. Aquele arco, respeitado por todos, Sakra deu para o filho de Bhrigu (Rama). Aquele celeste e principal dos arcos o filho de Bhrigu deu para mim. Com aquele arco eu lutarei em batalha com Arjuna de braços fortes, aquele principal dos guerreiros vitoriosos, como Indra lutando com os Daityas reunidos. Aquele arco formidável, o presente de Rama, é superior ao Gandiva. Foi com aquele arco que a Terra foi subjugada três vezes sete vezes (pelo filho de Bhrigu). Com aquele arco dado a mim por Rama eu lutarei em batalha com o filho de Pandu. Eu irei, ó Duryodhana, te

alegrar hoje com teus amigos, por matar em batalha aquele herói, isto é, Arjuna, aquele principal dos conquistadores. A Terra inteira com suas montanhas e florestas e ilhas, sem um guerreiro heróico (para se opor à tua vontade), ó rei, se tornará tua hoje, sobre a qual tu mesmo com teus filhos e netos reinareis supremos. Hoje não há nada que não possa ser realizado por mim, especialmente quando o objetivo é fazer o que é agradável para ti, assim como o sucesso é incapaz de ser perdido por um asceta zelosamente dedicado à virtude e tendo sua alma sob controle. Arjuna não será capaz de resistir a mim em batalha, assim como uma árvore em contato com fogo é incapaz de suportar aquele elemento. Eu devo, no entanto, declarar em qual aspecto eu sou inferior a Arjuna. A corda de seu arco é celeste, e as duas aljavas grandes dele são inesgotáveis. Seu motorista é Govinda. Eu não tenho ninguém como ele. Dele é aquele divino e principal dos arcos, chamado Gandiva, o qual é irrefreável em batalha. Eu também tenho aquele excelente, celeste, e formidável arco chamado Vijaya. Em relação a nossos arcos, portanto, ó rei, eu sou superior a Arjuna. Escute agora aqueles casos nos quais o filho heróico de Pandu é superior a mim. O portador das rédeas (de seus corcéis) é ele da linhagem de Dasharha que é adorado por todos os mundos. Seu carro celeste ornado com ouro, dado a ele por Agni, é impenetrável em toda parte, e seus corcéis também, ó herói, são dotados da velocidade da mente. Seu estandarte celestial, portando o Macaco resplandecente, é muito extraordinário. Além disso, Krishna, que é Criador do universo, protege aquele carro. Embora inferior a Arjuna em relação a essas coisas, eu ainda desejo lutar com ele. Este Shalya, no entanto, o ornamento de assembléias, é igual a Saurin. Se ele se tornar meu motorista, a vitória certamente será tua. Que Shalya, portanto, que é incapaz de ser resistido por inimigos seja o motorista do meu carro. Que um grande número de carroças leve minhas flechas longas e aquelas que são aladas com penas de urubu. Que diversos dos carros principais, ó monarca, com corcéis excelentes unidos a eles, sempre me sigam, ó touro da raça Bharata. Por meio desses arranjos eu irei, com relação às qualidades mencionadas, ser superior a Arjuna. Shalya é superior a Krishna, e eu sou superior a Arjuna. Como aquele matador de inimigos, isto é, ele da linhagem de Dasharha, conhece a condução de cavalos, assim mesmo é aquele poderoso guerreiro em carro, Shalya, familiarizado com condução de cavalos. Não há ninguém igual ao chefe dos Madras em força de braços. Como não há ninguém igual a mim em armas, assim não há ninguém igual a Shalya em conhecimento a respeito de cavalos. Assim circunstanciado, eu me tornarei superior a Partha. Contra meu carro, os próprios deuses com Vasava em sua dianteira não ousarão avançar. Tudo isso sendo atendido, quando eu tomar minha posição em meu carro, eu me tornarei superior a Arjuna nos atributos de guerreiro e irei então, ó melhor dos Kurus, derrotar Phalguna. Eu desejo, ó monarca, que tudo isso seja feito por ti, ó opressor de inimigos. Que esses meus desejos sejam realizados. Que nenhum tempo seja permitido decorrer. Se tudo isso for realizado, o auxílio mais eficaz será prestado a mim em todos os pontos desejáveis. Tu verás então, ó Bharata, o que eu realizarei em batalha. Eu irei por todos os meios subjugar os filhos de Pandu em batalha quando eles se aproximarem de mim. Os próprios deuses e Asuras não são capazes de avançar contra mim em batalha. O que precisa ser dito então dos filhos de Pandu que são de origem humana?'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por aquele ornamento de batalha, isto é, Karna, teu filho, reverenciando o filho de Radha, respondeu a ele, com o coração contente, dizendo, 'Realize isso, ó Karna, o qual tu pensas. Equipados com aljavas e cavalos vistosos, tais carros te seguirão em batalha. Que tantos carros quanto tu desejares levem tuas flechas longas e setas equipadas com penas de urubu. Nós mesmos, como também os reis, ó Karna, te seguiremos em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, teu nobre filho, dotado de grande coragem, aproximou-se do soberano dos Madras e dirigiu-se a ele nas seguintes palavras.'"

32

"Sanjaya disse, 'Teu filho então, ó monarca, se aproximando humildemente daquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o soberano dos Madras, dirigiu-se a ele, por afeição, nessas palavras, 'Ó tu de votos verdadeiros, ó tu de grande ventura, ó aumentador das tristezas de inimigos, ó soberano dos Madras, ó herói em batalha, ó tu que inspiras tropas hostis com medo, tu ouviste, ó principal dos oradores, como, por causa de Karna que falou para mim, eu mesmo estou desejoso de te solicitar entre todos esses leões dos reis. Ó tu de destreza incomparável, ó rei dos Madras, para a destruição do inimigo, eu te solicito hoje, com humildade e inclinação da cabeça. Portanto, para a destruição de Partha e para o meu bem, cabe a ti, ó principal dos guerreiros em carros, aceitar, por amor, o cargo de quadrigário. Contigo como seu motorista, o filho de Radha subjugará meus inimigos. Não há ninguém mais para segurar as rédeas dos corcéis de Karna, exceto tu, ó tu de grande ventura, ó tu que és igual a Vasudeva em batalha. Proteja Karna então por todos meios como Brahma protegendo Maheswara. Assim como ele da linhagem de Vrishni protege por todos os meios o filho de Pandu em todos os perigos, ó chefe dos Madras, proteja o filho de Radha hoje. Bhishma, e Drona, e Kripa, e tu mesmo e o valente soberano dos Bhojas, e Shakuni o filho de Subala, e o filho de Drona e eu mesmo constituímos a força principal do nosso exército. Assim mesmo, ó senhor da Terra, nós dividimos entre nós mesmos o exército hostil em porções para a quota de cada um. A parte que tinha sido designada para Bhishma agora não existe mais como também aquela que tinha sido designada para Drona de grande alma. Indo até além de suas partes designadas, aqueles dois mataram meus inimigos. Aqueles dois tigres entre homens, no entanto, eram idosos, e ambos foram mortos enganadoramente. Tendo realizado as façanhas mais difíceis, os dois, ó impecável, partiram daqui para o céu. Similarmente, muitos outros tigres entre homens, do nosso exército, mortos por inimigos em batalha, tem ascendido para o céu, perdendo suas vidas e tendo feito grandes esforços ao melhor de seus poderes. Essa minha hoste, portanto, ó rei, a maior parte da qual foi massacrada, foi reduzida a este estado pelos Parthas que eram a princípio em menor número do que nós. O que deve ser feito por ora? Faça agora, ó senhor da Terra, aquilo pelo qual os filhos de Kunti poderosos e de grande alma, de destreza incapaz de ser frustrada, possam ser

impedidos de exterminar o restante da minha hoste. Ó senhor, os Pandavas tem matado em batalha os mais bravos guerreiros desse meu exército. Só o poderosamente armado Karna está dedicado ao nosso bem, como também tu mesmo, ó tigre entre homens, que és o principal dos guerreiros em carros no mundo inteiro. Ó Shalya, Karna deseja lutar em batalha hoje com Arjuna. Nele, ó soberano dos Madras, minhas esperanças de vitória são grandes. Não há ninguém mais no mundo (exceto tu) que possa compor tão bom portador das rédeas para Karna. Como Krishna é o principal de todos os portadores de rédeas para Partha em batalha, assim mesmo, ó rei, seja o principal de todos os portadores de rédeas para o carro de Karna. Acompanhado e protegido, ó senhor, por ele em batalha, as façanhas que Partha realiza estão todas diante de ti. Antigamente, Arjuna nunca tinha matado seus inimigos em batalha de tal maneira. Agora, no entanto, sua destreza tornou-se formidável, unido como ele está com Krishna. Dia após dia, ó soberano dos Madras, este vasto exército Dhritarashtra é visto ser desbaratado por Partha porque ele está unido com Krishna. Resta uma porção da parte designada para Karna e tu mesmo, ó tu de esplendor magnífico. Suporte aquela parte com Karna, e a destruam juntos em batalha. Assim como Surya, se unindo com Aruna, destrói a escuridão, tu, unindo-te com Karna, mate Partha em batalha. Que os poderosos guerreiros em carros (do inimigo), fujam, vendo em batalha aqueles dois guerreiros dotados da refulgência do sol da manhã, isto é, Karna e Shalya, parecendo dois Sóis surgidos acima do horizonte. Assim como a escuridão é destruída, ó senhor, à visão de Surya e Aruna, assim mesmo que os Kaunteyas (Pandavas) com os Pancalas e os Srinjayas pereçam vendo a ti e Karna. Karna é o principal dos guerreiros em carros, e tu és o principal dos motoristas. No conflito da batalha, além disso, não há ninguém igual a ti. Como ele da linhagem de Vrishni protege o filho de Pandu sob todas as circunstâncias, assim mesmo que tu mesmo protejas o filho de Vikarna Karna em batalha. Contigo como seu motorista, Karna se tornará invencível, ó rei, em batalha assim como os deuses tendo Sakra em sua dianteira! O que precisa ser dito então acerca dos Pandavas? Não duvide das minhas palavras.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Duryodhana, Shalya ficou cheio de raiva. Contraindo sua fronte em três linhas, e agitando seus braços repetidamente, e rolando seus grandes olhos vermelhos de ira, aquele guerreiro de braços massivos orgulhoso de sua linhagem e riqueza e conhecimento e força, disse essas palavras:'"

"Shalya disse 'Tu me insultas, ó filho de Gandhari, ou sem dúvida suspeitas de mim, já que tu me solicitas, sem hesitação, dizendo, 'Aja como um motorista'. Considerando Karna como sendo superior a nós, tu o elogias dessa maneira. Eu, no entanto, não considero o filho de Radha como meu igual em batalha. Designe para mim uma parte muito maior, ó senhor da Terra. Destruindo aquela em batalha, eu voltarei para o lugar de onde vim. Ou, se tu desejares, eu irei, ó alegrador dos Kurus, lutar sozinho com o inimigo. Enquanto empenhado em consumir o inimigo, veja minha destreza hoje. Refletindo sobre um insulto, ó tu da família de Kuru, uma pessoa como nós mesmos nunca se engaja em minha tarefa. Não tenha dúvidas sobre mim. Nunca tu deves me humilhar em batalha. Veja

esses meus dois braços massivos, fortes como o trovão. Contemple também meu arco excelente, e essas flechas que parecem cobras de veneno virulento. Contemple meu carro, ao qual estão unidos corcéis excelentes dotados da velocidade do vento. Veja também, ó filho de Gandhari, minha maça enfeitada com ouro e enrolada com cordas de cânhamo. Cheio de fúria, eu posso partir a própria Terra, espalhar as montanhas, e secar os oceanos, com minha própria energia, ó rei. Sabendo, ó monarca, que eu sou tão capaz de afligir o inimigo, por que tu me nomeias para o cargo de motorista em batalha para tal pessoa de nascimento inferior como o filho de Adhiratha? Não cabe a ti, ó rei de reis, me colocar para tais tarefas vis! Sendo tão superior, eu não posso tomar a decisão de obedecer as ordens de uma pessoa pecaminosa. Aquele que faz uma pessoa superior chegada por sua própria vontade e obediente por amor se entregar a um indivíduo pecaminoso, certamente incorre no pecado de confundir o superior com o inferior. Brahman criou os Brahmanas de sua boca, e os Kshatriyas de seus braços. Ele criou os Vaishyas de suas coxas e os Shudras de seus pés. Por causa da mistura daquelas quatro classes, ó Bharata, daquelas quatro tem surgido classes específicas, isto é, aquelas nascidas de homens de classes superiores se casando com mulheres de classes inferiores a eles mesmos, e vice-versa. Os Kshatriyas são descritos como protetores (das outras classes) conquistadores de riqueza e dadores da mesma. Os Brahmanas foram estabelecidos na Terra para favorecerem seu povo por ajudarem em sacrifícios, por ensino e aceitação de presentes puros. Agricultura e criação de gado e doações são as ocupações dos Vaishyas de acordo com as escrituras. Shudras tem sido ordenados para serem os empregados dos Brahmanas, dos Kshatriyas, e dos Vaishyas. Similarmente, os Sutas são os empregados de Kshatriyas, e não os últimos os empregados dos primeiros. Ouça essas minhas palavras, ó impecável. Em relação a mim mesmo, eu sou uma pessoa cujos cabelos coronais passaram pelo banho sagrado. Eu sou nascido em uma linhagem de sábios nobres. Eu sou considerado um grande guerreiro em carro. Eu mereço o culto e o louvor que bardos e elogiadores prestam e cantam. Sendo tudo isso, ó matador de tropas hostis, eu não posso ir à extensão de agir como o motorista do filho de Suta em batalha. Eu nunca lutarei, passando por um ato de humilhação. Eu peço tua permissão, ó filho de Gandhari, para voltar para casa.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras aquele tigre entre homens e ornamento de assembléias, Shalya, cheio de raiva ficou de pé rapidamente e se esforçou para sair daquela assembléia de reis. Teu filho, no entanto, por afeição e grande respeito, segurou o rei, e dirigiu-se a ele nessas palavras agradáveis e conciliadoras, que eram capazes de realizar todo objetivo, 'Sem dúvida, ó Shalya, é assim mesmo como tu disseste. Mas eu tenho certo propósito em vista. Escute isto, ó soberano de homens, Karna não é superior a ti, nem eu suspeito de ti, ó rei. O nobre chefe dos Madras nunca fará o que é falso. Aqueles principais dos homens que foram teus antepassados sempre disseram a verdade. Eu penso que é por isso que tu és chamado Artayani (o descendente daqueles que tinham a verdade como seu refúgio). E já que, ó concessor de honras, tu és como uma flecha farpada para teus inimigos, portanto tu és chamado pelo nome de Shalya na terra. Ó tu que fazes grandes presentes (para Brahmanas) em sacrifícios,

realize tudo aquilo que, ó virtuoso, tu tinhas anteriormente dito que tu irias realizar. Nem o filho de Radha nem eu mesmo somos superiores a ti em valor que eu te escolheria como o condutor daqueles principais dos corcéis (que estão unidos ao carro de Karna). Como, no entanto, ó senhor, Karna é superior a Dhananjaya em relação a muitas qualidades, assim mesmo o mundo te considera superior a Vasudeva. Karna é certamente superior a Partha em relação a armas, ó touro entre homens. Tu também és superior a Krishna em conhecimento de corcéis e força. Sem dúvida, ó soberano dos Madras, teu conhecimento de cavalos é o dobro daquele que Vasudeva de grande alma tem.'"

"Shalya disse, 'Já que, ó filho de Gandhari, tu me descreveste, ó tu da linhagem de Kuru, no meio de todas essas tropas, como superior ao filho de Devaki, eu estou satisfeito contigo. Eu me tornarei o motorista do filho de Radha de grande fama enquanto ele estiver envolvido em combate com o principal dos filhos de Pandu, como tu me solicitaste. Que esse, no entanto, ó herói, seja meu acordo com o filho de Vikartana: que eu em sua presença irei proferir quaisquer palavras que eu deseje.'"

"Sanjaya continuou, 'Ó rei, teu filho, com Karna então, ó Bharata, respondeu para o príncipe dos Madras, ó melhor da linhagem de Bharata, dizendo, 'Assim seja.'"

33

"Duryodhana disse, 'Escute, mais uma vez, ó soberano do Madras, o que eu te direi, sobre o que aconteceu, ó senhor, na batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos passados. O grande Rishi Markandeya narrou isto para meu pai. Eu irei agora narrá-lo sem omitir qualquer coisa, ó melhor dos sábios reais. Ouça este relato confiantemente e sem desconfiar dele em absoluto. Entre os deuses e os Asuras, cada um desejoso de subjugar o outro, aconteceu uma grande batalha, ó rei, a qual tinha Taraka como seu mal (causa). Foi sabido por nós que os Daityas foram derrotados pelos deuses. Após a derrota dos Daityas, os três filhos de Taraka, chamados Tarakaksha, Kamalaksha e Vidyunmalin, ó rei, praticando as penitências mais rígidas, viveram na observância de votos superiores. Por meio daquelas penitências eles emaciaram seus corpos, ó opressor de inimigos. Por causa de seu autodomínio, suas penitências, seus votos e contemplação, o Avô concessor de benefícios ficou satisfeito com eles e lhes deu benefícios. Conjuntamente eles solicitaram do Avô de todos os mundos, ó rei, o benefício de imunidade de morte nas mãos de todas as criaturas de todas as épocas. O divino Senhor e Mestre de todos os mundos disse a eles, 'Não existe nada como imunidade de morte nas mãos de todas as criaturas. Portanto, ó Asuras, se abstenham de tal rogo. Solicitem algum outro benefício que possa parecer desejável para vocês.' Quando todos eles, ó rei, tendo decidido entre eles mesmos depois de muito tempo e repetidas conferências, se curvaram ao grande Mestre de todos os mundos e disseram essas palavras, 'Ó deus, ó Avô, nos dê essa bênção. Residindo em três cidades, nós iremos perambular sobre essa Terra, com tua graça sempre diante de nós. Depois de 1.000 anos então, nós

estaremos juntos, e nossas três cidades também, ó impecável, se tornarão unidas em uma. Aquele principal entre os deuses que, com uma flecha, perfurar aquelas três cidades unidas em uma, ó senhor, será a causa da nossa destruição.' Dizendo a eles, 'Assim seja' aquele deus ascendeu para o céu. Aqueles Asuras então, cheios de alegria por terem obtido aquela bênçãos e tendo decidido entre eles mesmos a respeito da construção das três cidades, escolheram para o propósito o grande Asura Maya, o artífice celeste, não conhecendo fadiga ou decadência, e reverenciado por todos os Daityas e Danavas. Então Maya, de grande inteligência, por meio da ajuda de seu próprio mérito ascético, construiu três cidades, uma das quais era de ouro, outra de prata, e a terceira de ferro preto. A cidade dourada estava localizada no céu, a cidade de prata no firmamento, e a cidade de ferro estava localizada na Terra, todas de tal maneira quanto a girar em um círculo, ó senhor da Terra. Cada uma daquelas cidades media cem yojanas de largura e cem de comprimento. E elas consistiram em casas e mansões e muros e pórticos altos. E embora cheia de palácios suntuosos próximos uns dos outros, ainda assim as ruas eram largas e espaçosas. E elas eram adornadas com diversas mansões e portões. Cada uma daquelas cidades, além disso, ó monarca, tinha um rei separado. A bela cidade de ouro pertencia ao ilustre Tarakaksha, a cidade de prata a Kamalaksha, e a de ferro a Vidyunmalin. Aqueles três reis Daitya, logo atacando os três mundos com sua energia, continuaram a morar e reinar, e começaram a dizer, 'Quem é ele chamado o Criador?' Até aqueles principais dos Danavas que não tinham heróis iguais a eles, foram de todos os lados milhões sobre milhões de Danavas orgulhosos e comedores de carne que tinham antes sido derrotados pelos celestiais, e que agora se estabeleciam nas três cidades, desejosos de grande prosperidade. Para todos eles assim unidos, Maya tornou-se o fornecedor de todas as coisas que eles queriam. Confiando nele, todos eles residiam lá, em perfeito destemor. Quem quer que entre aqueles que residiam na cidade tripla desejasse qualquer objeto em seu coração tinha seu desejo realizado por Maya ajudado pelos poderes de ilusão do último. Tarakaksha teve um filho heróico e poderoso chamado Hari. Ele praticou as mais austeras das penitências, pelo que o Avô ficou satisfeito com ele. Quando o deus estava satisfeito, Hari solicitou um benefício dele, dizendo, 'Que um lago passe a existir em nossa cidade, tal que pessoas mortas por meio de armas possam, quando jogadas nele, sair com vida, e com força redobrada.' Obtendo esse benefício, o heróico Hari, filho de Tarakaksha, criou um lago, ó senhor, em sua cidade, que era capaz de reviver os mortos. Em qualquer forma e qualquer aparência que um Daitya pudesse ter sido morto, se jogado naquele lago, ele era devolvido à vida, na mesma forma e aparência. Obtendo vivos os mortos entre eles, os Daityas começaram a afligir os três mundos. Coroados com êxito por meio de penitências austeras, aqueles aumentadores dos medos dos deuses não sofriam, ó rei, diminuição em batalha. Entorpecidos então pela cobiça e loucura, e privados de seu juízo, todos eles começaram a exterminar desavergonhadamente as cidades e vilas estabelecidas por todo o universo. Cheios de orgulho pelas bênçãos que eles tinham recebido, e impelindo diante deles, em todos os tempos e de todos os lugares, os deuses com seus servidores, eles vagavam à vontade sobre florestas celestiais e outros reinos caros para os habitantes do céu e os retiros encantadores e sagrados de Rishis. E os Danavas perversos pararam de mostrar

qualquer respeito por alguém. Enquanto os mundos estavam assim afligidos, Sakra, circundado pelos Maruts, lutou contra as três cidades por arremessar seu raio sobre elas de todos os lados. Quando, no entanto, Purandra fracassou em perfurar aquelas cidades feitas impenetráveis, ó rei, pelo Criador com seus benefícios, o chefe dos celestiais, cheio de temor, e deixando aquelas cidades, se dirigiu com aqueles mesmos deuses até aquele castigador de inimigos, isto é, o Avô, para relatar para ele as opressões cometidas pelos Asuras. Relatando tudo e reverenciando-o com suas cabeças, eles perguntaram ao Avô divino os meios pelos quais a cidade tripla poderia ser destruída. A Divindade ilustre, ouvindo as palavras de Indra, disse aos deuses, 'Aquele que é um ofensor contra vocês peca contra mim também. Os Asuras são todos de almas perversas e sempre odeiam os deuses. Aqueles que causam dor a vocês sempre me ofendem. Eu sou imparcial para todas as criaturas. Não há dúvida nisto. Apesar de tudo isso, no entanto, aqueles que são injustos devem ser mortos. Esse é meu voto fixo. Aquelas três fortalezas devem ser perfuradas com uma flecha. Por nenhum outro meio sua destruição pode ser efetuada. Ninguém mais, salvo Sthanu, é competente para perfurá-las com uma flecha. Ó Adityas, escolham Sthanu, também chamado Ishana e Jishnu, que nunca fica fatigado com trabalho, como seu guerreiro. É ele que destruirá aqueles Asuras.' Ouvindo essas palavras dele, os deuses com Sakra em sua vanguarda, fazendo Brahman tomar sua dianteira, procuraram a proteção da Divindade tendo o touro como seu símbolo. Aqueles justos acompanhados por Rishis dedicados às mais severas penitências e proferindo as eternas palavras dos Vedas, procuraram Bhava com toda sua alma. E eles louvaram, ó rei, nas sublimes palavras dos Vedas aquele dissipador de medos em todas as situações de medo, aquela Alma Universal, aquela Alma Suprema, aquele Um por quem Tudo isso é permeado com sua Alma. Então os deuses que, por meio de penitências especiais, tinham aprendido a pacificar todas as funções de sua Alma e afastar Alma da Matéria, eles que tinham suas almas sempre sob controle, contemplaram ele, chamado Ishana, aquele marido de Uma, aquela massa de energia, que não tem igual no universo, aquela fonte (de tudo), aquela Pessoa impecável. Embora aquela Divindade seja uma eles o tinham imaginado como sendo de várias formas. Contemplando naquele de grande alma aquelas diversas formas que cada um tinha individualmente concebido no próprio coração, todos eles ficaram muito admirados. Contemplando aquele Não Nascido, aquele Senhor do universo, como a encarnação de todas as criaturas, os deuses e os Rishis regenerados, todos tocaram a Terra com suas cabeças. Saudando eles com as palavras 'Bem vindos' e erguendo-os de suas posições inclinadas, o ilustre Sankara dirigiu-se a eles sorridente, dizendo, 'Nos digam o objetivo da sua visita.' Mandados pelos deus de três olhos, seus corações ficaram tranquilos. Eles então disseram essas palavras a ele, 'Nossas repetidas saudações a ti, ó Senhor. Saudações a ti que és a fonte de todos os deuses, a ti que estás armado com o arco, a ti que és cheio de ira. Saudações a ti que destruíste o sacrifício daquele senhor das criaturas (Daksha), a ti que és adorado por todos os senhores de criaturas. Saudações a ti que és sempre louvado, a ti que mereces ser louvado, a ti que és a pessoa da Morte. Saudações a ti que és vermelho, a ti que és feroz, a ti que és de garganta azul, a ti que estás armado com o tridente, a ti que és incapaz de ser frustrado, a ti que tens olhos tão belos como aqueles da gazela, a ti que

lutas com as principais das armas, a ti que mereces todo o louvor, a ti que és puro, a ti que és a própria destruição, a ti que és o destruidor; a ti que és irresistível, a ti que és Brahman, a ti que levas a vida de um Brahmacari; a ti que és Ishana; a ti que és imensurável, a ti que és o grande controlador, a ti que estás vestido em farrapos; a ti que estás sempre engajado em penitências, a ti que és moreno, a ti que és cumpridor de votos, a ti que estás vestido em peles de animais; a ti que és o pai de Kumara, a ti que tens três olhos, a ti que estás armado com as principais das armas, a ti que destróis as aflições de todos os que procuram tua proteção, a ti que destróis todos os odiadores de Brahmanas, a ti que és o senhor de todas as árvores, o senhor de todos os homens, o senhor de todo o gado, e sempre o senhor de sacrifícios. Saudações a ti que estás sempre na dianteira de tropas, a ti que és de três olhos, a ti que és dotado de energia ardente. Nós nos devotamos a ti em pensamento, palavra e ação. Seja gracioso para nós.' Satisfeito com essas adorações, o santo, saudando-os com as palavras 'Bem vindos' disse a eles, 'Que seus temores sejam dissipados. Digam o que nós podemos fazer por vocês?'"

34

"Duryodhana disse, 'Depois que os receios daquelas multidões dos Pitris, dos deuses, e dos Rishis tinham sido assim dissipados por aquela Divindade de grande alma, Brahman então ofereceu suas adorações a Sankara, e disse essas palavras para o benefício do universo, 'Pelo teu favor, ó Senhor de todos, o Domínio de todas as criaturas é meu. Ocupando aquele posto, eu dei um grande benefício para os Danavas. Não cabe a ninguém mais, exceto a ti, ó Senhor do Passado e do Futuro, destruir aqueles indivíduos perversos que não mostram consideração por ninguém. Tu, ó Deus, és a única pessoa competente para matar os inimigos destes habitantes do céu que procuraram tua proteção e te solicitam. Ó senhor de todos os deuses, mostre benevolência para estes. Mate os Danavas, ó manejador do tridente. Ó concessor de honras, que o universo, pela tua graça, obtenha felicidade. Ó Senhor de todos os mundos, tu és o único cuja proteção deve ser procurada. Nós todos procuramos tua proteção.'"

"Sthanu disse, 'Todos os seus inimigos devem ser mortos. Mas, eu não irei, no entanto, matá-los sem ajuda. Os inimigos dos deuses são possuidores de poder. Portanto, todos vocês, juntos, destruam aqueles seus inimigos em batalha, com metade do meu poder. União é grande força.'"

"Os deuses disseram, 'Deles (dos Danavas) é duas vezes a energia e poder nossos, nós achamos, pois nós já vimos sua energia e poder.'"

"O santo disse, 'Aqueles indivíduos pecaminosos que tem pecado contra vocês devem ser mortos. Com metade da minha energia e poder, matem todos aqueles seus inimigos.'"

"Os deuses disseram, 'Nós não seremos capazes, ó Maheswara, de aguentar metade da tua energia. Por outro lado, com metade do nosso poder unido, mate aqueles inimigos.'"

"O santo disse, 'Se, de fato, vocês não tem a capacidade de aguentar metade do meu poder, então, dotado de metade de sua energia unida, eu matarei eles.'"

"Duryodhana continuou, 'Os celestiais então, se dirigindo ao deus dos deuses, disseram, 'Assim seja', ó melhor dos reis. Pegando metade de suas energias, de todos eles, ele tornou-se superior em poder. De fato, em poder aquele deus se tornou superior a todos no universo. Daquele tempo em diante Sankara veio a ser chamado de Mahadeva. E Mahadeva então disse, 'Armado com arco e flecha, eu irei, do meu carro, matar em batalha aqueles seus inimigos, ó habitantes do céu. Portanto, ó deuses, cuidem agora do meu carro e arco e flecha para que eu possa, hoje mesmo, derrubar os Asuras na Terra.'"

"Os deuses disseram, 'Reunindo todas as formas que podem ser encontradas nos três mundos e pegando porções de cada uma, nós todos iremos, ó Senhor dos deuses, construir um carro de grande energia para ti. Ele será um carro grande, a obra de Viswakarman, projetado com inteligência.' Dizendo isso, aqueles tigres entre deuses começaram a construção daquele carro. E eles fizeram Vishnu e Soma e Hutasana a flecha para uso de Sankara. Agni tornou-se a vara, e Soma tornou-se a cabeça, e Vishnu a ponta, ó rei, daquela mais notável das flechas. A deusa Terra, com suas grandes cidades e vilas, suas montanhas e florestas e ilhas, aquele lar de diversas criaturas, foi feita o carro. A montanha Mandara foi feita seu eixo; e o grande rio Ganga foi feito seu Jangha; e os pontos do horizonte, cardeais e secundários, tornaram-se os ornamentos do carro. As constelações se tornaram seu varal; a era Krita se tornou sua canga; e aquela melhor das Cobras, isto é, Vasuki, se tornou o Kuvara daquele carro. As montanhas Himavat e Vindhya se tornaram seu Apaskara e Adhishthana; e as montanhas Udaya e Asta foram feitas as rodas daquele carro por aqueles principais entre os deuses. Eles fizeram o Oceano excelente, aquela residência dos Danavas seu outro eixo. Os sete Rishis se tornaram os protetores das rodas daquele carro. Ganga e Sarasvati e Sindhu e o Céu se tornaram seu Dhura; todos os outros rios e todas as águas se tornaram as cordas para ligar os vários membros daquele carro. Dia e Noite e as outras divisões de tempo tais como Kalas e Kasthas, e as Estações se tornaram seu Amukarsha. Os planetas flamejantes e as estrelas se tornaram sua cerca de madeira; Religião, Lucro, e Prazer, juntos, se tornaram Trivenu. As ervas e as trepadeiras, decoradas com flores e frutas, se tornaram seus sinos. Fazendo o Sol e a Lua iguais, esses foram feitos as (duas outras) rodas daquele principal dos carros. Dia e Noite foram feitos suas proteções auspiciosas à direita e esquerda. As dez principais das cobras tendo Dhritarashtra como sua primeira, todas extremamente fortes, formaram o (outro) varal daquele carro. O Céu foi feito sua (outra) canga, e as nuvens chamadas Samvartaka e Valahaka eram as cordas de couro da canga. Os dois Crepúsculos e Dhritri e Medha e Sthiti e Sannati, e o firmamento coberto com planetas e estrelas, foram feitos as peles para cobrir aquele carro. Aqueles Regentes do mundo, isto é, os Senhores dos deuses, das águas, dos mortos, e dos tesouros, foram feitos os corcéis daquele carro. Kalaprishtha, e Nahusha, e Karkotaka, e Dhananjaya e as outras cobras se tornaram as cordas para amarrar as crinas dos corcéis. As direções cardeais e secundárias se tornaram as rédeas

dos corcéis daquele carro. O som Védico Vashat tornou-se o aguilhão, e Gayatri se tornou a corda ligada àquele aguilhão. Os quatro dias auspiciosos foram feitos os tirantes dos corcéis, e os Pitris presidindo sobre eles foram feitos os ganchos e pinos. Ação e verdade e penitências ascéticas e lucro foram feitas as cordas daquele carro. A Mente se tornou o terreno sobre o qual aquele carro permanecia, e a Palavra os caminhos sobre os quais ele iria proceder. Belos estandartes de várias cores ondulavam no ar. Com relâmpago e o arco de Indra ligados a ele, aquele carro resplandecente dava luz feroz. Aquele espaço de tempo o qual, em uma ocasião anterior, tinha, no Sacrifício de Ishana de grande alma, sido fixado como um Ano tornou-se o arco, e a deusa Savitri tornou-se a corda do arco de som alto. Uma cota de malha celeste foi feita, ornada com pedras preciosas de grande valor, e impenetrável e refulgente, surgida da roda do Tempo. Aquela montanha dourada, isto é, a bela Meru, tornou-se o mastro de bandeira, e as nuvens enfeitadas com lampejos de relâmpago se tornaram seus estandartes. Assim equipado, aquele carro resplandecia brilhantemente como um fogo ardente no meio dos sacerdotes oficiando em um sacrifício. Contemplando aquele carro devidamente equipado, os deuses ficaram muito admirados. Vendo as energias do universo inteiro reunidas em um lugar, ó senhor, os deuses se admiraram, e finalmente relataram para aquela Divindade ilustre que o carro estava pronto. Depois, ó monarca, que aquele melhor dos carros tinha sido assim construído pelos deuses, ó tigre entre homens, para oprimir seus inimigos, Sankara colocou sobre ele suas próprias armas celestes. Fazendo do céu seu mastro de bandeira, ele colocou sobre ele seu touro. A vara do Brahmana, a vara da Morte, a vara de Rudra, e Febre se tornaram os protetores dos lados daquele carro e permaneceram com faces viradas para todos os lados. Atharvan e Angirasa se tornaram os protetores das rodas do carro daquele guerreiro ilustre. O Rigveda, o Samaveda, e os Puranas ficaram na frente daquele carro. As histórias e o Yajurveda se tornaram os protetores da retaguarda. Todas as palavras sagradas e todas as Ciências ficaram em volta dele, e todos os hinos, ó monarca, e o som Védico de Vashat também. E a sílaba Om, ó rei, permanecendo na vanguarda aquele carro, tornou-o extremamente belo. Tendo feito do Ano adornado com as seis estações seu arco, ele fez de sua própria sombra a irrefragável corda daquele arco naquela batalha. O ilustre Rudra é a própria Morte. O Ano se tornou seu arco; Kala Ratri as Trevas da Morte, portanto, que é a sombra de Rudra, tornou-se a corda indestrutível daquele arco. Vishnu e Agni e Soma se tornaram (como já dito) a flecha. É dito que o universo consiste em Agni e Soma. Similarmente é dito que o universo consiste em Vishnu. Vishnu é, além disso, a Alma do santo Bhava de energia incomensurável. Por isso o toque daquela corda de arco tornou-se insuportável para os Asuras. E o senhor Sankara lançou sobre aquela flecha sua própria fúria irresistível e feroz, o fogo insuportável da raiva, isto é, aquela que nasceu da ira de Bhrigu e Angirasa. Então Ele chamado Nila Rohita (Azul e Vermelho ou fumaça), aquela divindade terrível vestida em peles, parecendo com 10.000 Sóis, e encoberta pelo fogo de Energia superabundante, brilhou com esplendor. Aquele aniquilador até daquele que é difícil de ser aniquilado, aquele vencedor, aquele matador de todos os odiadores de Brahma, também chamado Hara, aquele salvador dos justos e destruidor dos injustos, isto é, o ilustre Sthanu, acompanhado por muitos seres de poder terrível e formas terríveis que eram

dotados da velocidade da mente e capazes de agitar e esmagar todos os inimigos, como se com todas as catorze faculdades da alma despertas em volta dele, parecia muito resplandecente. Tendo seus membros como seu refúgio, todo este universo de criaturas móveis e imóveis que estavam presentes lá, ó rei, parecia belo, apresentando uma aparência muito extraordinária. Contemplando aquele carro, devidamente equipado, ele se envolveu em armadura e se armou com o arco, e pegou aquela flecha celeste nascida de Soma e Vishnu e Agni. Os deuses, ó rei, então mandaram aquele principal dos celestiais, isto é, o Vento, soprar atrás daquela Divindade pujante toda a fragrância que ele carrega. Então Mahadeva, apavorando os próprios deuses, e fazendo a própria Terra tremer, subiu naquele carro resolutamente. Então os grandes Rishis, os Gandharvas, aquelas multidões de deuses e aquelas diversas tribos de Apsaras começaram a louvar aquele Senhor dos deuses quando ele estava prestes a subir naquele carro. Adorado pelos Rishis regenerados, e louvado pelos elogiadores e diversas tribos de Apsaras dançando bem versadas na arte da dança, aquele senhor dador de benefícios, armado com cimitarra e arco e flecha, parecia muito belo. Sorrindo, ele então perguntou aos deuses, 'Quem se tornará meu motorista?' Os deuses responderam a ele, dizendo, 'Ele a quem tu nomeares, irá, ó Senhor dos deuses, sem dúvida, se tornar teu motorista!' Para eles o deus respondeu, 'Refletindo vocês mesmos, sem demora tornem meu motorista aquele que é superior a mim!' Ouvindo essas palavras proferidas por aquela Divindade de grande alma, os deuses se dirigiram ao Avô e inclinando-o à graça, disseram essas palavras, 'Nós temos realizado tudo, ó santo, que tu tens nos ordenado fazer na questão de afligir os inimigos de celestiais. A Divindade tendo o touro como sua marca está satisfeita conosco. Um carro foi construído por nós, equipado com muitas armas maravilhosas. Nós, no entanto, não sabemos quem deve ser o motorista daquele mais notável dos carros. Portanto, que algum principal entre os deuses seja nomeado como o motorista. Ó santo, cabe a ti fazer verdadeiras aquelas palavras que tu, ó senhor, então nos disseste. Antes disto, ó deus, tu tinhas dito para nós que tu farias nosso bem. Cabe a ti cumprir aquela promessa. Aquele irresistível e melhor dos carros, aquele aniquilador de nossos inimigos, foi construído das partes componentes dos celestiais. A Divindade armada com Pinaka foi feito o guerreiro que é para permanecer sobre ele. Afligindo os Danavas com medo, ele está preparado para a batalha. Os quatro Vedas se tornaram os quatro principais dos corcéis. Com suas montanhas, a Terra tornou-se o carro daquele de grande alma. As estrelas se tornaram os enfeites daquele veículo. (Como já dito) Hara é o guerreiro. Nós, no entanto, não vemos quem deve se tornar o motorista. Um motorista deve ser procurado para aquele carro que é superior a todos esses. Igual a ti em importância é aquele carro, ó deus, e Hara é o guerreiro. Armadura, e armas, e arco, esses nós já temos, ó Avô. Exceto tu, nós não vemos qualquer pessoa que possa se tornar seu motorista. Tu és dotado de todas as habilidades. Tu, ó senhor, és superior a todos os deuses. Subindo sobre aquele carro com velocidade, segure as rédeas daqueles principais dos corcéis, para a vitória dos celestiais e a destruição de seus inimigos.' É sabido por nós que reverenciando com suas cabeças o Avô, aquele Senhor dos três mundos, os deuses procuraram gratificá-lo para induzi-lo a aceitar o cargo de motorista.'"

"O Avô disse, 'Não há nada de inverdade em tudo isso que vocês disseram, ó habitantes do céu. Eu segurarei as rédeas dos corcéis para Kapaddin enquanto ele estiver envolvido em combate.' Então aquele deus ilustre, aquele Criador dos mundos, o Avô, foi nomeado pelos deuses como o motorista de Ishana de grande alma. E quando ele estava prestes a subir rapidamente sobre aquele carro venerado por todos, aqueles corcéis, dotados da velocidade do vento, curvaram-se com suas cabeças até o chão. Tendo ascendido no carro a Divindade ilustre, isto é, o Avô resplandecente com sua própria energia, pegou as rédeas e o aguilhão. Então o deus ilustre, erguendo aqueles corcéis dirigiu-se àquele principal entre os deuses, isto é, Sthanu, dizendo, 'Suba.' Então, pegando aquela flecha composta de Vishnu e Soma e Agni, Sthanu subiu no carro, fazendo o inimigo tremer por meio de seu arco. Os grandes Rishis, os Gandharvas, as multidões de deuses, e as diversas tribos de Apsaras, então louvaram aquele Senhor dos deuses depois que ele tinha subido no carro. Resplandecente com beleza, o Senhor concessor de bênçãos, armado com cimitarra, flecha, e arco, ficou sobre o carro fazendo os três mundos brilharem com sua própria energia. A grande Divindade mais uma vez disse aos deuses encabeçados por Indra, 'Vocês nunca devem se afligir, duvidando da minha habilidade para destruir os Asuras. Saibam que os Asuras já foram mortos por meio dessa flecha.' Os deuses então responderam, dizendo, 'É verdade! Os Asuras já foram mortos.' De fato, os deuses pensando que as palavras que o Senhor divino tinha dito não podiam ser falsas, ficaram muito satisfeitos. Então aquele Senhor dos deuses procedeu cercado por todos os deuses, sobre aquele carro grande, ó rei, o qual não tinha nada que se comparasse a ele. E a Divindade ilustre era adorada, todo o tempo, pelos servidores que sempre o atendem, e por outros que subsistiam de carne, que eram invencíveis em batalha, e dançavam em alegria na presente ocasião, correndo de modo selvagem para todos lados e gritando uns para os outros. Rishis também, de grande ventura, possuidores de mérito ascético e dotados de qualidades superiores, como também os deuses, desejaram o êxito de Mahadeva. Quando aquele Senhor concessor de bênçãos, aquele dissipador dos temores dos três mundos procedeu dessa maneira, o universo inteiro, todos os deuses, ó melhores de homens, ficaram muito gratificados. E os Rishis lá adoraram o Senhor dos deuses com diversos hinos, e aumentando sua energia, ó rei, tomaram suas posições lá. E milhões e milhões de Gandharvas tocaram diversos tipos de instrumentos musicais na hora da sua partida. Quando Brahman concessor de benefícios, tendo subido no carro, partiu em direção aos Asuras, o Senhor do Universo, sorrindo, disse, 'Excelente, Excelente! Proceda, ó deus, para o local onde os Daityas estão. Incite os corcéis atentamente. Veja hoje o poder de armas enquanto eu mato o inimigo em batalha.' Assim endereçado, Brahman incitou aqueles corcéis dotados da velocidade da mente ou pensamento em direção àquele local onde a cidade tripla, ó rei, estava localizada, protegida pelos Daityas e os Danavas. Com aqueles corcéis adorados por todos os mundos, e que corriam com tal velocidade que eles pareciam devorar os céus, o deus ilustre procedeu rapidamente para a vitória dos habitantes do céu. De fato, quando Bhava, sendo levado no carro, partiu em direção à cidade tripla, seu touro proferiu rugidos tremendos, enchendo todos os pontos do horizonte. Ouvindo aquele rugido alto e terrível do touro, muitos dos descendentes e seguidores de Taraka, aqueles

inimigos dos deuses, deram seu último suspiro. Outros entre eles ficaram de frente para o inimigo para lutar. Então Sthanu, ó rei, armado com tridente ficou privado de seu juízo em fúria. Todas as criaturas ficaram assustadas, e os três mundos começaram a tremer. Presságios terríveis apareceram quando ele estava prestes a mirar aquela flecha. Por causa, no entanto, da pressão causada pelo peso de Soma, Agni, e Vishnu que estavam naquela flecha, como também da pressão causada pelo peso de Brahman e Rudra e o arco último, aquele carro pareceu afundar. Então Narayana, emergindo da ponta daquela flecha, assumiu a forma de um touro e ergueu aquele carro grande. Durante o tempo que o carro tinha afundado e o inimigo tinha começado a rugir, a Divindade ilustre, dotada de grande poder começou, de raiva, a proferir gritos altos, permanecendo, ó dador de honras, na cabeça de seu touro e nas costas de seus corcéis. Naquela hora o ilustre Rudra estava ocupado em olhar a cidade Danava. Enquanto naquela postura, ó melhor dos homens, Rudra cortou as tetas dos cavalos e fendeu os cascos do touro. Abençoado sejas tu, a partir daquela data os cascos de todos os animais da espécie bovina vieram a ser fendidos. E daquele tempo em diante, ó rei, cavalos, afligidos pelo poderoso Rudra de feitos extraordinários, vieram a ser sem tetas. Então Sarva, tendo encordoado seu arco e mirado aquela flecha com a qual ele tinha unido a arma Pasupata, esperou pensando na cidade tripla. E, ó rei, quando Rudra permaneceu dessa maneira, segurando seu arco, as três cidades durante aquele tempo ficaram unidas. Quando as três cidades, perdendo suas qualidades separadas ficaram unidas, tornou-se tumultuada a alegria dos deuses de grande alma. Então os deuses, os Siddhas, e os grandes Rishis, proferiram a palavra Jaya, adorando Maheshwara. A cidade tripla então apareceu imediatamente diante daquele deus de energia insuportável, aquela Divindade de forma feroz e indescritível, aquele guerreiro que estava desejoso de matar os Asuras. A divindade ilustre, aquele Senhor do universo, então estirando aquele arco celeste, disparou aquela flecha a qual representava o poder do universo inteiro, na cidade tripla. Após aquela principal das flechas, ó tu de grande ventura, ser disparada, lamentos altos de dor foram ouvidos daquelas cidades quando elas começaram a cair em direção à Terra. Queimando aqueles Asuras, ele os jogou no oceano Ocidental. Assim a cidade tripla foi queimada e assim os Danavas foram exterminados por Maheswara em cólera, pelo desejo de fazer bem para os três mundos. O fogo nascido da sua própria ira o deus de três olhos apagou, dizendo, 'Não reduza os três mundos a cinzas.' Depois disto, os deuses, os Rishis, e os três mundos foram todos restaurados às suas disposições naturais, e gratificaram Sthanu de energia inigualável com palavras de grande importância. Recebendo então a permissão do grande deus, os deuses com o Criador em sua dianteira foram para os lugares dos quais eles tinham vindo, seu objetivo sendo realizado depois de tal esforço. Assim aquela Divindade ilustre, aquele Criador dos mundos, aquele Senhor dos Deuses e dos Asuras, isto é, Maheswara, fez aquilo que era para o bem de todos os mundos. Como o ilustre Brahman, o Criador dos mundos, o Avô, a Divindade Suprema de glória imperecível, agiu como o motorista de Rudra, também tu controle os corcéis do filho de grande alma de Radha como o Avô controlando aqueles de Rudra. Não há a menor dúvida, ó tigre entre reis, que tu és superior a Krishna, a Karna, e a Phalguna. Em batalha, Karna é como Rudra, e tu és como Brahman em política. Unidos, vocês dois, portanto, são

competentes para derrotar meus inimigos que são assim como os Asuras. Ó Shalya, que seja feito rapidamente hoje aquilo pelo qual este Karna, oprimindo as tropas Pandava, possa ser capaz de matar o filho de Kunti possuindo cavalos brancos e tendo Krishna como o motorista de seu carro. De ti depende Karna, nós, nosso reino, e (nossa) vitória em batalha. Segure as rédeas, portanto, dos corcéis excelentes (de Karna). Há outra história a qual eu narrarei. Escute mais uma vez a isto. Um virtuoso Brahmana narrou-a na presença de meu pai. Ouvindo essas palavras encantadoras repletas de razões e propósitos de ações, faça, ó Shalya, o que tu possas decidir, sem nutrir quaisquer escrúpulos. Na linhagem dos Bhrigus viveu Jamadagni de penitências ascéticas severas. Ele teve um filho dotado de energia e toda virtude, que se tornou célebre pelo nome de Rama. Praticando as penitências mais rígidas, de alma alegre, ligado a observâncias e votos, e mantendo seus sentidos sob controle, ele gratificou o deus Bhava para obter armas. Por causa de sua devoção e tranquilidade de coração, Mahadeva ficou satisfeito com ele. Sankara, compreendendo o desejo nutrido em seu coração, se mostrou para Rama. E Mahadeva disse, 'Ó Rama, eu estou satisfeito contigo. Abençoado sejas tu, teu desejo é conhecido por mim. Torne tua alma pura. Tu então terás tudo o que tu desejares. Eu te darei todas as armas quando tu te tornares puro. Aquelas armas, ó filho, de Bhrigu, queimam uma pessoa que é incompetente e aquela que não é digna delas.' Assim endereçado por aquele deus dos deuses, aquela divindade portando o tridente, o filho de Jamadagni, inclinando sua cabeça àquele pujante de grande alma, disse, 'Ó deus de deuses, cabe a ti dar aquelas armas para mim que estou sempre dedicado ao teu serviço, quando, de fato me considerares preparado para segurá-las.'"

"Duryodhana continuou, 'Com penitências então, e reprimindo seus sentidos, e observâncias de votos, e culto e oferendas e com sacrifícios e Homa realizados com mantras, Rama adorou Sarva por muitos longos anos. Afinal Mahadeva, satisfeito com o filho de grande alma da linhagem de Bhrigu, o descreveu, na presença de sua cônjuge divina, como possuidor de muitas virtudes: 'Este Rama, de votos firmes é sempre devotado a mim.' Satisfeito com ele, o Senhor Sankara assim proclamou repetidamente suas virtudes na presença de deuses e dos Rishis, ó matador de inimigos. Enquanto isso, os Daityas se tornaram muito poderosos. Cegados por orgulho e loucura, eles afligiram os habitantes do céu. Os deuses então, reunidos, e firmemente decididos a matá-los, se esforçaram energicamente para a destruição daqueles inimigos. Eles, no entanto, falharam em subjugá-los. Os deuses então, dirigindo-se a Maheswara, o Senhor de Uma, começaram a gratificá-lo com devoção, dizendo, 'Mate nossos inimigos.' Aquele deus, tendo prometido a destruição de seus inimigos para os celestiais, convocou Rama o descendente de Bhrigu. E Sankara se dirigiu a Rama, dizendo, 'Ó descendente de Bhrigu, mate todos os inimigos reunidos dos deuses, pelo desejo de fazer bem para todos os mundos como também para minha satisfação.' Assim endereçado, Rama respondeu para aquele Senhor de três olhos concessor de benefícios, dizendo, 'Que força tenho eu, ó chefe dos deuses, desprovido como eu estou de armas, para matar em batalha os Danavas reunidos que são talentosos com armas e invencíveis em luta?' Maheswara disse, 'Vá por minha ordem. Tu matarás aqueles inimigos. Tendo derrotado todos aqueles inimigos, tu obterás

numerosos méritos.' Ouvindo essas palavras e aceitando todas elas, Rama, fazendo ritos propiciatórios serem realizados para seu sucesso, procedeu contra os Danavas. Dirigindo-se àqueles inimigos dos deuses que eram dotados de poder e possuídos pela loucura e orgulho, ele disse, 'Ó Daityas que são ferozes em batalha, me dêem combate. Eu foi enviado pelo Deus dos deuses para derrotar vocês.' Assim endereçados pelo descendente de Bhrigu, os Daityas começaram a lutar. O alegrador dos Bhargavas, no entanto, matando os Daityas em batalha, com golpes cujo toque parecia com aquele do trovão de Indra, voltou para Mahadeva. O filho de Jamadagni, aquele principal dos Brahmanas voltou com muitos ferimentos em seu corpo infligidos pelos Danavas. Tocados, no entanto por Sthanu, seus ferimentos foram imediatamente curados. Satisfeito também com aquela façanha dele, o deus ilustre deu diversos tipos de benefícios para o filho de grande alma de Bhrigu. Com satisfação em seu coração, o Deus dos deuses manejador do tridente disse, 'A dor que tu sofreste por causa da queda de armas sobre teu corpo evidencia o feito sobre-humano que tu realizaste, ó encantador dos Bhrigus. Como desejado por ti, aceite de mim estas armas celestes.'"

"Duryodhana continuou, 'Tendo obtido todas as armas celestes e os benefícios que eram desejados por ele, Rama reverenciou Siva com sua cabeça. Obtendo a permissão também dos deuses aquele grande asceta foi embora. Essa é a história antiga que o Rishi recitou. O descendente de Bhrigu deu toda a ciência de armas para Karna de grande alma, ó tigre entre reis, com coração encantado. Se Karna tivesse qualquer defeito, ó senhor de terra, o encantador da linhagem de Bhrigu nunca teria dado a ele suas armas celestes. Eu não acho que Karna nasceu na classe Suta. Eu penso que ele é filho de um deus, nascido na classe Kshatriya. Eu penso que ele foi abandonado (na infância) a fim de que a classe na qual ele nasceu pudesse ser averiguada (por suas feições e façanhas). De nenhuma maneira, ó Shalya, Karna poderia ter nascido na classe Suta. Com seu brinco (natural) e cota de malha (natural), este poderoso guerreiro em carro de braços longos, parecendo o próprio Surya, não poderia ser parido por uma mulher comum assim como um veado fêmea nunca dá à luz a um tigre. Seus braços são massivos, cada um parecendo a tromba de um príncipe de elefantes. Veja seu peito que é tão largo e capaz de resistir a todos os inimigos. Karna, também chamado Vaikartana, ó rei, não pode ser uma pessoa comum. Dotado de grande valor, este discípulo de Rama, ó rei de reis, é um personagem de grande alma.'"

35

"Duryodhana disse, 'Assim mesmo aquela Divindade ilustre, aquele Avô de todos os mundos, isto é, Brahman, agiu como motorista naquela ocasião e assim mesmo Rudra tornou-se o guerreiro. O motorista do carro, ó herói, deve ser superior ao guerreiro nele. Portanto, ó tigre entre homens, segure as rédeas dos corcéis nessa batalha. Como naquela ocasião o Avô foi escolhido com cuidado por todos os celestiais, de fato, ó grande rei, como alguém maior do que Sankara, assim tu que és superior a Karna foste agora escolhido por nós com cuidado.

Como o Avô segurando as rédeas dos corcéis de Rudra, segure, sem demora, as rédeas dos corcéis de Karna em batalha, ó tu de grande esplendor.'"

"Shalya disse, 'Ó principal dos homens, eu ouvi muitas vezes essa história excelente e divina, narrada para mim, a respeito daqueles dois leões entre deuses. De fato, eu ouvi como o Avô agiu como motorista de Bhava e como os Asuras também, ó Bharata, foram todos destruídos com uma flecha. Krishna também tinha conhecimento de tudo isso antes, o conhecimento, isto é, de como o Avô ilustre tinha se tornado o motorista naquela ocasião de antigamente. De fato, Krishna conhece o passado e o futuro com todos os seus detalhes. Sabendo deste fato, ele se tornou o motorista, ó Bharata, de Partha como o Auto-criado se tornando o motorista de Rudra. Se o filho de Suta, de alguma maneira, conseguir matar o filho de Kunti, Keshava, vendo Partha morto, lutará ele mesmo. Aquele portador da concha, do disco, e da maça, então destruirá teu exército. Não há nenhum rei aqui que ficará nas tropas na frente daquele ilustre da linhagem de Vrishni quando ele estiver excitado com fúria.'"

"Sanjaya disse, 'Para o soberano dos Madras que estava falando dessa maneira, aquele castigador de inimigos, isto é, teu filho poderosamente armado de alma alegre respondeu, dizendo, 'Ó de braços fortes, não pense depreciativamente de Karna, também chamado Vaikartana, em batalha, aquele guerreiro que é o principal de todos os manejadores de armas e que conhece o significado do corpo inteiro de nossas escrituras. Ouvindo a vibração terrível e alta de seu arco e o som de suas palmas, as tropas Pandava irão fugir para todos os lados. Tu testemunhaste com teus próprios olhos, ó poderosamente armado, como Ghatotkaca, protegido por suas ilusões e mostrando centenas delas ainda assim foi morto aquela noite (por Karna). Sentindo um grande medo todos esses dias Vibhatsu nunca pode resistir, enfrentando Karna. O poderoso Bhimasena também, movido para lá e para cá pelo corno do arco de Karna, foi, ó rei, endereçado em muitas palavras duras tais como 'Tolo' e 'Glutão.' Os dois bravos filhos de Madri também foram derrotados por Karna em grande batalha, ainda que, por algum objetivo que ele tinha em vista, ele, ó senhor, não os matou então. Aquele principal da linhagem de Vrishni, isto é, o heróico Satyaki, o chefe do clã Satwata, foi derrotado por Karna e feito sem carro. Outros, tais como todos os Srinjayas encabeçados por Dhrishtadyumna, tem sido repetidamente derrotados em batalha por Karna, o formidável guerreiro em carro que tem realizado todas essas façanhas e que excitado com cólera, é competente para matar o próprio Purandara armado com o raio em luta. Tu mesmo também, ó herói, és conhecedor de todas as armas. Tu és, além disso, o mestre de todos os ramos de conhecimento. Não há ninguém sobre a Terra que é teu igual em poder de armas. Irresistível em destreza, tu és como um dardo (Shalya) para teus inimigos. É por isso, ó rei, que tu, ó matador de inimigos, és chamado de 'Shalya'. Enfrentando o poder de tuas armas, todos os Satwatas foram incapazes de vencê-las. Krishna é superior a ti em poder de armas, ó rei? De fato, como Krishna deve suportar a carga das tropas Pandava após a morte de Partha, assim mesmo tu deves aguentar a carga desse vasto exército (Kaurava) se Karna sacrificar sua vida. Por que deveria ele ser capaz de resistir às minhas tropas e por que tu não deverias

ser capaz de matar as tropas hostis, ó senhor? Por tua causa, ó senhor, eu seguiria de bom grado os passos de meus irmãos (mortos) e dos outros reis heróicos da Terra.'"

"Shalya disse, 'Ó filho de Gandhari, porque tu, ó concessor de honras, me descreveste diante de tuas tropas como sendo superior ao filho de Devaki, eu estou muito satisfeito contigo. Eu aceito o cargo de motorista do célebre filho de Radha quando ele lutar com aquele principal dos filhos de Pandu, como tu desejas. Eu tenho, no entanto, ó herói, um acordo a fazer com Vaikartana, e que é este: eu irei proferir quaisquer palavras que eu possa desejar, na presença dele.'"

"Sanjaya continuou, 'Teu filho então, ó rei, com Karna, ó senhor, respondeu para o soberano dos Madras, dizendo, 'Que assim seja' na presença de todos os Kshatriyas. Assegurado pela aceitação de Shalya do cargo de motorista, Duryodhana, cheio de alegria, abraçou Karna. Elogiado (por bardos e panegiristas em volta), teu filho então se dirigiu novamente a Karna, dizendo, 'Mate todos os Parthas em batalha, como o grande Indra matando os Danavas.' Shalya tendo aceitado o posto de segurar as rédeas de seus corcéis, Karna, com o coração alegre, mais uma vez se dirigiu a Duryodhana, dizendo, 'O soberano dos Madras não diz muito alegremente o que ele diz. Ó rei, solicite-o mais uma vez em palavras gentis.' Assim endereçado, o poderoso rei Duryodhana, possuidor de grande sabedoria e habilidoso em tudo, falou novamente àquele senhor de terra, Shalya, o soberano de Madras, em uma voz profunda como aquela das nuvens e enchendo a região inteira lá com o som daquela voz: 'Ó Shalya, Karna acha que ele deve lutar com Arjuna hoje. Ó tigre entre homens, segure as rédeas dos cavalos de Karna em batalha. Tendo matado todos os outros guerreiros Karna deseja matar Phalguna. Eu te solicito, ó rei, repetidamente, a respeito de segurar as rédeas de seus corcéis. Como Krishna, aquele principal de todos os motoristas, é o conselheiro de Partha, assim mesmo proteja o filho de Radha hoje de todo o perigo.'"

"Sanjaya continuou, 'Abraçando teu filho então, Shalya o soberano dos Madras respondeu alegremente àquele matador de inimigos, isto é, Duryodhana, dizendo, 'Se isso é o que tu pensas, ó filho real de Gandhari, ó tu de belas feições, eu irei, por isso, realizar tudo o que possa ser agradável para ti. Ó chefe dos Bharatas, para quaisquer ações que eu possa estar apto, me empenhando nelas com todo meu coração, eu aguentarei a carga daqueles atos teus. Que Karna, no entanto, e tu mesmo perdoem-me todas aquelas palavras, agradáveis ou desagradáveis, que eu possa falar para Karna pelo desejo do seu bem.'"

"Karna disse, 'Ó soberano dos Madras, esteja sempre dedicado ao nosso bem como Brahman naquele de Ishana, como Keshava naquele de Partha.'"

"Shalya disse, 'Estes quatro tipos de conduta: autocensura e auto-elogio, falar mal de outros, e adulação de outros, nunca são praticados por aqueles que são respeitáveis. Aquilo, no entanto, ó erudito, que eu direi, para inspirar tua confiança é repleto de auto-adulação. Não obstante isso escute devidamente. Ó pujante, como o próprio Matali, eu estou apto para agir como o motorista até de Indra em

atenção, em conduzir os corcéis, em conhecimento de perigo próximo e dos meios de evitá-lo, e em competência para evitá-lo na prática. Quando tu estiveres envolvido em combate com Partha, eu segurarei as rédeas dos teus corcéis. Que tua ansiedade seja dissipada, ó filho de Suta.'"

36

"Duryodhana disse, 'Este, ó Karna, agirá como teu motorista, este soberano dos Madras, que é superior a Krishna, como Matali o motorista do chefe dos celestiais. De fato, como Matali toma a condução do carro ao qual os corcéis de Indra estão unidos, assim mesmo Shalya será o condutor dos corcéis do teu carro hoje. Com tu mesmo como guerreiro naquele veículo e o soberano dos Madras como seu motorista, aquele mais notável dos carros certamente derrotará os Parthas em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Quando a manhã veio, ó monarca, Duryodhana uma vez mais se dirigiu ao soberano dos Madras dotado de grande energia, dizendo, 'Ó soberano dos Madras, segure as rédeas em batalha dos principais dos corcéis de Karna. Protegido por ti, o filho de Radha vencerá Dhananjaya.' Assim endereçado, Shalya, respondendo, 'Assim seja' subiu no carro, ó Bharata. Quando Shalya se aproximou daquele carro, Karna com o coração alegre dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Ó quadrigário, equipe rapidamente o carro para mim.' Tendo equipado devidamente aquele carro triunfal, o principal de seu tipo, o qual parecia as mansões vaporosas no céu, Shalya o apresentou para Karna, dizendo, 'Abençoado sejas tu, vitória para ti.' Então Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, reverenciando devidamente aquele carro que tinha nos tempos passados sido santificado por um sacerdote conhecedor de Brahma, e o circungirando e adorando cuidadosamente o deus Surya se dirigiu ao soberano dos Madras que se encontrava perto, dizendo, 'Suba no veículo.' Nisso Shalya de energia poderosa subiu naquele grande, invencível, e principal dos carros, pertencente a Karna, como um leão subindo em um topo de montanha. Vendo Shalya posicionado, Karna subiu em seu carro excelente como o Sol sobre uma massa de nuvens carregadas com relâmpago. Sobre o mesmo carro, aqueles dois heróis dotados do esplendor do Sol ou do fogo pareciam resplandecentes como Surya e Agni sentados juntos em uma nuvem no firmamento. Elogiados então (por bardos e panegiristas), aqueles dois heróis de grande refulgência pareciam com Indra e Agni adorados com hinos em um sacrifício por Ritwiks e Sadasyas. Karna ficou sobre aquele carro, as rédeas de cujos corcéis eram seguradas por Shalya, esticando seu arco formidável, como o próprio Sol dentro de um halo de luz circular. Posicionado sobre aquele principal dos carros, aquele tigre entre homens, Karna, com suas flechas constituindo seus raios, parecia belo como o Sol nas montanhas Mandara. Para o poderosamente armado filho de Radha, aquele guerreiro de energia incomensurável, colocado em seu carro para a batalha, Duryodhana disse essas palavras, 'Ó filho de Adhiratha, ó herói, realize aquela façanha de realização difícil que Drona e Bhishma não realizaram na própria vista de todos os arqueiros. Eu sempre acreditei que aqueles dois poderosos guerreiros

em carros, isto é, Bhishma e Drona, iriam sem dúvida matar Arjuna e Bhimasena em batalha. Como um segundo manejador do raio, ó filho de Radha, realize em grande batalha aquela façanha digna de um herói a qual não foi realizada por aqueles dois. Ou apanhe o rei Yudhishthira o justo ou mate Dhananjaya e Bhimasena, ó filho de Radha, e os filhos gêmeos de Madri. Abençoado sejas tu, que a vitória seja tua. Saia para a batalha, ó tigre entre homens. Reduza a cinzas todas as tropas do filho de Pandu.' Então milhares de trombetas e dezenas de milhares de baterias, soadas juntas, produziram um barulho como aquele das nuvens no firmamento. Aceitando aquelas palavras (de Duryodhana), o principal dos guerreiros em carros posicionado em seu carro, o filho de Radha, se dirigiu a Shalya, aquele guerreiro hábil em batalha, dizendo, 'Incite os corcéis, ó de braços fortes, para que eu possa matar Dhananjaya e Bhimasena e ambos os gêmeos e o rei Yudhishthira. Ó Shalya, que Dhananjaya veja hoje a força de meus braços, quando eu estiver empenhado em disparar flechas aladas com penas Kanka às centenas e milhares. Hoje, ó Shalya, eu dispararei flechas com grande energia para a destruição dos Pandavas e a vitória de Duryodhana.'"

"Shalya disse, 'Ó filho de Suta, por que tu pensas tão baixo dos filhos de Pandu, todos os quais são dotados de grande poder, todos os quais são arqueiros formidáveis, e todos os quais conhecem todas as armas? Eles não recuam, tem grande ventura, são invencíveis, e de destreza incapaz de ser frustrada. Eles são capazes de inspirar temor no coração do próprio Indra. Quando, filho de Radha, tu ouvires a vibração do Gandiva em batalha, parecendo com ribombo do próprio trovão, tu então não irás proferir tais palavras. Quando tu vires o filho de Dharma e os gêmeos fazendo um dossel, como aquele das nuvens no céu, com suas flechas afiadas, e os outros reis invencíveis (do exército Pandava), dotados de grande agilidade de mãos e disparando (chuvas de flechas) e enfraquecendo seus inimigos, então tu não irás proferir tais palavras.'"

"Sanjaya continuou, 'Desconsiderando aquelas palavras faladas pelo soberano dos Madras, Karna dirigiu-se a ele dotado de grande energia, dizendo, 'Proceda!'"

37

"Sanjaya disse, 'Vendo o poderoso Karna tomar sua posição pelo desejo de batalha, os Kauravas, cheios de deleite, proferiram gritos altos de todos os lados. Com a batida de pratos e os sons de baterias, com o zunido de diversos tipos de setas e os rugidos de combatentes dotados de grande energia, todas as tuas tropas procederam para a batalha, fazendo da morte somente o ponto no qual parar. Quando Karna saiu e os guerreiros do exército Kuru estavam cheios de alegria, a Terra, ó rei, tremeu e fez um barulho alto. Os sete grandes planetas incluindo o Sol pareceram preceder uns contra os outros (para combate). Chuvas meteóricas tornaram-se visíveis e todos os quadrantes pareciam em chamas. Trovões caíram de um céu sem nuvens, e ventos violentos começaram a soprar. Animais e aves em grandes números mantinham teu exército à sua direita, pressagiando grandes calamidades. Depois que Karna tinha saído, seus cavalos

caíram sobre o solo. Uma chuva terrível de ossos caiu do céu. As armas (dos guerreiros Kuru) pareciam estar em chamas; seus estandartes tremeram; e seus animais, ó monarca, derramaram lágrimas copiosas. Esses e muitos outros presságios terríveis e horríveis apareceram para a destruição dos Kurus. Entorpecidos pelo destino, nenhum deles considerou aqueles presságios em absoluto. Contemplando o filho de Suta partindo, todos os soberanos de homens (no exército Kaurava) gritaram vitória para ele. Os Kauravas consideraram os Pandavas como já derrotados. Aquele matador de heróis hostis, aquele principal dos guerreiros em carros, Vaikartana, quando ele estava sobre seu carro lembrando-se da morte de Bhishma e Drona, brilhava com esplendor como o Sol ou fogo. Refletindo sobre as façanhas poderosas de Partha, e queimando com presunção e orgulho, e brilhando com ira e respirando longamente e fortemente, ele se dirigiu a Shalya e disse essas palavras: 'Quando posicionado em meu carro e armado com meu arco, eu não me assustaria nem pelo próprio Indra armado com o trovão e excitado com cólera. Vendo aqueles grandes heróis encabeçados por Bhishma jazendo no campo de batalha, eu não sinto qualquer ansiedade. Vendo até os impecáveis Bhishma e Drona, iguais a Indra e Vishnu, aqueles subjugadores dos principais carros e corcéis e elefantes, aqueles heróis que não podiam ser mortos, mortos pelo inimigo, eu ainda não sinto qualquer medo nessa batalha. Conhecedor de armas poderosas, e ele mesmo o principal dos Brahmanas, por que, de fato, o preceptor não matou em batalha todos os inimigos, vendo eles destruírem os mais poderosos de nossos reis com seus motoristas e elefantes e carros? Lembrando daquele Drona em grande batalha, eu digo a vocês realmente, ouçam-me, ó Kurus, não há ninguém entre vocês, salvo eu mesmo, que é competente para resistir ao avanço de Arjuna, aquele guerreiro que parece a própria Morte em sua forma mais feroz. Em Drona havia as habilidades resultantes da prática, e força, e coragem, e as maiores das armas e política. Quando até aquele de grande alma teve que sucumbir à Morte, eu considero todos os outros (do nosso exército), sem forças e prestes a morrer. Neste mundo eu não encontro qualquer coisa, mesmo pensando bem, que seja estável, por causa da conexão inevitável das ações. Quando o próprio preceptor está morto, quem então se entregaria à convicção certa de que ele viverá até o nascer do sol de hoje? Quando o preceptor foi assim morto pelo inimigo em batalha, sem dúvida armas, comuns e celestes, e força e bravura, e realizações e política sábia, não são capazes de realizar a felicidade do homem. Em energia Drona era igual ao fogo ou ao Sol, em destreza ele parecia Vishnu ou Purandara; em política ele era igual a Brihaspati ou Usana; irresistível como ele era, armas contudo não puderam protegê-lo. Quando (nossas) mulheres e crianças estão chorando e proferindo lamentos altos, quando o heroísmo dos Dhartarashtras tem sido derrotado, eu sei, ó Shalya, que sou eu quem deve lutar. Proceda, portanto, contra o exército de nossos inimigos. Quem mais, salvo eu mesmo, será capaz de resistir àquelas tropas entre as quais está posicionado o filho real de Pandu firme em verdade, e Bhimasena e Arjuna, e Satyaki, e os gêmeos? Portanto, ó soberano dos Madras, proceda rapidamente, nesta batalha, em direção aos Pancalas, aos Pandavas, e aos Srinjayas. Enfrentando eles em batalha, ou eu os matarei, ou eu mesmo (irei) para a presença de Yama pelo caminho tomado por Drona. Não pense, ó Shalya, que eu não entrarei no próprio meio daqueles heróis. Essas dissensões internas

não podem ser toleradas por mim. (Sem procurar tolerá-las) eu até seguirei na esteira de Drona. Sábios ou ignorantes, quando seu período está terminado, todos são igualmente considerados pelo Destruidor; ninguém pode escapar, ó erudito, por isso, eu procederei contra os Parthas. Eu não posso contrariar meu destino. O filho do filho de Vicitravirya está, ó rei, sempre empenhado em me fazer bem. Para a realização do seu propósito, eu abandonarei meus ares vitais que são tão preciosos, e este corpo que é tão difícil de ser descartado. Este principal dos carros coberto com peles de tigre, com eixo que não produz som equipado com um assento dourado dotado de trivenu feito de prata, e ao qual estão unidos estes mais notáveis dos cavalos de batalha, Rama deu para mim. Veja, também, ó Shalya, esses arcos belos, essas bandeiras, essas maças, essas flechas de formas ardentes, essa espada resplandecente, essa arma poderosa, essa concha branca de clangor alto e violento. Sendo levado sobre esse carro enfeitado com estandartes, suas rodas produzindo um estrépito profundo como aquele do trovão, tendo corcéis brancos unidos a ele, e adornado com aljavas excelentes, eu irei, aplicando minha força, matar em batalha aquele touro entre os guerreiros em carros, Arjuna. Se a própria Morte, aquela consumidora universal, fosse proteger com vigilância o filho de Pandu em batalha, eu ainda assim o enfrentaria em luta e ou o mataria ou eu mesmo iria para a presença de Yama seguindo Bhishma. Se Yama, Varuna, Kuvera, e Vasava, com todos os seus seguidores vindo para cá, protegerem conjuntamente o filho de Pandu nessa grande batalha, qual a necessidade de muitas palavras, eu ainda irei subjugá-lo com eles.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras do vaidoso Karna que estava muito contente na antecipação da batalha, o valente rei dos Madras, ridicularizando-o, deu risada, e deu a ele a seguinte resposta para reprimi-lo.'"

"Shalya disse, 'Abstenha-te, abstenha-te, ó Karna, de tal jactância. Tu estás em êxtases de alegria e dizes o que tu nunca deverias dizer. Onde está Dhananjaya, aquele principal dos homens, e onde, além disso, estás tu, ó mais vil dos homens? Quem mais, salvo Arjuna, poderia levar embora a irmã mais nova de (Keshava) aquela principal de todas as pessoas, tendo agitado violentamente a casa dos Yadus que era protegida pelo irmão mais novo de Indra e que parecia o próprio céu que é guardado pelo chefe dos celestiais? Que homem exceto Arjuna que é dotado de destreza que é igual à destreza do chefe dos celestiais, poderia na ocasião da disputa causada pela morte de um animal, convocar Bhava o Senhor dos Senhores, o Criador dos mundos, para a batalha? Para honrar Agni, Jaya derrotou Asuras e deuses e grandes cobras e homens e aves e Pishacas e Yakshas e Rakshasas com suas flechas e deu para aquele deus o alimento que ele desejava. Tu lembras, ó Karna, da ocasião quando, massacrando aqueles inimigos em grandes números com suas flechas excelentes dotadas da refulgência do Sol, Phalguna libertou o próprio filho de Dhritarashtra entre os Kurus? Tu te lembras da ocasião quando, tu mesmo tendo sido o primeiro a fugir, os filhos briguentos de Dhritarashtra foram libertados pelos Pandavas depois dos últimos terem derrotado aqueles percorredores dos céus (os Gandharvas encabeçados por Citraratha)? Na ocasião também da captura do gado (de Virata), os Kauravas, cheios de números em relação a ambos, homens e animais, e tendo

o preceptor e o filho do preceptor e Bhishma entre eles, foram derrotados por aquele principal dos homens. Por que, ó filho de Suta, tu não derrotaste Arjuna então? Para tua destruição outra batalha excelente agora se apresentou. Se tu não fugires de medo de teu inimigo, saiba, ó filho de Suta, que logo que tu fores para a batalha tu serás morto.'"

"Sanjaya continuou, 'Quando o soberano dos Madras estava muito sinceramente empenhado em dirigir essas palavras desagradáveis para Karna e proferindo esses louvores do inimigo do último, aquele opressor de inimigos, isto é, o comandante do exército Kuru, excitado com raiva, disse essas palavras para o rei Madra.'"

"Karna disse, 'Que seja assim, que seja assim. Por que, no entanto, tu te perdes nos louvores de Arjuna? Uma batalha está prestes a ocorrer entre eu e ele. Se ele me derrotar em combate, então esses teus louvores serão considerados como bem proferidos.'"

"Sanjaya continuou, 'O soberano dos Madras disse, 'Que assim seja' e não deu resposta. Quando Karna, pelo desejo de lutar, dirigiu-se a Shalya, dizendo, 'Proceda' então aquele grande guerreiro em carro, tendo corcéis brancos unidos ao seu veículo e possuindo Shalya como seu quadrigário, procedeu contra seus inimigos, matando grandes números em batalha ao longo de seu caminho, como o Sol destruindo a escuridão. De fato, naquele carro coberto com peles de tigre e tendo corcéis brancos unidos a ele, Karna procedeu com o coração alegre, e contemplando o exército dos Pandavas, rapidamente perguntou por Dhananjaya.'"

38

"Sanjaya disse 'Depois que Karna, alegrando teu exército, tinha saído para a batalha, ele falava para todo soldado Pandava que ele encontrava, essas mesmas palavras: 'Para aquele que hoje apontar Dhananjaya de grande alma de cavalos brancos para mim, eu darei qualquer riqueza que ele deseje. Se tendo-a obtido ele não ficar satisfeito, eu além do mais darei a ele, ele isto é, que revelar Arjuna para mim, uma carrada de jóias e pedras preciosas. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu darei a ele cem vacas com o mesmo número de recipientes de cobre para ordenhar aqueles animais. Eu darei cem das aldeias principais para a pessoa que revelar Arjuna para mim. Eu também darei a ele que mostrar Arjuna para mim diversas donzelas de cabelos longos de olhos negros e um carro ao qual serão unidas mulas brancas. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu darei a ele outro principal dos carros, feito de ouro, e tendo seis touros unidos a ele que serão tão grandes quanto elefantes. Eu também darei a ele cem donzelas enfeitadas com ornamentos, com colares de ouro, de tez clara e talentosas em canto e dança. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu darei a ele 100 elefantes, 100 aldeias e 100 carros, e 10.000 corcéis da principal das raças, gordos, dóceis, dotados de muitas qualidades excelentes, capazes de puxar carros e bem treinados. Eu também

darei à pessoa que revelar Arjuna para mim quatrocentas vacas, cada uma com chifres dourados e seu bezerro. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu farei a ele um presente mais valioso, isto é, quinhentos cavalos, ornados com arreios de ouro e decorados com ornamentos enfeitados com pedras preciosas. Eu também darei dezoito outros corcéis de grande docilidade. Eu também darei à pessoa que revelar Arjuna para mim um carro brilhante feito de ouro e adornado com diversos ornamentos e tendo principais dos corcéis Kamboja unidos a ele. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu farei a ele um presente mais valioso, isto é, seiscentos elefantes, com correntes de ouro em volta de seus pescoços, e cobertos com mantas de ouro, nascidos no litoral oeste do oceano, e treinados por treinadores de elefantes. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu farei a ele um presente mais valioso, isto é, catorze aldeias Vaishya, cheias de pessoas, cheias de riqueza, situadas na proximidade de florestas e rios, livres de todos os tipos de perigo, bem equipadas (com outros artigos necessários), e dignas de serem desfrutadas por reis. Para ele que revelar Dhananjaya para mim, eu também darei cem escravas mulheres, com colares dourados, pertencentes ao país dos Magadhas, e de idade muito jovem. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu farei a ele um presente mais valioso, aquele, de fato, o qual ele mesmo solicitará. Filhos, esposas e artigos de prazer e diversão que eu tenho, esses todos eu darei a ele se ele os desejar. De fato, para aquele que revelar Keshava e Arjuna para mim eu irei, depois de matar aqueles dois, dar toda a riqueza que possa ser deixada por eles.' Tendo proferido aquelas diversas palavras naquela batalha, Karna soprou sua concha excelente, nascida no mar e produzindo um clangor agradável. Ouvindo essas palavras do filho de Suta que eram adequadas para sua disposição, Duryodhana, ó rei, com todos os seus seguidores ficou cheio de alegria. Nessa conjuntura a batida de pratos e baterias e gritos leoninos, e grunhidos de elefantes com os sons de diversos instrumentos musicais, se ergueram lá, ó rei, entre as tropas (Kaurava), ó touro entre homens. Os gritos também de guerreiros cheios de alegria se elevaram lá. Quando as tropas (Kaurava) estavam assim cheias de alegria, o soberano dos Madras, rindo em escárnio, disse essas palavras para aquele subjugador de inimigos, isto é, o filho de Radha, aquele poderoso guerreiro em carro que estava prestes a mergulhar naquele oceano de batalha e que estava se perdendo em tal jactância inútil.'"

39

"Shalya disse, 'Ó filho de Suta, não dê de graça para qualquer homem um carro dourado com seis touros de proporções elefânticas. Tu obterás uma visão de Dhananjaya hoje. Por tolice tu estás doando riqueza como se tu fosses o Senhor dos tesouros. Sem qualquer dificuldade, no entanto, ó filho de Radha, tu verás Dhananjaya hoje. Tu estás a fim de doar essa riqueza como uma pessoa insensata; mas tu não vês os deméritos vinculados àqueles presentes que são feitos para pessoas não merecedoras. Com aquela grande riqueza que tu estás desejoso de dar de graça, tu és certamente capaz de realizar muitos sacrifícios.

Portanto, ó filho de Suta, realize aqueles sacrifícios. Em relação ao teu desejo, nutrido por insensatez, esse é certamente vão. Nós nunca ouvimos falar de um par de leões terem sido derrubados por uma raposa. Tu procuras o que nunca deve ser procurado por ti. Parece que tu não tens amigos para impedir a ti que estás caindo rapidamente em um fogo ardente. Tu és incapaz de discriminar entre o que tu deves fazer e o que tu não deves. Sem dúvida teu período está completo. Que homem desejoso de viver proferiria palavras que são tão incoerentes e não dignas de serem escutadas? Este teu esforço é como aquele de uma pessoa desejosa de cruzar o oceano pela ajuda somente de seus dois braços depois de ter amarrado ao seu pescoço uma pedra pesada, ou de alguém desejoso de saltar do topo de uma montanha. Se tu estás desejoso de alcançar o que é para o teu bem, lute com Dhananjaya, bem protegido de dentro da tua divisão em formação de combate, e ajudado por todos os teus guerreiros. Eu digo isso para ti para o bem do filho de Dhritarashtra e não por qualquer animosidade por ti. Se tu tens algum desejo de preservar tua vida então aceite as palavras faladas por mim.'"

"Karna disse, 'Confiando no poder das minhas próprias armas eu procuro Arjuna em batalha. Tu, no entanto, que és um inimigo com a face de um amigo desejas me assustar. Nenhuma pessoa irá me dissuadir desta resolução, nem o próprio Indra erguendo seu trovão; o que dizer então de um mortal?'"

"Sanjaya continuou, 'Na conclusão destas palavras de Karna, Shalya, o soberano dos Madras, desejoso de provocar Karna extremamente, disse essas palavras em resposta, 'Quando flechas de pontas afiadas aladas com penas Kanka, atiradas por Phalguna de braços poderosos e impelidas da corda de seu arco e disparadas com toda sua energia te procurarem então tu irás lamentar teu confronto com aquele herói. Quando Partha, também chamado Savyasaci, pegando seu arco celeste, chamuscar o exército (Kuru) e te afligir muito com flechas afiadas, então, ó filho de Suta, tu te arrependerás (da tua insensatez). Como uma criança deitada no colo de sua mãe procura agarrar a Lua, assim mesmo tu por tolice procuras derrotar aquele Arjuna resplandecente posicionado em seu carro. Ao desejar, ó Karna, lutar hoje com Arjuna de façanhas de gume afiado, tu estás para esfregar todos os teus membros contra as extremidades afiadas de um tridente. Esse teu desafio de Arjuna, ó filho de Suta, é como aquele de um pequeno veado tolo jovem de atividade desafiando um leão enorme excitado com fúria. Ó filho de Suta, não desafie aquele príncipe de energia poderosa como uma raposa satisfeita com carne na floresta desafiando o monarca de juba da floresta. Não seja destruído, enfrentado Arjuna. Tu, ó Karna, desafias Dhananjaya, o filho de Pritha, assim como uma lebre desafiando um elefante enorme com presas grandes como relhas de arado, e com o suco emergindo de sua boca e bochechas fendidas. Por loucura tu estás perfurando, com um pedaço de madeira, a naja preta de veneno virulento excitada à fúria dentro de seu buraco, ao desejares lutar com Partha. Dotado de pouca inteligência, tu, ó Karna, desconsiderando aquele leão entre homens, isto é, o filho de Pandu, gritas para ele, como um chacal que, desconsiderando um leão de juba excitado com cólera, berra para ele. Como uma cobra, para sua própria destruição, desafia aquela principal das aves, o filho de Vinata, possuidor de plumagem bela e grande

energia, assim mesmo tu, ó Karna, desafias Dhananjaya o filho de Pandu. Tu desejas cruzar sem uma balsa o oceano terrível, o receptáculo de todas as águas, com suas ondas-montanha e cheio de animais aquáticos, quando em seu auge no nascer da Lua. Ó Karna, tu desafias Dhananjaya, o filho de Pritha, para lutar assim como um bezerro desafiando um touro batedor de chifres afiados e pescoço grosso como um tambor. Como uma rã coaxando para uma nuvem terrível e imensa produzindo torrentes copiosas de chuva, tu coaxas para Arjuna que é assim como Parjanya entre os homens. Como um cachorro de dentro dos arredores da casa de seu dono late para um tigre vagueador da floresta, assim mesmo, ó Karna, tu lates para Dhananjaya, aquele tigre entre homens. Um chacal, ó Karna, residindo na floresta no meio de lebres se considera um leão até que ele realmente vê um leão. Assim mesmo, ó filho de Radha, tu te consideras um leão, pois tu ainda não contemplaste aquele repressor de inimigos, aquele tigre entre homens, isto é, Dhananjaya. Tu te consideras um leão até tu vires os dois Krishnas posicionados no mesmo carro como Surya e Candramas. Enquanto tu não ouvires a vibração do Gandiva em grande batalha, tu serás capaz de fazer o que te agrada. Vendo Partha, fazendo os dez pontos do horizonte ressoarem com o ribombo de seu carro e a vibração de seu arco, e vendo-o rugindo como um tigre, tu irás te tornar um chacal. Tu és sempre um chacal, e Dhananjaya sempre um leão. Ó tolo, por causa da tua inveja e ódio por heróis, tu sempre pareces ser como um chacal. Como um camundongo e um carro são um para o outro em força, ou um cachorro e um tigre, uma raposa e um leão, ou uma lebre e um elefante, como mentira e verdade, como veneno e néctar, assim mesmo tu e Partha são conhecidos a todos por seus respectivos feitos.'"

40

"Sanjaya disse, 'Assim repreendido por Shalya de energia incomensurável, o filho de Radha, sentindo a retidão do nome daquele que o repreendia (Shalya = dardo) por causa de seus dardos verbais, e ficando cheio de raiva, respondeu a ele dessa maneira.'"

"Karna disse, 'Os méritos de homens meritórios, ó Shalya, são conhecidos por aqueles que são eles mesmos meritórios, mas não por aqueles que são desprovidos de mérito. Tu, no entanto, és desprovido de todo mérito. Como então tu podes julgar a respeito de mérito e demérito? As armas poderosas de Arjuna, sua ira, sua energia, seu arco, suas flechas e a bravura também daquele herói de grande alma são, ó Shalya, bem conhecidos por mim. Assim também, ó Shalya, tu não conheces, assim como eu, a grandeza de Krishna, aquele touro entre os senhores da Terra. Mas conhecendo minha própria energia como também aquela do filho de Pandu, eu o desafio para a batalha. Ó Shalya, eu não ajo como um inseto em relação a um fogo ardente. Eu tenho esta flecha, ó Shalya, de boca afiada, bebedora de sangue, repousando sozinha dentro de uma aljava, equipada com asas, bem mergulhada em óleo e bem enfeitada. Ela está colocada em meio a pó de sândalo, reverenciada por mim por longos anos. Partilhando da natureza e forma de uma cobra, ela é venenosa e feroz e capaz de matar grande número de

homens e cavalos e elefantes de forma horrível, e extremamente terrível, ela é capaz de atravessar cotas de malha e ossos. Inspirado com cólera, eu posso perfurar até as montanhas poderosas de Meru com ela. Esta flecha eu nunca atirarei em qualquer outra pessoa exceto Phalguna ou Krishna, o filho de Devaki. Nisso eu te digo a verdade. Ouça. Com aquela flecha, ó Shalya, eu irei, inspirado com raiva, lutar com Vasudeva e Dhananjaya. Esse seria um feito digno de mim. De todos os heróis na tribo Vrishni, é Krishna em quem a Prosperidade está sempre estabelecida. Entre todos os filhos de Pandu, é Partha em quem a Vitória está sempre estabelecida. Aqueles dois tigres entre homens, posicionados juntos no mesmo carro, avançarão contra mim sozinho para lutar. Tu, ó Shalya, verás hoje a nobreza da minha linhagem. Aqueles dois primos, um dos quais é o filho da tia e o outro o filho do tio materno, aqueles dois guerreiros invencíveis, tu verás, serão mortos por mim (com uma flecha) e parecerão com duas pérolas encordoadas juntas na mesma corda. O Gandiva de Arjuna e o estandarte portando o Macaco, e o disco de Krishna e o estandarte portando Garuda inspiram temor somente naqueles que são medrosos. A mim, no entanto, ó Shalya, eles são causas de alegria. Tu és um tolo, de má disposição, e inábil nos modos de grande batalha. Dominado pelo terror, tu proferes esses desvarios. Ou, tu estás elogiando eles por alguma razão não conhecida por mim. Tendo matado aqueles dois primeiro, eu então matarei a ti hoje com todos os teus parentes. Nascido em um país pecaminoso tu és de alma perversa e vil, e um canalha entre os kshatriyas. Sendo um amigo, por que tu, como um inimigo, me intimidas com esses elogios aos dois Krishnas? Ou eles dois me matarão hoje ou eu matarei eles dois. Conhecendo como eu conheço minha própria força, eu não nutro qualquer medo dos dois Krishnas. Mil Vasudevas e centenas de Phalgunas, eu, sozinho, matarei. Segure tua língua, ó tu que és nascido em um país pecaminoso. Ouça de mim, ó Shalya, os ditados, já passados para provérbios, que homens, jovens e velhos, e mulheres, e pessoas chegadas no decurso de suas viagens indiferentes, geralmente proferem, como se aqueles ditados formassem parte de seus estudos, sobre os Madrakas perversos. Brahmanas também narraram devidamente as mesmas coisas antigamente nas cortes de reis. Escutando aqueles ditados atentamente, ó tolo, tu podes perdoar ou replicar. O Madraka é sempre um odiador de amigos. Ele que nos odeia é um Madraka. Não há amizade no Madraka que é vil em palavras e é o mais baixo da humanidade. O Madraka é sempre uma pessoa de alma perversa, é sempre falso e desonesto. É sabido por nós que até o momento da morte os Madrakas são ruins. (Entre os Madrakas) o pai, o filho, a mãe, a sogra, o irmão, o neto, e outros parentes, companheiros, desconhecidos chegados em suas casas, escravos homens e mulheres, se misturam. As mulheres dos Madrakas se misturam, por sua própria vontade, com homens conhecidos e desconhecidos. De conduta iníqua, e subsistindo de cereais e peixes fritos e em pó, em suas casas, eles dão risada e gritam tendo bebido álcool e comido carne de vaca. Eles cantam canções incoerentes e se misturam lascivamente uns com os outros, enquanto se entregam às falas mais imorais. Como então a virtude pode ter um lugar entre os Madrakas que são arrogantes e notórios por todos os tipos de más ações? Ninguém deve fazer amizade com um Madraka ou provocar hostilidades com ele. Na terra Madraka não há amizade. O Madraka é sempre a sujeira da humanidade. Entre os Madrakas todos os atos de

amizade estão perdidos como pureza entre os Gandharakas e as libações despejadas em um sacrifício no qual o rei é ele mesmo o sacrificador e sacerdote. Então, além disso, é realmente visto que homens sábios tratam uma pessoa mordida por um escorpião e afetada por seu veneno, exatamente com estas palavras: 'Como um Brahmana que ajuda nas cerimônias religiosas de um Shudra sofre degradação, como aquele que odeia brahmanas sempre sofre degradação, assim mesmo uma pessoa por fazer uma aliança com os Madrakas se torna decaída. Como não há amizade no Madraka, assim, ó escorpião, teu veneno é zero.' Com estes mantras do Atharvan eu tenho realizado devidamente o rito de exorcismo. Sabendo disso, ó erudito, segure tua língua, ou escute algo mais que eu direi. Aquelas mulheres que, embriagadas por bebidas alcoólicas, deixam cair seus mantos e dançam, aquelas mulheres que não são ligadas (a indivíduos específicos) na questão de relacionamento e que fazem como lhes agrada sem terem quaisquer restrições, eu digo, que sendo como tu és o filho de uma daquelas mulheres, como tu podes, ó Madraka, ser uma pessoa adequada para declarar os deveres de homens? Aquelas mulheres que vivem e respondem chamados da natureza como camelos e jumentos, sendo como tu és o filho de uma daquelas criaturas pecaminosas e desavergonhadas, como tu podes desejar declarar os deveres de homens? Quando uma mulher Madraka é solicitada para a doação de uma pequena quantidade de vinagre, ela coça seus quadris e sem estar desejosa de dá-lo, diz estas palavras cruéis, 'Que nenhum homem peça de mim algum vinagre que é tão caro para mim. Eu daria a ele meu filho, eu daria a ele meu marido, mas vinagre eu não daria.' As jovens moças Madraka, nós ouvimos, são geralmente muito desavergonhadas e peludas e glutonas e impuras. Essas e muitas outras coisas de uma natureza similar, em relação a todas as suas ações, do topo de suas cabeças à ponta de seus dedos dos pés, podem ser afirmadas a respeito delas por eu mesmo e outros. Como, de fato, os Madrakas e os Sindhu-Sauviras saberiam qualquer coisa sobre dever, sendo nascidos, como eles são, em um país pecaminoso, sendo mlecchas em suas práticas, e sendo totalmente indiferentes a todos os deveres? É sabido por nós que este é o maior dever de um Kshatriya, isto é, que morto em batalha, ele deve jazer sobre a Terra, aplaudido pelos justos. Sacrificar (minha vida) nesse conflito de armas é meu principal desejo, desejoso como eu estou do céu através da Morte. Eu sou também o amigo querido do filho inteligente de Dhritarashtra. Por causa dele existem meus ares vitais e qualquer riqueza que eu tenha! Em relação a ti, ó tu que és nascido em um país pecaminoso, é evidente que tu foste manipulado pelos Pandavas, já que tu te comportas conosco em tudo como um inimigo. Como um homem virtuoso não pode ser desencaminhado por ateus, indubitavelmente eu não posso ser dissuadido dessa batalha por centenas de pessoas como tu. Como um veado, coberto com suor, tu estás em liberdade para lamentar ou ansiar. Cumpridor como eu sou dos deveres de um Kshatriya, eu não posso ser amedrontado por ti. Eu recordo em minha mente do fim, declarado para mim nos tempos passados por meu preceptor Rama, daqueles leões entre homens, aqueles heróis que não recuam, que sacrificam suas vidas em batalha. Preparado para salvar os Kauravas e matar nossos inimigos, saiba que eu estou agora determinado a imitar o comportamento excelente de Pururavas. Eu, ó soberano dos Madrakas, não vejo a pessoa nos três mundos que possa, eu penso, me

dissuadir deste propósito. Pare de falar, sabendo tudo isso. Por que tu deliras de tal modo de medo? Ó canalha entre os Madrakas, eu não te matarei agora e oferecerei tua carcaça como uma oferenda para criaturas carnívoras. Por consideração por um amigo, ó Shalya, por causa do filho de Dhritarashtra, e para evitar repreensão, por essas três razões, tu ainda vives. Se, ó soberano dos Madras, tu falares palavras semelhantes novamente, eu então esmagarei tua cabeça com minha maça que é tão dura como o trovão. Hoje as pessoas verão ou ouvirão, ó tu que és nascido em um país pecaminoso, ou que os dois Krishnas mataram Karna ou que Karna matou os dois Krishnas.' Tendo dito essas palavras, o filho de Radha, ó monarca, dirigiu-se novamente ao rei dos Madras, dizendo destemidamente, 'Proceda, proceda.'"

41

"Sanjaya disse, 'Ouvindo, ó senhor, essas palavras do filho de Radha que se deleitava em batalha, Shalya mais uma vez se dirigiu a Karna, citando um exemplo, 'Eu nasci na linhagem de homens que realizaram grandes sacrifícios, que nunca se retiraram da batalha, que eram reis cujos cabelos coronais passaram pelo banho sagrado. Eu mesmo sou também dedicado à prática da virtude. Tu, ó Vrisha, pareces ser como alguém que está embriagado com bebidas alcoólicas. Apesar de tudo isso, eu irei, por amizade, procurar curar tua pessoa enganada e embriagada. Escute, ó Karna, a este símile de um corvo que eu estou prestes a narrar. Tendo ouvido isto, tu podes fazer o que tu escolheres, ó tu que és desprovido de inteligência e que és um canalha da tua raça. Eu, ó Karna, não me lembro da mais leve falha em mim pela qual, ó tu de armas poderosas, tu possas desejar matar minha pessoa inocente. Eu devo te dizer o que é para o teu bem e o que é para teu mal, conhecedor como eu sou de ambos, especialmente porque eu sou o motorista do teu carro e desejoso do bem do rei Duryodhana. Qual terra é nivelada e qual não é, a força ou fraqueza do guerreiro (em meu veículo), a fadiga e fraqueza, em todos os momentos, dos corcéis e do guerreiro (que eu estou conduzindo), um conhecimento das armas que estão disponíveis, os gritos de animais e aves, o que seria pesado para os cavalos e o que seria extremamente pesado para eles, a extração de flechas e a cura de ferimentos, quais armas neutralizam quais, os vários métodos de batalha, e todas as espécies de presságios e indicações, eu que estou ligado tão de perto com este carro, sendo ninguém mais do que seu motorista, devo estar familiarizado com isso. Por isso, ó Karna, eu narro este exemplo para ti mais uma vez. Vivia no outro lado do oceano um Vaishya que tinha abundância de riqueza e cereais. Ele realizava sacrifícios, fazia doações generosas, era pacífico, dedicado aos deveres da sua própria classe, e puro em hábitos e mente. Ele tinha muitos filhos a quem ele amava, e era bondoso para todas as criaturas. Ele vivia destemidamente nos domínios de um rei que era guiado pela virtude. Havia um corvo que vivia do refugo dos pratos colocados diante daqueles filhos jovens bem educados do Vaishya. Aquelas crianças Vaishya sempre davam ao corvo carne e coalhos, e leite, e leite açucarado com arroz, e mel, e manteiga. Assim alimentado com o refugo de seus pratos pelos jovens filhos daquele Vaishya, o corvo se tornou

arrogante e veio a desconsiderar todas as aves que eram iguais a ele ou até superiores. Aconteceu que uma vez certos cisnes de corações alegres, de grande velocidade e capazes de ir a todos os lugares à vontade e iguais ao próprio Garuda em distância e velocidade de vôo, chegaram àquele lado do oceano. Os meninos Vaishya, vendo aqueles cisnes, se dirigiram ao corvo e disseram, 'Ó percorredor dos céus, tu és superior a todas as criaturas aladas.' Iludido por aquelas crianças de pouca inteligência, aquela criatura ovípara por tolice e orgulho, considerou suas palavras como verdadeiras. Orgulhoso do refugo dos pratos das crianças dos quais ele se alimentava, o corvo então, descendo no meio daqueles cisnes capazes de atravessar grandes distâncias, desejou perguntar a respeito de quem entre eles era seu líder. O corvo tolo finalmente desafiou aquele entre aquelas aves de asas incansáveis a quem ele considerava seu líder, dizendo, 'Vamos competir em vôo.' Ouvindo aquelas palavras do corvo delirante, os cisnes que tinham se reunido lá, aquelas principais das aves dotadas de grande força, começaram a dar risada. Os cisnes então, que eram capazes de ir a todos os lugares à vontade, se dirigiram ao corvo, dizendo, 'Nós somos cisnes, temos nossa residência no lago Manasa. Nós viajamos pela Terra inteira, e entre as criaturas aladas nós somos sempre elogiadas pela extensão das distâncias que nós atravessamos. Sendo, como tu és, somente um corvo, como tu podes, ó tolo, desafiar um cisne dotado de força, capaz de ir a todos os lugares à vontade, e fazendo grandes distâncias no decorrer de seu vôo? Diga-nos, ó corvo, como tu podes voar conosco.' O corvo vaidoso, por causa da tolice de sua espécie, repetidamente encontrando falhas nas palavras daquele cisne, finalmente deu esta resposta. O corvo disse, 'Eu irei sem dúvida voar mostrando cento e um diferentes tipos de movimento. Fazendo cada cem Yojanas em um separado e belo tipo de movimento, eu exporei todos aqueles movimentos. Erguendo-me, e me precipitando para baixo, e girando em volta, e rumando reto, e prosseguindo suavemente, e avançando firmemente, e realizando os diversos cursos para cima e recuando para trás, e me elevando a grande altura, e me precipitando para frente e voando para cima com velocidade mais violenta, e mais uma vez procedendo suavemente e então procedendo com grande impetuosidade, e outra vez mergulhando e girando e avançando firmemente, e me elevando pelos solavancos, e subindo reto, e novamente caindo e girando em um círculo e avançando orgulhosamente, e diversos outros tipos de movimento, esses todos eu mostrarei diante de todos vocês. Vocês então testemunharão minha força. Com uma destas diferentes espécies de movimento eu logo subirei ao céu. Indiquem devidamente, ó cisnes, por qual destes movimentos eu correrei pelo espaço. Decidindo o tipo de movimento entre vocês mesmos, vocês terão que correr comigo. Adotando todos esses movimentos diferentes, vocês terão que rumar comigo pelo espaço sem apoio.' O corvo tendo dito essas palavras, um dos cisnes se dirigiu a ele. Ouça, ó filho de Radha, as palavras que o cisne disse. O cisne falou, 'Tu, ó corvo, sem dúvida voará as cento e uma diferentes espécies de vôo. Eu irei, no entanto, voar naquele único tipo de movimento que todas (as outras) aves conhecem, pois eu, ó corvo, não conheço qualquer outro. Em relação a ti, ó tu de olhos vermelhos, voe em qualquer tipo de curso que tu queiras.' A estas palavras, aqueles corvos que tinham se reunido lá deram risadas altas, dizendo,

'Como irá o cisne com um único tipo de vôo levar a melhor sobre cem diferentes tipos de vôo?'"

"Então aqueles dois, isto é, o cisne e o corvo, se elevaram ao céu, desafiando um ao outro. Capaz de ir a todos os lugares à vontade, o cisne procedeu em um tipo de movimento, enquanto o corvo rumou em cem diferentes tipos. E o cisne voou e o corvo também voou, cada um fazendo o outro se admirar (por sua habilidade) e cada um falando elogiosamente de suas próprias realizações. Contemplando os diversos tipos de vôo em sucessivos instantes de tempo, os corvos que estavam lá se encheram de grande alegria e começaram a crocitar mais ruidosamente. Os cisnes também riram em zombaria, proferindo muitas observações desagradáveis (para os corvos). E eles começaram a subir e pousar repetidamente, aqui e ali. E eles começaram a descer e se elevar de topos de árvores e da superfície da terra. E eles proferiram diversos gritos indicativos de sua vitória. O cisne, no entanto, com aquele único tipo de movimento lento (com o qual ele estava familiarizado) começou a atravessar os céus. Por um momento, portanto, ó senhor, ele pareceu se render ao corvo. Os corvos, nisto, desconsiderando os cisnes, disseram essas palavras: 'Aquele cisne entre vocês que se elevou ao céu está evidentemente se entregando.' Ouvindo essas palavras, o cisne (subindo) voou para o oeste com grande velocidade para o oceano, aquela residência de Makaras. Então o medo entrou no coração do corvo que ficou quase inconsciente ao não ver qualquer ilha ou árvores sobre as quais pousar quando cansado. E o corvo pensou dentro de seu coração a respeito de onde ele deveria descer quando cansado, sobre aquela vasta extensão de água. O oceano, sendo como ele é a residência de inúmeras criaturas, é irresistível. Habitado por centenas de monstros, ele é mais grandioso do que o espaço. Nada pode excedê-lo em profundidade, ó filho de Suta. Os homens sabem, ó Karna, que as águas do oceano são tão ilimitadas quanto o espaço. Pela extensão de suas águas, ó Karna, o que é um corvo para ele? O cisne, tendo atravessado uma grande distância num momento, olhou para trás para o corvo, e (embora capaz) não pode deixá-lo para trás. Tendo ultrapassado o corvo, o cisne lançou seus olhos nele e esperou, pensando, 'Que o corvo se aproxime.' O corvo então, extremamente cansado, se aproximou do cisne. Vendo-o sucumbindo, e prestes a cair, e desejoso de salvá-lo em lembrança das práticas de bons povos, o cisne se dirigiu a ele nessas palavras, 'Tu repetidamente falaste de muitos tipos de vôo enquanto falando sobre o assunto. Tu não falarias desse (teu atual movimento) pela razão dele ser um mistério para nós? Qual é o nome desse tipo de vôo, ó corvo, que tu agora adotaste? Tu tocas as águas com tuas asas e bico repetidamente. Qual entre aquelas diversas espécies de vôo é essa, ó corvo, que tu estás agora praticando? Venha, venha, rapidamente, ó corvo, pois eu estou esperando por ti.'"

"Shalya continuou, 'Extremamente aflito, e tocando a água com suas asas e bico, ó tu de alma perversa, o corvo, visto naquele estado pelo cisne, se dirigiu ao último. De fato, não vendo o limite daquela extensão aquosa e descendo em fadiga, e esgotado com o esforço de seu vôo o corvo disse para o cisne, 'Nós somos corvos, nós vagamos para lá e para cá, gritando 'caw', ‘caw’. Ó cisne, eu

procuro tua proteção, colocando meus ares vitais em tuas mãos. Oh, leve-me para as margens do oceano com as asas e bico.' O corvo, muitíssimo fatigado, caiu de repente. Vendo-o caído sobre as águas do oceano com o coração triste, o cisne, se dirigindo ao corvo que estava prestes a morrer, disse essas palavras, 'Lembre, ó corvo, do que tu disseste em louvor de ti mesmo. As palavras foram mesmo que tu percorrerias o céu em cento e um diferentes tipos de vôo. Tu, portanto, que voarias cem diferentes tipos de vôo, tu que és superior a mim, ai, por que então tu estás cansado e caído no oceano?' Dominado pela fraqueza, o corvo então, lançando seus olhos para cima para o cisne, e procurando gratificá-lo, respondeu dizendo, 'Orgulhoso dos restos dos pratos de outros dos quais eu me alimentava, eu tinha, ó cisne, me considerado como o igual de Garuda e desrespeitado todos os corvos e muitas outras aves. Eu agora, no entanto, procuro tua proteção e coloco meus ares vitais nas tuas mãos. Oh, leve-me para o litoral de alguma ilha. Se, ó cisne, eu puder, ó senhor, voltar em segurança para meu próprio país, eu nunca mais desconsiderarei ninguém. Oh, salve-me agora dessa calamidade.' Ele que falou dessa maneira e estava tão triste e lamentando e privado de sentidos, ele que estava afundando no oceano, proferindo gritos 'caw, caw,' ele assim encharcado pela água e tão lamentável de se olhar e tremendo com medo, o cisne, sem uma palavra, ergueu com seus pés, e lentamente o fez subir em suas costas. Tendo feito o corvo cujos sentidos o tinham abandonado montar em suas costas, o cisne voltou rapidamente para aquela ilha de onde os dois tinham voado, desafiando um ao outro. Colocando aquele percorredor do céu em terra seca e confortando-o, o cisne, rápido como a mente, procedeu para a região que ele desejava. Dessa maneira aquele corvo, alimentado dos restos dos jantares de outros, foi vencido pelo cisne. O corvo, então, rejeitando o orgulho de força e energia, adotou uma vida de paz e quietude. De fato, assim como aquele corvo, alimentado dos restos dos jantares das crianças Vaishya, desconsiderava seus iguais e superiores, assim tu, ó Karna, que és alimentado pelos filhos de Dhritarashtra dos restos de seus pratos, desrespeitas todos os teus iguais e superiores. Por que tu não mataste Partha na cidade Virata quando tu tinhas a vantagem de seres protegido por Drona e o filho de Drona e Kripa e Bhishma e os outros Kauravas? Lá onde, como um bando de chacais derrotado por um leão, vocês todos foram derrotados com grande matança pelo ornado com diadema Arjuna, o que aconteceu com tua bravura? Vendo também teu irmão morto por Savyasaci, na própria vista dos heróis Kuru, foste tu que fugiste primeiro. Pelas margens também do lago Dvaitya, ó Karna, quando tu foste atacado pelos Gandharvas, foste tu que, abandonando todos os Kurus, fugiste primeiro. Tendo vencido em batalha os Gandharvas encabeçados por Citrasena, com grande massacre, foi Partha, ó Karna, que libertou Duryodhana com sua esposa. O próprio Rama, ó Karna, diante dos reis na assembléia (Kuru) falou da grande bravura de ambos Partha e Keshava. Tu frequentemente ouviste as palavras de Drona e Bhishma, falando na presença de todos os reis, que os dois Krishnas não podem ser mortos. Eu te falei um pouco somente com relação àquelas questões nas quais Dhananjaya é superior a ti como o Brahmana que é superior a todos os seres criados. Logo tu verás, posicionados naquele mais notável dos carros, o filho de Vasudeva e o filho de Kunti e Pandu. Como o corvo (na história), agindo com inteligência, procurou a proteção do cisne, assim procure tu a proteção dele

da linhagem de Vrishni, e do filho de Pandu Dhananjaya. Quando em batalha tu vires Vasudeva e Dhananjaya, aqueles dois dotados de grande destreza, posicionados juntos no mesmo carro, tu então, ó Karna, não irás proferir tais palavras. Quando Partha, com centenas de flechas, suprimir teu orgulho, então tu verás a diferença entre tu mesmo e Dhananjaya. Aquelas duas melhores das pessoas são célebres entre os deuses, os Asuras e seres humanos. Tu que és um pirilampo, não, por tolice, pense desrespeitosamente a respeito daqueles dois corpos luminosos resplandecentes. Como o Sol e Lua, Keshava e Arjuna são célebres por sua resplandecência. Tu, no entanto, és como um pirilampo entre os homens. Ó erudito, ó filho de um Suta, não pense desrespeitosamente de Acyuta e Arjuna. Aquelas duas pessoas de grande alma são leões entre homens. Abstenha-te de te entregar a semelhantes jactâncias.'"

42

"Sanjaya disse, 'O filho de grande alma de Adhiratha, tendo escutado não convencido a estas palavras do soberano dos Madras, se dirigiu a Shalya, dizendo, 'Aquilo que Vasudeva e Arjuna são é bem sabido por mim. A habilidade de Saurin na condução de carros, e o poder e as armas superiores de Arjuna, o filho de Pandu são bem conhecidos por mim nesta hora. Tu, no entanto, ó Shalya, não tens prova ocular daqueles assuntos. Eu lutarei destemidamente com os dois Krishnas, aqueles dois principais de todos os manejadores de armas. A maldição, no entanto, de Rama aquele melhor dos homens regenerados me atormenta muito hoje. Eu morei, no disfarce de um Brahmana, com Rama nos tempos passados, desejoso de obter armas celestes dele. Naquela ocasião, ó Shalya, o chefe dos deuses, desejando beneficiar Phalguna, causou um obstáculo, por se aproximar da minha coxa e perfurá-la, tendo assumido a forma medonha de um verme. Quando meu preceptor dormia, tendo colocado sua cabeça sobre ela, aquele verme, se aproximando da minha coxa, começou a furá-la. Por causa da perfuração da minha coxa, um charco de sangue grosso fluiu do meu corpo. Com medo de (perturbar o sono de) meu preceptor eu não movi meu membro. Despertando, o Brahmana, no entanto, viu o que tinha ocorrido. Testemunhando minha paciência ele se dirigiu a mim, dizendo, 'Tu nunca és um Brahmana. Diga-me realmente quem tu és.' Eu então, ó Shalya, o informei verdadeiramente a respeito de mim mesmo, dizendo que eu era um Suta. Ouvindo minhas palavras, o grande asceta, seu coração cheio de raiva, me amaldiçoou, dizendo, 'Por causa da fraude, ó Suta, por meio da qual tu obtiveste esta arma, na hora de necessidade, quando chegar a hora da tua morte, ela nunca virá à tua memória. Brahma indubitavelmente não pode residir em alguém que não é um Brahmana.' Eu esqueci aquela arma formidável nessa batalha violenta e terrível. Ele entre os Bharatas, ó Shalya, que é habilidoso, quem é um batedor eficaz, que é destruidor geral, e que é extremamente terrível, (isto é, Arjuna), aquele subjugador poderoso, eu penso, irá queimar muitos principais dos Kshatriyas. Saiba, no entanto, ó Shalya, que eu matarei em batalha aquele arqueiro feroz, aquele principal dos guerreiros, aquele herói dotado de energia, aquela pessoa terrível cuja energia é

insuportável, aquele guerreiro cujas promessas são cumpridas, aquele filho de Pandu, Dhananjaya. Eu tenho aquela arma (pelo menos) sob meu controle hoje com a qual eu serei capaz de destruir grande número de inimigos. Eu matarei em batalha aquele opressor de inimigos, aquele poderoso guerreiro habilidoso com armas, aquele arqueiro feroz de energia incomensurável, aquele herói cruel e terrível, aquele adversário formidável de inimigos, Dhananjaya. O Oceano imensurável, aquele senhor de todas as águas, avança com impetuosidade violenta para submergir inúmeras criaturas. O continente, no entanto, o segura e detém. Hoje, neste mundo, eu resistirei em combate ao filho de Kunti, aquele principal de todos os puxadores da corda do arco, enquanto ele estiver empenhado em disparar incessantemente suas flechas inumeráveis equipadas com asas vistosas, destrutivas de heróis, capazes de penetrar em todo membro e nenhuma das quais se torna inútil. Como o continente resistindo ao Oceano, eu hoje resistirei àquele mais poderoso dos poderosos, aquele grande guerreiro possuidor das maiores armas, aquele herói semelhante ao próprio Oceano de flechas de grande alcance, feroz, e tendo flechas como suas ondas, enquanto ele estiver empenhado em subjugar reis (hostis). Contemple hoje a batalha violenta que eu lutarei com ele que não tem igual, eu penso, entre os homens que manejam o arco, e que venceria os próprios deuses unidos com os Asuras. Extremamente orgulhoso é aquele filho de Pandu. Desejoso de batalha ele se aproximará de mim com suas armas poderosas e sobre-humanas. Frustrando suas armas com minhas próprias armas em batalha, eu irei hoje derrubar aquele Partha com minhas próprias flechas excelentes. Chamuscando seus inimigos como o Sol dotado de raios ardentes, e resplandecendo com chama como aquele dissipador da escuridão, eu irei, como uma massa de nuvens, encobrir completamente Dhananjaya hoje com minhas flechas. Como as nuvens extinguindo um fogo ardente de grande energia e chamas misturadas com fumaça, que parece disposto a consumir a Terra inteira, eu irei, com minhas chuvas de flechas, extinguir o filho de Kunti em batalha. Com minhas flechas de cabeça larga eu irei aquietar o filho de Kunti, aquela cobra terrível de veneno virulento, que é extremamente difícil de ser capturada, que é dotada de presas afiadas, que é assim como um fogo ardente que resplandece em fúria, e que sempre consome seus inimigos. Como Himavat aguentando o poderoso, subjugador de todos, violento e batedor deus do vento, eu irei, sem me alterar, aguentar o furioso e vingativo Dhananjaya. Eu resistirei em batalha a Dhananjaya, aquele principal de todos os manejadores de arcos no mundo, aquele herói em combate, aquele guerreiro que está sempre na vanguarda e que é competente para enfrentar todos os inimigos, aquele guerreiro em carro que está familiarizado com todas as rotas de carro. Hoje eu lutarei em batalha com aquela pessoa que não tem, eu penso, igual entre os homens que manejam o arco e que conquistou a Terra inteira. Que outro homem desejoso de salvar sua vida, exceto eu mesmo, lutaria com aquele Savyasaci, que subjugou todas as criaturas inclusive os próprios deuses no país chamado Khandava? Arjuna é orgulhoso; suas armas atingem profundamente; ele é dotado de grande agilidade de mãos; ele está familiarizado com os corcéis; ele agita vastas hostes; ele é considerado um Atiratha. Embora desta maneira, eu irei, contudo, com minhas flechas afiadas, cortar sua cabeça de seu tronco hoje. Ó Shalya, sempre mantendo Morte ou

vitória em batalha diante de mim, eu hoje lutarei com Dhananjaya. Não há ninguém salvo eu mesmo que em um carro único lutaria com aquele Pandava que parece o próprio Destruidor. Eu mesmo falarei alegremente da destreza de Phalguna no meio de uma assembléia de Kshatriyas. Por que, no entanto, tu, um tolo como tu és e de mente leviana, me falas da destreza de Phalguna? Tu és um fazedor de feitos desagradáveis. Tu és cruel e desprezível e sendo tu mesmo rancoroso, tu és um caluniador de alguém que é clemente. Eu posso matar cem pessoas como tu, mas eu te perdôo por causa da minha disposição perdoadora, devido à exigência dos tempos. Tu és de feitos pecaminosos. Como um tolo tu, por causa do filho de Pandu, me repreendeste e me disseste muitas coisas desagradáveis. De coração desonesto como tu és, tu disseste todas aquelas palavras para mim, que tenho um coração sincero. Tu és amaldiçoado, pois tu és um ofensor de amigos, de amigos, porque amizade é de sete passos. Terrível é a hora que está agora passando. O próprio Duryodhana vem para a batalha. Eu estou desejoso de ver seus propósitos alcançados. Tu, no entanto, estás agindo de tal maneira que isso mostra que tu não tens amizade (pelo rei Kuru)! É um amigo aquele que mostra afeição pelo outro, que alegra outro, que se faz agradável para o outro, que protege o outro, que respeita o outro, e que se regozija nas alegrias do outro. Eu te digo que eu tenho todos esses atributos, e o próprio rei sabe tudo isso. Aquele, por outro lado, que destrói, castiga, afia suas armas, fere, nos faz suspirar, nos faz tristes, e é injusto conosco de diversas maneiras, é um inimigo. Todos esses atributos são para serem encontrados em ti e tu revelaste todos eles para mim. Por causa de Duryodhana, para fazer o que é agradável para ti, pela vitória, por mim mesmo, e pelo próprio Deus, eu irei com esforço vigoroso, lutar com Partha e Vasudeva. Testemunhe hoje minhas façanhas. Veja hoje minhas armas excelentes, minha Brahmastra e outras armas celestes, como também aquelas que são humanas. Eu hoje matarei aquele herói de bravura feroz, como um elefante muito enfurecido matando um igual enfurecido. Eu irei, por meio da minha mente somente, lançar hoje em Partha, para minha vitória, aquela arma de energia incomensurável, chamada Brahmastra. Arjuna nunca será capaz de fugir daquela arma, se as rodas do meu carro não afundarem na terra em batalha hoje. Saiba disto, ó Shalya, que eu não temeria o próprio Yama armado com sua vara, ou o próprio Varuna armado com seu laço, ou o próprio Kuvera armado com sua maça, ou o próprio Vasava armado com o raio, ou qualquer outro inimigo seja qual for que possa se aproximar para me matar. Portanto, eu não tenho medo de Partha, nem de Janardana. Por outro lado, eu os enfrentarei ambos na batalha destrutiva de hoje. Uma vez, quando vagando para praticar armas em meu arco chamado Vijaya, ó rei, eu, por disparar muitas flechas ardentes de formas terríveis, atingi desatentamente o bezerro da vaca homa de um (Brahmana) com uma daquelas flechas, e sem querer o matei enquanto ele estava vagando em uma floresta solitária. O Brahmana então se dirigiu a mim, dizendo, 'Já que, ficando insensato, tu mataste a prole da minha vaca homa, a roda (do teu carro) afundará na terra quando na hora da batalha o medo entrar no teu coração.' Dessas palavras do Brahmana eu estou sentindo grande temor. Estes reis da raça Lunar que são senhores da riqueza e do infortúnio (de outras pessoas), se ofereceram para dar àquele Brahmana 1.000 vacas e 600 touros. Mesmo com tal presente, ó Shalya, o Brahmana não ficou

satisfeito, ó soberano dos Madras. Eu então fui dar a ele setecentos elefantes de presas largas e muitas centenas de escravos homens e mulheres. Aquele principal dos Brahmanas ainda não foi satisfeito. Reunindo em seguida 14.000 vacas no total, cada uma de cor preta e tendo um bezerro branco, eu ainda assim fui incapaz de obter a graça daquele melhor dos Brahmanas. Uma mansão rica cheia de todos os objetos de desejo, de fato, qualquer riqueza que eu tinha, eu desejei dar a ele com culto devido, mas ele se recusou a aceitar o presente. Para mim então que tinha ofendido e que tinha implorado tão importunamente por seu perdão, o Brahmana disse, 'Aquilo que, ó Suta, foi proferido por mim está certo de acontecer. Não pode ser de outra maneira. Uma palavra falsa destruiria criaturas, e o pecado também seria meu. Portanto, para a conservação da virtude eu não ouso falar o que é falso. Não destrua novamente os meios de sustento de um Brahmana. Não há ninguém no mundo que possa falsificar minhas palavras. Aceite aquelas palavras. Essa será tua expiação (pelo pecado de ter matado um bezerro).' Embora repreendido por ti, ainda por causa de amizade, eu te revelei tudo isso. Eu conheço a ti que estás me repreendendo dessa maneira. Fique silencioso agora, e ouça o que eu direi em breve.'"

43

"Sanjaya disse, 'Aquele castigador de inimigos, isto é, o filho de Radha, silenciando dessa maneira o soberano dos Madras, mais uma vez se dirigiu a ele, ó monarca, dizendo essas palavras, ‘Em resposta àquilo que, ó Shalya, tu me disseste como exemplo, eu te digo que eu sou incapaz de ser amedrontado por ti em batalha com tuas palavras. Se todos os deuses com Vasava lutassem comigo, eu ainda não sentiria qualquer temor, o que dizer então de meus medos de Pritha e Keshava? Eu não posso ser assustado só por meio de palavras. Ele, ó Shalya, a quem tu poderias assustar em batalha é alguma outra pessoa (e não eu)! Tu falaste muitas palavras cruéis para mim. Nisso se encontra a força de uma pessoa que é inferior. Incapaz de falar dos meus méritos, tu disseste muitas coisas amargas, ó tu de coração perverso; Karna nunca nasceu, ó Madraka, para ter medo em batalha. Por outro lado, eu nasci para mostrar coragem como também para alcançar glória por mim mesmo. Por minha amizade por ti, por minha afeição, e por tu seres um aliado, por essas três razões tu ainda vives, ó Shalya. Importante é a tarefa que agora tem que ser feita para o rei Dhritarashtra. Aquela tarefa, ó Shalya, depende de mim. Por isto, tu vives um momento. Antes disto, eu fiz um acordo contigo que quaisquer palavras desagradáveis que tu pudesses proferir seriam perdoadas por mim. Aquele acordo deve ser cumprido. É por isso que tu estás vivo, ó Madraka. Sem 1.000 Salyas eu subjugaria meus inimigos. Aquele que prejudica um amigo é pecaminoso. É por isso que tu vives por ora.'"

44

"Shalya disse, 'Esses, ó Karna, são delírios que tu proferiste a respeito do inimigo. Em relação a mim mesmo sem 1.000 Karnas eu sou capaz de derrotar o inimigo em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Para o soberano de Madras, de feições duras, que estava dizendo tais coisas desagradáveis para Karna, o último novamente disse palavras que eram duas vezes mais cruéis.'"

"Karna disse, 'Escute isto com atenção dedicada, ó soberano dos Madras, que foi ouvido por mim quando foi recitado na presença de Dhritarashtra. Na residência de Dhritarashtra os Brahmanas costumavam narrar os relatos a respeito de diversas regiões encantadoras e muitos reis dos tempos antigos. Um principal entre os Brahmanas, venerável em idade enquanto recitando velhas histórias, disse essas palavras, censurando os Vahikas e Madrakas, 'Se deve sempre evitar os Vahikas, aquelas pessoas impuras que estão fora da paliçada da virtude, e que vivem longe do Himavat e do Ganga e Sarasvati e Yamuna e Kurukshetra e do Sindhu e seus cinco rios afluentes. Eu me lembro dos dias de minha juventude que uma área para abate de vacas e um espaço para armazenar bebidas alcoólicas embriagantes sempre distinguiam as entradas das residências dos reis (Vahika). Em uma missão muito secreta eu tive que viver entre os Vahikas. Por causa de tal residência o comportamento dessas pessoas é bem conhecido por mim. Há uma cidade de nome Sakala, um rio do nome de Apaga, e um clã dos Vahikas conhecido pelo nome de Jarttikas. As práticas dessas pessoas são muito censuráveis. Eles bebem o licor chamado Gauda, e comem cevada frita com isto. Eles também comem carne de vaca com alho. Eles também comem bolos de farinha misturados com carne, e arroz fervido que é comprado de outros. De práticas virtuosas eles não tem nenhuma. Suas mulheres, embriagadas com bebida e sem mantos, dão risada e dançam fora das paredes das casas em cidades, sem guirlandas e unguentos, cantando enquanto bebem canções obscenas de diversos tipos que são tão musicais quanto o zurro do jumento ou o balido do camelo. Em relações sexuais eles são absolutamente sem qualquer restrição, e em todas as outras questões eles agem como lhes convém. Enlouquecidos com bebida, eles chamam uns aos outros, usando muitos epítetos afetuosos. Endereçando muitas exclamações bêbadas para seus maridos e senhores, as mulheres decaídas entre os Vahikas, sem observarem restrições mesmo em dias sagrados, se entregam à dança. Um daqueles Vahikas pecaminosos, alguém, isto é, que viveu entre aquelas mulheres arrogantes, que aconteceu de viver por alguns dias em Kurujangala, se abriu com coração triste, dizendo, 'Ai, aquela moça (Vahika) de proporções grandes, vestida em mantas finas, está pensando em mim, seu amante Vahika, que está agora passando seus dias em Kurujangala, na hora dela ir para a cama. Cruzando o Sutlej e o Iravati encantador, e chegando ao meu próprio país, quando eu lançarei meus olhos naquelas mulheres belas com grossos ossos frontais, com pequenos círculos brilhantes de arsênico vermelho em suas testas, com listras de colírio preto-azeviche em seus olhos, e suas belas formas vestidas em mantas e peles e elas

mesmas proferindo gritos agudos? Quando eu serei feliz, na companhia daquelas damas embriagadas em meio à música de baterias e timbales e conchas agradáveis como os gritos de jumentos e camelos e mulas? Quando eu estarei entre aquelas senhoras comendo bolos de farinha e carne e bolas de cevada socada misturadas com leite desnatado, nas florestas, tendo muitos caminhos agradáveis de Sami e Pilu e Karira? Quando eu irei, em meio aos meus próprios compatriotas, reunindo tropas em concentração nas rodovias, cair sobre viajantes, e roubando seus mantos e trajes bater neles repetidamente?' Que homem moraria de boa vontade, mesmo por um momento, entre os Vahikas que são tão decaídos e perversos, e tão depravados em suas práticas?' Assim mesmo aquele Brahmana descreveu os Vahikas de comportamento abjeto, um sexto de cujos méritos e deméritos é teu, ó Shalya. Tendo dito isso, aquele brahmana pio começou mais uma vez a dizer o que eu estou prestes a repetir a respeito dos Vahikas pecaminosos. Ouça o que eu digo, 'Na cidade grande e populosa de Sakala, uma mulher Rakshasa costumava cantar em todo décimo quarto dia da quinzena escura, em acompanhamento com um tambor, ‘Quando eu cantarei em seguida as canções dos Vahikas nesta cidade Sakala, tendo me fartado com carne de vaca e bebido o licor Gauda? Quando irei eu novamente, enfeitada com ornamentos, e com aquelas moças e senhoras de grandes proporções, devorar um grande número de ovelhas e grandes quantidades de carne de porco e carne de vaca e a carne de aves e jumentos e camelos? Aqueles que não comem carneiro vivem em vão!’ Assim mesmo, ó Shalya, os jovens e velhos, entre os habitantes de Sakala, embriagados com bebidas alcoólicas, cantam e gritam. Como a virtude pode ser encontrada entre tais pessoas? Tu deves saber disso. Eu devo, no entanto, te falar novamente acerca do que outro Brahmana disse para nós na corte Kuru, 'Lá onde florestas de Pilus estão localizadas, e aqueles cinco rios fluem, isto é, o Satadru, o Vipasa, o Iravati, o Candrabhaga, e o Vitasa e que tem o Sindhu como seu sexto, lá naquelas regiões distantes do Himavat, estão os países chamados pelo nome de Arattas. Aquelas regiões são sem virtude e religião. Ninguém deve ir para lá. Os deuses, os Pitris, e os Brahmanas nunca aceitam presentes daqueles que são decaídos, ou daqueles que são gerados por Shudras nas moças de outras castas, ou dos Vahikas que nunca realizam sacrifícios e são muito irreligiosos.' Aquele Brahmana erudito também disse na corte Kuru, 'Os Vahikas, sem quaisquer sentimentos de aversão, comem de recipientes de madeira tendo estômagos profundos e pratos feitos de barro e vasilhas que foram lambidas por cachorros e que estão manchadas com cevada socada e outros cereais. Os Vahikas bebem o leite de ovelha e camelos e jumentos e comem coalhos e outras preparações daqueles diferentes tipos de leite. Aquelas pessoas degradadas numeram muitos bastardos entre eles. Não há nenhuma comida e nenhum leite que eles não aceitem. Os Aratta-Vahikas que estão imersos em ignorância, devem ser evitados.' Tu deves saber disso, ó Shalya. Eu devo, no entanto, te falar outra vez sobre o que outro Brahmana disse para mim na corte Kuru, 'Como alguém pode ir para o céu, tendo bebido leite na cidade chamada Yugandhara, e residido no lugar chamado Acyutasthala, e se banhado no local chamado Bhutilaya? Lá onde os cinco rios fluem exatamente depois de emanarem das montanhas, lá entre os Aratta-Vahikas, nenhuma pessoa respeitável deve morar nem por dois dias. Há dois Pishacas chamados Vahi e

Hika no rio Vipasa. Os Vahikas são a prole daqueles dois Pishacas. Eles não são criaturas criadas pelo Criador. Sendo de tal origem baixa, como eles podem conhecer os deveres ordenados nas escrituras? Os Karashakas, os Mahishakas, os Kalingas, os Keralas, os Karkotakas, os Virakas, e outras pessoas sem religião, uma pessoa deve sempre evitar.' Assim mesmo uma mulher Rakshasa de quadris gigantescos falou para um Brahmana que em uma certa ocasião foi àquele país para se banhar em um rio sagrado e passou uma única noite lá. As regiões são chamadas pelo nome de Arattas. As pessoas residindo lá são chamadas de Vahikas. Os mais vis dos Brahmanas também estão residindo lá desde tempos muito remotos. Eles são sem o Veda e sem conhecimento, sem sacrifício e sem o poder para ajudar nos sacrifícios de outros. Eles são todos decaídos e muitos entre eles foram gerados por Shudras nas mulheres de outros povos. Os deuses nunca aceitam quaisquer presentes deles. Os Prasthalas, os Madras, os Gandharas, os Arattas, aqueles chamados Khasas, os Vasatis, os Sindhus e os Sauviras são quase tão faltosos em suas práticas.'"

45

"Karna continuou, 'Tu deves saber tudo isso, ó Shalya. Eu irei, no entanto, te falar novamente. Escute com toda atenção o que eu digo. Uma vez um Brahmana veio à nossa casa como um convidado. Observando nossas práticas ele ficou muito satisfeito e disse para nós, 'Eu morei por muito tempo em um pico do Himavat completamente só. Desde então eu tenho visto diversos países seguindo diversas religiões. Nunca, no entanto, eu tinha visto todo o povo de um país agir iniquamente. Todas as raças que eu tenho encontrado admitem como a religião verdadeira aquela a qual é declarada por pessoas conhecedoras dos Vedas. Viajando por vários países seguindo várias religiões, eu finalmente, ó rei, cheguei entre os Vahikas. Lá eu ouvi que a princípio uma pessoa se torna um Brahmana e então ela se torna um Kshatriya. De fato, um Vahika, depois disso, se tornaria um Vaishya, e então um Shudra, e então um barbeiro. Tendo virado um barbeiro, ele então viraria novamente um Brahmana. Voltando à posição de um Brahmana, ele outra vez se tornaria um escravo. Uma pessoa em uma família se torna um Brahmana, todas as outras, decaindo da virtude, agem como elas querem. Os Gandharas, os Madrakas, e os Vahikas de pouca compreensão são assim mesmo. Tendo viajado pelo mundo inteiro eu tenho ouvido a respeito destas práticas, destrutivas de virtude, destas irregularidades pecaminosas entre os Vahikas.' Tu deves saber tudo isso, ó Shalya. Eu irei, no entanto, outra vez te falar sobre aquelas palavras feias que outro me disse com relação aos Vahikas. Nos tempos passados uma mulher casta foi sequestrada por ladrões (vindos) de Aratta. Pecaminosamente ela foi violada por eles, após o que ela os amaldiçoou, dizendo, 'Já que vocês violaram pecaminosamente uma moça desamparada que não está sem um marido, portanto, as mulheres das suas famílias vão se tornar todas incastas. Ó mais vis dos homens, vocês nunca escaparão das consequências deste pecado terrível.' É por isso, ó Shalya, que os filhos das irmãs dos Arattas, e não seus próprios filhos se tornam seus herdeiros. Os Kauravas com os Pancalas, os Salwas, os Matsyas, os Naimishas, os Koshalas, os

Kasapaundras, os Kalingas, os Magadhas, e os Cedis que são todos muito abençoados, sabem qual é a religião eterna. Até os pecaminosos desses vários países sabem o que é religião. Os Vahikas, no entanto, vivem sem retidão. Começando com os Matsyas, os residentes dos países Kuru e Pancala, os Naimishas também e os outros povos respeitáveis, as pias entre todas as raças estão familiarizadas com as verdades eternas de religião. Isto não pode ser dito dos Madrakas e da raça de coração desonesto que reside no país dos cinco rios. Sabendo todas estas coisas, ó rei, segure tua língua, ó Shalya, como alguém privado de expressão vocal, em todos os assuntos ligados com religião e virtude. Tu és o protetor e rei daquelas pessoas, e, portanto, aquele que compartilha da sexta parte de seus méritos e deméritos. Ou talvez, tu compartilhas de uma sexta parte de seus deméritos somente, pois tu nunca os protegeste. Um rei que protege é um participante nos méritos de seus súditos. Tu não és um participante em seus méritos. Antigamente, quando a religião eterna era reverenciada em todos os países, o Avô, observando as práticas do país dos cinco rios, gritou 'que vergonha!' para eles. Quando, até na era Krita, Brahman criticou as práticas daquelas pessoas decaídas de más ações que foram geradas por Shudras nas esposas de outros, o que você diria agora para os homens no mundo? Assim mesmo o Avô condenou as práticas do país dos cinco rios. Quando todas as pessoas eram cumpridoras dos deveres de suas respectivas classes, o Avô tinha encontrado falhas nestes homens. Tu deves saber tudo isso, ó Shalya. Eu irei, no entanto, te falar novamente. Um Rakshasa de nome Kalmashapada, enquanto imergindo em um tanque, disse, 'Pedir esmolas é a sujeira de um Kshatriya, enquanto a não observância de votos é a sujeira de um Brahmana. Os Vahikas são a sujeira da Terra, e as mulheres Madra são a sujeira do todo o sexo feminino.' Enquanto afundando na correnteza, um rei resgatou o Rakshasa. Perguntado pelo primeiro, o último deu esta resposta. Eu irei recitá-la para você. Ouça-me. 'Os Mlecchas são a sujeira da humanidade; os homens que lidam com óleo são a sujeira dos Mlecchas; eunucos são a sujeira dos homens que lidam com óleo; aqueles que se aproveitam dos auxílios sacerdotais de Kshatriyas, em seus sacrifícios, são a sujeira dos eunucos. O pecado daqueles, além disso, que tem as pessoas citadas por último como seus sacerdotes, e também dos Madrakas, será teu se tu não me abandonares.' Essa mesma foi declarada pelo Rakshasa como sendo a fórmula que deve ser usada para curar uma pessoa possuída por um Rakshasa ou alguém morto pela energia de algum veneno. As palavras que seguem são todas muito verdadeiras. Os Pancalas cumprem os deveres ordenados nos Vedas; os Kauravas observam a verdade; os Matsyas e os Surasenas realizam sacrifícios, os habitantes do Leste seguem as práticas dos Shudras; os habitantes do Sul são decaídos; os Vahikas são ladrões; os Saurashtras são bastardos. Eles que são corrompidos por ingratidão, roubo, embriaguez, adultério com as esposas de seus preceptores, rudeza de palavras, matança de vacas, vagueações lascivas durante a noite fora de casa, e o uso dos ornamentos de outras pessoas, em qual pecado eles não incorreriam? Que vergonha para os Arattas e o povo do país dos cinco rios! Começando com os Pancalas, os Kauravas, os Naimishas, os Matsyas, todos esses sabem o que é religião. Os homens idosos entre os habitantes do Norte, os Angas, os Magadhas, (sem eles mesmos saberem o que é virtude) seguem as práticas dos pios. Muitos

deuses, encabeçados por Agni, moram no Leste. Os Pitris moram no Sul que é presidido por Yama de feitos justos. O Oeste é protegido pelo poderoso Varuna que supervisiona os outros deuses lá. O Norte é protegido pelo divino Soma junto com os Brahmanas. Assim Rakshasas e Pishacas protegem Himavat, a melhor das montanhas. Os Guhyakas, ó grande rei, protegem as montanhas de Gandhamadana. Sem dúvida, Vishnu, também chamado Janardana, protege todas as criaturas. (Apesar disso os Vahikas não tem protetores especiais entre os deuses). Os Magadhas compreendem os sinais; os Koshalas compreendem a partir do que eles vêem; os Kurus e os Pancalas compreendem meias-palavras; os Salwas não podem compreender até que a palavra inteira seja proferida. Os Montanheses, como os Sivis, são muito estúpidos. Os Yavanas, ó rei, são oniscientes; os Suras são particularmente assim. Os Mlecchas são apegados às criações da sua própria fantasia. Outras pessoas não podem entender. Os Vahikas se ressentem de conselhos benéficos; em relação aos Madrakas não há ninguém entre aqueles (mencionados acima). Tu, ó Shalya, és assim. Tu não deves me responder. Os Madrakas são considerados na Terra como a sujeira de toda nação. Assim a mulher Madra é chamada a sujeira do sexo feminino inteiro. Eles tem como suas práticas beber álcool, a violação das camas de seus preceptores, a destruição do embrião para obter aborto, e o roubo da riqueza de outras pessoas, não há pecado que eles não tenham. Que vergonha para os Arattas e o povo do país dos cinco rios. Sabendo disso, fique quieto. Não procure se opor a mim. Não me deixe matar Keshava e Arjuna tendo te matado primeiro.'"

"Shalya disse, 'O abandono dos aflitos e a venda de esposas e filhos são, ó Karna, prevalecentes entre os Angas cujo rei és tu. Lembrando daquelas tuas falhas que Bhishma recitou na ocasião da contagem de Rathas e Atirathas, reprima tua ira. Não fique zangado. Brahmanas podem ser achados em todo lugar; Kshatriyas podem ser achados em todo lugar; assim também Vaishyas e Shudras, ó Karna, mulheres de castidade e votos excelentes podem também ser achadas em todo lugar. Em todo lugar homens se deleitam em gracejar com homens e ferir uns aos outros. Homens lascivos também podem ser encontrados em todo lugar. Todo mundo em toda ocasião pode mostrar habilidade em falar dos defeitos de outros. Ninguém, no entanto, conhece seus próprios defeitos, ou conhecendo-os, sente vergonha. Em todo lugar reis são devotados às suas respectivas religiões, e empenhados em castigar os pecaminosos. Em todo lugar podem ser encontrados homens virtuosos. Não pode ser, ó Karna, que todo o povo de um país seja pecaminoso. Há homens em muitos países que superam os próprios deuses por seu comportamento.'"

"Sanjaya continuou, 'Então o rei Duryodhana impediu Karna e Shalya (de continuarem com sua guerra verbal), se dirigindo ao filho de Radha como um amigo, e suplicando a Shalya com mãos unidas, Karna, ó senhor, foi acalmado por teu filho e se absteve de dizer qualquer coisa mais. Shalya também então encarou o inimigo. Então o filho de Radha, sorrindo, mais uma vez instigou Shalya, dizendo, 'Proceda.'"

46

"Sanjaya disse, 'Contemplando então aquela formação de combate inigualável dos Parthas feita por Dhrishtadyumna a qual era capaz de resistir a todos os exércitos hostis, Karna procedeu, proferindo gritos leoninos e fazendo seu carro produzir um estrépito alto. E ele fez a terra tremer com o som alto de instrumentos musicais. E aquele castigador de inimigos, aquele herói em batalha, parecia tremer de raiva. Dispondo devidamente suas próprias tropas em ordem de batalha contrária, ó touro da raça Bharata, aquele herói de grande energia fez uma grande matança do exército Pandava como Maghavat massacrando a hoste Asura. Atacando Yudhishthira então com muitas flechas, ele colocou o filho mais velho de Pandu à sua direita.'"

"Dhritarashtra disse, 'Como, ó Sanjaya, o filho de Radha dispôs suas tropas em formação de combate contrária a todos os Pandavas encabeçados por Dhristadyumna e protegidos por Bhimasena, isto é, todos aqueles grandes arqueiros invencíveis pelos próprios deuses? Quem, ó Sanjaya, ficou nos flancos e nos flancos adicionais do nosso exército? Dividindo-se devidamente, como os guerreiros foram posicionados? Como também os filhos de Pandu dispuseram seu exército em formação de combate contrária à minha? Como também aquela batalha grande e terrível começou? Onde estava Vibhatsu quando Karna procedeu contra Yudhishthira? Quem poderia conseguir atacar Yudhishthira na presença de Arjuna? Aquele Arjuna que derrotou, sozinho nos tempos passados, todas as criaturas em Khandava, quem mais desejoso de viver, exceto o filho de Radha, lutaria com ele?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça agora a respeito da formação das ordens de batalha, a maneira na qual Arjuna se aproximou e como a batalha foi lutada por ambos os lados cercando seus respectivos reis. O filho de Sharadvata Kripa, ó rei, e os Magadhas dotados de grande energia, e Kritavarma da tribo Satwata, tomaram sua posição na ala direita. Shakuni, e o poderoso guerreiro em carro Uluka, permaneceram à direita destes, e acompanhados por muitos cavaleiros Gandhara destemidos armados com lanças brilhantes, e muitos montanheses difíceis de serem derrotados, numerosos como bandos de gafanhotos, e de aparência severa como Pishacas, protegiam o exército (Kaurava). 34.000 carros que não recuavam dos Samsaptakas, loucos com desejo de lutar, com teus filhos em seu meio, e todos desejosos de matar Krishna e Arjuna, protegiam o lado esquerdo (do exército Kaurava). À sua esquerda, os Kambojas, os Sakas, e os Yavanas, com carros e cavalos e infantaria, por ordem do filho de Suta, se colocaram, desafiando Arjuna e o poderoso Keshava. No centro, na cabeça daquela hoste, estava Karna, vestido em armadura com bela cota de malha e enfeitado com Angadas e guirlandas, para proteger aquele ponto. Protegido por seus próprios filhos enfurecidos, aquele principal de todos os manejadores de armas, aquele herói, brilhava resplandecente na dianteira do exército enquanto ele esticava seu arco repetidamente. O poderosamente armado Duhshasana, possuidor da refulgência do sol ou do fogo com olhos castanhos e belas feições, montado no pescoço de um enorme elefante, circundado por muitas tropas, e posicionado na retaguarda

do exército se aproximou gradualmente para lutar. Atrás dele vinha o próprio Duryodhana, ó monarca, protegido por seus irmãos uterinos montados em belos corcéis e envolvidos em belas cotas de malha. Protegido pelos Madrakas e os Kekayas unidos de energia excelente, o rei, ó monarca, parecia resplandecente como Indra de cem sacrifícios quando cercado pelos celestiais. Ashvatthama e os outros dos principais guerreiros em carros poderosos, e muitos elefantes já furiosos derramando secreções temporais como as verdadeiras nuvens e conduzidos por bravos Mlecchas, seguiam atrás daquela tropa de carros. Enfeitadas com estandartes triunfais e armas brilhantes, aquelas criaturas enormes, conduzidas por guerreiros hábeis em lutar de suas costas, pareciam belas como colinas cobertas de árvores. Muitos milhares de guerreiros bravos e que não recuavam, armados com machados e espadas, tornaram-se a infantaria de guarda daqueles elefantes. Magnificamente enfeitada com cavaleiros e guerreiros em carros e elefantes, aquela principal das formações de combate parecia extremamente bela como a formação de combate dos celestiais ou dos Asuras. Aquela esplêndida ordem de batalha, formada segundo o esquema de Brihaspati por seu comandante, bem versado em modos de combate, parecia dançar (conforme ela avançava) e infligia terror nos corações de inimigos. Como nuvens sempre aparecendo na estação das chuvas, soldados de infantaria e cavaleiros e guerreiros em carros e elefantes, ansiando pela batalha começaram a sair dos flancos e alas adicionais daquela ordem de batalha. Então o rei Yudhishthira, vendo Karna na dianteira do exército (hostil), se dirigiu a Dhananjaya, aquele matador de inimigos, aquele herói no mundo, e disse essas palavras, 'Veja, ó Arjuna, a poderosa formação de combate formada por Karna em batalha. O exército hostil parece resplandecente com seus flancos e alas adicionais. À visão daquele vasto exército hostil, que sejam adotadas tais medidas para que ele não possa nos derrotar.' Assim endereçado pelo rei, Arjuna respondeu com mãos unidas, 'Tudo será feito como tu dizes. Nada será de outra maneira. Eu irei, ó Bharata, fazer aquilo pelo qual a destruição do inimigo possa ser realizada. Por matar os seus guerreiros principais, eu completarei com êxito sua destruição.'"

"Yudhishthira disse, 'Com esse propósito, proceda contra o filho de Radha, e que Bhimasena proceda contra Suyodhana, Nakula contra Virshasena, Sahadeva contra o filho de Subala, Satanika contra Duhshasana, aquele touro entre os Sinis, isto é, Satyaki, contra o filho de Hridika, e Pandya contra o filho de Drona. Eu mesmo lutarei com Kripa. Que os filhos de Draupadi com Shikhandi entre eles procedam contra o resto dos Dhartarashtras. Que os outros guerreiros do nosso exército enfrentem nossos outros inimigos.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por Yudhishthira o justo, Dhananjaya dizendo, 'Assim seja' mandou suas tropas (fazerem o que era necessário) e ele mesmo procedeu para a dianteira do exército. Aquele carro para o qual o Líder do universo, isto é, Agni, que deriva sua refulgência de Brahman, se tornou os corcéis, aquele carro que era conhecido entre os deuses como pertencente a Brahman porque ele surgiu primeiro do próprio Brahman, aquele carro que nos tempos antigos conduziu sucessivamente Brahman e Ishana e Indra e Varuna um

após outro, sobre aquele carro primevo, Keshava e Arjuna agora procediam para a batalha. Observando aquele carro de aspecto extraordinário avançando, Shalya mais uma vez disse para o filho de Adhiratha, aquele guerreiro de grande energia em batalha, essas palavras: 'Lá vem aquele carro tendo corcéis brancos unidos a ele e possuindo Krishna como seu motorista, aquele veículo incapaz de ser resistido por todas as tropas, como o fruto inevitável da ação. Lá vem o filho de Kunti, massacrando seus inimigos pelo caminho, ele, isto é, sobre quem tu estavas perguntando. Já que é tremendo o barulho que está sendo ouvido, profundo como o ribombo das nuvens, são, sem dúvida, aqueles de grande alma, Vasudeva e Dhananjaya. Lá ascende uma nuvem de poeira que cobre o firmamento como um dossel. A terra inteira, ó Karna, parece tremer, cortada profundamente pela circunferência das rodas de Arjuna. Esses ventos violentos estão soprando em ambos os lados do teu exército. Essas criaturas carnívoras estão gritando alto e esses animais estão proferindo gritos medonhos. Veja, ó Karna, o terrível e portentoso Ketu de forma vaporosa, de arrepiar os cabelos, apareceu, cobrindo o sol. Veja, diversas espécies de animais, por toda parte em grandes grupos, e muitos lobos e tigres poderosos estão olhando para o sol. Veja aqueles Kankas terríveis e aqueles urubus, reunidos juntos aos milhares, pousados com faces em direção uns aos outros, em aparente conversa. Aqueles rabos de iaque coloridos amarrados ao teu grande carro estão balançando agitadamente. Tua bandeira também está tremendo. Veja esses teus belos corcéis, de membros enormes e grande velocidade parecendo aquela de aves voando a grande altitude, também estão tremendo. A partir desses presságios, é certo que reis, às centenas e milhares, ó Karna, privados de vida, irão deitar no solo para o sono eterno. O tumulto alto de conchas, de arrepiar os cabelos, está sendo ouvido. O som também de baterias e pratos, ó filho de Radha, está sendo ouvido por todos os lados, como também o zunido de diversos tipos de setas, e o ruído contínuo feito por carros e cavalos e homens. Escute também, ó Karna, a vibração alta produzida pelas cordas do arco de guerreiros de grande alma. Veja, ó Karna, aqueles estandartes de Arjuna, que são providos de fileiras de sinos, e enfeitados com luas douradas e estrelas. Feitos por artistas habilidosos de tecidos bordados com ouro e de cores diversas, eles estão brilhando com resplandecência no carro de Arjuna enquanto eles são agitados pelo vento, como lampejos de relâmpago em uma massa de nuvens. Veja aqueles (outros) estandartes produzindo sons agudos enquanto eles ondulam no ar. Aqueles guerreiros em carros dos Pancalas de grande alma, com bandeiras enfeitadas com estandartes em seus veículos, estão parecendo resplandecentes, ó Karna, como os próprios deuses em seus carros celestes. Veja o filho heróico de Kunti, o invicto Vibhatsu (Arjuna) com aquele principal dos macacos em sua bandeira, avançando para a destruição do inimigo. Lá, no topo do estandarte de Partha, é visto aquele macaco terrível, aquele aumentador dos medos de inimigos, atraindo o olhar fixo (dos guerreiros) de todos os lados. O disco, a maça, o arco chamado Saranga e a concha (chamada Panchajanya) do inteligente Krishna, como também sua jóia Kaustubha, parecem muito belos nele. O manejador de Saranga e da maça, isto é, Vasudeva, de energia formidável, se aproxima, incitando aqueles corcéis brancos dotados da velocidade do vento. Lá vibra Gandiva, esticado por Savyasaci. Aquelas flechas afiadas, disparadas por aquele herói de braços fortes, estão

destruindo seus inimigos. A terra está coberta com as cabeças de reis que não recuam, com rostos belos como a lua cheia, e enfeitados com olhos grandes e expansivos de cor de cobre. Lá os braços, parecendo com maças com ferrões, com armas em punho, e cobertos com perfumes excelentes, de guerreiros que se encantam em batalha e lutando com armas erguidas, estão caindo. Corcéis com olhos, línguas, e entranhas para fora junto com seus cavaleiros, estão caindo e caídos e privados de vida jazem prostrados no chão. Aqueles elefantes sem vida enormes como topos de montanha, dilacerados, mutilados, e perfurados por Partha, estão caindo como verdadeiras colinas. Aqueles carros, parecendo com as formas mutáveis de vapor no céu, com seus nobres condutores mortos, estão caindo como os carros celestes dos habitantes do céu após o esgotamento dos méritos dos últimos. Veja, o exército está sendo extremamente agitado pelo ornado com diadema Arjuna, como rebanhos de gados incontáveis por um leão de juba. Lá os heróis Pandava, avançando para o ataque, estão matando reis e grande número de elefantes e cavalos e guerreiros em carros e soldados de infantaria do teu exército dedicados à batalha. Lá Partha, encoberto (por amigos e inimigos e armas e poeira) não pode ser visto, como o Sol encoberto por nuvens. Somente o topo de seu estandarte pode ser visto e a vibração da corda de seu arco pode ser ouvida. Tu estás certo, ó Karna, de ver hoje aquele herói de corcéis brancos com Krishna como seu motorista, empenhado em massacrar seus inimigos em batalha. Tu estás certo de ver ele acerca de quem tu estavas perguntando. Hoje, ó Karna, tu estás certo de ver aqueles dois tigres entre homens, ambos de olhos vermelhos, ambos castigadores de inimigos, Vasudeva e Arjuna, posicionados no mesmo carro. Se, ó filho de Radha, tu tiveres êxito em matar ele que tem Keshava como seu motorista e Gandiva como seu arco, então tu serás nosso rei. Desafiado pelos Samsaptakas, Partha agora procede contra eles. Aquele guerreiro poderoso está empenhado em fazer um grande massacre de seus inimigos em batalha.' Para o soberano dos Madras que estava falando assim, Karna, enfurecido, disse, 'Veja, Partha é atacado por todos os lados pelos Samsaptakas furiosos. Como o sol coberto pelas nuvens, Partha não é mais visível. Submerso naquele oceano de guerreiros, ó Shalya, Arjuna sem dúvida perecerá.'"

"Shalya disse, 'Quem é que mataria Varuna com água, ou apagaria fogo com combustível? Quem agarraria o vento, ou beberia o oceano? Eu considero teu ato de afligir Partha como sendo exatamente assim. Arjuna não pode ser vencido em batalha pelos próprios deuses e os Asuras reunidos e tendo o próprio Indra em sua dianteira. Ou, te permita ficar satisfeito, e fique de mente tranquila, tendo dito aquelas palavras (sobre tua capacidade para matar Partha), Partha não pode ser conquistado em batalha. Realize algum outro propósito que tu possas ter em tua mente. Aquele que ergueria essa Terra em seus dois braços, ou queimaria todas as criaturas em ira, ou derrubaria os deuses do céu, pode vencer Arjuna em batalha. Veja aquele outro filho heróico de Kunti, isto é, Bhima, que nunca fica fatigado com esforço, brilhando com resplandecência, de braços fortes, e de pé como outro Meru. Com ira sempre acesa e ansiando por vingança, Bhima de grande energia permanece lá desejoso de vitória em batalha, e lembrando-se de todas as suas injúrias. Lá está posicionado aquele principal dos homens virtuosos,

o rei Yudhishthira o justo, aquele subjugador de cidades hostis, difícil de ser resistido por inimigos em batalha. Lá estão aqueles dois tigres entre homens, os gêmeos Ashvinis, os dois irmãos uterinos Nakula e Sahadeva, ambos invencíveis em batalha. Lá podem ser vistos os cinco filhos de Krishna, que tem as feições de príncipes Pancala. Todos eles, iguais a Arjuna em batalha, estão posicionados, desejosos de luta. Lá os filhos de Drupada, encabeçados por Dhristadyumna, cheios de orgulho e energia, aqueles heróis dotados de grande energia, tomaram suas posições. Lá, aquele principal entre os Satwatas, isto é, Satyaki, irresistível como Indra, avança contra nós, pelo desejo de lutar, como o próprio destruidor em cólera diante de nossos olhos.' Enquanto aqueles dois leões entre homens estavam se dirigindo dessa maneira um ao outro, os dois exércitos se misturaram ferozmente em batalha, como as correntezas do Ganga e do Yamuna."

47

"Dhritarashtra disse, 'Quando os dois exércitos, devidamente organizados, se misturaram dessa maneira um com o outro para lutar, ó Sanjaya, como Partha atacou os Samsaptakas, e como Karna atacou os Pandavas? Conte-me os incidentes da batalha em detalhes, pois tu és hábil em narração. Escutando os relatos da destreza de heróis em batalha, eu nunca fico saciado.'"

"Sanjaya disse, 'Observando o vasto exército hostil posicionado daquela maneira, Arjuna organizou suas tropas de forma adequada, por consequência da má política do teu filho. O vasto exército Pandava então, abundando em cavaleiros e elefantes e soldados de infantaria e carros, e encabeçado por Dhrishtadyumna, parecia magnífico. Com seus cavalos brancos como pombos, o filho de Prishata, igual em esplendor ao Sol ou à Lua, armado com arco, parecia resplandecente como a própria Morte em forma incorporada. Os filhos de Draupadi, desejosos de lutar, ficaram ao lado do filho de Prishata. Eles estavam vestidos em excelentes cotas de malha, e armados com excelentes armas, e todos eles eram dotados da bravura de tigres. Possuidores de corpos refulgentes, eles seguiram seu tio materno como as estrelas aparecendo com a Lua. Contemplando os Samsaptakas colocados em formação de batalha, Arjuna, com ira excitada, avançou contra eles, puxando seu arco Gandiva. Os Samsaptakas então, desejosos de matar Arjuna, avançaram contra Partha, firmemente decididos a vencer, e fazendo da morte sua meta. Aquela brava hoste de heróis, cheia de homens, corcéis, elefantes enfurecidos, e carros, começou a afligir Arjuna muito rapidamente. Seu combate com Kiritin (Arjuna) tornou-se extremamente violento. Aquela batalha pareceu aquela que ocorreu entre Arjuna e os Nivatakavachas, como nós temos ouvido. Partha cortou carros e corcéis e bandeiras e elefantes e soldados a pé envolvidos na luta, com flechas e arcos e espadas e discos e machados de batalha, e braços erguidos com armas em punho, e as cabeças também de inimigos, aos milhares sobre milhares. Os Samsaptakas, considerando o carro de Partha afundado naquele profundo vórtice de guerreiros, proferiram rugidos altos. Partha, no entanto, matando todos os seus inimigos à frente, matou aqueles que estavam mais distantes, e então aqueles que estavam à sua direita e atrás dele, como o

próprio Rudra em fúria massacrando todas as coisas criadas dotadas de vida. O combate que ocorreu quando os Pancalas, os Cedis, e os Srinjayas enfrentaram tuas tropas foi extremamente violento. Kripa e Kritavarma, e Shakuni o filho de Subala, aqueles heróis difíceis de serem derrotados em batalha, acompanhados por tropas que estavam todas alegres, eles mesmos cheios de raiva, e capazes de derrotar numerosas tropas de carros, lutaram com os Koshalas, os Kasis, os Matsyas, os Karusas, os Kaikayas, e os Surasenas, todos os quais eram possuidores de grande coragem. Aquela batalha repleta de grande matança e destrutiva de corpos, vidas e pecados tornou-se conducente à fama, céu, e virtude, em relação aos heróis Kshatriya, Vaishya, e Shudra que estavam engajados nela. Enquanto isso o rei Kuru Duryodhana com seus irmãos, ó touro da raça Bharata, e apoiado por muitos heróis Kuru e muitos poderosos guerreiros em carros Madraka, protegia Karna enquanto o último estava envolvido em combate com os Pandavas, os Pancalas, os Cedis, e Satyaki. Destruindo aquela vasta divisão com suas flechas afiadas, e subjugando muitos dos principais guerreiros em carros Karna conseguiu afligir Yudhishthira. Cortando a armadura, as armas, e os corpos de milhares de inimigos e matando seus inimigos aos milhares e enviando eles para o céu e fazendo-os ganhar grande fama, Karna foi motivo de grande alegria para seus amigos. Assim, ó senhor, aquela batalha destrutiva de homens, corcéis, e carros, entre os Kurus e os Srinjayas, parecia a batalha entre os deuses e os Asuras de antigamente.'"

48

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó Sanjaya, como Karna, tendo causado um grande massacre penetrou no meio das tropas Pandava, e atacou e afligiu o rei Yudhishthira. Quem foram aqueles principais dos heróis entre os Parthas que resistiram a Karna? Quem foram eles a quem Karna subjugou antes de ele poder conseguir afligir Yudhishthira?'"

"Sanjaya disse, 'Contemplando os Parthas encabeçados por Dhrishtadyumna posicionados para a batalha, aquele subjugador de inimigos, Karna, avançou impetuosamente contra os Pancalas. Como cisnes se precipitando em direção ao mar, os Pancalas, desejosos de vitória, também avançaram rapidamente contra aquele guerreiro de grande alma avançando para o combate. Então o clangor de milhares de conchas, como se trespassando o coração por sua estridência, se elevou de ambas as hostes, e o ribombo violento também de milhares de baterias. O som também de diversos instrumentos musicais e o barulho feito por elefantes e cavalos e carros, e os gritos leoninos de heróis, que se ergueram lá, tornaram-se extremamente terríveis. Parecia que a Terra inteira com suas montanhas e árvores e oceanos, o céu inteiro coberto com nuvens agitadas pelo vento, e o firmamento inteiro com o Sol, a Lua, e as estrelas, tremeram com aquele som. Todas as criaturas consideraram aquele barulho como sendo exatamente assim e ficaram agitadas. Aqueles entre eles que eram dotados de pouca força caíram mortos. Então Karna, excitado com grande fúria, invocando rapidamente suas armas, começou a atacar o exército Pandava como Maghavat atacando o exército

dos Asuras. Penetrando então na hoste Pandava e disparando suas setas, Karna matou setenta e sete dos guerreiros principais entre os Prabhadrakas. Então aquele principal dos guerreiros em carros, com vinte e cinco flechas afiadas equipadas com asas vistosas, matou vinte e cinco Pancalas. Com muitas flechas do comprimento de uma jarda providas de asas de ouro e capazes de perfurar os corpos de todos os inimigos, aquele herói matou os Cedis às centenas e milhares. Enquanto ele estava empenhado em realizar aquelas façanhas sobre-humanas em batalha, grandes multidões de carros Pancala, ó rei, o cercaram rapidamente por todos os lados. Mirando então, ó Bharata, cinco flechas irresistíveis, Karna, também chamado Vaikartana ou Vrisha, matou cinco guerreiros Pancala. Os cinco Pancalas, ó Bharata, que ele matou naquela batalha eram Bhanudeva e Citrasena e Senavindu e Tapana e Surasena. Enquanto os heróis Pancala estavam sendo massacrados dessa maneira com flechas naquela grande batalha, gritos altos de 'Oh' e 'Ai' se elevaram dentre a hoste Pancala. Então dez guerreiros em carros entre os Pancalas, ó monarca, cercaram Karna. Eles, também, Karna matou depressa com suas flechas. Os dois protetores das rodas do carro de Karna, isto é, seus dois filhos invencíveis, ó senhor, que se chamavam Sushena e Satyasena, começaram a lutar, indiferentes às suas próprias vidas. O filho mais velho de Karna, a saber, o poderoso guerreiro em carro Vrishasena, protegia a retaguarda de seu pai. Então Dhrishtadyumna, Satyaki, e os cinco filhos de Draupadi, e Vrikodara, Janamejaya, e Shikhandi, e muitos guerreiros principais entre os Prabhadrakas, e muitos entre os Cedis, os Kaikayas, e os Pancalas, os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e os Matsyas, todos vestidos em armaduras, avançaram ferozmente sobre o filho de Radha, hábil em golpear, pelo desejo de matá-lo. Despejando sobre ele diversos tipos de armas e chuvas grossas de flechas, eles começaram a afligi-lo como as nuvens afligindo o leito da montanha na estação das chuvas. Desejosos de resgatar seu pai, os filhos de Karna, todos os quais eram batedores eficazes, e muitos outros heróis, ó rei, do teu exército, resistiram àqueles heróis (Pandava). Sushena, cortando com uma flecha de cabeça larga o arco de Bhimasena, perfurou o próprio Bhima com sete flechas do comprimento de uma jarda no peito, e proferiu um rugido alto. Então Vrikodara de bravura terrível, pegando outro arco resistente e encordoando-o rapidamente, cortou o arco de Sushena. Excitado com raiva e como se dançando (em seu carro), ele rapidamente perfurou o próprio Sushena com dez flechas, e então acertou Karna, num piscar de olhos, com setenta flechas afiadas. Com dez outras flechas, Bhima então derrubou Bhanusena, outro filho de Karna, com seus corcéis, motorista, armas, e bandeira, na própria vista dos amigos do último. A cabeça imponente daquele jovem, agraciada com um rosto tão belo como a Lua, cortada com uma flecha de cabeça de navalha, parecia com um lótus arrancado de seu caule. Tendo matado o filho de Karna, Bhima começou a afligir tuas tropas novamente. Cortando os arcos então de Kripa e do filho de Hridika, ele começou a afligir aqueles dois também. Perfurando Duhshasana com três flechas feitas totalmente de ferro, e Shakuni com seis, ele privou ambos Uluka e seu irmão Patatri de seus carros. Dirigindo-se a Sushena em seguida nestas palavras, a saber, 'Tu estás morto!' Bhima pegou uma flecha. Karna, no entanto, cortou aquela flecha e atingiu o próprio Bhima com três flechas. Então Bhima pegou outra flecha reta de grande impetuosidade e disparou-a em Sushena. Mas Vrisha cortou aquela flecha

também. Então Karna, desejoso de salvar seu filho, e desejando dar um fim no cruel Bhimasena, atacou o último com setenta e três flechas ardentes. Então Sushena pegando um arco excelente capaz de aguentar uma grande tensão, perfurou Nakula com cinco flechas nos braços e no peito. Nakula, então perfurando seu antagonista com vinte flechas fortes capazes de suportar uma grande tensão, proferiu um rugido alto e inspirou Karna com alarme. O poderoso guerreiro em carro Sushena, no entanto, ó rei, perfurando Nakula com dez flechas, rapidamente cortou o arco do último com uma flecha de cabeça de navalha. Então Nakula, insensível com raiva, pegou outro arco, e resistiu a Sushena naquela batalha com nove flechas. Aquele matador de heróis hostis, ó rei, encobrindo todos os quadrantes com chuvas de setas, matou o motorista de Sushena, e perfurando o próprio Sushena novamente com três flechas, e então com três outras flechas de cabeça larga, cortou seu arco de grande força em três fragmentos. Sushena também, privado de sua razão por raiva, pegou outro arco e perfurou Nakula com sessenta setas e Sahadeva com sete. A batalha foi travada ferozmente, como aquela dos deuses e os Asuras, entre aqueles heróis atacando uns aos outros. Satyaki, matando o motorista de Vrishasena com três flechas, cortou o arco do último com uma flecha de cabeça larga e atingiu seus corcéis com sete flechas. Despedaçando sua bandeira então com outra flecha, ele atingiu o próprio Vrishasena com três flechas no peito. Assim atingido, Vrishasena ficou inconsciente em seu carro, mas num piscar de olhos ficou de pé novamente. Privado de seu motorista e corcéis e carro e bandeira por Yuyudhana (Satyaki), Vrishasena então, armado com espada e escudo, avançou contra Yuyudhana pelo desejo de matá-lo. Satyaki, no entanto, quando seu antagonista avançava em direção a ele, atingiu sua espada e escudo com dez flechas equipadas com cabeças como a orelha de um javali. Então Duhshasana, vendo Vrishasena sem carro e sem armas, rapidamente o fez subir no seu próprio carro, e levando-o para longe do local, fez ele ser levado em outro veículo. O poderoso guerreiro em carro Vrishasena então, em outro veículo, perfurou os cinco filhos de Draupadi com setenta e Yuyudhana com cinco, e Bhimasena com sessenta e quatro, e Sahadeva com cinco, e Nakula com trinta, e Satanika com sete flechas, e Shikhandi com dez, e o rei Yudhishthira com cem. Esses e muitos outros dos heróis principais, ó rei, todos inspirados com desejo de vitória aquele arqueiro formidável, isto é, o filho de Karna, ó monarca, continuou a afligir com suas flechas. Então, naquela batalha, o invencível Vrishasena continuou a proteger a retaguarda de Karna. O neto de Sini, tendo feito Duhshasana ficar sem motorista e sem cavalos e sem carro por meio de nove vezes nove flechas feitas totalmente de ferro, atingiu Duhshasana com dez flechas na testa. O príncipe Kuru então, sobre outro carro que estava devidamente equipado (com todos os instrumentos necessários), começou a lutar novamente com os Pandavas, de dentro da divisão de Karna. Então Dhristadyumna perfurou Karna com dez setas, e os filhos de Draupadi o perfuraram com setenta e três, e Yuyudhana com sete. E Bhimasena o perfurou com sessenta e quatro setas, e Sahadeva com sete. E Nakula o perfurou com trinta setas, e Satanika com sete. E o heróico Shikhandi perfurou-o com dez e o rei Yudhishthira com cem. Estes e outros principais dos homens, ó monarca, todos inspirados com desejo de vitória, começaram a oprimir aquele grande arqueiro, isto é, o filho de Suta, naquela batalha terrível. Aquele castigador de

inimigos, o filho de Suta de grande heroísmo, realizando evoluções rápidas com seu carro, perfurou todos aqueles guerreiros com dez setas. Nós então, ó rei, testemunhamos a agilidade de mãos mostrada por Karna de grande alma e o poder de suas armas. De fato, o que nós vimos pareceu ser muito extraordinário. As pessoas não podiam notar quando ele pegava suas flechas, quando ele as mirava, e quando ele as disparava. Elas somente viam seus inimigos morrendo rápido em consequência de sua fúria. O céu, o firmamento, a Terra, e todos os quadrantes pareciam estar totalmente cobertos com flechas afiadas. O céu parecia resplandecente como se coberto com nuvens vermelhas. O valente filho de Radha, armado com o arco, e como se dançando (em seu carro), perfurou cada um de seus atacantes com três vezes o tanto de flechas com que cada um deles o tinha perfurado. E mais uma vez perfurando cada um deles, e seus corcéis, motorista, carro, e bandeira com dez flechas, ele proferiu um rugido alto. Seus atacantes então lhe deram um caminho (pelo qual ele passou). Tendo subjugado aqueles arqueiros poderosos com chuvas de setas, o filho de Radha, aquele subjugador de inimigos, então penetrou, desimpedido, no meio da divisão comandada pelo rei Pandava. Tendo destruído trinta carros dos Cedis que não recuavam, o filho de Radha atacou Yudhishthira com muitas flechas afiadas. Então muitos guerreiros Pandava, ó rei, com Shikhandi e Satyaki, desejosos de salvar o rei do filho de Radha, cercaram o primeiro. Similarmente todos os bravos e poderosos arqueiros do teu exército resolutamente protegeram o irresistível Karna naquela batalha. O barulho de diversos instrumentos musicais se elevou então, ó rei, e os gritos leoninos de bravos guerreiros rasgaram o céu. E os Kurus e os Pandavas mais uma vez se enfrentaram destemidamente, os primeiros encabeçados pelo filho de Suta e os últimos por Yudhishthira.'"

49

"Sanjaya disse, 'Atravessando a hoste Pandava, Karna, cercado por milhares de carros e elefantes e cavalos e soldados de infantaria, avançou em direção ao rei Yudhishthira o justo. Cortando com centenas de flechas ardentes os milhares de armas disparadas nele por seus inimigos, Vrisha atravessou destemidamente aquela hoste. De fato, o filho de Suta cortava as cabeças, os braços e as coxas de seus inimigos, que, privados de vida, caíam sobre o solo. Outros, encontrando suas divisões rompidas, fugiam. Os soldados de infantaria Dravida, Andhaka, e Nishada, incitados adiante por Satyaki, avançaram mais uma vez em direção a Karna naquela batalha, pelo desejo de matá-lo. Privados de armas e proteções para a cabeça, e mortos por Karna com suas flechas, eles caíam simultaneamente sobre a terra, como uma floresta de árvores Sala derrubada (com o machado). Assim centenas, milhares e dezenas de milhares de combatentes, privados de vida e enchendo o céu inteiro com sua fama, caíam com seus corpos no chão. Os Pandus e os Pancalas obstruíam Karna, também chamado Vaikartana, que se movia rápido furiosamente em batalha como o próprio Destruidor, assim como as pessoas procuram retardar uma doença com encantamentos e remédios. Subjugando todos aqueles atacantes Karna avançou novamente em direção a

Yudhishthira, como uma doença irresistível não controlada por encantamentos e remédios e ritos (propiciatórios). Finalmente impedido pelos Pandus, os Pancalas, e os Kekayas, todos os quais estavam desejosos de salvar o rei, Karna não pode conseguir passar por eles, como a Morte que é incapaz de vencer pessoas conhecedoras de Brahma. Então Yudhishthira, com olhos vermelhos de raiva, dirigindo-se a Karna, aquele matador de heróis hostis, que era mantido sob controle a uma pequena distância dele, e disse essas palavras: 'Ó Karna, ó Karna, ó tu de visão presunçosa, ó filho de um Suta, escute minhas palavras. Tu sempre desafiaste o ativo Phalguna em batalha. Obediente aos conselhos do filho de Dhritarashtra, tu sempre procuraste te opor a nós. Reunindo tua grande bravura, mostre hoje todo o teu poder, toda tua energia, e todo o ódio que tu tens pelos filhos de Pandu. Hoje em combate terrível eu te purgarei do teu desejo por batalha.' Tendo dito essas palavras, o filho de Pandu, ó rei, perfurou Karna com dez flechas feitas totalmente de ferro e providas de asas de ouro. Aquele castigador de inimigos, e arqueiro formidável, isto é, o filho de Suta, ó Bharata, perfurou Yudhishthira, com a maior atenção, em retorno, com dez flechas equipadas com cabeças como o dente do bezerro. Assim perfurado pelo filho de Suta em desprezo, ó senhor, o poderosamente armado Yudhishthira resplandeceu com fúria como um fogo ao receber manteiga. Curvando seu arco formidável enfeitado com ouro, o filho de Pandu colocou na corda de seu arco uma flecha afiada capaz de trespassar as próprias colinas. Estirando o arco até sua mais completa extensão, o rei rapidamente disparou aquela flecha, fatal como a vara do Destruidor, pelo desejo de matar o filho de Suta. Disparada pelo rei dotado de grande força, aquela flecha cujo zunido parecia o barulho do trovão de repente perfurou Karna, aquele poderoso guerreiro em carro, em seu lado esquerdo. Profundamente afligido pela violência daquele golpe, Karna de braços fortes com membros enfraquecidos caiu em um desmaio sobre seu carro, seu arco caindo de sua mão. Vendo Karna naquela situação difícil, a vasta hoste Dhartarashtra proferiu gritos de 'Oh' e 'Ai' e os rostos de todos os combatentes ficaram sem cor. Vendo a bravura de seu rei, por outro lado, ó monarca, entre os Pandavas se elevaram rugidos leoninos e berros e gritos confusos de alegria. O filho de Radha, no entanto, de destreza cruel, recuperando logo seus sentidos, colocou seu coração na destruição de Yudhishthira. Puxando seu arco formidável chamado Vijaya que era ornado com ouro, o filho de Suta de alma incomensurável começou a resistir ao filho de Pandu com suas flechas afiadas. Com um par de flechas de cabeça de navalha ele matou naquele combate Candradeva e Dandadhara, os dois príncipes Pancala, que protegiam as duas rodas do carro de Yudhishthira de grande alma. Cada um daqueles heróis, permanecendo ao lado do carro de Yudhishthira, parecia brilhante como a constelação Punarvasu ao lado da lua. Yudhishthira, no entanto, perfurou Karna novamente com trinta flechas. E ele atingiu Sushena e Satyasena, cada um com três setas. E ele perfurou cada um dos protetores de Karna com três setas retas. O filho de Adhiratha então, dando risada e vibrando seu arco infligiu um ferimento cortante no corpo do rei com uma flecha de cabeça larga, e novamente o perfurou com sessenta flechas e então proferiu um grito alto. Então muitos heróis principais entre os Pandavas, desejosos de resgatar o rei, avançaram furiosos em direção a Karna e começaram a oprimi-lo com suas flechas. Satyaki e Chekitana e Yuyutsu e Shikhandi e os filhos de

Draupadi e os Prabhadrakas, e os gêmeos e Bhimasena e Shishupala e os Karushas, Matsyas, os Suras, os Kaikayas, os Kasis e os Kosalas, todos esses bravos heróis, dotados de grande energia, atacaram Vasusena. O príncipe Pancala Janamejaya então perfurou Karna com muitas flechas. Os heróis Pandava, armados com diversas espécies de flechas e diversas armas e acompanhados por carros e elefantes e corcéis, avançando em direção a Karna, o cercaram por todos os lados, pelo desejo de matá-lo. Assim atacado por todos os lados pelos principais dos guerreiros Pandava, Karna chamou à existência a Brahmastra e encheu todos os pontos do horizonte com flechas. O heróico Karna então, como um fogo ardente tendo flechas como suas chamas chamuscantes, se movimentou rapidamente em batalha, queimando aquela floresta de tropas Pandava. Karna de grande alma, aquele arqueiro formidável, mirando algumas armas poderosas, e dando risada, cortou o arco daquele mais importante dos homens, Yudhishthira. Então mirando noventa flechas retas num piscar de olhos, Karna cortou, com aquelas flechas afiadas, a armadura de seu oponente. Aquela armadura, ornada com ouro e engastada com pedras preciosas, parecia bela, quando ela caiu, como uma nuvem agitada pelo vento penetrada pelos raios do sol. De fato, aquela armadura, adornada com diamantes caros, caída do corpo daquele principal dos homens, parecia bela como o firmamento à noite, coberto com estrelas. Sua armadura cortada por aquelas flechas, o filho de Pritha, coberto com sangue, colericamente lançou no filho de Adhiratha um dardo feito totalmente de ferro. Karna, no entanto, cortou (em pedaços) aquele dardo brilhante, quando ele corria pelo céu, com sete flechas. Aquele dardo, assim cortado com aquelas flechas do grande arqueiro, caiu no chão. Então Yudhishthira, atingindo Karna com quatro lanças em seus dois braços e testa e peito, proferiu gritos altos repetidamente. Nisso jorrou sangue dos ferimentos de Karna, e o último, cheio de raiva e respirando como uma cobra, cortou o estandarte de seu oponente e perfurou o próprio Pandava com três flechas de cabeça larga. E ele também cortou o par de aljavas (que seu inimigo tinha) e o carro (no qual ele estava) em fragmentos miúdos. Nisso o rei, sendo levado em outro carro ao qual estavam unidos aqueles cavalos, brancos como marfim e tendo cabelo preto em seus rabos, que costumavam levá-lo (para a batalha), virou seu rosto e começou a fugir. Assim Yudhishthira começou a se retirar. Seu motorista Parshni tinha sido morto. Ele ficou extremamente triste e incapaz de ficar diante de Karna. O filho de Radha então, perseguindo Yudhishthira, o filho de Pandu, se purificou por tocá-lo no ombro com sua própria mão formosa (a palma da qual era) agraciada com os sinais auspiciosos do raio, o guarda-sol, o gancho, o peixe, a tartaruga, e a concha, e desejou agarrá-lo à força. Ele então se lembrou das palavras de Kunti. Então Shalya se dirigiu a ele e disse, 'Ó Karna, não agarre este melhor dos reis. Logo que tu o agarrares, ele reduzirá nós dois a cinzas.' Então Karna, ó rei, rindo em zombaria, dirigiu-se ao filho de Pandu e falou assim para ele injuriosamente: 'Como, de fato, embora tu sejas nascido em uma família nobre, e embora tu sejas cumpridor dos deveres Kshatriya, tu deixas a batalha com medo, desejando salvar tua vida? Eu acho que tu não és bem familiarizado com os deveres de Kshatriyas. Dotado de força Brahma, tu és de fato dedicado ao estudo dos Vedas e à realização de ritos sacrificais. Ó filho de Kunti, não lute novamente, e não te aproxime outra vez de bravos guerreiros. Não use linguagem rude em direção a

heróis e não venha para grandes batalhas. Tu podes usar tais palavras, ó senhor, em direção a outros, mas tu nunca deves te dirigir a pessoas como nós daquela maneira. Por usar tais palavras com pessoas como nós, tu encontrarias em batalha esse e outros tipos de comportamento. Volte para teus alojamentos, ó filho de Kunti, ou para onde aqueles dois, isto é, Keshava e Arjuna, estão. De fato, ó rei, Karna nunca matará uma pessoa como tu.' Tendo dito essas palavras para o filho de Pritha, o poderoso Karna, libertando Yudhishthira, começou a massacrar a hoste Pandava como o manejador do raio massacrando a hoste Asura. Aquele soberano de homens, (Yudhishthira) então, ó rei, fugiu rapidamente. Vendo o rei fugindo, os Cedis, os Pandavas, os Pancalas, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, todos seguiram aquele monarca de glória imperecível. E os filhos de Draupadi, e os Suras, e os filhos gêmeos de Madri com Pandu, também seguiram o rei. Vendo a divisão de Yudhishthira se retirando, o heróico Karna ficou muito contente com todos os Kurus e começou a perseguir o exército que recuava. O barulho de tambores de batalha e conchas e pratos e arcos, e gritos leoninos, se elevaram dentre as tropas Dhartarashtra. Enquanto isso Yudhishthira, ó tu da linhagem de Kuru, sendo levado rapidamente no carro de Srutakirti, começou a contemplar a destreza de Karna. Então o rei Yudhishthira, o justo, vendo suas tropas massacradas rapidamente, ficou cheio de raiva, e dirigindo-se a seus guerreiros, os ordenou, dizendo, 'Matem estes inimigos. Por que vocês estão inativos?' Então os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, encabeçados por Bhimasena, assim mandados pelo rei, todos avançaram contra teus filhos. Os gritos então, ó Bharata, dos guerreiros (de ambas as hostes), e o barulho feito por carros e elefantes e corcéis e soldados a pé, e o estridor de armas, tornou-se tremendo. 'Se esforcem,' 'Ataquem,' 'Enfrentem o inimigo,' eram as palavras que os combatentes endereçavam uns aos outros quando eles começaram a matar uns aos outros naquela batalha terrível. E por causa das chuvas de flechas disparadas por eles uma sombra como aquela das nuvens pareceu se estender sobre o campo. E por causa daqueles soberanos de homens, cobertos com flechas, atacando uns aos outros, eles ficaram privados de bandeiras e estandartes e guarda-sóis e cavalos e motoristas e armas naquela batalha. De fato, aqueles senhores de terra, privados de vida e membros, caíam sobre a terra. Parecendo com os topos de montanha por causa de suas costas desiguais, elefantes enormes com seus condutores, privados de vida, caíam como montanhas partidas pelo raio. Milhares de corcéis, com suas armaduras, equipamentos, e enfeites todos rasgados e quebrados e deslocados, caíam, junto com seus cavaleiros heróicos, privados de vida. Guerreiros em carros com armas soltas de seus punhos, e privados por guerreiros em carros (hostis) de carros e vida, e grandes grupos de soldados de infantaria, mortos por heróis hostis naquele conflito terrível, caíam aos milhares. A terra ficou coberta com as cabeças de combatentes heróicos excitados com a batalha, cabeças que eram adornadas com olhos grandes e expansivos de cor de cobre e rostos tão belos como o lótus ou a lua. E as pessoas ouviam barulhos tão altos no céu como na superfície da Terra, por causa do som de música e canções procedendo de grandes grupos de Apsaras em seus carros celestes, com as quais aqueles grupos de coristas celestiais constantemente saudavam os heróis recém-chegados mortos às centenas e milhares por bravos inimigos na Terra, e com as quais, colocando eles

em carros celestes, elas se dirigiam naqueles veículos (para a região de Indra). Testemunhando com seus próprios olhos aquelas visões maravilhosas, e influenciados pelo desejo de ir para céu, heróis com corações alegres rapidamente matavam uns aos outros. Guerreiros em carros lutavam belamente com guerreiros em carros naquela batalha, e soldados de infantaria com soldados de infantaria, e elefantes com elefantes, e corcéis com corcéis. De fato, quando aquela batalha, destrutiva de elefantes e cavalos e homens, era travada violentamente dessa maneira, o campo ficou coberto com a poeira erguida pelas tropas. Então inimigos mataram inimigos e amigos mataram amigos. Os combatentes arrastavam uns aos outros por seus cabelos, mordiam uns aos outros com seus dentes, dilaceravam uns aos outros com suas unhas, e batiam uns nos outros com punhos cerrados, e lutavam uns com os outros com braços nus naquela batalha violenta destrutiva de vida e pecados. De fato, quando aquela batalha, repleta de carnificina de elefantes e cavalos e homens, era travada tão ferozmente, um rio de sangue correu dos corpos de seres humanos e corcéis e elefantes (mortos). E aquela correnteza levou para longe um grande número de corpos mortos de elefantes e cavalos e homens. De fato, naquela hoste vasta cheia de homens, corcéis, e elefantes, aquele rio formado pelo sangue de homens e corcéis e elefantes e cavaleiros e homens em elefantes tornou-se lodoso com carne e muito terrível. E sobre aquela correnteza, inspirando os tímidos com terror, flutuavam os corpos de homens e corcéis e elefantes. Impelidos pelo desejo de vitória, alguns combatentes a vadearam e alguns permaneceram no outro lado. E alguns mergulharam nas suas profundidades, e alguns afundaram nela e alguns se ergueram acima de sua superfície enquanto eles nadavam através dela. Totalmente cobertos com sangue, suas armaduras e armas e vestes se tornaram todos sangrentos. Alguns se banharam nela e alguns beberam o líquido e alguns ficaram sem forças, ó touro da raça Bharata. Carros e corcéis, e homens e elefantes e armas e ornamentos, e mantos e armaduras, e combatentes que estavam mortos ou prestes a serem mortos, e a Terra, o céu, o firmamento, e todos os pontos do horizonte, se tornaram vermelhos. Com o odor, o toque, o gosto, e a visão extremamente vermelha daquele sangue e seu som impetuoso, quase todos os combatentes, ó Bharata, ficaram muito desanimados. Os heróis Pandava então, encabeçados por Bhimasena e Satyaki, mais uma vez avançaram impetuosamente contra aquele exército já exausto. Observando a impetuosidade daquele avanço dos heróis Pandava como sendo irresistível, o exército vasto dos teus filhos, ó rei, virou suas costas no campo. De fato, aquela hoste tua, cheia de carros e corcéis e elefantes e homens não mais em formação de combate compacta, com armadura e cotas de malha deslocadas e armas e arcos soltos de suas mãos, fugiu em todas as direções, enquanto era agitada pelo inimigo, assim como uma manada de elefantes na floresta afligida por leões.'"

50

"Sanjaya disse, 'Vendo os heróis Pandava avançando impetuosamente em direção à tua hoste, Duryodhana, ó monarca, se esforçou para deter os guerreiros de seu exército por todos os lados, ó touro da raça Bharata. Embora, no entanto,

teu filho gritasse com toda a força de sua voz, suas tropas fugindo, ó rei, ainda se recusaram a parar. Então uma das alas do exército e sua ala mais distante, e Shakuni, o filho de Subala, e os Kauravas bem armados se voltaram contra Bhimasena naquela batalha. Karna também, contemplando o exército Dhartarashtra com todos os seus reis fugindo, se dirigiu ao soberano dos Madras, dizendo, 'Proceda em direção ao carro de Bhima.' Assim endereçado por Karna, o soberano dos Madras começou a incitar aqueles principais dos corcéis, da cor de cisnes, em direção ao local onde Vrikodara estava. Assim incitados por Shalya, aquele ornamento de batalha, aqueles corcéis se aproximando do carro de Bhimasena, se misturaram em batalha. Enquanto isso, Bhima, vendo Karna se aproximar, ficou cheio de raiva, e colocou seu coração na destruição de Karna, ó touro da raça Bharata. Dirigindo-se aos heróicos Satyaki e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, ele disse, 'Vão vocês proteger o rei Yudhishthira de alma virtuosa. Com dificuldade ele escapou de uma situação de grande perigo diante dos meus próprios olhos. Na minha vista a armadura e mantos do rei foram cortados e rasgados, para a satisfação de Duryodhana, pelo filho de Radha de alma perversa. Eu hoje alcançarei o fim daquela aflição, ó filho de Prishata. Hoje, ou eu matarei Karna em batalha, ou ele me matará em batalha terrível. Eu te digo realmente. Hoje eu transfiro o rei para vocês como penhor sagrado. Com corações alegres se esforcem hoje para proteger o rei.' Tendo dito essas palavras, Bhima de braços fortes procedeu em direção ao filho de Adhiratha, fazendo todos os pontos do horizonte ressoarem com um alto grito leonino. Vendo Bhima, aquele encantador em batalha, avançando rapidamente, o pujante rei dos Madras se endereçou ao filho de Suta nas palavras seguintes:

"Shalya disse, 'Veja, ó Karna, o filho de braços fortes de Pandu, que está cheio de raiva. Sem dúvida, ele está desejoso de vomitar sobre ti aquela ira que ele tem nutrido por muitos anos. Nunca antes eu o vi assumir tal forma, nem mesmo quando Abhimanyu foi morto e o Rakshasa Ghatotkaca. Cheio de fúria, a forma que ele assumiu agora, dotada do esplendor do fogo todo-destrutivo no fim do Yuga, é tal que parece que ele é capaz de resistir aos três mundos reunidos.'"

"Sanjaya continuou, 'Enquanto o soberano dos Madras estava dizendo essas palavras para o filho de Radha, Vrikodara, excitado com raiva, se aproximou de Karna. Vendo Bhima, aquele encantador em batalha, se aproximando dele daquela maneira, o filho de Radha disse rindo para Shalya essas palavras, 'As palavras que tu, ó soberano dos Madras, me falaste hoje com relação a Bhima, ó senhor, são sem dúvida todas verdadeiras. Este Vrikodara é bravo e é um herói cheio de ira. Ele é indiferente em proteger seu corpo, e em força de membros ele é superior a todos. Enquanto levando uma vida oculta na cidade de Virata, confiando então no poder de seus braços nus, para fazer o que era agradável para Draupadi, ele secretamente matou Kichaka com todos os seus parentes. Ele mesmo está posicionado hoje na dianteira da batalha vestido em armadura e insensível de raiva. Ele está disposto a se envolver em batalha com o Destruidor armado com maça erguida. Esse desejo, no entanto, tem sido nutrido por todos os meus dias, isto é, que ou eu matarei Arjuna ou Arjuna me matará. Esse meu desejo pode ser realizado hoje por meu combate com Bhima. Se eu matar Bhima

ou fizer ele ficar sem carro, Partha pode vir contra mim. Isso será bom para mim. Determine sem demora aquilo que tu pensas ser apropriado para o momento.' Ouvindo essas palavras do filho de Radha de energia incomensurável Shalya respondeu, dizendo, 'Ó tu de armas poderosas, proceda contra Bhimasena de grande poder. Tendo reprimido Bhimasena, tu podes então obter Phalguna. Aquele que é teu propósito, aquele desejo o qual por muitos longos anos tu tens nutrido no teu coração, será realizado, ó Karna. Eu digo a verdade.' Assim endereçado, Karna disse novamente para Shalya, 'Ou eu matarei Arjuna em batalha, ou ele me matará. Colocando teu coração na batalha vá para o local onde Vrikodara está.'"

"Sanjaya continuou, 'Então, ó rei, Shalya procedeu depressa naquele carro para o local onde aquele grande arqueiro, isto é, Bhima, estava empenhado em derrotar teu exército. Lá se ergueu então o clangor de trombetas e o ribombo de baterias, ó monarca, quando Bhima e Karna se enfrentaram. O poderoso Bhimasena, cheio de raiva, começou a espalhar tuas tropas difíceis de derrotar, com suas flechas afiadas e polidas, para todos os lados. Aquele choque em batalha, ó monarca, entre Karna e o filho de Pandu tornou-se, ó rei, violento e terrível, e o barulho que se ergueu foi tremendo. Vendo Bhima indo em direção a ele, Karna, também chamado Vaikartana ou Vrisha, cheio de raiva, o atingiu com flechas no centro do peito. E mais uma vez, Karna de alma incomensurável, o cobriu com uma chuva de flechas. Assim perfurado pelo filho de Suta, Bhima cobriu o primeiro com setas aladas. E ele uma vez mais perfurou Karna com nove flechas retas e afiadas. Então Karna, com diversas flechas, cortou em dois o arco de Bhima no cabo. E depois de cortar seu arco, ele o perfurou outra vez no centro do peito com uma flecha de gume excelente e capaz de penetrar em todo tipo de armadura. Então Vrikodara, pegando outro arco, ó rei, e sabendo muito bem quais são as partes vitais do corpo, perfurou o filho de Suta com muitas flechas afiadas. Então Karna o perfurou com vinte e cinco flechas, como um caçador atingindo um orgulhoso e enfurecido elefante na floresta com diversos tições ardentes. Seus membros mutilados por aquelas flechas, seus olhos vermelhos de raiva e desejo de vingança, o filho de Pandu, insensível com cólera, e impelido pelo desejo de matar o filho de Suta, fixou em seu arco uma flecha excelente de grande impetuosidade, capaz de suportar uma grande tensão, e competente para perfurar as próprias montanhas. Puxando violentamente a corda do arco até sua própria orelha, o filho do deus do vento, aquele arqueiro formidável, cheio de ira e desejoso de dar um fim em Karna, disparou aquela flecha. Assim disparada pelo poderoso Bhima, aquela flecha, fazendo um barulho alto como aquele do trovão, atravessou Karna naquela batalha, como o próprio raio atravessando uma montanha. Atingido por Bhimasena, ó perpetuador da linhagem de Kuru, o filho de Suta, aquele comandante (das tuas tropas), sentou-se inconsciente no terraço de seu carro. O soberano dos Madras então, vendo o filho de Suta privado de seus sentidos, levou aquele ornamento de batalha em seu carro para longe daquela luta. Então depois da derrota de Karna, Bhimasena começou a desbaratar a vasta hoste Dhartarashtra como Indra desbaratando os Danavas.'"

51

"Dhritarashtra disse, 'De realização extremamente difícil foi aquela façanha, ó Sanjaya, que foi realizada por Bhima que fez o próprio Karna poderosamente armado estatelar-se no terraço de seu carro. 'Há uma única pessoa, Karna, que matará os Pandavas junto com os Srinjayas,' isso mesmo era o que Duryodhana, ó Suta, costumava me dizer com muita frequência. Vendo, no entanto, aquele filho de Radha agora derrotado por Bhima em batalha, o que meu filho Duryodhana fez em seguida?'"

"Sanjaya disse, 'Vendo o filho de Radha da casta Suta recuar da luta naquela grande batalha, teu filho, ó monarca, dirigiu-se a seus irmãos uterinos, dizendo, 'Vão rapidamente, abençoados sejam vocês, e protejam o filho de Radha que está mergulhado naquele oceano insondável de calamidade representado pelo medo de Bhimasena.' Assim mandados pelo rei, aqueles príncipes, excitados com cólera e desejosos de matar Bhimasena, avançaram em direção a ele como insetos em direção a um fogo ardente. Eles eram Srutarvan e Durddhara e Kratha e Vivitsu e Vikata e Soma, e Nishangin e Kavashin e Pasin e Nanda e Upanandaka, e Duspradharsha e Suvahu e Vatavega e Suvarchasas, e Dhanurgraha e Durmada e Jalasandha e Sala e Saha. Cercados por uma grande tropa de carros, aqueles príncipes, dotados de grande energia e poder, se aproximaram de Bhimasena e o cercaram por todos os lados. Eles dispararam nele de todos os lados chuvas de flechas de diversos tipos. Assim afligido por eles, Bhima de grande força, ó rei, matou rapidamente cinquenta dos principais guerreiros em carros com quinhentos outros, entre aqueles teus filhos que avançavam contra ele. Cheio de raiva, Bhimasena então, ó rei, com uma flecha de cabeça larga, cortou a cabeça de Vivitsu adornada com brincos e proteção para a cabeça, e agraciada com um rosto parecendo a lua cheia. Assim cortado, aquele príncipe caiu na terra. Vendo aquele irmão heróico deles morto, os (outros) irmãos lá, ó senhor, avançaram naquela batalha, de todos os lados, sobre Bhima de bravura terrível. Com duas outras flechas de cabeça larga então, Bhima de destreza terrível tirou as vidas de dois outros filhos teus naquela batalha aterradora. Aqueles dois, Vikata e Saha, parecendo com um par de jovens celestes, ó rei, imediatamente caíram no chão como um par de árvores arrancadas pela tempestade. Então Bhima, sem perder um momento, despachou Kratha para a residência de Yama, com uma flecha comprida de ponta afiada. Privado de vida, aquele príncipe caiu ao solo. Altos gritos de dor então, ó soberano de homens, se elevaram lá quando aqueles teus filhos heróicos, todos grandes arqueiros, estavam sendo assim massacrados. Quando aquelas tropas estavam mais uma vez agitadas, o poderoso Bhima, ó monarca, então despachou Nanda e Upananda naquela batalha para a residência de Yama. Nisso teus filhos, extremamente agitados e inspirados com medo, fugiram, vendo que Bhimasena naquela batalha se comportava como o próprio Destruidor no fim do Yuga. Contemplando aqueles teus filhos mortos, o filho de Suta com o coração triste incitou novamente seus corcéis da cor de cisnes para aquele local onde o filho de Pandu estava. Aqueles corcéis, ó rei, incitados adiante pelo soberano de Madras, se aproximaram com grande velocidade do carro de

Bhimasena e se misturaram em batalha. O conflito, ó monarca, que mais uma vez teve lugar entre Karna e o filho de Pandu em batalha tornou-se, ó rei, extremamente violento e terrível e repleto de um barulho alto. Vendo, ó rei, aqueles dois poderosos guerreiros em carros se envolverem em combate um com o outro, eu fiquei muito curioso para observar o rumo da batalha. Então Bhima, se gabando de sua bravura em batalha, cobriu Karna naquele combate, ó rei, com chuvas de flechas aladas na própria vista de teus filhos. Então Karna, aquele guerreiro conhecedor das maiores armas, cheio de fúria, perfurou Bhima com nove flechas de cabeça larga e retas feitas totalmente de ferro. Nisso Bhima de braços fortes de bravura terrível, atingido dessa maneira por Karna, perfurou seu atacante em retorno com sete flechas disparadas da corda de seu arco esticada até sua orelha. Então Karna, ó monarca, suspirando como uma cobra de veneno virulento encobriu o filho de Pandu com uma chuva grossa de setas. O poderoso Bhima também, encobrindo aquele poderoso guerreiro em carro com densas torrentes de flechas diante dos olhos dos Kauravas, proferiu um grito alto. Então Karna, cheio de raiva, agarrou seu arco forte e perfurou Bhima com dez flechas afiadas em pedra e equipadas com penas Kanka. Com outra de cabeça larga de gume excelente, ele também cortou o arco de Bhima. Então o poderosamente armado Bhima de grande força, pegando um Parigha terrível, enrolado com cordas de cânhamo e enfeitado com ouro e parecendo uma segunda clava da própria Morte, e desejando matar Karna imediatamente, o arremessou nele com um rugido alto. Karna, no entanto, com diversas flechas parecendo cobras de veneno virulento, cortou em muitos fragmentos aquela maça com ferrões enquanto ela corria em direção a ele com o ribombo tremendo do trovão. Então Bhima, aquele opressor de tropas hostis, agarrando seu arco com grande força, cobriu Karna com flechas afiadas. A batalha que ocorreu entre Karna e o filho de Pandu naquele combate tornou-se medonha por um momento, como aquela de um par de leões enormes desejosos de matar um ao outro. Então Karna, ó rei, puxando o arco com grande força e esticando a corda até sua própria orelha, perfurou Bhimasena com três flechas. Profundamente perfurado por Karna, aquele grande arqueiro e principal de todas as pessoas dotadas de força então pegou uma flecha terrível capaz de atravessar o corpo de seu oponente. Aquela flecha, passando através da armadura de Karna e atravessando seu corpo, passou para fora e entrou na terra como uma cobra em um formigueiro. Por causa da violência daquele golpe, Karna sentiu grande dor e ficou extremamente agitado. De fato, ele tremeu em seu carro como uma montanha durante um terremoto. Então Karna, ó rei, cheio de raiva e de desejo de retaliar, atingiu Bhima com vinte e cinco flechas, e então com muitas mais. Com uma flecha ele então cortou o estandarte de Bhimasena, e com outra flecha de cabeça larga ele despachou motorista de Bhima para a presença de Yama. Em seguida cortando rapidamente o arco do filho de Pandu com outra flecha alada, Karna privou Bhima de façanhas terríveis de seu carro. Privado de seu carro, ó chefe da linhagem de Bharata, Bhima de braços fortes, que parecia o deus do vento (em bravura) pegou uma maça e saltou de seu veículo excelente. De fato, saltando de seu carro com grande fúria, Bhima começou a massacrar tuas tropas, ó rei, como o vento destruindo as nuvens de outono. De repente o filho de Pandu, aquele opressor de inimigos, cheio de cólera, desbaratou setecentos elefantes, ó rei, dotados de presas tão largas quanto relhas

de arado, e todos hábeis em atacar tropas hostis. Possuidor de grande força e do conhecimento de quais são as partes vitais de um elefante, ele os atingiu em suas têmporas e globos frontais e olhos e nas partes acima de suas gengivas. Nisso aqueles animais, inspirados com medo, fugiram. Mas instigados novamente por seus condutores eles cercaram Bhimasena mais uma vez, como as nuvens cobrindo o sol. Como Indra derrubando montanhas com raio, Bhima com sua maça prostrou aqueles setecentos elefantes com seus condutores e armas e estandartes. Aquele castigador de inimigos, o filho de Kunti, em seguida prensou no chão cinquenta e dois elefantes de grande força pertencentes ao filho de Subala. Chamuscando teu exército, o filho de Pandu então destruiu uma centena de carros principais e várias centenas de soldados de infantaria naquela batalha. Chamuscados pelo Sol como também por Bhima de grande alma, teu exército começou a encolher como um pedaço de couro espalhado sobre um fogo. Aquelas tuas tropas, ó touro da raça Bharata, cheias de ansiedade por medo de Bhimasena, evitaram Bhima naquela batalha e fugiram em todas as direções. Então quinhentos guerreiros em carros, envolvidos em armaduras excelentes, avançaram em direção a Bhima com gritos altos, disparando chuvas densas de setas para todos os lados. Como Vishnu destruindo os Asuras, Bhima destruiu com sua maça todos aqueles bravos guerreiros com seus motoristas e carros e bandeiras e estandartes e armas. Então 3.000 cavaleiros, despachados por Shakuni, respeitados por todos os homens valentes e armados com dardos e espadas e lanças, avançaram em direção a Bhima. Aquele matador de inimigos, avançando impetuosamente em direção a eles, e correndo em diversos caminhos, os matou com sua maça. Sons altos se elevaram dentre eles enquanto eles estavam sendo atacados por Bhima, como aqueles que se elevam dentre uma manada de elefantes atingida por grandes pedaços de rochas. Tendo matado aqueles 3.000 cavalos excelentes do filho de Subala daquela maneira, ele subiu em outro carro, e cheio de raiva procedeu contra o filho de Radha. Enquanto isso, Karna também, ó rei, cobriu o filho de Dharma (Yudhishthira) aquele castigador de inimigos, com chuvas grossas de setas, e derrubou seu motorista. Então aquele poderoso guerreiro em carro, vendo Yudhishthira fugir naquela batalha, o perseguiu, disparando muitas flechas de curso reto equipadas com penas Kanka. O filho do deus do vento, cheio de ira, e cobrindo o céu inteiro com suas flechas, encobriu Karna com grossas chuvas de flechas enquanto o último perseguia o rei de trás. O filho de Radha então, aquele opressor de inimigos, voltando da perseguição, rapidamente cobriu o próprio Bhima com setas afiadas de todos os lados. Então Satyaki, de alma incomensurável, ó Bharata, colocando-se ao lado do carro de Bhima, começou a afligir Karna que estava na frente de Bhima. Embora extremamente afligido por Satyaki, Karna ainda se aproximou de Bhima. Aproximando-se um do outro aqueles dois touros entre todos os manejadores de arcos, aqueles dois heróis dotados de grande energia, pareciam muito resplandecentes enquanto eles disparavam suas belas flechas um no outro. Espalhados por eles, ó monarca, no céu, aqueles enxames de flechas, brilhando como as costas de garças, pareciam extremamente ameaçadores e terríveis. Por causa daqueles milhares de flechas, ó rei, nem os raios do Sol nem os pontos do horizonte, cardeais e secundários, podiam mais ser notados ou por nós ou pelo inimigo. De fato, a refulgência ardente do Sol brilhando ao meio-dia foi dissipada

por aquelas chuvas densas disparadas por Karna e o filho de Pandu. Vendo o filho de Subala, e Kritavarma, e o filho de Drona, e o filho de Adhiratha, e Kripa, envolvidos em combate com os Pandavas, os Kauravas se reagruparam e voltaram para a luta. Tremendo tornou-se o barulho, ó monarca, que foi feito por aquela hoste enquanto ela avançava impetuosamente contra seus inimigos, parecendo aquele barulho terrível que é feito por muitos oceanos cheios com chuvas. Furiosamente engajadas em batalha, as duas hostes ficaram cheias de grande alegria quando os guerreiros viram e agarraram uns aos outros naquela escaramuça terrível. A batalha que começou naquela hora quando o Sol tinha alcançado o meridiano foi tal que sua igual nunca tinha sido ouvida ou vista por nós. Uma hoste vasta se precipitou contra outra, como um extenso reservatório de água avançando em direção ao oceano. O rumor que se ergueu das duas hostes quando elas rugiram uma para a outra foi alto e profundo como aquele que pode ser ouvido quando vários oceanos se misturam uns com os outros. De fato, as duas hostes furiosas, se aproximando uma da outra, se misturaram em uma massa como dois rios impetuosos que se chocam um com o outro.'"

"A batalha então começou, horrível e terrível, entre os Kurus e os Pandavas, ambos os quais estavam inspirados com o desejo de ganhar grande fama. Uma perfeita confusão de vozes dos guerreiros gritando era incessantemente ouvida lá, ó nobre Bharata, enquanto eles se dirigiam uns aos outros pelo nome. Aquele que tinha qualquer coisa, pelo lado de seu pai ou mãe ou em relação às suas ações ou conduta, que pudesse fornecer causa para escárnio, era naquela batalha feito ouvir isto por seu antagonista. Contemplando aqueles bravos guerreiros repreendendo ruidosamente uns aos outros naquela batalha, eu pensei, ó rei, que seus períodos de vida tinham terminado. Contemplando os corpos daqueles heróis furiosos de energia imensurável um grande temor entrou no meu coração, com relação às consequências terríveis que se seguiriam. Então os Pandavas, ó rei, e os Kauravas também, todos poderosos guerreiros em carros, atacando uns aos outros, começaram a mutilar uns aos outros com suas flechas afiadas."

52

"Sanjaya disse, 'Aqueles Kshatriyas, ó monarca, nutrindo sentimentos de animosidade uns contra os outros e desejando tirar as vidas uns dos outros, começaram a matar uns aos outros naquela batalha. Multidões de carros, e grandes grupos de cavalos, e abundantes divisões de infantaria e elefantes em grande número se misturaram uns com os outros, ó rei, para lutar. Nós vimos a queda de maças e clavas com ferrões e Kunapas e lanças e flechas curtas e foguetes lançados uns nos outros naquele combate terrível. Chuvas de flechas terríveis de se olhar corriam como enxames de gafanhotos. Elefantes se aproximando de elefantes derrubavam uns aos outros. Cavaleiros enfrentando cavaleiros naquela batalha, e guerreiros em carros enfrentando guerreiros em carros, e soldados de infantaria enfrentando soldados de infantaria, e soldados de infantaria enfrentando cavaleiros, e soldados de infantaria enfrentando carros e elefantes, e carros enfrentando elefantes e cavaleiros, e elefantes de grande

velocidade enfrentando os três outros tipos de tropas, começaram, ó rei, a subjugar e oprimir uns aos outros. Por causa daqueles bravos combatentes atacando uns aos outros e gritando com toda a força de suas vozes, o campo de batalha tornou-se medonho, parecendo a área de massacre de criaturas (do próprio Rudra). A terra, ó Bharata, coberta com sangue, parecia bela como uma vasta planície na estação das chuvas coberta com a coccinella vermelha. De fato, a Terra assumiu o aspecto de uma moça jovem de grande beleza, vestida em mantos brancos tingidos com vermelho escuro. Matizado com carne e sangue, o campo de batalha parecia como se totalmente enfeitado com ouro. Grande número de cabeças cortadas de troncos e braços e coxas e brincos e outros ornamentos deslocados dos corpos de guerreiros, ó Bharata, e colares e couraças e corpos de bravos arqueiros, e cotas de malha, e estandartes, jaziam espalhados sobre o solo. Elefantes indo contra elefantes dilaceravam uns aos outros com suas presas, ó rei. Atingidos pelas presas de iguais hostis, elefantes pareciam muito belos. Banhadas em sangue, aquelas criaturas enormes pareciam resplandecentes como colinas moventes ornadas com metais, para baixo de cujos leitos corriam rios de greda líquida. Lanças arremessadas por cavaleiros, ou seguradas horizontalmente por combatentes hostis, eram agarradas por muitos daqueles animais, enquanto muitos entre eles torciam e quebravam aquelas armas. Muitos elefantes enormes, cujas armaduras tinham sido cortadas com flechas, pareciam, ó rei, com montanhas privadas de nuvens na chegada do inverno. Muitos dos elefantes principais perfurados por flechas aladas com ouro pareciam belos como montanhas, ó senhor, cujos topos estão acesos com tições ardentes. Algumas daquelas criaturas, enormes como colinas, atingidos por iguais hostis, caíam naquela batalha, como montanhas aladas (quando cortadas de suas asas). Outros, afligidos por flechas e muito atormentados por seus ferimentos, caíam tocando o solo, naquela batalha terrível, em seus globos frontais ou nas partes entre suas presas. Outros rugiam alto como leões. E muitos, proferindo sons terríveis, corriam para lá e para cá, e muitos, ó rei, proferiam gritos de dor. Cavalos também, em arreios dourados, atingidos por setas, caíam, ou ficavam fracos, ou rodavam em todas as direções. Outros, atingidos por flechas e lanças ou arrastados, caíam no chão e se contorciam em agonia, fazendo diversos tipos de movimento. Homens também, derrubados, caíam no chão, proferindo diversos gritos de dor, ó majestade; outros, vendo seus parentes e pais e avôs, e outros vendo inimigos se retirando, gritavam uns para os outros seus nomes bem conhecidos e os nomes de suas famílias. Os braços de muitos combatentes, enfeitados com ornamentos de ouro, cortados, ó rei, por inimigos, se contorciam no chão, fazendo diversos tipos de movimentos. Milhares de tais braços caíam e se erguiam de repente, e muitos pareciam se arremessar para frente como cobras de cinco cabeças. Aqueles braços, parecendo com os corpos afilados de cobras, e cobertos com pasta de sândalo, ó rei, pareciam belos, quando encharcados com sangue, como pequenos estandartes de ouro. Quando a batalha, se tornando geral, estava sendo travada tão furiosamente por todos os lados, os guerreiros lutavam e matavam uns aos outros sem percepções distintas daqueles com quem eles lutavam ou a quem atingiam. Uma nuvem de poeira cobriu o campo de batalha, e as armas costumavam cair em chuvas grossas. O cenário estando assim escurecido, os combatentes não podiam mais distinguir amigos de inimigos.

De fato, aquela batalha violenta e horrível prosseguiu dessa maneira. E logo lá começaram a fluir muitos rios imensos de correntezas sangrentas. E eles abundavam com as cabeças de combatentes que formavam suas rochas. E o cabelo dos guerreiros constituía suas algas e musgos. Ossos formavam os peixes com os quais eles estavam cheios, e arcos e flechas e maças formavam as balsas pelos quais cruzá-los. Carne e sangue formavam seu lodo; aqueles rios terríveis e horrendos, com correntezas cheias por sangue, foram assim formados lá, aumentando os temores dos medrosos e a alegria dos bravos. Aqueles rios horríveis levavam para a residência de Yama. Muitos mergulhavam naqueles rios inspirando Kshatriyas com medo, e pereciam. E por causa de várias criaturas carnívoras, ó tigre entre homens, rugindo e berrando por todos os lados, o campo de batalha tornou-se terrível como os domínios do rei dos mortos. E inúmeros troncos sem cabeça se erguiam por todos os lados. E criaturas terríveis, se empanturrando de carne e bebendo gordura, e sangue, ó Bharata, começaram a dançar em volta. E corvos e urubus e garças, satisfeitos com gordura e medula e outros animais que gostavam de carne, eram vistos se movendo em volta em alegria. Aqueles, no entanto, ó rei, que eram heróis, rejeitando todo temor o qual é tão difícil de ser rejeitado, e cumprindo o voto de guerreiros, fizeram seu dever destemidamente. De fato, naquele campo onde incontáveis flechas e dardos corriam pelo ar, e que estava apinhado com criaturas carnívoras de diversas espécies, bravos guerreiros se moviam rapidamente sem medo, mostrando sua coragem. Dirigindo-se uns aos outros, ó Bharata, eles declaravam seus nomes e famílias. E muitos entre eles, declarando os nomes de seus pais e famílias, ó senhor, começaram a subjugar uns aos outros, ó rei, com dardos e lanças e machados de batalha. Durante a continuação daquela batalha feroz e horrível, o exército Kaurava ficou sem forças e incapaz de aguentar mais como um barco naufragado na superfície do oceano.'"

53

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquela batalha na qual tantos Kshatriyas caíram, o som alto do Gandiva, ó senhor, era ouvido acima do tumulto naquele local, ó rei, onde o filho de Pandu estava empenhado em massacrar os Samsaptakas, os Kosalas, e os exércitos Narayana. Cheios de raiva e desejosos de vitória, os Samsaptakas, naquela batalha, começaram a despejar chuvas de flechas sobre a cabeça de Arjuna. O pujante Partha, no entanto, detendo rapidamente aquelas chuvas de flechas, ó rei, mergulhou naquela batalha, e começou a matar muitos dos principais guerreiros em carros. Mergulhando no meio daquela divisão de carros com a ajuda de suas flechas afiadas equipadas com penas Kanka, Partha atacou Susharma de armas excelentes. Aquele principal dos guerreiros em carros despejou sobre Arjuna chuvas densas de flechas. Enquanto isso os Samsaptakas também cobriram Partha com suas flechas. Então Susharma, perfurando Partha com dez flechas, atingiu Janardana com três no braço direito. Com uma flecha de cabeça larga então, ó senhor, ele furou a bandeira de Arjuna. Nisso aquele principal dos macacos, de dimensões enormes, a obra do próprio artífice celeste, começou a proferir sons altos e rugiu muito

ferozmente, apavorando tuas tropas. Ouvindo os rugidos do macaco, teu exército ficou inspirado com medo. De fato, sob a influência de um grande pavor, aquele exército ficou completamente inativo. Aquele exército então, enquanto ele permanecia inativo, ó rei, parecia belo como a floresta Citraratha com sua carga florida de diversas espécies. Então aqueles guerreiros, recuperando seus sentidos, ó chefe dos Kurus, começaram a encharcar Arjuna com seus aguaceiros de flechas como as nuvens encharcando as montanhas. Então todos eles cercaram o carro magnífico do Pandava. Atacando-o, eles proferiram rugidos altos embora todo o tempo eles estivessem sendo atingidos e massacrados com flechas afiadas. Atacando seus corcéis, as rodas do seu carro, o mastro de seu carro, e todos os outros membros de seu veículo, com grande força, ó senhor, eles proferiram muitos rugidos leoninos. Alguns entre eles agarraram os braços massivos de Keshava, e alguns entre eles, ó rei, agarraram o próprio Partha com grande alegria quando ele estava sobre seu carro. Então Keshava, sacudindo seus braços no campo de batalha, jogou no chão todos aqueles que os tinham agarrado, como um elefante mau derrubando todos os condutores de suas costas. Então Partha, cercado por aqueles grandes guerreiros em carros, e vendo seu carro assaltado e Keshava atacado daquela maneira ficou cheio de raiva, e derrubou um grande número de guerreiros em carros e soldados de infantaria. E ele cobriu todos os combatentes que estavam perto dele com muitas flechas, que eram adequadas para combates de perto. Dirigindo-se a Keshava então, ele disse, 'Veja, ó Krishna, ó tu de braços poderosos, estes inúmeros Samsaptakas empenhados em realizar uma tarefa terrível embora massacrados aos milhares. Ó touro entre os Yadus, não há ninguém sobre a Terra, salvo eu mesmo, que seria capaz de suportar tal ataque cerrado sobre seu carro.' Tendo dito essas palavras, Vibhatsu soprou sua concha. Então Krishna também soprou sua concha enchendo o céu com seu clangor. Ouvindo aquele clangor o exército dos Samsaptakas começou a vacilar, ó rei, e ficou inspirado com grande pavor. Então aquele matador de heróis hostis, isto é, o filho de Pandu, paralisou as pernas dos Samsaptakas por invocar repetidamente, ó monarca, a arma chamada Naga. Assim atados com aquelas fitas amarradoras de pés pelo filho de grande alma de Pandu, todos eles ficaram imóveis, ó rei, como se eles tivessem sido petrificados. O filho de Pandu então começou a matar aqueles guerreiros imóveis como Indra nos tempos antigos matando os Daityas na batalha com Taraka. Assim massacrados naquela batalha, eles libertaram o carro, e começaram a jogar no chão todas as suas armas. Suas pernas estando paralisadas, eles não podiam, ó rei, se mover um passo. Então Partha os matou com suas flechas retas. De fato, todos aqueles guerreiros naquela batalha, mirando em quem Partha tinha invocado aquela arma atadora de pés, tiveram seus membros inferiores cercados por cobras. Então o poderoso guerreiro em carro Susharma, ó monarca, vendo seu exército paralisado dessa maneira, invocou rapidamente a arma chamada Sauparna. Nisso numerosas aves começaram a descer e devorar aquelas cobras. As últimas, além disso, à visão dos percorredores do céu, começaram, ó rei, a fugir. Livre daquela arma amarradora de pés, o exército Samsaptaka, ó monarca, parecia com o próprio Sol dando luz para todas as criaturas, quando livre das nuvens. Assim libertados, aqueles guerreiros uma vez mais dispararam suas setas, ó senhor, e lançaram suas armas no carro de Arjuna. E todos eles

perfuraram Partha com armas numerosas. Cortando com sua própria torrente de flechas aquela chuva de armas poderosas o filho de Vasava, aquele matador de heróis hostis, começou a massacrar aqueles guerreiros. Então Susharma, ó rei, com uma flecha reta, perfurou Arjuna no peito, e então ele o perfurou com três outras flechas. Profundamente perfurado com isso, e sentindo grande dor, Arjuna sentou-se no terraço de seu carro. Então as tropas gritaram ruidosamente, dizendo, 'Partha está morto!' Nisso o clangor de conchas, e o ribombo de baterias, e o som de diversos instrumentos musicais, e altos gritos leoninos, se elevaram lá. Recuperando seus sentidos, Partha de alma incomensurável, possuindo corcéis brancos e tendo Krishna como seu motorista, invocou rapidamente a arma Aindra. Então milhares de flechas, ó senhor, emanando daquela arma, foram vistas por todos os lados matando reis e elefantes. E corcéis e guerreiros, às centenas e milhares, eram também vistos serem massacrados naquela batalha, com aquelas armas. Então enquanto as tropas estavam sendo assim massacradas, um grande temor entrou nos corações de todos os Samsaptakas e Gopalas, ó Bharata. Não havia homem entre eles que pudesse lutar com Arjuna. Lá na própria vista de todos os heróis, Arjuna começou a destruir tuas tropas. Vendo aquele massacre, todos eles permaneceram totalmente inativos, sem aplicarem sua bravura. Então o filho de Pandu, tendo matado 10.000 combatentes naquela batalha, parecia resplandecente, ó monarca, como um fogo ardente sem fumaça. E então ele matou 14.000 guerreiros, e 3.000 guerreiros, e 3.000 elefantes no total. Então os Samsaptakas novamente cercaram Dhananjaya, fazendo da morte ou vitória sua meta. A batalha que então ocorreu lá entre teus guerreiros e aquele herói poderoso, isto é, o filho ornado com diadema de Pandu tornou-se terrível.'"

54

"Sanjaya disse, 'Então Kritavarma, e Kripa, e o filho de Drona e o filho de Suta, ó majestade, e Uluka, e o filho de Subala (Shakuni), e o próprio rei, com seus irmãos uterinos, vendo o exército (Kuru) afligido com medo do filho de Pandu, incapaz para permanecer unido, como um navio destruído no oceano, se esforçaram para resgatá-lo com grande rapidez. Por um curto espaço de tempo, ó Bharata, a batalha que ocorreu mais uma vez tornou-se extremamente violenta, aumentando como ela aumentava os medos dos tímidos e a alegria dos corajosos. As chuvas grossas de flechas disparadas em batalha por Kripa, densas como enxames de gafanhotos, cobriram os Srinjayas. Então Shikhandi, cheio de raiva, procedeu rapidamente contra o neto de Gautama (Kripa) e despejou sobre aquele touro entre os Brahmanas suas torrentes de flechas de todos os lados. Conhecedor das maiores armas Kripa então deteve aquele aguaceiro de flechas, e iradamente perfurou Shikhandi com dez flechas naquela batalha. Então Shikhandi cheio de raiva perfurou Kripa profundamente, naquele combate, com sete flechas retas equipadas com penas Kanka. O duas vezes nascido Kripa então, aquele grande guerreiro em carro, profundamente perfurado com aquelas flechas afiadas, privou Shikhandi de seus corcéis, motorista e carro. Saltando de seu veículo sem cavalos, o poderoso guerreiro em carro (Shikhandi) avançou impetuosamente no

Brahmana, tendo pegado uma espada e um escudo. Quando o príncipe Pancala avançou, Kripa rapidamente o cobriu com muitas flechas retas naquele combate, o que parecia muito extraordinário. De fato, muito admirável foi a visão que nós então contemplamos, assim como o vôo de rochas, pois Shikhandi, ó rei, (assim atacado) permaneceu completamente inativo naquela batalha. Vendo Shikhandi coberto (com setas) por Kripa, ó melhor dos reis, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna procedeu depressa contra Kripa. O grande guerreiro em carro Kritavarma, no entanto, avançando impetuosamente recebeu Dhrishtadyumna quando o último procedeu contra o filho de Sharadvata (Kripa). Então o filho de Drona impediu Yudhishthira quando o último, com seu filho e tropas, estava avançando em direção ao carro do filho de Sharadvata. Teu filho Duryodhana, disparando uma chuva de setas, recebeu e deteve Nakula e Sahadeva, aqueles dois grandes guerreiros em carros dotados de celeridade. Karna igualmente, também chamado Vaikartana, ó Bharata, naquela batalha, resistiu a Bhimasena, e aos Karushas, aos Kaikayas, e aos Srinjayas. Enquanto isso o filho de Sharadvata, naquela batalha, ó senhor, com grande energia, disparou muitas flechas em Shikhandi, como se para o propósito de queimá-lo completamente. O príncipe Pancala, no entanto, girando sua espada repetidamente, cortou todas aquelas flechas, decoradas com ouro, que tinham sido disparadas nele por Kripa de todos os lados. O neto de Gautama (Kripa) então cortou rapidamente com suas flechas o escudo do filho de Prishata, que era ornado com cem luas. Por essa façanha dele, as tropas fizeram um tumulto alto. Privado de seu escudo, ó monarca, e colocado sob o poder de Kripa Shikhandi ainda avançou, espada na mão, (em direção a Kripa), como um homem doente para as mandíbulas da Morte. Então Suketu, o filho de Citraketu, ó rei, procedeu depressa em direção ao poderoso Shikhandi mergulhado em tal angústia e atacado daquela maneira por Kripa com suas flechas. De fato, o jovem príncipe de alma incomensurável avançou em direção ao carro do filho de Sharadvata e despejou sobre aquele Brahmana, naquela batalha, inúmeras flechas de corte excelente. Vendo aquele Brahmana cumpridor de votos assim envolvido em batalha (com outro), Shikhandi, ó melhor dos reis, retirou-se rapidamente daquele local. Enquanto isso Suketu, ó rei, perfurando o filho de Gautama com nove flechas, perfurou-o novamente com setenta e novamente com três. Então o príncipe, ó senhor, cortou o arco de Kripa com flecha fixada nele, e com outra flecha atingiu duramente o motorista do último em um membro vital. O neto de Gautama então, cheio de raiva, pegou um arco novo e muito forte e atingiu Suketu com trinta flechas em todos os seus membros vitais. Todos os seus membros extremamente enfraquecidos, o príncipe tremeu em seu carro excelente como uma árvore tremendo muito durante um terremoto. Com uma flecha de cabeça de navalha então, Kripa cortou do tronco do príncipe, enquanto o último ainda estava tremendo, sua cabeça enfeitada com um par de brincos brilhantes e protetor de cabeça. Nisso aquela cabeça caiu no chão como um pedaço de carne das garras de um falcão, e então seu tronco também caiu, ó tu de grande glória. Após a queda de Suketu, ó monarca, suas tropas ficaram apavoradas, e evitando Kripa, fugiram para todos os lados.'"

"Cercando o poderoso Dhrishtadyumna, Kritavarma alegremente se dirigiu a ele dizendo, 'Espere, Espere!' O combate então que ocorreu entre os guerreiros

Vrishni e Pancala naquela batalha se tornou extremamente feroz, como aquele entre dois falcões, ó rei, por um pedaço de carne. Cheio de raiva, Dhrishtadyumna, naquela batalha, atingiu o filho de Hridika (Kritavarma, o soberano de Bhoja) com nove setas no peito, e conseguiu afligi-lo muito. Então Kritavarma, assim profundamente atingido pelo filho de Prishata naquele combate, cobriu seu atacante, seus corcéis, e seu carro com suas flechas. Assim encoberto, ó rei, junto com seu carro, Dhrishtadyumna ficou invisível, como o Sol encoberto por nuvens carregadas de chuva. Frustrando todas aquelas flechas enfeitadas com ouro, Dhrishtadyumna, ó rei, parecia resplandecente naquela batalha em seus ferimentos. O comandante dos exércitos Pandava, isto é, o filho de Prishata, então, cheio de raiva, se aproximou de Kritavarma e despejou sobre ele uma chuva ardente de flechas. O filho de Hridika, no entanto, naquela batalha, com muitos milhares de suas próprias flechas, destruiu aquela chuva ameaçadora de flechas correndo em direção a ele com grande impetuosidade. Vendo sua irresistível chuva de flechas reprimida naquela batalha por Kritavarma, o filho de Prishata, se aproximando de seu antagonista, começou a resistir a ele. E logo ele despachou o motorista de Kritavarma para a residência de Yama com uma flecha de cabeça larga de gume excelente. Privado de vida, o motorista caiu do carro. O poderoso Dhrishtadyumna, tendo vencido seu poderoso oponente, começou então a resistir aos Kauravas com flechas, sem perder um momento. Então teus guerreiros, ó rei, avançaram em direção a Dhrishtadyumna, proferindo altos rugidos leoninos. Nisso uma batalha mais uma vez teve lugar entre eles.'"

55

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso o filho de Drona (Ashvatthama), vendo Yudhishthira protegido pelo neto de Sini (Satyaki) e pelos heróicos filhos de Draupadi, avançou alegremente contra o rei, espalhando muitas flechas ardentes equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra, e expondo diversas manobras de seu carro e a grande habilidade que ele tinha adquirido e sua excelente agilidade de mãos. Ele encheu o céu inteiro com flechas inspiradas com a força de armas celestes. Conhecedor de todas as armas, o filho de Drona cercou Yudhishthira naquela batalha. O céu estando coberto com as flechas do filho de Drona, nada podia ser visto. O vasto espaço na frente de Ashvatthama virou uma extensão de flechas. O céu então, assim coberto com aquela chuva densa de flechas enfeitadas com ouro, parecia belo, ó chefe dos Bharatas, como se um dossel bordado com ouro tivesse sido estendido lá. De fato, o firmamento, ó rei, tendo sido coberto com aquela chuva brilhante de flechas, uma sombra, como aquela das nuvens, apareceu lá na ocasião. Maravilhosa foi a visão que nós então contemplamos quando o céu tinha assim se tornado uma extensão de setas, pois nenhuma criatura percorrendo o céu podia passar por seu elemento. Então Satyaki, embora lutando resolutamente, e o filho de Pandu o rei Yudhishthira o justo, como também os outros guerreiros, não puderam mostrar sua destreza. Observando a grande agilidade de mãos mostrada pelo filho de Drona, os poderosos guerreiros em carros (do exército Pandava) estavam muito admirados.

Todos os reis se tornaram incapazes até de olhar para Ashvatthama, ó monarca, que então parecia o próprio Sol ardente no céu. Enquanto as tropas Pandava estavam sendo assim massacradas, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os filhos de Draupadi, e Satyaki, e o rei Yudhishthira o justo, e os guerreiros Pancala, todos juntos, rejeitaram seus temores da morte e avançaram contra o filho de Drona. Então Satyaki, perfurando o filho de Drona com setenta flechas, perfurou-o novamente com sete flechas longas enfeitadas com ouro. E Yudhishthira o perfurou com setenta e três flechas, e Prativindya com sete, e Srutakarman perfurou-o com três flechas e Srutakirti com cinco. E Sutasoma o perfurou com nove flechas, e Satanika com sete. E muitos outros heróis o perfuraram com muitas flechas de todos os lados. Cheio então de raiva e respirando, ó rei, como uma cobra de veneno virulento, o filho de Drona perfurou Satyaki em retorno com vinte e cinco flechas afiadas em pedra. E ele perfurou Srutakirti com nove setas e Sutasoma com cinco, e com oito setas ele perfurou Srutakarman, e Prativindya com três. E ele perfurou Satanika com nove setas, e o filho de Dharma (Yudhishthira) com cinco. E cada um dos outros guerreiros ele perfurou com um par de setas. Com algumas flechas afiadas ele então cortou o arco de Srutakirti. O último então, aquele grande guerreiro em carro, pegando outro arco, perfurou o filho de Drona, primeiro com três flechas e então com muitas outras providas de pontas afiadas. Então, ó monarca, o filho de Drona cobriu as tropas Pandava, ó senhor, com chuvas grossas de flechas, ó touro da raça Bharata. De alma incomensurável, o filho de Drona, em seguida, sorrindo, cortou o arco do rei Yudhishthira o justo, e então o perfurou com três flechas. O filho de Dharma então, ó rei, pegando outro arco formidável, perfurou o filho de Drona com setenta flechas nos braços e no peito. Então Satyaki, cheio de raiva naquela batalha, cortou o arco do filho de Drona, aquele grande batedor, com uma flecha afiada em forma de meia-lua e proferiu um rugido alto. Seu arco cortado, aquele principal dos homens poderosos, o filho de Drona, rapidamente derrubou o motorista de Satyaki de seu carro com um dardo. O valente filho de Drona então, pegando outro arco, cobriu o neto de Sini, ó Bharata, com uma chuva de setas. Seu motorista tendo sido morto, os cavalos de Satyaki foram vistos correrem para lá e para cá, ó Bharata, naquela batalha. Então os guerreiros Pandava encabeçados por Yudhishthira, disparando flechas afiadas, todos avançaram com impetuosidade em direção ao filho de Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas. Aquele opressor de inimigos, no entanto, o filho de Drona, vendo aqueles guerreiros avançando colericamente contra ele recebeu eles todos naquela batalha terrível. Então como um fogo na floresta consumindo pilhas de grama e palha secas, aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Drona, tendo chuvas de flechas como suas chamas, consumiu as tropas Pandava naquela batalha, que pareciam uma pilha de grama e palha secas. Aquele exército do filho de Pandu, assim chamuscado pelo filho de Drona, ficou muito agitado, ó chefe dos Bharatas, como a foz de um rio por uma baleia. As pessoas então, ó monarca, vendo a bravura do filho de Drona, consideraram todos os Pandavas como já mortos por ele. Então Yudhishthira, aquele grande guerreiro em carro e discípulo de Drona, cheio de raiva e desejo de revidar, se dirigiu ao filho de Drona, dizendo: 'Ó tigre entre homens, tu não tens afeição, tu não tens gratidão, já que tu desejas me matar hoje. Os deveres de um Brahmana são ascetismo e doação e

estudo. O arco deve ser curvado pelo Kshatriya somente. Parece, portanto, que tu és um Brahmana só no nome. Na tua própria vista, no entanto, ó tu de armas poderosas, eu irei derrotar os Kauravas em batalha. Faça o que tu podes em batalha. Eu te digo que tu és um patife entre os Brahmanas.' Assim endereçado, o filho de Drona, sorrindo, e refletindo sobre o que era adequado e verdadeiro, não deu resposta. Sem dizer nada, ele cobriu o filho de Pandu naquela batalha com uma chuva de setas como o próprio Destruidor em fúria quando empenhado em aniquilar criaturas. Assim coberto pelo filho de Drona, ó majestade, o filho de Pritha foi embora rapidamente daquele local, deixando aquela grande divisão dele. Depois que Yudhishthira, o filho de Dharma, tinha partido, o filho de grande alma de Drona também, ó rei, deixou aquele local. Então Yudhishthira, ó rei, evitando o filho de Drona naquela grande batalha procedeu contra teu exército, resolvido a realizar a tarefa cruel de matar.'"

56

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso o próprio Vikartana, resistindo a Bhimasena apoiado pelos Pancalas e os Cedis e os Kaikayas, cobriu-o com muitas flechas. Na própria vista de Bhimasena, Karna matou naquela batalha muitos poderosos guerreiros em carros entre os Cedis, os Karushas, e os Srinjayas. Então Bhimasena, evitando Karna, aquele melhor dos guerreiros em carros, procedeu contra as tropas Kaurava como um fogo ardente em direção a uma pilha de grama seca. O filho de Suta também naquela batalha começou a matar os arqueiros poderosos entre os Pancalas, os Kaikayas, e os Srinjayas, aos milhares. De fato, os três poderosos guerreiros em carros, a saber, Partha e Vrikodara e Karna, começaram a exterminar os Samsaptakas, os Kauravas, e os Pancalas respectivamente. Por causa da tua má política, ó rei, todos esses Kshatriyas, chamuscados com flechas excelentes por aqueles três guerreiros formidáveis, começaram a ser exterminados naquela batalha. Então Duryodhana, ó chefe dos Bharatas, cheio de raiva, perfurou Nakula e seus quatro corcéis com nove flechas. De alma incomensurável, teu filho em seguida, ó soberano de homens, cortou o estandarte dourado de Sahadeva com uma flecha de face de navalha. Cheio de ira, Nakula então, ó rei, atingiu teu filho com setenta e três flechas naquela batalha, e Sahadeva o atingiu com cinco. Cada um daqueles principais guerreiros da linhagem de Bharata e principais de todos os arqueiros foi atingido por Duryodhana enfurecido com cinco flechas. Com um par de setas de cabeça larga, então, ele cortou os arcos de ambos aqueles guerreiros; e então ele perfurou repentinamente cada um dos gêmeos com setenta e três setas. Pegando então dois outros belos e principais dos arcos cada um dos quais parecia o arco do próprio de Indra, aqueles dois heróis pareciam belos como um par de jovens celestes naquela batalha. Então aqueles dois irmãos, ambos dotados de grande energia em batalha, despejaram sobre seu primo, ó rei, chuvas contínuas de flechas terríveis, como duas massas de nuvens despejando chuva sobre um leito de montanha. Nisso teu filho, aquele grande guerreiro em carro, ó rei, cheio de raiva, resistiu àqueles dois grandes arqueiros, isto é, os filhos gêmeos de Pandu,

com chuvas de flechas aladas. O arco de Duryodhana naquela batalha, ó Bharata, parecia estar continuamente puxado a um círculo, e flechas pareciam sair dele incessantemente por todos os lados. Cobertos pelas flechas de Duryodhana os dois filhos de Pandu pararam de resplandecer brilhantemente, como o Sol e a Lua no firmamento, privados de esplendor, quando encobertos por massas de nuvens. De fato, aquelas flechas, ó rei, equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra, cobriram todos os pontos do horizonte como os raios do Sol, quando o céu estava assim encoberto e tudo o que era visto era uma extensão uniforme do próprio Destruidor, no fim do Yuga. Contemplando por outro lado, a destreza do teu filho, todos os grandes guerreiros em carros consideraram os filhos gêmeos de Madri como estando na presença da Morte. O comandante então, ó rei, do exército Pandava, isto é, o poderoso guerreiro em carro Parshata (Filho de Prishata) procedeu para aquele local onde Duryodhana estava. Ultrapassando aqueles dois grandes guerreiros em carros, os dois bravos filhos de Madri, Dhrishtadyumna começou a resistir ao teu filho com suas flechas. De alma incomensurável, aquele touro entre homens, teu filho, cheio de desejo de revidar, e sorrindo naquele momento, perfurou o príncipe de Pancala com vinte e cinco flechas. De alma incomensurável e cheio de desejo de retaliar, teu filho uma vez mais perfurou o príncipe de Pancala com sessenta flechas e outra vez com cinco, e proferiu um rugido alto. Então o rei, com uma flecha afiada de face de navalha, cortou, naquela batalha, ó senhor, o arco com flecha fixada nele e a proteção de couro de seu antagonista. Jogando fora aquele arco quebrado, o príncipe de Pancala, aquele subjugador de inimigos, pegou rapidamente outro arco que era novo e capaz de aguentar uma grande tensão. Ardente com impetuosidade, e com olhos vermelhos como sangue de raiva, o formidável arqueiro Dhrishtadyumna, com muitos ferimentos em seu corpo parecia resplandecente em seu carro. Desejoso de matar Duryodhana, ó chefe dos Bharatas, o herói Pancala disparou quinze flechas do comprimento de uma jarda que pareciam cobras silvando. Aquelas flechas, afiadas em pedra e equipadas com penas de Kankas e pavões, atravessando a armadura enfeitada com ouro do rei passaram por seu corpo e entraram na terra por causa da força com a qual elas tinham sido disparadas. Profundamente perfurado, ó monarca, teu filho parecia extremamente belo como uma gigantesca Kinsuka na estação da primavera com seu peso florido. Sua armadura perfurada por aquelas flechas, e todos os seus membros tornados extremamente fracos com ferimentos, ele ficou cheio de raiva e cortou o arco Dhrishtadyumna com uma flecha de cabeça larga. Tendo cortado o arco de seu atacante o rei então, ó monarca, com grande velocidade, o atingiu com dez flechas na testa entre as duas sobrancelhas. Aquelas flechas, polidas pelas mãos do ferreiro, enfeitaram o rosto de Dhrishtadyumna como diversas abelhas, desejosas de mel, adornando um lótus totalmente desabrochado. Jogando de lado aquele arco quebrado, Dhrishtadyumna de grande alma rapidamente pegou outro, e com ele, disparou dezesseis flechas de cabeça larga. Com cinco ele matou os quatro corcéis e o motorista de Duryodhana, e ele cortou com outra seu arco decorado com ouro. Com as dez flechas restantes, o filho de Prishata cortou o carro com o upashkara, o guarda-sol, o dardo, a espada, a maça, e o estandarte do teu filho. De fato, todos os reis viram o belo estandarte do rei Kuru, decorado com Angadas dourados e portando o emblema de um elefante trabalhado em

jóias, cortado pelo príncipe dos Pancalas. Então os irmãos uterinos de Duryodhana, ó touro da raça Bharata, resgataram Duryodhana que estava sem carro e que teve todas as suas armas, além disso, cortadas naquela batalha. Na própria vista de Dhrishtadyumna, Durdhara, ó monarca, fazendo aquele soberano de homens subir em seu carro levou-o rapidamente para longe da batalha.'"

"Enquanto isso o poderoso Karna, tendo derrotado Satyaki e desejoso de resgatar o rei (Kuru), procedeu diretamente contra a frente do matador de Drona, aquele guerreiro de flechas ardentes. O neto de Sini, no entanto, perseguiu-o rapidamente de trás, atingindo-o com suas flechas, como um elefante perseguindo um rival e o atingindo nos membros traseiros com suas presas. Então, ó Bharata, se tornou violenta a batalha que foi travada entre os guerreiros de grande alma dos dois exércitos, no espaço que se estendia entre Karna e o filho de Prishata. Nem um único combatente dos Pandavas ou nosso desviou seu rosto da batalha. Então Karna procedeu contra os Pancalas com grande velocidade. Naquela hora quando o Sol tinha ascendido o meridiano, uma grande matança, ó melhor dos homens, de elefantes e corcéis e homens, ocorreu em ambos os lados. Os Pancalas, ó rei, inspirados com o desejo de vitória, todos avançaram com velocidade contra Karna como aves em direção a uma árvore. O filho de Adhiratha, de grande energia, cheio de raiva, começou da frente deles a atingir aqueles Pancalas, com as pontas afiadas de suas flechas, escolhendo seus líderes, isto é, Vyaghraketu e Susharma e Citra e Ugrayudha e Jaya e Sukla e Rochamana e o invencível Singhasena. Aqueles heróis, avançando rapidamente com seus carros, cercaram aquele principal dos homens, e despejaram suas flechas sobre aquele guerreiro enfurecido, Karna, aquele ornamento de batalha. Aquele principal dos homens dotado de grande heroísmo, o filho de Radha, afligiu aqueles oito heróis engajados em batalha com oito flechas afiadas. O filho de Suta possuidor de grande destreza, ó rei, então matou muitos milhares de outros guerreiros hábeis em luta. Cheio de raiva, o filho de Radha então matou Jishnu, e Jishnukarman, e Devapi, ó rei, naquela batalha, e Citra, e Citrayudha, e Hari, e Singhaketu e Rochamana e o grande guerreiro em carro Salabha, e muitos guerreiros em carros entre os Cedis banharam a forma do filho de Adhiratha em sangue, enquanto ele mesmo estava empenhado em tirar as vidas daqueles heróis. Lá, ó Bharata, elefantes, atacados com flechas por Karna, fugiam para todos os lados apavorados e causavam uma grande agitação no campo de batalha. Outros atacados pelas flechas de Karna proferiam diversos gritos, e caíam como montanhas partidas pelo raio. Com os corpos caídos de elefantes e cavalos e homens e com carros lançados por terra, o solo ficou coberto ao longo do caminho do carro de Karna. De fato, nem Bhishma, nem Drona, nem qualquer outro guerreiro do teu exército tinha alguma vez realizado tais façanhas como as que foram então realizadas por Karna naquela batalha. Entre elefantes, entre corcéis, entre carros e entre homens, o filho de Suta causou uma carnificina muito grande, ó tigre entre homens. Como um leão é visto correr destemidamente entre um bando de veados, assim mesmo Karna se movia destemidamente entre os Pancalas. Como um leão desbarata um bando de veados apavorados para todos os pontos do horizonte, assim mesmo Karna desbaratou aquelas multidões de carros Pancala para todos os lados. Como um bando de veados que se aproximou

das mandíbulas de um leão nunca pode escapar com vida, assim mesmo aqueles grandes guerreiros em carros que se aproximaram de Karna não podiam escapar com suas vidas. Como pessoas são indubitavelmente queimadas se elas entram em contato com um fogo ardente, assim mesmo os Srinjayas, ó Bharata, foram queimados pelo fogo Karna quando eles entraram em contato com ele. Muitos guerreiros entre os Cedis e os Pancalas, ó Bharata, que eram considerados como heróis, foram mortos por Karna sozinho naquela batalha, que lutou com eles proclamando seu nome, em todo caso. Contemplando a destreza de Karna, ó rei, eu pensei que nem mesmo um único Pancala, naquela batalha, escaparia do filho de Adhiratha. De fato, o filho de Suta naquela batalha derrotou repetidamente os Pancalas.'"

"Vendo Karna massacrando os Pancalas dessa maneira naquela batalha terrível, o rei Yudhishthira o justo avançou furioso em direção a ele; Dhrishtadyumna e os filhos de Draupadi também, ó senhor, e centenas de guerreiros, cercaram aquele matador de inimigos, o filho de Radha. E Shikhandi, e Sahadeva, e Nakula, e o filho de Nakula, e Janamejaya, e o neto de Sini, e inúmeros Prabhadrakas, todos dotados de energia incomensurável, avançando com Dhrishtadyumna em sua dianteira, pareciam magníficos quando eles atacaram Karna com flechas e diversas armas. Como Garuda caindo sobre um grande número de cobras, o filho de Adhiratha, sozinho, lançou-se sobre todos aqueles Cedis e Pancalas e Pandavas naquele combate. A batalha que teve lugar entre eles e Karna, ó monarca, tornou-se extremamente feroz como aquela que ocorreu nos tempos antigos entre os deuses e os Danavas. Como o Sol dissipando a escuridão circundante, Karna intrepidamente e sozinho enfrentou todos aqueles grandes arqueiros juntos e despejando sobre ele repetidas chuvas de setas. Enquanto o filho de Radha estava assim envolvido em combate com os Pandavas, Bhimasena, cheio de raiva, começou a massacrar os Kurus com flechas, cada uma das quais parecia a vara de Yama. Aquele arqueiro formidável, lutando sem ajuda com os Bahlikas, e os Kaikayas, os Matsyas, os Vasatas, os Madras, e Saindhavas, parecia muito resplandecente. Lá, elefantes, atacados em seus membros vitais por Bhima com suas flechas do comprimento de uma jarda caíam, com seus condutores mortos, fazendo a terra tremer com a violência de sua queda. Corcéis também, com seus cavaleiros mortos, e soldados de infantaria privados de vida, jaziam, perfurados por flechas e vomitando sangue em grandes quantidades. Guerreiros em carros caíam aos milhares, suas armas soltas de suas mãos. Inspirados com medo de Bhima, eles jaziam privados de vida, seus corpos mutilados com ferimentos. A terra ficou coberta com guerreiros em carros e cavaleiros e homens em elefantes e motoristas e soldados de infantaria e corcéis e elefantes todos mutilados pelas flechas de Bhimasena. O exército de Duryodhana, ó rei, desanimado e mutilado e afligido com medo de Bhimasena, permaneceu como se entorpecido. De fato aquela hoste triste ficou imóvel naquela batalha terrível como o Oceano, ó rei, durante uma calmaria no outono. Estupefata, aquela hoste ficou assim como o Oceano em calmaria. Embora dotado de ira e energia e poder, o exército de teu filho então, privado de seu orgulho, perdeu todo seu esplendor. De fato, aquela hoste, enquanto estava sendo assim massacrada ficou encharcada com sangue coagulado e parecia se banhar em

sangue. Os combatentes, ó chefe dos Bharatas, encharcados com sangue, eram vistos de aproximar e matar uns aos outros. O filho de Suta, cheio de raiva, derrotou a divisão Pandava, enquanto Bhimasena enfurecido derrotou os Kurus. E ambos deles, enquanto assim empenhados, pareciam muito resplandecentes. Durante a continuação daquela batalha feroz enchendo os espectadores de admiração, Arjuna, aquela principal de várias pessoas, tendo matado um grande número de Samsaptakas no meio de sua formação de combate, dirigiu-se a Vasudeva, dizendo, 'Esse exército de Samsaptakas lutando, ó Janardana, está dividido. Aqueles grandes guerreiros em carros entre os Samsaptakas estão fugindo com seus seguidores, incapazes de suportar minhas flechas, como veados incapazes de suportar o rugido do leão. O vasto exército dos Srinjayas também parece se dividir nesta grande batalha. Lá aquele estandarte do inteligente Karna, portando o emblema do laço do elefante, ó Krishna, é visto no meio da divisão de Yudhishthira, onde ele está se movendo rapidamente com energia. Os outros grandes guerreiros em carros (do nosso exército) são incapazes de derrotar Karna. Tu sabes que Karna é possuidor de grande energia em relação a destreza em batalha. Proceda para lá onde Karna está derrotando nosso exército. Evitando (outros guerreiros) em batalha, proceda contra o filho de Suta, aquele poderoso guerreiro em carro. Isso é o que eu desejo, ó Krishna. Faça, no entanto, aquilo que tu quiseres.' Ouvindo essas palavras dele, Govinda sorrindo e se dirigindo a Arjuna, disse, 'Mate os Kauravas, ó filho de Pandu, sem demora.' Então aqueles corcéis, brancos como cisnes, incitados por Govinda, e levando Krishna e o filho de Pandu penetraram no teu vasto exército. De fato, tua hoste se dividiu para todos os lados quando aqueles corcéis brancos em arreios de ouro, incitados por Keshava, penetraram em seu meio. Aquele carro de estandarte de macaco, o estrépito de cujas rodas parecia o ribombo profundo das nuvens e cujas bandeiras ondulavam no ar, penetrou na hoste como um carro celeste passando pelo céu. Keshava e Arjuna, cheios de raiva, e com olhos vermelhos como sangue, quando eles penetraram, atravessando tua hoste vasta, pareciam muito resplandecentes em seu esplendor. Ambos se deleitando em batalha, quando aqueles dois heróis, desafiados pelos Kurus, chegaram ao campo, eles pareciam com os gêmeos Ashvinis invocados com ritos apropriados em um sacrifício pelos sacerdotes oficiantes. Cheios de raiva, a impetuosidade daqueles dois tigres entre homens aumentou como aquela de dois elefantes em uma grande floresta, enfurecidos pelas palmas de caçadores. Tendo penetrado no meio daquele exército de carros e daqueles grupos de cavalaria, Phalguna se movia rapidamente dentro daquelas divisões como o próprio Destruidor, armado com o laço fatal. Vendo-o aplicar tal bravura dentro de seu exército, teu filho, ó Bharata, instigou novamente os Samsaptakas contra ele. Nisso, com 1.000 carros, e 300 elefantes, e 14.000 cavalos, e 20.000 de soldados de infantaria armados com o arco, dotados de grande coragem, de pontaria certeira e conhecedores de todos os modos de batalha, os líderes dos Samsaptakas avançaram (de todos os lados) em direção ao filho de Kunti (na grande batalha) cobrindo o Pandava, ó monarca, com chuvas flechas de todos os lados. Assim coberto com flechas naquela batalha, Partha, aquele opressor de forças hostis, mostrou-se em uma forma feroz como o próprio Destruidor, armado com o laço. Enquanto empenhado em massacrar os Samsaptakas, Partha tornou-se um objeto digno de visão para

todos. Então o céu ficou cheio com as flechas enfeitadas com ouro e possuidoras da refulgência do relâmpago que eram disparadas incessantemente pelo ornado com diadema Arjuna. De fato, tudo completamente coberto com flechas poderosas disparadas dos braços de Arjuna e caindo sem parar por toda parte, parecia resplandecente, ó senhor, como se coberto com cobras. O filho de Pandu, de alma incomensurável, atirava para todos os lados suas flechas retas equipadas com asas de ouro e providas de pontas afiadas. Por causa do som das palmas de Partha, as pessoas pensaram que a Terra, ou a abóbada celeste, ou todos os pontos do horizonte, ou os vários oceanos, ou as montanhas pareciam se partir. Tendo matado 10.000 Kshatriyas, o filho de Kunti, aquele poderoso guerreiro em carro, então procedeu rapidamente para a ala adicional dos Samsaptakas. Dirigindo-se para aquela ala adicional que era protegida pelos Kambojas, Partha começou a oprimi-la violentamente com suas flechas como Vasava oprimindo os Danavas. Com flechas de cabeça larga ele começou a cortar rapidamente os braços, com armas em punho, e também as cabeças de inimigos que desejavam matá-lo. Privados de diversos membros, e de armas, eles começaram a cair no chão, como árvores de muitos ramos quebradas por um furacão. Enquanto ele estava empenhado em massacrar dessa maneira elefantes e corcéis e guerreiros em carros e soldados de infantaria, o irmão mais novo de Sudakshina (o chefe dos Kambojas) começou a despejar chuvas de flechas nele. Com um par de flechas moldadas em forma de meia-lua, Arjuna cortou os dois braços, parecendo com maças com ferrões, de seu atacante notável, e então sua cabeça agraciada com um rosto tão belo quanto a lua cheia, com uma flecha de cabeça de navalha. Privado de vida, ele caiu de seu veículo, seu corpo banhado em sangue, como o topo de uma montanha de arsênico vermelho rachado pelo raio. De fato, as pessoas viram o alto e muito bonito irmão mais novo de Sudakshina, o chefe dos Kambojas, de olhos parecendo pétalas de lótus, morto e caindo como uma coluna de ouro ou como um topo dourado de Sumeru. Então começou novamente uma batalha lá que foi violenta e muito extraordinária. A condição dos combatentes lutando variava repetidamente. Cada um morto com uma única flecha, os combatentes das raças Kamboja, Yavana, e Saka caíam banhados em sangue, após o que o campo de batalha inteiro tornou-se uma expansão de vermelho, ó monarca. Por causa de guerreiros em carros privados de corcéis e motoristas, e corcéis privados de cavaleiros, e elefantes privados de condutores, e condutores privados de elefantes, lutando uns com os outros, ó rei, uma grande carnificina ocorreu. Quando a ala e a ala adicional dos Samsaptakas tinham sido exterminadas dessa maneira por Savyasaci, o filho de Drona procedeu rapidamente contra Arjuna, aquele principal dos guerreiros vitoriosos. De fato, o filho de Drona avançou, vibrando seu arco formidável, e levando com ele muitas flechas terríveis como o próprio Sol aparecendo com seus próprios raios. Com boca escancarada de raiva e com o desejo de retaliar, e com olhos vermelhos, o poderoso Ashvatthama parecia formidável como a própria morte, armada com sua maça e cheia de ira no fim do Yuga. Ele então disparou chuvas de flechas ardentes. Com aquelas flechas disparadas por ele, ele começou a desbaratar o exército Pandava. Logo que ele viu aquele da linhagem de Dasharha (Keshava) no carro, ó rei, ele uma vez mais disparou nele repetidas chuvas de flechas ardentes. Com aquelas flechas caindo, ó monarca, disparadas pelo filho de Drona,

ambos Krishna e Dhananjaya foram totalmente encobertos no carro. Então o valente Ashvatthama, com centenas de setas afiadas, entorpeceu ambos Madhava e o filho de Pandu naquela batalha. Vendo aqueles dois protetores de todas as criaturas móveis e imóveis assim cobertos com setas, o universo de seres móveis e imóveis proferiu gritos de 'Oh! ' e 'Ai!' Multidões de Siddhas e Charanas começaram a se dirigir para aquele local de todos os lados, mentalmente proferindo essa prece, a saber, 'Que haja bem para todos os mundos.' Nunca antes, ó rei, eu vi destreza como aquela do filho de Drona naquela batalha enquanto ele estava empenhado em cobrir os dois Krishnas com flechas. O som do arco de Ashvatthama, inspirando inimigos com terror, era repetidamente ouvido por nós naquela batalha, ó rei, parecendo aquele de um leão rugindo. Enquanto se movimentando rapidamente naquela batalha e atacando à direita e à esquerda a corda de seu arco parecia bela como lampejos de relâmpago no meio de uma massa de nuvens. Embora dotado de grande firmeza e agilidade de mãos o filho de Pandu, apesar de tudo isso, contemplando o filho de Drona então, ficou muito estupefato. De fato, Arjuna então considerou sua própria destreza como sendo destruída por seu atacante de grande alma. A forma de Ashvatthama tornou-se tal naquela batalha que homens podiam olhá-la com dificuldade. Durante a continuação daquela batalha terrível entre o filho de Drona e o Pandava, durante aquele momento quando o filho poderoso de Drona, ó monarca, prevaleceu dessa maneira sobre seu adversário, o filho de Kunti perdeu sua energia, e Krishna ficou cheio de raiva. Inspirado com fúria ele deu respirações profundas, ó rei, e pareceu queimar com seus olhos ambos Ashvatthama e Phalguna enquanto ele olhava para eles repetidamente. Cheio de ira, Krishna dirigiu-se a Partha em um tom afetuoso, dizendo, 'Ó Partha, isso que eu vejo em batalha com relação a ti é muito estranho, já que o filho de Drona, ó Partha, te supera hoje! Tu não tens agora a energia e o poder de tuas armas que tu tinhas antes? Tu não tens esse Gandiva ainda nas tuas mãos, e tu não estás no teu carro agora? Teus dois braços não estão perfeitos? Teu punho sofreu algum dano? Por que é então que eu vejo o filho de Drona prevalecer sobre ti em batalha? Ó Partha, não poupe teu atacante, considerando-o como o filho do teu preceptor, ó touro da raça Bharata. Esse não é o momento de tratá-lo com indulgência.' Assim endereçado por Krishna, Partha rapidamente pegou quatorze flechas de cabeça larga de uma vez, quando velocidade era da maior importância, e com elas ele cortou o arco de Ashvatthama e estandarte e guarda-sol e bandeiras e carros e dardo e maça. Com umas poucas flechas de dente de bezerro ele então atingiu profundamente o filho de Drona no ombro do último. Nisso dominado por um desmaio profundo, Ashvatthama se sentou, apoiando-se em seu mastro de bandeira. O motorista do último então, ó monarca, desejoso de protegê-lo de Dhananjaya, levou-o para longe inconsciente e assim profundamente atormentado pelo inimigo. Enquanto isso aquele opressor de inimigos, isto é, Vijaya, massacrou tuas tropas às centenas e milhares, na própria vista daquele herói, teu filho, ó senhor. Assim, ó rei, por consequência dos teus maus conselhos, uma destruição cruel e uma carnificina horrível começou quando teus guerreiros estavam envolvidos em combate com o inimigo. Dentro de pouco tempo Vibhatsu derrotou os Samsaptakas; Vrikodara, os Kurus, e Vasusena, os Pancalas. Durante a continuação daquela batalha destrutiva de grandes heróis, lá

se ergueram muitos troncos sem cabeça por toda parte. Enquanto isso Yudhishthira, ó chefe dos Bharatas, em grande dor devido a seus ferimentos, recuando cerca de duas milhas da batalha, descansou por algum tempo."

57

"Sanjaya disse, 'Então Duryodhana, ó chefe dos Bharatas, dirigindo-se a Karna, disse para ele como também para o soberano dos Madras e os outros senhores de terra lá presentes, essas palavras, 'Sem procurar essa ocasião chegou, quando os portões do céu estão escancarados. Felizes são aqueles Kshatriyas, ó Karna, que obtém tal batalha. Bravos heróis lutando em batalha com bravos Kshatriyas iguais a eles em força e destreza, obtêm grande bem, ó filho de Radha. A ocasião que chegou é exatamente essa. Ou que esses bravos Kshatriyas, matando os Pandavas em batalha, obtenham a terra ampla, ou que eles, mortos em batalha pelo inimigo, alcancem a região abençoada reservada para heróis.' Ouvindo essas palavras de Duryodhana, aqueles touros entre os Kshatriyas alegremente proferiram gritos altos e bateram e sopraram seus instrumentos musicais. Quando o exército de Duryodhana ficou assim cheio de alegria, o filho de Drona, alegrando todos os teus guerreiros em seguida disse, 'Na própria vista de todas as tropas, e diante dos olhos de vocês todos, meu pai depois que ele tinha posto de lado suas armas foi morto por Dhrishtadyumna. Por aquela ira a qual tal ação pode acender, e por causa também do meu amigo, ó reis, eu juro realmente diante de vocês todos. Escutem então esse meu juramento. Sem matar Dhrishtadyumna eu não tirarei minha armadura. Se esse meu voto não for cumprido, que eu não vá para o céu. Seja Arjuna, seja Bhimasena, ou seja alguém mais, quem quer que vir contra mim eu subjugarei ele ou todos eles. Não há dúvida nisto.' Depois que Ashvatthama tinha proferido essas palavras, o exército Bharata inteiro, unido, avançou contra os Pandavas, e os últimos também avançaram contra o primeiro. A colisão de bravos líderes de divisões de carros, ó Bharata, tornou-se extremamente horrível. Uma destruição de vida então começou na vanguarda dos Kurus e dos Srinjayas, que parecia a que ocorre na última grande dissolução universal. Após o começo daquele duelo, vários seres (superiores), com os deuses, foram lá acompanhados pelas Apsaras, para contemplar aqueles principais dos homens. Cheias de alegria, as Apsaras começaram a cobrir aqueles principais dos homens dedicados aos deveres de sua classe com guirlandas celestes, com diversas espécies de perfumes celestes, e com diversos tipos de pedras preciosas. Ventos suaves levavam aqueles odores excelentes às narinas de todos os guerreiros principais. Tendo cheirado aqueles perfumes por causa da ação do vento, os guerreiros se engajaram novamente na batalha, e atacando uns aos outros começaram a cair no chão. Coberta com flores celestes, com flechas belas providas de asas de ouro, e com muitos dos guerreiros principais, a terra parecia bela como o firmamento coberto com miríades de estrelas. Então por causa dos gritos de aplausos vindos do céu e do barulho de instrumentos musicais, o duelo violento distinguido pela vibração de arcos e o estrépito de rodas de carro e gritos de guerreiros tornou-se extremamente violento.'"

58

"Sanjaya disse, 'Assim foi travada aquela grande batalha entre aqueles senhores de terra quando Arjuna e Karna e Bhimasena, o filho de Pandu ficaram enfurecidos. Tendo derrotado o filho de Drona, e outros grandes guerreiros em carros, Arjuna, ó rei, se dirigindo a Vasudeva, disse, 'Veja, ó Krishna de braços poderosos, o exército Pandava está fugindo. Veja, Karna está matando nossos grandes guerreiros em carros nessa batalha. Ó tu da linhagem de Dasaratha, eu não vejo o rei Yudhishthira o justo. Nem a bandeira do filho de Dharma, o mais importante dos guerreiros, é visível. Ainda resta a terça parte do dia, Janardana. Ninguém entre os Dhartarashtras vem contra mim para lutar. Para fazer, portanto, o que é agradável para mim, proceda ao local onde Yudhishthira está. Vendo o filho de Dharma são e salvo com seus irmãos mais novos em batalha, eu lutarei novamente com o inimigo, ó tu da tribo de Vrishni.' A essas palavras de Vibhatsu, Hari (Krishna) rapidamente procedeu naquele carro para aquele local onde o rei Yudhishthira, junto com os poderosos guerreiros em carros Srinjaya de grande força, estava lutando com o inimigo, fazendo da morte sua meta. Durante a continuação daquela grande carnificina, Govinda, observando o campo de batalha, se dirigiu a Savyasaci, dizendo, 'Veja, ó Partha, como é grande e horrível essa carnificina, ó Bharata, de Kshatriyas na Terra por causa de Duryodhana. Veja, ó Bharata, os arcos de dorso de ouro de guerreiros mortos, como também suas aljavas caras deslocadas de seus ombros. Veja aquelas flechas retas equipadas com asas de ouro, e flechas do comprimento de uma jarda lavadas com óleo e parecendo com cobras livres de suas peles. Veja, ó Bharata, aquelas cimitarras, decoradas com ouro, e tendo cabos de marfim, e aqueles escudos deslocados ornados com relevos de ouro. Veja aquelas lanças enfeitadas com ouro, aqueles dardos tendo ornamentos dourados, e aquelas maças enormes enroladas com ouro. Veja aquelas espadas adornadas com ouro, aqueles machados com ornamentos dourados, e as cabeças daqueles machados de batalha caídas de seus cabos dourados. Veja aquele Kuntas de ferro, aquelas clavas curtas muito pesadas, aqueles belos foguetes, aquelas clavas enormes com cabeças com ferrões, aqueles discos deslocados dos braços de seus manejadores, e aquelas lanças (que tem sido usadas) nessa batalha terrível. Dotados (enquanto vivendo) de grande energia, guerreiros que vieram para a batalha, tendo pegado diversas armas, estão jazendo, embora privados de vida, como se ainda vivos. Veja milhares de guerreiros jazendo no campo, com membros esmagados por meio de maças, ou cabeças quebradas por meio de clavas pesadas, ou dilacerados e mutilados por elefantes e cavalos e carros. O campo de batalha está coberto com flechas e dardos e espadas e machados e cimitarras e maças com ferrões e lanças e Kuntas de ferro e machados de batalha, e os corpos de homens e corcéis e elefantes, cortados com muitos ferimentos e cobertos com correntes de sangue e carentes de vida, ó matador de inimigos. A terra parece bela, ó Bharata, com braços cobertos com sândalo, enfeitados com Angadas de ouro e com Keyuras, e tendo suas extremidades envolvidas em proteções de couro. Com mãos

equipadas com proteções de couro, com ornamentos deslocados, com coxas cortadas parecendo com trombas de elefantes de muitos guerreiros ativos, com cabeças lançadas por terra, enfeitadas com pedras preciosas e brincos valiosos, de heróis tendo olhos grandes expansivos, a terra parece muito bela. Com troncos sem cabeça completamente cobertos com sangue, com membros e cabeças e quadris cortados, a terra parece, ó melhor dos Bharatas, com um altar coberto com fogos extinguidos. Veja aqueles carros belos com fileiras de sinos dourados, quebrados de diversas maneiras, e aqueles cavalos mortos jazendo espalhados no campo, com flechas ainda fincadas em seus corpos. Veja aqueles fundos de carros, aquelas aljavas, aqueles estandartes, aqueles diversos tipos de bandeiras, aquelas conchas gigantescas de guerreiros em carros, brancas em cor e espalhadas por todo o campo. Veja aqueles elefantes, enormes como colinas, jazendo no chão, com línguas para fora, e aqueles outros elefantes e corcéis, privados de vida e enfeitados com estandartes triunfais. Veja aquelas mantas de elefantes, e aquelas peles e cobertores, e aqueles outros cobertores belos e matizados e rasgados. Veja aquelas fileiras de sinos rasgadas e quebradas de diversas maneiras por elefantes caindo de tamanho gigantesco, e aqueles belos aguilhões engastados com pedras de lápis lazúli, e aqueles ganchos caindo sobre o solo. Veja aqueles chicotes, adornados com ouro, e matizados com pedras preciosas, ainda nas mãos de cavaleiros (mortos), e aqueles cobertores e peles de veado Ranku caindo no chão, mas que tinham servido como assentos em costas de cavalos. Contemple aquelas pedras preciosas para adornar os diademas de reis, e aqueles belos colares de ouro, e aqueles guarda-sóis deslocados e rabos de iaque para abanar. Contemple a terra, lodosa com sangue, coberta com os rostos de heróis, enfeitados com brincos belos e barbas bem cortadas e possuidores do esplendor da lua e estrelas. Veja aqueles guerreiros feridos em quem a vida ainda não está extinta e que, jazendo por toda parte, estão proferindo lamentos de dor. Seus parentes, ó príncipe, jogando de lado suas armas estão cuidando deles, chorando incessantemente. Tendo coberto muitos guerreiros com flechas e privado eles de vida, veja aqueles combatentes, dotados de energia ansiando pela vitória, e cheios de raiva, estão mais uma vez procedendo para lutar contra seus antagonistas. Outros estão correndo para lá e para cá sobre o campo. Sendo rogados por água por heróis caídos, outros parentes deles partiram em busca de bebida. Muitos, ó Arjuna, estão dando seu último suspiro enquanto isso. Voltando, seus parentes corajosos, os vendo ficarem inconscientes estão jogando no chão a água que eles trouxeram e estão correndo de modo selvagem, gritando uns para os outros. Veja, muitos morrem depois de terem matado sua sede, e muitos, ó Bharata, estão morrendo enquanto bebem. Outros, embora afetuosos para parentes, ainda são vistos avançar em direção a inimigos em grande batalha abandonando seus parentes queridos. Outros, além disso, ó melhor dos homens, mordendo seus lábios inferiores, e com rostos tornados terríveis por causa da contração de suas frontes, estão examinando o campo em volta.' Enquanto dizendo essas palavras para Arjuna, Vasudeva procedeu em direção a Yudhishthira. Arjuna também, vendo o rei naquela grande batalha, repetidamente incitou Govinda, dizendo, 'Proceda, Proceda.' Tendo mostrado o campo de batalha para Partha, Madhava, enquanto procedendo rapidamente, lentamente disse para Partha mais uma vez, 'Veja aqueles reis

avançando em direção ao rei Yudhishthira. Veja Karna, que parece um fogo ardente, na arena da batalha. Lá o poderoso arqueiro Bhima está procedendo para a batalha. Eles que são os principais entre os Pancalas, os Srinjayas, e os Pandavas, eles, isto é, que tem Dhrishtadyumna como seu líder estão seguindo Bhima. O vasto exército do inimigo está novamente rompido pelos Parthas que avançam. Veja, ó Arjuna, Karna está tentando reagrupar os Kauravas que fogem. Parecendo o próprio Destruidor em impetuosidade e o próprio Indra em destreza, lá procede o filho de Drona, ó tu da família de Kuru, aquele herói que é o principal de todos os manejadores de armas. O poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna está avançando contra aquele herói. Os Srinjayas estão seguindo a liderança de Dhristadyumna. Veja, os Srinjayas estão caindo.' Dessa maneira o invencível Vasudeva descreveu tudo para o enfeitado com diadema Arjuna. Então, ó rei, começou uma batalha tremenda e terrível. Gritos leoninos altos se ergueram quando as duas hostes enfrentaram uma à outra, ó monarca, fazendo da morte sua meta. Assim mesmo, ó rei, por causa dos teus maus conselhos, aquela destruição começou sobre a Terra, ó senhor da Terra, de ambos: teus guerreiros e aqueles do inimigo.'"

59

"Sanjaya disse, 'Então os Kurus e os Srinjayas mais uma vez enfrentaram uns aos outros destemidamente em batalha, os Parthas sendo encabeçados por Yudhishthira, e nós encabeçados pelo filho de Suta. Então começou uma batalha terrível, de arrepiar os cabelos, entre Karna e os Pandavas, que aumentou a população do reino de Yama. Depois que aquela batalha furiosa, produzindo rios de sangue, tinha começado, e quando só um resto dos bravos Samsaptakas, ó Bharata, foi deixado vivo, Dhrishtadyumna, ó monarca, com todos os reis (do lado Pandava) e aqueles poderosos guerreiros em carros, os próprios Pandavas, todos avançaram contra Karna somente. Como a montanha recebendo uma vasta massa de água, Karna, sem ajuda de ninguém, recebeu naquela batalha todos aqueles guerreiros que avançavam cheios de alegria e ansiando por vitória. Aqueles poderosos guerreiros em carros, enfrentando Karna, foram repelidos e divididos como uma massa de água batida de volta para todos os lados quando ela encontra uma montanha. A batalha, no entanto, que ocorreu entre eles e Karna foi de arrepiar os cabelos. Então Dhrishtadyumna atacou o filho de Radha com uma flecha reta naquela batalha, e dirigindo-se a ele disse, 'Espere, Espere.' O poderoso guerreiro em carro Karna, cheio de raiva, vibrou o principal dos seus arcos chamado Vijaya, e cortando o arco de Dhrishtadyumna, como também suas flechas parecendo cobras de veneno virulento atacou o próprio Dhrishtadyumna com nove flechas. Aquelas flechas, ó impecável, atravessando a armadura ornada com ouro do filho de grande alma de Prishata, ficaram banhadas em sangue e pareciam belas como cochonilhas. O poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, jogando de lado aquele arco quebrado, pegou outro arco e diversas flechas parecendo cobras de veneno virulento. Com aquelas flechas retas numerando setenta, ele perfurou Karna. Similarmente, ó rei, Karna, naquela batalha, cobriu o filho de Prishata, aquele opressor de inimigos, com muitas

flechas parecendo cobras de veneno virulento. O matador de Drona, aquele arqueiro formidável, revidou por perfurar Karna com muitas flechas afiadas. Cheio de raiva, Karna então, ó monarca, disparou em seu antagonista uma flecha decorada com ouro que parecia uma segunda vara da morte. Aquela flecha terrível, ó monarca, enquanto ela corria impetuosamente em direção ao filho de Prishata, o neto de Sini, ó rei, cortou em sete fragmentos, mostrando grande agilidade de mão. Vendo sua flecha frustrada pelas flechas de Satyaki, ó rei, Karna resistiu a Satyaki com chuvas de setas de todos os lados. E ele perfurou Satyaki naquele combate com sete flechas do comprimento de uma jarda. O neto de Sini, no entanto, o perfurou em retorno com muitas flechas enfeitadas com ouro. A batalha que então ocorreu, ó rei, entre aqueles dois guerreiros foi de tal maneira quanto a encher espectadores e ouvintes com medo. Embora terrível, ela logo se tornou bela e digna de ser vista. Contemplando as façanhas, naquele combate, de Karna e do neto de Sini, o cabelo de todas as criaturas lá presentes pareceu se arrepiar. Enquanto isso o filho poderoso de Drona avançou contra o filho de Prishata, aquele castigador de inimigos e subjugador da bravura de todos os inimigos. Cheio de raiva, o filho de Drona, aquele subjugador de cidades hostis, se dirigindo a Dhrishtadyumna, disse, 'Espere, espere, ó matador de um Brahmana, tu não escaparás de mim hoje com vida.' Tendo dito essas palavras, aquele poderoso guerreiro em carro de grande agilidade de mão se esforçando resolutamente perfurou profundamente o bravo filho de Prishata, que também se esforçava com toda sua destreza, com muitas flechas afiadas e terríveis dotadas de grande impetuosidade. Como Drona (quando vivo), vendo o filho de Prishata, ó senhor, tinha ficado desanimado e o considerado como sua morte, assim mesmo o filho de Prishata, aquele matador de heróis hostis, vendo o filho de Drona naquela batalha, agora o considerou como sua morte. Logo, no entanto, se lembrando de que ele não podia ser morto em combate por meio de armas, ele avançou com grande velocidade contra o filho de Drona, como o Destruidor correndo contra o Destruidor no tempo da dissolução universal. O heróico filho de Drona, no entanto, ó monarca, vendo Dhrishtadyumna posicionado diante dele, respirou profundamente, furioso, e avançou em direção a ele. Ambos deles estavam cheios de grande raiva à visão um do outro. Dotado de grande energia, o valente filho de Drona então, ó monarca, disse essas palavras para Dhrishtadyumna que não estava longe dele, 'Ó desgraçado entre os Pancalas, eu hoje te despacharei para Yama. O pecado que tu cometeste antes por matar Drona te encherá hoje de arrependimento, para teu grande mal, se tu permaneceres em batalha sem ser protegido por Partha, ou se tu não fugires, ó tolo, eu te digo realmente.' Assim endereçado, o valente Dhrishtadyumna respondeu, dizendo, 'Essa mesma espada minha a qual respondeu ao teu pai, resolutamente engajado em batalha, irá hoje responder estas tuas palavras. Se Drona pode ser morto por mim, ó tu que és um Brahmana em nome somente, por que eu não deveria então, aplicando minha destreza, matar a ti também em batalha hoje?' Tendo dito essas palavras, o colérico comandante do exército Pandava, o filho de Prishata, perfurou o filho de Drona com uma flecha afiada. Então o filho de Drona cheio de grande raiva, encobriu todos os lados de Dhrishtadyumna, ó rei, naquela batalha, com flechas retas. Cobertos por milhares de setas, nem o céu, nem os pontos do horizonte, nem os combatentes em volta,

podiam, ó monarca, ser vistos mais. Similarmente, o filho de Prishata, ó rei, encobriu o filho de Drona, aquele ornamento de batalha, com setas, na própria vista de Karna. O filho de Radha, também, ó monarca, resistiu sozinho aos Pancalas e aos Pandavas e aos (cinco) filhos de Draupadi e Yudhamanyu e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, por consequência de qual façanha ele se tornou o centro de atração de todos os olhares. Então Dhrishtadyumna naquela batalha cortou o arco muito resistente e formidável do filho de Drona, como também todas as suas flechas parecendo cobras de veneno virulento. O filho de Drona, no entanto, com suas flechas destruiu num piscar de olhos o arco, o dardo, a maça, o estandarte, os corcéis, o motorista, e o carro do filho de Prishata. Sem arco e sem carro e sem cavalos e sem motorista, o filho de Prishata então pegou uma cimitarra enorme e um escudo brilhante decorado com cem luas. Dotado de grande agilidade de mão, e possuidor de armas poderosas, aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho heróico de Drona, ó rei, cortou rapidamente, naquela batalha, com muitas flechas de cabeça larga, aquelas armas também de Dhrishtadyumna antes que o último pudesse descer de seu carro. Tudo isso pareceu muito extraordinário. O poderoso guerreiro em carro Ashvatthama, no entanto, embora lutando vigorosamente, não pode, ó chefe dos Bharatas, matar Dhrishtadyumna que estava sem carro e sem cavalos e sem arco, embora perfurado e extremamente mutilado por muitas flechas. Quando, portanto, ó rei, o filho de Drona descobriu que ele não podia matar seu inimigo com flechas, ele pôs de lado seu arco e procedeu rapidamente em direção ao filho de Prishata. A impetuosidade daquele de grande alma, quando ele avançou em direção a seu inimigo, parecia aquela de Garuda mergulhando para capturar uma cobra grande. Enquanto isso Madhava, dirigindo-se a Arjuna, disse, 'Veja, ó Partha, como o filho de Drona está avançando com grande velocidade em direção ao carro do filho de Prishata. Sem dúvida, ele matará o príncipe. Ó poderosamente armado, ó opressor de inimigos, salve o filho de Prishata, que está agora dentro das mandíbulas do filho de Drona como se dentro das mandíbulas da própria Morte.' Tendo dito essas palavras, o valente Vasudeva incitou os corcéis em direção àquele local onde o filho de Drona estava. Aqueles corcéis, do esplendor da lua, incitados por Keshava, procederam em direção ao carro do filho de Drona, devorando os próprios céus. Vendo aqueles dois de grande energia, isto é, Krishna e Dhananjaya, indo em direção a ele, o poderoso Ashvatthama fez grandes esforços para matar Dhrishtadyumna logo. Vendo Dhrishtadyumna arrastado, ó soberano de homens, por seu inimigo, o poderoso Partha disparou muitas flechas no filho de Drona. Aquelas flechas, decoradas com ouro e disparadas do Gandiva, se aproximaram do filho de Drona e o perfuraram profundamente como cobras entrando em um formigueiro. Assim perfurado por aquelas flechas terríveis, o filho valente de Drona, ó rei, abandonou o príncipe Pancala de energia incomensurável. De fato, aquele herói, afligido dessa maneira pelas flechas de Dhananjaya, subiu em seu carro, e pegando seu próprio arco excelente, começou a perfurar Partha com muitas flechas. Enquanto isso, o heróico Sahadeva, ó soberano de homens, levou para longe em seu carro o filho de Prishata, aquele opressor de inimigos. Arjuna então, ó rei, perfurou o filho de Drona com muitas flechas. Cheio de raiva, o filho de Drona atingiu Arjuna nos braços e no peito. Assim provocado, Partha, naquela batalha, disparou no filho de

Drona uma flecha comprida que parecia uma segunda vara da Morte, ou melhor, a própria Morte. Aquela flecha de grande esplendor caiu sobre o ombro do herói Brahmana. Muito agitado, ó monarca, naquela batalha, pela violência do golpe, ele sentou-se no terraço de seu carro e desmaiou. Então Karna, ó monarca, vibrou seu arco Vijaya e, cheio de raiva, olhou repetidamente para Arjuna naquela batalha, desejando um duelo com ele. Enquanto isso o motorista do filho de Drona, vendo o último inconsciente, levou-o rapidamente em seu carro para longe do campo de batalha. Vendo o filho de Prishata resgatado e o filho de Drona afligido, os Pancalas, ó rei, expectantes de vitória, começaram a proferir gritos altos. Milhares de instrumentos agradáveis começaram a ser tocados. Vendo tais feitos extraordinários em batalha, os combatentes proferiram rugidos leoninos. Tendo realizado aquela façanha, Partha se dirigiu a Vasudeva, dizendo 'Proceda, ó Krishna, em direção aos Samsaptakas, pois isso é muito desejado por mim.' Ouvindo aquelas palavras do filho de Pandu, ele da linhagem de Dasharha procedeu naquele carro agraciado com muitos pendões e cuja velocidade parecia aquela do vento ou da mente.'"

60

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso Krishna, apontando o rei Yudhishthira o justo, para o filho de Kunti Partha, dirigiu-se a ele nessas palavras: 'Lá, ó filho de Pandu, teu irmão (Yudhishthira) está sendo perseguido por muitos arqueiros poderosos e formidáveis entre os Dhartarashtras, todos inspirados com o desejo de matá-lo. Os Pancalas poderosos, difíceis de derrotar em batalha, estão indo atrás de Yudhishthira de grande alma pelo desejo de resgatá-lo. Lá, Duryodhana, ó Partha, o rei do mundo inteiro, vestido em armadura e acompanhado por um grande exército de carros, está perseguindo o rei Pandava. Impelido pelo desejo de massacrar seu rival, o poderoso Duryodhana, ó tigre entre homens, o está perseguindo, acompanhado por seus irmãos, o toque de cujas armas é tão fatal quanto aquele de cobras venenosas e que são todos familiarizados com todos os modos de guerra. Aqueles elefantes Dhartarashtra e cavalos e guerreiros em carros e soldados de infantaria estão avançando para agarrar Yudhishthira como homens pobres atrás de uma pedra preciosa. Veja, reprimidos por Satyaki e Bhima, eles foram entorpecidos novamente, como os Daityas, que desejavam roubar o Amrita, feitos imóveis por Sakra e Agni. Os poderosos guerreiros em carros (do exército Kuru), no entanto, por causa da imensidão de seus números, estão procedendo novamente em direção a Yudhishthira como uma vasta quantidade de água na estação das chuvas avançando em direção ao oceano. Aqueles arqueiros poderosos estão proferindo rugidos leoninos, soprando suas conchas, e vibrando seus arcos. Eu considero o filho de Kunti Yudhishthira, assim trazido sob a influência de Duryodhana, como já estando dentro das mandíbulas da Morte ou já despejado como uma libação no fogo sacrifical. O exército do filho de Dhritarashtra, ó Pandava, está em formação de combate e equipado devidamente. O próprio Sakra, chegando dentro do alcance de suas flechas, mal poderia escapar. Quem irá suportar em batalha a impetuosidade do heróico Duryodhana que dispara chuvas de flechas com a maior celeridade e que, quando

enfurecido, parece o próprio Destruidor? A força das flechas do heróico Duryodhana, ou do filho de Drona ou de Kripa ou de Karna derrubariam as próprias montanhas. Aquele opressor de inimigos, isto é, o rei Yudhishthira, foi uma vez forçado por Karna a dar suas costas para o campo. O filho de Radha é dotado de grande força e excelente agilidade de mão. Possuidor de grande habilidade, ele é habilidoso em batalha. Ele é competente para afligir o filho mais velho de Pandu em luta, especialmente quando ele está unido com o poderoso e bravo filho de Dhritarashtra. De votos rígidos, quando o filho de Pritha (Yudhishthira) estava envolvido em batalha com todos aqueles guerreiros, outros grandes guerreiros em carros o tinham atacado e contribuído para sua derrota. O rei, ó melhor dos Bharatas, está extremamente emaciado por causa de seus jejuns. Ele é dotado de força Brahma, mas o pujante não é dotado de muito do poder Kshatriya. Atacado, entretanto, por Karna, o nobre filho de Pandu, Yudhishthira, aquele opressor de inimigos, foi colocado em uma situação de grande perigo. Eu penso, ó Partha, que o rei Yudhishthira caiu. De fato, já que aquele castigador de inimigos, o colérico Bhimasena, ouve friamente os rugidos leoninos dos Dhartarashtras que gritam frequentemente ansiando pela vitória e soprando suas conchas, eu acho, ó touro entre homens, que o filho de Pandu Yudhishthira está morto. Lá Karna incita adiante os poderosos guerreiros em carros dos Dhartarashtras em direção ao filho de Pritha com as armas chamadas Sthunakarna, Indrasjaha e Pasupata, e com clavas e outras armas. O rei, ó Bharata, deve estar profundamente afligido e extremamente enfraquecido, porque os Pancalas e os Pandavas, aqueles principais de todos os manejadores de armas, são vistos proceder com grande velocidade em direção a ele em uma hora quando velocidade é da maior importância como homens fortes avançando para o resgate de uma pessoa afundando em um mar sem fundo. O estandarte do rei não está mais visível. Ele provavelmente foi derrubado por Karna com suas flechas. Na própria vista dos gêmeos, ó Partha, e de Satyaki e Shikhandi, e Dhrishtadyumna e Bhima e Satanika, ó senhor, como também de todos os Pancalas e os Cedis, ó Bharata, lá Karna está destruindo a divisão Pandava com suas flechas, como um elefante destruindo um grupo de lotos. Lá, aqueles guerreiros em carros do teu exército, ó filho de Pandu, estão fugindo. Veja, veja, ó Partha, como aqueles grandes guerreiros estão se retirando. Aqueles elefantes, ó Bharata, atacados por Karna em batalha, estão fugindo em todas as direções, proferindo gritos de dor. Lá multidões de guerreiros em carros, derrotados em batalha, ó Partha, por Karna, aquele subjugador de inimigos, estão fugindo em todas as direções. Veja, ó Partha, aquele principal dos estandartes, do filho de Suta, em seu carro, portando o emblema do laço do elefante, é visto se mover por todo o campo. Lá, o filho de Radha está agora avançando contra Bhimasena, espalhando centenas de flechas enquanto ele prossegue e massacrando o teu exército com isso. Lá, aqueles poderosos guerreiros em carros dos Pancalas estão sendo derrotados (por Karna) assim como os Daityas foram derrotados por Sakra em batalha terrível. Lá, Karna, tendo derrotado os Pancalas, os Pandus, e os Srinjayas, está lançando seus olhos para todos os lados, eu penso, para te procurar. Veja, ó Partha, Karna, quando ele estica belamente o principal dos seus arcos, parece muito belo assim como Sakra no meio dos celestiais, depois de vencer seus inimigos. Lá os Kauravas, contemplando a destreza de Karna, estão

rugindo e inspirando os Pandus e os Srinjayas com medo em todos os lados. Lá, o próprio Karna, apavorando os Pandus com toda sua energia, em batalha terrível, está se dirigindo a todas as tropas, ó concessor de honras, dizendo, 'Abençoados sejam vocês, avancem, ó Kauravas e se movam com tal velocidade que nenhum Srinjaya possa escapar com vida nessa batalha. Reunidos, façam isso todos vocês. Em relação a nós, nós seguiremos atrás de vocês.' Dizendo essas palavras, ele está avançando atrás (de suas tropas), espalhando suas flechas. Veja Karna, adornado com seu guarda-sol branco nessa batalha e parecendo com as colinas Udaya adornadas pela lua. Com seu guarda-sol belo de cem varetas, parecendo a lua cheia, suspenso sobre sua cabeça, ó Bharata, nessa batalha, Karna, ó príncipe, está lançando seus olhares atrás de ti. Sem dúvida, ele irá, nessa batalha, vir para cá, com grande velocidade. Veja-o, ó poderosamente armado, enquanto ele vibra seu arco formidável e atira, nessa batalha terrível, suas flechas parecendo cobras de veneno virulento. Lá, o filho de Radha vira nessa direção, vendo teu estandarte portando o macaco, e desejando, ó Partha, um combate contigo, ó opressor de inimigos. De fato, ele vem para sua própria destruição, assim como um inseto para a boca de uma lâmpada. Colérico e corajoso, ele está sempre dedicado ao bem do filho de Dhritarashtra. De má compreensão, ele é sempre incapaz de te tolerar. Vendo Karna só e desamparado, o filho de Dhritarashtra, ó Bharata, se dirige em direção a ele com grande determinação, acompanhado por sua tropa de carros, para protegê-lo. Que aquele de alma perversa, junto com todos aqueles aliados dele, seja morto por ti, aplicando teu vigor, pelo desejo de ganhar fama, reino e felicidade. Vocês dois são dotados de grande força. Vocês dois são possuidores de grande celebridade. Quando enfrentando um ao outro em batalha, ó Partha, como um celestial e um Danava na grande batalha entre os deuses e os Asuras, que todos os Kauravas vejam tua destreza. Vendo-te cheio de grande raiva e Karna também excitado à fúria, ó touro da raça Bharata, Duryodhana em cólera não será capaz de fazer qualquer coisa. Lembrando que tu mesmo és de alma purificada, ó touro da raça Bharata, e lembrando também que o filho de Radha nutre uma grande animosidade pelo virtuoso Yudhishthira, realize, ó filho de Kunti, aquilo que deve ser realizado agora. Colocando corretamente teu coração na batalha, avance contra aquele líder de guerreiros em carros. Lá, quinhentos dos principais guerreiros em carros, ó tu melhor dos guerreiros em carros, que são dotados de grande poder e energia feroz, e 5.000 elefantes, e o dobro de cavalos, e incontáveis soldados de infantaria, todos juntos, ó filho de Kunti, e protegendo uns aos outros, ó herói, estão avançando contra ti. Mostre-te, por tua própria vontade, para aquele arqueiro formidável, isto é, o filho de Suta. Avance, ó touro da raça Bharata, em direção a ele com grande velocidade. Lá, Karna, cheio de grande fúria está avançando contra os Pancalas. Eu vejo seu estandarte se aproximando do carro de Dhrishtadyumna. Eu penso que ele exterminará os Pancalas. Eu te direi, ó touro da raça Bharata, algumas boas notícias, ó Partha. O rei Yudhishthira o justo está vivo. Lá, o poderosamente armado Bhima, tendo retornado, está posicionado na vanguarda do exército, apoiado pelos Srinjayas e por Satyaki, ó Bharata. Lá, os Kauravas estão sendo massacrados com flechas afiadas por Bhimasena, ó filho de Kunti, e os Pancalas de grande alma. As tropas do filho de Dhritarashtra, com seus rostos desviados do campo, e com sangue escorrendo de

seus ferimentos, estão fugindo rapidamente da batalha, atingidas por Bhima com suas flechas. Banhado em sangue, o exército Bharata, ó principal da família de Bharata, apresenta um aspecto extremamente triste como aquele da terra quando privada de colheitas. Veja, ó filho de Kunti, Bhimasena, aquele principal dos combatentes, cheio de raiva como uma cobra de veneno virulento, e empenhado em desbaratar a hoste (Kaurava). Faixas amarelas e vermelhas e pretas e brancas, enfeitadas com estrelas e luas e sóis como também muitos guarda-sóis, ó Arjuna, jazem espalhados em volta. Feitos de ouro ou prata ou bronze e outros metais, estandartes estão espalhados, e elefantes e corcéis também, espalhados por todo o campo. Lá, aqueles guerreiros em carros estão caindo de seus carros, privados de vida pelos Pancalas que não recuam com flechas de diversos tipos. Lá os Pancalas de grande velocidade, ó Dhananjaya, estão avançando contra os elefantes Dhartarashtra e corcéis e carros sem condutores. Indiferentes às suas próprias vidas, ó castigador de inimigos, aqueles guerreiros difíceis de derrotar em batalha ajudados pelo poder de Bhimasena estão subjugando, ó tigre entre homens, o exército hostil. Lá, os Pancalas estão proferindo rugidos altos e soprando suas conchas enquanto eles são avançando contra seus inimigos e os oprimindo com suas flechas em batalha. Veja sua grande energia e poder. Por puro heroísmo, os Pancalas estão massacrando os Dhartarashtras como leões enfurecidos matando elefantes. Desarmados eles estão pegando as armas de seus inimigos armados e com aquelas armas assim arrebatadas, eles estão matando seus inimigos que são batedores eficazes, e proferindo rugidos altos. As cabeças e braços de seus inimigos estão sendo cortados e derrubados no campo. Os carros e elefantes e cavalos Pancala são todos dignos do maior louvor. Como cisnes de velocidade deixando o lago Manasa e se precipitando no Ganga, os Pancalas estão avançando contra os Kauravas, e toda parte do vasto exército Dhartarashtra é atacada por eles. Como touros resistindo a touros, os heróicos Kripa e Karna e outros líderes estão aplicando toda sua bravura para resistir aos Pancalas. Os heróis Pancala encabeçados por Dhrishtadyumna estão matando milhares de seus inimigos, isto é, os grandes guerreiros em carros do exército Dhartarashtra já afundando no oceano das armas de Bhima. Vendo os Pancalas oprimidos por seus inimigos, o filho destemido do deus do vento, atacando a força hostil, está disparando suas flechas e proferindo rugidos altos. A maior parte do vasto exército Dhartarashtra está muito apavorada. Veja aqueles elefantes, perfurados por Bhima com suas flechas do comprimento de uma jarda, estão caindo como topos de montanha rachados pelo raio de Indra. Lá, aqueles elefantes enormes, profundamente perfurados pelas flechas retas de Bhimasena estão fugindo, esmagando suas próprias tropas. Tu não reconheces os insuportáveis gritos leoninos, ó Arjuna, de Bhimasena rugindo terrivelmente inspirado pelo desejo de vitória em batalha? Lá, o príncipe dos Nishadas, cheio de raiva, está indo contra o filho de Pandu, em seu principal dos elefantes, pelo desejo de matá-lo com suas lanças, assim como o próprio Destruidor armado com sua clava. Atingidos por Bhima com dez flechas afiadas do comprimento de uma jarda dotadas d esplendor do fogo ou do Sol, os dois braços do príncipe rugindo, com lanças em punho, foram cortados. Matando o príncipe, Bhima procede contra outros elefantes parecendo com massas de nuvens azuis e conduzidos por condutores que os guiam com habilidade. Veja aqueles condutores atacando

Vrikodara com dardos e lanças em profusão. Matando com suas flechas afiadas aqueles elefantes, sete de uma vez, seus estandartes triunfais também, ó Partha, são derrubados por teu irmão mais velho. Com relação àqueles outros elefantes, cada um deles está sendo morto com dez flechas por ele. Os gritos dos Dhartarashtras não são mais ouvidos, agora que Bhima, ó touro da raça Bharata, que é igual ao próprio Purandara, está engajado em batalha. Três akshauhinis completos dos soldados de Duryodhana tinham sido reunidos (na frente de Bhima). Eles todos foram detidos por aquele leão entre homens, Bhimasena, em fúria.'"

"Sanjaya continuou, 'Veja aquela façanha, de realização difícil, realizada por Bhimasena. Arjuna, com suas flechas afiadas, destruiu o restante de seus inimigos. Os Samsaptakas poderosos, ó senhor, massacrados em batalha e desbaratados (por Arjuna), fugiram em todas as direções, dominados pelo medo. Muitos entre eles (que caíram) se tornaram os convidados de Shakra e obtiveram grande felicidade. Em relação a Partha, aquele tigre entre homens, ele continuou, com suas flechas retas, a massacrar a hoste Dhartarashtra consistindo em quatro tipos de tropas.'"

61

"Dhritarashtra disse, 'Quando Bhima e o filho de Pandu Yudhishthira estavam envolvidos em batalha, quando minhas tropas estavam sendo massacradas pelos Pandus e os Srinjayas, quando, de fato, meu exército vasto sendo dividido e desbaratado repetidamente ficou desanimado, diga-me, ó Sanjaya, o que os Kauravas fizeram.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo o poderosamente armado Bhima, o filho de Suta de grande coragem, com olhos vermelhos de fúria, ó rei, avançou em direção a ele. Vendo teu exército fugir de Bhimasena, o poderoso Karna, ó rei, o reagrupou com grandes esforços. O poderosamente armado Karna, tendo reagrupado a hoste de teu filho, procedeu contra os Pandavas, aqueles heróis difíceis de derrotar em batalha. Os grandes guerreiros em carros dos Pandavas também, vibrando seus arcos e disparando suas flechas, procederam contra o filho de Radha. Bhimasena, e o neto de Sini, e Shikhandi e Janamejaya, e Dhrishtadyumna de grande força, e todos os Prabhadrakas, e aqueles tigres entre homens, os Pancalas, cheios de raiva e inspirados pelo desejo de vitória, avançaram naquela batalha de todos os lados contra teu exército. Similarmente, os grandes guerreiros em carros do teu exército, ó rei, procederam rapidamente contra a hoste Pandava, desejosos de massacrá-la. Cheios de carros e elefantes e cavalos, e abundando com soldados de infantaria e estandartes, os dois exércitos então, ó tigre entre homens, assumiram um aspecto extraordinário. Shikhandi procedeu contra Karna, e Dhrishtadyumna procedeu contra teu filho Duhshasana, acompanhado por um grande exército. Nakula procedeu contra Vrishasena, enquanto Yudhishthira contra Citrasena. Sahadeva, ó rei, naquela batalha, procedeu contra Uluka. Satyaki procedeu contra Shakuni, e os filhos de Draupadi contra os outros Kauravas. O poderoso guerreiro em carro Ashvatthama procedeu, com grande

cuidado, contra Arjuna. O filho de Sharadvata Kripa procedeu contra o arqueiro poderoso Yudhamanyu, enquanto Kritavarma de grande força procedeu contra Uttamauja. O poderosamente armado Bhimasena, ó majestade, sozinho e não protegido, resistiu a todos os Kurus e aos teus filhos na dianteira de sua divisão. O matador de Bhishma, Shikhandi, então, ó monarca, com suas flechas aladas, resistiu a Karna, movendo-se rápido destemidamente naquela batalha. Mantido sob controle, Karna então, seus lábios tremendo de raiva, atacou Shikhandi com três flechas no meio de suas sobrancelhas. Com aquelas três flechas fincadas em sua testa, Shikhandi parecia muito belo como uma montanha de prata com três topos elevados. Profundamente perfurado pelo filho de Suta naquele combate, o arqueiro poderoso Shikhandi perfurou Karna, em retorno, com noventa flechas afiadas. O poderoso guerreiro em carro Karna então, matando os cavalos de Shikhandi e em seguida seu motorista com três flechas, cortou sua bandeira com uma flecha de face de navalha. Aquele poderoso guerreiro em carro então, aquele opressor de inimigos, cheio de raiva, pulou de seu carro sem cavalos e lançou um dardo em Karna. Cortando aquele dardo com três flechas naquele combate, Karna então, ó Bharata, perfurou Shikhandi com nove flechas afiadas. Evitando então as flechas disparadas do arco de Karna, aquele melhor dos homens, Shikhandi, extremamente mutilado, retirou-se depressa daquele local. Então Karna, ó monarca, começou a espalhar as tropas dos Pandavas, como um vento poderoso espalhando uma pilha de algodão. Enquanto isso Dhrishtadyumna, ó monarca, afligido por teu filho, perfurou Duhshasana, em retorno, com três flechas no centro do peito. Então Duhshasana, ó senhor, perfurou o braço esquerdo de seu atacante com uma flecha de cabeça larga, afiada e reta e equipada com asas de ouro. Assim perfurado, Dhrishtadyumna, cheio de ira e desejo de revidar, disparou uma flecha terrível, ó Bharata, em Duhshasana. Teu filho, no entanto, ó rei, com três flechas dele, cortou aquela flecha impetuosa disparada por Dhrishtadyumna enquanto ela corria em direção a ele. Aproximando-se de Dhrishtadyumna então, ele o atingiu nos braços e no peito com dezessete outras flechas de cabeça larga adornadas com ouro. Nisso o filho de Prishata, cheio de raiva, cortou o arco de Duhshasana, ó senhor, com uma flecha afiada de cabeça de navalha, pelo que todas as tropas lá proferiram um grito alto. Pegando então outro arco, teu filho, como se sorrindo, manteve Dhrishtadyumna sob controle com chuvas de flechas de todos os lados. Vendo a destreza daquele teu filho de grande alma, os combatentes, como também os Siddhas e as Apsaras, ficaram todos muito admirados. Nós então vimos o poderoso Dhrishtadyumna assim atacado por Duhshasana parecer um elefante enorme, mantido sob controle por um leão. Então muitos guerreiros em carros Pancala e elefantes e cavalos, ó irmão mais velho de Pandu, desejosos de resgatar o comandante (do exército Pandava) cercaram teu filho. A batalha que começou, ó opressor de inimigos, entre teus guerreiros e o inimigo, apresentou uma visão tão terrível quanto aquela que pode ser vista na destruição de todas as criaturas no fim do Yuga."

"Vrishasena, ficando ao lado de seu pai, tendo perfurado Nakula com cinco flechas feitas totalmente de ferro, perfurou-o novamente com três outras flechas. O heróico Nakula então, como se sorrindo, perfurou profundamente Vrishasena no peito com uma flecha do comprimento de uma jarda de gume excelente. Assim

perfurado por seu inimigo poderoso, aquele opressor de inimigos, isto é, Vrishasena, perfurou seu atacante com vinte setas e foi ele mesmo perfurado por ele com cinco. Então aqueles dois touros entre homens cobriram um ao outro com milhares de setas, pelo que as divisões que os apoiavam se dividiram. Vendo as tropas do filho de Dhritarashtra fugindo, o filho de Suta, seguindo elas, ó rei, começou a pará-las à força. Depois que Karna tinha ido para longe, Nakula procedeu contra os Kauravas. O filho de Karna também, evitando Nakula, procedeu rapidamente, ó senhor, para onde seu pai, o filho de Radha, estava para proteger as rodas do seu carro."

"O enfurecido Uluka foi reprimido por Sahadeva. Tendo matado seus quatro corcéis, o valente Sahadeva então despachou o motorista de seu inimigo para a residência de Yama. Uluka então, aquele alegrador de seu pai, saltando de seu carro, ó rei, prosseguiu rapidamente e entrou na divisão dos Trigartas. Satyaki, tendo perfurado Shakuni com vinte flechas afiadas, cortou facilmente o estandarte do filho de Subala com uma flecha de cabeça larga. O valente filho de Subala, cheio de raiva, ó rei, naquele confronto, perfurou a armadura de Satyaki e então cortou seu estandarte dourado. Então Satyaki perfurou-o em retorno com muitas setas afiadas, e atingiu seu motorista, ó monarca, com três setas. Com grande velocidade então, ele despachou com outras flechas os corcéis de Shakuni para a residência de Yama. Descendo depressa então, ó touro entre homens, de seu carro, Shakuni, aquele poderoso guerreiro em carro, subiu rapidamente no carro de Uluka. O último então levou com grande velocidade seu pai para longe do neto de Sini, aquele guerreiro hábil em batalha. Então Satyaki, ó rei, avançou naquela batalha contra teu exército com grande impetuosidade, pelo que aquele exército se dividiu. Coberto pelas flechas do neto de Sini, teu exército, ó monarca, fugiu para todos os lados com grande velocidade, e caiu privado de vida."

"Teu filho resistiu a Bhimasena naquela batalha, em um instante Bhima fez aquele soberano de homens ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro e sem estandarte, no que as tropas (Pandava) ficaram muito contentes. Então teu filho, ó rei, foi para longe da presença de Bhimasena. O exército Kuru inteiro, nisto, avançou contra Bhimasena. Tremendo tornou-se o barulho feito por aqueles combatentes inspirados com o desejo de matar Bhimasena. Yudhamanyu, perfurando Kripa, rapidamente cortou seu arco. Então Kripa, aquele principal de todos os manejadores de armas, pegando outro arco, derrubou no chão o estandarte e motorista e guarda-sol de Yudhamanyu. Nisso, o poderoso guerreiro em carro Yudhamanyu se retirou em seu carro, ele mesmo o dirigindo. Uttamauja cobriu o terrível filho de Hridika, dotado de destreza formidável, com uma chuva grossa de flechas como uma nuvem derramando torrentes de chuva em uma montanha. A batalha entre eles, ó opressor de inimigos, tornou-se tão terrível que sua igual, ó monarca, eu nunca tinha visto antes. Então Kritavarma, ó rei, naquele combate, perfurou repentinamente Uttamauja no peito, no que o último sentou-se no terraço de seu carro. Seu motorista então levou embora aquele principal dos guerreiros em carros. Então o exército Kuru inteiro avançou em Bhimasena. Duhshasana e o filho de Subala, cercando o filho de Pandu com uma grande tropa de elefantes, começou a atacá-lo com flechas pequenas. Então Bhima, fazendo o

colérico Duryodhana virar suas costas no campo por meio de centenas de setas, avançou rapidamente em direção àquele exército de elefantes. Observando aquela tropa de elefantes avançar impetuosamente contra ele, Vrikodara ficou cheio de grande ira e invocou suas armas celestes. E ele começou a golpear elefantes com elefantes como Indra golpeando os Asuras. Enquanto empenhado em massacrar aqueles elefantes, Vrikodara, naquela batalha, cobriu o céu com suas flechas como miríades de insetos cobrindo um fogo. Como o vento espalhando massas de nuvens, Bhima rapidamente espalhou e destruiu multidões de elefantes reunidos aos milhares. Completamente cobertos com redes de ouro, como também com muitas pedras preciosas, os elefantes pareciam muito belos naquela batalha como nuvens carregadas com relâmpago. Massacrados por Bhima, aqueles elefantes, ó rei, começaram a fugir. Alguns entre eles, com seus corações perfurados, caíam no chão. Com aqueles elefantes caídos e caindo enfeitados com ouro, o solo parecia belo lá, como se coberto com montanhas quebradas. Com os guerreiros em elefantes caídos de resplandecência brilhante e adornados com jóias, a terra parecia bela como se coberta com planetas de mérito esgotado. Então elefantes, com suas têmporas, globos frontais, e trombas profundamente perfurados, fugiram às centenas naquela batalha, atormentados pelas flechas de Bhimasena. Alguns entre eles, enormes como colinas, afligidos com medo e vomitando sangue, fugiram, seus membros mutilados com setas, e pareciam por causa disso, com montanhas com metais líquidos escorrendo por seus lados. As pessoas então viram os dois braços de Bhima, parecendo duas cobras imensas, cobertos com pasta de sândalo e outros unguentos socados, continuamente empenhados em estirar o arco. Ouvindo o som da corda de seu arco e palmas que pareciam o ribombo do trovão, aqueles elefantes, expelindo urina e fezes, fugiam apavorados. As façanhas de Bhima sozinho de grande inteligência, naquela ocasião, brilhavam como aquelas do próprio Rudra, enquanto empenhado em destruir todas as criaturas."

62

"Sanjaya disse, 'O belo Arjuna então, naquele carro principal dele, ao qual estavam unidos corcéis brancos, e que era acelerado pelo próprio Narayana, entrou em cena. Como a tempestade agitando o oceano, Vijaya, ó principal dos reis, naquela batalha, agitou aquela tua hoste cheia de cavaleiros. Quando Arjuna de cavalos brancos estava ocupado de outra maneira, teu filho Duryodhana, cheio raiva e cercado por metade de suas tropas, se aproximou de repente e cercou Yudhishthira que avançava inspirado pelo desejo de vingança. O rei Kuru então perfurou o filho de Pandu com setenta e três setas de cabeça de navalha. Nisto, Yudhishthira, o filho de Kunti, ficou inflamado com ira, e rapidamente atingiu teu filho com trinta setas de cabeça larga. As tropas Kaurava então avançaram impetuosamente para capturar Yudhishthira. Compreendendo as intenções perversas do inimigo, os grandes guerreiros em carros do exército Pandava, se unindo, avançaram em direção a Yudhishthira, o filho de Kunti, para resgatá-lo. De fato, Nakula e Sahadeva e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, circundados por

um Akshauhini completo de tropas, assim procederam em direção a Yudhishthira. Bhimasena também, naquela batalha, subjugando os grandes guerreiros em carros do teu exército, procedeu em direção ao rei cercado por inimigos. Karna, também chamado Vaikartana, ó rei, disparando chuvas densas de flechas, reprimiu, sem ajuda, todos aqueles arqueiros poderosos avançando dessa maneira (para o resgate). Embora eles disparassem chuvas grossas de flechas e arremessassem inúmeras lanças, lutando com determinação, ainda assim eles eram incapazes até de olhar para o filho de Radha. De fato, o filho de Radha, aquele mestre de todas as armas ofensivas e defensivas, por atirar chuvas densas de flechas deteve todos aqueles grandes arqueiros. Sahadeva de grande alma, no entanto, se aproximando rapidamente (do local onde Duryodhana estava), e invocando sem perda de tempo uma arma (celeste), perfurou Duryodhana com vinte setas. Assim perfurado por Sahadeva, o rei Kuru, coberto com sangue, parecia belo, como um elefante enorme de têmporas partidas. Vendo teu filho profundamente perfurado com muitas setas de grande energia, aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, o filho de Radha, cheio de raiva, avançou para aquele local. Vendo Duryodhana reduzido àquela situação, Karna, invocando suas armas rapidamente, começou a massacrar as tropas de Yudhishthira e do filho de Prishata. Assim massacradas por Karna grande alma, as tropas de Yudhishthira, ó rei, afligidas pelas flechas do filho de Suta, logo fugiram. Chuvas de flechas caíam juntas. De fato, aquelas disparadas subsequentemente do arco do filho de Suta tocavam com suas cabeças as asas daquelas disparadas antes. Por causa daquelas chuvas caindo, de flechas, ó monarca, colidindo umas com as outras, uma conflagração parecia resplandecer no céu. Logo Karna encobriu os dez pontos do horizonte, ó rei, com flechas capazes de perfurar os corpos de inimigos, como se com enxames de gafanhotos avançando. Mostrando as maiores armas, Karna começou a agitar com grande força seus dois braços cobertos com pasta de sândalo vermelha e adornados com jóias e ouro. Então estupefazendo todos os lados, ó rei, com suas flechas, Karna afligiu profundamente Yudhishthira o justo. Cheio de raiva nisto, o filho de Dharma Yudhishthira atingiu Karna com cinquenta flechas afiadas. Em consequência então da escuridão causada por aquelas chuvas de setas, a batalha tornou-se horrível de se olhar. Gritos altos de dor se ergueram dentre tuas tropas, ó monarca, enquanto elas estavam sendo massacradas pelo filho de Dharma, ó majestade, com diversas espécies de flechas afiadas equipadas com penas Kanka e afiadas em pedra, com numerosas flechas de cabeça larga, e com diversos tipos de dardos e espadas e clavas. Para onde o filho de Pandu de alma virtuosa lançava seus olhos com o desejo de produzir mal, lá teu exército se dividia, ó touro da raça Bharata. Inflamado com grande raiva, Karna também, de alma incomensurável, inspirado com o desejo de revidar, seu rosto corado de raiva, avançou naquela batalha contra o filho de Pandu, o rei Yudhishthira o justo, disparando flechas do comprimento de uma jarda e moldadas em forma de meia-lua e equipadas com cabeças como o dente do bezerro. Yudhishthira também o perfurou com muitas setas afiadas equipadas com asas de ouro. Como se sorrindo naquele momento, Karna perfurou o filho nobre de Pandu no peito com três flechas de cabeça larga, afiadas em pedra, e providas de penas Kanka. Profundamente afligido com isso, o rei Yudhishthira o justo, sentando-se no terraço de seu carro, mandou seu motorista recuar. Após o

que todos os Dhartarashtras, com seu rei, deram um grito alto, dizendo, ‘Agarrem! Agarrem!’ e todos então perseguiram o rei (Pandava). Então 1.700 tropas Kekaya, hábeis em atacar, unidas com um grupo das tropas Pancala, ó rei, impediram os Dhartarashtras. Durante a continuação daquela batalha violenta e terrível, Duryodhana e Bhima, aqueles dois guerreiros dotados de grande poder, enfrentaram um ao outro.'"

63

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso Karna também começou, com suas chuvas de flechas, a afligir os poderosos guerreiros em carros dos Kaikayas, isto é, aqueles grandes arqueiros que estavam diante dele. De fato, o filho de Radha despachou para a residência de Yama quinhentos daqueles guerreiros que estavam empenhados em detê-lo naquela batalha. Vendo o filho de Radha sendo irresistível naquela batalha, aqueles guerreiros, atormentados pelas flechas de seus atacantes, se dirigiram para a presença de Bhimasena. Dividindo aquela tropa de carros em muitas partes por meio de suas flechas, Karna, sozinho e sobre aquele mesmo carro dele, perseguiu Yudhishthira, que então, extremamente mutilado com flechas e quase insensível, estava procedendo lentamente para alcançar o acampamento Pandava com Nakula e Sahadeva em seus dois lados. Tendo se aproximado do rei, o filho de Suta, pelo desejo de fazer bem para Duryodhana, perfurou o filho de Pandu com três flechas formidáveis. Em retorno, o rei perfurou o filho de Radha no centro do peito e então seu motorista com três flechas. Então aqueles dois opressores de inimigos, isto é, os filhos gêmeos de Madri, aqueles dois protetores das rodas do carro de Yudhishthira, avançaram em direção a Karna para que o último não pudesse conseguir matar o rei. Então Nakula e Sahadeva, ambos disparando chuvas de flechas com grande atenção, cobriram o filho de Radha com isso. O corajoso filho de Suta, no entanto, em retorno, perfurou aqueles dois castigadores de grande alma de inimigos com duas flechas de cabeça larga de gume excelente. O filho de Radha então matou os corcéis excelentes de Yudhishthira, brancos como marfim e velozes como a mente, e tendo cabelo preto em seus rabos. Então, sorrindo, o filho de Suta, aquele arqueiro formidável, com outra flecha de cabeça larga, derrubou a proteção para a cabeça do filho de Kunti. Similarmente, o bravo Karna, tendo matado os corcéis de Nakula, cortou os varais do carro e arco daquele filho inteligente de Madri. Aqueles dois filhos de Pandu sem carro e sem cavalos, aqueles dois irmãos, nisso subiram no carro de Sahadeva. Vendo aquele dois irmãos sem carro, aquele matador de heróis hostis, seu tio materno, o soberano dos Madras, movido por compaixão, se dirigiu ao filho de Radha e disse, 'Tu deves lutar hoje com o filho de Pritha Phalguna. Por que tu então, com ira inflamada a tal nível, lutas com o nobre filho de Dharma? Tu estás permitindo que tuas armas sejam esgotadas. Tu própria armadura está sendo enfraquecida. Com tuas flechas reduzidas, e sem aljavas, com teu motorista e corcéis fatigados, e tu mesmo mutilado por inimigos com armas, quando tu te aproximares de Partha, ó filho de Radha, tu serás um objeto de escárnio e hilaridade.' Embora assim endereçado pelo soberano dos Madras, Karna ainda, cheio de raiva, continuou a atacar

Yudhishthira em batalha. E ele continuou a perfurar os dois filhos de Madri com Pandu com muitas flechas afiadas. Sorrindo naquele momento, por meio de suas flechas ele fez Yudhishthira desviar seu rosto da batalha. Então Shalya, dando risada, mais uma vez disse para Karna quando o último, excitado com grande fúria e decidido a respeito da destruição de Yudhishthira permanecia sobre seu carro, essas palavras, 'Ele por cuja causa o filho de Dhritarashtra sempre te honra, mate aquele Partha, ó filho de Radha. O que tu ganharias por matar Yudhishthira? Os dois Krishnas estão soprando suas conchas, cujo clangor alto está sendo ouvido. A vibração também do arco de Arjuna está sendo ouvida, como o ribombo das nuvens na estação das chuvas. Lá, Arjuna, derrubando os principais dos nossos guerreiros em carros com suas torrentes de flechas, está devorando todas as nossas tropas. Veja-o, ó Karna, nessa batalha. Os dois que estão protegendo sua retaguarda são Yudhamanyu e Uttamauja. O bravo Satyaki está protegendo sua roda esquerda, e Dhrishtadyumna está protegendo sua roda direita. Lá, Bhimasena está lutando com o nobre filho de Dhritarashtra. Aja de tal maneira, ó filho de Radha, que Bhima não possa ser capaz de matar o rei hoje diante de nós todos, que o rei possa, de fato, escapar dele. Veja, Duryodhana está sob o poder de Bhimasena, aquele ornamento de batalha. Aproximando-te se tu puderes salvá-lo, isto irá, de fato, ser um feito muito admirável. Indo para lá, resgate o rei, pois um grande perigo o alcançou. O que tu ganharás por matar os filhos de Madri ou o rei Yudhishthira?' Ouvindo essas palavras de Shalya, ó senhor da Terra, e vendo Duryodhana dominado por Bhima naquela batalha terrível, o filho valente de Radha, assim instigado pelas palavras de Shalya e muito desejoso de salvar o rei, deixou Ajatasatru e os filhos gêmeos de Madri com Pandu, e avançou para salvar teu filho. Ele foi levado por seus cavalos que eram rápidos como aves e que eram incitados pelo soberano dos Madras. Depois que Karna tinha ido para longe, o filho de Kunti Yudhishthira se retirou, levado, ó majestade, pelos corcéis velozes de Sahadeva. Com seus irmãos gêmeos o acompanhando, aquele soberano de homens, dirigindo-se rapidamente em vergonha para o acampamento (Pandava), seu corpo extremamente mutilado com flechas, desceu do carro e sentou-se depressa em uma cama excelente. As flechas então sendo extraídas de seu corpo, o nobre filho de Pandu, seu coração muito afligido pelo dardo da tristeza, se dirigiu a seus dois irmãos, isto é, aqueles dois poderosos guerreiros em carros, os filhos de Madri, dizendo, 'Vão rapidamente para a divisão de Bhimasena. Rugindo como uma nuvem, Vrikodara está engajado em batalha.' Sobre outro carro, Nakula, aquele touro entre os guerreiros em carros, e Sahadeva de grande energia, aqueles dois irmãos, aqueles dois subjugadores de inimigos, ambos dotados de grande poder, então procederam em direção a Bhima, levados por corcéis da maior velocidade. De fato, os irmãos tendo ido juntos para a divisão de Bhimasena, tomaram seus lugares lá.'"

64

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso o filho de Drona, cercado por uma grande tropa de carros, ó rei, procedeu de repente para aquele local onde Partha estava. Como o continente resistindo à elevação do oceano, o heróico Partha tendo Saurin

(Krishna) como seu colaborador resistiu a Ashvatthama que avançava impetuosamente. Então, ó monarca, o filho valente de Drona, cheio de raiva, cobriu ambos Arjuna e Vasudeva com suas flechas. Vendo os dois Krishnas cobertos por flechas, os grandes guerreiros em carros (do exército Pandava), como também os Kurus que testemunharam isso, se admiraram muito. Então Arjuna, como se sorrindo, chamou à existência uma arma celeste. O Brahmana Ashvatthama, no entanto, ó Bharata, frustrou aquela arma naquela batalha. De fato, todas aquelas armas que Arjuna disparou pelo desejo de matar o filho de Drona foram frustradas pelo último, aquele arqueiro formidável, naquele combate. Durante a continuação daquela terrível batalha de armas, ó rei, nós vimos o filho de Drona parecer o próprio Destruidor, com boca muito aberta. Tendo coberto todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, com setas retas, ele perfurou Vasudeva com três flechas no braço direito. Então Arjuna, matando todos os corcéis de seu atacante de grande alma, fez a terra naquela batalha ser coberta com um rio de sangue que era muito horrível e que levava em direção ao outro mundo, e que tinha diversas espécies de criaturas flutuando sobre ele. Todos os espectadores viram um grande número de guerreiros em carros junto com seus carros, pertencentes à divisão de Ashvatthama, mortos e destruídos por meio das flechas disparadas do arco de Partha. Ashvatthama também, matando seus inimigos, fez um rio terrível de sangue fluir lá que levava para os domínios de Yama. Durante a continuação daquela batalha violenta e terrível entre o filho de Drona e Partha, os combatentes lutaram sem mostrar qualquer consideração uns pelos outros, e avançavam para lá e para cá. Em consequência de carros tendo seus corcéis e motoristas mortos, e corcéis tendo seus cavaleiros mortos, e elefantes tendo seus condutores e guias mortos, uma carnificina horrível, ó rei, foi feita por Partha naquela batalha! Guerreiros em carros, privados de vida por flechas disparadas do arco de Partha, caíam. Corcéis livres de seus arreios corriam para lá e para cá. Vendo aquelas façanhas de Partha, aquele ornamento de batalha, aquele filho valente de Drona se aproximou rapidamente do primeiro, aquele principal dos homens vitoriosos, vibrou seu arco formidável decorado com ouro, e então o perfurou de todos os lados com muitas flechas afiadas. Curvando o arco novamente, ó rei, o filho de Drona atingiu Arjuna cruelmente, mirando no peito, com uma flecha alada. Profundamente perfurado pelo filho de Drona, ó Bharata, naquele combate, o manejador do Gandiva, aquele herói de grande inteligência cobriu violentamente o filho de Drona com chuvas de flechas, e então cortou seu arco. Seu arco cortado o filho de Drona então, pegando uma maça com ferrões cujo toque parecia aquele do raio, a arremessou, naquele combate, em Arjuna ornado com diadema. O filho de Pandu, no entanto, ó rei, como se sorrindo, cortou de repente aquela maça com pontas enfeitada com ouro, quanto ela avançava em direção a ele. Assim cortada pelas flechas de Partha, ela caiu no chão, como uma montanha, ó rei, quebrada pedaços, atingida pelo raio. Cheio de raiva nisto, o filho de Drona, aquele grande guerreiro em carro, começou a cobrir Vibhatsu, ajudado pela energia da arma Aindra. Vendo aquela chuva de flechas espalhada sobre o céu pela arma Aindra, Partha, dotado de grande presteza, ó rei, pegando seu arco Gandiva, e fixando na corda do arco uma arma poderosa criada por Indra, destruiu aquelas chuvas de armas Aindra. Tendo desviado aquela chuva de flechas causada pela arma Aindra, Partha logo cobriu o carro do filho de

Drona (com suas próprias flechas). O filho de Drona, no entanto, submerso pelas flechas de Partha atravessou aquela chuva de flechas disparada pelo filho de Pandu, e se aproximando do último, invocou uma arma poderosa e de repente perfurou Krishna com cem flechas e Arjuna com trezentas flechas pequenas. Então Arjuna perfurou o filho de seu preceptor com cem setas em todos os seus membros vitais. E então ele despejou muitas setas nos corcéis e motorista e na corda do arco do filho de Drona na própria vista de teus guerreiros. Tendo perfurado o filho de Drona em todas as partes vitais, o filho de Pandu, aquele matador de heróis hostis, então derrubou o motorista de seu adversário do nicho do carro com uma flecha de cabeça larga. O filho de Drona, no entanto, ele mesmo pegando as rédeas, cobriu Krishna com muitas setas. A ação de destreza que nós então vimos no filho de Drona foi muito extraordinária, já que ele guiou seus corcéis enquanto ele lutava com Phalguni. Aquela façanha dele em batalha, ó rei, foi aplaudida por todos os guerreiros. Então Vibhatsu, também chamado Jaya, sorrindo, cortou rapidamente os arreios dos cavalos de Ashvatthama naquela batalha, com uma flecha de face de navalha. Já afligidos pela energia das flechas de Arjuna, os corcéis do filho de Drona então fugiram. Então um barulho alto se elevou das tuas tropas, ó Bharata! Enquanto isso os Pandavas, tendo obtido a vitória, e desejando melhorar isso, avançaram contra tuas tropas, atirando de todos os lados setas afiadas nelas. A vasta hoste Dhartarashtra, então, ó rei, foi repetidamente dividida pelos heróicos Pandavas inspirados com desejo de vitória, na própria vista, ó monarca, de teus filhos, conhecedores de todos os modos de guerra, e de Shakuni o filho de Subala, e de Karna, ó rei! Embora teus filhos procurassem pará-lo, ó rei, aquele grande exército, afligido por todos os lados, não permaneceu no campo. De fato, uma confusão começou entre a vasta hoste apavorada do teu filho por causa de muitos guerreiros fugindo para todos os lados. O filho de Suta gritava ruidosamente, dizendo 'Fiquem, Fiquem!' mas teu exército, massacrado por muitos guerreiros de grande alma, não ficou no campo. Gritos altos foram proferidos então, ó monarca, pelos Pandavas, inspirados com desejo de vitória, ao verem a hoste Dhartarashtra fugindo para todos os lados. Então Duryodhana se dirigindo a Karna por afeição (disse), 'Veja, ó Karna, como nosso exército, muito atormentado pelos Pandavas, embora tu estejas aqui, está fugindo da batalha! Sabendo disso, ó tu de armas poderosas, faça aquilo que é apropriado para o momento, ó castigador de inimigos! Milhares dos (nossos) guerreiros, derrotados pelos Pandavas, estão, ó herói, chamando por ti somente, ó melhor dos homens!' Ouvindo essas palavras graves de Duryodhana, o filho de Radha, como se sorrindo, disse essas palavras para o soberano dos Madras, 'Observe a destreza dos meus braços e a energia de minhas armas, ó soberano de homens! Hoje eu matarei todos os Pancalas e os Pandavas em batalha! Faça os corcéis procederem com meu carro, ó tigre entre homens! Sem dúvida, tudo será como eu disse!' Tendo dito estas palavras, o filho de Suta de grande coragem, aquele herói, pegando seu antigo e principal dos arcos chamado Vijaya, o encordoou e friccionou a corda repetidamente. Mandando as tropas ficarem no campo depois te tê-las assegurado sobre sua veracidade e por meio de um juramento, o poderoso Karna de alma incomensurável fixou na corda de seu arco a arma conhecida pelo nome de Bhargava. Daquela arma fluíram, ó rei, milhões e milhões de flechas afiadas naquela batalha magnífica. Totalmente encoberto por

aquelas flechas ardentes e aladas com penas de Kankas e pavões, o exército Pandava não podia ver nada. Lamentos altos de dor se elevaram dentre os Pancalas, ó rei, afligidos, naquela batalha, pela poderosa arma Bhargava. Por causa então de elefantes, ó rei, e cavalos, aos milhares, e carros, ó monarca, e homens caindo por todos os lados, privados de vida, a terra começou a tremer. O vasto exército dos Pandavas ficou agitado de uma extremidade à outra. Enquanto isso Karna, aquele opressor de inimigos, aquele principal dos guerreiros, aquele tigre entre homens, enquanto consumindo seus inimigos, parecia resplandecente como um fogo sem fumaça. Assim massacrados por Karna, os Pancalas e os Cedis começaram a perder seus sentidos por todo o campo como elefantes durante um incêndio em uma floresta. Aqueles principais dos homens, ó tigre entre homens, proferiam rugidos altos como aqueles do tigre. Altos se tornaram os lamentos de dor, como aqueles de criaturas vivas na dissolução universal, que foram proferidos por aqueles combatentes gritando em pânico e correndo de modo selvagem para todos os lados, ó rei, do campo de batalha e tremendo com medo. Vendo eles massacrados dessa maneira, ó senhor, pelo filho de Suta, todas as criaturas, até animais e aves, ficaram cheias de medo. Os Srinjayas então, assim massacrados em batalha pelo filho de Suta, repetidamente chamaram por Arjuna e Vasudeva como os espíritos dos mortos dentro dos domínios de Yama chamando por Yama para resgatá-los. Ouvindo aqueles lamentos das tropas massacradas pelas flechas de Karna, e vendo a terrível arma Bhargava chamada à existência o filho de Kunti Dhananjaya disse para Vasudeva essas palavras, 'Contemple, ó Krishna de braços fortes, a destreza da arma Bhargava! Ela não pode, por quaisquer meios, ser frustrada! Veja o filho de Suta também, ó Krishna, cheio de raiva nessa grande batalha e parecendo o próprio Destruidor em bravura e empenhado também em realizar tal feito violento! Incitando seus corcéis incessantemente, ele está repetidamente lançando olhares furiosos sobre mim! Eu nunca serei capaz de fugir de Karna em batalha! A pessoa que está viva pode, em batalha, encontrar ou vitória ou derrota. Para o homem, no entanto, que está morto, ó Hrishikesha, mesmo a morte é vitória. Como a derrota pode ser daquele que está morto?' Assim endereçado por Partha, Krishna respondeu para aquele principal dos homens inteligentes e castigador de inimigos, essas palavras que eram apropriadas para a ocasião, 'O nobre filho de Kunti foi profundamente ferido e mutilado por Karna. Tendo visto ele primeiro e o confortado, tu irás então, ó Partha, matar Karna!' Então Keshava procedeu, desejoso de ver Yudhishthira, pensando que Karna enquanto isso, ó monarca, seria dominado pela fadiga! Então Dhananjaya, ele mesmo desejoso de ver o rei afligido por flechas, procedeu rapidamente naquele carro, evitando a batalha, por ordem de Keshava. Enquanto o filho de Kunti estava assim procedendo pelo desejo de ver o rei Yudhishthira o justo, ele lançou seus olhos em todas as partes do exército, mas fracassou em encontrar seu irmão mais velho em qualquer lugar no campo. O filho de Kunti prosseguiu, ó Bharata, tendo lutado com o filho de seu preceptor Drona, e tendo vencido aquele herói incapaz de ser resistido pelo próprio manejador do raio.'"

65

"Sanjaya disse, 'Tendo derrotado o filho de Drona e realizado um feito poderoso e heróico que era de realização extremamente difícil, Dhananjaya, irresistível por inimigos, e com arco esticado em suas mãos, lançou seus olhos entre suas próprias tropas. O bravo Savyasaci, alegrando aqueles guerreiros dele que ainda estavam lutando na vanguarda de suas divisões e elogiando aqueles entre eles que eram célebres por suas realizações anteriores, fez os guerreiros em carros do seu próprio exército continuarem a permanecer em seus postos. Não vendo seu irmão Yudhishthira da linhagem de Ajamida, o ornado com diadema Arjuna, enfeitado, além disso, com um colar de ouro, se aproximou rapidamente de Bhima e perguntou a ele sobre o paradeiro do rei, dizendo, 'Diga-me, onde está o rei?' Assim questionado, Bhima disse, 'O rei Yudhishthira o justo foi para longe desse local, seus membros chamuscados pelas flechas de Karna. É duvidoso se ele ainda vive!' Ouvindo aquelas palavras, Arjuna disse, 'Por essa razão vá rapidamente desse local para trazer informações do rei, aquele melhor de todos os descendentes de Kuru! Sem dúvida, profundamente perfurado por Karna com flechas, o rei foi para o acampamento! Naquele duelo violento de armas, embora profundamente perfurado por Drona com flechas afiadas, o rei dotado de grande energia ainda tinha permanecido em batalha, expectante de vitória, até que Drona fosse morto! Aquele principal entre os Pandavas, possuidor de grande magnanimidade, foi posto em grande perigo por Karna na batalha de hoje! Para averiguar sua condição, vá até lá rapidamente, ó Bhima! Eu ficarei aqui, reprimindo todos os nossos inimigos!' Assim endereçado, Bhima disse, 'Ó tu de grande glória, vá tu mesmo averiguar a condição do rei, aquele touro entre os Bharatas! Se, ó Arjuna, eu for lá, muitos dos heróis principais então dirão eu estou amedrontado em batalha!' Então Arjuna disse para Bhimasena, 'Os Samsaptakas estão diante da minha divisão! Sem matar aqueles inimigos reunidos primeiro, é impossível para mim me mover deste lugar!' Então Bhimasena disse para Arjuna, 'Confiando na minha própria força, ó principal entre os Kurus, eu lutarei com todos os Samsaptakas em batalha! Portanto, ó Dhananjaya, vá tu mesmo!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo no meio de inimigos aquelas palavras de seu irmão Bhimasena que eram de realização difícil, Arjuna, desejando ver o rei, dirigiu-se ao herói Vrishni, dizendo, 'Incite os corcéis, ó Hrishikesha, deixando este mar de tropas! Eu desejo, ó Keshava, ver o rei Ajatasatru!'"

"Sanjaya continuou, 'Exatamente quando ele estava a ponto de incitar os corcéis, Keshava, aquele principal dos Dasharhas, se dirigiu a Bhima, dizendo, 'Essa façanha não é em absoluto extraordinária para ti, ó Bhima! Eu estou prestes a ir (para longe daqui). Mate esses inimigos reunidos de Partha!' Então Hrishikesha procedeu com velocidade muito grande para o local onde o rei Yudhishthira estava, ó rei, levado por aqueles corcéis que pareciam Garuda, tendo colocado Bhima, aquele castigador de inimigos, na vanguarda do exército e o tendo mandado, ó monarca, lutar (com os Samsaptakas). Então aqueles dois principais dos homens, (Krishna e Arjuna), prosseguindo em seu carro, se aproximaram do rei que estava deitado sozinho em seu leito. Ambos deles,

descendo daquele carro, reverenciaram os pés do rei Yudhishthira o justo. Vendo aquele touro de tigres entre homens são e salvo, os dois Krishnas ficaram cheios de alegria, como os gêmeos Ashvinis ao verem Vasava. O rei então felicitou os dois como Vivasvat felicitando os gêmeos Ashvinis, ou como Brihaspati felicitando Sankara e Vishnu depois da morte do poderoso Asura Jambha. O rei Yudhishthira o justo, pensando que Karna tinha sido morto, ficou cheio de alegria, e aquele opressor de inimigos então se dirigiu a eles nessas palavras em uma voz sufocada com deleite.'"

66

"Yudhishthira disse, 'Bem vindo, ó tu que tens Devaki como tua mãe, e boas vindas para ti, ó Dhananjaya! A visão de vocês dois, ó Acyuta e Arjuna, é muito agradável! Eu vejo que sem vocês mesmos serem feridos, vocês dois, seus inimigos, mataram o poderoso guerreiro em carro Karna! Ele era em batalha como uma cobra de veneno virulento. Ele era habilidoso com todas as armas. O líder de todos os Dhartarashtras, ele era sua armadura e protetor! Enquanto lutando ele era sempre protegido por Vrishasena e por Sushena, ambos os quais são grandes arqueiros! De grande energia, ele tinha recebido aulas de Rama em armas! Ele era invencível em batalha! O mais importante em todo o mundo, como um guerreiro em carro ele era célebre por todos os mundos. Ele era o salvador dos Dhartarashtras, e aquele que procedia em sua vanguarda! Um matador de tropas hostis, ele era o subjugador de grandes grupos de inimigos. Sempre dedicado ao bem de Duryodhana, ele estava sempre preparado para infligir aflições sobre nós! Ele era invencível em batalha pelos próprios deuses com Vasava em sua dianteira. Em energia e poder ele era igual ao deus do fogo e ao deus do vento. Em gravidade ele era insondável como o mundo Inferior. O aumentador das alegrias de amigos, ele era como o próprio Destruidor para inimigos! Tendo matado Karna (que era assim mesmo) em batalha terrível, por boa sorte é que vocês dois vieram, como um par de celestiais depois de derrotar um Asura! Hoje, ó Acyuta e Arjuna, uma grande batalha foi lutada entre eu mesmo me esforçando com poder e aquele herói parecendo o próprio Destruidor, enquanto procurando exterminar todas as criaturas! Meu estandarte foi derrubando, e meus dois motoristas Parshni também foram mortos por ele. Eu também fui feito sem cavalos e sem carro por ele na própria vista de Yuyudhana, de Dhrishtadyumna, dos gêmeos (Nakula e Sahadeva), do heróico Shikhandi, como também diante dos filhos de Draupadi, e todos os Pancalas! Tendo derrotado aqueles inimigos incontáveis, Karna de energia poderosa então me derrotou, ó tu de armas poderosas, embora eu me esforçasse resolutamente em batalha! Perseguindo-me então e sem dúvida, subjugando todos os meus protetores, aquele principal dos guerreiros se dirigiu a mim em diversas palavras rudes. Que eu ainda esteja vivo, ó Dhananjaya, é devido à coragem de Bhimasena. O que eu preciso dizer mais? Eu não posso tolerar aquela humilhação! Por treze anos, ó Dhananjaya, por medo de Karna, eu não tive qualquer sono à noite ou qualquer conforto de dia! Cheio de ódio de Karna, eu queimo, ó Dhananjaya! Como a ave Vaddhrinasa eu fugi de Karna, sabendo que a hora da minha própria destruição tinha chegado. Todo o

meu tempo (eu) tinha passado pensando a respeito de como eu realizaria a destruição de Karna em batalha! Acordado ou dormindo, ó filho de Kunti, eu sempre via Karna (com a visão da minha mente). Onde quer que eu estivesse, o universo me parecia estar cheio de Karna! Inspirado com medo de Karna, onde quer que eu costumasse ir, ó Dhananjaya, lá eu via Karna permanecendo diante de meus olhos! Vencido em batalha, com meus corcéis e carro, por aquele herói que nunca se retirou da batalha, vivo eu fui deixado ir por ele! Que necessidade eu tenho da vida ou do reino, uma vez que Karna, aquele ornamento de batalha, hoje gritou 'Que vergonha!' para mim? Aquilo que eu nunca antes tinha encontrado nas mãos de Bhishma ou Kripa ou Drona em batalha, aquilo eu encontrei hoje nas mãos do filho de Suta, aquele poderoso guerreiro em carro! É por isso, ó filho de Kunti, que eu te pergunto hoje acerca do teu bem-estar! Conte-me em detalhes como tu mataste Karna hoje! Em batalha Karna era igual ao próprio Sakra. Em destreza ele era igual a Yama. Em armas ele era igual a Rama. Como então ele foi morto? Ele era considerado como um poderoso guerreiro em carro, conhecedor de todos os modos de guerra. Ele era o principal de todos os arqueiros, e o único homem entre todos os homens! Ó príncipe, o filho de Radha era sempre reverenciado por Dhritarashtra e seu filho, por tua causa! Como então ele foi morto por ti? Em todos os combates, o filho de Dhritarashtra, ó Arjuna, costumava considerar Karna como tua morte, ó touro entre homens! Como então, ó tigre entre homens, aquele Karna foi morto por ti em batalha? Diga-me, ó filho de Kunti, como que Karna foi morto por ti! Como, enquanto ele estava engajado em batalha, tu, ó tigre entre homens, cortaste sua cabeça na própria vista de todos os seus amigos como um tigre arrancando a cabeça de um veado ruru? Aquele filho de Suta que em batalha examinava todos os pontos do horizonte para te achar, aquele Karna que tinha prometido dar um carro com seis touros de proporções elefantinas para aquele que te apontasse, eu pergunto: aquele Karna de alma perversa jaz hoje na terra nua, morto com tuas flechas afiadas equipadas com penas kanka? Tendo matado o filho de Suta em batalha, tu realizaste um ato muito agradável para mim! O enfrentando em batalha, tu realmente mataste aquele filho de Suta, que, cheio de arrogância e orgulho e se gabando de seu heroísmo, costumava procurar por ti em todos os lugares no campo de batalha? Tu, ó senhor, realmente mataste em batalha aquele canalha pecaminoso que costumava sempre te desafiar e que estava desejoso por tua causa de dar para outros um carro magnífico, feito de ouro junto com vários elefantes e touros e corcéis? Tu realmente mataste hoje aquele sujeito pecaminoso que era muito querido para Suyodhana, e que, embriagado com orgulho de heroísmo, costumava sempre se gabar na assembléia dos Kurus? Enfrentado em batalha, aquele desgraçado jaz hoje no campo, seus membros extremamente mutilados por flechas percorredoras do céu disparadas por ti do teu arco e todas molhadas em sangue? Os dois braços do filho de Dhritarashtra foram (finalmente) quebrados? Foram não cumpridas aquelas palavras, proferias por tolice por ele que, cheio de orgulho, costumava sempre contar vantagem no meio dos reis para alegrar Duryodhana, dizendo, 'Eu matarei Phalguna'? Ó filho de Indra, aquele Karna de pouca compreensão foi morto por ti hoje, aquele filho de Suta que fez o voto que ele não lavaria seus pés enquanto Partha vivesse? Aquele Karna de mente má que na assembléia; diante dos chefes Kuru, tinha se dirigido a Krishna, dizendo, 'Por que, ó Krishna, tu não abandonas

os Pandavas que estão privados de poder, extremamente fracos, e decaídos?' Aquele Karna que tinha jurado por tua causa, dizendo que ele não voltaria da batalha sem ter matado Krishna e Partha, eu pergunto, aquele Karna de mente pecaminosa jaz hoje no campo, seu corpo perfurado com flechas? Tu conheces a natureza da batalha que ocorreu quando os Srinjayas e os Kauravas enfrentaram uns aos outros, a batalha na qual eu fui levado àquela situação infeliz. Enfrentando aquele Karna, tu o mataste hoje? Ó Savyasaci, tu hoje, com flechas ardentes disparadas do Gandiva, cortaste do tronco daquele Karna de mente má sua cabeça resplandecente enfeitada com brincos? Perfurado pelas flechas de Karna hoje, eu tinha, ó herói, pensado em ti (que tu o matarias)! Tu então, pela morte de Karna, tornaste verdadeiro aquele pensamento? Por causa da proteção concedida a ele por Karna, Suyodhana, cheio de orgulho, sempre fez pouco caso de nós. Mostrando tua destreza, tu hoje destruíste aquele amparo de Suyodhana? Aquele filho de Suta de alma perversa, aquele Karna de grande ira, que tinha antigamente, no meio da assembléia dos Kauravas, nos chamado de sementes de gergelim sem núcleo, enfrentando aquele Karna em batalha, tu mataste ele hoje? Aquele filho de Suta de alma perversa que, dando risada, tinha mandado Duhshasana arrastar à força a filha de Yajnasena ganha no jogo pelo filho de Subala, foi morto hoje por ti? Aquele Karna de pouca compreensão que, tendo sido contado como só meio guerreiro em carro durante a contagem de rathas e atirathas, tinha criticado aquele principal de todos os manejadores de armas sobre a Terra, nosso avô Bhishma, ele foi morto por ti? Extinga, ó Phalguna, este fogo em meu coração que é nascido do sentimento de vingança e é atiçado pelo vento da humilhação, por me dizer que tu mataste Karna hoje, tendo enfrentado ele em batalha! A notícia da morte de Karna é muito agradável para mim. Diga-me, portanto, como o filho de Suta foi morto! Como o divino Vishnu esperando pela chegada de Indra com as informações da morte de Vritra, eu tinha até agora esperado por ti, ó herói!'

67

"Sanjaya disse, 'Ouvindo estas palavras do rei virtuoso que tinha estado cheio de raiva, aquele atiratha de grande alma, Jishnu de energia infinita, respondeu para o invencível Yudhishthira de grande poder, dizendo, 'Enquanto lutando com os Samsaptakas hoje, o filho de Drona que sempre procede na dianteira das tropas Kuru, ó rei, chegou de repente diante de mim, disparando flechas que pareciam cobras de veneno virulento. Vendo meu carro, de estrépito profundo como o ribombo das nuvens, todas as tropas começaram a cercá-lo. Matando quinhentos daqueles, eu então, ó principal dos reis, procedi contra o filho de Drona. Se aproximando de mim, ó rei, aquele herói com grande resolução avançou contra mim como um príncipe de elefantes contra um leão, e desejou resgatar, ó monarca, os guerreiros em carros Kaurava que estavam sendo massacrados por mim. Então, naquela batalha, ó Bharata, o filho do preceptor, aquele principal dos heróis entre os Kurus, incapaz de ser feito tremer, começou a afligir a mim e Janardana com flechas afiadas parecendo veneno ou fogo. Enquanto envolvido em batalha comigo, oito carroças, cada uma puxada por oito

bois, carregavam suas centenas de flechas. Ele as atirava todas em mim, mas como um vento destruindo as nuvens eu destruí com minhas flechas aquela chuva de flechas dele. Ele então disparou em mim, com habilidade e força e resolução, milhares de outras flechas, todas disparadas da corda de seu arco esticada até sua própria orelha, assim como uma nuvem negra na estação das chuvas despejando em torrentes a água com a qual ela está carregada. Tão rapidamente o filho de Drona se movia naquela batalha que nós não podíamos perceber de qual lado, o esquerdo ou o direito, ele disparava suas flechas, nem nós podíamos notar quando ele pegava suas flechas e quando ele as disparava. De fato, o arco do filho de Drona era visto por nós incessantemente puxado a um círculo. Finalmente, o filho de Drona me perfurou com cinco flechas afiadas e Vasudeva também com cinco flechas afiadas. Num piscar de olhos, no entanto, eu o afligi com a força de raios. Muito afligido com aquelas flechas disparadas por mim, ele logo assumiu a forma de um porco-espinho. Todos os seus membros ficaram banhados em sangue. Vendo suas tropas, aqueles principais dos guerreiros todos cobertos com sangue e subjugados por mim, ele então entrou na divisão de carros do filho de Suta. Vendo as tropas dominadas por mim em batalha, e tomadas pelo medo, e vendo os elefantes e corcéis fugindo, aquele opressor (de hostes hostis), isto é, Karna, se aproximou de mim rapidamente com cinquenta grandes guerreiros em carros. Matando eles todos e evitando Karna, eu vim rapidamente para cá para te ver. Todos os Pancalas estão afligidos com medo à visão de Karna como gado pelo cheiro de um leão. Os Prabhadrakas também, ó rei, tendo se aproximado de Karna, são como pessoas que entraram nas largas mandíbulas abertas da Morte. Karna já despachou para a residência de Yama mil e setecentos daqueles guerreiros em carros aflitos. De fato, ó rei, o filho de Suta não ficou desanimado até que ele teve uma visão de nós. Tu tinhas primeiro estado envolvido em combate com Ashvatthama e (foste) extremamente mutilado por ele. Eu soube que depois tu foste visto por Karna. Ó tu de façanhas inconcebíveis, eu pensei que tu estarias, ó rei, desfrutando de descanso (no acampamento), tendo te afastado do cruel Karna. Eu vi, ó filho de Pandu, a grandiosa e extraordinária arma (Bhargava) de Karna mostrada na vanguarda da batalha. Não há agora outro guerreiro entre os Srinjayas que é capaz de resistir ao poderoso guerreiro em carro Karna. Que o neto de Sini Satyaki e Dhrishtadyumna, ó rei, sejam os protetores das rodas do meu carro. Que os heróicos príncipes Yudhamanyu e Uttamauja protejam minha retaguarda. Ó tu de grande glória, enfrentando aquele heróico e invencível guerreiro em carro, isto é, o filho de Suta, que está no exército hostil, como Sakra enfrentando Vritra, ó principal dos reis, eu irei, ó Bharata, lutar com o filho de Suta se ele puder ser encontrado nessa batalha hoje. Venha e veja eu e o filho de Suta lutando um com o outro em batalha pela vitória. Lá, os Prabhadrakas estão avançando para frente de um touro poderoso. Lá, ó Bharata, 6.000 príncipes estão se sacrificando em batalha hoje, pelo céu. Se, aplicando minha força, eu, ó rei, não matar Karna hoje com todos os seus parentes enquanto engajado em batalha com ele, então aquele fim será meu, ó leão entre reis, o qual é daquele que não cumpre uma promessa feita por ele. Eu te peço, abençoe-me, dizendo que a vitória será minha em batalha. Lá, os Dhartarashtras estão prestes a devorar Bhima. Eu irei, ó leão entre reis, matar o filho de Suta e suas tropas e todos os nossos inimigos!'

68

"Sanjaya disse, 'Ouvindo que Karna de energia poderosa ainda estava vivo, o filho de Pritha Yudhishthira de energia incomensurável, extremamente zangado com Phalguna e queimando com as flechas de Karna, disse essas palavras para Dhananjaya, 'Ó senhor, teu exército fugiu e tem sido derrotado de uma maneira que mal é honrada! Inspirado com medo e abandonando Bhima, tu vieste para cá já que tu foste incapaz de matar Karna. Tu, por entrares no útero dela, tornaste a concepção de Kunti malograda. Tu agiste impropriamente por abandonar Bhima, porque tu foste incapaz de matar o filho de Suta. Tu, ó Partha, disseste para mim nas florestas Dwaita que tu irias, em um único carro, matar Karna. Por que, então, por medo de Karna tu vieste para cá, evitando Karna e abandonando Bhima? Se nas florestas Dwaita tu tivesses me dito, 'Ó rei, eu não poderei lutar com Karna,' nós teríamos então, ó Partha, feito outros planos adequados às circunstâncias. Tendo me prometido a morte de Karna, tu, ó herói, não mantivesses aquela promessa. Nos trazendo para o meio de inimigos, por que tu nos quebraste em pedaços por nos jogar no chão no solo duro? Esperando diversas coisas boas e benefícios de ti, ó Arjuna, nós sempre proferimos bênçãos sobre ti. Todas aquelas expectativas, no entanto, ó príncipe, demonstraram ser vãs como aquelas de pessoas expectantes de frutos obtendo em vez de disso uma árvore carregada somente com flores! Como um anzol escondido dentro de um pedaço de carne, ou veneno coberto com alimento, tu, por nos desapontar finalmente, mostraste destruição na forma de reino para nós cobiçosos de reino! Por estes treze anos, ó Dhananjaya, nós temos, por esperança, vivido confiando em ti, como sementes semeadas na terra na expectativa de chuvas enviadas pelos deuses na estação! Essas mesmas foram as palavras que uma voz nos céus disse para Pritha no sétimo dia depois do teu nascimento, ó tu de mente insensata! 'Este teu filho que nasceu terá a destreza do próprio Vasava! Ele derrotará todos os seus inimigos heróicos! Dotado de energia superior, ele em Khandava derrotará todos os celestiais reunidos e diversas outras criaturas. Ele subjugará os Madras, os Kalingas, e os Kaikeyas. Ele irá, no meio de muitos reis, matar os Kurus. Não haverá arqueiro superior a ele, e nenhuma criatura jamais será capaz de derrotá-lo. Com seus sentidos sob controle, e tendo obtido domínio sobre todos os ramos de conhecimento, ele, por meramente desejar isso, trará todas as criaturas sob submissão a ele mesmo. Este filho de grande alma que nasceu de ti, ó Kunti, em beleza será o rival de Soma, em velocidade do deus do vento, em paciência de Meru, em perdão da Terra, em esplendor de Surya, em prosperidade do Senhor dos tesouros, em coragem de Sakra, e em poder de Vishnu. Ele será o matador de todos inimigos como Vishnu, o filho de Aditi. Dotado de energia incomensurável, ele será célebre pela destruição que ele dará para inimigos e pelo sucesso que ele ganhará para os amigos. Ele, além disso, será o fundador de uma linhagem!' Assim mesmo, nos céus, no topo das montanhas Satasringa, na audição de muitos ascetas, aquela voz falou. Tudo aquilo, no entanto, não veio a se passar. Ai, isso mostra que até os deuses podem falar mentiras! Ouvindo também as palavras de louvor sempre proferidas sobre ti por muitos dos principais

Rishis, eu nunca esperei que Suyodhana obtivesse êxito e prosperidade ou que tu mesmo ficarias aflito com medo de Karna! Tu és conduzido sobre um carro excelente construído pelo próprio artífice celeste, com eixos que não rangem, e com estandarte que porta o macaco. Tu tens uma espada amarrada ao teu cinto de ouro e seda. Este teu arco Gandiva tem seis cúbitos de comprimento. Tu tens Keshava como teu motorista. Por que, então, por medo de Karna tu foste embora da batalha, ó Partha? Se, ó tu de alma má, tu tivesses dado esse arco a Keshava e se tornado seu motorista, então Keshava poderia ter (nesse meio tempo) matado o feroz Karna como o senhor do Maruts (Sakra) matando com seu raio o Asura Vritra. Se tu és incapaz de resistir ao filho feroz de Radha hoje, quando ele está se movendo rapidamente em batalha, dê este teu Gandiva hoje para algum outro rei, que possa ser teu superior (no uso e conhecimento de) armas. Se isso for feito, o mundo então não nos verá privados de filhos e esposas, privados de felicidade por causa da perda do reino, e caídos, ó filho de Pandu, em um inferno insondável de grande miséria. Teria sido melhor para ti se tu nunca tivesses nascido no útero de Kunti, ou tendo tido teu nascimento lá, se tu tivesses saído no quinto mês (em) um aborto, do que ter, ó príncipe, fugido da batalha dessa maneira, ó tu de alma perversa! Que vergonha para teu Gandiva, que vergonha para o poder de tuas armas, que vergonha para tuas flechas inesgotáveis! Que vergonha para o teu estandarte com o macaco gigantesco nele, e que vergonha para teu carro dado a ti pelo deus do fogo!'"

69

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado por Yudhishthira, o filho de Kunti possuindo cavalos brancos, cheio de raiva, puxou sua espada para matar aquele touro da raça Bharata. Vendo sua fúria, Keshava, conhecedor das operações do coração (humano) disse, 'Por que, ó Partha, tu puxas tua espada? Eu não vejo, ó Dhananjaya, ninguém aqui com quem tu tens que lutar! Os Dhartarashtras agora foram atacados pelo inteligente Bhimasena. Tu vieste da batalha, ó filho de Kunti, para ver o rei. O rei foi visto por ti. De fato, Yudhishthira está bem. Tendo visto aquele tigre entre reis que é dotado de destreza igual àquela de um tigre, por que essa insensatez em uma hora quando tu deves te regozijar? Eu não vejo aqui, ó filho de Kunti, a pessoa a quem tu possas matar. Por que então tu desejas golpear? O que é essa ilusão da tua mente? Por que tu, com tal velocidade, pegas essa espada formidável? Eu te pergunto isso, ó filho, de Kunti! O que é que tu estás prestes a (fazer), visto que, ó tu de destreza inconcebível, tu apertas essa espada com raiva?' Assim endereçado por Krishna, Arjuna, lançando seus olhos em Yudhishthira, e respirando como uma cobra enfurecida, disse para Govinda, 'Eu cortaria a cabeça daquele homem que me dissesse: 'Dê teu Gandiva para outra pessoa.' Esse mesmo é meu voto secreto. Aquelas palavras foram faladas por este rei, ó tu de destreza imensurável, na tua presença, ó Govinda! Eu não ouso perdoá-las. Eu irei por isso matar este rei que teme a mais leve queda de virtude. Matando este melhor dos homens, eu manterei meu voto. É por isso que eu puxei a espada, ó alegrador dos Yadus. Eu mesmo, matando Yudhishthira, saldarei minha dívida com a verdade. Por meio disso eu dissiparei minha dor e

perturbação de espírito, ó Janardana. Eu te pergunto, o que você acha apropriado para as circunstâncias que surgiram? Tu, ó senhor, conheces todo o passado e o futuro deste universo. Eu farei o que tu me disseres.'"

"Sanjaya continuou, 'Govinda então disse, 'Que vergonha, que vergonha,' para Partha e mais uma vez continuou a falar, 'Eu agora sei, ó Partha, que tu não serviste os idosos, já que, ó tigre entre homens, tu cedeste à ira em um momento quando tu não deverias ter feito isso. Ninguém que conheça as distinções de moralidade agiria da maneira, ó Dhananjaya, na qual tu, ó filho de Pandu, que não és familiarizado com elas, estás agindo hoje! Ó Partha, é o pior dos homens aquele que comete atos que não devem ser feitos e que faz ações que são aparentemente apropriadas mas condenadas pelas escrituras. Tu não conheces as decisões daqueles homens eruditos que, servidos por pupilos, declaram suas opiniões, seguindo os ditames de moralidade. O homem que não conhece aqueles pareceres fica confuso e estupefato, ó Partha, assim como tu ficaste estupefato em discriminar entre o que deve ser feito e o que não se deve. O que deve ser feito e o que não se deve não pode ser averiguado facilmente. Tudo pode ser averiguado pela ajuda das escrituras. Tu, no entanto, não conheces as escrituras. Já que (te julgando) familiarizado com moralidade, tu estás desejoso de observar moralidade (dessa maneira, parece) que tu estás influenciado pela ignorância. Tu te julgas familiarizado com virtude, mas tu não sabes, ó Partha, que a matança de criaturas vivas é um pecado. Abstenção de ferir animais é, eu penso, a maior virtude. Uma pessoa pode até falar uma inverdade, mas ela nunca deve matar. Como então, ó principal dos homens, tu podes desejar, como uma pessoa medíocre, matar teu irmão mais velho, o Rei, que é familiarizado com moralidade? Matar uma pessoa não envolvida em combate, ou um inimigo, ó Bharata, que desviou seu rosto da batalha ou que foge ou procura proteção ou junta suas mãos ou se entrega ou está desatento, nunca é aprovado pelos justos. Todos esses atributos se encontram no teu superior. Esse voto, ó Partha, foi adotado por ti antes por tolice. Por causa daquele voto tu estás agora, por insensatez, desejoso de cometer uma ação pecaminosa. Por que, ó Partha, tu avanças em direção ao teu superior venerável para matá-lo, sem teres analisado o curso extremamente sutil de moralidade que é, além disso, difícil de ser compreendido? Eu agora te direi, ó filho de Pandu, este mistério relacionado com moralidade, este mistério que foi declarado por Bhishma, pelo virtuoso Yudhishthira, por Vidura também chamado Kshatri, e por Kunti de grande celebridade. Eu te direi aquele mistério em todos os seus detalhes. Ouça, ó Dhananjaya! Alguém que fala a verdade é virtuoso. Não há nada superior à verdade. Veja, no entanto, a sinceridade como praticada é muito difícil de ser compreendida em relação aos seus atributos essenciais. A verdade pode ser indizível, e até a mentira pode ser dizível onde mentira se tornaria verdade e verdade se tornaria mentira. Em uma situação de perigo para a vida e em casamento, a mentira se torna dizível. Em uma situação envolvendo a perda da propriedade inteira de uma pessoa, a mentira se torna dizível. Em uma ocasião de casamento, ou de desfrutar de uma mulher, ou quando a vida está em perigo, ou quando a propriedade inteira de alguém está prestes a ser roubada, ou por causa de um Brahmana, a mentira pode ser proferida. Estas cinco espécies de mentira são declaradas como sendo sem

pecado. Nessas ocasiões a mentira se tornaria verdade e a verdade se tornaria mentira. É um tolo aquele que pratica a veracidade sem saber a diferença entre verdade e mentira. Uma pessoa é citada como estando familiarizada com a moralidade quando ela é capaz de distinguir entre verdade e mentira. É de admirar então que um homem de sabedoria, por cometer até uma ação cruel, possa obter grande mérito como Valaka pela matança da besta cega? É de admirar, além disso, que uma pessoa tola e ignorante, mesmo pelo desejo de obter mérito, ganhe grande pecado como Kausika (vivendo) entre os rios?'"

"Arjuna disse, 'Conte-me, ó santo, essa história para que eu possa entender isso, isto é, esta ilustração sobre Valaka e sobre Kausika (vivendo) entre rios.'"

"Vasudeva disse, 'Havia certo caçador de animais, ó Bharata, de nome Valaka. Ele costumava, para o sustento de seu filho e esposas e não por vontade, matar animais. Dedicado aos deveres de sua própria ordem e sempre falando a verdade e nunca nutrindo malícia, ele costumava também sustentar seus pais e outros que dependiam dele. Um dia, procurando por animais mesmo com perseverança e atenção, ele não encontrou nenhum. Finalmente ele viu um animal predador cujo sentido de olfato substituía o defeito de seus olhos, ocupado em beber água. Embora ele nunca tivesse visto tal animal antes, ainda assim ele o matou imediatamente. Depois da morte daquela besta cega, uma chuva de flores caiu dos céus (sobre a cabeça do caçador). Um carro celeste também, muito encantador e ressoando com as canções de Apsaras e a música de seus instrumentos, veio do céu para levar aquele caçador de animais. Aquele animal predador, tendo praticado austeridades ascéticas, tinha obtido um benefício e se tornado a causa da destruição de todas as criaturas. Por essa razão ele foi feito cego pelo Nascido por Si Mesmo. Tendo matado aquele animal que tinha resolvido matar todas as criaturas, Valaka foi para o céu. A moralidade é assim mesmo difícil de ser entendida. Havia um asceta de nome Kausika sem muito conhecimento das escrituras. Ele vivia em um local muito afastado de uma aldeia, em um ponto onde muitos rios se encontravam. Ele fez um voto, dizendo, 'Eu devo sempre falar a verdade.' Ele então se tornou célebre, ó Dhananjaya, como um falador da verdade. Naquela época certas pessoas, por medo de ladrões, entraram naquela floresta (onde Kausika morava). Lá mesmo, os ladrões, cheios de raiva, procuraram por elas cuidadosamente. Se aproximando de Kausika, aquele falador da verdade, eles o questionaram dizendo, 'Ó santo, por qual caminho uma multidão de homens foi pouco tempo antes? Perguntado em nome da Verdade, nos responda. Se tu viste eles, nos diga isto.' Assim intimado, Kausika lhes falou a verdade, dizendo, 'Aqueles homens entraram nesse bosque repleto de muitas árvores e trepadeiras e plantas.' Assim mesmo, ó Partha, Kausika lhes deu a informação. Então aqueles homens cruéis, isto é conhecido, descobrindo as pessoas que eles procuravam, mataram todas elas. Por causa daquele grande pecado consistindo nas palavras faladas, Kausika, ignorante das sutilezas da moralidade, caiu em um inferno atroz, assim como um homem tolo, de pouco conhecimento, e não familiarizado com as distinções de moralidade, cai em um inferno doloroso por não ter questionado pessoas de idade para a solução de suas dúvidas. Deve haver algumas indicações para distinguir virtude de pecado.

Às vezes aquele conhecimento superior e inatingível pode ser obtido pelo exercício da razão. Muitas pessoas dizem, por um lado, que as escrituras indicam a moralidade. Eu não contradigo isso. As escrituras, no entanto, não previnem para todos os casos. Para o crescimento das criaturas os preceitos de moralidade tem sido declarados. Aquilo que está relacionado com inofensividade é religião. Dharma protege e preserva as pessoas. Dessa maneira é a conclusão dos Pandits que o que mantém é Dharma. Ó Partha, eu narrei para você os sinais e indicações de Dharma. Ouvindo isso, você decide se Yudhishthira deve ser morto por você ou não.' Arjuna disse, 'Krishna, suas palavras são repletas de grande inteligência e saturadas de sabedoria. Tu és para nós como nossos pais e nosso refúgio. Nada é desconhecido para ti nos três mundos, assim tu és familiarizado com as regras de moralidade. Ó Keshava do clã Vrishni, tu conheces meu voto que quem quer que entre os homens me diga, 'Partha, dê teu Gandiva para algum alguém mais corajoso do que você,' eu imediatamente porei um fim à sua vida. Bhima também fez uma promessa que quem quer que o chame de 'tularak', seria morto imediatamente por ele. Agora o Rei repetidamente usou aquelas exatas palavras para mim na tua presença, ó herói, isto é, 'Dê teu arco.' Se eu o matar, ó Keshava, eu não poderei viver nesse mundo nem por um momento. Tendo pretendido, além disso, matar o rei por loucura e perda das minhas faculdades mentais, eu fui poluído pelo pecado. Cabe a ti hoje, ó principal de todas as pessoas justas, me dar conselhos para que meu voto, conhecido por todo o mundo, possa se tornar verdadeiro enquanto ao mesmo tempo eu mesmo e o filho mais velho de Pandu possamos viver.'"

"Vasudeva disse, 'O rei estava fatigado, e sob a influência da dor. Ele foi mutilado em batalha por Karna com numerosas flechas. Depois disso, ó herói, ele foi repetidamente atingido pelo filho de Suta (com suas setas), enquanto ele estava se retirando da batalha. Foi por isso que, sofrendo sob uma carga de tristeza, ele falou aquelas palavras impróprias para ti em fúria. Ele te provocou por aquelas palavras para que tu pudesses matar Karna em batalha. O filho de Pandu sabe que o infame Karna é incapaz de ser resistido por alguém mais no mundo (exceto tu). Foi por isso, ó Partha, que o rei em grande cólera disse aquelas palavras duras para teu rosto. A aposta no jogo da batalha de hoje se encontra no sempre atento e sempre insuportável Karna. Aquele Karna sendo morto, os Kauravas necessariamente estarão vencidos. Isso mesmo é que o filho real de Dharma tinha pensado. Por isso o filho de Dharma não merece a morte. Teu voto também, ó Arjuna, deve ser mantido. Escute agora os meus conselhos que serão agradáveis para ti, conselhos em consequência dos quais Yudhishthira sem ser realmente privado de vida ainda pode ser morto. Enquanto alguém que é digno de respeito continua a receber respeito, ele é citado como vivendo no mundo dos homens. Quando, no entanto, tal pessoa encontra desrespeito, ele é mencionado como alguém que está morto embora vivo. Este rei sempre foi respeitado por ti e por Bhima e os gêmeos, como também por todos os heróis e todas as pessoas no mundo que são veneráveis por idade. Em alguma insignificância então lhe mostre desrespeito. Portanto, ó Partha, te dirija a este Yudhishthira como 'tu' quando seu tratamento usual é 'Vossa Senhoria.' Um superior, ó Bharata, por ser endereçado como 'tu' é morto embora não privado de vida. Te comporte dessa maneira, ó filho

de Kunti, em direção ao rei Yudhishthira, o justo. Adote esse comportamento censurável, ó perpetuador da linhagem de Kuru! Esta melhor audição de todas as audições foi declarada por ambos: Atharvan e Angiras. Homens desejando bem devem sempre agir dessa maneira sem escrúpulos de qualquer tipo. Sem ser privado de vida um superior ainda é citado como estando morto se aquele venerável for endereçado como 'tu.' Conhecedor do dever como tu és, dirija-te ao rei Yudhishthira o justo da maneira que eu indiquei. Essa morte, ó filho de Pandu, nas tuas mãos, o rei Yudhishthira nunca irá considerar como uma ofensa cometida por ti. Tendo te dirigido a ele dessa maneira, tu podes então adorar seus pés e falar palavras de respeito para este filho de Pritha e acalmar sua honra ferida. Teu irmão é sábio. O nobre filho de Pandu, portanto, nunca ficará zangado contigo. Livre da mentira como também do fratricídio, tu irás então, ó Partha, matar alegremente o filho de Suta Karna!'"

70

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado por Janardana, o filho de Pritha Arjuna, aprovando aqueles conselhos de seu amigo, então se dirigiu veementemente ao rei Yudhishthira o justo, em linguagem que era ríspida e semelhante à qual ele nunca tinha usado antes.'"

"Arjuna disse, 'Ó rei, não dirija essas repreensões a mim, tu que estás passando teu tempo duas milhas completas longe da batalha. Bhima, no entanto, que está lutando com os principais heróis do mundo pode me repreender. Tendo afligido seus inimigos na hora apropriada em batalha, e matado muitos bravos senhores de terra e muitos dos principais guerreiros em carros e elefantes enormes e muitos cavaleiros heróicos e inúmeros bravos combatentes, ele, além do mais, matou 1.000 elefantes e 10.000 montanheses Kamboja, e está proferindo rugidos altos em batalha como um leão depois de matar inúmeros animais menores. Aquele herói realiza as façanhas mais difíceis, iguais às quais tu nunca podes realizar. Saltando de seu carro, maça na mão, ele destruiu um grande número de cavalos e carros e elefantes em batalha. Com sua principal das espadas também ele tem destruído muitos cavaleiros e carros e corcéis e elefantes. Com os membros quebrados de carros, e com seu arco também, ele consome seus inimigos. Dotado da bravura de Indra, com seus pés e também seus braços nus ele mata numerosos inimigos. Possuidor de grande poder e parecendo Kuvera e Yama, ele destrói o exército hostil, aplicando sua força. Aquele Bhimasena tem o direito de me repreender, mas não tu que és sempre protegido por amigos. Agitando os principais dos guerreiros em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, Bhima, sem ajuda, está agora no meio dos Dhartarashtras. Aquele castigador de inimigos tem o direito de me repreender. Aquele castigador de inimigos que está matando os Kalingas, os Vangas, os Angas, os Nishadas, e os Magadhas, e grande número de elefantes hostis que estão sempre furiosos e que parecem com massas de nuvens azuis, é competente para me repreender. Sendo levado em um carro adequado, vibrando seu arco no momento apropriado, e com flechas na sua (outra) mão, aquele herói derrama

chuvas de flechas em grande batalha como as nuvens despejando torrentes de chuva. Oitocentos elefantes, eu vi, com seus globos frontais partidos e as extremidades de suas presas cortadas, foram hoje mortos por Bhima com flechas em batalha. Aquele matador de inimigos é competente para me dizer palavras duras. Os eruditos dizem que a força dos principais dos Brahmanas se encontra nas palavras, e que a força do Kshatriya está em seus braços. Tu, ó Bharata, és forte em palavras e muito insensível. Tu achas que eu sou como tu mesmo. Eu sempre me esforço para te fazer bem com minha alma, vida, filhos e esposas. Já que, apesar de tudo isso, tu ainda me perfuraste com tais dardos verbais, é evidente que nós não podemos esperar qualquer felicidade de ti. Deitado na cama de Draupadi tu me insultaste, embora por tua causa eu mate os mais poderosos dos guerreiros em carros. Tu não tens qualquer ansiedade, ó Bharata, e tu és cruel. Eu nunca obtive alguma felicidade de ti. Foi para o teu bem, ó chefe de homens, que Bhishma, firmemente devotado à verdade, ele mesmo te disse os meios de sua morte em batalha, e foi morto pelo heróico Shikhandi de grande alma, o filho de Drupada, protegido por mim. Eu não derivo qualquer prazer do pensamento da tua restauração à soberania, já que tu és viciado na má prática do jogo. Tendo tu mesmo cometido uma ação pecaminosa à qual são afeitos somente aqueles que são inferiores, tu desejas agora derrotar teus inimigos através da nossa ajuda. Tu ouviste a respeito das numerosas faltas e da grande pecaminosidade do jogo de dados sobre os quais Sahadeva falou. Porém os dados, que são adorados pelos vis, tu não pudeste abandonar. Foi por isso que todos nós caímos no inferno. Nós nunca derivamos alguma felicidade de ti já que tu estavas ocupado em jogar com dados. Tendo, ó filho de Pandu, tu mesmo causado toda esta calamidade, tu estás, além disso, endereçando essas palavras duras a mim. Massacradas por nós, tropas hostis estão jazendo no campo, com corpos mutilados e proferindo lamentos altos. Foste tu que fizeste aquele ato cruel em consequência do qual os Kauravas se tornaram ofensores e estão sendo destruídos. Raças do Norte, do Oeste, do Leste, e do Sul, estão sendo atacadas, feridas e mortas, depois da realização de feitos incomparáveis em batalha por grandes guerreiros de ambos os lados. Foste tu que jogaste. Foi por tua causa que nós perdemos nosso reino. Nossa calamidade resultou de ti, ó rei! Atacando-nos, além disso, com o aguilhão cruel das tuas palavras, ó rei, não provoque nossa ira.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo endereçado essas palavras duras e muito amargas para seu irmão mais velho e assim cometido um pecado venial, o inteligente Savyasaci de sabedoria serena, que era sempre influenciado pelo medo de deserção de virtude, ficou muito triste. O filho do chefe dos celestiais ficou cheio de remorso e respirando pesadamente, puxou sua espada. Vendo isso, Krishna perguntou a ele, 'O que é isso? Por que tu desembainhaste novamente tua espada azul como o céu? Diga-me qual é tua resposta, pois então eu te aconselharei para a satisfação do teu objetivo.' Assim endereçado por aquele principal dos homens, Arjuna, em grande tristeza respondeu a Keshava, dizendo, 'Eu irei, aplicando minha força, matar a mim mesmo por quem esta ação perversa foi feita.' Ouvindo aquelas palavras de Partha, Keshava, aquela principal de todas as pessoas justas disse isso para Dhananjaya: 'Tendo dito aquelas palavras para o rei, por que tu ficaste

tão desanimado? Ó matador de inimigos, tu desejas agora destruir a ti mesmo. Isto, no entanto, Kiritin, não é aprovado pelos justos. Se, ó herói entre homens, se tu tivesses hoje, por medo do pecado, matado este teu irmão mais velho de alma virtuosa, qual então seria tua condição e o que então tu não terias feito? A moralidade é sutil, ó Bharata, e incognoscível, especialmente por aqueles que são ignorantes. Escute-me enquanto eu te aconselho. Por destruir a ti mesmo, tu cairias em um inferno mais terrível do que se tu tivesses matado teu irmão. Declare agora, em palavras, teu próprio mérito. Tu irás então, ó Partha, ter matado a ti mesmo.' Aprovando aquelas palavras e dizendo, 'Que assim seja, ó Krishna,' Dhananjaya, o filho de Sakra, abaixando seu arco, disse para Yudhishthira, aquela principal das pessoas virtuosas, 'Ouça, ó rei, não há outro arqueiro, ó soberano de homens, como eu mesmo, exceto a divindade que possui Pinaka; eu sou respeitado até por aquela divindade ilustre. Num momento eu posso destruir este universo de criaturas móveis e imóveis. Fui eu, ó rei, que subjuguei todos os pontos do horizonte com todos os reis governando lá, e trouxe todos à tua submissão. O Rajasuya (realizado por ti), levado à conclusão por presente de Dakshina, e o palácio celestial possuído por ti, foram ambos devido à minha destreza. Em minhas mãos há (marcas de) flechas afiadas e um arco encordoado com flecha fixada nele. Em ambas as minhas solas se encontram os sinais de carros com estandartes. Ninguém pode vencer uma pessoa como eu em batalha. Nações do Norte, do Oeste, do Leste e o Sul, foram derrotadas, mortas, exterminadas e destruídas. Um pequeno resto somente dos Samsaptakas está vivo. Eu matei sozinho metade do exército (hostil) inteiro. Massacrada por mim, a hoste Bharata que parecia, ó rei, a própria hoste dos celestiais, está jazendo morta sobre o campo. Eu mato com armas (superiores) aqueles que são familiarizados com armas superiores. Por essa razão eu não reduzo os três mundos a cinzas. Sobre meu carro terrível e vitorioso, Krishna e eu mesmo logo procederemos para matar o filho de Suta. Que este rei fique alegre agora. Eu sem dúvida matarei Karna em batalha, com minhas flechas. Ou a senhora Suta hoje será feita sem filhos por mim, ou Kunti será feita sem filhos por Karna. Realmente eu digo que eu não tirarei minha armadura antes de eu ter matado Karna com minhas flechas em batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo dito essas palavras para aquela principal das pessoas virtuosas, isto é, Yudhishthira, Partha jogou no chão suas armas e pôs de lado seu arco e rapidamente enfiou sua espada de volta em sua bainha. Baixando sua cabeça em vergonha, o enfeitado com diadema Arjuna, com mãos unidas, se dirigiu a Yudhishthira, e disse, 'Fique alegre, ó rei, me perdoando. O que eu disse, você compreenderá pouco tempo depois. Eu te reverencio.' Procurando animar dessa maneira aquele herói nobre capaz de suportar todos os inimigos, Arjuna, aquele principal dos homens, permanecendo lá, mais uma vez disse, 'Esta tarefa não será retardada. Ela será realizada logo. Karna vem em direção a mim. Eu procederei contra ele. Eu irei, com toda minha alma, proceder para resgatar Bhima da batalha e para matar o filho de Suta. Eu te digo que eu mantenho minha vida para o teu bem. Saiba que isso é verdade, ó rei.' Tendo falado assim, o ornado com diadema Arjuna de esplendor ardente tocou os pés do rei e se ergueu para proceder para o campo. Ouvindo, no entanto, aquelas palavras duras de seu

irmão Phalguna, o filho de Pandu, o rei Yudhishthira, o justo, se levantando daquela cama (na qual ele estava sentado), disse essas palavras para Partha, com seu coração cheio de tristeza, 'Ó Partha, eu agi pecaminosamente. Por isso, vocês tem sido oprimidos por calamidade terrível. Corte, portanto, essa minha cabeça hoje. Eu sou o pior dos homens, e o exterminador da minha linhagem. Eu sou um desgraçado. Eu sou afeito a comportamentos ruins. Eu sou de mente tola. Eu sou preguiçoso e um covarde. Eu sou um insultador dos idosos. Eu sou cruel. O que tu ganharias por ser sempre obediente a uma pessoa cruel como eu? Um canalha que eu sou, eu irei nesse mesmo dia me retirar para as florestas. Vivam vocês felizmente sem mim. Bhimasena de grande alma é digno de ser rei. Um eunuco que eu sou, o que eu farei com a soberania? Eu sou incapaz de suportar essas palavras ríspidas de ti agitado pela ira. Que Bhima se torne rei. Tendo sido insultado dessa maneira, ó herói, que necessidade eu tenho da vida?' Tendo dito essas palavras, o rei, deixando aquela cama, ficou de pé de repente e desejou ir para as florestas. Então Vasudeva, se curvando, disse a ele, 'Ó rei, o voto célebre do manejador do Gandiva que é sempre devotado à verdade acerca de seu Gandiva é conhecido por ti. Aquele homem no mundo que dissesse a ele, 'Dê teu Gandiva para outro', seria morto por ele. Aquelas exatas palavras foram endereçadas a ele por você. Portanto, para manter aquele voto sincero, Partha, agindo também por minha insistência, lhe infligiu este insulto, ó senhor de terra. Insulto a superiores é citado como sendo sua morte. Por esta razão, ó tu de armas poderosas, cabe a ti perdoar a mim que suplica e reverencia a ti essa transgressão, ó rei, minha e de Arjuna, cometida para manter a verdade. Nós dois, ó grande rei, nos colocamos à tua mercê. A Terra hoje beberá o sangue do filho desventurado de Radha. Eu juro realmente para ti. Reconheça o filho de Suta como morto hoje. Ele, cuja morte tu desejas, perdeu sua vida hoje.' Ouvindo aquelas palavras de Krishna, o rei Yudhishthira o justo, em uma grande agitação, ergueu o prostrado Hrishikesha e juntando suas mãos, disse apressadamente, 'É assim mesmo como tu disseste. Eu sou culpado de uma transgressão, eu agora fui despertado por ti, ó Govinda. Eu fui salvo por ti, ó Madhava. Por ti, ó Acyuta, nós hoje fomos resgatados de uma grande calamidade. Nós dois estupefatos pela loucura, isto é, eu mesmo e Arjuna, fomos salvos de um oceano de angústia, tendo obtido a ti como nosso senhor. De fato, tendo obtido a balsa da tua inteligência hoje, nós, com nossos parentes e aliados, atravessamos um oceano de tristeza e dor. Tendo obtido a ti, ó Acyuta, nós não estamos desamparados.'"

71

"Sanjaya disse, 'Tendo ouvido essas palavras alegres do rei Yudhishthira, Govinda de alma virtuosa, aquele alegrador dos Yadus, então se dirigiu a Partha. O último, no entanto, tendo por insistência de Krishna endereçado aquelas palavras para Yudhishthira, ficou extremamente triste por ter cometido um pecado trivial. Então Vasudeva, sorrindo, disse para o filho de Pandu, 'Qual seria tua condição, ó Partha, se, observador de virtude tu tivesses matado o filho de Dharma com tua espada afiada? Tendo somente se dirigido ao rei como tu

(fizeste), tal desânimo possuiu teu coração. Se tu tivesses matado o rei, ó Partha, o que tu terias feito depois disso? A moralidade é assim inescrutável, especialmente para pessoas de compreensão insensata. Sem dúvida grande angústia teria sido tua por causa do teu medo do pecado. Tu terias caído também no inferno terrível em consequência da morte do teu irmão. Gratifique agora este rei de comportamento virtuoso, este principal de todos os praticantes de virtude, este chefe da linhagem de Kuru. Esse mesmo é meu desejo. Gratificando o rei com devoção, e depois que Yudhishthira estiver feliz, nós dois iremos proceder contra o carro do filho de Suta para lutar com ele. Matando Karna hoje com tuas flechas afiadas em batalha, ó concessor de honras, dê grande felicidade para o filho de Dharma. Isso mesmo, ó poderosamente armado, é o que eu acho que é apropriado para este momento. Tendo feito isso, teu propósito será alcançado.' Então Arjuna, ó monarca, envergonhado, tocou os pés do rei Yudhishthira com sua cabeça. E ele repetidamente disse para aquele chefe dos Bharatas, 'Fique satisfeito comigo. Perdoe, ó rei, tudo o que eu disse pelo desejo de observar virtude e por medo de pecados.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo Dhananjaya, aquele matador de inimigos, jazendo chorando aos seus pés, ó touro da raça Bharata, o rei Yudhishthira o justo ergueu seu irmão. E o rei Yudhishthira, aquele senhor da terra, então abraçou seu irmão carinhosamente e chorou alto. Os dois irmãos, de grande esplendor, tendo chorado por um longo tempo, finalmente ficaram livres da aflição, ó monarca, e tão alegres quanto antes. Então o abraçando mais uma vez com afeição e cheirando sua cabeça, o filho de Pandu, muito satisfeito, elogiou seu irmão Jaya e disse, 'Ó tu de armas poderosas, na própria vista de todas as tropas, minha armadura, bandeira, arco, dardo, corcéis, e flechas, foram cortados em batalha, ó grande arqueiro, por Karna com suas flechas, embora eu me esforçasse com atenção. Pensando e vendo as façanhas dele em batalha, ó Phalguna, eu perco minhas energias em aflição. A própria vida não é mais preciosa para mim. Se tu não matares aquele herói em batalha hoje, eu abandonarei meus ares vitais. Que necessidade eu tenho da vida?' Assim endereçado, Vijaya, respondeu, ó touro da raça Bharata, dizendo, 'Eu juro pela Verdade, ó rei, e por tua graça, por Bhima, ó melhor dos homens, e pelos gêmeos, ó senhor da terra, que hoje eu matarei Karna, em batalha, ou, sendo eu mesmo morto por ele cairei na terra. Jurando verdadeiramente, eu toco minhas armas.' Tendo dito essas palavras para o rei, ele se dirigiu a Madhava, dizendo, 'Sem dúvida, ó Krishna, eu matarei Karna em batalha hoje. Ajudado por tua inteligência, abençoado sejas tu, a morte daquele de alma perversa é certa.' Assim endereçado, Keshava, ó melhor dos reis, disse para Partha, 'Tu és competente, ó melhor dos Bharatas, para matar o poderoso Karna. Esse mesmo sempre tem sido meu pensamento, ó poderoso guerreiro em carro, quanto a como, ó melhor dos homens, tu matarás Karna em batalha.' Dotado de grande inteligência, Madhava dirigiu-se novamente ao filho de Dharma, dizendo, 'Ó Yudhishthira, cabe a ti consolar Vibhatsu, e mandá-lo matar Karna de alma perversa. Sabendo que tu tinhas sido afligido pelas flechas de Karna, nós dois viemos para cá, ó filho de Pandu, para averiguar tua situação. Por boa sorte, ó rei, tu não foste morto. Por boa sorte tu não foste capturado. Conforte teu Vibhatsu, e o abençoe, ó impecável, com teus desejos para sua vitória.'"

"Yudhishthira disse, 'Venha, venha, ó Partha, ó Vibhatsu, e me abrace, ó filho de Pandu. Tu me disseste palavras benéficas que mereciam ser ditas, e eu te perdoei. Eu te ordeno, ó Dhananjaya, vá e mate Karna. Ó Partha, não fique zangado pelas palavras duras que eu te disse.'"

"Sanjaya continuou, 'Então Dhananjaya, ó rei, reverenciou Yudhishthira por inclinar sua cabeça, e pegou com suas duas mãos, ó senhor, os pés de seu irmão mais velho. Erguendo-o e abraçando-o apertado, o rei cheirou sua cabeça e mais uma vez disse essas palavras a ele, 'Ó Dhananjaya, ó tu de armas poderosas, eu tenho sido imensamente honrado por ti. Ganhe sempre grandeza e vitória.'"

"Arjuna disse, 'Me aproximando do filho de Radha hoje que é orgulhoso de seu poder, eu matarei aquele homem de feitos pecaminosos com minhas flechas em batalha, junto com todos os seus parentes e seguidores. Ele que, tendo curvado o arco fortemente, te afligiu com suas flechas, eu digo, aquele Karna, obterá hoje o fruto amargo daquele ato dele. Tendo matado Karna, ó senhor da terra, eu hoje voltarei da batalha terrível para te prestar meus respeitos por andar atrás de ti. Eu te digo isso realmente. Sem ter matado Karna eu não voltarei hoje da grande batalha. Realmente eu juro isso por tocar teus pés, ó senhor do universo.'"

"Sanjaya continuou, 'Para o ornado com diadema (Arjuna) que estava falando daquela maneira, Yudhishthira, com o coração alegre, disse essas palavras de significação importante, 'Obtenha fama imperecível, e tal período de vida que atenda ao teu próprio desejo, e vitória, e energia, e a destruição de teus inimigos. Que os deuses te concedam prosperidade. Obtenha tudo isso à medida desejada por mim. Vá rapidamente para a batalha, e mate Karna, assim como Purandara matou Vritra para seu próprio engrandecimento.'"

72

"Sanjaya disse, 'Tendo com o coração alegre gratificado o rei Yudhishthira o justo, Partha, preparado para matar o filho de Suta, dirigiu-se a Govinda, dizendo, 'Que meu carro seja mais uma vez equipado e que meus principais dos corcéis sejam unidos a ele. Que todas as espécies de armas sejam colocadas sobre aquele veículo formidável. Os corcéis tem rolado no chão. Eles foram treinados por pessoas hábeis em cuidar de cavalos. Junto com o outro equipamento do carro, que eles sejam rapidamente trazidos e enfeitados em seus arreios ricamente decorados. Proceda rapidamente, ó Govinda, para a morte do filho de Suta.' Assim endereçado, ó monarca, por Phalguna de grande alma, Krishna ordenou Daruka, dizendo, 'Faça tudo o que Arjuna, aquele principal da família de Bharata e de todos os manejadores de arco, disse.' Assim mandado por Krishna, Daruka, ó melhor dos reis, uniu aqueles corcéis àquele carro coberto com peles de tigre e sempre capaz de chamuscar todos os inimigos. Ele então relatou para o filho de grande alma de Pandu o fato de ter equipado seu veículo. Vendo o carro equipado por Daruka de grande alma, Phalguna, se despedindo de Yudhishthira e fazendo os Brahmanas realizarem ritos propiciatórios e proferirem bênçãos sobre

ele, subiu naquele veículo excelente. O rei Yudhishthira o justo, de grande sabedoria, também o abençoou. Depois disto, Phalguna procedeu em direção ao carro de Karna. Vendo aquele grande arqueiro assim procedendo, todas as criaturas, ó Bharata, consideraram Karna como já morto pelo Pandava de grande alma. Todos os pontos do horizonte, ó rei, ficaram serenos. Aves pescadoras e papagaios e garças, ó rei, se moveram em volta do filho de Pandu. Um grande número de aves belas e auspiciosas, ó rei, chamadas Pung, fazendo Arjuna (por seu aparecimento oportuno) aplicar maior velocidade em batalha, proferiram alegremente seus gritos em volta dele. Terríveis Kankas e urubus, e grous e falcões e corvos, ó rei, tentados pela probabilidade de comida, procediam na frente de seu carro, e indicavam presságios auspiciosos pressagiando a destruição da hoste hostil e a morte de Karna. E enquanto Partha procedia, uma transpiração copiosa cobriu seu corpo. Sua ansiedade também se tornou muito grande a respeito de como ele iria cumprir seu voto. O matador de Madhu então, vendo Partha cheio de ansiedade conforme ele prosseguia, se dirigiu ao manejador do Gandiva e disse essas palavras.'"

"Vasudeva disse, 'Ó manejador do Gandiva, exceto tu não existe outro homem que pudesse vencer aqueles a quem tu derrotaste com este teu arco. Nós temos visto muitos heróis, que, dotados de destreza como Sakra, tem alcançado as regiões mais sublimes, enfrentando tua pessoa heróica em batalha! Quem mais, ó pujante, que não é igual a ti, estaria são e salvo depois de enfrentar Drona e Bhishma e Bhagadatta, ó senhor, e Vinda e Anuvinda de Avanti e Sudakshina, o chefe dos Kambojas e Srutayudha de energia poderosa e Acyutayudha também? Tu tens armas celestes, e agilidade de mão e poder, e tu nunca és entorpecido em batalha! Tu tens também aquela humildade que é devida ao conhecimento! Tu podes atacar com efeito! Tu tens pontaria certeira, e presença de espírito em relação à escolha de meios, ó Arjuna! Tu és competente para destruir todas as criaturas móveis e imóveis incluindo os próprios deuses com os Gandharvas! Sobre a terra, ó Partha, não há guerreiro humano que seja igual a ti em batalha. Entre todos os Kshatriyas, invencíveis em batalha, que manejam o arco, entre os próprios deuses, eu não vi ou ouvi sobre um que seja igual a ti. O Criador de todos os seres, isto é, o próprio Brahma, criou o grande arco Gandiva com o qual tu lutas, ó Partha! Por essa razão não há ninguém que esteja à tua altura. Eu devo, no entanto, ó filho de Pandu, dizer aquilo que é benéfico para ti. Ó poderosamente armado, não desconsidere Karna, aquele ornamento de batalha! Karna é possuidor de poder. Ele é orgulhoso e habilidoso com armas. Ele é um maharatha. Ele é talentoso (nos modos de batalha) e conhecedor de todos os modos de guerra. Ele também é bem familiarizado com tudo o que é conveniente para hora e lugar. Qual a necessidade de falar muito? Ouça em resumo, ó filho de Pandu! Eu considero o poderoso guerreiro em carro Karna como teu igual, ou talvez, teu superior! Com o maior cuidado e resolução tu deves matá-lo em grande batalha. Em energia ele é igual a Agni. Em relação à velocidade ele é igual à impetuosidade do vento. Em fúria, ele parece o próprio Destruidor. Dotado de poder, ele parece um leão na formação de seu corpo. Ele tem oito ratnis de estatura. Seus braços são grandes. Seu peito é largo. Ele é invencível. Ele é sensitivo. Ele é um herói. Ele é, além disso, o principal dos heróis. Ele é muito

bonito. Possuidor de todas as habilidades de um guerreiro, ele é um dissipador dos temores de amigos. Dedicado ao bem do filho de Dhritarashtra, ele sempre odeia os filhos de Pandu. Ninguém, nem mesmo os deuses com Vasava em sua dianteira, pode matar o filho de Radha, exceto tu, como eu penso. Mate, portanto, o filho de Suta hoje. Ninguém possuidor de carne e sangue, nem os deuses lutando com grande atenção, nem todos os guerreiros (dos três mundos) lutando juntos podem vencer aquele guerreiro em carro. Para os Pandavas ele é sempre de alma perversa e comportamento pecaminoso, e cruel, e de inteligência maldosa. Em sua briga com os filhos de Pandu, ele não é influenciado por alguma consideração relacionada com seus próprios interesses. Matando aquele Karna, portanto, cumpra teu propósito hoje. Despache hoje para a presença de Yama aquele filho de Suta, aquele principal dos guerreiros em carros, cuja morte está perto. De fato, matando aquele filho de Suta, aquele principal dos guerreiros em carros, mostre amor por Yudhishthira o justo. Eu conheço a tua destreza realmente, ó Partha, a qual é incapaz de ser resistida pelos deuses e Asuras. O filho de Suta de alma perversa, por excesso de orgulho, sempre desconsidera os filhos de Pandu. Ó Dhananjaya, mate aquele homem hoje por cuja causa o patife Duryodhana se considera um herói, aquela raiz de todas (aquelas) pessoas pecaminosas, aquele filho de um Suta. Mate, ó Dhananjaya, aquele tigre entre homens, aquele Karna ativo e orgulhoso, que tem uma espada como sua língua, um arco como sua boca, e flechas como seus dentes. Eu te conheço bem com relação à energia e o poder que se encontram em ti. Mate o bravo Karna em batalha, como um leão matando um elefante. Mate em batalha hoje, ó Partha, aquele Karna, também chamado Vaikartana, por causa de cuja energia o filho de Dhritarashtra desconsidera a tua.'"

73

"Sanjaya disse, 'Mais uma vez Keshava de alma incomensurável disse essas palavras para Arjuna, que, ó Bharata, estava avançando (para a batalha), firmemente decidido a matar Karna, 'Hoje é o décimo sétimo dia, ó Bharata, desse massacre terrível de homens e elefantes e corcéis. No início era vasta a hoste que pertencia a vocês. Enfrentando o inimigo em batalha, aquela hoste foi muito reduzida em números, ó rei! Os Kauravas também, ó Partha, eram numerosos a princípio, fervilhando de elefantes e cavalos. Enfrentando a ti, no entanto, como seu inimigo, eles foram quase exterminados na vanguarda da batalha! Estes senhores de terra e estes Srinjayas, reunidos, e estas tropas Pandava também, obtendo tua pessoa invencível como seu líder, estão mantendo seu terreno no campo. Protegidos por ti, ó matador de inimigos, os Pancalas, os Matsyas, os Karushas, e os Cedis tem causado uma grande destruição de teus inimigos. Quem poderia vencer os Kauravas reunidos em batalha? Por outro lado, quem pode vencer os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas protegidos por ti? Tu, no entanto, és competente para derrotar em batalha os três mundos consistindo em deuses, Asuras, e seres humanos, juntos. O que eu preciso dizer então da hoste Kaurava? Exceto tu, ó tigre entre homens, quem mais há, mesmo que ele pareça o próprio Vasava em destreza, que poderia derrotar o rei Bhagadatta? Assim

também, ó impecável, todos os senhores de terra, reunidos, são incapazes, ó Partha, até de olhar para este vasto exército que é protegido por ti. Assim também, ó Partha, é devido a eles terem sido sempre protegidos por ti que Dhrishtadyumna e Shikhandi conseguiram matar Drona e Bhishma. Quem, de fato, ó Partha, poderia derrotar em batalha aqueles dois poderosos guerreiros em carros dos Bharatas, Bhishma e Drona, ambos os quais eram dotados de bravura igual àquela do próprio Sakra? Exceto tu, ó tigre entre homens, que outro homem neste mundo é capaz de derrotar aqueles senhores bravios de akshauhinis, aqueles heróis invencíveis e que não recuam, todos habilidosos com armas e unidos, o filho de Shantanu Bhishma, e Drona, e Vaikartana, e Kripa, e o filho de Drona, e o próprio rei Duryodhana? Incontáveis divisões de soldados foram destruídas (por ti), seus cavalos e carros e elefantes tendo sido mutilados (com tuas flechas). Inúmeros Kshatriyas também, coléricos e ferozes, vindos de diversas províncias, foram destruídos por ti. Cheios de cavalos e elefantes, grandes grupos de combatentes de diversos clãs Kshatriya, tais como os Govasas, os Dasamiyas, os Vasatis, ó Bharata, e os habitantes do Leste, os Vatadhanas, e os Bhojas que são muito sensíveis a respeito de sua honra, se aproximando de ti e Bhima, ó Bharata, tem encontrado a destruição. De feitos terríveis e extremamente ferozes, os Tusharas, os Yavanas, os Khasas, os Darvabhisaras, os Daradas, os Sakas, os Kamathas, os Ramathas, os Tanganas os Andhrakas, os Pulindas, os Kiratas de bravura feroz, os Mlecchas, os Montanheses, e as tribos vindas do litoral, todas dotadas de grande fúria e grande poder, se deleitando em batalha e armados com maças, esses todos, unidos com os Kurus e lutando colericamente por causa de Duryodhana não podiam ser vencidos em batalha por alguém mais exceto tu, ó opressor de inimigos! Que homem, não protegido por ti, poderia avançar, vendo a hoste poderosa e cheia dos Dhartarashtras organizada em formação de combate? Protegidos por ti, ó pujante, os Pandavas, cheios de ira, e penetrando em seu meio, tem destruído aquela hoste encoberta com poeira e parecendo um mar cheio. Sete dias se passaram desde que o poderoso Jayatsena, o soberano dos Magadhas, foi morto em batalha por Abhimanyu. Depois disso, 10.000 elefantes, de feitos ferozes, que costumavam seguir aquele rei, foram mortos por Bhimasena com sua maça. Depois disso, outros elefantes, e guerreiros em carros, às centenas, foram destruídos por Bhima naquele exercício de seu poder. Assim mesmo, ó Partha, durante a continuação dessa batalha tremenda, os Kauravas, com seus corcéis e guerreiros em carros e elefantes, enfrentando Bhimasena e a ti, ó filho de Pandu, tem partido daqui para a região da Morte. A vanguarda do exército Kaurava, ó Partha, tendo sido derrubada pelos Pandavas, Bhishma disparou chuvas de flechas ardentes, ó senhor! Conhecedor das maiores armas, ele encobriu os Cedis, os Pancalas, os Karushas, os Matsyas, e os Kaikayas com flechas, e privou-os de vida! O céu ficou cheio de flechas de curso reto e aladas com ouro, capazes de perfurar os corpos de todos os inimigos, que emergiam de seu arco. Ele matou milhares de guerreiros em carros, disparando chuvas de flechas de uma vez. Ao todo, ele matou 100.000 homens e elefantes de grande força. Abandonando os diversos movimentos, cada um de um tipo novo, nos quais eles se moviam rapidamente, aqueles reis e elefantes perversos, enquanto perecendo, destruíam muitos corcéis e carros e elefantes. De fato, inúmeras foram as flechas

que Bhishma disparou em batalha. Massacrando a hoste Pandava por dez dias seguidos, Bhishma fez os terraços de incontáveis carros ficarem vazios e privou inúmeros elefantes e corcéis de vida. Tendo assumido a forma de Rudra ou de Upendra em batalha, ele afligiu as divisões Pandava e causou uma grande carnificina entre eles. Desejoso de resgatar o pecaminoso Suyodhana que estava afundando em um mar sem balsa, ele massacrou muitos senhores de terra entre os Cedis, os Pancalas, e os Kaikayas, e causou um grande massacre do exército Pandava cheio de carros e corcéis e elefantes. Incontáveis soldados de infantaria entre os Srinjayas, todos bem armados, e outros senhores de terra, eram incapazes até de olhar para aquele herói quando ele se movia rapidamente em batalha como o próprio Sol de esplendor ardente. Finalmente os Pandavas, com todos os seus recursos, fizeram um esforço imenso, e avançaram contra aquele guerreiro que, inspirado pelo desejo de vitória, costumava se mover em batalha exatamente dessa maneira. Sem se aproveitar de qualquer ajuda, ele derrotou, entretanto, os Pandavas e os Srinjayas em batalha, e veio a ser considerado como o principal herói no mundo. Enfrentando-o, Shikhandi, protegido por ti, matou aquele tigre entre homens com suas flechas retas. Tendo obtido a ti que és um tigre entre homens (como seu inimigo), aquele avô está agora esticado em um leito de flechas, como Vritra quando ele obteve Vasava como seu inimigo. O feroz Drona também massacrou o exército hostil por cinco dias seguidos. Tendo feito uma formação de combate impenetrável e fazendo muitos poderosos guerreiros em carros serem mortos, aquele grande guerreiro em carro protegeu Jayadratha (por algum tempo). Feroz como o próprio Destruidor, ele causou uma grande carnificina na batalha noturna. Dotado de grande coragem, o filho heróico de Bharadwaja consumiu inúmeros combatentes com suas flechas. Finalmente, enfrentando Dhrishtadyumna, ele obteve o fim mais sublime. Se, naquele dia, tu não tivesses reprimido em batalha todos os guerreiros em carros (Dhartarashtra) encabeçados pelo filho de Suta, Drona então nunca teria sido morto. Tu mantiveste sob controle o exército Dhartarashtra inteiro. Foi por isso, ó Dhananjaya, que Drona pode ser morto pelo filho de Prishata. Que outro Kshatriya, exceto tu, poderia em batalha realizar tais façanhas para executar a morte de Jayadratha? Reprimindo o vasto exército (Kaurava) e matando muitos bravos reis, tu mataste o rei Jayadratha, ajudado pelo poder e energia de tuas armas. Todos os reis consideraram a morte do soberano dos Sindhus como tendo sido muito extraordinária. Eu, no entanto, não a considero assim; tu fizeste isto e tu és um formidável guerreiro em carro. Se esse vasto grupo de Kshatriyas, obtendo a ti como um inimigo, sofrer extermínio mesmo no decorrer de um dia inteiro, eu devo, eu penso, ainda considerar esses Kshatriyas como sendo realmente poderosos. Uma vez que Bhishma e Drona estão mortos, a terrível hoste Dhartarashtra, ó Partha, pode ser considerada como tendo perdido todos os seus heróis. De fato, com todos os seus principais guerreiros mortos, com seus corcéis, carros, e elefantes destruídos, o exército Bharata parece hoje com o firmamento, privado do Sol, da Lua, e de estrelas. Aquela hoste de destreza feroz, ó Partha, está privada de seus esplendores hoje como a hoste Asura nos tempos antigos privada de seus esplendores pela bravura de Sakra. O restante daqueles grandes chefes agora consiste somente em cinco grandes guerreiros em carros, isto é, Ashvatthama, Kritavarma, Karna, Shalya, e Kripa. Matando aqueles cinco

grandes guerreiros em carros hoje, ó tigre entre homens, seja um herói que matou todos os seus inimigos, e entregue a Terra com todas as suas ilhas e cidades para o rei Yudhishthira. Que o filho de Pritha Yudhishthira de energia e prosperidade imensuráveis obtenha hoje a terra inteira com o céu acima dela, as águas sobre ela, e as regiões inferiores abaixo dela. Matando essa hoste como Vishnu nos tempos antigos matando os Daityas e os Danavas, entregue a Terra para o rei como Hari entregando (os três mundos) para Sakra. Que os Pancalas se regozijem hoje, seus inimigos estando mortos, como os celestiais se regozijando depois da morte dos Danavas por Vishnu. Se por causa do teu respeito por aquele principal dos homens, isto é, teu preceptor Drona, tu nutres compaixão por Ashvatthama, se, além disso, tu tens alguma bondade por Kripa por causa do respeito que é devido a um preceptor, se, te aproximando de Kritavarma, tu não o despachares hoje para a residência de Yama por causa da honra que é devida a alguém que é parente pelo lado da mãe, se, ó de olhos de lótus, te aproximando do irmão da tua mãe, isto é, Shalya, o soberano dos Madras, tu não o matares por compaixão, eu te peço, mate, com flechas afiadas, ó principal dos homens, Karna hoje com rapidez, aquele canalha vil de coração pecaminoso que nutre o ódio mais violento pelo filho de Pandu. Esse é teu mais nobre dever. Não há nada nele que seja impróprio. Nós aprovamos isso, e aqui não há falha na ação. Karna de alma perversa é a causa, ó tu de glória imperecível, daquela tentativa, ó impecável, feita à noite de queimar tua mãe com todos os seus filhos, e daquele comportamento que Suyodhana adotou com vocês por causa daquele jogo de dados. Suyodhana sempre espera libertação através de Karna. Cheio de raiva, ele se esforça para me afligir também (em consequência daquela proteção). É a crença firme do filho real de Dhritarashtra, ó concessor de honras, que Karna, sem dúvida, matará todos os Prithas em batalha. Embora totalmente familiarizado com teu poder, ainda, ó filho de Kunti, o filho de Dhritarashtra escolheu guerrear com vocês por causa de sua confiança em Karna. Karna também sempre diz, 'Eu derrotarei os Parthas reunidos e aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, Vasudeva da linhagem de Dasharha.' Fazendo flutuar o filho de alma perversa de Dhritarashtra, o maldoso Karna sempre ruge na assembléia (Kuru). Mate-o hoje, ó Bharata. Em todos os atos de injúria, dos quais o filho de Dhritarashtra é culpado em direção a vocês, Karna de alma maldosa de mente pecaminosa foi o líder. Eu vi o heróico filho de Subhadra de olhos como aqueles de um touro, morto por seis poderosos guerreiros em carros de coração cruel pertencentes ao exército Dhritarashtra. Oprimindo aqueles touros entre homens, isto é, Drona, o filho de Drona, Kripa e outros heróis, ele privou elefantes de seus condutores e poderosos guerreiros em carros de seus carros. Abhimanyu de pescoço de touro, aquele espalhador da fama dos Kurus e dos Vrishnis, privou corcéis também de seus cavaleiros e soldados a pé de armas e vida. Desbaratando as divisões (Kaurava) e afligindo muitos poderosos guerreiros em carros, ele despachou inúmeros homens e cavalos e elefantes para a residência de Yama. Eu te juro pela Verdade, ó amigo, que meus membros estão queimando ao pensamento que enquanto o filho de Subhadra estava avançando dessa maneira, destruindo o exército hostil com suas flechas, até naquela ocasião Karna de alma perversa estava engajado em ações de hostilidade para aquele herói, ó senhor! Incapaz, ó Partha, de ficar naquela batalha na frente de Abhimanyu, mutilado pelas flechas do filho de

Subhadra, privado de consciência, e banhado em sangue, Karna deu respirações profundas, inflamado com raiva. Finalmente, afligido por flechas, ele foi obrigado a voltar suas costas no campo. Avidamente desejoso de fugir e ficando sem esperança de vida, ele ficou por algum tempo em batalha, totalmente entorpecido e esgotado com os ferimentos que ele tinha recebido. Finalmente ouvindo aquelas palavras cruéis de Drona em batalha, palavras que eram apropriadas para o momento, Karna cortou o arco de Abhimanyu. Feito sem arco por ele naquela batalha, cinco grandes guerreiros em carros então, bem versados nos modos de guerra suja, mataram aquele herói com chuvas de flechas. Após a morte daquele herói, a tristeza entrou no coração de todos. Somente Karna de alma maldosa e Suyodhana deram risada em alegria. (Tu te lembras também) das palavras duras e amargas que Karna disse cruelmente para Krishna na assembléia (Kuru), na presença dos Pandavas e dos Kurus, 'Os Pandavas, ó Krishna, estão mortos! Eles caíram no inferno eterno! Ó tu de quadris largos, escolha outros maridos agora, ó tu de fala suave! Entre agora na residência de Dhritarashtra como uma mulher servidora, pois, ó tu de cílios curvos, teus maridos não existem mais! Os Pandavas não serão, ó Krishna, de qualquer serventia para ti hoje! Tu és a esposa de homens que são escravos, ó princesa de Pancala, e tu mesma és, ó bela dama, uma escrava! Hoje só Duryodhana é considerado como o único rei na terra; todos os outros reis do mundo estão reverenciando a agência pela qual sua administração é mantida. Veja agora, ó amável, como todos os filhos de Pandu decaíram igualmente! Dominados pela energia do filho de Dhritarashtra, eles estão agora olhando silenciosamente uns para os outros. É evidente que eles são todos sementes de gergelim sem núcleo, e caíram no inferno. Eles terão que servir o Kaurava (Duryodhana), aquele rei de reis, como seus escravos.' Essas mesmas foram as palavras vis que aquele desgraçado, o pecaminoso Karna de coração extremamente perverso, falou naquela ocasião, na tua audição, ó Bharata! Que flechas enfeitadas com ouro afiadas em pedra e capazes de tirar a vida daquele em quem elas são disparadas, atiradas por ti, apaguem (o fogo) daquelas palavras e todos os outros males que aquele indivíduo de alma maldosa fez para ti. Que tuas flechas apaguem todos aqueles males e a vida também daquele sujeito pecaminoso. Sentindo o toque de setas terríveis disparadas do Gandiva, que Karna de alma perversa lembre hoje das palavras de Bhishma e Drona! Que flechas do comprimento de uma jarda matadoras de inimigos, providas da refulgência do relâmpago, atiradas por ti, perfurem seus membros vitais e bebam seu sangue! Que flechas ardentes e poderosas, de grande impetuosidade, disparadas por teus braços, penetrem nos membros vitais de Karna hoje e o despachem para a residência de Yama. Que todos os reis da terra, desanimados e cheios de aflição e proferindo lamentos de dor, vejam Karna cair de seu carro hoje, afligido por tuas flechas. Que seus parentes, com rostos tristes, contemplem Karna hoje, caído e esticado no chão, mergulhado em sangue coagulado e com suas armas soltas de suas mãos! Que a bandeira alta do filho de Adhiratha, portando o emblema da corda do elefante, caia esvoaçando no chão, cortada por ti com uma flecha de cabeça larga. Que Shalya fuja aterrorizado, abandonando o carro enfeitado com ouro (que ele dirige) ao vê-lo privado de seu guerreiro e cavalos e cortado em fragmentos com centenas de flechas por ti. Que teu inimigo Suyodhana hoje, vendo o filho de Adhiratha morto por ti, perca a esperança de

ambos: sua vida e reino. Lá, ó Partha, Karna, igual a Indra em energia, ou, talvez, ao próprio Sankara, está massacrando tuas tropas com suas flechas. Lá os Pancalas, embora massacrados por Karna com suas flechas afiadas, ainda estão, ó chefe da linhagem de Bharata, avançando (para a batalha), para servir a causa dos Pandavas. Saiba, ó Partha, que (ele) está levando a melhor sobre os Pancalas, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Dhrishtadyumna e Shikhandi, e os filhos de Dhrishtadyumna, e Satanika, o filho de Nakula, e o próprio Nakula, e Sahadeva, e Durmukha, e Janamejaya, e Sudharman, e Satyaki! O tumulto alto feito por aqueles aliados teus, isto é, os Pancalas, ó opressor de inimigos, enquanto eles estão sendo atacados por Karna em batalha terrível, é ouvido. Os Pancalas não estão inspirados com medo em absoluto, nem eles desviam seus rostos da batalha. Aqueles arqueiros poderosos são totalmente indiferentes à morte em grande batalha. Enfrentando até aquele Bhishma que, sozinho, tinha cercado o exército Pandava com uma nuvem de flechas, os Pancalas não desviaram seus rostos dele. Então, além disso, ó castigador de inimigos, eles sempre se esforçaram com entusiasmo para subjugar forçosamente em batalha seu grande inimigo, isto é, o invencível Drona, aquele preceptor de todos os manejadores de arco, aquele fogo brilhante de armas, aquele herói que sempre queimava seus inimigos em batalha. Eles nunca viraram seus rostos da batalha, com medo do filho de Adhiratha. O heróico Karna, no entanto, com suas flechas, está tirando as vidas dos guerreiros Pancala dotados de grande energia conforme eles estão avançando contra ele, como um fogo ardente tirando as vidas de miríades de insetos. O filho de Radha, nessa batalha, está destruindo às centenas os Pancalas que estão avançando contra ele, aqueles heróis, que estão decididos a sacrificar suas vidas por seus aliados! Cabe a ti, ó Bharata, tornar-te uma balsa e resgatar aqueles bravos guerreiros, aqueles grandes arqueiros, que estão afundando no oceano sem balsa representado por Karna. A forma horrível daquela arma que foi obtida por Karna daquele principal dos sábios, isto é, Rama da linhagem de Bhrigu, foi exposta. Chamuscando todas as tropas, aquela arma de forma extremamente feroz e terrível está brilhando com sua própria energia, cercando nosso exército vasto. Aquelas flechas, disparadas do arco de Karna, estão correndo em batalha cerradamente como enxames de abelhas, e chamuscando tuas tropas. Enfrentando a arma de Karna em batalha, que é irresistível por pessoas que não tem suas almas sob controle, lá os Pancalas, ó Bharata, estão fugindo em todas as direções! Lá, Bhima, de ira implacável, cercado por todos os lados pelos Srinjayas, está lutando com Karna, ó Partha, afligido pelo último com flechas afiadas! Se negligenciado, Karna irá, ó Bharata, exterminar os Pandavas, os Srinjayas, e os Pancalas, como uma doença negligenciada cujo germe entrou no corpo. Exceto tu eu não vejo outro no exército de Yudhishthira que voltaria para casa são e salvo, tendo enfrentado o filho de Radha em batalha. Matando aquele Karna hoje com tuas flechas afiadas, ó touro entre homens, aja segundo teu voto, ó Partha, e ganhe grande fama. Eu te digo realmente, somente tu és capaz de derrotar em batalha a hoste Kaurava com Karna entre eles, e ninguém mais, ó principal dos guerreiros! Realizando esse grande feito, isto é, matando o poderoso guerreiro em carro Karna, alcance teu objetivo, ó Partha, e coroado com êxito, seja feliz, ó melhor dos homens!'"

74

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras de Keshava, ó Bharata, Vibhatsu logo rejeitou sua ansiedade e ficou alegre. Esfregando então a corda do Gandiva e a esticando, ele segurou seu arco para a destruição de Karna, e se dirigiu a Keshava, dizendo, 'Contigo como meu protetor, ó Govinda, e quando tu que conheces o passado e o futuro estás satisfeito comigo hoje, a vitória sem dúvida será minha. Ajudado por ti, ó Krishna, eu posso, em grande batalha, destruir os três mundos reunidos, o que dizer de Karna então? Eu vejo que a hoste Pancala está fugindo, ó Janardana. Eu vejo também Karna se movendo destemidamente em batalha. Eu vejo também a arma Bhargava correndo a toda velocidade em todas as direções, tendo sido invocada por Karna, ó tu da linhagem de Vrishni, como o pujante trovão invocado por Shakra. Essa é aquela batalha na qual Karna será morto por mim e da qual todas as criaturas falarão enquanto a terra durar. Hoje, ó Krishna, flechas não farpadas, impelidas por meus braços e disparadas do Gandiva, mutilando Karna, irão levá-lo até Yama. Hoje o rei Dhritarashtra irá amaldiçoar aquela inteligência dele pela qual ele instalou Duryodhana, que não era digno da soberania, no trono. Hoje, ó de braços fortes, Dhritarashtra será privado de soberania, felicidade, prosperidade, reino, cidade, e filhos. Eu te digo realmente, ó Krishna, que hoje, Karna estando morto, Duryodhana ficará desesperançado de vida e reino. Hoje, vendo Karna cortado em pedaços por mim com minhas flechas, como Vritra nos tempos antigos por Indra na batalha entre os deuses e os Asuras, que o rei Duryodhana se lembre das palavras que tu falaste para trazer paz. Hoje que o filho de Subala, ó Krishna, saiba que minhas flechas são dados, meu Gandiva a caixa para jogá-los, e meu carro, o tecido axadrezado. Ó Govinda, matando Karna com flechas afiadas eu dissiparei a longa insônia do filho de Kunti. Hoje o nobre filho de Kunti, após a morte do filho de Suta por mim, será satisfeito e ficará de coração alegre e obterá felicidade para sempre. Hoje, ó Keshava, eu irei disparar uma flecha irresistível e inigualável que privará Karna de vida. Esse mesmo, ó Krishna, foi o voto daquele de alma maldosa sobre minha morte, isto é: 'Eu não lavarei meus pés até eu matar Phalguna!' Falsificando esse voto daquele patife, ó matador de Madhu, eu irei, com flechas retas, derrubar seu corpo hoje de seu carro. Hoje a terra beberá o sangue daquele filho de Suta que em batalha condena todos os outros homens na terra! Com a aprovação de Dhritarashtra, o filho de Suta Karna, contando vantagem de seus próprios méritos, tinha dito, 'Tu não tens marido agora, ó Krishna!' Minhas flechas afiadas falsificarão aquele discurso dele. Como cobras enfurecidas de veneno virulento, elas beberão seu sangue vital. Flechas do comprimento de uma jarda, da refulgência do relâmpago, disparadas por mim mesmo possuidor de braços fortes, disparadas do Gandiva, enviarão Karna em sua última viagem. Hoje o filho de Radha se arrependerá daquelas palavras cruéis que ele disse para a princesa de Pancala no meio da assembléia, em depreciação aos Pandavas! Eles que eram naquela ocasião sementes de gergelim sem núcleo, virarão hoje sementes com núcleo depois da queda do filho de Suta Karna de alma perversa, também chamado Vaikartana! 'Eu salvarei vocês dos filhos de Pandu!' Essas mesmas

foram as palavras que Karna, se gabando de seus próprios méritos, disse para os filhos de Dhritarashtra! Minhas flechas afiadas falsificarão aquelas palavras dele! Hoje, na própria vista de todos os arqueiros, eu matarei aquele Karna que disse, 'Eu matarei todos os Pancalas com seus filhos.' Hoje, ó matador de Madhu, eu matarei aquele Karna, aquele filho de Radha, confiando em cuja destreza o filho orgulhoso de Dhritarashtra, de mente pecaminosa, sempre nos desconsiderou. Hoje, ó Krishna, depois da queda de Karna, os Dhartarashtras com seu rei, em pânico, irão fugir em todas as direções, como veados com medo do leão. Hoje que o rei Duryodhana se arrependa após a morte de Karna, com seus filhos e parentes, por mim em batalha. Hoje, vendo Karna morto, que o colérico filho de Dhritarashtra, ó Krishna, saiba que eu sou o principal de todos os arqueiros em batalha. Hoje, eu farei o rei Dhritarashtra, com seus filhos e netos e conselheiros e empregados, sem proteção. Hoje, garças e outras aves carnívoras, ó Keshava, se divertirão sobre os membros de Karna cortados em pedaços com minhas flechas. Hoje, ó matador de Madhu, eu cortarei em batalha a cabeça do filho de Radha Karna, diante de todos os arqueiros. Hoje, ó matador de Madhu, eu cortarei em batalha os membros do filho de Radha de alma maldosa com vipathas afiados e setas de face de navalha. Hoje, o rei heróico Yudhishthira abandonará uma grande aflição e uma grande tristeza nutridas por muito tempo em seu coração. Hoje, ó Keshava, matando o filho de Radha, com todos os seus parentes, eu alegrarei o rei Yudhishthira, o filho de Dharma. Hoje, eu matarei os desanimados seguidores de Karna em batalha, com flechas parecendo o fogo ardente ou o veneno da cobra. Hoje, com minhas flechas retas equipadas com penas de urubu, eu irei, ó Govinda, fazer a terra ser coberta com (os corpos de) reis envolvidos em armadura dourada. Hoje, ó matador de Madhu, com flechas afiadas, eu despedaçarei os corpos e cortarei as cabeças de todos os inimigos de Abhimanyu. Hoje, eu entregarei a terra, privada de Dhartarashtras para meu irmão, ou, talvez, tu, ó Keshava, andarás sobre a terra privada de Arjuna! Hoje, ó Krishna, eu me livrarei da dívida que tenho com todos os arqueiros, com minha própria ira, com os Kurus, com minhas flechas, e com Gandiva. Hoje, eu ficarei livre da aflição que eu tenho nutrido por treze anos, ó Krishna, por matar Karna em batalha como Maghavat matando Samvara. Hoje, depois de eu ter matado Karna em batalha, que os poderosos guerreiros em carros dos Somakas, que estão desejosos de realizar a tarefa de seus aliados, considerem sua tarefa como cumprida. Eu não sei qual será a medida, ó Madhava, da alegria do neto de Sini hoje depois de eu ter matado Karna e ganhado a vitória. Hoje, eu matarei Karna em batalha como também seu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, e darei alegria para Bhima e os gêmeos e Satyaki. Hoje, matando Karna em batalha terrível, eu saldarei minha dívida, ó Madhava, com os Pancalas, com Dhrishtadyumna e Shikhandi! Hoje que todos vejam o colérico Dhananjaya lutar com os Kauravas em batalha e matar o filho de Suta. Mais uma vez não há ninguém igual a mim no mundo. Em coragem também, quem se assemelha a mim? Que outro homem é igual a mim em perdão? Em fúria também, não há ninguém igual a mim. Armado com o arco e ajudado pela destreza de meus braços, eu posso derrotar os Asuras e os deuses e todas as criaturas reunidos. Saiba que minha destreza é maior do que a maior. Atacando sozinho todos os Kurus e os Bahlikas com o fogo de minhas flechas emanando do Gandiva, eu irei, aplicando meu poder, queimá-los com seus

seguidores como um fogo no meio de uma pilha de grama seca no fim do inverno. Minhas palmas tem essas marcas de flechas e esse arco excelente e esticado com flecha fixada na corda. Em cada uma das solas dos meus pés se encontra a marca de um carro e um estandarte. Quando uma pessoa como eu parte para a batalha, ele não pode ser derrotado por ninguém.' Tendo dito essas palavras para Acyuta, aquele principal de todos os heróis, aquele matador de inimigos, com olhos vermelhos sangue, procedeu rapidamente para a batalha, para resgatar Bhima e cortar a cabeça do tronco de Karna.'"

75

"Dhritarashtra disse, 'Naquele combate terrível e insondável dos Pandavas e dos Srinjayas com os guerreiros do meu exército, quando Dhananjaya, ó senhor, procedeu para a batalha, como, de fato, a luta ocorreu?'"

"Sanjaya disse, 'As inúmeras divisões do exército Pandava, enfeitadas com estandartes altos e cheias (de orgulho e energia) e reunidas em batalha, começaram a rugir alto, baterias e outros instrumentos constituindo sua boca, como massas de nuvens no fim do verão proferindo profundos rugidos. A batalha que se seguiu parecia uma chuva nociva fora de época, cruel e destrutiva de criaturas vivas. Elefantes enormes eram suas nuvens; armas eram a água que elas estavam para derramar; o som de instrumentos musicais, o estrépito de rodas de carro, e o barulho de palmas constituíam seu ribombo; diversas armas enfeitadas com ouro formavam seus lampejos de relâmpago; e setas e espadas e flechas do comprimento de uma jarda e armas poderosas constituíram suas torrentes de chuva. Marcado por impetuosos ataques sangue fluía em correntezas naquele combate. Tornado medonho por golpes incessantes de espada, ele foi repleto de uma grande carnificina de Kshatriyas. Muitos guerreiros em carros, reunidos, cercavam um guerreiro em carro e o despachavam para a presença de Yama. Ou, um principal dos guerreiros em carros despachava um único adversário, ou um despachava muitos adversários juntos. Além disso, algum guerreiro em carro despachava para a residência de Yama algum adversário junto com seu motorista e cavalos. Um condutor, com um único elefante, despachava muitos guerreiros em carros e cavaleiros. Similarmente, Partha, com nuvens de flechas, despachava grande número de carros com motoristas e corcéis, de elefantes e cavalos com seus cavaleiros, e de soldados de infantaria, pertencentes ao inimigo. Kripa e Shikhandi enfrentaram um ao outro naquela batalha, enquanto Satyaki procedeu contra Duryodhana. E Srutasravas estava envolvido em combate com o filho de Drona, e Yudhamanyu com Citrasena. O grande guerreiro em carro Srinjaya Uttamauja estava envolvido em combate com o filho de Karna Sushena, enquanto Sahadeva avançou contra Shakuni, o rei dos Gandharas, como um leão faminto contra um touro forte. O jovem Satanika, o filho de Nakula, avançou contra o jovem Vrishasena, o filho de Karna, disparando chuvas de flechas. O filho heróico de Karna atingiu aquele filho da princesa de Pancala com muitas flechas. Conhecedor de todos os modos de guerra, o filho de Madri Nakula, aquele touro entre os guerreiros em carros, atacou Kritavarma. O rei dos

Pancalas, Dhrishtadyumna, o filho de Yajnasena, atacou Karna, o comandante do exército Kaurava, com toda sua força. Duhshasana, ó Bharata, com a hoste cheia dos Samsaptakas formando uma parte do exército Bharata, atacou ferozmente naquela batalha Bhima, aquele principal dos guerreiros de impetuosidade irresistível. O heróico Uttamauja, aplicando sua força atingiu o filho de Karna e cortou sua cabeça que caiu no chão, enchendo a terra e o céu com um barulho alto. Vendo a cabeça de Sushena jazendo no chão, Karna ficou cheio de dor. Logo, no entanto, furioso ele cortou os corcéis, o carro, e o estandarte, do matador do seu filho com muitas flechas afiadas. Enquanto isso Uttamauja, perfurando com sua flecha afiada e cortando com sua espada brilhante os corcéis de Kripa e aqueles guerreiros também que protegiam os lados de Kripa, subiu rapidamente no carro de Shikhandi. Vendo Kripa privado de seu carro, Shikhandi que estava em seu veículo não desejou atacá-lo com suas flechas. O filho de Drona então, cobrindo com seu próprio o carro de Kripa, resgatou o último como um touro afundado em um lamaçal. Enquanto isso Bhima, o filho do deus do vento vestido em armadura dourada, começou a chamuscar com suas flechas afiadas as tropas dos teus filhos como o sol do meio dia chamuscando tudo no verão.'"

76

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação do combate violento, Bhima, enquanto lutando, estando cercado por inimigos inumeráveis, dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Leve-me para o meio da hoste Dhartarashtra. Proceda, ó quadrigário, com velocidade, levado por estes corcéis. Eu despacharei todos esses Dhartarashtras para a presença de Yama.' Assim instigado por Bhimasena, o quadrigário procedeu, rapidamente e com grande impetuosidade, contra a hoste do teu filho para aquele local de onde Bhima desejava massacrá-la. Então um grande número de tropas Kaurava, com elefantes e carros e cavalos e infantaria, avançou contra ele de todos os lados. Eles então, de todos os lados, começaram a atacar aquele principal dos veículos pertencente a Bhima, com numerosas flechas. Bhima de grande alma, no entanto, com suas próprias flechas de asas douradas, cortou todas aquelas flechas avançando de seus inimigos. Assim cortadas em dois ou três fragmentos pelas flechas de Bhima, aquelas flechas, equipadas com asas douradas, de seus inimigos, caíam no chão. Então, ó rei, entre aqueles principais dos Kshatriyas, atingidos pelas flechas de Bhima, os elefantes e carros e cavalos e infantaria, deram um lamento alto, ó monarca, que pareceu o estrondo feito por montanhas quando partidas pelo raio. Assim atacados por Bhima, aqueles principais dos Kshatriyas, seus membros perfurados pelas flechas poderosas de Bhima, avançaram contra Bhima naquela batalha de todos os lados, como aves recém emplumadas em direção a uma árvore. Quando tuas tropas avançaram dessa maneira contra ele, Bhima de impetuosidade violenta mostrou toda sua energia como o próprio Destruidor armado com uma maça quando ele queima e extermina todas as criaturas no fim do Yuga. Teus soldados eram incapazes de resistir naquela batalha àquela feroz energia potente de Bhima dotado de impetuosidade violenta, como aquela do próprio Destruidor de

boca escancarada quando ele avança no fim do Yuga para exterminar todas as criaturas. Então, ó Bharata, como massas de nuvens espalhadas pela tempestade a hoste Bharata, assim mutilada e queimada naquela batalha por Bhima de grande alma, se dividiu e fugiu apavorada em todas as direções. Então o poderoso Bhimasena de grande inteligência mais uma vez disse alegremente para seu quadrigário, 'Averigúe, ó Suta, se aqueles carros reunidos e estandartes que estão avançando em direção a mim são nossos ou do inimigo. Absorto em batalha, eu não posso distingui-los. Não me deixe cobrir nossas próprias tropas com minhas flechas. Ó Visoka, vendo guerreiros e carros hostis e os topos de seus estandartes por todos os lados, eu estou muito aflito. O rei está sofrendo. O enfeitado com diadema Arjuna também não veio ainda. Essas coisas, ó Suta, enchem meu coração de tristeza. Essa mesmo é minha aflição, ó quadrigário, que o rei Yudhishthira o justo tenha ido embora, me deixando no meio do inimigo. Eu não sei se ele, como também Vibhatsu, está vivo ou morto. Isso aumenta minha tristeza. Eu irei, no entanto, embora cheio de grande aflição, destruir aquelas tropas hostis de grande poder. Massacrando assim no meio da batalha meus inimigos reunidos, eu me regozijarei contigo hoje. Examinando todas as aljavas contendo minhas flechas, diga-me, ó Suta, averiguando bem a questão, qual quantidade de flechas ainda há no meu carro, isto é, quanto de que tipo.'"

"Assim mandado, Visoka disse, 'De flechas, ó herói, tu tens ainda 60.000, enquanto tuas flechas de cabeça de navalha numeram 10.000, e as de cabeça larga numeram o mesmo tanto. De flechas do comprimento de uma jarda tu tens ainda 2.000, ó herói, e de Pradaras tu tens ainda, ó Partha, 3.000! De fato, das armas, ó filho de Pandu, a parte que ainda resta não pode ser carregada, se colocada em carroças, por seis bois. Dispare-as e arremesse-as, ó erudito, pois de maças e espadas e outras armas usadas com os braços somente tu tens milhares sobre milhares, como também lanças e cimitarras e dardos e arpões! Nunca tema que tuas armas se esgotem.'"

"Bhima disse, 'Veja, ó Suta, hoje essa batalha horrível na qual tudo será coberto com minhas flechas impetuosas disparadas violentamente do meu arco e, mutilando todos os meus inimigos, e em consequência do que o próprio sol desaparecerá do campo, fazendo o último parecer os domínios da Morte! Hoje, isso mesmo será sabido por todos os Kshatriyas incluindo as próprias crianças, ó Suta, que Bhimasena sucumbiu em batalha ou que, sozinho, ele subjugou todos os Kurus! Hoje, que todos os Kauravas caiam em batalha ou que o mundo inteiro me elogie, iniciando com as façanhas dos meus primeiros anos. Sozinho, eu derrubarei todos eles, ou que todos eles derrubem Bhimasena. Que os deuses que ajudam na realização das melhores ações me abençoem. Que aquele matador de inimigos Arjuna chegue aqui agora como Sakra, devidamente invocado, chegando rapidamente em um sacrifício. Veja, a hoste Bharata está se rompendo! Por que aqueles reis fogem? É evidente que Savyasaci, aquele principal dos homens, está encobrindo rapidamente aquela hoste com suas flechas. Veja, aqueles estandartes, ó Visoka, e elefantes e corcéis e grupos de soldados de infantaria estão fugindo. Veja, aqueles carros, atacados com flechas e dardos, com aqueles guerreiros sobre eles, estão sendo espalhados, ó Suta! Lá, a

hoste Kaurava, atacada com as flechas, equipadas com asas de ouro e penas de pavões, de Dhananjaya, e parecendo raios em força, embora extensamente massacrada, está repetidamente enchendo suas brechas. Lá, carros e corcéis e elefantes estão fugindo, esmagando grupos de soldados de infantaria. De fato, todos os Kauravas, tendo perdido sua razão, estão fugindo, como elefantes cheios de pânico em um incêndio florestal, e proferindo gritos de dor. Esses elefantes enormes, além disso, ó Visoka, estão proferindo gritos altos, atacados com flechas.'"

"Visoka disse, 'Como é, ó Bhima, que tu não ouves a vibração alta do Gandiva bocejante esticado por Partha em fúria? Estes teus dois ouvidos se foram? Todos os teus desejos, ó filho de Pandu, estão realizados! Lá o Macaco (no estandarte de Arjuna) é visto no meio do exército de elefantes (do inimigo). Veja, a corda do Gandiva está piscando repetidamente como relâmpago em meio a nuvens azuis. Lá o Macaco no topo do estandarte de Dhananjaya é visto em todo lugar apavorando divisões hostis nessa batalha terrível. Até eu, olhando para ele, estou tomado pelo medo. Lá o belo diadema de Arjuna está resplandecendo brilhantemente. Lá, a jóia preciosa no diadema, dotada do esplendor do sol, parece extremamente resplandecente. Lá, ao lado dele, veja sua concha Devadatta de clangor alto e da cor de uma nuvem branca. Lá, ao lado de Janardana, rédeas nas mãos, enquanto ele penetra no exército hostil, veja seu disco de refulgência solar, seu cubo sólido como trovão, e sua extremidade afiada como uma navalha. Veja, ó herói, aquele disco de Keshava, aquele aumentador de sua fama, o qual é sempre reverenciado pelos Yadus. Lá, as trombas, parecendo árvores altas perfeitamente retas, de elefantes enormes, cortadas por Kiritin, estão caindo sobre a terra. Lá aquelas criaturas enormes também, com seus condutores, perfurados e fendidos com flechas, estão caindo, como colinas partidas pelo raio. Lá, veja, ó filho de Kunti, a Panchajanya de Krishna, muito bela e da cor da lua, como também a Kaustubha brilhante em seu peito e sua guirlanda triunfal. Sem dúvida, aquele primeiro e principal de todos os guerreiros em carros, Partha, está avançando, desbaratando o exército hostil conforme ele se aproxima, levado por seus principais dos corcéis, da cor de nuvens brancas, e incitados por Krishna. Veja aqueles carros e corcéis e grupos de soldados a pé, mutilados por teu irmão mais novo com a energia do chefe dos celestiais. Veja, eles estão caindo como uma floresta arrancada pela tempestade causada pelas asas de Garuda. Veja, quatrocentos guerreiros em carros, com seus corcéis e motoristas, e setecentos elefantes e inúmeros soldados de infantaria e cavaleiros mortos nessa batalha por Kiritin com suas flechas poderosas. Massacrando os Kurus, o poderoso Arjuna está vindo para o teu lado assim como a constelação Citra. Todos os teus desejos estão realizados. Teus inimigos estão sendo exterminados. Que teu poder, como também o período da tua vida, sempre aumentem.'"

"Bhima disse, 'Já que, ó Visoka, tu me contaste da chegada de Arjuna, eu te darei quatorze aldeias populosas e cem escravas mulheres e vinte carros, estando satisfeito contigo, ó Suta, por essa informação agradável dada por ti!'"

77

"Sanjaya disse, 'Ouvindo os estrondos de carros e os gritos leoninos (dos guerreiros) em batalha, Arjuna se dirigiu a Govinda, dizendo, 'Incite os corcéis à maior velocidade.' Ouvindo essas palavras de Arjuna, Govinda disse a ele, 'Eu estou procedendo com grande velocidade para o local onde Bhima está posicionado.' Então muitos leões entre os homens (pertencentes ao exército Kaurava), excitados com cólera e acompanhados por um grande exército de carros e cavalos e elefantes e soldados de infantaria e fazendo a terra ressoar com o zunido de suas flechas, o estrépito das rodas de seus carros, e o passo dos cascos de seus cavalos, avançaram contra Jaya (Arjuna) quando o último procedeu para a vitória, levado por seus corcéis brancos como neve ou conchas e enfeitados em arreios de ouro e pérolas e pedras preciosas como o chefe dos celestiais procedendo em grande fúria, armado com o raio, contra (o asura) Jambha para matá-lo. Entre eles e Partha, ó senhor, ocorreu uma grande batalha destrutiva de corpos, vida, e pecados, como a batalha entre os asuras e o deus Vishnu, aquele principal dos vencedores por causa dos três mundos. Sozinho, Partha, enfeitado com diadema e guirlandas, cortou as armas poderosas disparadas por eles, como também suas cabeças e braços de diversas maneiras, com suas flechas de face de navalha e moldadas em forma de meia-lua e de cabeça larga de gume excelente. Guarda-sóis, e rabos de iaque para abanar, e bandeiras, e corcéis, e carros, e grupos de soldados de infantaria, e elefantes caíam no chão, mutilados de diversos modos, como uma floresta derrubada por uma tempestade. Elefantes enormes, enfeitados com tecidos de ouro e equipados com estandartes triunfais e guerreiros (em suas costas), pareciam resplandecentes, quando eles eram perfurados com flechas de asas douradas, como montanhas flamejantes com luz. Perfurando elefantes e corcéis e carros com flechas excelentes parecendo o raio de Vasava, Dhananjaya procedeu rapidamente para matar Karna, assim como Indra nos tempos antigos para fender (o asura) Vala. Então aquele tigre entre homens, aquele poderosamente armado castigador de inimigos, penetrou na tua hoste como um makara no oceano. Vendo o filho de Pandu, teus guerreiros, ó rei, acompanhados por carros e soldados a pé e um grande número de elefantes e corcéis, avançaram contra ele. Tremendo foi o barulho feito por eles quando eles avançaram contra Partha, parecendo aquele feito pelas águas do oceano açoitadas à fúria pela tempestade. Aqueles poderosos guerreiros em carros, parecendo tigres (em bravura) todos avançaram naquela batalha contra aquele tigre entre homens, abandonando todo o medo da morte. Arjuna, no entanto, desbaratou as tropas daqueles líderes dos Kurus quando elas avançavam disparando nele chuvas de armas, como uma tempestade rechaçando massas de nuvens reunidas. Aqueles grandes arqueiros, todos hábeis em atacar, se reuniram e procederam contra Arjuna com um grande número de carros e começaram a perfurá-lo com flechas afiadas. Então Arjuna, com suas flechas, despachou para a residência de Yama vários milhares de carros e elefantes e cavalos. Enquanto aqueles grandes guerreiros em carros naquela batalha estavam sendo assim atingidos por flechas disparadas do arco de Arjuna, eles ficavam cheios de temor e pareciam desaparecer um depois outro de

seus carros. Ao todo, Arjuna, com suas setas afiadas, matou quatrocentos daqueles heróicos guerreiros em carros se esforçando vigorosamente em batalha. Assim atingidos naquela batalha com flechas afiadas de diversos tipos, eles fugiram para todos os lados, evitando Arjuna. Tremendo foi o tumulto feito na vanguarda do exército por aqueles guerreiros quando eles se dividiram e fugiram, como aquele feito pela onda do mar quando ela se quebra sobre uma rocha. Tendo desbaratado com suas flechas aquele exército tomado pelo pavor, o filho de Pritha Arjuna então procedeu, ó senhor, contra a divisão do filho de Suta. Alto foi o barulho com o qual Arjuna enfrentou seus inimigos, como aquele feito por Garuda nos tempos antigos quando mergulhando em busca de cobras. Ouvindo aquele som, o poderoso Bhimasena, desejoso como ele tinha estado de obter uma visão de Partha, ficou cheio de alegria. Logo que o valente Bhimasena soube da chegada de Partha, ele começou, ó monarca, a oprimir tuas tropas, indiferente à sua própria vida. Possuidor de bravura igual àquela do vento, o bravo Bhima, o filho do deus do vento, começou a se mover naquela batalha como o próprio vento. Afligido por ele, ó monarca, teu exército, ó rei, começou a oscilar como um navio naufragado na superfície do oceano. Mostrando sua agilidade de mãos, Bhima começou a cortar e mutilar aquela hoste com suas flechas ardentes e a despachar grandes números para a residência de Yama. Contemplando naquela ocasião o poder sobre-humano de Bhima, ó Bharata, como aquele do Destruidor no fim do Yuga, teus guerreiros ficaram cheios de pavor. Vendo seus soldados mais poderosos afligidos dessa maneira por Bhimasena, ó Bharata, o rei Duryodhana se dirigiu a todas as suas tropas e grandes arqueiros, ó touro da raça Bharata, mandando-os matar Bhima naquela batalha, já que após a queda de Bhima ele consideraria as tropas Pandava já exterminadas. Aceitando aquela ordem do teu filho, todos os reis cobriram Bhima com chuvas de flechas de todos os lados. Inúmeros elefantes, ó rei, e homens inspirados com desejo de vitória, e carros, e cavalos, ó monarca, cercaram Vrikodara. Assim cercado por aqueles bravos guerreiros de todos os lados, ó rei, aquele herói, aquele chefe da linhagem de Bharata, parecia resplandecente como a Lua cercada pelas estrelas. De fato, como a Lua cheia dentro de seu halo parece bela, assim mesmo aquele melhor dos homens, muito bonito, parecia belo naquela batalha. Todos aqueles reis, com intenção cruel e olhos vermelhos de raiva, infligiram sobre Vrikodara suas torrentes de flechas, movidos pelo desejo de matá-lo. Perfurando aquela hoste imensa com flechas retas, Bhima saiu da multidão como um peixe saindo de uma rede, tendo matado 10.000 elefantes que não recuavam, 200.200 homens, ó Bharata, e 5.000 cavalos, e cem guerreiros em carros. Tendo-os massacrado, Bhima fez um rio de sangue fluir lá. Sangue constituía sua água, e carros seus redemoinhos; e elefantes eram os jacarés com os quais ele abundava. Homens eram seus peixes, e cavalos seus tubarões, e o cabelo de animais formava seu mato e musgo. Braços cortados de troncos formavam suas principais cobras. Inúmeras jóias e pedras preciosas eram levadas ao longo da correnteza. Coxas constituíam seus pedregulhos, e medula seu lodo. E ele estava coberto com cabeças formando suas rochas. E arcos e flechas constituíam as balsas pelas quais homens procuravam cruzar aquele rio terrível, e maças e cassetetes com ferrões formavam suas cobras. E guarda-sóis e estandartes formavam seus cisnes, e protetores de cabeça sua espuma. Colares constituíam seus lotos, e o

pó de terra que se ergueu formou suas ondas. Aqueles dotados de qualidades nobres podiam cruzá-lo com facilidade, enquanto aqueles que eram medrosos e apavorados o achavam extremamente difícil de atravessar. Guerreiros constituíam seus crocodilos e jacarés, ele corria para a região de Yama. Logo, de fato, aquele tigre entre homens fez aquele rio fluir. Assim como o terrível Vaitarani é difícil de ser cruzado por pessoas de almas não purificadas, aquele rio sangrento, terrível e aumentando os medos dos tímidos, era difícil de se cruzar. Onde aquele melhor dos guerreiros em carros, o filho de Pandu, penetrava, lá ele derrubava guerreiros hostis às centenas e milhares. Vendo aquelas façanhas realizadas em batalha por Bhimasena, Duryodhana, ó monarca, se dirigindo a Shakuni, disse, 'Derrote, ó tio, o poderoso Bhimasena em batalha. Após sua derrota a hoste imensa dos Pandavas pode ser considerada como derrotada.' Assim endereçado, ó monarca, o valente filho de Subala, competente para travar batalha terrível, procedeu, cercado por seus irmãos. Aproximando-se naquela batalha de Bhima de destreza terrível, o heróico Shakuni o reprimiu como o continente resistindo ao oceano. Embora resistido com flechas afiadas, Bhima, desconsiderando eles todos, procedeu contra os filhos de Subala. Então Shakuni, ó monarca, disparou diversas flechas do comprimento de uma jarda providas de asas de ouro e afiadas em pedra, no lado esquerdo do peito de Bhima. Atravessando a armadura do filho de grande alma de Pandu, aquelas flechas brilhantes, ó monarca, equipadas com penas de Kankas e pavões, afundaram profundamente em seu corpo. Profundamente perfurado naquela batalha, Bhima, ó Bharata, disparou de repente no filho de Subala uma flecha enfeitada com ouro. O poderoso Shakuni, no entanto, aquele opressor de inimigos, ó rei, dotado de grande agilidade de mãos, cortou em sete fragmentos aquela flecha ameaçadora enquanto ela corria em direção a ele. Quando sua flecha caiu no chão, Bhima, ó rei, ficou muito enfurecido, e cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do filho de Subala com a maior facilidade. O filho valente de Subala então, jogando de lado aquele arco quebrado, rapidamente pegou outro e seis e dez flechas de cabeça larga. Com duas daquelas flechas retas e de cabeça larga, ó monarca, ele atingiu o próprio Bhima, com uma ele cortou o estandarte de Bhima, e com duas, seu guarda-sol. Com as quatro restantes, o filho de Subala perfurou os quatro corcéis de seu antagonista. Cheio de raiva nisto, o bravo Bhima, ó monarca, arremessou naquela batalha um dardo feito de ferro, com sua vara adornada com ouro. Aquele dardo, agitado como a língua de uma cobra, lançado dos braços de Bhima, caiu rapidamente sobre o carro do filho de grande alma de Subala. O último então, cheio de ira, ó monarca, pegou aquele mesmo dardo enfeitado com ouro e arremessou-o de volta em Bhimasena. Atravessando o braço esquerdo do filho de grande alma de Pandu, ele caiu na terra como relâmpago lampejando para baixo do céu. Nisto, os Dhartarashtras, ó monarca, deram um rugido alto por toda parte. Bhima, no entanto, não pode tolerar aquele rugido leonino de seus inimigos dotados de grande energia. O filho poderoso de Pandu então, pegando rapidamente outro arco encordoado, num momento, ó monarca, cobriu com flechas os soldados do filho de Subala naquela batalha, que estavam lutando indiferentes às suas próprias vidas. Tendo matado seus quatro corcéis, e então seu motorista, ó rei, Bhima de grande destreza em seguida cortou o estandarte de seu oponente com uma flecha de cabeça larga sem perder um momento.

Abandonando com rapidez aquele carro sem cavalos, Shakuni, aquele principal dos homens, permaneceu no chão, com seu arco preparado puxado em suas mãos, seus olhos vermelhos como sangue de raiva, e ele mesmo respirando pesadamente. Ele então, ó rei, atacou Bhima de todos os lados com inúmeras flechas. O heróico Bhima, desviando aquelas flechas, cortou o arco de Shakuni em fúria e perfurou o próprio Shakuni com muitas setas afiadas. Profundamente perfurado por seu adversário poderoso, aquele opressor de inimigos, ó rei, caiu no chão quase sem vida. Então teu filho, ó monarca, vendo ele entorpecido, o levou para longe da batalha em seu carro na própria vista de Bhimasena. Quando aquele tigre entre homens, Shakuni, foi assim colocado no carro de Duryodhana, as tropas Dhartarashtra, virando seus rostos da batalha, fugiram para todos os lados inspiradas com medo naquela ocasião de grande terror devido a Bhimasena. Após a derrota do filho de Subala, ó rei, por aquele arqueiro formidável, Bhimasena, teu filho Duryodhana, cheio de grande medo, se retirou, levado para longe por seus corcéis velozes, por consideração pela vida de seu tio materno. Vendo o próprio rei abandonar a batalha, as tropas, ó Bharata, fugiram dos combates nos quais cada uma delas tinha estado envolvida. Vendo todas as tropas Dhartarashtra abandonarem a batalha e fugirem em todas as direções, Bhima avançou impetuosamente, caindo sobre elas, disparando muitas centenas de flechas. Massacrados por Bhima, os Dhartarashtras que se retiravam, ó rei, se aproximando do local onde Karna estava, se juntaram mais uma vez para lutar, cercando-o. Dotado de grande poder e grande energia, Karna então se tornou seu refúgio. Encontrando Karna, ó touro da raça Bharata, tuas tropas ficaram confortadas e resistiram alegremente, confiando umas nas outras, como marinheiros náufragos, ó tigre dos homens, em sua situação aflitiva, quando finalmente eles alcançam uma ilha. Eles então, novamente, fazendo da própria morte sua meta, procederam contra seus inimigos para lutar.'"

78

"Dhritarashtra disse, 'Quando nossas tropas foram divididas em batalha por Bhimasena, o que, ó Sanjaya, Duryodhana e o filho de Subala disseram? Ou, o que Karna, aquele principal dos vitoriosos, ou os guerreiros do meu exército naquela batalha, ou Kripa, ou Kritavarma, ou o filho de Drona Duhshasana, disseram? Muito extraordinária, eu penso, é a coragem do filho de Pandu, já que, sem ajuda, ele lutou em batalha com todos os guerreiros do meu exército. O filho de Radha agiu em direção às tropas (hostis) de acordo com seu voto? Aquele matador de inimigos, Karna, ó Sanjaya, é a prosperidade, a armadura, a fama, e a própria esperança de vida dos Kurus. Vendo o exército dividido pelo filho de Kunti de energia incomensurável, o que Karna, o filho de Adhiratha e Radha, fez naquela batalha? O que também meus filhos, difíceis de derrotar em batalha, fizeram, ou os outros reis e poderosos guerreiros em carros do nosso exército? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya, pois tu és hábil em narração!'"

"Sanjaya disse, 'Naquela tarde, ó monarca, o filho de Suta de grande heroísmo começou a derrotar todos os Somakas diante de Bhimasena. Bhima também de

grande força começou a destruir as tropas Dhartarashtra. Então Karna, se dirigindo (a seu motorista) Shalya, disse a ele, 'Leve-me aos Pancalas.' De fato, vendo seu exército prestes a ser desbaratado por Bhimasena de grande inteligência, Karna dirigiu-se mais uma vez a seu motorista, dizendo, 'Leve-me aos Pancalas somente.' Assim incitado, Shalya, o soberano dos Madras, dotado de grande força, incitou aqueles corcéis brancos que eram rápidos como o pensamento, em direção aos Cedis, os Pancalas e os Karushas. Penetrando então naquela hoste imensa, Shalya, aquele subjugador de tropas hostis, alegremente conduziu aqueles corcéis para todos os lugares que Karna, aquele principal dos guerreiros, desejava ir. Vendo aquele carro envolvido em peles de tigre e parecendo com uma nuvem, os Pandus e os Pancalas, ó monarca, ficaram apavorados. O estrépito então daquele carro, como o ribombo do trovão ou o som de uma montanha se partindo em fragmentos, tornou-se audível naquela batalha aterradora. Com centenas sobre centenas de flechas afiadas disparadas da corda do arco puxada até sua orelha, Karna então derrubou centenas e milhares de guerreiros pertencentes ao exército Pandava. Enquanto o invicto Karna estava empenhado em realizar aquelas façanhas, muitos poderosos arqueiros e grandes guerreiros em carros entre os Pandavas o cercaram por todos os lados. De fato, Shikhandi, e Bhima, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, e Nakula, e Sahadeva, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Satyaki cercaram o filho de Radha, disparando chuvas de flechas sobre ele, pelo desejo de despachá-lo para o outro mundo. O heróico Satyaki, aquele melhor dos homens, atingiu Karna naquele combate com vinte flechas afiadas na junta do ombro. Shikhandi o atingiu com vinte e cinco flechas, e Dhrishtadyumna o atingiu com sete, e os filhos de Draupadi com sessenta e quatro, e Sahadeva com sete, e Nakula com cem, naquela batalha. O poderoso Bhimasena, naquele combate, cheio de raiva, atingiu o filho de Radha na junta do ombro com noventa flechas retas. O filho de Adhiratha, então, de grande poder dando risada em desprezo, e puxando seu arco excelente disparou muitas flechas afiadas, afligindo seus inimigos. O filho de Radha perfurou cada um deles em retorno com cinco flechas. Cortando o arco de Satyaki, como também seu estandarte, ó touro da raça Bharata, Karna perfurou o próprio Satyaki com nove flechas no centro do peito. Cheio de fúria, ele então perfurou Bhimasena com trinta flechas. Com uma flecha de cabeça larga, ó senhor, ele cortou em seguida a bandeira de Sahadeva, e com três outras flechas, aquele castigador de inimigos afligiu o motorista de Sahadeva. Num piscar de olhos ele então privou os (cinco) filhos de Draupadi de seus carros, ó touro da raça Bharata, o que pareceu muito extraordinário. De fato, com suas flechas retas fazendo aqueles heróis retrocederem da luta, o heróico Karna começou a matar os Pancalas e muitos poderosos guerreiros em carros entre os Cedis. Assim atacados naquela batalha, ó monarca, os Cedis e os Matsyas, avançando contra Karna somente, despejaram sobre ele chuvas de flechas. O filho de Suta, no entanto, aquele poderoso guerreiro em carro, começou a atingi-los com suas flechas afiadas. Eu vi aquele feito muito extraordinário, ó Bharata, isto é, que o filho de Suta de destreza formidável, sozinho e não protegido naquela batalha, lutou com todos aqueles arqueiros que lutavam com ele com todas as suas forças, e reprimiu todos aqueles guerreiros Pandava, ó monarca, com suas flechas. Com a agilidade de mão, ó Bharata, de Karna de grande alma naquela ocasião, todos os deuses como

também os Siddhas e os Charanas estavam satisfeitos. Todos os grandes arqueiros entre os Dhartarashtras também, ó melhor dos homens, elogiaram Karna, aquele principal dos grandes guerreiros em carros, aquele primeiro de todos os arqueiros. Então Karna, ó monarca, queimou o exército hostil como uma poderosa e ardente conflagração consumindo uma pilha de grama seca no verão. Assim massacradas por Karna, as tropas Pandava, dominadas pelo medo, fugiram em todas as direções, diante de Karna. Lamentos altos se elevaram lá entre os Pancalas naquela grande batalha, enquanto eles eram assim atingidos pelas flechas afiadas disparadas do arco de Karna. Tomada pelo medo do barulho, a hoste vasta dos Pandavas, aqueles inimigos de Karna, o consideraram como o único guerreiro naquela batalha. Então aquele subjugador de inimigos, isto é, o filho de Radha, mais uma vez realizou um feito muito extraordinário, visto que todos os Pandavas, juntos, eram incapazes até de olhar para ele. Como uma massa avolumada de água quebrando quando ela entra em contato com uma montanha, o exército Pandava se dividiu quando ele entrou em contato com Karna. De fato, ó rei, o poderosamente armado Karna naquela batalha, queimando a hoste vasta dos Pandavas, permaneceu lá como um fogo brilhante sem fumaça. Com grande energia aquele herói, com suas flechas, cortava os braços e as cabeças de seus bravos inimigos, ó rei, e suas orelhas enfeitadas com brincos. Espadas com punhos de marfim, e estandartes, e dardos, e corcéis, e elefantes, e carros de diversos tipos, ó rei, e bandeiras, e eixos, e cangas, e rodas de muitos tipos, foram cortados de várias maneiras por Karna, cumpridor do voto de um guerreiro. Lá, ó Bharata, com elefantes e cavalos mortos por Karna, a terra ficou intransitável e lodosa com carne e sangue. Os locais irregulares e nivelados também do campo, por causa de corcéis mortos e soldados de infantaria e carros quebrados e elefantes mortos, não podiam mais ser distinguidos. Os combatentes não podiam distinguir amigos de inimigos naquela escuridão densa causada por flechas quando a arma (celeste) de Karna estava exposta. Os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, ó monarca, foram completamente cobertos por flechas, enfeitadas com ouro, que foram disparadas do arco de Karna. Aqueles poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, ó rei, naquela batalha, embora lutando vigorosamente, foram repetidamente divididos pelo filho de Radha, assim como um bando de veados na floresta é desbaratado por um leão enfurecido. Derrotando os principais dos guerreiros em carros Pancala e (outros) inimigos, Karna de grande fama, naquela batalha, matava os guerreiros Pandava como um lobo matando animais menores. Vendo o exército Pandava se desviar da batalha, os arqueiros Dhartarashtra de grande força avançaram contra a hoste que se retirava proferindo gritos terríveis. Então Duryodhana, ó monarca, cheio de grande deleite, fez diversos instrumentos musicais serem batidos e soprados em todas as partes do exército. Os grandes arqueiros entre os Pancalas, aqueles mais notáveis dos homens, embora divididos, voltaram heroicamente para o combate, fazendo da morte sua meta. O filho de Radha, no entanto, aquele touro entre homens e opressor de inimigos, ó monarca, naquela batalha, dividiu de diversos modos aqueles heróis que voltaram. Lá, ó Bharata, vinte guerreiros em carros entre os Pancalas e mais do que cem guerreiros Cedi foram mortos por Karna com suas flechas. Fazendo os terraços de carros e as costas de corcéis vazios, ó Bharata, e matando os combatentes que lutavam dos pescoços de

elefantes, e desbaratando os soldados a pé, aquele opressor de inimigos, o filho de Suta de grande coragem, tornou-se incapaz de ser fitado como o sol do meio-dia e parecia resplandecente como o próprio Destruidor no fim do Yuga. Assim, ó monarca, aquele matador de inimigos, aquele arqueiro poderoso, Karna, tendo matado soldados de infantaria, cavalaria, guerreiros em carros, e elefantes, permaneceu lá em seu carro. De fato, como o próprio Destruidor de grande poder permanecendo depois de matar todas as criaturas, o poderoso guerreiro em carro Karna ficou sozinho, tendo matado os Somakas. A bravura que nós então vimos dos Pancalas pareceu ser muito extraordinária, pois, embora atacados dessa maneira por Karna, eles se recusaram a fugir daquele herói na dianteira da batalha. Naquela hora, o rei (Duryodhana), e Duhshasana, e Kripa, o filho de Sharadvata, e Ashvatthama, e Kritavarma, e Shakuni também de grande poder, massacraram os guerreiros Pandava às centenas e milhares. Os dois filhos também de Karna, ó monarca, aqueles dois irmãos de destreza incapaz de ser frustrada, cheios de raiva, massacraram o exército Pandava em várias partes do campo. A batalha naquele local foi terrível e cruel e a carnificina que ocorreu foi muito grande. Similarmente os heróis Pandava, Dhrishtadyumna e Shikhandi e os (cinco) filhos de Draupadi, cheios de raiva, massacraram tua hoste. Assim mesmo uma grande destruição ocorreu entre os Pandavas em todos os lugares no campo, e assim mesmo teu exército também sofreu grande perda nas mãos do poderoso Bhima.'"

79

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso Arjuna, ó monarca, tendo matado os quatro tipos de tropas (do inimigo), e tendo obtido uma visão do furioso filho de Suta naquela batalha terrível, fez um rio de sangue fluir lá que era fulvo com carne e medula e ossos. Cabeças humanas constituíram suas rochas e pedras. Elefantes e cavalos formavam suas margens. Cheio de ossos de combatentes heróicos, ele ressoava com os gritos de corvos e urubus. Guarda-sóis eram seus cisnes ou balsas. E aquele rio corria, levando embora heróis como árvores ao longo de sua correnteza. Colares constituíam seus grupos de lotos, e protetores de cabeça formavam sua espuma excelente. Arcos e flechas constituíam seus peixes; e as coroas de homens esmagados flutuavam em sua superfície. Escudos e armaduras eram seus redemoinhos, e carros eram as balsas com as quais ele abundava. E ele podia ser facilmente vadeado por pessoas desejosas de vitória, enquanto para aqueles que eram covardes ele era não vadeável. Tendo feito aquele rio fluir, Vibhatsu, aquele matador de heróis hostis e touro entre homens, se dirigindo a Vasudeva disse, 'Lá, ó Krishna, a bandeira do filho de Suta é visível. Lá, Bhimasena e outros estão lutando com aquele grande guerreiro em carro. Lá, os Pancalas, com medo de Karna, estão fugindo, ó Janardana. Lá, o rei Duryodhana, com o guarda-sol branco por cima de sua cabeça, junto com Karna, parece muito resplandecente enquanto ele está empenhado em derrotar os Pancalas. Lá Kripa, e Kritavarma, e o filho de Drona, aqueles poderosos guerreiros em carros, estão protegendo o rei Duryodhana, eles mesmos protegidos pelo filho de Suta. Lá, ó Krishna, Shalya, bem familiarizado com a ação de segurar as rédeas, parece

muito resplandecente enquanto, sentado no terraço do carro de Karna, ele guia aquele veículo. Leve-me àquele poderoso guerreiro em carro, pois esse mesmo é o desejo nutrido por mim. Sem matar Karna nessa batalha eu nunca voltarei. Do contrário, o filho de Radha, ó Janardana, irá, na minha vista, exterminar os poderosos guerreiros em carros dos Parthas e os Srinjayas.' Assim endereçado, Keshava procedeu rapidamente em seu carro em direção ao poderoso arqueiro Karna, para fazer um duelo se realizar entre Karna e Savyasaci. De fato, Hari de braços fortes, por ordem do filho de Pandu, procedeu em seu carro, animando (por aquela ação) todas as tropas Pandava. O estrépito então do veículo de Arjuna ergueu-se alto naquela batalha, parecendo, ó senhor, o estrondo tremendo do trovão de Vasu. Vendo Arjuna de corcéis brancos e tendo Krishna como seu motorista avançar dessa maneira, e vendo o estandarte daquele de grande alma, o rei dos Madras, se dirigindo a Karna, disse, 'Lá vem aquele guerreiro em carro tendo corcéis brancos unidos ao seu veículo e tendo Krishna como seu motorista, matando seus inimigos em batalha. Lá vem ele sobre quem tu estavas perguntando, segurando seu arco Gandiva. Se tu puderes matá-lo hoje, grande bem então pode ser feito para nós. Ele vem, ó Karna, desejoso de um combate contigo, matando, conforme ele se aproxima, nossos principais guerreiros. Proceda contra aquele herói da linhagem de Bharata. Evitando todos os nossos guerreiros, Dhananjaya avança com grande velocidade, para, como eu penso, um combate contigo, a julgar por sua forma cheia de raiva e energia. Resplandecendo com fúria, Partha não irá parar por desejo de batalha com alguém mais exceto tu, especialmente quando Vrikodara está sendo afligido tanto (por ti). Sabendo que o rei Yudhishthira o justo foi extremamente mutilado e feito sem carro por ti, e vendo Shikhandi, e Satyaki, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Yudhamanyu, e Uttamauja, e os irmãos Nakula e Sahadeva, aquele opressor de inimigos, Partha, avança impetuosamente em um único carro contra ti. Sem dúvida, ele está avançando com velocidade contra nós, evitando outros combatentes. Ó Karna, vá contra ele, pois não há outro arqueiro (entre nós que possa fazer isso). Eu não vejo quaisquer arranjos feitos para sua proteção, em seus flancos ou em sua retaguarda. Ele avança sozinho contra ti. Cuide do teu êxito agora. Só tu és capaz de enfrentar os dois Krishnas em batalha. Proceda, portanto, contra Dhananjaya. Tu estás à altura de Bhishma, de Drona, do filho de Drona, de Kripa. Resista nessa grande batalha a Savyasaci que está avançando. De fato, ó Karna, mate este Dhananjaya que parece uma cobra frequentemente dardejando sua língua para fora, ou um touro rugindo, ou um tigre na floresta. Lá, aqueles reis, aqueles poderosos guerreiros em carros do exército Dhritarashtra, por medo de Arjuna, estão fugindo rapidamente, sem consideração uns pelos outros. Exceto tu, ó filho de Suta, não há outro homem, ó herói, que possa, em batalha, dissipar os medos daqueles combatentes se retirando. Todos aqueles Kurus, ó tigre entre homens, obtendo a ti como seu refúgio nessa batalha, são dependentes de ti e desejosos da tua proteção. Reunindo tua grande bravura, ó poderosamente armado, proceda contra ele da linhagem de Vrishni, que é sempre gratificado pelo ornado com diadema (Arjuna).'"

"Karna disse, 'Tu pareces estar agora no teu estado de espírito usual e tu és agora agradável para mim. Ó de braços fortes, não nutra qualquer medo de

Dhananjaya. Veja o poder de minhas armas hoje, e contemple minha habilidade. Sozinho, eu destruirei hoje a hoste imensa dos Pandavas, como também aqueles dois leões entre homens, os dois Krishnas! Eu te digo isso realmente. Eu nunca voltarei do campo hoje sem matar aqueles dois heróis. Ou, morto por aqueles dois, eu hoje dormirei no campo de batalha. A vitória é incerta em batalha. Matando ou morto, eu hoje alcançarei meu propósito.'"

"Shalya disse, 'Todos os grandes guerreiros em carros, ó Karna, dizem que este principal dos guerreiros em carros, (Arjuna), até quando só, é invencível. Quando, além disso, ele é protegido por Krishna, quem se arriscará a enfrentá-lo?'"

"Karna disse, 'Tanto quanto eu sei, tal guerreiro em carro superior nunca nasceu na terra! Veja meu heroísmo, já que eu lutarei em batalha até com aquele Partha que é dessa maneira. Esse príncipe da linha de Kuru, esse principal dos guerreiros em carros, se move rapidamente em batalha, levado por seus corcéis de cor branca. Talvez ele me despache para a residência de Yama hoje. Saiba, no entanto, que com a morte de Karna, esses todos serão exterminados. Os dois braços desse príncipe nunca estão cobertos com suor. Eles nunca tremem. Eles são massivos e cobertos com cicatrizes. Firme no uso de armas, ele é possuidor de habilidade formidável e dotado de extraordinária agilidade de mãos. De fato, não há guerreiro igual ao filho de Pandu. Ele pega um grande número de setas e as dispara como se elas fossem uma. Fixando-as rapidamente na corda do arco, ele as impulsiona à distância de duas milhas. Elas sempre caem sobre o inimigo. Que guerreiro há sobre a terra que seja igual a ele? Aquele Atiratha, dotado de grande energia, com Krishna como seu aliado, gratificou o deus Agni em Khandava. Lá, naquela ocasião, Krishna de grande alma obteve seu disco, e Savyasaci, o filho de Pandu, obteve seu arco Gandiva. Lá aquele poderosamente armado, dotado de força que não conhece decadência, também obteve seu carro terrível ao qual estão unidos aqueles cavalos brancos, como também suas duas grandes aljavas celestes e inesgotáveis, e muitas armas celestes, do Deus do Fogo. Na região de Indra ele obteve sua concha Devadatta e matou inúmeros Daityas, e todos os Kalakeyas. Quem na terra é superior a ele? Possuidor de grandeza de alma, ele gratificou o próprio Mahadeva em luta justa, e obteve dele a terrível e poderosa arma Pasupata que é capaz de destruir os três mundos. Os vários Regentes do mundo reunidos deram a ele suas armas de energia incomensurável, com as quais aquele leão entre homens destruiu rapidamente em batalha aqueles Asuras unidos, os Kalakhanjas. Assim também, na cidade de Virata, se movendo em um único carro dele derrotou todos nós, e arrebatou de nós aquela fortuna em gado, e tirou de todos os principais guerreiros em carros (partes de) suas peças de roupa. Desafiando aquele principal dos Kshatriyas, aquele herói tendo ele da linhagem de Vrishni como seu aliado, aquele guerreiro que é dotado de tal energia e tais atributos, eu me considero, ó Shalya, como a mais notável das pessoas no mundo todo em relação à coragem. Ele é, além disso, protegido por aquele Keshava de grande energia, que é o próprio Narayana e que é inigualado, aquele Vasudeva de grande alma, aquele Vishnu sempre vitorioso armado com concha, disco, e maça, cujos atributos todo o mundo unido,

não pode (ao narrar) esgotar em 10.000 anos. Vendo os dois Krishnas juntos no mesmo carro, medo entra no meu coração junto com coragem. Partha é o principal de todos os arqueiros, enquanto Narayana é inigualável em combates com o disco. Assim mesmo são Vasudeva e o filho de Pandu. De fato, as montanhas de Himavat podem se mover do local onde elas estão, mas não os dois Krishnas. Ambos são heróis, possuidores de grande habilidade, firmes no uso de armas, e poderosos guerreiros em carros. Ambos tem corpos adamantinos. Quem mais, ó Shalya, exceto eu mesmo, procederia contra Phalguna e Vasudeva que são exatamente assim? O desejo nutrido por mim hoje, isto é, aquele de uma batalha com o filho de Pandu, ó soberano dos Madras, será realizado sem demora. Logo aquela batalha extraordinária e inigualável e bela se realizará. Ou eu derrubarei aquele dois em batalha hoje, ou os dois Krishnas hoje me derrubarão.' Dizendo essas palavras para Shalya, Karna, aquele matador de inimigos, começou a proferir rugidos altos naquela batalha, como aqueles das nuvens. Se aproximando então do teu filho, aquele principal entre os Kurus, e saudado respeitosamente por ele, Karna disse para aquele príncipe como também para aqueles dois guerreiros poderosamente armados, Kripa e o chefe Bhoja Kritavarma, e o soberano dos Gandharvas com seu filho, e os preceptores e seus próprios irmãos mais novos, e todos os soldados de infantaria e cavaleiros e condutores de elefantes, essas palavras, 'Avancem em direção a Acyuta e Arjuna e fechem completamente seu caminho, e façam eles ficarem cansados com esforço, para que, ó senhores da terra, eu possa matar facilmente aqueles dois depois que todos vocês os tiverem mutilado profundamente.' Dizendo, 'Assim seja' aqueles principais dos heróis, desejosos de matar Arjuna, procederam depressa contra ele. Aqueles poderosos guerreiros em carros então, obedecendo a ordem de Karna, começaram a atacar Dhananjaya com inúmeras flechas naquela batalha. Como o grande oceano contendo uma vasta quantidade de água recebendo todos os rios com seus afluentes Arjuna recebeu todos aqueles guerreiros em batalha. Seus inimigos não podiam notar quando ele fixava suas flechas excelentes na corda do arco e quando ele as disparava. Tudo o que podia ser visto era que homens e cavalos e elefantes, perfurados pelas flechas disparadas por Dhananjaya, caíam continuamente, privados de vida. Como homens com olhos enfermos que são incapazes de olhar para o sol, os Kauravas naquela ocasião não podiam olhar para Jaya que parecia ser possuidor da energia do Sol todo-destrutivo que se ergue no fim do Yuga, tendo flechas como seus raios, e Gandiva como seu belo disco circular. Sorrindo, Partha com suas próprias chuvas de flechas cortou aquelas flechas excelentes disparadas nele por aqueles poderosos guerreiros em carros. Em retorno, ele os atacou com inúmeras flechas, puxando seu arco Gandiva a um círculo completo. Como o sol de raios ardentes entre os meses de Jyaishtha e Ashadha seca facilmente as águas (da terra), assim mesmo Arjuna, frustrando as flechas de seus inimigos, consumiu tuas tropas, ó rei de reis! Então Kripa, e o chefe dos Bhojas, e teu próprio filho disparando chuvas de flechas, avançaram em direção a ele. O filho de Drona também, aquele poderoso guerreiro em carro, avançou em direção a ele, disparando suas flechas. De fato, todos eles despejaram suas flechas sobre ele, como nuvens despejando torrentes de chuva em uma montanha. O filho de Pandu, no entanto, com grande energia e velocidade, cortou com suas próprias

flechas aquelas flechas excelentes disparadas nele com grande atenção naquela batalha terrível por aqueles guerreiros ilustres desejosos de matá-lo, e perfurou o peito de cada um de seus adversários com três flechas. Tendo flechas como seus raios ardentes, o sol Arjuna, com Gandiva esticado até sua mais completa extensão constituindo seu halo, parecia resplandecente, enquanto ele chamuscava seus inimigos, como o próprio Sol entre os meses de Jyeshtha e Ashadha, dentro de seu halo brilhante. Então o filho de Drona perfurou Dhananjaya com dez principais das flechas, e Keshava com três, e os quatro corcéis de Dhananjaya com quatro, e despejou muitas flechas no Macaco no estandarte de Arjuna. Apesar de tudo isso, Dhananjaya cortou o arco totalmente esticado na mão de seu adversário com três flechas, a cabeça de seu motorista com uma flecha de face de navalha, e seus quatro corcéis com suas quatro outras flechas e seu estandarte com três outras flechas e o derrubou de seu carro. O filho de Drona então, cheio de raiva, pegou outro arco de grande valor, brilhante como o corpo de Takshaka, e enfeitado com pedras preciosas e diamantes e ouro, e parecendo uma cobra imensa apanhada da base de uma montanha. Encordoando aquele arco enquanto ele permanecia no chão, e lançando flechas e armas uma atrás da outra, o filho de Drona, aquele guerreiro que se distinguia em muitos talentos, começou a afligir aqueles dois invictos e principais dos homens e a perfurá-los de um ponto próximo com muitas flechas. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, Kripa e Bhoja e teu filho, permanecendo na vanguarda da batalha, lançaram-se sobre ele e cobriram aquele touro entre os Pandavas, disparando chuvas de flechas, como nuvens encobrindo o dissipador da escuridão. Possuidor de destreza igual àquela dele de mil braços (Kartavirya), Partha então derramou suas flechas sobre o arco de Kripa com flecha fixada nele, seus corcéis, sua bandeira, e seu motorista, como o manejador do trovão nos tempos passados despejando suas flechas sobre (o asura) Vali. Suas armas destruídas pelas flechas de Partha, e seu estandarte também tendo sido despedaçado naquela grande batalha, Kripa foi afligido com tantos milhares de flechas por Arjuna quanto o filho de Ganga Bhishma antes (no dia de sua queda) pelo mesmo guerreiro enfeitado com diadema. O valente Partha então, com suas flechas, cortou o estandarte e o arco do teu filho que rugia. Destruindo em seguida os belos cavalos de Kritavarma, ele cortou o estandarte do último também. Ele então começou a destruir com grande velocidade os elefantes do exército hostil, como também seus carros com seus corcéis e motoristas e arcos e bandeiras. Nisso aquela tua hoste vasta se rompeu em cem partes como um dique levado pelas águas. Então Keshava, acelerando rapidamente o carro de Arjuna, colocou todos os seus inimigos atormentados em seu lado direito. Então outros guerreiros, desejosos de um combate, com seus carros bem equipados tendo estandartes altos, seguiram Dhananjaya que estava procedendo com grande velocidade como Indra procedendo para matar Vritra. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, Shikhandi e Satyaki e os gêmeos, indo na direção de Dhananjaya, reprimiram aqueles inimigos e, perfurando-os com flechas afiadas, proferiram rugidos terríveis. Então os heróis Kuru e os Srinjayas, enfrentando uns aos outros furiosamente, mataram uns aos outros com flechas retas de grande energia, como os Asuras e os celestiais nos tempos antigos em grande batalha. Guerreiros em elefantes e cavaleiros e guerreiros em carros, todos castigadores de inimigos,

inspirados com desejo de vitória ou impacientes de irem para o céu, caíam rápido no campo. Proferindo gritos altos, eles perfuravam uns aos outros vigorosamente com flechas bem disparadas. Em consequência daqueles guerreiros de grande coragem disparando suas flechas uns nos outros naquela batalha terrível e por aqueles meios causando uma escuridão lá, os pontos do horizonte, cardeais e secundários ficaram envolvidos em escuridão e a própria refulgência do sol ficou totalmente encoberta.'"

80

"Sanjaya disse, 'Então, ó rei, Dhananjaya, desejoso de resgatar o filho de Kunti Bhima que, atacado por muitos dos principais guerreiros do exército Kuru, parecia afundar (sob aquele ataque), evitou, ó Bharata, as tropas do filho de Suta e começou, com suas flechas, a despachar aqueles heróis hostis (que se opunham a Bhima) para as regiões da morte. Sucessivas chuvas de flechas de Arjuna eram vistas espalhadas no céu, enquanto outras eram vistas matar teu exército. Enchendo o céu com suas flechas que pareciam densos bandos de criaturas empenadas, Dhananjaya, ó monarca, naquele momento, tornou-se o próprio Destruidor para os Kurus. Com suas flechas de cabeça larga, e aquelas providas de cabeças horizontais e afiadas como navalhas, e flechas do comprimento de uma jarda de polimento brilhante, Partha mutilou os corpos de seus inimigos e cortou suas cabeças. O campo de batalha ficou coberto com guerreiros caindo, alguns com corpos cortados e mutilados, alguns privados de armaduras e alguns privados de cabeças. Como o grande Vaitarani (separando as regiões de vida daquelas dos mortos), o campo de batalha, ó rei, tornou-se irregular e intransitável e feio e terrível, por causa de cavalos e carros e elefantes, que atingidos pelas flechas de Dhananjaya, foram mutilados e despedaçados e cortados de diversas maneiras. O solo também foi coberto com varais quebrados e rodas e eixos, e com carros que estavam sem cavalos ou que tinham seus cavalos e outros que estavam sem motoristas ou que tinham seus motoristas. Então quatrocentos elefantes bem treinados e sempre furiosos, excitados com cólera, e conduzidos por guerreiros envolvidos em armaduras de cor dourada e enfeitados com ornamentos de ouro, e incitados por guias ferozes com pressão de calcanhares e dedos dos pés, caíram, atingidos pelo ornado com diadema Arjuna com suas flechas, como topos soltos, povoados com criaturas vivas, de montanhas gigantescas. De fato, a terra ficou coberta com (outros) elefantes enormes derrubados por Dhananjaya com suas flechas. Como o sol atravessando massas de nuvens, o carro de Arjuna passou através de grupos densos de elefantes com secreções suculentas escorrendo em seus corpos e parecendo com massas de nuvens. Phalguna fez seu caminho ficar amontoado inteiramente com elefantes e cavalos mortos, e com carros quebrados de diversas maneiras, e com heróis sem vida privados de armas e máquinas e de armaduras, como também com armas de diversos tipos soltas das mãos que as seguravam. O som do Gandiva tornou-se tremendamente alto, como o estrondo do trovão no céu. O exército (Dhartarashtra) então, atingido pelas flechas de Dhananjaya, se dividiu, como um grande navio no leito do oceano açoitado violentamente pela tempestade. Diversas espécies de

flechas fatais, disparadas do Gandiva, e parecendo tições ardentes e meteoros e raios, queimaram teu exército. Aquela hoste imensa, assim afligida pelas flechas de Dhananjaya, parecia bela como uma floresta de bambus queimando em uma montanha à noite. Despedaçada e queimada e jogada em confusão, e mutilada e massacrada pelo enfeitado com diadema Arjuna com suas flechas, aquela hoste tua então fugiu para todos os lados. De fato, os Kauravas, queimados por Savyasaci, se dispersaram para todos os lados, como animais na grande floresta apavorados em um incêndio florestal. A hoste Kuru então (que tinha atacado Bhimasena) abandonando aquele herói poderosamente armado, virou seu rosto da batalha, cheia de ansiedade. Depois que os Kurus tinham sido desbaratados, o invicto Vibhatsu, se aproximando de Bhimasena, ficou lá por um momento. Tendo encontrado Bhima e tido uma conversa com ele, Phalguna informou seu irmão de que as flechas tinham sido extraídas do corpo de Yudhishthira e que o último estava perfeitamente bem."

"Com a permissão de Bhimasena, Dhananjaya então procedeu (mais uma vez contra seus inimigos), fazendo a terra e o céu, ó Bharata, ressoar com o estrépito de seu carro. Ele foi então cercado por dez heróicos e principais dos guerreiros, isto é, teus filhos, todos os quais eram mais novos do que Duhshasana em idade. Afligindo Arjuna com suas flechas como caçadores afligindo um elefante com tições ardentes, aqueles heróis, com arcos estendidos, pareciam dançar, ó Bharata, (em seus carros). O matador de Madhu então, guiando seu carro colocou todos eles à sua direita. De fato, ele esperava que Arjuna mandasse logo todos eles para a presença de Yama. Vendo o carro de Arjuna procedendo em uma direção diferente, aqueles heróis avançaram em direção a ele. Logo, no entanto, Partha, com diversas flechas do comprimento de uma jarda e moldadas em forma de meia-lua, cortou seus estandartes e cavalos e arcos e setas, fazendo eles caírem sobre o solo. Então com algumas flechas de cabeça larga ele cortou e derrubou suas cabeças enfeitadas com lábios mordidos e olhos vermelho-sangue de raiva. Aqueles rostos pareciam belos como um conjunto de lotos. Tendo matado aqueles dez Kauravas equipados em armaduras douradas, com dez flechas de cabeça larga dotadas de grande impetuosidade e providas de asas de ouro aquele matador de inimigos, Arjuna, prosseguiu."

81

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso noventa guerreiros em carros Kaurava avançaram para a batalha contra Arjuna de estandarte de macaco que estava avançando, levado por seus corcéis de velocidade excelente. Aqueles tigres entre homens, tendo feito um juramento terrível acerca do outro mundo, cercaram aquele tigre entre homens, Arjuna. Krishna, no entanto, (sem prestar atenção naqueles guerreiros) acelerou os cavalos brancos de Arjuna, dotados de grande velocidade e enfeitados com ornamentos de ouro e cobertos com redes de pérolas, em direção ao carro de Karna. Aqueles noventa carros Samsaptaka perseguiram Dhananjaya, aquele matador de inimigos, despejando sobre ele chuvas de flechas, quando ele procedeu em direção ao carro de Karna. Então

Arjuna, com suas flechas afiadas, cortou aqueles noventa atacantes dotados de grande energia, junto com seus motoristas e arcos e bandeiras. Mortos pelo enfeitado com diadema Arjuna com diversos tipos de flechas, eles caíram como Siddhas caindo, com seus carros, do céu após o esgotamento de seus méritos. Depois disso, muitos Kauravas, com carros e elefantes e corcéis, avançaram destemidamente contra aquele principal da linhagem de Kuru, aquele chefe dos Bharatas, Phalguna. Aquele grande exército de teus filhos, cheio de homens e cavalos lutando, e de principais dos elefantes, então cercou Dhananjaya, impedindo seu progresso mais adiante. Os poderosos arqueiros Kaurava encobriram aquele descendente da linhagem de Kuru com dardos e espadas e lanças e arpões e maças e cimitarras e setas. Como o Sol destruindo a escuridão com seus raios, o filho de Pandu destruiu com suas próprias flechas aquela chuva de armas espalhada no céu. Então um exército de Mlecchas sobre três mil elefantes já enfurecidos, por ordem do teu filho, atacou Partha no flanco. Com setas farpadas e Nalikas e flechas do comprimento de uma jarda e lanças e arpões e dardos e Kampanas e flechas curtas, eles afligiram Partha em seu carro. Aquela chuva inigualável de armas, algumas das quais eram arremessadas pelos elefantes com suas presas, Phalguna cortou com suas flechas de cabeça larga e flechas em forma de meia-lua de gume excelente. Com setas excelentes de diversos tipos, ele atingiu todos aqueles elefantes e seus estandartes e bandeiras e cavaleiros, como Indra atingindo montanhas com raios. Afligidos por flechas com asas de ouro, aqueles elefantes enormes enfeitados com colares de ouro caíam privados de vida, como montanhas em chamas com fogos vulcânicos. Em meio àquele exército de homens e elefantes e corcéis rugindo e gritando e lamentando, o som do Gandiva, ó monarca, se erguia alto. Elefantes, ó rei, atingidos (com flechas), fugiam para todos os lados. Corcéis também, seus cavaleiros mortos, vagavam em todas as direções. Carros, ó monarca, parecendo com as formas mutáveis de vapor no céu, privados de condutores e cavalos, eram vistos aos milhares. Cavaleiros, ó monarca, vagando para lá e para cá, eram vistos cair privados de vida pelas flechas de Partha. Naquela hora o poder das armas de Arjuna foi visto. (Tão grande era aquele poder) que sozinho, naquela batalha, ele subjugou cavaleiros e elefantes e guerreiros em carros (que vinham o assaltando de todos os lados). Então Bhimasena, vendo o ornado com diadema Phalguna cercado, ó touro da raça Bharata, por uma grande hoste (Kaurava) consistindo em três tipos de tropas, abandonou o pequeno resto não morto dos guerreiros em carros Kaurava com quem ele estava envolvido em combate, e avançou impetuosamente, ó rei, para o local onde o carro de Dhananjaya estava. Enquanto isso o exército Kaurava que ainda restou depois do massacre violento, extremamente enfraquecido, fugiu. Bhima (como já dito) vendo Arjuna procedeu em direção a seu irmão. Bhima não fatigado, armado com uma maça, destruiu, naquela batalha, a porção que ainda restava depois que a maior parte tinha sido massacrada por Arjuna, da hoste Kaurava possuidora de grande poder. Aterradora como as trevas da morte, subsistindo de homens e elefantes e corcéis como seu alimento, e capaz de despedaçar paredes e mansões e portões de cidades, aquela maça extremamente terrível de Bhima descia incessantemente sobre homens e elefantes e cavalos em volta dele. Aquela maça, ó senhor, matou inúmeros corcéis e cavaleiros. Com aquela maça o filho de Pandu esmagou

homens e corcéis envolvidos em armaduras de aço. Atingidos por ela, eles caíram com grande barulho. Mordendo o solo com seus dentes, e banhados em sangue, eles, com os topos de suas cabeças e arcos e membros inferiores esmagados, se estendiam no campo, suprindo todas as criaturas carnívoras com comida. Saciada com sangue e carne e medula, e comendo ossos também, aquela maça (de Bhimasena) se tornou, como as trevas da morte, difícil de ser olhada. Tendo matado 10.000 cavalos e numerosos soldados de infantaria, Bhima corria para lá e para cá em fúria, armado com sua maça. Então, ó Bharata, tuas tropas, vendo Bhima com maça na mão, pensaram que o próprio Yama, armado com sua clava fatal, estava em seu meio. O filho de Pandu então, excitado com raiva, e parecendo um elefante enfurecido, penetrou na divisão de elefantes (dos Kauravas), como um Makara entrando no oceano. Tendo, com sua maça formidável, penetrado naquela divisão de elefantes, o enfurecido Bhima, dentro de um tempo muito curto, a despachou para a residência de Yama. Nós então vimos aqueles elefantes enfurecidos com chapas com pontas de ferro sobre seus corpos caindo por todos os lados, com seus condutores e estandartes, como montanhas aladas. Tendo destruído aquela divisão de elefantes, o poderoso Bhimasena, mais uma vez sobre seu carro, seguiu Arjuna em sua retaguarda. Aquela grande hoste, assim massacrada, cheia de desânimo e prestes a fugir, ficou quase inativa, ó monarca, atacada por todos os lados com armas. Contemplando aquela hoste parecendo submissa e permanecendo inativa e quase imóvel, Arjuna a cobriu com flechas queimadoras de vida. Homens e corcéis e elefantes, perfurados naquela batalha com chuvas de flechas pelo manejador do Gandiva, pareciam belos como flores Kadamva com seus filamentos. Assim atingidos pelas flechas de Arjuna que matavam rapidamente homens e cavalos e carros e elefantes, lamentos altos, ó rei, se elevaram do exército Kuru. Com gritos de 'Oh' e 'Ai' e muito apavorados, e se amontoando perto uns dos outros, teu exército começou a voltar com grande rapidez. A batalha, no entanto, continuou entre os Kurus e os Pandavas de grande poder. Não havia um único guerreiro em carro ou cavaleiro ou guerreiro em elefante ou corcel ou elefante que não estivesse ferido. Suas cotas de malha atravessadas por flechas e eles mesmos banhados em sangue, as tropas pareciam resplandecentes como uma floresta de Asokas florescentes. Vendo Savyasaci aplicando sua bravura naquela ocasião, os Kauravas ficaram desesperançados da vida de Karna. Considerando o toque das flechas de Arjuna insuportável, os Kauravas, derrotados pelo manejador do Gandiva, fugiram do campo. Abandonando Karna naquela batalha quando eles estavam sendo assim atingidos pelas flechas de Arjuna, eles fugiram amedrontados para todos os lados, chamando ruidosamente pelo filho de Suta (para salvá-los). Partha, no entanto, os perseguiu, disparando centenas de flechas e alegrando os guerreiros Pandava encabeçados por Bhimasena. Teus filhos então, ó monarca, procederam em direção ao carro de Karna. Afundando, como eles pareciam estar, em um oceano insondável, Karna então tornou-se uma ilha para eles. Os Kauravas, ó monarca, como cobras sem veneno, receberam proteção de Karna, movidos por medo do manejador do Gandiva. De fato, assim como criaturas, ó majestade, dotadas de ações, por medo da morte, recebem proteção da virtude, teus filhos, ó soberano de homens, por medo do filho de grande alma de Pandu, se refugiaram com o poderoso arqueiro Karna. Então, Karna, não inspirado com medo, dirigiu-se

àqueles guerreiros angustiados afligidos por flechas e banhados em sangue, dizendo, 'Não temam! Venham a mim!' Contemplando teu exército violentamente rompido por Partha, Karna, esticando seu arco, permaneceu desejoso de massacrar o inimigo. Vendo que os Kurus tinham deixado o campo, Karna, aquele principal de todos os manejadores de armas, refletindo um pouco, colocou seu coração na morte de Partha e começou a respirar profundamente. Curvando seu arco formidável, o filho de Adhiratha Vrisha avançou novamente contra os Pancalas, na própria vista de Savyasaci. Logo, no entanto, muitos senhores da terra, com olhos vermelhos como sangue, despejaram suas torrentes de flechas sobre ele como as nuvens derramando chuva em uma montanha. Então milhares de flechas, ó principal das criaturas vivas, atiradas por Karna, ó majestade, privaram muitos Pancalas de suas vidas. Sons altos de lamento foram proferidos pelos Pancalas, ó tu de grande inteligência, enquanto eles estavam sendo assim atacados pelo filho de Suta, aquele salvador de amigos, por causa de seus amigos.'"

82

"Sanjaya disse, 'Depois que os Kurus, ó rei, tinham sido afugentados pelo poderoso guerreiro em carro Arjuna de corcéis brancos, o filho de Suta Karna começou a destruir os filhos dos Pancalas com suas flechas poderosas, como a tempestade destruindo massas de nuvens reunidas. Derrubando o motorista de Janamejaya com flechas de face larga chamadas Anjalikas, ele em seguida matou os corcéis daquele guerreiro Pancala. Com diversas flechas de cabeça larga ele então perfurou Satanika e Sutasoma e então cortou os arcos de ambos aqueles heróis. Em seguida ele perfurou Dhrishtadyumna com seis flechas, e então, sem a perda de um momento, ele matou naquele combate os corcéis daquele príncipe. Tendo matado em seguida os corcéis de Satyaki, o filho de Suta então matou Visoka, o filho do soberano dos Kaikayas. Após a morte do príncipe Kaikaya, o comandante da divisão Kaikaya, Ugrakarman, avançou com velocidade e atacando Prasena, o filho de Karna, com muitas flechas de impetuosidade violenta o fez tremer. Então Karna, com três flechas em forma de meia-lua, cortou os braços e a cabeça do atacante de seu filho, depois do que o último, privado de vida, caiu sobre o chão de seu carro, como uma árvore Sala com seus ramos cortados com um machado. Então Prasena, com muitas flechas afiadas de curso reto, cobriu o neto de Sini que estava sem cavalos, e parecia dançar sobre seu carro. Logo, no entanto, o filho de Karna, atingido pelo neto de Sini, caiu. Após a morte de seu filho, Karna, com o coração cheio de raiva, dirigiu-se àquele touro entre os Sinis pelo desejo de matá-lo, dizendo, 'Tu estás morto, ó neto de Sini!' e disparou nele uma flecha capaz de matar todos os inimigos. Então Shikhandi cortou aquela flecha com três flechas dele, e atingiu o próprio Karna com três outras flechas. O filho feroz do Suta então, cortando com um par de flechas de face de navalha o arco e o estandarte de Shikhandi, atingiu e perfurou o próprio Shikhandi com seis flechas, e então cortou a cabeça do filho de Dhrishtadyumna. O filho de grande alma de Adhiratha então perfurou Sutasoma com uma flecha muito afiada. Durante a continuação daquela batalha violenta, e depois que o filho

de Dhrishtadyumna tinha sido morto, Krishna, ó leão entre reis, se dirigiu a Partha, dizendo, 'Os Pancalas estão sendo exterminados. Vá, ó Partha, e mate Karna.' Assim endereçado o poderosamente armado Arjuna, aquele principal dos homens, sorriu e então procedeu em seu carro em direção ao carro do filho de Adhiratha desejoso, naquela ocasião de terror, de resgatar os Pancalas massacrados por Karna, aquele líder de guerreiros em carros. Esticando seu Gandiva de vibração alta e atingindo violentamente suas palmas com a corda de seu arco, ele criou repentinamente uma escuridão por meio de suas flechas e destruiu grande número de homens e cavalos e carros e estandartes. Os ecos (daquele som) percorreram o céu. As aves, (não mais achando espaço em seu próprio elemento), se abrigaram nas cavernas de montanhas. Com seu arco totalmente estirado, Arjuna parecia resplandecente. De fato, quando o ornado com diadema Partha, naquele momento terrível, lançou-se sobre o inimigo, Bhimasena, aquele principal dos heróis, procedeu em seu carro atrás daquele filho de Pandu, protegendo sua retaguarda. Aqueles dois príncipes então, em seus carros, procederam com grande velocidade em direção a Karna, enfrentando seus inimigos pelo caminho. Durante aquele intervalo, o filho de Suta lutou ferozmente, oprimindo os Somakas. Ele matou um grande número de guerreiros em carros e corcéis e elefantes, e cobriu os dez pontos do horizonte com suas flechas. Então Uttamauja e Janamejaya, e o enfurecido Yudhamanyu e Shikhandi, se unindo com o filho de Prishata (Dhrishtadyumna) e proferindo rugidos altos, perfuraram Karna com muitas flechas. Aqueles cinco principais dos guerreiros em carros Pancala avançaram contra Karna também chamado Vaikartana, mas eles não puderam tirá-lo de seu carro como os objetos dos sentidos fracassando em tirar a pessoa de alma purificada da abstinência. Cortando rapidamente seus arcos, estandartes, corcéis, motoristas e bandeiras, com suas flechas, Karna atingiu cada um deles com cinco flechas e então proferiu um rugido alto como um leão. As pessoas então ficaram muito desanimadas, pensando que a própria terra, com suas montanhas e árvores, podia se partir pela vibração do arco de Karna enquanto aquele herói, com flechas na mão e tocando a corda do arco, estava empenhado em disparar em seus atacantes e matar seus inimigos. Disparando suas flechas com aquele arco grande e estendido dele que parecia o arco do próprio Sakra, o filho de Adhiratha parecia resplandecente como o sol, com sua miríade de raios ardentes, dentro de seu halo. O filho de Suta então perfurou Shikhandi com uma dúzia de flechas afiadas, e Uttamauja com meia dúzia, e Yudhamanyu com três, e então cada um dos outros dois, isto é, Somaka (Janamejaya) e o filho de Prishata (Dhrishtadyumna) com três flechas. Derrotados em batalha terrível pelo filho de Suta, ó senhor, aqueles cinco poderosos guerreiros em carros então ficaram inativos, alegrando seus inimigos, assim como os objetos dos sentidos são subjugados por uma pessoa de alma purificada. Os cinco filhos de Draupadi então, com outros carros bem equipados, resgataram aqueles tios maternos deles que estavam afundando no oceano Karna, como pessoas resgatando das profundidades do oceano comerciantes náufragos no mar por meio de outros barcos. Então aquele touro entre os Sinis, cortando com suas próprias flechas afiadas as inúmeras flechas disparadas por Karna, e perfurando o próprio Karna com muitas flechas afiadas feitas totalmente de ferro, perfurou teu filho mais velho com oito flechas. Então Kripa, e o chefe Bhoja (Kritavarma), e teu filho, e o próprio

Karna, atacaram Satyaki em retorno com flechas afiadas. Aquele principal, no entanto, da linhagem de Yadu lutou com aqueles quatro guerreiros como o chefe dos Daityas lutando com os Regentes dos (quatro) quadrantes. Com seu arco vibrando esticado até seu limite máximo, e do qual flechas fluíram incessantemente, Satyaki tornou-se muito irresistível como o sol meridiano no céu outonal. Aqueles opressores de inimigos então, isto é, os poderosos guerreiros em carros entre os Pancalas, novamente sobre seus carros e vestidos em armaduras e unidos, protegeram aquele principal entre os Sinis, como os Maruts protegendo Sakra enquanto empenhado em afligir seus inimigos em batalha. A batalha repleta de massacre de homens e corcéis e elefantes que então se seguiu entre teus inimigos e os guerreiros do teu exército tornou-se tão violenta que ela parecia o combate nos tempos antigos entre os deuses e os Asuras. Guerreiros em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, cobertos com chuvas de diversas armas, começaram a se mover de um ponto para outro. Atingidos uns pelos outros, eles cambaleavam ou proferiam lamentos de dor em aflição ou caíam privados de vida. Quando tal era o estado das coisas, teu filho Duhshasana, o irmão mais novo do rei, avançou destemidamente contra Bhima, disparando chuvas de flechas. Vrikodara também avançou impetuosamente contra ele, como um leão pulando em direção a um grande veado Ruru. O combate então que teve lugar entre aqueles dois heróis enfurecidos um com o outro e que se engajaram no esporte da batalha fazendo da própria vida a aposta tornou-se extremamente violento, parecia aquele entre Samvara e Sakra nos tempos passados. Eles atingiram um ao outro profundamente com flechas possuidoras de grande energia e capazes de perfurar o corpo um do outro, como dois elefantes poderosos excitados com luxúria e com secreções suculentas escorrendo incessantemente por seus corpos, lutando um com o outro na vizinhança de uma elefanta no cio. Vrikodara, com grande velocidade, cortou, com um par de flechas de cabeça de navalha, o arco e o estandarte de teu filho. Com outra flecha alada ele perfurou a testa de seu adversário e então (com uma quarta) cortou de seu tronco a cabeça do motorista do último. O príncipe Duhshasana, pegando outro arco, perfurou Vrikodara com uma dúzia de flechas. Ele mesmo segurando as rédeas de seus corcéis, ele mais uma vez despejou sobre Bhima uma chuva de setas retas. Então Duhshasana disparou uma flecha brilhante como os raios do sol, enfeitada com ouro, diamantes, e outras pedras preciosas, capaz de perfurar o corpo de seu atacante, e irresistível como o golpe do raio de Indra. Seu corpo perfurado por ela, Vrikodara caiu, com membros lânguidos e como alguém privado de vida e com braços esticados, sobre seu carro próprio excelente. Recuperando seus sentidos, no entanto, ele começou ao rugir como um leão.'"

83

"Sanjaya disse, 'Lutando ferozmente, o príncipe Duhshasana realizou as façanhas mais difíceis naquele combate. Com uma única flecha ele cortou o arco de Bhima, e então com seis flechas ele perfurou o motorista de seu inimigo. Tendo realizado aquelas façanhas, o príncipe, dotado de grande energia, perfurou o

próprio Bhima com nove flechas. De fato o guerreiro de grande alma, sem perder um momento, então perfurou Bhimasena com muitas flechas de grande energia. Cheio de raiva nisto, Bhimasena, dotado de grande vigor, disparou no teu filho um dardo ardente. Vendo aquele dardo terrível correndo impetuosamente em direção a ele como um tição ardente, teu filho de grande alma o cortou com dez flechas disparadas de seu arco puxado até sua mais completa extensão. Vendo aquele feito difícil realizado por ele, todos os guerreiros, cheios de alegria, o elogiaram muito. Teu filho então mais uma vez perfurou Bhima profundamente com outra flecha. Se inflamando com ira à visão de Duhshasana, Bhima então se dirigiu a ele, dizendo, 'Eu tenho sido perfurado, ó herói, rapidamente e profundamente, por ti. Aguente agora, no entanto, mais uma vez, o golpe da minha maça.' Tendo dito isso, o enfurecido Bhima pegou aquela maça terrível dele para matar Duhshasana. Dirigindo-se a ele novamente, ele disse, 'Ó tu de alma perversa, eu beberei teu sangue hoje no campo de batalha.' Assim endereçado, teu filho disparou em Bhima com grande força um dardo ameaçador parecendo a própria Morte. Bhima também, sua forma cheia de ira, girou sua maça terrível e lançou-a em seu antagonista. Aquela maça, quebrando precipitadamente o dardo de Duhshasana, atingiu teu filho em sua cabeça. De fato, transpirando como um elefante com secreções suculentas escorrendo por seu corpo, Bhima, naquela batalha terrível, arremessou sua maça no príncipe. Com aquela arma, Bhimasena derrubou Duhshasana violentamente de seu carro a uma distância medida pelo comprimento de dez arcos. Atingido com a maça impetuosa, Duhshasana, jogado no chão, começou a tremer. Todos os seus corcéis também, ó rei, foram mortos, e seu carro também foi reduzido a átomos pela arma caindo. Com relação ao próprio Duhshasana, sua armadura e ornamentos e trajes e guirlandas foram todos deslocados, e ele começou a se contorcer, afligido com agonia. Dotado de grande energia, Bhimasena então lembrou, no meio daquela batalha terrível e estando como ele estava em meio a muitos guerreiros principais do exército Kuru, de todas as ações de hostilidade (feitas para os Pandavas) por teus filhos. O poderosamente armado Bhima de façanhas inconcebíveis, ó rei, vendo Duhshasana (naquela situação), e se lembrando do agarramento dos cabelos de Draupadi e dela ter sido despida enquanto estava indisposta, de fato, o inocente Bhima, refletindo também sobre os diversos outros males infligidos àquela princesa enquanto seus maridos sentavam com rostos desviados da cena, inflamou-se com fúria como fogo alimentado com libações de manteiga clarificada. Dirigindo-se a Karna e Suyodhana e Kripa e ao filho de Drona e Kritavarma, ele disse, 'Hoje eu matarei o desgraçado Duhshasana. Que todos os guerreiros o protejam (se eles puderem).' Tendo dito isso, Bhima de força excelente e grande energia avançou de repente, pelo desejo de matar Duhshasana. Como um leão de impetuosidade feroz avançando em direção a um elefante poderoso, Vrikodara, aquele principal dos heróis, avançou em direção a Duhshasana naquela batalha e o atacou na própria vista de Suyodhana e Karna. Saltando de seu carro, ele desceu no chão, e fixou seus olhos firmemente em seu inimigo lançado por terra. Puxando então sua espada afiada de gume excelente, e tremendo com raiva, ele colocou seu pé sobre a garganta de Duhshasana, e abrindo à força o peito de seu inimigo esticado no chão, bebeu seu sangue vital quente. Então o jogando no chão e cortando, ó rei, com aquela espada a cabeça de teu filho, Bhima de grande

inteligência, desejoso de cumprir seu voto, bebeu novamente o sangue de seu inimigo pouco a pouco, como se para desfrutar de seu gosto. Então olhando para ele com olhos coléricos, ele disse essas palavras, 'Eu considero o gosto deste sangue de meu inimigo como superior àquele do leite de minha mãe, ou mel, ou manteiga clarificada, ou bom vinho que é preparado a partir do mel, ou água excelente, ou leite, ou coalhos, ou leite desnatado, ou todos os outros tipos de bebida que há na terra que são doces como ambrosia ou néctar.' Mais uma vez, Bhima de atos violentos, seu coração cheio de ira, contemplando Duhshasana morto, riu brandamente e disse, 'O que mais eu posso fazer para ti? A Morte te salvou das minhas mãos.' Aqueles, ó rei, que viram Bhimasena, enquanto ele cheio de alegria ao ter bebido o sangue de seu inimigo, estava proferindo aquelas palavras e andando com gravidade e arrogância no campo de batalha, caíram de medo. Aqueles que não caíram à visão viram suas armas caírem de suas mãos. Muitos, por medo, gritaram debilmente e olharam para Bhima com olhos meio fechados. De fato, todos aqueles que estavam em volta de Bhima e o viram beber o sangue de Duhshasana fugiram dominados pelo medo, e dizendo uns aos outros, 'Este não é um ser humano.' Quando Bhima tinha assumido aquela forma, as pessoas, vendo-o beber o sangue de seu inimigo, fugiram com Citrasena, dizendo uns aos outros, 'Este Bhima deve ser um Rakshasa!' Então o príncipe (Pancala) Yudhamanyu, na vanguarda de suas tropas, perseguiu destemidamente Citrasena que se retirava e perfurou-o com sete flechas afiadas, disparadas rapidamente uma atrás da outra. Nisto, como uma cobra pisada de grande energia repetidamente dardejando para fora sua língua e desejosa de vomitar seu veneno, Citrasena voltou atrás e perfurou o príncipe Pancala com três flechas e seu motorista com seis. O bravo Yudhamanyu então cortou a cabeça de seu inimigo com uma flecha equipada com asas vistosas e uma ponta muito afiada e disparada com grande atenção de seu arco puxado à sua mais completa extensão. Após a queda de seu irmão Citrasena, Karna, cheio de fúria e mostrando sua destreza, pôs a hoste Pandava para fugir, no que Nakula avançou contra aquele guerreiro de energia incomensurável. Bhima, tendo matado lá (na própria vista de Karna) o vingativo Duhshasana, pegou uma pequena quantidade de seu sangue, e, dotado de pulmões estentóreos, ele disse essas palavras na audição de todos aqueles principais heróis do mundo, 'Ó canalha entre homens, aqui eu bebo teu sangue vital da tua garganta. Cheio de alegria, nos insulte mais uma vez, dizendo 'gado, gado'** (como tu fizeste antes).' E ele continuou, 'Eles que dançaram por nossa causa então, dizendo, 'gado, gado,' nós mesmos dançaremos para eles agora, repetindo suas próprias palavras. Nosso sono no palácio em Pramanakoti, a aplicação de veneno mortal na nossa comida, as mordidas de najas pretas, o incêndio à casa de laca, o roubo de nosso reino por meio de jogo, nosso exílio nas florestas, o agarramento cruel dos belos cabelos de Draupadi, os golpes de flechas e armas em batalha, nossas misérias em casa, os outros tipos de sofrimentos que nós aguentamos na residência de Virata, todas essas aflições suportadas por nós por causa dos conselhos de Shakuni e Duryodhana e do filho de Radha, procederam de ti como sua causa.

**Referindo-se ao episódio ocorrido no livro 2, Sabha Parva, Cap. 76, pág. 134, quando Dussasana responde às ameaças de Bhima com as palavras cuja tradução correta é: 'Ó vaca! Ó vaca!'

Pela maldade de Dhritarashtra e seu filho, nós temos aguentado todos esses infortúnios. A felicidade nunca foi nossa.' Tendo dito essas palavras, ó rei, o vitorioso Vrikodara falou novamente essas palavras para Keshava e Arjuna. De fato, banhado em sangue, com sangue fluindo de seus ferimentos, com rosto extremamente vermelho, cheio de grande fúria, Bhimasena dotado de grande energia disse essas palavras, 'Ó heróis, aquilo que eu jurei com relação a Duhshasana em batalha eu realizei hoje. Eu logo cumprirei meu outro voto por matar aquele segundo animal, Duryodhana, nesse sacrifício de batalha. Golpeando a cabeça daquele de alma perversa com meu pé na presença dos Kauravas, eu obterei paz.' Tendo dito essas palavras, Bhima, cheio de grande alegria, encharcado com sangue, proferiu gritos altos, assim como o poderoso Indra de grande alma de 1.000 olhos rugiu depois de matar (o Asura) Vritra.'"

84

"Sanjaya disse, 'Depois da morte de Duhshasana, ó rei, dez dos teus filhos, heróis que nunca se retiravam da batalha, todos os quais eram grandes guerreiros em carros, dotados de energia imensa, e cheios do veneno da ira, cobriram Bhima com suas flechas. Nishangin, e Kavachin, e Pasin e Dundadhara e Dhanurgraha, e Alolupa, e Saha, e Shanda, e Vatavega e Suvarchasas, estes dez, afligidos pela morte de seu irmão, se uniram e reprimiram o poderosamente armado Bhimasena com suas flechas. Resistido por todos os lados com suas flechas por aqueles grandes guerreiros em carros, Bhima, com olhos vermelhos como fogo com fúria, parecia resplandecente como o próprio Destruidor furioso. Partha, no entanto, com dez flechas de cabeça larga de grande impetuosidade, equipadas com asas douradas, despachou para a residência de Yama aqueles dez príncipes Bharata enfeitados com braceletes dourados. Após a queda daqueles dez heróis, teu exército fugiu na própria vista do filho de Suta, dominado pelo medo dos Pandavas. Então, ó rei, grande temor entrou no coração de Karna à visão da bravura de Bhima a qual parecia aquela do próprio Destruidor para as criaturas vivas. Então Shalya, aquele ornamento de assembléias, compreendendo o estado da mente de Karna por uma avaliação de suas feições, dirigiu-se àquele castigador de inimigos em palavras apropriadas para o momento, 'Não te aflijas, ó filho de Radha! Isso não fica bem em ti. Afligidos com medo de Bhimasena, esses reis estão todos fugindo. Muito atormentado pela calamidade que aconteceu a seu irmão Duhshasana por seu sangue ter sido bebido por Bhima de grande alma, Duryodhana está entorpecido! Kripa e outros, e aqueles irmãos do rei que ainda estão vivos, com corações aflitos, sua raiva abrandada pela tristeza, estão cuidando de Duryodhana, ficando em volta dele. Aqueles heróis, os Pandavas de pontaria certeira, encabeçados por Dhananjaya, estão avançando contra ti para lutar. Por estas razões, ó tigre entre homens, reunindo toda tua coragem e mantendo os deveres de um Kshatriya diante de teus olhos, proceda contra Dhananjaya. Toda a responsabilidade (dessa batalha) foi colocada sobre ti pelo filho de Dhritarashtra. Ó tu de armas poderosas, leve aquela carga com todo o teu poder e força. Na vitória haverá grande fama. Na derrota, o céu é certo. Lá, ó filho

de Radha, teu filho, Vrishasena, cheio de cólera pela visão da estupefação que te dominou, está avançando em direção aos Pandavas.' Ouvindo essas palavras de Shalya de energia incomensurável, Karna, refletindo, concluiu inalteravelmente que lutar tinha se tornado inevitável. Então Vrishasena, cheio de ira, e sobre seu próprio carro, avançou em direção àquele filho de Pandu, isto é, Vrikodara, que, armado com sua maça, parecia o próprio Destruidor com sua vara fatal e que estava empenhado em massacrar tuas tropas. Aquele principal dos heróis, Nakula, cheio de fúria, avançou naquele inimigo deles, o filho de Karna, atingindo-o com flechas, como o vitorioso Maghavat com coração alegre avançando contra (o Asura) Jambha. Então o bravo Nakula, com uma flecha de cabeça de navalha, cortou o estandarte de seu inimigo enfeitado com pedras preciosas. Com uma flecha de cabeça larga, ele cortou em seguida o arco também do filho de Karna, com uma tira dourada amarrada a ele. Possuidor de armas poderosas, o filho de Karna então, desejoso de mostrar sua consideração por Duhshasana, rapidamente pegou outro arco, e perfurou Nakula, o filho de Pandu, com muitas armas celestes poderosas. Nakula de grande alma, então, cheio de raiva, perfurou seu oponente com flechas que pareciam grandes tições ardentes. Nisso o filho de Karna também, habilidoso com armas, despejou armas celestes sobre Nakula. Pela raiva causada pelos golpes das armas de seu inimigo, como também por sua própria resplandecência e a energia de suas armas, o filho de Karna se inflamou como um fogo com libações de manteiga clarificada. De fato, ó rei, o filho de Karna então matou com suas armas excelentes os belos corcéis do delicado Nakula, que eram da raça Vanayu, brancos em cor, e enfeitados com arreios de ouro. Descendo então de seu veículo sem cavalos, e pegando um escudo brilhante decorado com luas douradas, e armado também com uma espada que era azul como o céu, Nakula, saltando para o alto frequentemente, se movimentou rapidamente lá como uma ave. Realizando diversas evoluções belas no ar, o filho de Pandu cortou muitos principais dos homens e corcéis e elefantes. Cortados com aquela espada, eles caíam ao chão como animais cortados em um sacrifício de cavalo pela pessoa nomeada para aquele dever. 2.000 heróis bem treinados, que se deleitavam em batalha, vindos de diversos reinos, bem pagos, de pontaria certeira, e com seus membros cobertos com excelente pasta de sândalo, foram rapidamente cortados por Nakula sozinho inspirado pelo desejo de vitória. Então o filho de Karna, avançando de repente com grande velocidade contra Nakula que avançava naquela batalha, perfurou-o de todos os lados com muitas setas afiadas pelo desejo de matá-lo. Assim atingido com setas (por Vrishasena), Nakula atacou seu bravo adversário em retorno. Perfurado pelo filho de Pandu, Vrishasena ficou cheio de raiva. Protegido, no entanto, naquela batalha terrível, por seu irmão Bhima, Nakula de grande alma realizou tais feitos terríveis naquela ocasião. Cheio de raiva, o filho de Karna então perfurou com dezoito flechas o heróico Nakula que parecia se divertir naquela batalha, enquanto empenhado, sem ajuda, em destruir os principais dos homens e cavalos e elefantes. Profundamente perfurado por Vrishasena naquele combate, ó rei, o filho de Pandu Nakula, aquele principal dos homens, dotado de grande energia, ficou cheio de fúria e avançou naquela batalha contra o filho de Karna pelo desejo de matá-lo. Então Vrishasena despejou chuvas de flechas afiadas sobre Nakula de grande energia quando o último avançou precipitadamente contra ele naquela batalha como um falcão com asas esticadas

pelo desejo de carne. Desviando, no entanto, as chuvas de flechas de seu antagonista, Nakula corria a toda velocidade em diversos movimentos belos. Então o filho de Karna, ó rei, naquela batalha terrível, cortou, com suas flechas poderosas, o escudo, decorado com 1.000 estrelas, de Nakula, enquanto ele estava se movendo rapidamente com grande vivacidade naqueles movimentos belos. Sem perder um momento, aquele resistidor de inimigos, (Vrishasena), com meia dúzia de flechas de cabeça de navalha afiadas, então cortou aquela espada exposta de Nakula, polida e de gume afiado, feita de aço, capaz de aguentar uma tensão formidável e de destruir os corpos de todos os inimigos, e terrível e feroz como o veneno de cobra, enquanto ele a estava girando rapidamente. Depois disso, Vrishasena perfurou profundamente seu antagonista no centro de seu peito com algumas flechas bem temperadas e afiadas. Tendo realizado aquelas façanhas em batalha que foram aplaudidas por todas as pessoas nobres e que não podiam ser realizadas por outros homens, Nakula de grande alma de grande presteza, afligido com aquelas flechas, procedeu para o carro, ó rei, de Bhimasena. O filho sem cavalos de Madri, assim afligido pelo filho de Karna, pulou sobre o carro de Bhima como um leão pulando sobre um topo de montanha, na vista de Dhananjaya. O heróico Vrishasena de grande alma então, cheio de raiva, despejou suas chuvas de flechas sobre aqueles dois poderosos guerreiros em carros para perfurar aqueles dois filhos de Pandu. Depois da destruição daquele carro pertencente ao filho de Pandu (Nakula), e depois que sua espada também tinha sido cortada rapidamente pelas flechas (de Vrishasena); muitos outros dos principais heróis Kuru, se unindo, aproximaram-se dos irmãos Pandava, e começaram a atacá-los com chuvas de flechas. Então aqueles dois filhos de Pandu, Bhima e Arjuna, cheios de ira, e parecendo dois fogos alimentados com libações de manteiga clarificada, despejaram chuvas de setas terríveis sobre Vrishasena e os outros guerreiros reunidos em volta dele. O filho do deus do vento então, dirigindo-se a Phalguna, disse, 'Veja, Nakula aqui está sendo atormentado. O filho de Karna está resistindo a nós. Proceda, portanto, contra o filho de Karna.' Ouvindo essas palavras, o enfeitado com diadema (Arjuna) se aproximou do carro de seu irmão Vrikodara. Vendo aquele herói chegar perto, Nakula se dirigiu a ele, dizendo, 'Mate ele depressa.' Assim endereçado naquela batalha por seu irmão Nakula, permanecendo diante dele, o ornado com diadema Arjuna, aquele herói formidável, precipitadamente fez seu veículo de estandarte de macaco, guiado pelo próprio Keshava, ser dirigido em direção a Vrishasena.'"

85

"Sanjaya disse, 'Sabendo que Nakula tinha sido privado de seu carro, afligido com flechas e mutilado pelas armas do filho de Karna, e que ele teve suas flechas, arco, e espada cortados, esses onze formidáveis resistidores de todos os inimigos, os cinco filhos heróicos de Drupada, o neto de Sini formado o sexto, e os cinco filhos de Draupadi procederam rapidamente em seus carros de som alto puxados por corcéis seguros, com bandeiras ondulando no ar, e guiados por motoristas habilidosos. Aqueles guerreiros bem armados começaram a destruir teus elefantes

e carros e homens e corcéis com flechas que pareciam cobras temíveis. Então o filho de Hridika e Kripa e o filho de Drona e Duryodhana e o filho de Shakuni e Vrika e Kratha e Devavridha, aqueles principais guerreiros em carros Kaurava, procederam rapidamente contra eles, armados com seus arcos e sobre seus carros de estrépito profundo como o rugido de elefantes ou das nuvens. Esses guerreiros Kaurava, atacando aqueles principais dos homens e primeiros dos guerreiros em carros, aqueles onze heróis (do exército Pandava), ó rei, com as mais poderosas das flechas, impediram seu progresso. Nisso, os Kulindas, sobre seus elefantes de velocidade impetuosa que pareciam com topos de montanha e que eram da cor de nuvens recém surgidas, avançaram contra aqueles heróis Kaurava. Bem equipados, e cobertos com ouro, aqueles elefantes enfurecidos, nascidos em regiões Himalayan e conduzidos por guerreiros ilustres ansiosos pela batalha, pareciam resplandecentes como nuvens no céu, carregadas com relâmpago. O príncipe dos Kulindas então atacou vigorosamente Kripa e seu motorista e cavalos, com dez flechas feitas totalmente de ferro. Atingido (em retorno) pelas flechas do filho de Sharadvata, o príncipe caiu com seu elefante no solo. O irmão mais novo daquele príncipe então, atacando o carro de Kripa com diversas lanças feitas totalmente de ferro e todas brilhantes como os raios do sol, proferiu rugidos altos. O soberano dos Gandharvas, no entanto, cortou a cabeça daquele guerreiro enquanto ainda proferindo aqueles rugidos. Após a queda daqueles Kulindas, aqueles poderosos guerreiros em carros do teu exército, cheios de alegria, sopraram suas conchas oriundas do mar, e, armados com arcos, avançaram contra seus inimigos. A batalha então que ocorreu mais uma vez entre os Kurus de um lado e os Pandavas e os Srinjayas no outro, com flechas e cimitarras e dardos e espadas e maças e machados de batalha tornou-se feroz e horrível e muito destrutiva de homens e corcéis e elefantes. Guerreiros em carros e corcéis e elefantes e soldados a pé, golpeando uns aos outros, caíam no chão, fazendo o campo de batalha parecer com o céu quando massas de nuvens reunidas carregadas com relâmpago e produzindo estrondos incessantes de trovão são atacadas por ventos violentos de todos os lados. Então o chefe dos Bhojas atingiu os elefantes enormes, os guerreiros em carros, os inúmeros soldados de infantaria, e a cavalaria sob Satanika. Atingidos pelas flechas de Kritavarma, eles logo caíam no chão. Nesse momento, atingidos pelas flechas de Ashvatthama, três elefantes enormes equipados com todos os tipos de armas, guiados por guerreiros ilustres, e adornados com estandartes altos, caíram sem vida no chão como rochedos gigantescos partidos pelo raio. Então o terceiro irmão do chefe Kulinda atacou teu filho Duryodhana com algumas flechas excelentes no centro do peito. Teu filho, no entanto, o perfurou como também seu elefante com muitas flechas afiadas. Aquele príncipe de elefantes então, com o príncipe em suas costas, caiu, com correntes de sangue emanando de todas as partes de seu corpo, como uma montanha de greda vermelha na estação das chuvas, com rios vermelhos escorrendo por seu leito, caindo quando fendida pelo trovão do marido de Sachi. O príncipe Kulinda, no entanto, tendo se salvado a tempo, montou em outro elefante. Incitado pelo príncipe, aquele animal atacou Kratha com seu motorista e corcéis e carro. Perfurado, no entanto, pelas flechas de Kratha, aquele elefante, com seu condutor, caiu como uma colina partida pelo raio. O soberano dos Krathas, aquele invencível guerreiro em carro, no entanto, atingido por flechas

pelo príncipe nascido nas montanhas das costas de outro elefante, caiu com seus cavalos, motorista, arco, e bandeira, como uma árvore imensa arrancada pela tempestade. Então Vrika perfurou profundamente com uma dúzia de flechas aquele príncipe tendo residência no Himavat quando ele estava em seu elefante. O animal enorme rapidamente esmagou com suas quatro pernas (o guerreiro Kaurava) Vrika com seus corcéis e carro. Aquele príncipe de elefantes então, com seu condutor, profundamente perfurado pelo filho de Vabhru, avançou impetuosamente contra o último. O filho de Vabhru, no entanto, aquele príncipe dos Magadhas, afligido com setas pelo filho de Sahadeva, caiu. O príncipe dos Kulindas então, com aquele elefante dele que era capaz de matar os principais dos guerreiros com suas presas e corpo, avançou impetuosamente em direção a Shakuni para matá-lo. O montanhês conseguiu afligir Shakuni imensamente. Logo, no entanto, o chefe dos Gandharas cortou sua cabeça. Nesse momento enormes elefantes e corcéis e guerreiros em carros e grandes grupos de infantaria, atingidos por Satanika, caíram no chão, paralisados e esmagados como cobras atingidas pela tempestade causada pelas asas de Garuda. Então um guerreiro Kulinda (no lado Kaurava), sorrindo, perfurou Satanika, o filho de Nakula, com muitas setas afiadas. O filho de Nakula, no entanto, com uma flecha de cabeça de navalha cortou do tronco de seu oponente sua cabeça parecendo um lótus. Então o filho de Karna perfurou Satanika com três flechas, feitas totalmente de ferro e Arjuna também com o mesmo número. E ele perfurou Bhima com três flechas e Nakula com sete e Janardana com uma dúzia. Vendo aquela façanha de Vrishasena, aquele realizador de feitos sobre-humanos, os Kauravas ficaram cheios de alegria e o aplaudiram muito. Aqueles, no entanto, que conheciam a destreza de Dhananjaya consideraram Vrishasena como uma libação já despejada no fogo. O ornado com diadema Arjuna então, aquele matador de heróis hostis, vendo o filho de Madri, Nakula, aquele principal dos homens, privado de seus corcéis no meio de todos, e vendo Janardana mutilado por flechas, avançou naquela batalha contra Vrishasena que estava então permanecendo na frente do filho de Suta (Karna). Como Namuci avançando contra Indra, o filho de Karna, aquele magnífico guerreiro em carro, também avançou, naquela batalha, contra aquele feroz e principal dos homens, Arjuna, aquele guerreiro possuindo milhares de flechas, quando o último avançou em direção a ele. Sozinho, o filho de grande alma de Karna, rapidamente perfurando Partha com uma flecha naquela batalha, proferiu um grito alto, como Namuci nos tempos passados depois de ter perfurado Indra. Mais uma vez Vrishasena perfurou Partha na axila esquerda com muitas flechas terríveis. Perfurando Krishna em seguida com nove setas, ele atingiu Partha novamente com dez setas. Arjuna de cavalos brancos, tendo antes sido perfurado por Vrishasena com aquelas setas formidáveis, ficou levemente enfurecido e colocou seu coração na morte do filho de Karna. Arjuna de grande alma e enfeitado com diadema então, seu fronte vincada de raiva com três linhas, disparou rapidamente da vanguarda da batalha várias flechas para a destruição de Vrishasena naquele combate. Com olhos vermelhos de raiva, aquele herói capaz de matar o próprio Yama se o último lutasse com ele, então deu risada terrivelmente e disse para Karna e todos os outros heróis Kaurava encabeçados por Duryodhana e o filho de Drona, essas palavras, 'Hoje, ó Karna, na tua própria vista nessa batalha, eu despacharei o feroz Vrishasena para a residência de Yama

com minhas flechas afiadas! As pessoas dizem que todos vocês, juntos, mataram meu filho, dotado de grande energia, na minha ausência, e enquanto ele estava sozinho e desamparado sobre seu carro. Eu, no entanto, matarei teu filho diante de vocês todos. Que todos os guerreiros em carros Kaurava o protejam. Eu matarei o feroz Vrishasena. Depois disso eu te matarei, ó tolo, eu mesmo, Arjuna, no meio da batalha! Hoje eu irei, em batalha, matar a ti que és a causa dessa disputa e que te tornaste tão orgulhoso por causa do patrocínio de Duryodhana. Aplicando minha força, eu sem dúvida te matarei nessa batalha, e Bhimasena matará esse Duryodhana, esse patife entre os homens, por cuja má política essa disputa nascida do jogo de dados surgiu.' Tendo dito essas palavras, Arjuna esfregou a corda de seu arco e visou Vrishasena naquela batalha, e disparou, ó rei, diversas flechas para a morte do filho de Karna. O ornado com diadema Arjuna então, destemidamente e com grande força perfurou Vrishasena com dez flechas em todos os seus membros vitais. Com quatro flechas ameaçadoras de cabeça de navalha ele cortou o arco de Vrishasena e dois braços e cabeça. Atingido pelas flechas de Partha, o filho de Karna, privado de braços e cabeças, caiu no chão de seu carro, como uma shala gigantesca adornada com flores caindo de um topo de montanha. Vendo seu filho, atingido dessa maneira por flechas, cair de seu veículo, o filho de Suta Karna, dotado de grande presteza e atormentado pela dor por conta da morte de seu filho, procedeu rapidamente em seu carro, inspirado com cólera, contra o carro do ornado com diadema Partha.'"

"De fato, vendo seu filho morto em sua vista por Arjuna de cavalos brancos em batalha, Karna de grande alma, cheio de grande ira, avançou contra Krishna e Arjuna."

86

"Sanjaya disse, 'Vendo o gigantesco e rugindo Karna, incapaz de ser resistido pelos próprios deuses, avançando como a onda do mar, aquele touro entre homens, isto é, ele da linhagem de Dasharha, dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Aquele guerreiro em carro tendo corcéis brancos e possuindo Shalya como seu motorista com quem tu tens que lutar em batalha vem para cá. Portanto, ó Dhananjaya, convoque toda tua frieza. Observe então, ó filho de Pandu, o carro bem equipado de Karna. Cavalos brancos estão unidos a ele e o próprio filho de Radha é o guerreiro que está de pé sobre ele. Cheio de faixas e enfeitado com fileiras de sinos, ele parece com um carro celeste levado pelo céu por corcéis de cor branca. Veja também o estandarte de Karna de grande alma, portando o emblema da corda do elefante, e parecendo com o arco do próprio Indra que divide o firmamento por uma linha brilhante. Contemple Karna como ele avança pelo desejo de fazer o que é agradável para o filho de Dhritarashtra, disparando chuvas de flechas como as nuvens despejando torrentes de chuva. Lá o nobre chefe dos Madras, colocado na parte dianteira do carro, guia os corcéis do filho de Radha de energia incomensurável. Ouça o ribombo de suas baterias e o clangor ameaçador de suas conchas. Ouça, ó filho de Pandu, os diversos rugidos leoninos vindo de todos os lados. Ouça o som terrível, silenciando todos os outros sons altos, do

arco (Vijaya) esticado por Karna de energia imensurável. Lá os poderosos guerreiros em carros entre os Pancalas, com seus seguidores, estão se dividindo como um bando de veados na grande floresta à visão de um leão enfurecido. Cabe a ti, ó filho de Kunti, matar o filho de Suta com todo o cuidado. Nenhuma outra pessoa exceto tu pode se arriscar a aguentar as flechas de Karna. É bem sabido por mim que tu és competente para derrotar em batalha os três mundos com todas as suas criaturas móveis e imóveis incluindo os próprios deuses e os Gandharvas. O que precisa ser dito acerca de lutar com aquele pujante, quando as pessoas são incapazes até de olhar para ele, isto é, o feroz e terrível Isana, aquele deus grandioso, Sarva de três olhos, também chamado Kapardin? Tu, no entanto, por meio de batalha gratificaste aquele próprio deus de deuses, aquele Siva que é a fonte de bem aventurança para todas as criaturas, aquela divindade chamada Sthanu. As outras divindades também todas te deram benefícios. Pela graça, ó Partha, daquele deus de deuses, aquela divindade armada com um tridente, mate Karna, ó poderosamente armado, como Indra matando o Asura Namuci. Que a prosperidade esteja sempre contigo, ó Partha, e que tu obtenhas vitória em batalha.'"

"Arjuna disse, 'Minha vitória, ó Krishna, é, certa. Não há dúvida nisto, já que tu, ó matador de Madhu, que és o mestre de todos os mundos, estás satisfeito comigo. Acelere os corcéis, ó Hrishikesha, e meu carro, ó grande guerreiro em carro! Hoje Phalguna não voltará da batalha sem matar Karna. Veja Karna morto hoje e cortado em pedaços com minhas flechas. Ou, ó Govinda, tu me verás hoje morto pelas flechas (de Karna). Aquela batalha terrível, capaz de estupefazer os três mundos, está perto. Enquanto a terra durar, as pessoas falarão dela.' Dizendo essas palavras para Krishna que nunca está cansado com esforço, Partha procedeu rapidamente em seu carro contra Karna como um elefante contra um elefante rival. Partha de grande energia disse novamente para Krishna, aquele castigador de inimigos, essas palavras, 'Acelere os corcéis, ó Hrishikesha, pois o tempo passa.' Assim endereçado pelo filho de grande alma de Pandu, Keshava lhe desejou vitória e incitou os cavalos tão velozes como pensamento. Então aquele carro do filho de Pandu, possuidor de grande velocidade, logo alcançou a frente do carro de Karna.'"

87

"Sanjaya disse, 'Vendo Vrishasena morto, Karna, cheio de dor e raiva, derramou lágrimas de seus olhos pela morte de seu filho. Dotado de grande energia, com olhos vermelhos como cobre de raiva, Karna procedeu diante de seu inimigo, tendo convocado Dhananjaya para a batalha. Então aqueles dois carros, ambos possuidores de refulgência solar e cobertos com peles de tigre, quando eles se encontraram, pareciam com dois sois próximos um do outro. Ambos tendo cavalos brancos e ambos subjugadores de inimigos, aqueles dois grandes arqueiros, aqueles dois guerreiros possuidores de refulgência solar, pareciam brilhantes como o sol e a lua no firmamento. Contemplando aqueles dois guerreiros que pareciam Indra e o filho de Virochana (Vali) se preparando

cuidadosamente para lutar pela conquista dos três mundos, todas as criaturas ficaram muito admiradas. Vendo aqueles dois guerreiros avançando em direção um ao outro com o estrépito de rodas de carro e a vibração de arcos, o som de palmas, o zunido de setas, e gritos leoninos, e vendo também seus estandartes, isto é, aquele de Karna portando a corda de elefante e aquele de Partha portando o macaco, se aproximarem um do outro, todos os senhores da terra ficaram muito surpresos. Vendo aqueles dois guerreiros em carros envolvidos em combate um com o outro, ó Bharata, todos os reis proferiram gritos leoninos e os animaram repetidamente com aplausos. Vendo aquele duelo entre Partha e Karna, milhares de combatentes lá bateram no peito e agitaram suas peças de roupa no ar. Os Kauravas tocaram seus instrumentos musicais e sopraram suas numerosas conchas para alegrar Karna. Similarmente, todos os Pandavas, para alegrar Dhananjaya, fizeram todos os pontos do horizonte ressoarem com os sons de suas trombetas e conchas. Com aqueles gritos leoninos e golpes em peitos e outros gritos altos e rugidos de bravos guerreiros, tremendo se tornou o barulho lá na ocasião daquele combate entre Karna e Arjuna. As pessoas contemplaram aqueles dois tigres entre homens, aqueles dois principais dos guerreiros em carros, posicionados em seus carros, cada um armado com seu arco formidável, cada um equipado com flechas e dardos, e cada um possuindo um estandarte alto. Ambos estavam vestidos em armadura, ambos tinham cimitarras atadas aos seus cintos, ambos tinham cavalos brancos, e ambos estavam adornados com conchas excelentes. Um tinha Krishna como motorista em seu carro, e o outro tinha Shalya. Ambos eram grandes guerreiros em carros e ambos pareciam semelhantes. Ambos possuidores de pescoços leoninos e braços longos, os olhos de ambos eram vermelhos, e ambos estavam enfeitados com guirlandas de ouro. Ambos estavam armados com arcos que pareciam lampejar como relâmpago, e ambos estavam adornados com abundância de armas. Ambos tinham rabos de iaque para serem abanados com eles, e ambos estavam ornados com guarda-sóis brancos mantidos sobre eles. Ambos tinham aljavas excelentes e ambos pareciam muito bonitos. Os membros de ambos estavam cobertos com pasta de sândalo vermelha e ambos pareciam com touros enfurecidos. Ambos tinham pescoço largo como o leão, ambos tinham peito largo, e ambos eram dotados de grande força. Desafiando um ao outro, ó rei, um desejava matar o outro. E eles avançaram um contra o outro como dois touros poderosos em um curral. Eles eram como um par de elefantes enfurecidos ou de montanhas zangadas ou de cobras novas de veneno virulento ou de Yamas todo-destrutivos. Enfurecidos um com o outro como Indra e Vritra, eles pareciam com o sol e a lua em esplendor. Cheios de ira, eles pareciam dois planetas imensos surgidos para a destruição do mundo no fim do Yuga. Ambos nascidos de pais celestes, e ambos parecendo deuses em beleza, eles eram de energia divina. De fato, eles pareciam com o sol e a lua vindos por iniciativa própria no campo de batalha. Ambos eram dotados de grande poder, ambos cheios de orgulho em batalha, eles estavam armados com diversas armas. Observando aqueles dois tigres entre homens, aqueles dois heróis dotados da impetuosidade de tigres, tuas tropas, ó monarca, estavam cheias de grande alegria. Vendo aqueles dois tigres entre homens, isto é, Karna e Dhananjaya, engajados em batalha, uma dúvida entrou nos corações de todos quanto a qual deles seria vitorioso. Ambos armados com armas superiores, e ambos bem

experientes em batalha, ambos fizeram o céu ressoar com os golpes em seus braços. Ambos possuidores de grande celebridade por destreza e força, eles pareciam o Asura Samvara e o chefe dos celestiais em relação à sua habilidade em batalha. Ambos iguais a Kartavirya ou ao filho de Dasaratha em batalha, ambos pareciam o próprio Vishnu em energia ou o próprio Bhava em luta. Ambos tinham corcéis brancos, ó rei, e ambos eram levados em carros principais. Ambos, além disso, tinham os mais importantes dos motoristas naquela grande batalha. Contemplando, ó monarca, aqueles dois grandes guerreiros em carros parecendo resplandecentes em seus carros, os grupos de Siddhas e Charanas que foram lá ficaram cheios de admiração. Os Dhartarashtras então, ó touro da raça Bharata, com suas tropas, cercaram Karna de grande alma, aquele ornamento de batalha, sem perder qualquer tempo. Da mesma maneira os Pandavas encabeçados por Dhrishtadyumna, cheios de alegria, cercaram Partha de grande alma que era sem igual em batalha. Karna se tornou a aposta, ó monarca, do teu exército naquela batalha, enquanto Partha se tornou a aposta dos Pandavas. Os soldados de ambos os lados eram como membros daquela assembléia e viraram os espectadores daquele jogo. De fato, em relação aos partidos envolvidos naquele jogo de batalha, ou vitória ou derrota era certa. Aqueles dois então, Karna e Arjuna, para a vitória ou o contrário, começaram a partida entre nós e os Pandavas, ambos permanecendo no campo de batalha. Hábeis em luta, aqueles dois heróis, ó monarca, naquele combate, ficaram muito enfurecidos um com o outro e desejaram matar um ao outro. Desejando tirar a vida um do outro, como Indra e Vritra, ó senhor, eles encararam um ao outro como dois cometas imensos de forma terrível. Então no céu, diferenças e disputas, acompanhadas por insultos, surgiram entre as criaturas lá, ó touro da raça Bharata, sobre o assunto de Karna e Arjuna. Todos os habitantes do mundo, ó senhor, eram ouvidos diferir entre eles mesmos. Os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Pishacas, as Cobras, os Rakshasas, adotaram lados opostos naquele combate entre Karna e Arjuna. O céu, ó monarca, com todas as estrelas, ficou ansioso por conta de Karna, enquanto a terra extensa ficou assim por conta de Partha, como a mãe por seu filho. Os rios, os mares, as montanhas, ó melhor dos homens, as árvores, as plantas e ervas decíduas tomaram o lado do ornado com diadema Arjuna. Os Asuras, Yatudhanas, os Guhyakas, ó opressor de inimigos, e corvos e outros percorredores do céu tomaram o lado de Karna. Todas as jóias e pedras preciosas, os quatro Vedas com as histórias como o quinto, os Upavedas, os Upanishads, com todos os seus mistérios, e as compilações, e Vasuki, e Citrasena, e Takshaka, e Upatakshaka, e todas as montanhas, e toda a prole de Kadru com seus filhos, todas as grandes cobras dotadas de veneno, e os Nagas tomaram o lado de Arjuna. Airavata e seus filhos, a prole de Surabhi, a prole de Vaisali, e os Bhogins tomaram o lado de Arjuna. Todas as cobras menores tomaram o lado de Karna. Lobos e veados selvagens e todas as espécies de animais e aves auspiciosos foram, ó rei, a favor da vitória de Partha. Os Vasus, os Maruts, os Sadhyas, os Rudras, os Vishvedevas e os Ashvinis, e Agni e Indra e Soma e Pavana, e os dez pontos do horizonte se tornaram os partidários de Dhananjaya, enquanto todos os Adityas tomaram o lado de Karna. Os Vaishyas, os Shudras, os Sutas, e aquelas castas que eram de uma origem misturada, todas, ó rei, adotaram o lado do filho de Radha. Os celestiais, no entanto, com os

Pitris, e com todos aqueles que eram numerados com eles como também com seus seguidores, e Yama e Vaishravana e Varuna estavam do lado de Arjuna. Os Brahmanas, os Kshatriyas, os sacrifícios, e aqueles presentes chamados Dakshinas eram a favor de Arjuna. Os Pretas, e Pishacas, muitos animais e aves carnívoros, os Rakshasas com todos os monstros do mar, os cachorros, e os chacais eram a favor de Karna. As diversas tribos de Rishis celestes e regenerados e nobres eram pelo filho de Pandu. Os Gandharvas encabeçados por Tumvuru, ó rei, estavam do lado de Arjuna. Com a prole de Pradha e Mauni, as várias classes de Gandharvas e Apsaras, e muitos sábios, tendo como seus veículos lobos e veados e elefantes e cavalos e carros e pé, e nuvens e o vento, foram lá para testemunhar o combate entre Karna e Arjuna. Os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Nagas, os Yakshas, as aves, os grandes Rishis versados nos Vedas, os Pitris que subsistem das doações chamadas Svadha, e ascetismo e as ciências, e as ervas (celestes) com diversas virtudes, vieram, ó monarca, e tomaram suas posições no firmamento, fazendo um grande barulho. Brahman, com os Rishis regenerados e os Senhores de criaturas, e o próprio Bhava em seu carro, foram para aquela parte do céu. Vendo aqueles dois de grande alma, Karna e Dhananjaya, prestes a lutar um com o outro, o próprio Shakra disse, 'Que Arjuna vença Karna.' Surya, no entanto, disse, 'Que Karna vença Arjuna. De fato, que meu filho Karna, matando Arjuna, ganhe a vitória nessa batalha.' (Indra respondeu:) 'Que meu filho, matando Karna, ganhe a vitória.' Assim mesmo Surya e Vasava, aqueles dois principais dos personagens, que estavam lá e tinham adotado lados opostos, disputaram entre si. Vendo aqueles dois de grande alma, Karna e Dhananjaya, prestes a se envolver em batalha, os deuses e os Asuras adotaram lados opostos. Os três mundos com os Rishis celestes e todos os deuses e todas as outras criaturas tremeram à visão. Os deuses estavam do lado de Partha, enquanto os Asuras estavam naquele de Karna. Assim todas as criaturas estavam interessadas naquele combate, tomando o lado desse ou daquele líder de guerreiros em carros, o herói Kuru ou o Pandava. Vendo o Senhor da Criação Nascido por Si Mesmo (isto é, Brahman), os deuses o suplicaram, dizendo, 'Ó deus, que o sucesso desses dois leões entre homens seja igual. Não deixe que o universo vasto seja destruído por causa desse combate entre Karna e Arjuna. Ó Nascido por Si Mesmo, diga somente a ordem, que o sucesso desses dois seja igual.' Ouvindo essas palavras, Maghavat, reverenciando o Avô, relatou isso para aquele deus dos deuses, aquele principal de todos os seres inteligentes, dizendo, 'Antigamente foi dito por tua santa pessoa que os dois Krishnas são sempre certos de ganhar vitória. Que isso seja (agora) como tu disseste então. Esteja satisfeito comigo, ó santo!' Nisso, Brahman e Isana responderam para o chefe dos celestiais, dizendo, 'A vitória de Vijaya de grande alma é certa, daquele Savyasaci que gratificou o comedor de libações sacrificais na floresta de Khandava e que, vindo para o céu, prestou assistência para ti, ó Sakra! Karna está no lado dos Danavas. É correto, portanto, que ele encontre a derrota. Por isto, sem dúvida, os propósitos dos deuses serão realizados. O próprio interesse, ó chefe dos celestiais, deve sempre ser importante. Phalguna de grande alma, além disso, é devotado à verdade e à moralidade. Ele deve sempre ser vitorioso, sem dúvida. Ele por quem o deus santo e de grande alma tendo o touro em sua bandeira foi gratificado, por que não deveria ele, ó tu de cem olhos,

ser vitorioso, ele, isto é, que tem como o motorista de seu carro aquele Senhor do universo, o próprio Vishnu? Possuidor de formidável energia mental e grande força, Partha é um herói, habilidoso com armas e dotado de mérito ascético. Possuidor também de grande energia de corpo, ele possui a ciência inteira de armas. De fato, Partha tem todas as habilidades. Ele deve ser vitorioso, já que isso realizará os propósitos dos deuses. Por sua grandeza, Partha contraria o próprio destino, se favorável ou desfavorável, e quando ele faz isso, uma grande destruição de criaturas ocorre. Quando os dois Krishnas estão excitados com ira, eles não mostram consideração por nada. Esses dois touros entre os seres são os Criadores de todas as coisas reais e irreais. Esses dois são Nara e Narayana, os dois antigos e melhores dos Rishis. Não há ninguém para imperar sobre eles. Eles são soberanos sobre todos, perfeitamente destemidos, eles são opressores de todos os inimigos. No céu ou entre os seres humanos, não há ninguém igual a qualquer um deles. Os três mundos com os Rishis celestes e os Charanas estão atrás desses dois. Todos os deuses e todas as criaturas andam atrás deles. O universo inteiro existe pelo poder desses dois. Que Karna, aquele touro entre homens, alcance essas principais das regiões de bem aventurança aqui. Que ele obtenha identidade com os Vasus ou os Maruts. Que ele, com Drona e Bhishma, seja adorado no céu, pois o filho de Vikartana é corajoso e é um herói. Que a vitória, no entanto, pertença aos dois Krishnas.' Depois que aqueles dois principais entre os deuses (Brahman e Isana), falaram assim, a divindade de 1.000 olhos, reverenciando aquelas palavras de Brahman e Isana e saudando todas as criaturas disse, 'Vocês ouviram o que foi dito pelos dois deuses para o benefício do universo. Isso será exatamente assim e não de outra maneira. Fiquem então com corações alegres.' Ouvindo essas palavras de Indra, todas as criaturas, ó senhor, ficaram muito surpresas e aplaudiram, ó rei, aquela divindade. Os celestiais então despejaram diversas espécies de flores fragrantes e sopraram suas trombetas. De fato, os deuses, os Danavas e os Gandharvas todos esperaram lá para testemunhar aquele duelo inigualável entre aqueles dois leões entre homens. Os dois carros, ó rei, sobre os quais Karna e Arjuna estavam posicionados, tinham corcéis brancos unidos a ambos. E ambos tinham estandartes excelentes, e ambos produziam um estrépito alto. Muitos dos heróis principais, se aproximando dos bravos Vasudeva e Arjuna como também de Shalya e Karna, começaram cada um a soprar sua concha. A batalha então começou (entre os dois guerreiros), oprimindo todas as pessoas tímidas com medo. Ferozmente eles desafiaram um ao outro como Sakra e Samvara. Os estandartes dos dois heróis, perfeitamente brilhantes, pareciam muito belos sobre seus carros, como os planetas Rahu e Ketu surgidos no firmamento na hora da dissolução universal. A corda do elefante no estandarte de Karna, parecendo com uma cobra de veneno virulento e feita de pedras preciosas e jóias e extremamente forte e parecendo o arco de Indra, parecia resplandecente (enquanto ondulava no ar). Aquele principal dos macacos, também, pertencente a Partha, com mandíbulas escancaradas e terríveis, e difícil de ser olhado, como o próprio sol, inspirava temor com seus dentes formidáveis. O impetuoso Macaco no estandarte do manejador do Gandiva, ficando desejoso de lutar, precipitou-se de sua posição e caiu sobre o estandarte de Karna. Dotado de grande impetuosidade, o Macaco, dardejando para frente, atingiu a corda do elefante com suas unhas e dentes,

como Garuda caindo sobre uma cobra. Enfeitada com fileiras de pequenos sinos, dura como ferro, e parecendo o laço fatal (nas mãos de Yama ou Varuna), a corda do elefante, cheia de ira, se engalfinhou com o Macaco. Assim naquele duelo feroz entre aqueles dois heróis, que era o resultado do que tinha sido decidido na época do jogo de dados, seus estandartes lutaram primeiro um com o outro. Enquanto isso os corcéis de um relinchavam para os corcéis do outro. Keshava de olhos de lótus perfurou Shalya com seus olhares afiados. O último também lançou olhares similares no primeiro. Vasudeva, no entanto, venceu Shalya com aqueles olhares dele, enquanto Dhananjaya, o filho de Kunti, venceu Karna com seus olhares. Então o filho de Suta, dirigindo-se sorridente a Shalya, disse, 'Se Partha por quaisquer meios me matar em batalha hoje, diga-me verdadeiramente, ó amigo, o que tu farás depois disso.' Shalya respondeu, dizendo, 'Se tu fores morto, eu mesmo matarei Krishna e Dhananjaya.' Mais uma vez o soberano dos Madras disse, 'Se, ó Karna, Arjuna de cavalos brancos te matar em batalha hoje, eu mesmo, em um único carro, matarei ambos Madhava e Phalguna.'"

"Sanjaya continuou, 'Arjuna também fez a Govinda uma pergunta parecida. Krishna, no entanto, sorrindo, disse para Partha essas palavras de grave significado, 'O próprio Sol pode cair de seu lugar, a própria Terra pode se partir em 1.000 fragmentos; o próprio fogo pode se tornar frio. Contudo Karna não será capaz de te matar, ó Dhananjaya! Se, no entanto, tal ocorrência acontecer, saiba então que a destruição do universo estará perto. Em relação a mim mesmo, eu irei, usando meus braços nus, matar ambos Karna e Shalya em batalha.' Ouvindo essas palavras de Krishna, Arjuna de estandarte de macaco, sorrindo, respondeu para Krishna que nunca estava fatigado com esforço, dizendo, 'Shalya e Karna, juntos, não são páreo para mim sozinho, ó Janardana! Tu irás hoje, ó Krishna, ver Karna com seu estandarte e faixas com Shalya e seu carro e corcéis, com seu guarda-sol e armadura e dardos e flechas e arco, cortado em pedaços com minhas flechas em batalha. Tu hoje verás ele com seu carro e cavalos e dardos e armadura e armas, reduzido a pó como uma árvore na floresta esmagada por um elefante. Hoje a condição de viúva das esposas do filho de Radha está perto. Na verdade, elas devem ter em seus sonhos (da noite passada) visto sinais do mal que se aproxima, ó Mahadeva! Na verdade, hoje tu verás as esposas de Karna se tornarem viúvas. Eu não posso reprimir minha ira pelo que foi feito antes por esse tolo de pouca previdência quando ele viu Krishna arrastada para a assembléia e quando rindo de nós ele nos insultou repetidamente em palavras vis. Hoje, ó Govinda, tu verás Karna despedaçado por mim como uma árvore com sua carga de flores despedaçada por um elefante enfurecido. Hoje, ó matador de Madhu, tu ouvirás, depois da queda de Karna, essas palavras agradáveis, 'Por boa sorte, ó tu da linhagem de Vrishni, a vitória foi tua!' Tu hoje confortarás a mãe de Abhimanyu com o coração mais leve por teres pagado a dívida com o inimigo. Hoje tu, cheio de alegria, consolarás tua tia paterna Kunti. Hoje tu, ó Madhava, confortarás Krishna de rosto choroso e o rei Yudhishthira o justo com palavras doces como néctar.'"

88

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso o céu, cheio de deuses e Nagas e Asuras e Siddhas e Yakshas e com grandes grupos de Gandharvas e Rakshasas, e Asuras e Rishis regenerados e sábios reais e aves de penas excelentes, assumiu um aspecto maravilhoso. Todos os seres humanos reunidos lá contemplaram aqueles seres de aspecto extraordinário permanecendo no céu, e o próprio céu ressoava com o som de instrumentos musicais e canções e hinos adulatórios e riso e dança, e diversos outros tipos de sons encantadores. Então ambos os guerreiros Kaurava e Pandava, cheios de alegria, e fazendo a terra e os dez pontos do horizonte ressoarem com o som de instrumentos musicais, o clangor de conchas, e rugidos leoninos e o rumor da batalha, começaram a massacrar seus inimigos. Abundando com homens e corcéis e elefantes e carros e armas, insuportável para combatentes pela queda de maças e espadas e dardos e espadins, cheio de heróis, e apinhado com corpos sem vida, o campo de batalha, tingido de carmesim com sangue coagulado, parecia muito resplandecente. De fato, a batalha entre os Kurus e os Pandavas então parecia aquela dos tempos antigos entre os deuses e os Asuras. Depois que aquela batalha feroz e horrível tinha começado entre Dhananjaya e o filho de Adhiratha, cada um daqueles dois heróis, vestido em armadura excelente, encobriu os dez pontos do horizonte e a hoste oposta a ele com flechas afiadas e retas. Uma escuridão tendo sido causada lá naquela ocasião com flechas, nem teus guerreiros nem o inimigo podiam mais ver qualquer coisa. Por medo todos os guerreiros lá procuraram a proteção ou de Karna ou de Arjuna como raios de luz espalhados no céu convergindo em direção ou ao sol ou à lua. Os dois heróis então, um desviando as armas do outro com suas próprias, como os ventos leste e oeste enfrentando um ao outro, pareciam muito brilhantes como o sol e a lua surgidos depois de dissiparem a escuridão causada pelas nuvens e cobrindo o céu. Cada um tendo encorajado suas tropas, dizendo, 'Não fujam!' o inimigo e teus guerreiros mantiveram seu terreno, cercando aqueles dois poderosos guerreiros em carros como os deuses e os Asuras permanecendo em volta de Vasava e Samvara. Os dois exércitos então saudaram aqueles dois melhores dos homens com os sons de baterias e outros instrumentos e com rugidos leoninos, no que aqueles dois touros entre homens pareciam belos como o sol e a lua saudados por nuvens ribombando reunidas em volta. Cada um armado com um arco formidável puxado a um círculo completo e parecendo com um halo (solar ou lunar), aqueles dois heróis de grande esplendor, atirando naquela batalha milhares de flechas que constituíam seus raios, pareciam dois sóis insuportáveis surgidos no fim do Yuga para queimar o universo inteiro com suas criaturas móveis e imóveis. Ambos invencíveis, ambos capazes de exterminar inimigos, cada um desejoso de matar o outro; e cada um mostrando sua habilidade sobre o outro, aqueles dois guerreiros, Karna e o filho de Pandu, entraram em combate destemidamente um com o outro naquela batalha terrível, como Indra e o Asura Jambha. Invocando as mais poderosas das armas então, aquele dois arqueiros formidáveis começaram, com suas flechas terríveis, a matar inúmeros homens e cavalos e elefantes como também a atingir um ao outro, ó rei! Afligidas mais uma vez por aqueles dois principais dos homens, as tropas de

ambos os Kurus e os Pandavas, consistindo em elefantes e soldados de infantaria e cavaleiros e guerreiros em carros, fugiram para todos os lados como outros animais na floresta quando atacados pelo leão. Então Duryodhana, e o chefe dos Bhojas, e o filho de Subala, e Kripa, e o filho da filha de Sharadvata, esses cinco grandes guerreiros em carros, atacaram Dhananjaya e Keshava com flechas capazes de produzir grande dor. Dhananjaya, no entanto, com suas flechas cortou ao mesmo tempo os arcos, as aljavas, os corcéis, os elefantes, e os carros com seus motoristas, daqueles guerreiros, e mutilando todos eles com flechas excelentes, perfurou o filho de Suta com uma dúzia de flechas. Então cem carros, cem elefantes, e diversos cavaleiros Saka e Tukhara e Yavana, acompanhados por alguns dos combatentes principais entre os Kambojas, avançaram rapidamente contra Arjuna pelo desejo de matá-lo. Cortando depressa com flechas e setas de cabeça de navalha em suas mãos as armas excelentes de seus inimigos, como também suas cabeças, e corcéis, e elefantes, e carros, Dhananjaya derrubou seus inimigos lutando no campo. Então no céu toques de trombetas celestes foram soprados pelos deuses excelentes. Esses estavam misturados com os louvores de Arjuna. Sopradas por brisas suaves, excelentes chuvas florais, fragrantes e auspiciosas, caíram (sobre a cabeça de Arjuna). Vendo aquele incidente, que foi testemunhado por deuses e homens, todas as criaturas, ó rei, ficaram muito surpresas. Somente teu filho e o filho de Suta, que eram ambos da mesma opinião, não sentiram nem aflição nem admiração. Então o filho de Drona, pegando a mão de Duryodhana, e adotando um tom calmante, se dirigiu ao teu filho, dizendo, 'Esteja satisfeito, ó Duryodhana! Faça as pazes com os Pandavas. Não há necessidade de brigar. Que vergonha para a guerra! O preceptor, conhecedor das mais poderosas das armas e semelhante ao próprio Brahma, foi morto. Outros touros entre homens, encabeçados por Bhishma, também foram mortos. Em relação a mim mesmo, eu não posso ser morto, como também meu tio materno. Governe o reino para sempre, (dividindo-o) com os filhos de Pandu. Dissuadido por mim, Dhananjaya se absterá. Janardana também não deseja hostilidades. Yudhishthira está sempre dedicado ao bem de todas as criaturas. Vrikodara é obediente a ele. Assim também são os gêmeos. As pazes sendo feitas entre ti e os Parthas, todas as criaturas serão beneficiadas, através, como pareceria, do teu desejo. Que os reis que ainda estão vivos voltem para suas casas. Que as tropas se abstenham de hostilidades. Se tu não escutares minhas palavras, ó rei, atingido por inimigos em batalha, tu terás que queimar com aflição. Tu tens visto, assim como o universo, o que tem sido realizado por Arjuna sozinho enfeitado com diadema e guirlandas. O próprio matador de Vala não poderia realizar seu semelhante, nem o Destruidor, nem Prachetas, nem o rei ilustre dos Yakshas. Dhananjaya, em relação aos seus méritos, é mesmo muito maior do que isso. Ele nunca desobedecerá ao que quer que eu diga a ele. Ele sempre te seguirá. Fique satisfeito, ó rei, para o benefício do universo. Tu sempre me honraste muito. Eu, também, tenho uma grande amizade por ti. É por isso que eu te falo dessa maneira. Eu irei dissuadir Karna também, desde que tu estejas inclinado à paz. Pessoas perspicazes dizem que há quatro tipos de amigos, isto é, aqueles que são naturalmente assim, aqueles que são feitos assim por conciliação, aqueles que se tornam assim por riqueza, e por fim aqueles trazidos sob submissão pelo exercício de poder. Todos esses elementos são possuídos

por ti com relação aos filhos de Pandu. Os Pandavas, ó herói, são naturalmente teus amigos. Obtenha-os novamente como amigos com certeza por conciliação. Se após tu mesmo estares satisfeito, eles concordarem em se tornarem amigos, ó rei de reis, aja daquela maneira.' Essas palavras benéficas tendo sido ditas a ele por seus amigos, Duryodhana refletiu por algum tempo. Dando respirações profundas, ele então, com o coração triste, disse, 'Isso é como tu, ó amigo, disseste. Escute, no entanto, as palavras que eu te direi. Vrikodara de coração perverso, tendo matado Duhshasana como um tigre, falou palavras que ainda moram no meu coração. Tu também ouviste as mesmas. Como então pode haver paz? Arjuna, além disso, não será capaz de suportar Karna em batalha, como uma tempestade cuja força é enfraquecida quando enfrentando as montanhas poderosas de Meru. Nem o filho de Pritha terá a menor confiança em mim, pensando nos muitos atos de hostilidade violenta (feitos por mim em direção a eles). Nem, ó filho do preceptor de glória imperecível, cabe a ti dizer para Karna agora 'Te abstenha da batalha!' Phalguna está muito cansado hoje. Karna logo o matará.' Tendo com humildade dito essas palavras repetidamente para o filho do preceptor, teu filho comandou suas próprias tropas, dizendo, 'Armados com flechas, avancem e matem esses inimigos. Por que vocês estão inativos?'"

89

Sanjaya disse, 'Então quando o clangor de conchas e o ribombo de baterias ficou muito alto, aqueles dois principais dos homens, ambos possuindo corcéis brancos, o filho de Suta Vikartana e Arjuna, combateram um ao outro por causa, ó rei, da má política do teu filho. Aqueles dois heróis dotados de grande impetuosidade, Dhananjaya e o filho de Adhiratha, entraram em combate um com o outro como dois elefantes Himalayan enfurecidos, ambos de presas crescidas, lutando um com o outro por causa de uma elefanta no cio. Como uma massa de nuvens enfrentando outra massa, ou uma montanha enfrentando uma montanha, aqueles dois guerreiros, ambos despejando chuvas de flechas, combateram um ao outro, seus arcos vibrando ruidosamente naquele momento, e as rodas de seus carros produzindo um estrépito ensurdecedor, e as cordas de seus arcos e palmas emitindo sons altos. Como duas montanhas, ambas dotadas de rochedos altos e cheias de árvores e trepadeiras e ervas e ambas cheias de diversos outros habitantes que são naturais a elas, movendo-se em direção uma à outra para um combate, aqueles dois guerreiros poderosos enfrentaram um ao outro, cada um atacando o outro com armas poderosas.

O combate entre os dois heróis se tornou furioso como aquele entre o chefe dos celestiais e o filho de Virocana nos tempos passados. Incapaz de ser suportado por outros e marcado por um rio cuja água repugnante consistia em sangue, os membros daqueles dois heróis, como também seus motoristas e animais, ficaram extremamente mutilados. Como dois lagos grandes, ambos cheios de lotos de diversas espécies e peixes e tartarugas, e ecoando com as vozes de diversas espécies de aves, e suavemente agitado pelo vento, se aproximando um do outro, aqueles dois carros enfeitados com estandartes se aproximaram um do outro.

Ambos dotados de destreza igual àquela do grande Indra, ambos parecendo o próprio grande Indra, aqueles dois poderosos guerreiros em carros atingiram um ao outro com flechas que pareciam o raio do grande Indra, como o próprio grande Indra e (o Asura) Vritra.

Ambos os exércitos consistindo em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, todos equipados com belas armaduras e ornamentos e mantos e armas, e aqueles também que estavam no céu, foram inspirados com medo ao verem aquele combate de aspecto extraordinário entre Arjuna e Karna. Outros entre os espectadores, cheios de alegria e proferindo gritos leoninos, ergueram seus braços, agitando seus dedos ou os pedaços de tecido que eles seguravam, quando Arjuna avançou contra o filho de Adhiratha, pelo desejo de matar, como um elefante enfurecido avançando contra outro.

Os Somakas então gritaram ruidosamente para Partha, dizendo, 'Seja rápido, ó Arjuna, vá e perfure Karna. Corte sua cabeça sem demora, e (com ela) o desejo do filho de Dhritarashtra pelo reino.' Similarmente muitos guerreiros nossos que estavam lá disseram para Karna, 'Proceda, proceda, ó Karna, e mate Arjuna com flechas afiadas. Que os filhos de Pritha vão mais uma vez para as florestas para sempre.'

Então Karna perfurou Partha primeiro naquele combate, com dez flechas poderosas. Arjuna perfurou-o em retorno com dez flechas de ponta afiada, disparadas com grande vigor, no centro do peito. De fato, o filho de Suta e Arjuna então mutilaram um ao outro com muitas flechas providas de asas vistosas. Desejosos de obter vantagem dos lapsos um do outro naquela batalha terrível, com corações alegres eles avançaram um contra o outro ferozmente.

Esfregando seus dois braços e a corda do Gandiva também, aquele arqueiro feroz, Arjuna, então disparou flechas do comprimento de uma jarda, e nalikas e setas equipadas com cabeças semelhantes às orelhas do javali e navalhas, e anjalikas, e flechas moldadas em forma de meia-lua. Aquelas flechas de Partha, ó rei, espalhadas no céu, penetraram no carro de Karna como bandos de aves, com cabeças inclinadas para baixo, penetrando ao anoitecer em uma árvore para se alojarem lá à noite. Todas aquelas flechas, no entanto, ó rei, que Arjuna, aquele vitorioso sobre todos os inimigos, com fronte vincada e olhares enfurecidos, disparou em Karna, todas aquelas sucessivas chuvas de flechas disparadas pelo filho de Pandu foram cortadas pelo filho de Suta com suas próprias flechas.

O filho de Indra então disparou em Karna uma arma ígnea capaz de matar todos os inimigos. Cobrindo a terra e o céu e os dez pontos do horizonte e o próprio curso do sol com sua refulgência, ela fez seu próprio corpo também resplandecer com luz. Os mantos de todos os guerreiros pegaram fogo, no que eles fugiram. Sons altos também se ergueram lá, como os que são ouvidos quando uma floresta de bambus em uma selva está pegando fogo. Vendo aquela arma ígnea agindo por todos os lados, o filho de Suta Karna de grande coragem disparou naquele combate a varunastra para apagá-la. Aquela conflagração então foi apagada pela arma de Karna.

Uma massa grande de nuvens rapidamente fez todos os pontos do horizonte ficarem envolvidos em escuridão. Aquelas nuvens cujas extremidades apresentavam o aspecto de montanhas, cercando todos os lados, inundaram a terra com água. Aquela conflagração feroz, embora fosse assim, ainda foi apagada por aquelas nuvens em um instante. O céu inteiro e todas as direções, cardeais e secundárias, foram encobertas por nuvens. Assim encobertos por nuvens, todos os pontos do horizonte ficaram escuros e nada podia ser visto.

Então Arjuna dissipou aquelas nuvens causadas por Karna por meio da vayavyastra. Depois disso, Dhananjaya, incapaz de ser superado por inimigos insuflou Gandiva, sua corda, e suas flechas, com mantras, e chamou à existência outra arma que era a favorita do chefe dos celestiais e que parecia o trovão em energia e destreza. Então flechas de cabeça de navalha, e anjalikas, e flechas em forma de meia-lua, e nalikas, e flechas do comprimento de uma jarda e aquelas equipadas com cabeças como a orelha do javali, todas penetrantes e afiadas, emanaram do Gandiva às milhares, dotadas da força e impetuosidade do trovão. Possuidoras de grande poder e grande energia, aquelas flechas impetuosas e afiadas providas de penas de urubu perfurando todos os membros, os cavalos, o arco, a canga, as rodas, e o estandarte de Karna, penetraram rapidamente neles como cobras assustadas por Garuda penetrando na terra. Totalmente perfurado com flechas e banhado em sangue, Karna (de grande alma) então, com olhos rolando em fúria, curvando seu arco de corda resistente e produzindo um som tão alto como o bramido do mar, chamou à existência a arma Bhargava. Cortando as chuvas de flechas de Partha emanando da boca daquela arma de Indra (que Arjuna tinha disparado), Karna, tendo frustrado dessa maneira a arma de seu antagonista com a sua própria, destruiu carros e elefantes e soldados de infantaria (do exército Pandava). Incapaz de tolerar os feitos de Arjuna naquela batalha feroz, o poderoso guerreiro em carro Karna fez isso através da energia da arma Bhargava. Cheio de ira e possuidor de grande presteza, o filho de Suta, aquele principal dos homens, rindo dos dois Krishnas, perfurou os principais dos guerreiros Pancala com flechas bem disparadas naquela batalha. Então os Pancalas e os Somakas, ó rei, assim afligidos por Karna com chuvas de flechas naquele combate, ficaram cheios de cólera e se unindo perfuraram o filho de Suta com flechas afiadas de todos os lados. Cortando rapidamente aquelas flechas com suas próprias, o filho de Suta, agitando-os vigorosamente naquela batalha, afligiu com muitas flechas os carros, os elefantes, e os corcéis dos Pancalas. Seus corpos perfurados com aquelas flechas de Karna, eles caíam, privados de vida, no chão, fazendo sons altos, como elefantes poderosos mortos por um leão enfurecido de força terrível. Tendo matado aqueles guerreiros principais, aqueles heróis dotados de grande força, aqueles líderes dos exércitos Pancala que sempre tinham desafiado ele (para a batalha), Karna, ó rei, enquanto ele disparava suas flechas, parecia belo, como uma massa de nuvens despejando torrentes de chuva. Então teus guerreiros, pensando que Karna tinha obtido a vitória, bateram palmas ruidosamente e proferiram rugidos leoninos. Ó chefe dos Kurus, todos eles então consideraram os dois Krishnas como trazidos por Karna sob seu poder, vendo aquela bravura, incapaz de ser resistida por inimigos, do poderoso guerreiro em carro Karna. Vendo aquela arma de Dhananjaya frustrada por Karna no meio da

batalha, o filho zangado do deus do vento, com olhos brilhando com ira, começou a apertar suas mãos. De fato, o colérico Bhima, sua raiva sendo provocada, puxou fôlegos profundos e se dirigindo a Arjuna de pontaria exata, disse, 'Como, ó Jishnu, esse canalha desviado da virtude, esse filho de Suta, aplicando seu poder em batalha, pode matar tantos dos principais guerreiros Pancala, na tua vista? Antes de agora tu não podias ser conquistado pelos próprios deuses ou os Kalakeyas. Tu recebeste o toque dos braços do próprio Sthanu. Como, então, ó Arjuna enfeitado com diadema, o filho de Suta pode te perfurar primeiro com dez flechas compridas tais como são usadas por guerreiros em carros? Que o filho de Suta hoje tenha conseguido frustrar as flechas disparadas por ti me parece ser muito surpreendente. Lembre das aflições de Krishna, e daquelas palavras desagradáveis, mordazes, e cortantes que esse filho de um Suta de alma perversa e sem medo usou conosco, isto é, 'Sementes de gergelim sem núcleo!' Lembrando tudo isso, ó Savyasaci, mate rapidamente o patife Karna em batalha hoje. Por que, ó Arjuna ornado com diadema, tu mostras tal indiferença (com relação a essa ação)? Esse não é o momento para mostrar tua indiferença a respeito da morte de Karna. Aquela paciência com a qual tu subjugaste todas as criaturas e alimentaste Agni em Khandava, com aquela paciência, mate o filho de Suta. Eu também o esmagarei com minha maça.' Então Vasudeva, vendo as flechas de Partha frustradas por Karna, disse para o primeiro, 'O que é isto, ó Arjuna enfeitado com diadema, que Karna consiga reprimir tuas armas hoje com essa? Por que tu, ó herói, perdeste tua presença de espírito? Tu não notas que os Kauravas, (que estão atrás de Karna), estão até agora gritando em alegria? De fato, todos eles sabem que tuas armas estão sendo frustradas por Karna com as dele. Aquela paciência com a qual, Yuga após Yuga, tu tens matado pessoas que tem a qualidade de ignorância como suas armas, como também Kshatriyas terríveis, e Asuras nascidos do orgulho, em muitas batalhas, com aquela paciência mate Karna hoje. Aplicando teu poder, corte a cabeça daquele inimigo teu com esta Sudarsana, de gume afiado como uma navalha, que eu dou para ti, como Sakra cortando a cabeça de seu inimigo Namuci, com o raio. Aquela paciência com a qual tu gratificaste a divindade ilustre Mahadeva no disfarce de um caçador, convocando aquela paciência outra vez, ó herói, mate o filho de Suta com todos os seus seguidores. Depois disso, entregue para o rei Yudhishthira a terra com sua faixa de mares, suas cidades e aldeias, e riquezas, e de cuja superfície todos os inimigos terão sido removidos. Por aquela ação, ó Partha, obtenha também fama insuperável.' Assim endereçado (por Krishna), Partha de grande alma de poder excelente colocou seu coração na morte do filho de Suta. De fato, incitado por Bhima e Janardana, e se lembrando (de seus infortúnios), e fazendo uma avaliação interna de si mesmo, e lembrando-se do objetivo para o qual ele tinha vindo para este mundo, ele se dirigiu a Keshava, dizendo, 'Eu agora chamarei à existência uma arma poderosa e ardente para o bem do mundo e a destruição do filho de Suta. Que eu tenha tua permissão, como também de Brahman e de Bhava, e de todos aqueles que estão familiarizados com Brahma.' Tendo dito essas palavras para o santo Keshava, Savyasaci de alma incomensurável reverenciou Brahman e chamou à existência aquela arma excelente irresistível chamada Brahmastra que podia ser aplicada só pela mente. Frustrando aquela arma, no entanto, Karna parecia belo enquanto ele continuava, como uma nuvem

derramando torrentes de chuva, a disparar suas flechas. Vendo aquela arma de Arjuna enfeitado com diadema frustrada no meio da batalha por Karna, o colérico e poderoso Bhima, se inflamando com raiva, dirigiu-se a Arjuna de pontaria certeira e disse, 'As pessoas dizem que tu és um mestre da excelente Brahmastra, aquele meio poderoso (de realizar a destruição de inimigos). Então, ó Savyasaci, use outra arma do mesmo tipo.' Assim endereçado por seu irmão, Savyasaci usou uma segunda arma do tipo. Com ela, Partha de energia abundante encobriu todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, com flechas disparadas do Gandiva que pareciam cobras ferozes e eram como os raios brilhantes do sol. Criadas por aquele touro da raça Bharata, aquelas flechas de asas douradas, às centenas sobre centenas, dotadas da refulgência do fogo yuga ou do sol, em um momento cobriram o carro de Karna. Dali também saíram dardos longos e machados de batalha e discos e flechas do comprimento de uma jarda às centenas, todos de formas terríveis, pelos quais guerreiros hostis por toda parte começaram a ser privados de vida. A cabeça de um guerreiro hostil, cortada de seu tronco, caiu no campo de batalha. Outro, vendo seu companheiro caído, caiu morto sobre a terra, por medo. O braço (direito) de um terceiro, grande e massivo como a tromba de um elefante, cortado (por Partha), caiu com a espada em punho. O braço esquerdo de um quarto, cortado com uma flecha de cabeça de navalha, caiu com o escudo nele. Assim mesmo Partha, enfeitado com diadema e guirlandas, feriu e matou todos os principais guerreiros do exército de Duryodhana com suas flechas terríveis e dadoras de morte. Vaikartana também, no meio daquela batalha, disparou milhares de flechas. Essas, com um zunido alto, caíram sobre o filho de Pandu como torrentes de chuva despejadas das nuvens. Então perfurando Bhimasena e Janardana e o ornado com diadema Arjuna de façanhas sobre-humanas, cada um com três flechas, Karna de poder terrível proferiu um rugido alto tremendo. Atingido pelas flechas de Karna, o enfeitado com diadema Arjuna, vendo Bhima e Janardana, ficou incapaz de tolerar (os atos de seu oponente). Mais uma vez, portanto, Partha disparou oito e dez flechas. Perfurando o estandarte belo de Karna com uma daquelas flechas, ele perfurou Shalya com quatro e o próprio Karna com três. Com dez outras flechas bem disparadas ele então atingiu o guerreiro Kaurava Sabhapati, vestido em armadura dourada. Nisso aquele príncipe, privado de cabeça e braços e cavalos e motorista e arco e bandeira, caiu, ferido e morto, do seu carro principal, como uma árvore Sala derrubada com um machado. Mais uma vez perfurando Karna com três, oito, doze, quatro, e dez flechas, Partha matou 400 elefantes equipados com muitas armas, e 8.000 guerreiros em carros, e 1.000 corcéis com cavaleiros, e 8.000 bravos soldados de infantaria. E logo Partha fez Karna com seu motorista e carro e corcéis e estandarte invisível com flechas de curso reto. Então os Kauravas, assim massacrados por Dhananjaya, se dirigiram ruidosamente ao filho de Adhitratha, dizendo, 'Atire tuas flechas e mate o filho de Pandu. Ele já começou a exterminar os Kurus com suas flechas!' Assim instigado, Karna, com seus melhores esforços, disparou muitas setas incessantemente. Capazes de cortar os próprios membros vitais, aquelas flechas bebedoras de sangue, bem disparadas por Karna, mataram grande número dos Pandavas e dos Pancalas. Assim aqueles dois principais de todos os arqueiros, aqueles dois guerreiros de grande força que eram capazes de resistir a todos os inimigos, aqueles dois heróis conhecedores

de armas, atingiram os guerreiros opostos a eles, como também um ao outro, com armas poderosas. Então Yudhishthira, vestido em armadura dourada, suas flechas tendo sido extraídas e ele mesmo feito saudável com mantras e remédios por principais dos cirurgiões bem dispostos em direção a ele, foi rapidamente àquele local para testemunhar (o combate entre Arjuna e Karna). Vendo o rei Yudhishthira o justo chegado lá como a lua cheia resplandecente livre das mandíbulas de Rahu e elevada no firmamento, todas as criaturas ficaram cheias de alegria. Vendo aqueles dois principais dos guerreiros, aqueles dois primeiros dos heróis e matadores de inimigos, isto é, Karna e Partha, envolvidos em combate, os espectadores, celestes e terrestres, reprimindo os animais que eles montavam ou que estavam unidos aos seus veículos, ficaram imóveis. Quando os dois heróis, ó rei, atingiram um ao outro com muitas das flechas principais, ó rei, os sons causados pelos arcos, cordas de arcos, e palmas, de ambos Dhananjaya e o filho de Adhiratha tornaram-se tremendos e suas flechas bem disparadas também causaram um zunido ensurdecedor. Então a corda do arco do filho de Pandu, esticada com força, se rompeu com um barulho alto. Durante o intervalo assim oferecido, o filho de Suta perfurou Partha com cem setas pequenas, afiadas e embebidas em óleo, aladas com penas de aves, e parecendo cobras livres de suas peles. Ele então rapidamente perfurou Vasudeva com sessenta flechas, e então Phalguna outra vez com oito. O filho de Surya então perfurou Bhima com milhares sobre milhares de setas poderosas. Tendo perfurado Krishna e o estandarte de Partha, Karna derrubou muitos entre os Somakas que seguiam Partha. Esses, no entanto, em retorno encobriram Karna com chuvas de flechas retas como massas de nuvens cobrindo o sol no céu. Habilidoso no uso de armas, o filho de Suta, entorpecendo aqueles guerreiros que avançavam com suas flechas e desviando todas as armas disparadas por eles, destruiu seus carros e corcéis e elefantes. E o filho de Suta, ó rei, também afligiu com suas setas muitos dos principais guerreiros entre eles. Seus corpos perfurados pelas flechas de Karna, eles caíram no chão, privados de vida e fazendo um barulho alto quando caíam. De fato, aqueles combatentes poderosos, afligidos por Karna de força terrível, pereciam como uma matilha de cachorros afligida por um leão enfurecido. E novamente muitos dos combatentes principais entre os Pancalas e muitos tais (entre os Kauravas) caíram depois disso, mortos por Karna e Dhananjaya. Privados de vida pelo poderoso Karna com flechas bem miradas disparadas com grande força, muitos caíam, purgando os conteúdos de seus estômagos. Então tuas tropas, considerando a vitória como já deles, bateram palmas furiosamente e proferiram rugidos leoninos altos. De fato, naquele combate terrível, todos eles consideraram os dois Krishnas como tendo sido trazidos por Karna sob seu poder. Então curvando rapidamente a corda de seu arco e desviando todas aquelas flechas do filho de Adhiratha, Partha, cheio de raiva por seus membros terem sido mutilados pelas flechas de Karna, atacou os Kauravas. Esfregando a corda de seu arco, ele bateu suas palmas e de repente causou uma escuridão lá com as chuvas de flechas que ele disparou. O ornado com diadema Arjuna perfurou Karna e Shalya e todos os Kurus com aquelas flechas. O céu tendo sido escurecido por meio daquela arma poderosa, as próprias aves eram incapazes de vagar em seu elemento, um vento delicioso então soprou, portando odores fragrantes. Dando risada, Partha atingiu violentamente a armadura de Shalya com dez flechas.

Perfurando Karna em seguida com uma dúzia de flechas, ele o atingiu mais uma vez com sete. Profundamente atingido por aquelas flechas aladas de energia feroz disparadas com grande força do arco de Partha, Karna, com membros mutilados e corpo banhado em sangue, parecia resplandecente como Rudra na destruição universal, se divertindo no meio de um crematório ao meio-dia ou noite, seu corpo tingido com sangue. O filho de Adhiratha então perfurou Dhananjaya que parecia o próprio chefe dos celestiais (em energia e poder) com três flechas, e ele fez cinco outras flechas ardentes parecendo cinco cobras penetrarem no corpo de Krishna. Disparadas com grande força, aquelas flechas, enfeitadas com ouro, atravessaram a armadura daquele principal dos seres e passando para fora do seu corpo caíram sobre a terra. Dotadas de grande energia, elas entraram na terra com grande força e tendo se banhado (nas águas do Bhogavati na região inferior) correram de volta em direção a Karna. Aquelas flechas eram cinco cobras poderosas que tinham adotado o lado do filho de Takshaka (Aswasena cuja mãe Partha tinha matado em Khandava). Com dez flechas de cabeça larga disparadas com grande força, Arjuna cortou cada uma daquelas cinco cobras em três fragmentos depois do que elas caíram no chão. Vendo os membros de Krishna mutilados daquela maneira por aquelas cobras transformadas em flechas disparadas dos braços de Karna, Arjuna, enfeitado com diadema e guirlandas, inflamou-se com fúria como um fogo empenhado em queimar uma pilha de grama seca. Ele então perfurou Karna em todos os seus membros vitais com muitas flechas ardentes e fatais disparadas da corda do arco estirada até a própria orelha. (Profundamente perfurado), Karna tremeu de dor. Com a maior dificuldade ele ficou de pé, convocando toda sua paciência. Dhananjaya tendo se enchido de cólera, todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, o próprio esplendor do Sol, e o carro de Karna, ó rei, todos ficaram invisíveis com as chuvas (de flechas) disparadas por ele. O céu parecia como se ele estivesse encoberto por uma floresta densa. Então aquele matador de inimigos, aquele touro da raça Kuru, aquele principal dos heróis, isto é, Savyasaci, ó rei, logo matou naquela batalha 2.000 dos principais guerreiros Kuru, com seus carros e cavalos e motoristas, formando os protetores das rodas do carro de Karna e flancos e sua vanguarda e retaguarda e que constituíam a própria nata do exército de carros de Duryodhana, e que, incitados por Duryodhana, vinham lutando com grande energia. Então teus filhos e os Kauravas que ainda estavam vivos fugiram, abandonando Karna, e abandonando seus agonizantes e feridos, e seus filhos e pais lamentando. Vendo-se abandonado pelos Kurus apavorados e vendo o espaço em volta dele vazio, Karna não sentiu nenhuma agitação, ó Bharata, mas, por outro lado, avançou em Arjuna, com o coração alegre.'"

90

"Sanjaya disse, 'Fugindo por causa da queda das flechas de Arjuna, as divisões rompidas dos Kauravas, ficando a uma distância, continuaram a olhar para a arma de Arjuna cheia de energia e se movendo rapidamente em volta com a refulgência do relâmpago. Então Karna, com chuvas de flechas terríveis, frustrou aquela arma de Arjuna enquanto ela ainda estava se movendo no céu e a qual Arjuna tinha

disparado com grande vigor naquele combate violento para a destruição de seu inimigo. De fato, aquela arma (de Partha) que, cheia de energia, vinha consumindo os Kurus, o filho de Suta agora despedaçou com suas flechas aladas com ouro. Curvando então seu próprio arco de som alto de corda irrefragável, Karna disparou chuvas de flechas. O filho de Suta destruiu aquela arma ardente de Arjuna com sua própria arma matadora de inimigos de grande poder que ele tinha obtido de Rama, e que parecia (em eficácia) um rito Atharvan. E ele perfurou Partha também com numerosas flechas afiadas. O combate então, ó rei, que ocorreu entre Arjuna e o filho de Adhiratha tornou-se muito terrível. Eles continuaram a atingir um ao outro com flechas como dois elefantes ferozes atacando um ao outro com suas presas. Todos os pontos do horizonte então ficaram cobertos com armas e o próprio sol ficou invisível. De fato, Karna e Partha, com suas torrentes de flechas, tornaram o céu uma vasta extensão de flechas sem qualquer espaço no meio. Todos os Kauravas e os Somakas então viram uma rede de flechas se estendendo sobre vasta área. Naquela escuridão densa causada por setas, eles eram incapazes de ver qualquer coisa mais. Aqueles dois principais dos homens, ambos habilidosos com armas, enquanto eles incessantemente visavam e disparavam inúmeras flechas, ó rei, mostraram diversos tipos de belas manobras. Enquanto eles estavam assim lutando um com o outro em batalha, às vezes o filho de Suta levava a melhor sobre seu rival e às vezes o ornado com diadema Partha prevalecia sobre o dele, em destreza e armas e agilidade de mãos. Contemplando aquele duelo terrível e tremendo entre aqueles dois heróis cada um dos quais estava desejoso de se aproveitar dos descuidos um do outro, todos os outros guerreiros no campo de batalha ficaram cheios de admiração. Os seres no céu, ó rei, aplaudiram Karna e Arjuna. De fato, muitos deles em um momento, cheios de alegria, gritavam alegremente, às vezes dizendo, 'Excelente, ó Karna!' e às vezes dizendo, 'Excelente, ó Arjuna!' Durante a continuação daquele combate feroz, enquanto a terra estava sendo pressionada profundamente com o peso de carros e o passo de corcéis e elefantes, a cobra Aswasena, que era hostil a Arjuna, estava passando seu tempo na região inferior. Libertado do incêndio em Khandava, ó rei, ele tinha, de raiva, atravessado a terra (para ir para a região subterrânea). Aquela brava cobra, lembrando-se da morte de sua mãe e da inimizade que ele por conta disso nutria contra Arjuna, agora se ergueu da região inferior. Dotado do poder de subir aos céus, ele subiu com grande velocidade para ver aquela luta entre Karna e Arjuna. Achando que aquela era a hora de satisfazer sua animosidade por, como ele pensava, Partha de alma perversa, ele entrou rapidamente na aljava de Karna, ó rei, na forma de uma flecha. Naquele momento uma rede de flechas era vista, despejando suas flechas brilhantes por toda parte. Karna e Partha fizeram do céu uma massa densa de flechas por meio de suas torrentes de flechas. Contemplando aquela vasta extensão de flechas, todos os Kauravas e os Somakas ficaram cheios de medo. Naquela escuridão densa e terrível causada por flechas eles não podiam ver qualquer coisa mais. Então aqueles dois tigres entre homens, aqueles dois principais de todos os arqueiros no mundo, aqueles dois heróis, fatigados com seus esforços em batalha, olharam um para o outro. Os dois foram então abanados com leques excelentes e ondulantes feitos de folhas novas (de palmeira) e borrifados com água de sândalo fragrante por muitas Apsaras

permanecendo no céu. E Sakra e Surya, usando suas mãos, limparam gentilmente os rostos daqueles dois heróis. Quando finalmente Karna achou que ele não podia prevalecer sobre Partha e estava extremamente chamuscado pelas flechas do último, aquele herói, seus membros muito mutilados, colocou seu coração naquela flecha dele que estava colocada separadamente dentro de uma aljava. O filho de Suta então fixou na corda de seu arco aquela flecha matadora de inimigos, extremamente afiada, de boca de cobra, resplandecente, e ameaçadora, que tinha sido polida de acordo com o costume, e que ele tinha mantido por muito tempo para a destruição de Partha. Esticando a corda de seu arco até sua orelha, Karna fixou aquela flecha de energia feroz e esplendor ardente, aquela arma sempre reverenciada que jazia dentro de uma aljava dourada em meio a pó de sândalo, e mirou-a em Partha. De fato, ele mirou aquela flecha ardente, nascida na linhagem de Airavata, para cortar a cabeça de Phalguna em batalha. Todos os pontos do horizonte e o firmamento ficaram em chamas e meteoros e raios terríveis caíram. Quando aquela cobra da forma de uma flecha foi fixada na corda do arco, os Regentes do mundo, incluindo Sakra, deram lamentos altos. O filho de Suta não sabia que a cobra Aswasena tinha entrado em sua flecha pela ajuda de seus poderes de Yoga. Vendo Vaikartana mirar aquela flecha, o soberano de grande alma dos Madras, dirigindo-se a Karna, disse, 'Essa flecha, ó Karna, não conseguirá cortar a cabeça de Arjuna. Procurando cuidadosamente, fixe outra seta que possa conseguir cortar a cabeça de teu inimigo.' Dotado de grande presteza, o filho de Suta, com olhos inflamados em fúria, então disse para o soberano dos Madras, 'Ó Shalya, Karna nunca mira uma seta duas vezes. Pessoas como nós nunca se tornam guerreiros desonestos.' Tendo dito essas palavras, Karna, com grande atenção, disparou aquela flecha a qual ele tinha reverenciado por muitos longos anos. Disposto a ganhar a vitória, ó rei, ele disse rapidamente para seu rival, 'Tu estás morto, ó Phalguna!' Disparada dos braços de Karna, aquela flecha de zunido horrível, parecendo fogo ou o sol em esplendor, quando ela deixou a corda do arco, brilhou no céu e pareceu dividi-lo por uma linha tal como é visível no topo da cabeça de uma mulher dividindo seus cabelos. Vendo aquela flecha brilhando no céu, o matador de Kamsa, Madhava, com grande rapidez e a maior facilidade, pressionou para baixo com seus pés aquele carro excelente, fazendo-o afundar cerca de um cúbito de profundidade. Nisso, os corcéis, brancos como os raios da lua e enfeitados com arreios de ouro, dobrando seus joelhos, se deitaram no chão. De fato, vendo aquela cobra (na forma de uma flecha) apontada por Karna, Madhava, aquela principal de todas as pessoas dotadas de poder, aplicou sua força e assim pressionou com seus pés aquele carro na terra, no que os corcéis, (como já dito) dobrando seus joelhos, se deitaram sobre o solo quando o próprio carro tinha afundado nele. Então sons altos ergueram-se no céu em aclamação a Vasudeva. Muitas vozes celestes foram ouvidas, e flores celestes foram derramadas sobre Krishna, e gritos leoninos também foram proferidos. Quando o carro tinha sido pressionado dessa maneira no chão pelos esforços do matador de Madhu, o ornamento excelente da cabeça de Arjuna, célebre por toda a terra, o firmamento, céu, e as águas, o filho de Suta varreu do topo da cabeça de seu rival, com aquela flecha, pela própria natureza daquela arma serpentiforme e da grande atenção e fúria com as quais ela tinha sido disparada. Aquele diadema, dotado do esplendor do sol ou da lua ou fogo ou um planeta, e adornado

com ouro e pérolas e pedras preciosas e diamantes, tinha sido feito com grande cuidado pelo próprio pujante Nascido por Si Mesmo para Purandara. De grande valor como sua aparência indicava, inspirando terror nos corações de inimigos, contribuindo para a felicidade daquele que o usava, e derramando uma fragrância, aquele ornamento tinha sido dado pelo próprio chefe dos celestiais com o coração alegre para Partha quando o último tinha procedido para matar os inimigos dos deuses. Aquele diadema não podia ser esmagado por Rudra e o Senhor das águas e Kuvera com Pinaka e laço e raio e as próprias principais das flechas. Ele não podia ser resistido nem pelos principais entre os deuses. Vrisha, no entanto, agora o quebrou violentamente com sua flecha insuflada com cobra. Dotada de grande energia, aquela cobra de natureza má de forma feroz e votos falsos, caindo sobre aquele diadema enfeitado com ouro e pedras preciosas, varreu-o para longe da cabeça de Arjuna. Aquela cobra, ó rei, o arrancou violentamente da cabeça de Partha, rapidamente reduzindo a fragmentos aquele ornamento bem feito engastado com muitas pedras preciosas e resplandecendo com beleza, como o raio partindo um topo de montanha enfeitado com árvores altas e belas agraciadas com flores. Despedaçado por aquela arma excelente, possuidor de esplendor, e em chamas com o fogo do veneno (da cobra), aquele diadema belo e muito apreciado de Partha caiu no chão como o disco brilhante do Sol das colinas Asta. De fato, aquela cobra varreu à força da cabeça de Arjuna aquele diadema adornado com muitas pedras preciosas, como o raio de Indra lançando por terra um belo topo de montanha adornado com árvores altas portando folhas e flores brotando. E a terra, firmamento, céu, e as águas, quando agitadas por uma tempestade, bramem alto, ó Bharata, assim mesmo foi o bramido que se ergueu em todos os mundos naquele momento. Ouvindo aquele barulho tremendo, as pessoas, apesar de seus esforços para ficarem calmas, ficaram extremamente agitadas e cambalearam quando elas ficaram de pé. Privado do diadema, o jovem Partha de cor escura parecia belo como uma montanha azul de topo alto. Amarrando então seus cabelos com um tecido branco, Arjuna ficou perfeitamente inalterado. Com aquele tecido branco em sua cabeça, ele parecia com a colina Udaya iluminada com os raios do sol. Assim aquela cobra fêmea (a quem Arjuna tinha matado em Khandava) de boca excelente, através de seu filho na forma de uma seta, disparada pelo filho de Surya, vendo Arjuna de energia excelente e poder de pé com sua cabeça nivelada com as rédeas dos corcéis, tirou seu diadema somente, aquele ornamento bem feito (antigamente) possuído pelo filho de Aditi e dotado da refulgência do próprio Surya. Mas Arjuna também (como aparecerá na conseqüência) não voltou daquela batalha sem fazer a cobra sucumbir ao poder de Yama. Disparada dos braços de Karna, aquela flecha valiosa parecendo o fogo ou o sol em refulgência, isto é, aquela cobra poderosa que desde antes tinha se tornado o inimigo mortal de Arjuna, assim despedaçando o diadema do último, foi para longe. Tendo queimado o diadema enfeitado com ouro de Arjuna exposto em sua cabeça, ele desejou ir até Arjuna novamente com grande velocidade. Questionado, no entanto, por Karna (que o viu mas não o conhecia), ele disse essas palavras, 'Tu me disparaste, ó Karna, sem teres me visto. Foi por isso que eu não pude cortar a cabeça de Arjuna. Rapidamente dispare-me mais uma vez, depois de me veres bem. Eu então matarei teu inimigo e meu também.' Assim endereçado naquela batalha por ele, o filho de Suta disse,

'Quem é você possuidor de tal forma feroz?' A cobra respondeu, dizendo, 'Conheça-me como alguém que foi prejudicado por Partha. Minha inimizade por ele é devido a ele ter matado minha mãe. Se o próprio manejador do raio fosse proteger Partha, o último ainda teria que ir para os domínios do rei dos Pitris. Não me desconsidere. Cumpra minha ordem. Eu matarei teu inimigo. Dispare-me sem demora.' Ouvindo aquelas palavras, Karna disse, 'Karna, ó cobra, nunca deseja ter vitória em batalha hoje por confiar no poder de outro. Mesmo que eu tenha que matar cem Arjunas, eu ainda assim não iria, ó cobra, disparar a mesma flecha duas vezes.' Dirigindo-se mais uma vez a ele no meio da batalha, aquele melhor dos homens, isto é, o filho de Surya, Karna, disse, 'Ajudado pela natureza de minhas outras armas serpentiformes, e por esforço resoluto e ira, eu matarei Partha. Seja feliz e vá para outro lugar.' Assim endereçado, em batalha, por Karna, aquele príncipe de cobras, incapaz por raiva de suportar aquelas palavras, procedeu ele mesmo, ó rei, para matar Partha, tendo assumido a forma de uma flecha. De forma ameaçadora, o desejo que ele nutria ardentemente era a destruição de seu inimigo. Então Krishna, dirigindo-se a Partha naquele combate, disse a ele, 'Mate aquela grande cobra hostil a ti.' Assim endereçado pelo matador de Madhu, o manejador do Gandiva, aquele arqueiro que era sempre feroz para inimigos o questionou, dizendo, 'Quem é aquela cobra que avança por iniciativa própria contra mim, como se, de fato, ele avançasse direto contra a boca de Garuda?' Krishna respondeu, 'Enquanto tu, armado com arco, estavas empenhado em Khandava em gratificar o deus Agni, esta cobra estava então no céu, seu corpo abrigado dentro do de sua mãe. Pensando que era somente uma única cobra que estava assim permanecendo no céu, tu mataste a mãe. Lembrando daquele ato de hostilidade feito por ti, ele hoje vem em direção a ti para tua destruição. Ó resistidor de inimigos, o veja vindo como um meteoro ardente, caindo do firmamento!'"

"Sanjaya continuou, 'Então Jishnu, virando seu rosto em fúria, cortou, com seis flechas afiadas, aquela cobra no céu quando a última estava correndo em uma direção inclinada. Seu corpo assim cortado, ele caiu no chão. Depois que aquela cobra tinha sido cortada por Arjuna, o próprio senhor Keshava, ó rei, de braços massivos, aquele principal dos seres, ergueu com seus braços aquele carro do solo. Naquele momento, Karna, olhando obliquamente para Dhananjaya, perfurou aquela principal das pessoas, isto é, Krishna, com dez flechas afiadas em pedra e providas de penas de pavão. Então Dhananjaya, perfurando Karna com uma dúzia de flechas bem disparadas e afiadas equipadas com cabeças como a orelha do javali, disparou uma flecha do comprimento de uma jarda dotada da energia de uma cobra de veneno virulento e disparada da corda de seu arco estirada até sua orelha. Aquela principal das flechas, bem disparada por Arjuna, atravessou a armadura de Karna, e como se suspendendo seus ares vitais, bebeu seu sangue e entrou na terra, suas asas também tendo sido encharcadas com sangue. Dotado de grande presteza, Vrisha, enfurecido pelo golpe da flecha, como uma cobra batida com pau, disparou muitas flechas poderosas, como cobras de veneno virulento vomitando veneno. E ele perfurou Janardana com uma dúzia de flechas e Arjuna com noventa e nove. E mais uma vez perfurando o filho de Pandu com uma flecha terrível, Karna deu risada e proferiu um rugido alto. O filho de Pandu,

no entanto, não pode tolerar a alegria de seu inimigo. Conhecedor de todas as partes vitais do corpo humano, Partha, possuidor de destreza semelhante àquela de Indra, perfurou aqueles membros vitais com centenas de flechas assim como Indra tinha atingido Vala com grande energia. Então Arjuna disparou noventa flechas, cada uma parecendo a vara da Morte em Karna. Profundamente perfurado com aquelas flechas, Karna tremeu como uma montanha fendida pelo raio. O protetor de cabeça de Karna, adornado com jóias caras e diamantes preciosos e ouro puro, como também seus brincos, cortados por Dhananjaya com suas flechas aladas, caíram no chão. A armadura valiosa e brilhante também do filho de Suta que tinha sido forjada com grande cuidado por muitos dos artistas principais trabalhando por um longo tempo, o filho de Pandu cortou num momento em muitos fragmentos. Depois de privá-lo dessa maneira de sua armadura, Partha então, em fúria, perfurou Karna com quatro flechas afiadas de grande energia. Atingido violentamente por seu inimigo, Karna sofreu grande dor como uma pessoa doente afligida por bílis, fleuma, gases, e febre. Mais uma vez Arjuna, com grande velocidade, mutilou Karna, perfurando seus próprios membros vitais, com numerosas flechas excelentes, de corte excelente, e disparadas de seu arco que formava um círculo com muita força e rapidez e atenção. Profundamente atingido por Partha com aquelas diversas flechas de pontas afiadas e energia ardente, Karna (coberto com sangue) parecia resplandecente como uma montanha de greda vermelha com correntes de água vermelha escorrendo por seu leito. Mais uma vez Arjuna perfurou Karna no centro do peito com muitas flechas fortes e de curso reto feitas totalmente de ferro e equipadas com asas de ouro e cada uma parecendo a vara ígnea do Destruidor, como o filho de Agni perfurando as montanhas Krauncha. Então o filho de Suta, jogando de lado seu arco que parecia o próprio arco de Sakra, como também sua aljava, sentiu grande dor, e ficou inativo, entorpecido, e cambaleando, sua força de aperto frouxa e ele mesmo em grande angústia. O virtuoso Arjuna, observador do dever de virilidade, não desejou matar seu inimigo enquanto caído em tal angústia. O irmão mais novo de Indra então, com grande expectativa, se dirigiu a ele, dizendo, 'Por que, ó filho de Pandu, tu ficaste tão negligente? Aqueles que são realmente sábios nunca poupam seus inimigos, embora fracos, nem por um momento. Aquele que é erudito ganha mérito e fama por matar inimigos caídos em angústia. Não perca tempo em despedaçar precipitadamente Karna que é sempre hostil a ti e que é o primeiro dos heróis. O filho de Suta, quando capaz, avançará novamente contra ti como antes. Mate-o, portanto, como Indra matando o Asura Namuci.' Dizendo, 'Assim seja, ó Krishna!' e reverenciando Janardana, Arjuna, aquela principal de todas as pessoas na linhagem de Kuru mais uma vez perfurou rapidamente Karna com muitas setas excelentes como o soberano do céu perfurando o Asura Samvara. O ornado com diadema Partha, ó Bharata, cobriu Karna e seu carro e corcéis com muitas setas de dente de bezerro, e aplicando todo o seu vigor ele encobriu todos os pontos do horizonte com flechas providas de asas de ouro. Perfurado por aquelas setas equipadas com cabeças como o dente do bezerro, o filho de Adhiratha de peito largo parecia resplandecente como uma Asoka ou Palasa ou Salmali enfeitada com sua carga florida ou uma montanha coberta com uma floresta de árvores de sândalo. De fato, com aquelas numerosas setas fincadas em seu corpo, Karna, ó monarca, naquela batalha, parecia

resplandecente como o príncipe das montanhas com seu topo e vales cobertos com árvores ou enfeitados com Karnikaras florescentes. Karna também disparando repetidas chuvas de flechas, parecia, com aquelas flechas constituindo seus raios, com o sol rumando em direção às colinas Asta, com disco brilhante com raios carmesins. Flechas, no entanto, de pontas afiadas, disparadas dos braços de Arjuna, encontrando no céu as flechas ardentes, parecendo cobras poderosas, disparadas dos braços do filho de Adhiratha, as destruíram todas. Recuperando sua frieza, e disparando muitas flechas que pareciam cobras enfurecidas, Karna então perfurou Partha com dez flechas e Krishna com meia dúzia, cada uma das quais parecia com uma cobra zangada. Então Dhananjaya desejou disparar uma flecha poderosa e terrível, feita totalmente de ferro, parecendo o veneno de cobra ou fogo em energia, e cujo zunido parecia o ribombo do trovão de Indra, e que estava insuflada com a força de uma arma superior (celestial). Naquele momento, quando a hora da morte de Karna tinha chegado, Kala, se aproximando invisivelmente, e aludindo à maldição do Brahmana, e desejoso de informar Karna de que sua morte estava perto, disse a ele, 'A terra está devorando tua roda!' De fato, ó principal dos homens, quando chegou a hora da morte de Karna, a eminente Brahmastra que o ilustre Bhargava de grande alma tinha dado a ele escapou de sua memória. E a terra também começou a devorar a roda esquerda de seu carro. Então por causa da maldição daquele principal dos Brahmanas, o carro de Karna começou a oscilar, tendo afundado profundamente no solo e tendo sido transfixado naquele local como uma árvore sagrada com sua carga de flores permanecendo sobre uma plataforma elevada. Quando seu carro começou a oscilar por causa da maldição do Brahmana, e quando a arma superior que ele tinha obtido de Rama não mais brilhava nele por luz interior, e quando sua flecha terrível de boca de cobra também tinha sido cortada por Partha, Karna ficou cheio de tristeza. Incapaz de suportar todas aquelas calamidades, ele acenou seus braços e começou a injuriar a virtude dizendo, 'Aqueles que são conhecedores da virtude sempre dizem que a virtude protege aquele que é virtuoso. Em relação a nós, nós sempre nos esforçamos, com toda nossa habilidade e conhecimento para praticar a virtude. Aquela virtude, no entanto, está nos destruindo agora em vez de proteger a nós que somos devotados a ela. Eu, portanto, acho que a virtude não protege sempre seus devotos.' Enquanto dizendo essas palavras, ele ficou extremamente agitado pelos golpes das flechas de Arjuna. Seus corcéis e seu motorista também foram deslocados de sua posição usual. Seus próprios órgãos vitais tendo sido atingidos, ele ficou indiferente quanto ao que ele fazia, e repetidamente insultava a virtude naquela batalha. Ele então perfurou Krishna no braço com três flechas terríveis, e Partha, também, com sete. Então Arjuna disparou sete e dez setas terríveis, perfeitamente retas e de impetuosidade feroz, parecendo fogo em esplendor e semelhantes ao trovão de Indra em força. Dotadas de impetuosidade tremenda, aquelas flechas perfuraram Karna e passando através de seu corpo caíram na superfície da terra. Tremendo pelo choque, Karna então mostrou sua diligência ao máximo de seu poder. Mantendo-se firme por um esforço imenso ele invocou a Brahmastra. Vendo a Brahmastra, Arjuna invocou a arma Aindra com mantras apropriados. Insuflando Gandiva, sua corda, e suas flechas também, com mantras, aquele opressor de inimigos despejou chuvas (de flechas) como

Purandara despejando chuva em torrentes. Aquelas flechas dotadas de grande energia e poder, emergindo do carro de Partha, eram vistas serem mostradas na vizinhança do veículo de Karna. O poderoso guerreiro em carro Karna desviou todas aquelas flechas expostas em sua frente. Vendo aquela arma assim destruída, o herói Vrishni, se dirigindo a Arjuna, disse, 'Dispare armas superiores, ó Partha! O filho de Radha frustra tuas flechas.' Com mantras apropriados, Arjuna então fixou a Brahmastra em sua corda, e cobrindo todos os pontos do horizonte com flechas, Partha atingiu Karna (com muitas) flechas. Então Karna, com diversas flechas afiadas dotadas de grande energia, cortou a corda do arco de Arjuna. Similarmente ele cortou a segunda corda, e então a terceira, e então a quarta, e então a quinta. A sexta também foi cortada por Vrisha, e então a sétima, então a oitava, então a nona, então a décima, e então finalmente a décima primeira. Capaz de disparar centenas sobre centenas de flechas, Karna não sabia que Partha tinha cem cordas para seu arco. Amarrando outra corda em seu arco e atirando muitas flechas, o filho de Pandu cobriu Karna com flechas que pareciam cobras de bocas flamejantes. Arjuna recolocava tão rapidamente cada corda rompida que Karna não podia notar quando ela era rompida e quando reposta. A façanha lhe pareceu ser muito extraordinária. O filho de Radha desviou com suas próprias armas aquelas de Savyasaci. Mostrando também sua própria destreza, ele parecia levar a melhor sobre Dhananjaya naquela hora. Então Krishna, vendo Arjuna afligido pelas armas de Karna, disse essas palavras para Partha: 'Aproximando-te de Karna, atinja-o com armas superiores.' Então Dhananjaya, cheio de raiva, inspirando com mantras outra arma celeste que parecia com fogo e que se assemelhava ao veneno da cobra e que era tão dura quanto a essência do diamante, e unindo a arma Raudra com ela, ficou desejoso de dispará-la em seu inimigo. Naquele momento, ó rei, a terra engoliu uma das rodas do carro de Karna. Descendo rapidamente então de seu veículo, ele agarrou sua roda afundada com seus dois braços e se esforçou para erguê-la com um grande esforço. Puxada para cima com força por Karna, a terra, que tinha engolido sua roda, se ergueu até uma altura da largura de quatro dedos, com suas sete ilhas e suas colinas e rios e florestas. Vendo sua roda engolida, o filho de Radha derramou lágrimas de raiva, e vendo Arjuna, cheio de ira ele disse essas palavras, 'Ó Partha, ó Partha, espere um momento, isto é, até eu levantar esta roda afundada. Vendo, ó Partha, a roda esquerda do meu carro engolida por acidente pela terra, abandone (em vez de nutrir) esse propósito (de me atacar e matar) que é capaz de ser nutrido somente por um covarde. Bravos guerreiros que são observadores das práticas dos justos nunca disparam suas armas em pessoas com cabelo despenteado, ou naquelas que viraram seus rostos da batalha, ou em um Brahmana, ou em alguém que une suas palmas, ou naquele que se entrega ou implora por proteção ou em alguém que suspendeu sua arma, ou em alguém cujas setas estão esgotadas, ou em alguém cuja armadura está deslocada, ou em alguém cuja arma caiu ou foi quebrada! Tu és o mais bravo dos homens no mundo. Tu és também de comportamento justo, ó filho de Pandu! Tu conheces bem as regras de batalha. Por essas estas razões, dê-me licença por um momento, isso é, até eu soltar minha roda, ó Dhananjaya, da terra. Tu mesmo ficando em teu carro e eu mesmo estando fraco e lânguido sobre o solo, não cabe a ti me matar agora. Nem Vasudeva, nem tu, ó filho de Pandu, me inspiram o menor medo. Tu és nascido na

classe Kshatriya. Tu és o perpetuador de uma linhagem nobre. Lembrando dos ensinos de virtude, dê-me licença por um momento, ó filho de Pandu!'"

91

"Sanjaya disse, 'Então Vasudeva, posicionado no carro, se dirigiu a Karna, dizendo, 'Por boa sorte é, ó filho de Radha, que tu te lembraste da virtude! É geralmente visto que aqueles que são vis, quando eles caem em angústia, injuriam a Divina Providência, mas nunca seus próprios delitos. Tu mesmo e Suyodhana e Duhshasana e Shakuni, o filho de Subala, fizeram Draupadi, vestida em um uma única peça de roupa, ser levada para o meio da assembléia. Naquela ocasião, ó Karna, essa tua virtude não se manifestou. Quando na assembléia Shakuni, um perito nos dados, venceu o filho de Kunti Yudhishthira que não era familiarizado com eles, para onde foi essa tua virtude? Quando o rei Kuru (Duryodhana), agindo sob teu conselho, tratou Bhimasena daquela maneira com a ajuda de cobras e comida envenenada, para onde essa tua virtude foi então? Quando o período de exílio para as florestas estava terminado como também o décimo terceiro ano, tu não transferiste aos Pandavas seu reino. Para onde essa tua virtude foi então? Tu incendiaste a casa de laca em Varanavata para matar queimados os Pandavas adormecidos. Onde então, ó filho de Radha, essa tua virtude tinha ido? Tu deste risada de Krishna quando ela estava no meio da assembléia, precariamente vestida porque em seu período menstrual e obediente à vontade de Duhshasana, onde, então, ó Karna, essa tua virtude tinha ido? Quando do apartamento reservado para as mulheres a inocente Krishna foi arrastada, tu não interferiste. Onde, ó filho de Radha, essa tua virtude tinha ido? Tu mesmo te dirigindo à princesa Draupadi, aquela dama cujo andar é tão digno quanto aquele do elefante, nessas palavras, isto é, 'Os Pandavas, ó Krishna, estão perdidos. Eles caíram no inferno eterno. Escolha outro marido!' tu olhaste para a cena com deleite. Onde então, ó Karna, essa tua virtude tinha ido? Cobiçoso de reino e confiando no soberano dos Gandharvas, tu convocaste os Pandavas (para um jogo de dados). Onde então essa tua virtude tinha ido? Quando muitos poderosos guerreiros em carros, cercando o garoto Abhimanyu em batalha, o mataram, onde essa tua virtude tinha ido então? Se essa virtude que tu agora invocaste não estava em lugar nenhum naquelas ocasiões, qual é a utilidade então de ressecar teu palato agora, por proferir aquela palavra? Tu és agora a favor da prática de virtude, ó Suta, mas tu não escaparás com vida. Como Nala que foi derrotado por Pushkara com a ajuda dos dados, mas que recuperou seu reino por destreza, os Pandavas, que estão livres de cupidez, recuperarão seu reino pela destreza de seus braços, ajudados por todos os seus amigos. Tendo matado em batalha seus inimigos poderosos, eles, com os Somakas, irão recuperar seu reino. Os Dhartarashtras encontrarão a destruição nas mãos daqueles leões entre homens (isto é, os filhos de Pandu), que são sempre protegidos pela virtude!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, ó Bharata, por Vasudeva, Karna baixou sua cabeça em vergonha e não deu resposta. Com lábios tremendo de

raiva ele ergueu seu arco, ó Bharata, e, sendo dotado de grande energia e bravura, ele continuou a lutar com Partha. Então Vasudeva, se dirigindo a Phalguna, aquele touro entre homens, disse, 'Ó tu de grande poder, perfurando Karna com uma arma celeste, derrube-o.' Assim endereçado pelo santo, Arjuna ficou cheio de raiva. De fato, lembrando-se dos incidentes aludidos por Krishna, Dhananjaya se inflamou com fúria. Então, ó rei, chamas flamejantes de fogo pareceram emanar de todos os poros do corpo do enfurecido Partha. A visão parecia ser muito extraordinária. Vendo isso, Karna, invocando a Brahmastra, despejou suas flechas sobre Dhananjaya, e mais uma vez fez um esforço para soltar seu carro. Partha também, pela ajuda da Brahmastra, despejou torrentes de flechas sobre Karna. Frustrando com sua própria arma a arma de seu inimigo, o filho de Pandu continuou a atacá-lo. O filho de Kunti então, mirando em Karna disparou outra arma favorita dele que foi insuflada com a energia de Agni. Disparada por Arjuna, aquela arma brilhou com sua própria energia. Karna, no entanto, apagou aquela conflagração com a arma Varuna. O filho de Suta também, pelas nuvens que ele criou, fez todos os pontos do horizonte serem encobertos com uma escuridão tal como pode ser vista em um dia chuvoso. O filho de Pandu, dotado de grande energia, destemidamente dissipou aquelas nuvens por meio da arma Vayavya na própria vista de Karna. O filho de Suta então, para matar o filho de Pandu, pegou uma flecha terrível brilhando como fogo. Quando aquela flecha adorada foi fixada na corda do arco, a terra, ó rei, tremeu com suas montanhas e rios e florestas. Ventos violentos começaram a soprar, levando seixos duros. Todos os pontos do horizonte ficaram envolvidos em poeira. Lamentos de aflição, ó Bharata, se elevaram entre os deuses no céu. Vendo aquela flecha apontada pelo filho de Suta, ó senhor, os Pandavas, com corações tristes, se entregaram a grande tristeza. Aquela flecha de ponta afiada e dotada da refulgência do raio de Sakra, disparada dos braços de Karna, caiu no peito de Dhananjaya e penetrou nele como uma cobra poderosa entrando em um formigueiro. Aquele opressor de inimigos, isto é, Vibhatsu de grande alma, assim profundamente perfurado naquele combate, começou a cambalear. Seu pulso ficou solto, no que seu arco Gandiva caiu de sua mão. Ele tremeu como o príncipe das montanhas em um terremoto. Aproveitando-se daquela oportunidade, o poderoso guerreiro em carro Vrisha, desejoso de soltar a roda de seu carro que tinha sido engolida pela terra, saltou de seu veículo. Agarrando a roda com seus dois braços ele se esforçou para puxá-la para cima, mas embora possuidor de grande força, ele fracassou em seus esforços, como o destino teria. Enquanto isso Arjuna ornado com diadema e de grande alma, recuperando seus sentidos, pegou uma flecha, fatal como a vara da Morte, e chamada anjalika. Então Vasudeva, dirigindo-se a Partha, disse, 'Corte com tua flecha a cabeça deste teu inimigo, isto é, Vrisha, antes que ele consiga subir em seu carro.' Aprovando aquelas palavras do senhor Vasudeva, e enquanto a roda de seu inimigo ainda estava afundada, o poderoso guerreiro em carro Arjuna pegou uma flecha de cabeça de navalha de refulgência brilhante e atingiu o estandarte (de Karna) portando a corda do elefante e brilhante como o sol imaculado. Aquele estandarte portando o emblema da valiosa corda do elefante era adornado com ouro e pérolas e pedras preciosas e diamantes, e fabricado com cuidado por artistas principais superiores em conhecimento, e possuidor de grande beleza, e matizado com ouro puro. Aquele

estandarte sempre costumava encher tuas tropas com grande coragem e o inimigo com medo. Sua forma merecia louvores. Célebre por todo o mundo, ele parecia o sol em esplendor. De fato, sua refulgência era como aquela do fogo ou do sol ou da lua. O enfeitado com diadema Arjuna, com aquela flecha de cabeça de navalha, extremamente afiada, equipada com asas de ouro, possuidora do esplendor do fogo quando alimentado com libações de manteiga clarificada, e resplandecendo com beleza, cortou aquele estandarte do filho de Adhiratha, aquele grande guerreiro em carro. Com aquele estandarte, quando ele caiu, a fama, orgulho, esperança de vitória, e tudo precioso, como também os corações dos Kurus, fraquejaram, e lamentos altos de 'Oh' e 'Ai' se ergueram (do exército Kuru). Vendo aquele estandarte cortado e derrubado por aquele herói da linhagem de Kuru possuidor de grande agilidade de mão, tuas tropas, ó Bharata, não estavam mais esperançosas da vitória de Karna. Se apressando então para a destruição de Karna, Partha tirou de sua aljava uma excelente arma Anjalika que parecia o raio de Indra ou a vara de fogo e que era possuidora da refulgência do sol de mil raios. Capaz de penetrar nos próprios órgãos vitais, lambuzada com sangue e carne, parecendo fogo ou o sol, feita de materiais caros, destrutiva de homens, cavalos, e elefantes, de curso reto e impetuosidade feroz, ela media três cúbitos e seis pés. Dotada da força do trovão de Indra de mil olhos, irresistível como Rakshasas à noite, parecendo Pinaka ou o disco de Narayana, ela era extremamente terrível e destrutiva de todas as criaturas vivas. Partha alegremente pegou aquela arma grandiosa, na forma de uma flecha, a qual não podia ser resistida pelos próprios deuses, aquele ser de grande alma que era sempre adorado pelo filho de Pandu, e que era capaz de subjugar os próprios deuses e os Asuras. Vendo aquela flecha pega por Partha naquela batalha, o universo inteiro se agitou com suas criaturas móveis e imóveis. De fato, vendo aquela arma erguida (para ser disparada) naquela batalha terrível, os Rishis gritaram ruidosamente, 'Que haja paz para o universo!' O manejador do Gandiva então fixou em seu arco aquela flecha inigualável, unindo-a com uma arma superior e poderosa. Puxando seu arco Gandiva, ele disse rapidamente, 'Que esta minha flecha seja como uma arma poderosa capaz de destruir rapidamente o corpo e coração de meu inimigo, se eu alguma vez pratiquei austeridades ascéticas, gratifiquei meus superiores, e escutei os conselhos de benquerentes. Que esta flecha, reverenciada por mim e possuidora de gume excelente, mate meu inimigo Karna por esta Verdade.' Tendo dito essas palavras Dhananjaya disparou aquela flecha terrível para a destruição de Karna, aquela flecha ameaçadora e eficaz como um rito prescrito no Atharvan de Angiras, brilhante com refulgência, e incapaz de ser resistida pela própria Morte em batalha. E o enfeitado com diadema Partha, desejoso de matar Karna, com grande alegria, disse, 'Que esta flecha conduza à minha vitória. Atirada por mim, que esta flecha possuidora do esplendor do fogo ou do sol leve Karna à presença de Yama.' Dizendo essas palavras, Arjuna, enfeitado com diadema e guirlandas, nutrindo sentimentos de hostilidade por Karna e desejoso de matá-lo, alegremente atingiu seu inimigo com aquela principal das flechas que possuía o esplendor do sol ou da lua e capaz de conceder vitória. Assim disparada por aquele guerreiro poderoso, aquela flecha dotada da energia do sol fez todos os pontos do horizonte se inflamarem com luz. Com aquela arma Arjuna cortou a cabeça de seu inimigo como Indra cortando a

cabeça de Vritra com seu raio. De fato, ó rei, com aquela arma Anjalika excelente transformada com mantras em uma arma poderosa, o filho de Indra cortou a cabeça de Vaikartana à tarde. Assim cortado com aquele Anjalika, o tronco de Karna caiu no chão. A cabeça também daquele comandante do exército (Kaurava), dotada de esplendor igual àquele do sol surgido e parecendo o sol meridiano de outono, caiu no chão como o sol de disco sangrento caído das colinas Asta. De fato, aquela cabeça abandonou com grande relutância o corpo, muito belo e sempre cuidado no luxo, de Karna de feitos nobres, como um proprietário abandonando com grande má vontade sua mansão cômoda cheia de grande riqueza. Cortado pela flecha de Arjuna, e privado de vida, o alto tronco de Karna dotado de grande esplendor, com sangue emanando de todos os ferimentos, caiu como o topo partido pelo raio de uma montanha de greda vermelha com correntes carmesim escorrendo por seus lados depois de uma chuva. Então proveniente daquele corpo de Karna caído uma luz passando pelo céu penetrou no sol. Essa visão maravilhosa, ó rei, foi contemplada pelos guerreiros humanos depois da queda de Karna. Então os Pandavas, vendo Karna morto por Phalguna, sopraram ruidosamente suas conchas. Similarmente, Krishna e Dhananjaya também, cheios de deleite, e não perdendo tempo, sopraram suas conchas. Os Somakas vendo Karna morto e jazendo no campo estavam cheios de alegria e proferiram gritos altos com as outras tropas (do exército Pandava). Em grande alegria eles sopraram suas trombetas e agitaram seus braços e peças de roupa. Todos os guerreiros, ó rei, se aproximando de Partha, começaram a aplaudi-lo alegremente. Outros, possuidores de força, dançaram, abraçando uns aos outros, e proferindo gritos altos, disseram, 'Por boa sorte Karna foi atirado ao chão e mutilado com flechas.' De fato, a cabeça cortada de Karna parecia bela como um topo de montanha solto por uma tempestade, ou um fogo apagado depois do sacrifício estar terminado, ou a imagem do sol depois que ele alcançou as colinas Asta. O sol-Karna, com flechas como seus raios, depois de ter chamuscado o exército hostil, foi finalmente feito se por pelo poderoso tempo-Arjuna. Como o Sol, enquanto procedendo em direção às colinas Asta, se retira levando com ele todos os seus raios, assim mesmo aquela flecha (de Arjuna) passou para fora, levando com ela os ares vitais de Karna. A hora da morte do filho de Suta, ó senhor, foi a tarde daquele dia. Cortada com a arma Anjalika naquela batalha, a cabeça de Karna caiu junto com seu corpo. De fato, aquela flecha de Arjuna, na própria vista das tropas Kaurava, tirou rapidamente a cabeça e o corpo de Karna. Vendo o heróico Karna jogado esticado no chão, perfurado por flechas e banhado em sangue, o rei dos Madras foi embora naquele carro privado de seu estandarte. Depois da queda de Karna, os Kauravas, profundamente perfurados por flechas naquela batalha, e afligidos com medo, fugiram do campo, lançando seus olhos frequentemente naquele estandarte alto de Arjuna que brilhava com esplendor. A cabeça bela, agraciada com uma face que parecia um lótus de 1.000 pétalas, de Karna cujos feitos eram semelhantes àqueles de Indra de mil olhos, caiu sobre o solo como o sol de mil raios como ele parece no fim do dia.'"

92

"Sanjaya disse, 'Observando as tropas oprimidas por flechas naquele combate entre Karna e Arjuna, Shalya procedeu, cheio de fúria, naquele carro privado de equipamento. Vendo seu exército privado do filho de Suta e seus carros e cavalos e elefantes destruídos, Duryodhana, com olhos banhados em lágrimas, suspirava repetidamente, o próprio retrato da aflição. Desejosos de ver o heróico Karna, perfurado com flechas e banhado em sangue, e esticado no chão como o sol caído dos céus, os guerreiros foram lá e permaneceram cercando o herói lançado por terra. Entre aqueles pertencentes ao inimigo e ao teu exército que ficaram lá dessa maneira, alguns mostraram sinais de alegria, alguns de medo, alguns de tristeza, alguns de admiração, e alguns se entregaram a grande aflição, de acordo com suas respectivas naturezas. Outros entre os Kauravas, sabendo que Karna de energia poderosa tinha sido morto por Dhananjaya, sua armadura, ornamentos, mantos, e armas tendo sido todos deslocados, fugiram amedrontados como um rebanho de gado afligido com medo excessivo ao perder seu touro. Bhima então, proferindo rugidos altos e fazendo o céu tremer com aqueles gritos horríveis e tremendos, começou a bater em seu peito, pular, e dançar, assustando os Dhartarashtras por aqueles movimentos. Os Somakas e os Srinjayas também sopraram suas conchas ruidosamente. Todos os Kshatriyas abraçaram uns aos outros em alegria, ao verem o filho de Suta morto naquele momento crítico. Tendo lutado uma batalha terrível, Karna foi morto por Arjuna como um elefante por um leão. Aquele touro entre homens, Arjuna, assim cumpriu seu voto. De fato assim mesmo Partha alcançou o fim de sua hostilidade (com relação a Karna). O soberano dos Madras, com coração estupefato, procedendo rapidamente, ó rei, para o lado de Duryodhana, naquele carro privado de estandarte disse em tristeza essas palavras, 'Os elefantes, os corcéis, e os principais dos guerreiros em carros do teu exército estão mortos. Por aqueles poderosos guerreiros, e corcéis, e elefantes enormes como colinas terem sido mortos depois de entrarem em contato uns com os outros, tua hoste parece com os domínios de Yama. Nunca antes, ó Bharata, uma batalha foi lutada como aquela entre Karna e Arjuna hoje. Karna atacou poderosamente os dois Krishnas hoje e todos os outros que são teus inimigos. O Destino, no entanto, fluiu indubitavelmente, controlado por Partha. É por isso que o Destino está protegendo os Pandavas e enfraquecendo a nós. Muitos são os heróis que, resolvidos a realizar teus objetivos tem sido mortos violentamente pelo inimigo. Bravos reis, que em energia, coragem, e poder eram iguais a Kuvera ou Yama ou Vasava ou ao Senhor das águas, que eram possuidores de todos os méritos, que quase não podiam ser mortos, e que estavam desejosos de alcançar teu objetivo, tem sido mortos em batalha pelos Pandavas. Ó Bharata, não te aflijas por isso. Isso é o Destino. Conforte-te. O êxito não pode ser sempre alcançado.' Ouvindo essas palavras do soberano dos Madras e refletindo sobre suas próprias más ações, Duryodhana, com o coração triste, ficou quase privado de seus sentidos e suspirou repetidamente, o próprio retrato da dor.'"

93

"Dhritarashtra disse, 'Qual era o aspecto da hoste Kuru e Srinjaya naquele dia horrível enquanto ela era aniquilada com flechas e chamuscada (com armas) naquele combate entre Karna e Arjuna e enquanto estava fugindo do campo?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, com atenção como aquela horrível e grande carnificina de seres humanos e elefantes e cavalos ocorreu em batalha. Quando, depois da queda de Karna Partha proferiu gritos leoninos, um grande pavor entrou nos corações dos teus filhos. Após a queda de Karna nenhum guerreiro do teu exército colocou seu coração em reagrupar as tropas ou aplicar sua destreza. Seu refúgio tendo sido destruído por Arjuna, eles eram então como comerciantes sem balsa, cujos navios naufragaram no oceano insondável, desejosos de cruzar o mar impossível de cruzar. Depois da morte do filho de Suta, ó rei, os Kauravas, apavorados e mutilados com flechas, sem mestre e desejosos de proteção, ficaram como uma manada de elefantes afligida por leões. Derrotados por Savyasaci naquela tarde, eles fugiam como touros com chifres quebrados ou cobras com presas quebradas. Seus principais heróis mortos, suas tropas jogadas em confusão, eles mesmos mutilados por flechas afiadas, teus filhos, depois da queda de Karna, ó rei, fugiram com medo. Privados de armas e armaduras, não mais capazes de determinar qual ponto do horizonte era qual, e privados de seu juízo, eles esmagavam uns aos outros no decorrer de sua fuga e olhavam uns para os outros, angustiados com medo. 'É a mim que Vibhatsu está perseguindo com velocidade!' 'É a mim que Vrikodara está perseguindo com velocidade!' pensou cada um entre os Kauravas que ficaram pálidos de medo e caíam enquanto eles fugiam. Alguns em cavalos, alguns em carros, alguns sobre elefantes, e alguns a pé, poderosos guerreiros em carros, dotados de grande rapidez, fugiram de medo. Carros foram quebrados por elefantes, cavaleiros foram esmagados por grandes guerreiros em carros, e grupos de soldados de infantaria foram pisoteados por grupos de cavaleiros, enquanto esses fugiam apavorados. Depois da queda do filho de Suta, teus guerreiros ficaram como pessoas sem protetores em uma floresta cheia de animais predadores e ladrões. Eles eram então como elefantes sem condutores e homens sem armas. Atormentados com medo, eles consideravam o mundo como se ele estivesse cheio de Partha. Vendo-os fugir com medo de Bhimasena, de fato, e vendo suas tropas deixarem o campo dessa maneira aos milhares, Duryodhana, proferindo gritos de 'Oh' e 'Ai' dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Partha nunca será capaz de ultrapassar a mim permanecendo com arco na mão. Incite meus corcéis lentamente atrás de todas as tropas. Sem dúvida, se eu lutar ficando na retaguarda do exército, o filho de Kunti nunca poderá me ultrapassar assim como o vasto mar é incapaz de ultrapassar seus continentes. Matando Arjuna e Govinda e o orgulhoso Vrikodara e o resto de meus inimigos, eu me livrarei da dívida que tenho com Karna.' Ouvindo essas palavras do rei Kuru que eram tão dignas de um herói e homem honrado, o quadrigário lentamente incitou seus corcéis adornados com arreios de ouro. Então 25.000 guerreiros a pé, pertencentes ao teu exército, sem carros e cavalaria e elefantes entre eles, se prepararam para lutar. Bhimasena, cheio de ira, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata, cercaram eles com quatro tipos de

tropas e começaram a atacá-los com suas flechas. Em retorno, aqueles guerreiros lutaram com Bhima e o filho de Prishata. Alguns entre eles desafiaram os dois heróis pelo nome. Então Bhimasena ficou cheio de raiva. Descendo de seu carro, maça na mão, ele lutou com aqueles guerreiros chegados para a batalha. Observador das regras de luta justa, Vrikodara, o filho de Kunti, desceu de seu carro, e confiando no poder de seus braços, começou a lutar a pé com aqueles inimigos dele que estavam a pé. Erguendo sua maça massiva adornada com ouro, ele começou a massacrar todos eles, como o Destruidor armado com sua clava. Os guerreiros Kaurava a pé, cheios de raiva e ficando indiferentes às suas vidas, avançaram contra Bhima naquela batalha como insetos sobre um fogo ardente. Aqueles combatentes enfurecidos, difíceis de serem derrotados em batalha, se aproximando de Bhimasena, pereciam em um instante como criaturas vivas ao verem o Destruidor. O poderoso Bhima, armado com uma maça, se movia rapidamente como um falcão e destruiu todos aqueles 25.000 combatentes. Tendo matado aquela divisão de guerreiros heróicos, Bhima, de bravura incapaz de ser frustrada e de grande poder, mais uma vez se posicionou, com Dhrishtadyumna na frente dele. Possuidor de energia formidável, Dhananjaya procedeu contra o (resto do) exército de carros (dos Kauravas). Os dois filhos de Madri, e Satyaki, cheios de alegria, avançaram com velocidade contra Shakuni e massacraram as tropas do filho de Subala. Tendo matado com flechas afiadas sua cavalaria e elefantes naquele combate, eles avançaram impetuosamente contra o próprio Shakuni, no que uma grande batalha ocorreu. Enquanto isso Dhananjaya, ó senhor, procedendo contra teu exército de carros, vibrava seu arco Gandiva célebre pelos três mundos. Vendo aquele carro tendo corcéis brancos unidos a ele e possuindo Krishna como seu motorista, e vendo que Arjuna era o guerreiro que estava sobre ele, tuas tropas fugiram com medo. 25.000 soldados a pé, privados de carros e mutilados com setas, tinham perecido (nas mãos de Bhima e Dhrishtadyumna). Tendo matado eles, aquele tigre entre homens, aquele grande guerreiro em carro entre os Pancalas, ou seja, Dhrishtadyumna de grande alma, o filho do rei Pancala, logo se mostrou, com Bhimasena diante dele. Aquele matador de inimigos e arqueiro poderoso parecia muito belo. Vendo o carro de Dhrishtadyumna que tinha cavalos brancos como pombos unidos a ele e cujo estandarte alto era feito do tronco de uma Kovidara, os Kauravas fugiram em grande pavor. Os gêmeos (Nakula e Sahadeva) de grande fama, e Satyaki, tendo perseguido com grande velocidade o rei dos Gandharvas que era possuidor de agilidade de mãos no uso de armas, reapareceram (em meio às tropas Pandava). Chekitana e Shikhandi e os (cinco) filhos de Draupadi, ó senhor, tendo massacrado teu exército vasto, sopraram suas conchas. Todos aqueles heróis, embora eles vissem tuas tropas fugindo com rostos virados do campo, ainda as perseguiram, como touros perseguindo touros zangados depois de derrotá-los. O filho de Pandu Savyasaci de grande poder, ó rei, vendo um resto do teu exército ainda permanecendo para lutar, ficou cheio de ira. Possuidor de grande energia, Dhananjaya avançou contra aquela tropa de carros, puxando seu arco Gandiva célebre pelos três mundos. De repente ele os cobriu com chuvas de flechas. O pó que foi erguido escureceu a cena e nada mais podia ser distinguido. Quando a terra estava assim encoberta com poeira e quando a escuridão cobria tudo, tuas tropas, ó rei, fugiram para todos os lados de medo. Quando o exército Kuru foi

assim dividido, o rei Kuru, ó monarca, isto é, teu filho, avançou contra todos os seus inimigos que avançavam contra ele. Então Duryodhana desafiou todos os Pandavas para lutar, ó chefe da linhagem de Bharata, como o Asura Vali nos tempos antigos desafiando os deuses. Nisto, todos os heróis Pandava, reunidos, avançaram contra Duryodhana que avançava, disparando e arremessando nele diversas armas e o repreendendo repetidamente. Duryodhana, no entanto, cheio de raiva massacrou destemidamente aqueles inimigos dele às centenas e milhares, com flechas afiadas. A destreza que nós então vimos do teu filho foi muito extraordinária, pois sozinho e não protegido, ele lutou com todos os Pandavas juntos. Duryodhana então viu, não longe do campo, suas próprias tropas que, mutiladas com setas, tinham colocado seus corações na fuga. Reagrupando-as então, ó monarca, teu filho que estava resolvido a manter sua honra, alegrando aqueles guerreiros dele, disse essas palavras para eles: 'Eu não vejo aquele local na terra ou nas montanhas, onde se vocês fugirem, os Pandavas não matarão vocês! Qual a vantagem então em fugir? Pequeno é o exército que os Pandavas tem agora. Os dois Krishnas também estão extremamente mutilados. Se tomos nós ficarmos para lutar, a vitória certamente será nossa. Se nós fugirmos em desunião, os Pandavas pecaminosos, nos perseguindo, certamente matarão todos nós. Por isso, é melhor que nós morramos em batalha. Morte em batalha é repleta de felicidade. Lutem, cumpridores do dever Kshatriya. Aquele que está morto não conhece tristeza. Por outro lado, tal pessoa desfruta de bem aventurança eterna após a morte. Escutem, ó Kshatriyas, sim, todos vocês, que estão reunidos aqui! Quando o destruidor Yama não poupa nem o herói nem o covarde, quem há tão tolo de compreensão, embora cumpridor do voto de um Kshatriya como nós, que não lutaria? Vocês se colocariam sob o poder do inimigo enfurecido Bhimasena? Não cabe a vocês abandonar o dever cumprido por seus pais e avôs. Não há pecado maior para um Kshatriya do que fuga da batalha. Não há caminho mais abençoado para o céu, ó Kauravas, do que o dever da batalha. Mortos em batalha, ó guerreiros, desfrutem do céu sem demora.'"

"Sanjaya continuou, 'Mesmo enquanto essas palavras estavam sendo proferidas por teu filho, os guerreiros (Kaurava), extremamente mutilados, fugiram para todos os lados, não obstante aquele discurso.'"

94

"Sanjaya disse, 'O soberano dos Madras então, vendo teu filho empenhado em reunir as tropas, com medo retratado em sua expressão e com coração entorpecido pela dor, disse essas palavras para Duryodhana.'"

"Shalya disse, 'Contemple este horrível campo de batalha, ó herói, coberto com pilhas de homens e cavalos e elefantes mortos. Algumas áreas estão cobertas com elefantes caídos enormes como montanhas, muito mutilados, seus membros vitais perfurados com flechas, jazendo sem auxílio, privados de vida, suas armaduras deslocadas e as armas, os escudos e as espadas com os quais eles estavam equipados espalhados em volta. Esses animais caídos parecem

montanhas enormes partidas pelo raio, com suas rochas e árvores altas e ervas soltas deles e jazendo por toda parte. Os sinos e ganchos de ferro e lanças e estandartes com os quais aquelas criaturas enormes tinham sido equipadas estão espalhados no chão. Adornados com mantas de ouro, seus corpos estão agora banhados em sangue. Algumas áreas, além disso, estão cobertas com corcéis caídos, mutilados com flechas, respirando com dificuldade em dor e vomitando sangue. Alguns deles estão emitindo lamentos baixos de dor, alguns estão mordendo a terra com olhos rolando e alguns estão proferindo relinchos comoventes. Partes do campo estão cobertas com cavaleiros e guerreiros em elefantes caídos de seus animais, e com grupos de guerreiros em carros derrubados violentamente de seus carros. Alguns deles já estão mortos e alguns estão prestes a morrer. Coberta também com os corpos de homens e corcéis e elefantes como também com carros despedaçados e outros elefantes enormes com suas trombas e membros cortados, a terra tornou-se medonha de se olhar como o grande Vaitarani (marginando os domínios de Yama). De fato, a terra parece assim mesmo, estando coberta com outros elefantes, esticados no chão com corpos trêmulos e presas quebradas, vomitando sangue, proferindo gritos baixos de dor, privados dos guerreiros em suas costas, privados das armaduras que cobriam seus membros, e privados dos soldados de infantaria que protegiam seu flanco e retaguarda, e com suas aljavas e faixas e estandartes fora de lugar, seus corpos enfeitados com mantas de ouro atingidos profundamente com as armas do inimigo. A terra parece com o céu coberto com nuvens por estar coberta com os corpos caídos de guerreiros em elefantes e homens a cavalo e guerreiros em carros, todos de grande fama, e de soldados de infantaria mortos por inimigos lutando face a face, e privados de armaduras e ornamentos e trajes e armas. Coberta com milhares de combatentes caídos mutilados com flechas, completamente expostos à vista, e privados de consciência, com alguns entre eles cujos fôlegos estavam voltando lentamente, a terra parece como se coberta com muitos fogos extinguidos. Com aqueles principais heróis entre os Kurus e os Srinjayas, perfurados com flechas e privados de vida por Partha e Karna, a terra parece como se coberta com planetas ardentes caídos do firmamento, ou como o próprio firmamento noturno coberto com planetas resplandecentes de luz serena. As flechas disparadas dos braços de Karna e Arjuna, atravessando os corpos de elefantes e corcéis e homens e rapidamente silenciando suas vidas, entraram na terra como cobras poderosas entrando em seus buracos com cabeças inclinadas para baixo. A terra ficou intransitável com pilhas de homens e corcéis e elefantes mortos, e com carros quebrados pelas flechas de Dhananjaya e do filho de Adhiratha e com as próprias inúmeras flechas disparadas por eles. Coberta com carros bem equipados despedaçados por meio de flechas poderosas junto com os guerreiros e as armas e os estandartes sobre eles, carros, isto é, com seus tirantes quebrados, suas juntas separadas, seus eixos e cangas e Trivenus reduzidos a fragmentos, suas rodas soltas, seus Upaskaras destruídos, seus Anukarsanas cortados em pedaços, os fechos de suas aljavas cortados, e seus nichos (para a acomodação de motoristas) quebrados, coberta com aqueles veículos enfeitados com pedras preciosas e ouro, a terra parece com o firmamento coberto com nuvens outonais. Por carros reais bem equipados privados de condutores e arrastados por corcéis velozes, como também homens e elefantes e

carros e cavalos que fugiram muito rapidamente, o exército está dividido de diversas maneiras. Maças com pontas de ferro com sinos dourados, machados de batalha, lanças afiadas, clavas pesadas, malhos, espadas brilhantes desembainhadas, e maças cobertas com tecido de ouro, tem caído no campo. Arcos decorados com ornamentos de ouro, e flechas providas de asas belas de ouro puro, e brilhantes espadins desembainhados de têmpera excelente, e lanças, e cimitarras brilhantes como ouro, e guarda-sóis, e leques, e conchas, e armas enfeitadas com flores excelentes e ouro, e coberturas de elefantes, e estandartes, e cercados de carro e diademas, e colares, e coroas brilhantes, e rabos de iaque espalhados em volta, ó rei, e guirlandas luminosas com corais e pérolas, e coroas para a cabeça, e braceletes para o pulso e para a parte superior dos braços, e colares para o pescoço com cordões de ouro, e diversos tipos de diamantes e pedras preciosas e pérolas de grande valor, e corpos criados em um grande luxo, e cabeças belas como a lua, estão jazendo espalhados em volta. Abandonando seus corpos e prazeres e mantos e diversos tipos de prazeres agradáveis, e adquirindo grande mérito pela devoção que eles mostraram pelos virtuosos de sua ordem, eles tem ido rapidamente em uma chama de fogo para regiões de bem aventurança. Volte, ó Duryodhana! Que as tropas se retirem! Ó rei, ó concessor de honras, proceda em direção ao teu acampamento! Lá, o sol está pendendo baixo no céu, ó senhor! Lembre, ó soberano de homens, que tu és a causa de tudo isso!'"

"Tendo dito essas palavras para Duryodhana, Shalya, com coração cheio de dor, parou. Duryodhana, no entanto, naquela hora, profundamente angustiado e privado de sua razão, e com olhos banhados em lágrimas, lamentou pelo filho de Suta, dizendo, 'Karna! Oh Karna!' Então todos os reis encabeçados pelo filho de Drona, repetidamente confortando Duryodhana, procederam em direção ao acampamento, olhando frequentemente para trás para o alto estandarte de Arjuna que parecia estar em chamas com sua fama. Naquela hora terrível quando tudo em volta parecia tão resplandecente, os Kauravas, todos os quais tinham resolvido ir para o outro mundo, suas feições incapazes de reconhecimento devido ao sangue que os cobria, contemplando a terra, que estava encharcada com o sangue fluindo dos corpos de homens e cavalos e elefantes, parecendo com uma cortesã vestida em mantos carmesim e guirlandas florais e ornamentos de ouro, eram incapazes, ó rei, de permanecer lá! Cheios de dor pela morte de Karna, eles lamentaram alto, dizendo, 'Ai, Karna! Ai Karna!' Vendo o Sol assumir uma cor carmesim, todos eles foram depressa para seu acampamento. Em relação a Karna, embora morto e perfurado com flechas aladas com ouro afiadas em pedra e providas de penas e tingidas em sangue e disparadas do Gandiva, ainda aquele herói, jazendo no solo, parecia resplandecente como o próprio Sol de raios brilhantes. Parecia que o ilustre Surya, sempre bondoso para seus devotos, tendo tocado com seus raios o corpo encharcado de sangue coagulado de Karna, procedia, com aspecto carmesim em aflição, para o outro oceano pelo desejo de um banho. Pensando assim, as multidões de celestiais e Rishis (que tinham ido lá para testemunhar a batalha) deixaram a cena para proceder para suas respectivas residências. A grande multidão de outros seres também, nutrindo o mesmo pensamento, foi embora, se dirigindo como eles optaram pelo céu ou a terra. Os

principais dos heróis Kuru também, tendo visto aquele combate estupendo entre Dhananjaya e o filho de Adhiratha, o qual tinha inspirado todas as criaturas vivas com medo, procederam (para seus alojamentos noturnos), cheios de admiração e elogiando (o combate). Embora sua armadura tivesse sido cortada com flechas, e embora ele tivesse sido morto no decorrer daquela luta terrível, ainda aquela beleza de feições que o filho de Radha possuía não o abandonou quando morto. De fato, todos viram o corpo do herói parecer ouro aquecido. Ele parecia ser dotado de vida e possuidor da refulgência do fogo ou do sol. Todos os guerreiros, ó rei, eram inspirados com pavor à visão do filho de Suta jazendo morto no campo, como outros animais à visão do leão. De fato, embora morto, aquele tigre entre homens parecia pronto para proferir seus comandos. Nada, naquele morto ilustre, parecia mudado. Vestido em belo traje, e possuidor de um pescoço que era muito belo, o filho de Suta possuía um rosto que parecia a lua cheia em esplendor. Adornado com diversos ornamentos e enfeitado com Angadas feitos de ouro brilhante, Vaikartana, embora morto, jazia esticado como uma árvore gigantesca enfeitada com ramos e galhos. De fato, aquele tigre entre homens jazia como uma pilha de ouro puro, ou como um fogo ardente extinguido com a água das flechas de Partha. Assim como uma conflagração ardente é apagada quando ela entra em contato com água, a conflagração-Karna foi extinta pela nuvem-Partha na batalha. Tendo disparado chuvas de flechas e chamuscado os dez pontos do horizonte, aquele tigre entre homens, Karna, junto com seus filhos, foi aquietado pela energia de Partha. Ele deixou o mundo, levando com ele aquela sua própria glória resplandecente que ele tinha ganhado na terra por combate justo. Tendo chamuscado os Pandavas e os Pancalas com a energia de suas armas, tendo despejado chuvas de setas e queimado as divisões hostis, tendo, de fato, aquecido o universo como Surya de mil raios de grande beleza, Karna, também chamado Vaikartana, deixou o mundo, com seus filhos e seguidores. Assim caiu aquele herói que foi uma árvore Kalpa para aqueles bandos de aves representados por solicitadores. Solicitado por pleiteantes ele sempre dizia, 'Eu dou' mas nunca as palavras 'Eu não tenho!' Os virtuosos sempre o consideraram como uma pessoa virtuosa. Assim mesmo era Vrisha que morreu em duelo. Toda a riqueza daquela pessoa de grande alma tinha sido dedicada aos Brahmanas. Não havia nada, nem mesmo sua vida, que ele não pudesse dar para os Brahmanas. Ele era sempre o favorito de senhoras, extremamente generoso, e um poderoso guerreiro em carro. Queimado pelas armas de Partha, ele alcançou o fim mais sublime. Ele, confiando em quem teu filho tinha provocado hostilidades, foi assim para o céu, levando com ele a esperança de vitória, a felicidade, e a armadura dos Kauravas. Quando Karna caiu, os rios ficaram estacionários. O Sol se pôs com uma cor pálida. O planeta Mercúrio, o filho de Soma, assumindo a cor de fogo ou do Sol, parecia percorrer o firmamento em uma direção inclinada. O firmamento parecia estar partido em dois; a terra proferia rugidos altos; ventos violentos e terríveis começaram a soprar. Todos os pontos do horizonte, cobertos com fumaça, pareciam estar em chamas. Os grandes oceanos estavam agitados e proferiram sons tremendos. As montanhas com suas florestas começaram a tremer, e todas as criaturas, ó senhor, sentiram aflição. O planeta Júpiter, afligindo a constelação Rohini assumiu a cor da lua ou do sol. Após a queda de Karna, os pontos secundários do horizonte também ficaram em chamas. O céu ficou

envolvido em escuridão. A terra tremeu. Meteoros de esplendor ardente caíram. Rakshasas e outros vagueadores da noite ficaram cheios de alegria. Quando Arjuna, com aquela flecha de cabeça de navalha, cortou a cabeça de Karna adornada com um rosto belo como a lua, então, ó rei, altos gritos de 'Oh!' e 'Ai!' foram ouvidos das criaturas no céu, no firmamento, e na terra. Tendo em batalha matado seu inimigo Karna que era reverenciado pelos deuses, os Gandharvas, e seres humanos, o filho de Pritha Arjuna parecia resplandecente em sua energia como a divindade de 1.000 olhos depois de matar Vritra. Então naquele carro deles cujo estrépito parecia o ribombo das nuvens e cujo esplendor era como aquele do sol meridiano no céu outonal, o qual estava enfeitado com faixas e equipado com um estandarte incessantemente produzindo um barulho tremendo, cuja refulgência parecia aquela da neve ou da Lua ou da concha ou do cristal, e cujos corcéis eram como aqueles do próprio Indra, aqueles dois principais dos homens, isto é, o filho de Pandu e o subjugador de Keshi, cuja energia parecia aquela do grande Indra, e que estavam enfeitados com ouro e pérolas e pedras preciosas e diamantes e corais, e que eram como fogo ou o sol em esplendor, destemidamente se moveram sobre o campo de batalha com grande velocidade, como Vishnu e Vasava sobre a mesma carruagem. Violentamente privando o inimigo de seu esplendor por meio da vibração do Gandiva e dos tapas de suas palmas, e matando os Kurus com chuvas de flechas, Arjuna de estandarte de macaco e Krishna de estandarte de Garuda, ambos os quais eram possuidores de destreza imensurável, aqueles dois principais dos homens, cheios de alegria, pegaram com suas mãos suas conchas de som alto adornadas com ouro e brancas como neve, e colocando elas contra seus lábios, sopraram simultaneamente com aquelas belas bocas deles, perfurando os corações de seus inimigos com o som. O clangor de Pancajanya e aquele de Devadatta encheram a terra, o firmamento, e o céu.

Ao som da concha do heróico Madhava como também daquela de Arjuna, todos os Kauravas, ó melhor dos reis, ficaram cheios de pavor. Aqueles principais dos homens, fazendo as florestas, as montanhas, os rios e os pontos do horizonte ressoarem com o clangor de suas conchas, e enchendo de terror o exército do teu filho, alegraram Yudhishthira com isso. Logo que os Kauravas ouviram o clangor daquelas conchas que foram sopradas dessa maneira, todos eles deixaram o campo com grande velocidade, abandonando o soberano dos Madras e o chefe dos Bharatas, ó Bharata, isto é, Duryodhana. Então diversas criaturas, se unindo, felicitaram Dhananjaya, aquele herói brilhando resplandecente sobre o campo de batalha, como também Janardana, aqueles dois mais notáveis dos homens que então pareciam com um par de sóis. Perfurados pelas flechas de Karna, aqueles dois castigadores de inimigos, Acyuta e Arjuna, pareciam resplandecentes como a lua brilhante e de muitos raios e o sol surgido depois de dissipar uma escuridão. Extraindo aquelas flechas, aqueles dois guerreiros poderosos, ambos dotados de destreza inigualável, cercados por benquerentes e amigos, entraram felizmente em seu próprio acampamento, como os senhores Vasava e Vishnu devidamente invocados por sacerdotes sacrificais. Após a morte de Karna naquela batalha terrível, os deuses, Gandharvas, seres humanos, Caranas, grandes Rishis, Yakshas, e grandes Nagas reverenciaram Krishna e Arjuna com grande respeito e

lhes desejaram vitória (em todas as coisas). Tendo recebido todos os seus amigos então, cada um de acordo com sua idade, e elogiados por aqueles amigos em retorno por seus feitos incomparáveis, os dois heróis se regozijaram com seus amigos, como o chefe dos celestiais e Vishnu depois da derrota de Vali.'"

95

"Sanjaya disse, 'Após a queda de Karna, também chamado Vaikartana, os Kauravas, afligidos com medo, fugiram para todos os lados, lançando seus olhos no espaço vazio. De fato, sabendo que o heróico Karna tinha sido morto pelo inimigo, todas as tuas tropas, entorpecidas pelo medo, se dividiram e fugiram em todas as direções. Então, ó rei, os líderes, cheios de ansiedade, desejaram retirar suas tropas, ó Bharata, cuja fuga teu filho tinha se esforçado para impedir. Compreendendo seus desejos, teu filho, ó touro da raça Bharata, agindo de acordo com o conselho de Shalya, retirou o exército. Então Kritavarma, ó Bharata, cercado pelo restante não morto das tropas Narayana do teu exército, procedeu rapidamente em direção ao acampamento. Circundado por 1.000 Gandharvas, Shakuni, vendo o filho de Adhiratha morto, procedeu rapidamente em direção ao acampamento. O filho de Sharadvata, Kripa, ó rei, circundado pelo grande exército de elefantes que parecia uma massa de nuvens, procedeu rapidamente em direção ao acampamento. O heróico Ashvatthama, repetidamente puxando fôlegos profundos à visão da vitória dos Pandavas, procedeu rapidamente em direção ao acampamento. Cercado pelo resto não morto dos Samsaptakas o qual era ainda um grande exército, Susharma também, ó rei, procedeu, lançando seus olhos naqueles soldados apavorados. O rei Duryodhana, profundamente afligido e privado de tudo, procedeu, seu coração cheio de aflição, e vítima de muitos pensamentos tristes. Shalya, aquele principal dos guerreiros em carros, procedeu em direção ao acampamento, naquele carro privado de estandarte, lançando seus olhos para todos os lados. Os outros poderosos guerreiros em carros do exército Bharata, ainda numerosos, fugiram rapidamente, afligidos com medo, cheios de vergonha, e quase privados de seus sentidos. De fato vendo Karna derrotado todos os Kauravas fugiram rapidamente, afligidos e ansiosos com medo, tremendo, e com vozes sufocadas com lágrimas. Os poderosos guerreiros em carros do teu exército fugiram apavorados, ó chefe da linhagem de Kuru, alguns elogiando Arjuna, alguns elogiando Karna. Entre aqueles milhares de guerreiros do teu exército naquela grande batalha, não havia uma única pessoa que tivesse ainda algum desejo de lutar. Após a queda de Karna, ó monarca, os Kauravas ficaram desesperançados de vida, reino, esposas, e riqueza. Guiando eles com cuidado, ó senhor, teu filho, cheio de dor e tristeza, colocou seu coração em descansá-los à noite. Aqueles grandes guerreiros em carros também, ó monarca, aceitando as ordens dele com cabeças inclinadas, se retiraram do campo com corações tristes e rostos pálidos.'"

96

"Sanjaya disse, 'Depois que Karna tinha sido morto dessa maneira e as tropas Kaurava tinham fugido, ele da linhagem de Dasharha, abraçando Partha por alegria, disse a ele essas palavras: 'Vritra foi morto por ti. Os homens falarão (na mesma expressão) da morte de Vritra e Karna em batalha tremenda. Vritra foi morto em batalha pela divindade de grande energia com seu raio. Karna foi morto por ti com arco e flechas afiadas. Vá, ó filho de Kunti, e descreva, ó Bharata, para o rei Yudhishthira o justo essa tua destreza que é capaz de obter grande renome para ti e que se tornou bem conhecida no mundo. Tendo descrito para o rei Yudhishthira o justo esse massacre de Karna em batalha para realizar o qual tu te esforçaste por um longo curso de anos, tu serás liberto da dívida que tu tens com o rei. Durante a continuação da batalha entre tu e Karna, o filho de Dharma uma vez veio para contemplar o campo. Tendo, no entanto, estado profundamente e extremamente perfurado (por flechas), ele não pode ficar em batalha. O rei, aquele touro entre homens, então voltou para sua tenda.' Partha respondeu a Keshava, aquele touro da raça Yadu, dizendo, 'Assim seja!' O último então alegremente fez o carro daquele principal dos guerreiros em carros retroceder. Tendo dito essas palavras para Arjuna, Krishna se dirigiu aos soldados, dizendo, 'Abençoados sejam vocês, permaneçam todos vocês cuidadosamente, enfrentando o inimigo!' Para Dhrishtadyumna e Yudhamanyu e os filhos gêmeos de Madri e Vrikodara e Yuyudhana, Govinda disse, 'Ó reis, até nós voltarmos tendo informado o rei da morte de Karna por Arjuna, permaneçam aqui com cuidado.' Tendo recebido a permissão destes heróis, ele então partiu para os alojamentos do rei. Com Partha em sua companhia, Govinda viu Yudhishthira, aquele tigre entre reis, deitado em uma cama excelente de ouro. Ambos deles então, com grande alegria, tocaram os pés do rei. Vendo sua alegria e os ferimentos extraordinários em seus corpos, Yudhishthira considerou o filho de Radha como morto e se ergueu rapidamente de sua cama. Aquele castigador de inimigos, o monarca de braços fortes, tendo levantado de sua cama, repetidamente abraçou Vasudeva e Arjuna com afeição. Aquele descendente da linhagem de Kuru então perguntou a Vasudeva (os detalhes da morte de Karna). Então Vasudeva de fala gentil, aquele descendente da linhagem de Yadu, falou a ele a respeito da morte de Karna exatamente como ela tinha acontecido. Sorrindo então, Krishna, também chamado Acyuta, juntou suas palmas e se dirigiu ao rei Yudhishthira cujos inimigos tinham sido mortos dizendo, 'Por boa sorte, o manejador do Gandiva, e Vrikodara, o filho de Pandu, e tu mesmo, e os dois filhos de Madri, estão todos seguros, tendo sido libertados dessa batalha que tem sido tão destrutiva de heróis e que fez os próprios cabelos do corpo se arrepiarem. Faça aquelas ações, ó filho de Pandu, que devem ser feitas em seguida. O filho de Suta Karna, possuidor de grande poder e também chamado Vaikartana, foi morto. Por boa sorte, a vitória tornou-se tua, ó rei de reis. Por boa sorte, tu cresceste, ó filho de Pandu! A Terra bebe hoje o sangue daquele filho de Suta, aquele canalha entre os homens, que deu risada de Krishna ganha nos dados. Aquele teu inimigo, ó touro da raça Kuru, jaz hoje no chão descoberto, totalmente perfurado com flechas. Veja aquele tigre entre homens, perfurado e mutilado por flechas. Ó tu de armas poderosas, governe agora, com cuidado, esta

terra que está privada de todos os teus inimigos, e desfrute conosco de todos os tipos de artigos agradáveis!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Keshava de grande alma, Yudhishthira, com grande alegria, reverenciou em retorno aquele herói da linhagem de Dasharha. 'Boa sorte, boa sorte!' foram as palavras, ó monarca, que ele disse. E ele acrescentou, 'Não é extraordinário, ó de braços fortes, em ti, ó filho de Devaki, que Partha, tendo te obtido como seu quadrigário, realize façanhas que são até sobre-humanas.' Então aquele chefe da linhagem de Kuru, aquele virtuoso filho de Pritha, pegando o braço direito de Keshava adornado com Angadas, e se dirigindo a ambos Keshava e Arjuna, disse, 'Narada me contou que vocês dois são os deuses Nara e Narayana, aqueles antigos e melhores dos Rishis, que estão sempre empenhados na preservação da virtude. Dotado de grande inteligência, o mestre Krishna Dvaipayana, o altamente abençoado Vyasa também repetidamente me contou essa história divina. Por causa da tua influência, ó Krishna, este Dhananjaya o filho de Pandu, enfrentando seus inimigos, os derrotou, sem alguma vez recuar de algum deles. Vitória, e não derrota, nós estamos certos de ter, já que tu aceitaste o posto de motorista de Partha em batalha.' Tendo dito essas palavras, o rei Yudhishthira o justo, aquele tigre entre homens, subindo em seu carro enfeitado com ouro e tendo cavalos de branco marfim e rabos pretos e rápidos como pensamento arreados a ele, e cercado por muitas tropas Pandava, partiu, conversando agradavelmente com Krishna e Arjuna pelo caminho, para contemplar o campo de batalha no qual milhares de incidentes tinham ocorrido. Conversando com aqueles dois heróis, isto é, Madhava e Phalguna, o rei contemplou Karna, aquele touro entre homens, jazendo no campo de batalha. De fato, o rei Yudhishthira viu Karna totalmente perfurado com flechas como uma flor Kadamva com filamentos retos em volta de seu corpo. Yudhishthira viu Karna iluminado por milhares de lâmpadas douradas cheias de óleo perfumado. Tendo contemplado Karna com seu filho morto e mutilado com flechas disparadas do Gandiva, o rei Yudhishthira repetidamente olhou para ele antes que ele pudesse crer em seus olhos. Ele então elogiou aqueles tigres entre homens, Madhava e Phalguna, dizendo, 'Ó Govinda, hoje eu me tornei rei da terra, com meus irmãos, por tu mesmo de grande sabedoria ter te tornado meu protetor e senhor. Sabendo da morte daquele tigre entre homens, o filho orgulhoso de Radha, o filho de alma perversa de Dhritarashtra ficará cheio de desespero, em relação a vida e reino. Pela tua graça, ó touro entre homens, nós temos alcançado nossos objetivos. Por boa sorte, a vitória foi tua, ó Govinda! Por boa sorte, o inimigo foi morto. Por boa sorte, o manejador do Gandiva, o filho de Pandu, foi coroado com vitória. Treze anos nós passamos em vigília e grande tristeza. Ó tu de braços fortes, pela tua graça, nós dormiremos tranquilamente essa noite.' Dessa maneira, ó soberano de homens, o rei Yudhishthira o justo elogiou muito Janardana como também Arjuna, ó monarca!'"

"Sanjaya continuou, 'Vendo Karna com seu filho morto pelas flechas de Partha, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, Yudhishthira, se considerou como renascido. Os reis (no exército Pandava), grandes guerreiros em carros, todos cheios de alegria, se aproximaram do filho de Kunti Yudhishthira e o alegraram

imensamente. Nakula, e Sahadeva, e Vrikodara o filho de Pandu, e Satyaki, ó rei, aquele principal dos guerreiros em carros entre os Vrishnis, e Dhrishtadyumna, e Shikhandi, e outros entre os Pandus, os Pancalas, e os Srinjayas, reverenciaram o filho de Kunti na morte do filho de Suta. Exaltando o rei Yudhishthira, o filho de Pandu, aqueles encantadores em batalha, aqueles batedores eficazes, aqueles heróis possuidores de pontaria certeira e desejo de vitória, também elogiaram aqueles opressores de inimigos, isto é, os dois Krishnas, com discursos repletos de louvor. Então aqueles grandes guerreiros em carros, cheios de alegria, procederam em direção ao seu próprio acampamento. Assim ocorreu aquela grande carnificina, de arrepiar os cabelos, em consequência, ó rei, da tua má política! Por que tu te afliges por isso agora?'"

Vaishampayana continuou, 'Ouvindo aquelas más notícias, o rei Kuru Dhritarashtra de repente caiu no chão de seu assento excelente. Similarmente, a dama real Gandhari de grande previdência caiu. Ela lamentou de diversas maneiras pela morte de Karna em batalha. Então Vidura e Sanjaya ambos ergueram o monarca caído e começaram a consolá-lo. Da mesma maneira as senhoras Kuru ergueram Gandhari. Achando destino e necessidade todo-poderosos, aquele nobre asceta, sob aquela grande dor, pareceu perder seus sentidos. Seu coração cheio de ansiedade e tristeza, o rei, no entanto, não desmaiou novamente. Consolado por eles, ele ficou calado, entregue à meditação melancólica. Aquele que lê a respeito desse grande combate, o qual é semelhante a um sacrifício, entre Dhananjaya de grande alma e o filho de Adhiratha, assim também aquele que ouve o relato dessa batalha lido, ambos obtem, ó Bharata, o fruto de um grande sacrifício devidamente realizado. Os eruditos dizem que o santo e eterno Vishnu é Sacrifício, e cada um daqueles outros deuses, isto é, Agni, Vento, Soma, e Surya, são assim. Portanto, aquele que, sem malícia, ouvir ou recitar este Parvan, será feliz e capaz de alcançar todas as regiões de bem aventurança. Cheios de devoção, homens sempre lêem este sagrado e principal dos Samhitas. Aqueles que o fazem, se regozijam, obtendo riqueza, e grãos, e fama. Um homem deve, portanto, sempre ouvi-lo sem malícia. Aquele que faz isso obterá todos os tipos de felicidade. Com ele aquela principal das pessoas, Vishnu, e o ilustre Nascido por Si Mesmo, e Bhava também, ficam satisfeitos. Um Brahmana, por lê-lo, obtem o fruto de ter estudado os Vedas; um Kshatriya obtem força e vitória em batalha; Vaishyas obtem riqueza imensa, e Shudras obtem saúde e liberdade de doença. Então, além disso, o ilustre Vishnu é eterno. E já que é aquele deus que é glorificado neste Parvan, é por isso que o homem o lendo ou o ouvindo se torna feliz e conquista todos os objetivos de seu coração. Estas palavras do grande Rishi (Vyasa) nunca podem ser falsas! O mérito que pode ser alcançado por escutar a recitação do Karna Parvan é igual ao daquele que doa ininterruptamente por um ano inteiro boas vacas com bezerros.'"

Fim do Karna Parva.